

História do Instituto

Da aldeia de Marlhés
à expansão mundial (1789-1907)

Tomo 1

Irmão André LANFREY

IRMÃOS MARISTAS

**HISTÓRIA DO INSTITUTO
DOS IRMÃOS MARISTAS**

TOMO 1

**Da aldeia de Marlhés
à expansão mundial
(1789-1907)**

Ir. André LANFREY

CASA GERAL, ROMA
2015

FMS Studia n. 3

FMS Studia n. 3 – Setembro 2015



Foto da capa: Princípios de leitura

Diretor:

Luiz Da Rosa

Comissão de Publicações:

Irmão Antonio Ramalho
Luiz Da Rosa
Estefanía Aguirre

Título original

Histoire de l'Institut
des Frères Maristes
Tome I :
Du village de Marlies
a l'expansion mondiale
(1789-1907)

Autor:

Ir. André Lanfrey

Tradução:

Ir. Miro Reckziegel

Revisão:

Heloisa Afonso de Almeida
Sousa e Ir. Roque Brugnara

Imagens e fotos:

Ir. AMEstaún

Coordenação:

Comissão do Patrimônio
Espiritual do Instituto

Redação e Administração:

Piazzale Marcellino
Champagnat, 2
00144 ROMA
Tel. (39) 06 54 51 71
Fax (39) 06 54 517 217
E-mail: publica@fms.it
Web: www.champagnat.org

Edita:

Instituto dos Irmãos Maristas
Casa Geral - Roma

Diagrama e fotolitos:

TIPOCROM, s.r.l.
Via A. Meucci 28,
00012 Guidonia,
Roma (Italia)

Imprime:

C.S.C. GRAFICA, s.r.l.
Via A. Meucci 28,
00012 Guidonia,
Roma (Italia)

APRESENTAÇÃO	9	
Irmão Emili Turú, Superior geral		
PRÓLOGO	11	
INTRODUÇÃO GERAL	13	
Da cronologia e dos anais à História. Concepção da obra		
INTRODUÇÃO AO TOMO I	17	
Uma obra inscrita numa dupla tradição		17
O jesuíta, a irmã leiga, o Irmão da Doutrina Cristã		18
Entre o Antigo Regime e o Império (1790-1815)		21
<hr/>		
1ª PARTE.		
RESISTIR e RECONSTRUIR (1789-1840)	27	
<hr/>		
1. Juventude de Marcellin Champagnat sob a Revolução e o Império (1789-1816)	27	
Uma família pouco tradicional.....		30
Promoção social pela Igreja		32
Seminário menor de Verrières.....		34
Seminário Santo Irineu: lugar de fervor e de resistência político-religiosa.....		38
Surgimento do projeto marista (1816)		41
O Ensino Mútuo contra o Ensino Simultâneo.....		44
2. A Restauração (1815-1830). Fracasso de uma síntese político-religiosa	47	
Fracasso de uma síntese entre o Antigo Regime e a Revolução.....		47
Carta Constitucional de 1814: um compromisso mal acolhido.....		47
Grandes fases do jogo político		49
As Congregações sob a Restauração.....		50
Tipologia dos fundadores dos institutos de Irmãos		53
Geografia e tipologia dos institutos de Irmãos		55
Uma função profética		57
Anexo 1: Os principais fundadores		356
3. La Valla. Da missão paroquial à rede escolar (1816-1824)	59	
A região de Saint-Chamond durante a Revolução.....		59
La Valla e as missões de Linsolas		63
Visão socioeconômica sobre La Valla		66

Anexo 2: La Valla em 1815.....	358
Os encontros fundadores (1816)	66
Escolas e professores em La Valla	70
Catequese e ação caritativa	74
4. Austeridade, zelo apostólico e esboço de rede escolar (1818-1822)	79
Primeiras fundações de escolas	79
La Valla: uma escola normal ou o ensaio de uma congregação?	81
Pobreza e austeridade	81
Das aldeias à cidade	83
A promessa. Da associação à congregação (1817-1822)	84
A obra posta em questão (1819-1820)	88
Vadiagem, emigração e recrutamento	92
A obediência e a escola antes da mortificação e o zelo multiforme.....	94
5. L’Hermitage e Monsenhor De Pins (1824...).....	99
Da tutela de Bochard àquela do administrador apostólico.....	99
Padre Seyve substituído por Padre Courveille	100
O prospecto de 1824, reflexo atenuado de um projeto mais combativo	102
Combater a mediocridade tradicional e a novidade suspeita	106
O espírito do Prospecto: o “pequeno escrito” de 1824	107
“O objetivo dos Irmãos”	108
6. Os Irmãos na Sociedade de Maria	111
Periferia ou centro do projeto?	111
Nascimento e fracasso de uma primeira	
Sociedade de Maria em L’Hermitage (1824-1826)	112
L’Hermitage de Notre-Dame	117
Padre Séon, Pe. Champagnat e a diocese.....	120
7. Do “Centro de unidade” à S. M. segundo Belley (1830-1840).....	125
Supremacia do modelo Colin de Sociedade de Maria	125
Um acontecimento decisivo: a Revolução de 27 a 29 de julho de 1830	125
Como integrar o ramo dos Irmãos?	127
A revolução institucional de outubro de 1836:	
a Sociedade dos Irmãos de Maria	128
As hesitações de Jean-Claude Colin (1836-1840)	131

8. Os Irmãos Maristas como Sociedade de Educação	135
Luta por uma autêntica educação cristã	135
O catecismo como fundamento da escola	137
Formar também os adolescentes.....	138
Política e pedagogia no tempo do Padre Champagnat	139
A organização administrativa	142
Uma seleção mais rigorosa?	146
Instalações padronizadas	148
A obra às vésperas da morte do Fundador (1840)	150
Anexo3: Escolas fundadas por Champagnat	360
9. Formação ascética e modernidade pedagógica	155
Complementariedade noviciado-escola-formação continuada	156
A caminho de uma modernidade pedagógica mais sólida	159
Um ministério não clerical.....	162

2ª PARTE.

DINAMISMO e CRISE DE IDENTIDADE (1840-1879)

10. Asumir a herança	173
Uma regra definitiva ancorada na tradição	173
Fusão-absorção de outras congregações (1842-1844).....	173
Uma entorce na tradição: o Pe. Colin impõe o voto de obediência	174
União relativa do diretor-geral e de seus assistentes	176
Fracasso da união definitiva com a Sociedade de Maria (1844)	178
Reconhecimento legal e o Capítulo Geral (1851-54).....	180
Um tempo de crise:	
O generalato do Ir. Francisco e o Capítulo Geral (1852-1860).....	181
O Ir. Luís Maria e a construção de St-Genis-Laval (1856-58)	185
Crescimento acelerado, mas com saídas em dobro	186
11. Elaboração da doutrina (1840-1856)	189
Dos ensinamentos de Champagnat à <i>Vida</i> do Fundador	189
Um trabalho de memória desde 1840: papel do Ir. Francisco	189
O <i>Manual dos diretores</i> , testemunho da redação da <i>Vida</i> do Fundador	191
Sobrevivência dos “volumosos cadernos”?	194
Retiros e anotações	194
As circulares do Ir. Francisco:	
uma primeira literatura espiritual amplamente difundida.....	198

Uma filiação explícita nas Regras Comuns e outros textos.....	200
<i>O Manual de piedade</i> (1855), precursor dos <i>Princípios de perfeição</i>	202
<i>A Vida do Fundador</i> (1856), coroamento do trabalho de memória	206
O Ir. João Batista	207
Uma teoria do laicato militante e da santidade marista	208
Complementos tardios, mas importantes	210
O destino de um livro fundador	210
12. Codificação do pensamento educativo	213
Do ensinamento de Champagnat ao <i>Guia das escolas</i>	213
<i>Guia das escolas e “tratado da educação”</i>	213
A influência jesuíta	215
O cardeal La Luzerne.....	217
O sulpiciano Faillon	219
Os Irmãos das Escolas Cristãs	220
Numerosos autores contemporâneos.....	221
Anexo 4: Tabela dos principais autores	362
Teoria e prática: a carreira de professor do Irmão Avit	223
13. O generalato do Irmão Luís Maria (1860-1879)	231
Um generalato brilhante e grandioso.....	231
Face à política anticongreganista.....	235
A questão da autoridade: centralização ou descentralização.....	238
Roma: uma pedra de tropeço	239
14. Um importante enriquecimento doutrinal	247
As circulares do Ir. Luís Maria e os livros do Ir. João Batista	247
Três etapas de seu ensinamento?	247
Uma segunda contribuição doutrinal do Ir. João Batista	249
A influência de suas obras.....	253
Anexo 5: Quadro das fontes doutriniais.....	364
15. Territórios a expandir e vocações a suscitar	255
Combinação delicada entre rede de obras e territórios de recrutamento.....	255
Política e fundação de escolas.....	256
A organização de uma zona de influência	258
Rivalidades congreganistas	261
Instituto e sociedade. Origens e aspirações dos Irmãos.....	262
Regiões fecundas e regiões estéreis	265

Após 1860 um recrutamento a relançar	266
Os juvenatos como resposta a um ambiente menos favorável	268
A vocação de Irmão: um conceito confuso.....	269
Os diretores: um cargo estratégico e problemático	272
O estudo como perigo e necessidade	273
A tentação do latim	274
Exaltar a vocação	275
16. Democratização social contra democratização política	277
Os Irmãos Maristas na diocese de Belley.....	277
A rede dos Irmãos Maristas e a política	278
Duas histórias opostas: as escolas de St Didier-sur-Chalaronne e Thoissey.....	280
Política e escola em Oyonnax e Nantua	281
Um mundo rural onde é preciso saber fazer-se aceito	282
17. Balanço de quarenta anos	285
Uma mutação interna bem sucedida, mas um futuro incerto.....	285

3ª PARTE.

DIFICULDADES NA FRANÇA e EXPANSÃO INTERNACIONAL (1880-1907)

18. Frente à República laica (1880-1903)	293
Um homem novo a quem faltará tempo: o Ir. Nestor (1880-1883).....	293
Retorno da tradição do Ir. Luís Maria (1883-1907)	294
As leis laicas	295
O problema do <i>brevet</i> – (certificado).....	297
Uma rede de obras profundamente modificada.....	299
Serviço militar e política fiscal anticongreganista	301
Prática de uma sociologia religiosa	302
19. Os desafios enfrentados	305
O juvenato e a “missão”.....	305
O juvenato: principal componente da congregação	305
Anexo 6: Vocações saídas de nossas escolas (1897-1901).....	366
Missão e internacionalização	310
Finanças bem sólidas	316

20. Solucionar uma crise interna multiforme	321
Aprofundar a vida espiritual e fortalecer o espírito do Instituto	321
Face à pastoral das obras extraescolares	322
Problemas com Roma e turbulências que causam	323
Uma renovação dos quadros geradores de tensões	324
Novas normas romanas e a lei Waldeck-Rousseau	325
O Capítulo de 1903: uma descentralização num ambiente catastrófico	326
Uma crise geral das congregações ensinantes?	326
Reforçar e renovar a identidade marista	328
Renovação das informações biográficas	329
21. A Secularização (1902-1906)	335
Agressão estatal e debate inacabado sobre a identidade do religioso apostólico	325
A execução das congregações em diversos atos	336
Partidas massivas a partir de 1901	339
Balanço do ano de 1903	341
A secularização como problema durável.....	342
Os secularizados frente às acusações	343
Da secularização do religioso à secularização do Estado e da sociedade	346
A extinção da secularização.....	347
CONCLUSÃO GERAL	349
A espiritualidade como chave de leitura fundamental	349
ANEXOS	356
SIGLAS E ABREVIATURAS	367
APANhado BIBLIOGRÁFICO	369
FONTES FUNDAMENTAIS SOBRE OS IRMÃOS MARISTAS	373
ALGUNS TÍTULOS DA BIBLIOGRAFIA MARISTA	379
FONTES ICONOGRÁFICAS	381



Irmão Emili Turú,
Superior geral

APRESENTAÇÃO



Se nós, Irmãos Maristas, somos o que somos coletivamente, em boa parte é graças a quem nos precedeu. Por isso, dificilmente poderemos nos compreender sem estudar o caminho que nos conduziu até o momento presente, às vésperas de celebrar os 200 anos de nossa fundação.

Durante mais de um século, e por diversas razões, o interesse pela história do Instituto não pareceu ter estado entre nossas prioridades. Contudo, durante os últimos anos, houve um esforço importante em aprofundar nossa tradição de maneira sistemática e organizada. Tanto as numerosas publicações como a promoção dos lugares maristas contribuíram para uma notável difusão de nossas origens e um crescente interesse pelo estudo científico da história marista.

Estes três volumes que agora publicamos constituem, de alguma maneira, nossa pequena homenagem a todos esses irmãos que em diferentes momentos de nossa história nos ajudaram, com grande carinho e dedicação, a retornar às nossas fontes e a conhecê-las e amá-las melhor.

Nestes três volumes, a Igreja universal está celebrando o *Ano da Vida Consagrada*. Nele o Papa Francisco nos convida a *olhar o passado com gratidão*. Portanto, como não ler estas páginas com o coração agradecido, pensando sobretudo nos mais de 11.000 Irmãos que nos precederam, desde 1817, neste caminho do Evangelho? Muitos dos nomes desses Irmãos nunca foram citados nos livros de história, mas são realmente autênticos protagonistas dela, por sua vida entregue sem medida ao serviço da missão marista, atuando de maneira discreta e simples; e, às vezes, inclusive, com heroísmo.

Convido o leitor a se apropriar destas páginas *com gratidão*. Isso nos ajudará também a *viver o presente com paixão e a abraçar o futuro com esperança*, atendendo ao convite do Papa Francisco. Neste início do Século XXI desejamos *um novo começo* para o Instituto Marista, e com essa tarefa temos nos comprometido coletivamente. O testemunho de que nos precedeu é um grande estímulo para viver este tempo *com paixão e esperança*.

O Ir. André Lanfrey passou muitos anos estudando, de modo profissional, a história marista. Com grande paciência tem-nos ajudado a entender melhor de onde viemos e, em consequência, a amar mais o que somos. E hoje nos oferece os dois primeiros volumes dessa *História do Instituto Marista* que, como podemos apreciar, está escrita com grande rigor e profundidade. Muito obrigado, Ir. André, por esta maravilhosa contribuição ao nosso patrimônio espiritual.

Somos gratos também ao Ir. Michael Green, que aceitou o desafio de preparar o terceiro volume em que apresenta nossa história mais recente, de 1985 até nossos dias. Tenho certeza de que o caráter documental e testemunhal será um tesouro precioso para as futuras gerações.

Podemos imaginar Champagnat e os primeiros Irmãos sentados diante do edifício de l'Hermitage recém construído. Recordariam então os feitos históricos e as experiências vividas durante a construção. Que força precisaram encontrar para realizar a tarefa de futuro que se esperava deles!

De modo semelhante, quando o Pe. Champagnat encomendou ao Irmão João Batista Furet a tarefa de compilar as recordações dos primeiros tempos, tinha consciência de que estava vivendo e construindo uma história que merecia ser contada à posteridade, mas sobretudo estava convencido de que valia a pena embarcar nela e com ela comprometer-se seriamente. Por isso, esta coleção de volumes sobre a História do Instituto Marista, que se inicia com este livro, pode converter-se em um manual de vida para se descobrir o que ainda permanece inédito nos antigos relatos: como o *dono de uma casa que tira do seu tesouro coisas novas e coisas velhas* (Mt 13, 32). Trata-se de uma história que hoje podemos contar, mas sobretudo uma herança que estamos convidados a assumir e transmitir.

Desde os felizes e árduos começos, pudemos constatar com gratidão que nossa história tem sido orientada pela mão materna de Maria, que *fez tudo entre nós*. Portanto, nossa confiança não pode esmorecer, convencidos de que o futuro do Instituto será um reflexo do rosto materno de tão Boa Mãe e uma expressão de seu caminho de fé no seguimento de seu Filho.

Roma, 8 de setembro de 2015,
festa da Natividade de Maria.

Luigi Tassinari

HISTÓRIA DO INSTITUTO 1817-2017: fruto de um trabalho de equipe

Foi em janeiro de 2004 que o Conselho Geral criou uma comissão do patrimônio destinado à pesquisa sobre as fontes maristas, reunida pela primeira vez em maio de 2004; ela estava composta pelos Irmãos André Lanfrey, Aureliano Brambila, Paul Sester, Ivo Strobino, Jaime Parès, Michaël Green. (Logo o Ir. Robert Teoh substituiu o Ir. Paul Sester e o Ir. Henri Réocreux tornou-se secretário da comissão). O bicentenário do Instituto se aproximando, em junho de 2007, o Conselho Geral, respondendo às sugestões da comissão, propôs: «um projeto de história global ligado ao bicentenário do Instituto».

Durante os anos seguintes o projeto foi o objeto de discussão cujo resultado encontra-se sintetizado em quatro artigos do CM n° 30: (fevereiro de 2012)

- Ir. Michaël Green: Exame de diversas hipóteses sobre o projeto;
- Ir. Aureliano Brambila: Modelo metodológico de estudo regional ou provincial:
 - O carisma marista em terras mexicanas;
- Ir. André Lanfrey: Esboço da História global do Instituto;
- Ir. Juan Moral: Bibliografia.

No princípio, era um projeto longo, constituindo-se num trabalho de equipe complicado para realizar e exigindo muito tempo.

Finalmente era necessário transformá-lo num projeto mais clássico e limitado: Uma história geral em dois volumes redigidos por um só autor, o Ir. André Lanfrey, com a concordância e sob o controle da equipe do patrimônio e da administração geral. Em junho de 2014 uma primeira parte (1789-1907) estava pronta e em processo de tradução; e uma segunda parte (1907-2014) encontrava-se em fase de elaboração avançada. Ao constatar que a redação da última fase de nossa história (1985-2017) foi particularmente delicada para redigir, a comissão sugeriu a redação de um terceiro volume cobrindo o período 1985-2017, confiado ao Ir. Michaël Green.

Os leitores dessa história do Instituto devem conservar na mente que, mesmo sendo esta a obra de um autor bem definido, a arquitetura do projeto foi pensada por um grupo bem amplo que o seguiu e em algum momento modificou sua realização sob o olhar do Conselho Geral.

A comissão do patrimônio acrescenta que o trabalho de tradução e de releitura não foi uma tarefa pequena e agradece calorosamente a todos aqueles que, de perto ou de longe, deram sua contribuição.

Irmãos

*Eugène Kabanguka,
André Lanfrey; Allan De Castro,
Antonio Martínez Estaún,
Colin Chalmers;
Sra. Heloisa Afonso de Almeida Sousa;
Irmãos Michael Green, Patricio Pino,
Spiridion Ndanga e Michel Morel.*

Marcelino Champagnat nasceu em 20 de maio de 1789, no momento em que começavam em Versalhes os Estados Gerais que devem reformar a França e vão levar à Revolução Francesa. Em julho de 1816, no dia seguinte à sua ordenação sacerdotal, ele se compromete, com uma dúzia de jovens sacerdotes, em uma Sociedade de Maria na qual ele funda, a partir de janeiro de 1817, o ramo dos Irmãos. Os anos 2016-2017 serão, portanto, a ocasião de celebrar estes acontecimentos complementares, ao mesmo tempo em que eles são favoráveis para empreender uma reflexão histórica sobre os dois séculos da Sociedade de Maria e, mais particularmente, dos Irmãos Maristas.

Da cronologia e dos anais à História

Não existe atualmente uma verdadeira história global dos Irmãos Maristas mesmo se, bem cedo, a congregação produziu trabalhos que a contêm em maior ou menor escala. Sobre seus primeiros anos, dispomos de notas do Pe. Bourdin (OM2, doc. 754) que, mesmo que foram escritos em linguagem telegráfica pelo ano de 1830, fornecem preciosas informações nos anos de 1817 a 1826. Mas é somente em 1856 que a *Vida do Fundador*, narrada pelo Ir. João Batista Furet, evoca em detalhes os anos 1789-1840; e mesmo o capítulo 23, que encerra a 1ª parte da obra, menciona rapidamente os grandes acontecimentos que sobrevieram de 1840 a 1856. Os *Anais do Instituto*, do Ir. Avit, concluídos em 1891, traçam uma crônica de conjunto, partindo de 1775, que não carecem de espírito crítico, e têm o cuidado de se fundamentar sobre testemunhos e documentos. Mas essa fonte não é publicada a não ser mais tarde: parcialmente em 1972, depois, por *extenso*, em 1993.

No entanto, o Instituto se contentou em estabelecer cronologias detalhadas, a primeira em 1917 (Circular, volume 13), a segunda em 1976 e a terceira em 2011. É preciso mencionar também uma História do Instituto usada nas casas de formação em 1947¹ e a bem recente *História do Instituto dos Irmãos Maristas* editada na Argentina em 2004, que tem a vantagem de esboçar nossa história desde as origens até 2001².

Resumindo, de 1856 até hoje, as publicações mencionadas anteriormente não fizeram história senão indiretamente e seu fim principal foi a edificação,

¹ *Histoire de l'institut des Petits Frères de Marie (1817-1947)*. Economie general des Frères Maristes, Saint Genis-Laval, 223 p.

² Seu autor, o Ir. Luis Di Giusto, no seu prólogo, situa claramente seu trabalho como um instrumento para a formação dos Irmãos. (NT. Traduzido e impresso no Brasil: *História do Instituto dos Irmãos Maristas*, tradução Salvador Durante e Aristides Zanella, São Paulo: FTD, 2007)

a formação ou uma informação sucinta. Pode-se, no entanto, dar um lugar específico ao Ir. Avit, que não se contentou apenas com o papel de cronista.

É preciso levar em consideração uma História do Instituto (1789-1960 aproximadamente) conservada nos arquivos de Roma e redigida pelo Ir. Marie-Nicet (Claude-Marie Thomas), um Irmão francês do Brasil, nascido em 1880 em Verosvre, na Bourgogne, próximo ao santuário de Paray-le-Monial. Tendo concluído seu escolasticado em 1896, chegou ao Brasil em 1898 e ensinou primeiramente em Congonhas/MG. Ele permaneceu toda sua vida no Brasil, exceto os seis meses do segundo noviciado em Grugliasco, em 1908, momento que ele aproveitou para consultar os arquivos do Instituto. Sua biografia³ assinala que ele prestou um grande serviço à Editora FTD, compondo diversos atlas geográficos, uma *História universal e do Brasil*, obras de história natural, mas não menciona nada sobre esta história do Instituto, a qual, portanto, o Ir. Marie-Nicet anteviu a publicação.

Redigido em francês em cadernos de formato escolar, essa história constitui um conjunto aproximado de seis mil páginas, reunidas em seis volumes e organizados em função dos generalatos: Vida do Fundador (T.1, 785p.), generalato do Ir. Francisco (T. II, 706 p.) etc. O Ir. Maria-Nicet neles trabalhou até bem próximo à sua morte, sucedida no dia 18 de dezembro de 1962. Sob o plano metodológico, a obra parece ter ficado a meio caminho entre a compilação de fontes, na maior parte retiradas dos livros oficiais do Instituto (Circulares, Boletins do instituto, Informações necrológicas), e o cuidado de construir um quadro histórico geral em grandes períodos. Mesmo que não se trate de propriamente falar de história, tal obra deve ser saudada como o esforço bem sucedido de elaborar uma visão global do Instituto no espaço e no tempo anterior a 1960. Ela mereceria um estudo atento⁴.

Na congregação, o trabalho propriamente histórico começou nos anos 1950-60 e foi ilustrado depois pelos trabalhos de qualidade centrados essencialmente sobre as origens. Citamos entre outros as obras de Pierre Zind, Gabriel Michel, Alexandre Balko, Stephen Farrel. De outro ponto de vista, a publicação das fontes, tais como *Origines Maristes*, *Cartas de Marcelino Champagnat*, *Origine des Frères Maristes* (2011), *La Regla del Fundador* (2012), colocou à disposição dos pesquisadores o essencial dos documentos que nós possuímos sobre nossas origens.

O trabalho é menos avançado sobre a história do Instituto após 1840, embora disponhamos de fontes numerosas e de trabalhos parciais (histórias de províncias, biografias...), em muitos casos de excelente qualidade. Mas não é fácil ter uma visão de conjunto devido à complexidade crescente de uma obra que se mundializou rapidamente. Hoje em dia, confrontado com um tempo de profunda mutação e tendo relativamente clarificado a história de suas origens, nosso Instituto tem necessidade de contornar com mais precisão o tempo

³ Gentilmente fornecida por Heloisa Afonso de Almeida Sousa.

⁴ Os arquivos de Saint Genis-Laval possuem outra "Histoire de l'Institut", datilografada em vários fascículos, que data do ano 1950.

intermediário entre nossas origens e nossa época: um tempo de continuidade, mas também de rupturas, de reinterpretações, de crises... que pode nos ajudar a compreender nossa situação atual.

Para realizar um trabalho assim, o ideal teria sido a constituição de uma equipe suficientemente qualificada para explorar as fontes e bibliografias disponíveis abraçando ao mesmo tempo a história e os espaços maristas. Mas o sentido de realidade nos obrigou a optar por uma história com ambições mais limitadas, porém procurando propor uma interpretação séria de nosso passado, oferecendo sempre pistas de pesquisa. Para esta obra procuraremos não ser exaustivos nem daremos prioridades a uma descrição minuciosa dos fatos. Tentaremos estabelecer um quadro interpretativo de nossos 200 anos transcorridos à luz dos fatos que consideramos como fortemente significativos.

Concepção da obra

É por isso que esta história dos Irmãos Maristas se emancipará de um quadro bastante formal dividindo, por exemplo, nosso passado numa sequência de generalatos, e abordará três períodos maiores. O primeiro (1º volume) irá de 1789, data do nascimento de M. Champagnat, até 1907, data de convergência de vários grandes eventos. O mais importante é, evidentemente, a supressão da congregação na França decretada em 1903, que encerra brutalmente o processo de internacionalização do mecanismo do Instituto, iniciado massivamente em 1885 e no qual os efeitos se farão sentir até o ano de 1906. O segundo fato é a aprovação das Constituições Romanas, em 1903, que estabelecem um governo descentralizado e superiores nomeados para um tempo determinado, subvertendo uma tradição centralizadora quase centenária. Enfim, é a morte do Ir. Teofânio, assistente do Ir. Luís Maria desde 1860, que se tornou superior geral em 1883. É, portanto, o fim do Instituto como entidade essencialmente francesa e hipercentralizada. A segunda fase termina em torno de 1965, com o encerramento do Concílio Vaticano II, marcando uma nova era da vida eclesial e religiosa, assim como a descolonização e revolução sociocultural no Ocidente gerando uma nova ordem mundial. Os anos 1907-1965 são, para o Instituto, um tempo paradoxal marcado por uma expansão marcante, apesar de revoluções, perseguições, guerras mundiais e secularização multifórmica.

A terceira fase (1965-2012), mais caótica, pode ser entendida como uma redefinição em profundidade da congregação dos Irmãos Maristas envolvida num processo de destruição-reconstrução global, cujas linhas principais nos parecem indefinidas. Tendo-as vivenciado pessoalmente, falta-nos um olhar retrospectivo a seu respeito.

Essas três fases apresentam dificuldades de tratamento diferenciado. Se a primeira é relativamente fácil para escrever, porque é mais bem documentada e centralizada sobre um mesmo país, a segunda concerne a numerosos países com histórias particulares frequentemente agitadas. Ela exigiria numerosos colaboradores para ser tratada a fundo. Para a terceira, o emaranhado dos acon-

tecimentos, a emergência de novas correntes de pensamentos e a falta de retorno ao passado tornam a tarefa mais arriscada, porém, ao mesmo tempo, mais estimulante.

Tendo estudado particularmente a época de 1789-1907 e sido beneficiado por pesquisas realizadas sobre as origens, eu penso ter condições de fornecer uma história suficientemente fundamentada sobre este primeiro período. No segundo volume, que vai compreender o período de 1907-1985, não poderei pretender ir além de um quadro geral susceptível de ser completado, mesmo corrigido, por trabalhos ulteriores.

A redação do 3º volume, abrangendo o período 1985-2017, foi confiado ao Ir. Michaël Green, melhor conhecedor do que eu dessa fase da história do Instituto.

Ir. André Lanfrey

Historicamente os Irmãos Maristas nascem em 1817. Mas eles não pretendem por nada se conformar com esta origem. Se é com algumas reticências que eles se reconhecem herdeiros da consagração de Fourvière que funda a Sociedade de Maria em 1816, eles se confessam espontaneamente tributários de tradições mais antigas e, portanto, mais veneráveis. Nada mais significativo a este respeito que o prefácio e a introdução à *Vida* do Pe. Champagnat, publicada em 1856.

Uma obra inscrita numa dupla tradição

Uma das finalidades da *Vida* do Pe. Champagnat foi de legitimar a Regra definitiva, inspirada por ele, mas redigida pelo capítulo de 1852-1854. Seu prefácio visa estabelecer Champagnat na tradição dos grandes fundadores de ordens monásticas, tais como: os Padres do deserto, São Bento e os Beneditinos, São Francisco de Assis e os Frades Menores. Ficamos surpresos em não encontrar aí os Jesuítas, que inspiram tão fortemente nossa espiritualidade, mas esta Ordem sofre certo grau de legitimidade: ela não é suficientemente antiga e, sobretudo, é uma Ordem de sacerdotes, uma vez que o monaquismo antigo não se define pelos sacerdotes, mas pela ascese. Numa Igreja do século XIX que não concede muito espaço às congregações de Irmãos, importa, portanto, construir uma identidade com prestígio, fundada sobre uma hierarquia carismática na qual o monge é o arquétipo, em face de uma hierarquia clerical, seja ela secular ou do clero regular.

Evidentemente, os Irmãos Maristas não visam seguir estritamente o ideal de se retirar do mundo, próprio da ordem monástica. É por isso que a introdução que segue o prefácio desenvolve uma história da catequese insistindo sobre o fato de que, nas origens, ela foi autorizada pelos bispos e os grandes doutores da Igreja e, após uma Idade Média decepcionante, o Concílio de Trento gerou uma renovação catequética na qual os vários atores apostólicos conseguiram combater a Reforma, a impiedade do século XVIII e a Revolução. E os Irmãos Maristas têm seu lugar no meio deles.

Esses dois textos-manifestos parecem-me, portanto, muito significativos como, seguindo Champagnat, o Instituto quer se situar na metade do século XIX: como ordem de religiosos leigos enraizada em duas tradições difíceis de conciliar: o monaquismo e o apostolado catequético.

O jesuíta, a irmã leiga, o Irmão da Doutrina Cristã

Eu não gostaria de mencionar muito a influência monástica na congregação porque ela é muito evidente: a casa construída em 1824-1825 é chamada de “l’Hermitage” e aí se vive conforme uma regra conventual. Seu lugar de referência simbólica é a trapa de Aiguebelle para onde se encaminharam o Ir. João Maria Grajon em 1822 e o Pe. Courveille em 1826⁵.

Uma visão da tradição catequética e de ensino da Igreja, da qual Champagnat é um adepto consciente, parece-me muito necessária. Em primeiro lugar, a referência ao Concílio de Trento e à corrente catequética não é somente retórica, mas é até mesmo mítica porque, no século XVII-XVIII, o mundo católico construiu sobre modelos apostólicos novos e claramente definidos: o clero regular, entre ele o jesuíta, é o emblema, consagrado à missão e ao colégio; a congregação feminina, sob a forma de conventos com clausura limitada (as Ursulinas...) para a educação das meninas da elite. A serviço das meninas do povo, nós encontramos a “moça leiga” ou “irmã” leiga devotada às tarefas caritativas e educacional vivendo sozinhas ou em comunidade. Para os meninos das cidades, João Batista de La Salle funda os Irmãos das Escolas Cristãs. A unidade espiritual desta corrente é largamente apoiada sobre a *Devotio Moderna*. Esta corrente tem buscado um cristianismo mais interior e mais militante cuja *Imitação de Jesus Cristo* é o manifesto mais conhecido. Dele saiu o modelo “devoto” (militante) que quer cristianizar a sociedade em profundidade, notadamente por uma catequização massiva das crianças.

Enquanto isso, este catolicismo barroco, em geral bem aceito nos países católicos, nunca alcançará a unanimidade na França onde Molière, com seu *Tartuffe*⁶, reflete a relutância da comunidade católica e mais particularmente da corrente jansenista. Além disso, os meios mais esclarecidos se opõem seguidamente à educação popular porque eles temem que a agricultura e a indústria careçam de braços e temem uma revolução social, enquanto as classes baixas da sociedade, antes preocupadas em sobreviver no dia a dia, são elas mesmas massivamente indiferentes à instrução catequética e profana⁷.

É, portanto, uma minoria ativa das elites católicas, clérigos e aristocratas juntos, que quer a instrução popular. Os resquícios desta corrente são múltiplos: existem as congregações marianas de jovens ou de adultos associados aos colégios jesuítas, as AAs (Assembleias de Amigos) e pequenas sociedades de seminaristas fervorosos, entre as quais os próprios Maristas em 1815-1816, no

⁵ Rancé, o fundador da Trapa, considerou que os apóstolos foram os primeiros monges e que a vida monástica foi o cume da vida cristã. Além disso, os Trapistas são aureolados de prestígio por sua resistência inabalável à Revolução e por ser a primeira ordem monástica a se reconstituir na França.

⁶ Denúncia de falsos devotos.

⁷ Ver R. Chartier, M-M. Compère, Dominique Julia, *L'éducation en France du XVIe au XVIIIe siècle*, Paris, SEDES, 1976 p. 37-41.

seminário de Santo Irineu, em Lyon. Enfim, existe a famosa Companhia do Santo Sacramento composta de leigos e de sacerdotes⁸, cujos confrades visitam as prisões e os hospitais, fazem a caridade aos pobres e os catequisam, lutam contra os cabarés e a imoralidade pública. Eles desempenham um papel importante no estabelecimento de hospitais gerais (esses hospitais recebem o povo em geral, os marginalizados, tendo em vista que a sociedade não seja perturbada por eles), sustentam toda sorte de obras, entre elas as escolas. A obra escolar de Charles Démia, em Lyon, será uma das criações da Companhia⁹.

Mas esse modelo devocional atende de forma desigual a sociedade. Se os colégios e os seminários permitem uma larga educação das elites, em nível popular, e de maneira particular nas regiões rurais, a grande parte das escolas permanece servida por um pessoal do subclero tais como sacristães, cantores, às vezes coveiros, escrivães públicos e professores, de competência e costumes muito diferentes. O *status* do auxiliar clerical dá, no entanto, certa honorabilidade àquilo que não chega a ser realmente uma profissão nem uma vocação, mas um tipo de serviço público local com múltiplas competências. Na verdade, faltam pessoas formadas e organizadas¹⁰.

Para resolver este problema, o padre lionês Charles Démia¹¹ estabeleceu em 1688 um seminário de mestres. Mas seu seminário São Carlos tornou-se rapidamente um seminário como os outros. João Batista de La Salle¹² conseguiu construir um modelo durável, mas parcial. Com efeito, seu plano primitivo previa não somente comunidades de Irmãos para as cidades, mas também de seminários de mestres para o interior e uma sociedade de padres para a direção espiritual para os dois grupos. Só vingou a comunidade dos Irmãos criada em 1686, e os Irmãos de Escolas Cristãs desenvolvem nas cidades uma pedagogia inovadora, fundada sobre o ensino simultâneo do qual a *Conduite des Écoles*¹³, colocada em prática desde 1706, constitui o breviário. Em 1792 eles são 800 religiosos. Em 1725 o papa Bento XIII reconheceu seu estatuto de religiosos educadores leigos, distintos dos confrades e companhias da Doutrina Cristã¹⁴. Outra criação de instituto de Irmãos vingou: a dos Irmãos Tabourin do subúrbio Santo Antônio em Paris, fundada por um notório jansenista, Charles Tabourin. Em 1757, seus Irmãos se devotavam numa quinzena de escolas de quarteirão¹⁵.

⁸ TALLON, Alain. *La Compagnie du Saint Sacrement*, Paris: Cerf, 1990.

⁹ Georges Guigue (publicado por), *Les papiers des dévots de Lyon*, Lyon, Librairie ancienne, 1922.

¹⁰ Martine Sonnet, *L'éducation des filles au temps des Lumières*, Cerf, 1987; Bernard Grosperin, *Les petites écoles sous l'Ancien-Régime*, Ouest-France université, 1984; Jean de Viguier, *L'institution des enfants. L'éducation en France. 16e-18e siècles*, Calmann-Lévy, 1978.

¹¹ Roger Gilbert, Charles Démia. 1637-1689. Fondateur lyonnais des petites écoles des pauvres, Éditions E. Robert, Lyon, 1989.

¹² Yves Poutet, *Le XVII^e siècle et les origines lasalliennes*, Rennes, 1970.

¹³ Cahiers lasalliens n° 24: *Conduite des écoles chrétiennes*, Avignon 1720, (Reproduction), Rome.

¹⁴ Pierre Zind, *Les nouvelles congrégations de frères enseignants en France de 1800 à 1830*, 1969. Editado por os Irmãos Maristas, St Genis-Laval. 1968, p. 44.

¹⁵ *Ibid.*

Eles se expandiram até Orléans, Auxerre, e Eu, na Normandia. Em 1781, em torno de 60 irmãos Tabourin ensinam em 32 escolas.

Do lado das mulheres, as tentativas análogas tiveram mais sucesso. Um dos exemplos mais conhecidos de seminário feminino é o das Senhoritas da Instrução, fundadas em Puy por Anne-Marie Martel (1644-1673) em 1667-68¹⁶. Estas Senhoritas, nas quais o número é fixado em nove, formam, por estágios de alguns meses, centenas de jovens meninas e de viúvas, não somente para sua diocese, mas também as de Viviers, Montpellier, Rodez, Clermont, Lyon, Vienne, Valence e Mende, quer dizer, uma vasta zona cobrindo uma grande parte do Maciço Central, o vale do Ródano e indo até o Mediterrâneo. Estabelecidas em cidades e aldeias, estas “Filhas da Instrução”, muitas vezes chamadas de “Beatas” pela população, dirigem oficinas de renda ou de fitas enquanto ensinavam as orações, a catequese e a leitura.

Todo este mundo de “irmãs”, “moças leigas”, “moças devotas”, “regentes”, “beatas”, Irmãos da Doutrina Cristã... constitui um universo complexo e não cobre senão muito parcialmente as necessidades educativas do povo, em particular aquele do meio rural. No entanto, exigindo de seus membros uma vocação, uma formação e um engajamento de vida, as congregações inventaram o alfabetizador, a alfabetizadora moderna, cuja ação não está fundada sobre o mercenário ou sobre tarefas clericais julgadas secundárias, mas sobre a vocação, a competência e o espírito de grupo. Champagnat é, portanto, o herdeiro desta corrente que ele se empenhará em difundir-la no meio rural, até então muito negligenciado. E os Irmãos Maristas estão entre os atores de uma modernidade cristã e evangelizadora que triunfa e conhece seus limites na França no século XIX.

Essa modernidade pedagógica é igualmente muito unida à preocupação de reduzir a indigência e a vagabundagem, por razões às vezes econômicas, sociais e religiosas. Aliás, as escolas novas de Irmãos e de Irmãs são chamadas “escolas de caridade” porque, gratuitas, são prioritariamente destinadas às crianças cujos pais não têm o dinheiro necessário para enviá-los às “pequenas escolas”. Existe, pois, uma forte conexão entre o hospital e a escola, ambos se dirigem parcialmente à mesma clientela. O Ir. Yves Poutet colocou bem em evidência que os Irmãos das Escolas Cristãs tiveram sua origem num hospital de Rouen onde trabalhava Adrien Nyel, inspirador de João Batista de La Salle¹⁷. A educação é de fato considerada como uma obra de misericórdia ocupando-se não somente de curar os corpos, mas também as mentes e as almas.

¹⁶Odile Robert, “De la dentelle et des âmes. Les “Demoiselles de l’Instruction du Puy” (XVIIe-XVIIIe siècles)”, em *La religion de ma mère. Le rôle des femmes dans la transmission de la foi*, sous la direction de Jean Delumeau, Cerf, 1992.

¹⁷ Yves Poutet, *op.cit.*, p. 494.

Entre o Antigo-Regime e o Império (1790-1815)¹⁸

Pouco a pouco, a palavra “congregação” adquiriu um sentido mais restrito e tende a significar grupos de celibatários, homens ou mulheres, vivendo em comunidades, vestidos com um hábito uniforme, copiando o gênero de vida conventual, mas exercendo atividades apostólicas. Estes não são religiosos no sentido canônico porque eles não fazem votos solenes, algumas vezes fazem votos privados ou simples promessas, e o maior número deles não tem nenhum engajamento. Eles se encontram entre o laicato e a vida religiosa. É por isto que a Revolução francesa, que suprime as ordens religiosas, não os atacou muito. Pelo contrário, no século XIX, estes Irmãos e Irmãs se organizarão em poderosas congregações como as Filhas da Caridade, fundadas sob o Antigo Regime e que atravessaram sem muitas perturbações 1789-1800. E são as congregações de Irmãs, com superiora geral, que vão assegurar a parte essencial do desenvolvimento da militância feminina do século XIX, no domínio escolar e hospitalar, sobretudo.

Para os homens, a situação está longe de ser tão brilhante. No entanto, o Ir. Frumence, superior dos Irmãos das Escolas Cristãs, na Itália, se instalou em Lyon em 19 de novembro de 1804 e uns sessenta Irmãos sobreviventes da Revolução reconheceram sua autoridade. Finalmente, o decreto de 17 de março de 1808, organizando a universidade, os integrou neste grupo. Na queda do Império (1815), o ensino elementar masculino descartou de 3 a 400 Irmãos das Escolas Cristãs e está nas mãos de uma multidão de mestres de todos os níveis e proveniências. Mas os Irmãos das Escolas Cristãs têm um trunfo mestre: a opinião pública dividida a respeito dos Jesuítas, execrados por alguns e louvados por outros, guardou uma lembrança muito favorável de sua ação educativa. Eles constituem, pois, um modelo que numerosos clérigos e leigos sonham imitar na medida em que um governo menos despótico libere as iniciativas em matéria de associações religiosas.

No entanto, a situação evolui muito lentamente. Como testemunho, o uso tradicional das palavras “irmã” e “irmão” que podem designar todo leigo exercendo funções de auxiliar clerical ou de ação caritativa. Empregadas domésticas de párocos ou professoras primárias são, ainda no século XIX, chamadas “irmãs” sem serem membros de alguma comunidade. A palavra “irmão” é empregada raramente para designar o professor-cantor-sacristão auxiliar do pároco. Nos hospitais os “irmãos” hospitaleiros são leigos sem votos e as “irmãs” da mesma forma. Na metade do século XIX, o sentido das palavras “irmão” ou “irmã” tende a se restringir para designar apenas os congreganistas. Nós temos um belo exemplo desta evolução nos *Anais do Instituto* dos Irmãos Maristas¹⁹ no ano de 1851:

¹⁸ Claude Langlois, *Le catholicisme au féminin. Les congrégations françaises à supérieure générale au XIX^e siècle*, Cerf, 1984, p. 776.

¹⁹ Ir. Avit, *Annales de l'institut*. 2, ano 1851 § 90, Roma, 1993.

“Um pároco simples, da diocese de Dijon, pede um irmão não casado para sua pequena paróquia. Este irmão deve ser professor primário, secretário da prefeitura, cantor, sacristão, sineiro e cozeiro! [...] A ingenuidade deste pedido provocou muitas risadas em l’Hermitage”...

O pároco guardou a concepção tradicional de irmão enquanto entre os Irmãos Maristas esta lembrança se perdeu. O historiador deve, portanto, ser prudente quando encontra as palavras “irmão” ou “irmã” e não se decidir muito rápido que se trata de congreganistas no sentido atual.

O movimento associativo de espírito devoto, que a congregação se tornou no século XIX quase o modelo único, é, portanto, uma das tendências do catolicismo moderno que irá florescer em uma fase nebulosa compreendendo centenas de congregações e dezenas de milhares de membros. Eis porque Claude Langlois fala de uma “tendência”²⁰ congregacional, que é, na verdade, o primeiro laicato militante moderno.

Em torno de 1815, enquanto as elites se tornam conscientes da enorme falta de educação da massa popular francesa, já existe, para corrigir isso, um modelo considerado eficiente e uma massa de manobra saída do catolicismo devoto e da resistência católica à Revolução. É nesta tradição que terá lugar uma das iniciativas mais dinâmicas da educação popular no século XIX: os Pequenos Irmãos de Maria. Mas, antes de mencionar esta história, convém apresentar detalhadamente como e por quem as tradições que acabamos de falar são incorporadas em um novo grupo religioso.

²⁰ Anglicismo significando uma tendência pesada.

História do Instituto



1ª PARTE

1789-1840

Resistir e Reconstruir

Os Estados Gerais, que devem realizar a reforma do reino da França, e são, na verdade, o primeiro ato de uma Revolução que irá perturbar a Europa, são abertos em 5 de maio de 1789. Marcelino Champagnat nasce poucos dias depois: 20 de maio. Quando Bonaparte toma o poder na França, em 18 de Brumário (9 de novembro de 1799), M. Champagnat tem dez anos de idade. Na assinatura da Concordata, que oficialmente restaurou a Igreja da França, em 15 de julho de 1801, tem doze anos e 26 anos na época de Waterloo, em 18 de junho de 1815. Ordenado sacerdote em 22 de julho de 1816, ele é parte destes novos clérigos já mais velhos, cuja formação foi complicada pelas convulsões da época. Ele conhecerá ainda a revolução de julho de 1830, com a idade de 41 anos, dez anos antes de sua morte. Portanto, é um homem que teve, desde tenra idade, que aprender a viver e ter uma vívida consciência da fragilidade do mundo que o rodeia. Deus e Maria parecem ser seus únicos apoios sólidos.

1. Na página anterior:
Proclamação solene da Concordata de 1801

1.

JUVENTUDE DE M. CHAMPAGNAT SOB A REVOLUÇÃO E O IMPÉRIO (1789-1816)

Marcelino é originário do Rosey, aldeia de Marllhes (Loire)²¹, a 1000 metros de altitude. É um importante município rural na extremidade oeste da diocese do Puy²², somente a 23 km ao sul da cidade industrial de St Étienne. Uma “Estado da população da paróquia de Marllhes para o ano 1790”²³, realizada pelo pároco Alliot, dá um testemunho excepcional sobre a vida religiosa, social, demográfica e econômica desta paróquia de mais de 2700 habitantes, que compreende a Vila e em torno de 75 aldeias povoadas por 205 “proprietários”, em princípio cidadãos ricos; 125 “habitantes” de condições econômicas medíocres; 112 “locatários” pobres; 82 “granjeiros” ou “fazendeiros” de condições variáveis segundo a fazenda que gerenciam. Monsenhor Alliot assinala 186 domésticos, a maior parte jovem, e dezesseis artesãos ou artesãs de fitas. Mas, a fabricação de fitas, de fato, é uma atividade que as senhoras exercem em grande parte dos lares.

A vila, de 320 a 330 habitantes, apresenta uma relativa diversidade de atividades: 8 fabricantes de tamancos, 8 artesãos de fitas, 3 tecelões, mas também três tabeliães²⁴, 2 ajudantes de padeiros, 3 ajudantes de marceneiros, 1 alfaiate e 2 ajudantes de alfaiate, o pároco e seu vigário, como também um padre idoso, um ferreiro, 1 pedreiro, 1 sapateiro, 1 brigadeiro e 1 sub-brigadeiro de fazendas²⁵, 1 empregado, e 20 domésticos²⁶. No convento “da congregação das Irmãs de São

²¹ Uma meia hora de caminho a pé da Vila.

²² No Antigo Regime, a paróquia fazia parte da diocese do Puy.

²³ Archives Départementales de la Haute Loire, papiers Convers, 18 J 194. Publicados pela associação dos Amigos de Marllhes em 2004 sob o título *État de la population de la paroisse de Marllhes em 1790*.

²⁴ Dentre eles um, muito idoso, não exerce mais.

²⁵ Encarregado dos impostos.

²⁶ A associação dos Amigos de Marllhes efetuou um levantamento da população da Vila na mesma época, portanto sobre os 219 habitantes. Ela assinala 6 tamanqueiros, 2 sapateiros, 4 donos de tabernas, 2 carroceiros, 1 relojoeiro, 1 comerciante, 2 padeiros, 1 fabricante de cabos de facas, um artesão de fitas, 1 penteador de lã, 4 alfaiates, uma rendeira, 3 artesãs de telas, 1 fabricante de meias de lã, 1 pedreiro, 1 carpinteiro, 2 ferreiros, somente 3 empregadas e 3 diaristas.

José” residem nove irmãs, entre elas Jeanne Champagnat, 66 anos, e Thérèse Champagnat, 37 anos, tias de Marcelino Champagnat. Nenhum mestre de escola é relacionado, mas um Pierre Moine, casado, sem filhos, com Jeanne Bonnefoi, e proprietário, com 32 anos, parece ser o Barthélemy Moine, citado pelas fontes maristas, que ensina a Marcelino Champagnat durante algum tempo²⁷. Marlhès é, pois, uma paróquia típica da França rural do fim do século XVIII, com sua vila oferecendo serviços terceirizados e algum artesanato, enquanto que nas aldeias a ocupação principal é essencialmente a agricultura.

Quanto à aldeia do Rosey onde, em 1790, Marcelino Champagnat completou seu primeiro ano, ela compreende 10 “lares” e 65 pessoas. Encontramos aí 4 proprietários, 4 habitantes, 2 locatários e 1 granjeiro. Duas famílias atraem a atenção: a de Charles Frapa, que possui ao menos quatro empregados, e a dos Champagnat, que tem dois. Em duas famílias, dentre elas a dos Champagnat, um viúvo ou uma viúva partilha a casa da família, como era de uso frequente. Eis a lista completa dos membros da família Champagnat:

NOME	IDADE	COMUNHÃO	CONFIRMAÇÃO	SITUAÇÃO FAMILIAR	SITUAÇÃO SOCIAL
Marianne Ducros	1	+	+	Viúva	
Jean-Baptiste	47 ²⁸	+	+	Esposo	Proprietário
Marie Thérèse Chirat	42 ²⁹	+	+	Esposa	
Marie Anne	14	+			
Barthélemy	13				
Anne Marie	12				
Jean-Baptiste	10				
Marguerite Rose	6				
Jean Pierre	3				
Marcelin ³⁰	2				
Joseph Benoît ³¹					
Jean Pochon		+	+		Empregado
B(arthélem)y Bouvier	4	+	+		Empregado

²⁷ É normal que o pároco não mencione as atividades das Irmãs nem a profissão do professor porque estas atividades não eram remuneradas, mas obras de caridade.

²⁸ De fato, nascido em 1755, ele não tem mais que 35 anos.

²⁹ Nascida em 1746, ela tem 44 anos.

³⁰ A boa ortografia é esta. A duplicação do “l” é ilógica porque dá o som “èll”. Ela, no entanto, se impôs.

³¹ Nome acrescentado mais tarde.

Em nível religioso, vemos que a idade da comunhão é tarde: depois de 13 anos. A confirmação é o sacramento da vida adulta. Marlhes aparece como uma terra da cristandade, como consta do século XVIII francês, no qual historiadores veem o triunfo da reforma Católica marcado por um grau de sacramentalização e educação religiosa jamais alcançados no passado.

Embora de difícil acesso, o clima severo e a economia principalmente rural, Marlhes é um mundo administrativa e economicamente estruturado e um lugar de passagem, não insignificante, entre St Étienne e Le Puy. No entanto, neste mundo católico e de habitantes muito dispersos, estamos surpreendidos por não encontrar capelas de aldeias e



2. Casa da beata em Marlhes, aldeia de Lallier

apenas dois padres para o serviço da paróquia, certamente pesado, uma vez que é necessário não só presidir o culto, mas ainda visitar os doentes, dar a extrema-unção, batizar e catequizar as crianças. É verdade que as Irmãs de São José, na vila, vão catequizar e curar os doentes. As aldeias de Lallier³², Le Monteil, Montaron, Prelager beneficiam-se da presença de uma beata, piedosa filha solteira e sob o título de “irmã”, dedicada à educação de meninas e meninos da vizinhança, enquanto os forma na arte das fitas e tecelagem. Além deste sistema pastoral relativamente estruturado, os habitantes das aldeias praticam todos os tipos de artesanato (serradores, marceneiros...) e até mesmo a educação básica, como as orações e uma primeira catequese. Mas o que é a prática de domingo de uma população de pelo menos 1500 “comungantes” entre os quais muitos moram longe da vila? Pode-se supor que o afastamento, o clima e a necessidade de manter as fazendas tornaram difícil a presença em muitas missas dominicais.

³² As casas das beatas tinham na parte mais alta um sino para chamar para a assembleia. Em Lallier existe ainda hoje “uma casa de beata”. Informação fornecida cordialmente pelo Ir. Lucien Brosse.

Uma família pouco tradicional

João Batista Champagnat, pai de Marcelino, nasceu em 1752. Comerciante³³, desposou, em 1775, uma filha de comerciante, Maria Teresa Chirat, nascida em 1746, na mesma aldeia dele. Sua instrução está acima da média: ele domina bastante bem a ortografia, possui uma bela caligrafia e sabe falar em público³⁴. Em 1790 o pároco o menciona como proprietário. Ele explora também um pequeno moinho hidráulico³⁵. Como sua mulher, ele é membro da confraria dos penitentes do Santo Sacramento³⁶ e, sob este título, intervém nas querelas das partilhas para evitar os desgostos. O casal teve dez filhos, dos quais somente 7 atingirão a idade adulta. O quadro das cerimônias de batismo (todos os filhos foram batizados no dia de seu nascimento) nos dá precisões interessantes sobre a cultura da família.

NOME	DATA	PADRINHO	MADRINHA
1. Marie-Anne	11.12.1775	Charles Chirat, avô, abaixo-assinado	Marianne Bonnfoy, analfabeta
2. Jean-Barthélemy	12.03.1777	Barthélemy Chirat, tio, abaixo-assinado	Madeleine Champagnat, tia, abaixo-assinada
3. Anne-Marie	20.02.1779	Charles Chirat, (primo) irmão, abaixo-assinado	Anne-Marie Vachier, tia por aliança, analfabeta
4. Jean-Baptiste	11.09.1780	Jean-Baptiste Ducros, tio avô, abaixo-assinado	Marguerite Chirat, abaixo-assinada
5. Marguerite-Rose	20.02.1782	Jean-Pierre Ducros primo-irmão de Champagnat, assinado	Marguerite-Rose Courbon, tia por aliança de Champagnat, assinada
6. Marguerite-Rose, 2ª com este nome	01.08.1784	Pierre Ducros tio paternal do pai	Marguerite Chirat, tia maternal
7. Anne-Marie, 2ª com este nome	25.07.1786	Jean-Barthélemy, irmão da batizada não sabe assinar	Marianne Champagnat, irmã da batizada, não sabe assinar
8. Jean-Pierre	26.12.1787	Jean-Pierre Ducros, assinado	Marianne Champagnat, analfabeta
9. Marcellin-Joseph-Benoît	20.05.1789	Marcellin Chirat, seu tio	Marguerite Chatelard, prima por aliança
10. Joseph-Benoît	27.10.1790	Jean-Baptiste Champagnat seu irmão, não sabe assinar	Anne-Marie Champagnat, sua irmã, não sabe assinar

³³ Sua certidão de casamento, reproduzida na AA. T. 1, p. 4, indica que é comerciante.

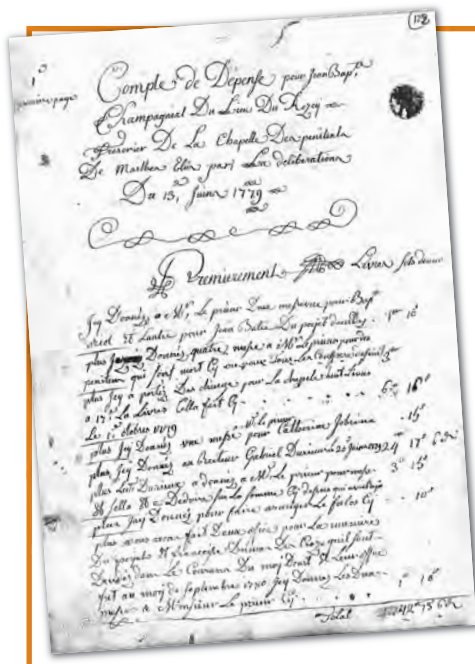
³⁴ MICHEL, Ir. Gabriel. "Les années obscures de Marcellin Champagnat", *Bulletin de l'Institut des Frères Maristes*, T. 26, p. 466, janvier 1965.

³⁵ Em *l'Abrégé des Annales*, p. 6, os certificados de batismo de seus filhos o designam como "lavrador".

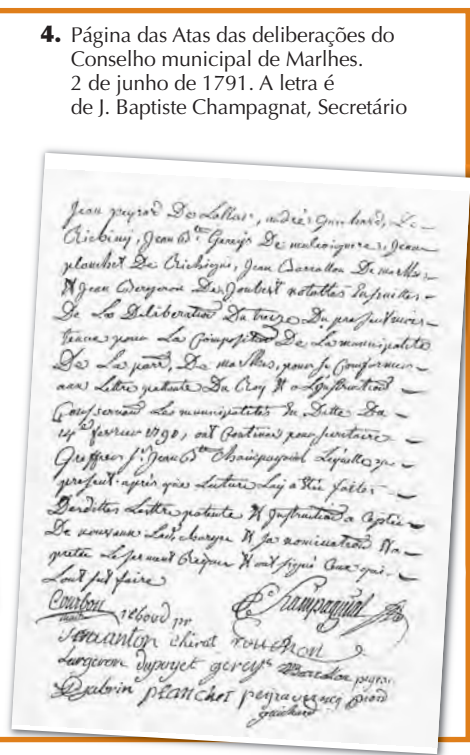
³⁶ ZIND, Pierre. *Bienheureux M. Champagnat. Son œuvre scolaire dans son contexte historique*. Roma: 1991, p. 177-178. "Nos papéis *Convers* (cote 18 J 194) no A.D. do Puy, o livro dos penitentes da paróquia de Marlhès menciona que foi recebido em 21 de junho de 1778 e seu filho João Bartolomeu, em 16 de outubro de 1803". A lista do catálogo dos Penitentes menciona "Maria Teresa, recebida em 8 de outubro de 1787".

Entre os dez padrinhos, seis certamente assinaram, e para duas outras as assinaturas são prováveis. Quanto aos dois padrinhos incapazes de assinar, são os irmãos da criança batizada, com idades entre 9 e 10 anos respectivamente. Do lado das madrinhas, três somente sabem assinar³⁷. A família Champagnat parece assim como uma daquelas inúmeras famílias francesas, cristãs fiéis, batizando seus filhos imediatamente após o nascimento, catequizando-os ou enviando-os para o catecismo. Os homens eram mais alfabetizados do que as mulheres. A aprendizagem da escrita, quando feita, é mais tarde.

Os talentos e a formação do pai permitiram, no início da Revolução, desempenhar um papel político: em 1791, ele foi nomeado secretário do município, depois eleito Coronel da guarda nacional do município de Marllhes. Em 1793 é responsável para confiscar os bens dos “rebeldes” de Lyon³⁸ e aparece como testemunha da “queima” dos títulos feudais. Parece ter sido pregador da Deusa Razão na igreja de Marllhes, transformada em templo decadário em 1794, mas julgado pouco vibrante pelas autoridades terroristas, recebeu a ajuda do primo mais radical Ducros, que, preso após a queda de Robespierre, será assassinado por um grupo de monarquistas em junho de 1795. Uma vez à margem da vida política, ele re-



3. Registro de gastos de J. Baptiste Champagnat, Tesoureiro da Capela dos Penitentes de Marllhes



4. Página das Atas das deliberações do Conselho municipal de Marllhes. 2 de junho de 1791. A letra é de J. Baptiste Champagnat, Secretário

³⁷ Esta lista das atas de batismo figura nos *Abrégé des Annales*. T. 1, p. 5-7
³⁸ A cidade revoltou-se contra Paris e sofreu um cerco severo.

tomou suas atividades logo após o golpe de estado de Frutidor (4 de setembro de 1797), que estabelece um novo terror. Nomeado em 29 de dezembro de 1797 presidente da administração municipal de Marlhes, ele aceita essa função, relutantemente, em fevereiro de 1798. Podemos arriscar de lhe atribuir o qualificativo um pouco contraditório de jacobino moderado porque este engajamento entre os revolucionários mais radicais não o impediu de acolher em sua casa sua irmã Luiza³⁹, antiga religiosa de São José, expulsa do seu convento, nem de tolerar missas clandestinas no território sob sua jurisdição e alhures como presa do banditismo e de intrigas monarquistas. Em todo caso, o pároco Alliot permanecerá na sua paróquia durante toda a Revolução e será substituído em 1822.

A situação em Marlhes parece próxima do que Maurice Agulhon descreveu em *Pénitents et Franc-maçons de l'ancienne Provence (Penitentes e maçons da antiga Provença)*⁴⁰, onde ele mostrou que executivos revolucionários foram muitas vezes fornecidos por estes lugares de sociabilidade masculina que eram as confrarias de penitentes, envolvidos em uma evolução política. Também assistimos à introdução do fenômeno de dimorfismo sexual típico do catolicismo francês do século XIX, em que o homem assume as funções políticas afastando-se da Igreja enquanto a mulher manifesta uma firme lealdade religiosa.

Quanto a Marcelino, baseado em sua Vida, ele teria ido tarde à escola e ficou lá por muito pouco tempo por causa da brutalidade do professor Barthélemy Moine, que pratica o método individual, combinando *laissez-faire* e brutalidade, como a maioria dos professores. Na verdade, Marcelino frequentou a escola o tempo suficiente para um bom conhecimento do catecismo antes da primeira comunhão⁴¹, aprendendo ao mesmo tempo a ler e, sem dúvida, começando a escrever. A recusa de Marcelino a continuar a frequentar a escola só se pode situá-la após a primeira comunhão, durante os invernos de 1802-1803 e 1803-1804.

Promoção social pela Igreja

O destino de Marcelino é alterado pelas consequências da Concordata de 1801: nomeado arcebispo de Lyon, o Cardeal Fesch, tio de Napoleão, quer expandir o recrutamento dos seminários. Zelosos sacerdotes também não esperaram: em áreas retiradas do Rhône e do Loire como em Verrières, Roche e Saint-Jodard, eles criaram pequenos seminários com equipamentos bastante rudimentares, mas estas instituições, pouco onerosas para os alunos, atendendo as necessidades de instrução de famílias⁴². O problema é encontrar os seminaristas; os professores percor-

³⁹ Seu nome de batismo era Luiza. Teresa é seu nome de religiosa. Ver *Vida de M. Champagnat*, nota 13, p. 4.

⁴⁰ Fayard, 1968, 452 p. Réédition en 2002.

⁴¹ Segundo a tradição, ela teve lugar em 1800, mas não existe documento provando esta data. Vimos que o costume era, sobretudo, de fazê-la pelos 13 anos, isto é, em 1802.

⁴² P. Zind, *Miscellanées Champagnat*, p. 157. Meximieux foi fundada em 1798 em Bény. Em Rhône, Saint Martin-en-Haut e Largentière tinham sido abertas respectivamente por 1800 e 1804; no Loire, funcionaram então três estabelecimentos: Saint Jodard começou em 1796, Roche em 1799, e enfim, o último de todos, Verrières em 1804.

rem as áreas rurais durante as férias. Na Páscoa de 1804, um padre⁴³ visita a casa da família Champagnat e Marcelino decide, não a ser padre, mas a estudar latim⁴⁴. Esta visita não foi feita sem o acordo do pároco Alliot, o que significa que as suas relações com a família Champagnat são bastante boas, apesar do compromisso revolucionário anterior do pai.

O visitante, portanto, oferece aos Champagnat uma inesperada oportunidade de educação para seu filho mais novo, com condições financeiras razoáveis. Além disso, três rapazes estão na fazenda e, de acordo com o costume, a propriedade será reservada para o filho mais velho. Ir para o seminário é preparar-se, sendo sacerdote ou não, torna-se uma situação honrosa e os interesses da família se juntam aos da Igreja. Mas esta mudança de vida parece vir basicamente de uma decisão de Marcelino, marcada por dramáticos acontecimentos familiares.

Esta visita ocorre após a morte de João Batista, o segundo filho, (23 anos) em 8 de agosto de 1803 e José Bento (13 anos) em 20 de dezembro. Ana Maria casou-se em 8 de fevereiro de 1804 e J.B. Champagnat, de repente, morreu em 13 de junho de 1804. Embora a família perdesse seu líder e vários dos seus membros e ela desse enfrentar dificuldades financeiras causadas pelo pagamento do dote e as demandas dos credores que estão correndo para fazer valer os seus direitos, o projeto de envio para o seminário não é questionado. Pode até ser que estes eventos desestabilizantes contribuíram para Marcelino passar de certa indiferença da juventude (ele até lá não visualizava outra coisa que ser um camponês) à idade adulta. E o choque é tão profundo que a resolução de estudar supera todos os obstáculos.

Quando ele recomeça seus estudos em 1804, Marcelino quer mesmo se tornar um padre? As intenções dele são certamente mais confusas. Além disso, a estratégia de professores de Verrières não é recrutar apenas para o sacerdócio, mas a reconstruir as elites cristãs enquanto lutava contra os liceus napoleônicos criados em 1º de maio de 1802 para treinar administradores e militares⁴⁵. E se Marcelino tem em vista a entrada no seminário, é que ele não perdeu, depois de longo tempo, o contato com a instrução, e que o seu nível de leitura e escrita não é tão má como relataram numa certa tradição. Portanto, ele vai se aperfeiçoar com Benoît Arnaud, seu cunhado, antigo seminarista que mantém em Saint-Sauveur-en-Rue um “colégio”, reunindo uma dúzia de alunos a quem ensinava leitura, escrita, aritmética, geografia, história, latim (*Vida*, p.11, nota 12). Em suma, o jovem Champagnat aproveita da rede bastante informal das escolas presbiterais, com “pedagogias” de

⁴³ Em OM4, p. 130, supõe-se que o recrutador é Jean-Jacques Cartal (1756-1840), sulpiciano, originário de Puy, então professor em St. Irineu. Outra hipótese pouco provável: M. Linossier que conhece Jean-Baptiste Champagnat, pois, quando era padre constitucional em Jonzieux, foi eleito com ele, em 17 de agosto de 1792, para designar os deputados da Convenção. Mas, ele é aleijado das pernas.

⁴⁴ Em *Miscellanées Champagnat*, p. 138, o texto diz que antes de falar com Champagnat, o sacerdote interrogou Jean Barthélemy e Jean-Pierre. Ora, o primeiro tem 26 anos e o segundo 16. Para um dos dois, pelo menos, a pergunta não faz nenhum sentido. De fato, Marcelino, que então tem 15 anos, é o único que pode ainda vislumbrar longos estudos.

⁴⁵ No relato da entrevista que decidiu a partida de Marcelino para o seminário (*Vida de Champagnat*, cap. 2, p. 10), o Ir. João Batista tende a amalgamar a vocação sacerdotal e o estudo do latim. Seu relato, manifestamente destinado a edificar, é historicamente pouco credível.

“pequenos colégios” que educam os alunos antes do seminário propriamente dito. Seu pai havia, sem dúvida, se beneficiado de semelhante rede.

Na *Vida do Fundador* (capítulo 2, p.11), o biógrafo menciona que, ao fim de um ano, Benoît Arnaud julga os resultados insuficientes e procura persuadir o jovem de renunciar ao seu projeto por causa de seus poucos resultados e diante dos riscos de uma despesa inútil para uma família endividada. Em seu testemunho no processo de beatificação⁴⁶, Julienne Epalle, de Marlhès, lembra uma tradição ao mesmo tempo próxima e diferente:

“Após um ano de estudos, o superior do pequeno seminário entendeu que o menino não tinha talento suficiente para continuar, o que entristeceu muito a Marcelino; mas sua mãe reforçou sua coragem dizendo: Faremos uma peregrinação a La Louvesc, e São João Francisco Régis te ajudará e eles te receberão de novo. De fato, o Superior o aceitou e este ano ele avançou duas classes”.

As duas histórias não são apenas uma, Julienne Epalle teria confundido o superior do seminário e Benoît Arnaud? Em todo caso, não resta sombra de dúvida que a primeira escolarização de Champagnat foi perturbada e que este relativo fracasso inicial marcou a vida de um jovem de uma grande sensibilidade. Ele mesmo o afirmou em diversas ocasiões. No entanto, em Verrières, sem ser brilhante, ele conseguiu seguir uma escolaridade normal. Na mesma época, João Maria Vianey, futuro pároco de Ars, encontrou na sua família e no despotismo napoleônico obstáculos muito difíceis de ultrapassar.

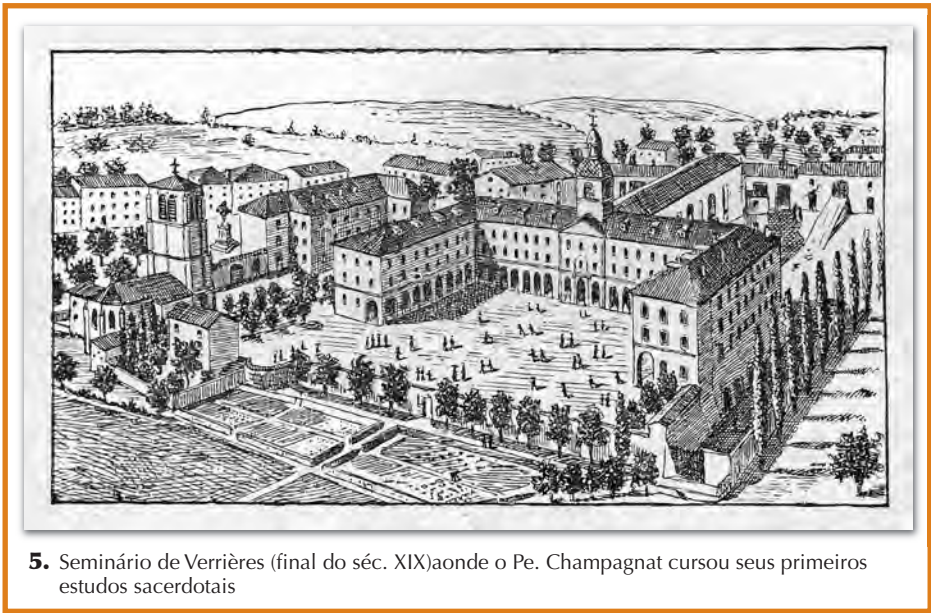
Seminário menor de Verrières

Marcelino Champagnat entra no seminário no dia de Todos os Santos, em 1805. Composto de 80 a 100 seminaristas, o estabelecimento é a extensão de uma escola presbiteral existente em 1803, em Firminy, perto de St. Étienne, e transferido com seu superior, o Pe. Périer, quando este foi nomeado pároco de Verrières. É somente em 1805, quando Marcelino lá entrou, que o Arcebispo reconheceu esta casa como pequeno seminário⁴⁷. É com sua poupança que Marcelino paga o seu enxoval. (*Vida*, p.12). O preço da pensão não é alto: 120 F. por ano, mas as condições de vida são duras: dorme-se em celeiros de duas casas ou nas casas dos moradores vizinhos. Não há nenhuma sala de jantar. A recreação é feita nos bosques ou junto com os trabalhos dos campos com os camponeses. O corpo docente é pobre: o superior, Pedro Périer, no mesmo tempo pároco do lugar, é assistido por um professor leigo e um clérigo tonsurado. É lá que, de novembro de 1805 a 1813, Marcelino Champagnat vai percorrer dez classes: desde as de iniciação até às de lógica⁴⁸. Mas, durante sua estada, o seminário passa por transformações substanciais.

⁴⁶ *Témoignages sur Marcellin Champagnat. Enquête diocésaine*, Roma 1991, transcrito e apresentado por Ir. A. Carazo, testemunho n°26.

⁴⁷ Arcebisado de Lyon, caixa A II 104.

⁴⁸ P. Zind, *Miscellanées Champagnat*.



5. Seminário de Verrières (final do séc. XIX) onde o Pe. Champagnat cursou seus primeiros estudos sacerdotais

Um relatório do Sr. Cabarat, datado de maio de 1808, dá ao seminário uma descrição precisa e forte crítica⁴⁹. Ele observou que, em 1807, Pe. Périer construiu um prédio de três andares para instalar uma cozinha e dormitórios. Todos os edifícios podem acomodar 160 a 180 seminaristas⁵⁰, mas a “vigilância não é rígida. A comunicação com pessoas externas é muito fácil. O número de camas é apenas metade do número de residentes”⁵¹. E “a fonte que fornece água à casa é do lado de fora, em um lugar público bem em frente à porta de entrada. Os jovens estão expostos a sair do estabelecimento sob o pretexto de ir buscar água”. Como “a cidade de Verrières é um lugar de passagem frequente” onde “há muitas tabernas”, é preciso “uma vigilância mais restritiva sobre a saída dos alunos”.

O Sr. Cabarat observa que: “o Pe. Périer se importa pouco com os estudos: ele se dirige com este objetivo ao primeiro dos professores”, ou seja, o Pe. Antoine Linnossier, de 46 anos, que chegou em junho de 1806⁵². Mas este está enfermo: “ele pode andar apenas com a ajuda de uma pessoa que o sustenta”⁵³. O corpo de professores se distribui assim⁵⁴:

⁴⁹ Arcebispo de Lyon, carton A II 104. Relato de M. Cabarat no arcebispado. Este relato não parece ter sido consultado anteriormente identificado pelos pesquisadores maristas.

⁵⁰ No momento da visita havia 183.

⁵¹ Isto significa que a outra metade se aloja junto aos habitantes como pensionistas.

⁵² Ver Cadernos Maristas n° 4, março de 1993, artigo do Ir. Gabriel Michel que lembra seu percurso caótico, marcado pela adesão à Igreja constitucional e depois pelo abandono do sacerdócio. Sua reintegração parece ter acontecido mais tarde.

⁵³ É, portanto, pouco provável que tenha sido ele quem recrutou M. Champagnat.

⁵⁴ Ver nos OM 1, doc. 9, um relato sobre o pessoal, que recorta muito este relato.

NOME E IDADE	STATUS	CLASSE	
A. Linossier 46 anos	Sacerdote	Humanidades (3º)	Enfermo
J.B. Nobis,	Tonsurado	4º "dito 3"	"Vivo, capaz, trabalhador"
Chomaras, 32 anos	Leigo. Fez a filosofia em Puy	5º	"Capacidade mediocre"
Breuil de Roche, 20 anos	Aluno do Santo Irineu	6º	"Capaz, piedoso e muito edificante".
M. Bachelard, 37 anos	Leigo. Apenas fez a filosofia	7º	"Trabalhador e capaz"
M. Chapuis, 21 anos	Leigo	8º	Deixou Verrières em junho de 1808.
Jean François Morlier, 23 anos	Subdiácono	Prefeito	

É, portanto, um corpo de professores um pouco heterogêneo como na maioria dos colégios do seu tempo. Provavelmente porque eles levam em pouca consideração o Pe. Périer, mais ocupado com os afazeres do que com a função de superior. "Em geral, os professores de Verrières parecem pouco afeiçoados a este estabelecimento. Há o Pe. Linossier que está contente. O Sr. Chomaras é indiferente. Outros pediram sua aposentadoria".

Em qualquer caso, as conclusões são graves: este seminário é mal governado e os estudos deixando bastante a desejar mesmo que "são um pouco fortificados" depois da chegada do Pe. Linossier. Mas o Sr. Cabarat reconhece: "No entanto, deve-se admitir que forma alguns candidatos para o sacerdócio, especialmente na classe dos nativos⁵⁵, entre os quais há os que, tendo sido educados por bons sacerdotes, conservam seus bons hábitos de virtude e que estão também interessados em trabalhar com toda sua força". Um período do seminário, datando de 1807-1808 (OM 1, p.139) também é muito crítico. Quanto às avaliações de Champagnat - então no sexto ano - são amenizadas: trabalho e capacidades são consideradas suficientemente boas, mas a conduta é apenas medíocre.

Uma nota do Inspetor um pouco mais tarde⁵⁶ descreve os seminários de Verrières e de Roches "situados entre montanhas áridas e de acesso difícil" (Monts du Forez). "A quase totalidade dos alunos destas duas casas pagam apenas uma pequena parcela da pensão que, em si, é bastante baixa: 300 F". Na verdade, apenas de 20 a 22 alunos em 170 pagam pensão completa⁵⁷. Mas considera que, apesar de grande po-

⁵⁵ A palavra pode ter dois sentidos: os seminaristas originários da região de Verrières ou, mais provavelmente, os que vêm do meio rural.

⁵⁶ Não datado, ela é posterior a 17/09/1808 e anterior a 15/11/1811. Paul Beaujard, *op. cit.*, p. 202-204.

⁵⁷ O relato do Sr. Cabarat indica um máximo de pensão de 24 F. por mês.

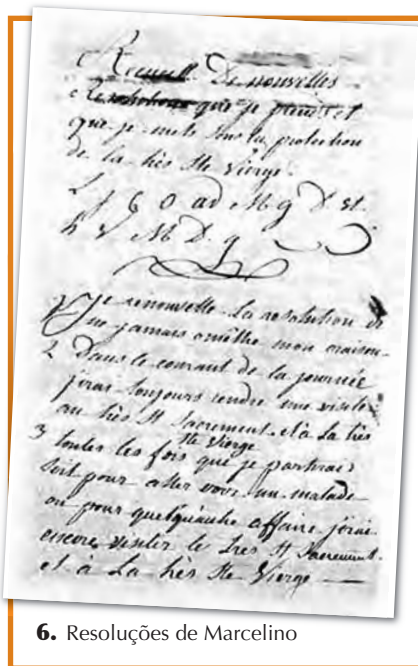
breza, os estudos em Roche são “bastante bons” e “muito bons” em Verrières. O Inspetor felicita o plano de estudos do Pe. Linossier, “professor de retórica cheio de conhecimento e talento”, diretor de estudos, que supervisiona a educação da escola de jovens clérigos que compõem o corpo professoral. Este plano dá o maior espaço ao latim no 8º; história e geografia são insuficientes e a matemática não ensinada. Isso à parte, o seminário tem o mesmo programa que os colégios.

O relatório do Sr. Cabarat, portanto, nos ajuda a compreender muitas coisas sobre a vida do jovem Champagnat em Verrières num seminário que, até perto de 1807, funciona de uma forma bastante anárquica e miserável. Este é, certamente, o momento a que alude o padre de La Valla, Pe. Bedoin, em um livro de memórias, criticando a Vida de Champagnat do Irmão João Batista⁵⁸ e relata certamente o testemunho de um colega:

“Em Verrières, M. Champagnat não era isento desta leviandade que aparece na maioria dos jovens e no decorrer de seus dois primeiros anos. Ele foi incluído no contingente da banda alegre⁵⁹. A morte inesperada de um dos seus colegas de classe e a repreensão salutar do abade Linossier, professor de retórica, foram a oportunidade e a causa da conversão forte e perseverante de M. Champagnat”.

Em suma, de 1805 a 1807, M. Champagnat leva uma vida de estudante, e, de acordo com este documento, a sua decisão de entrar no sacerdócio está localizada em 1807. Além disso, chegado aos 19 anos em 1808, Marcelino tem o privilégio de ser isento do serviço militar como um estudante eclesiástico (OM1, Doc. 12). Portanto, as autoridades diocesanas julgaram-no capaz e digno de se tornar um sacerdote.

Deve-se ligar este problema da conduta leviana de Champagnat à que relatou Julienne Epalle, Pe. Périer ou Pe. Linossier, ameaçando o jovem atordoado de ser mandado embora? Isso parece possível, mas seria bom situá-lo durante o ano de 1806-1807, o Pe. Linossier tinha chegado em junho de 1806. Marcelino teria tido dois problemas sucessivos: a dificuldade para estudar, com a intervenção de Benoît Arnaud e, em seguida, a conduta insuficiente, com ameaças do superior.



6. Resoluções de Marcelino

⁵⁸ AFM 151/1 n°1-2. Série “Documents Maristes” n° 1.

⁵⁹ *Témoignages sur Marcellin Champagnat. Enquête diocésaine*, transcritas e apresentadas pelo Ir. Agustin Carazo, Roma, 1991. Sr. Leflon na *Vie do M. Emery*, faz também alusão a uma “banda alegre” no seminário de São Sulpício, pouco antes da Revolução.

Mas o seminário tem não só uma banda alegre: como em um grande número de colégios e seminários, há pelo menos uma Congregação Mariana agrupando os seminaristas mais fervorosos. As resoluções de Marcelino Champagnat em 1810-1812⁶⁰: não mais voltar à taberna sem necessidade, fugir de más companhias e dar o catecismo para os pobres assim como para os ricos, refletem a pertença a um grupo deste tipo⁶¹. Durante o ano letivo de 1812-1813, a apreciação sobre Champagnat é boa quanto ao trabalho e o caráter, muito boa sobre a conduta, para a ciência ele ainda é fraco (OM 1 p. 161), mas está longe de ser o único⁶².

Seminário Santo Irineu: lugar de fervor e de resistência político-religiosa



7. Seminário Maior de Santo Irineu, em Lyon, aonde o Pe. Champagnat cursou a teologia entre 1813 e 1816. Estava situado na Praça Croix-Paquet, ao pé da colina “La Croix Rousse”

Na festa de Todos os Santos de 1813, Marcelino Champagnat faz parte do grupo de 84 novos estudantes ao seminário maior de Santo Irineu, na Croix Rousse, Lyon. Em 6 de janeiro de 1814, enquanto o Império desmorona, Marcelino recebeu as quatro ordens menores e o subdiaconato que o engaja definitivamente no sacerdócio. Napoleão abdica em 6 de abril de 1814 e o rei Luís XVIII entra em Paris em 4 de maio. No ano seguinte, Napoleão desembarca na França em 1º de abril, restaura o Império durante 100 dias, mas sua tentativa falha em Waterloo, em 18 de junho.

Em 8 de julho de 1815, o rei voltou a Paris em uma França invadida por todos os lados e promete uma longa ocupação por exércitos estrangeiros. É em tal at-

⁶⁰ Pierre Zind no *Bx M. Champagnat. Son oeuvre scolaire, op. cit.*, indica, p. 181, que sua primeira virada espiritual foi o chamado a ser sacerdote em 1804 e sua segunda virada são estas resoluções de 1812. Digamos que entre 1807 e 1812 ele realizou uma conversão que fez dele um seminarista em toda a acepção do termo.

⁶¹ É o primeiro documento que fez alusão a sua preocupação com a instrução do povo.

⁶² Uma das causas da fraqueza intelectual dos seminaristas reside na mediocridade do corpo de professores, frequentemente formado por seminaristas maiores sem experiência e de ciência curta.

mosfera de restauração e de ocupação estrangeira que Marcelino Champagnat foi ordenado com os colegas maristas em 22 de julho de 1816. No dia seguinte, eles vão a Fourvière, engajar-se pela consagração no projeto da Sociedade de Maria. A Restauração Real preenche os desejos de um grande número de seminaristas, incluindo Champagnat, sem dúvida⁶³, e influencia fortemente a fórmula da consagração sob a égide do papa e do “rei cristianíssimo”. É o fim de uma longa batalha da Igreja contra o despotismo imperial no qual o seminário de Santo Irineu desempenhou um papel importante.

Ansioso para pôr fim à Revolução, Bonaparte restaurou o culto católico e teve o cuidado para autorizar as ordens religiosas. Posteriormente, o Império irá manter uma profunda desconfiança de todos os grupos espontâneos de piedade e do apostolado, suspeitando de jesuitismo. Napoleão não estava totalmente errado em ter cuidado: a resistência católica sob a Revolução esteve muitas vezes fortemente apoiada pelas redes de sociedades secretas, oriundas de seminários ou de congregações marianas anteriores à Revolução. Duas congregações deste tipo, criadas no início do Império, são particularmente bem conhecidas graças a trabalhos já antigos. Geoffroy de Grandmaison⁶⁴ deu-nos o histórico da congregação dos jovens de Paris, completada por Leflon em sua biografia, já antiga, do Pe. Emery, superior do seminário de São Sulpício⁶⁵. Para Lyon, temos a história da Congregação dos jovens por Antoine Lestra⁶⁶. A ordem dos Cavaleiros da Fé, mais política e mais tardia (1810), foi descrita em 1949 por Guillaume de Bertier de Sauvigny⁶⁷.

No tempo de Champagnat e dos primeiros maristas, existia no Seminário de Santo Irineu a sociedade “Amigos do cordão”, cujo lema é tirado da carta de São Paulo a Timóteo 2, 3: “*Labora sicut bonus miles Christi Jesu*”. Não sabemos as regras, mas sabemos que é dedicado às obras de zelo (catecismo, visita aos prisioneiros e hospitais...) e especialmente que, quando da sua ordenação, seus membros tomam resoluções detalhadas, assinadas com seu sangue, que mostram que a sociedade é não somente para a duração do seminário, mas também para toda a vida. Pode ser mesmo que o tempo do seminário é considerado como uma espécie de noviciado, concluído ou não por resoluções que são equivalentes à entrada na vida religiosa, em um momento em que a autoridade civil proíbe congregações. Em outros lugares os Amigos do cordão visam contatos regulares com “amigos” selecionados e especialmente o projeto de agrupar os cristãos porque, “infelizmente, os ímpios se coalizam, os inimigos da Igreja fazem alianças, os maus se reúnem para arrancar de Deus as almas que Ele salvou”. O projeto espiritual tem, portanto, implicações sociais e políticas.

⁶³ Nas suas resoluções, Champagnat menciona orações “se o rei voltar” (sic) (OM 1, p. 196).

⁶⁴ *La congrégation* (1801-1830), Paris: Plon, 1889.

⁶⁵ Dois tomos, Paris, Bonne presse, 1944-46.

⁶⁶ *Histoire secrète de la congrégation de Lyon. De la clandestinité à la fondation de la propagation de la foi*, Nouvelles Éditions latines, Paris, 1967.

⁶⁷ Ir. de Bertier et l'énigme de la congrégation, 1948.

O Padre Pousset, uma vez aspirante marista, deixou-nos uma lista de 91 “amigos do cordão” ao longo dos anos 1805-1817. Temos muitos futuros sacerdotes do Chartreux⁶⁸ ou futuros maristas (Pierre Colin, Jean Cholleton), prelados e vigários-gerais (cardeal Villecourt, Simon Cattet...), missionário na América como Mathias Loras, Portier. No entanto, este ambiente não é impermeável e a mesma pessoa pode participar em diferentes graus, em vários grupos. Isto é o que mostra o senhor Pousset em sua autobiografia:

“No final de 1814 fui para o seminário de Santo Irineu, em Lyon [...] Falaram-me da Labora sicut b. &, da Congregação dos Reverendos Padres da Cruz⁶⁹, dos Mariistes⁷⁰. Eu assumi o compromisso com a primeira, dispus-me para a segunda e repugnei a última”.

Essas sociedades são concebidas antes de tudo como lugares de resistência ao “espírito do mundo”, onde se pratica o intercâmbio espiritual, orações, obras de caridade, mas sem excluir uma militância visando imediatamente fazer reinar o bom espírito no seminário e, em longo prazo, constituir redes de fervor sacerdotal.

O poder imperial pode tolerar sem grande dano uma resistência surda deste meio, mas tudo muda com a chegada das tropas francesas em Roma, no início de 1808, que abre uma nova guerra entre o Clero e o Império, marcado pela excomunhão do imperador, a prisão domiciliar de Pio VII em Savona, em 1809, e um concílio nacional em 1811-1812, pelo qual Napoleão quer submeter o papado. Todos esses eventos causam uma oposição católica surda, especialmente nos seminários. O Boletim da polícia de Lyon, em 31 de outubro de 1809⁷¹, observa:

“... Nasce uma geração eclesiástica que, por não ter tido esta experiência⁷², poderia ter sido afastada dos excessos e, infelizmente, foi educada nada de acordo com as opiniões do governo: todos aqueles que são formados no seminário de Lyon trazem do seio de suas famílias princípios ultramontanos e fanáticos que podem se tornar muito perigoso mais tarde [...]. É difícil para a autoridade civil avaliar exatamente o que se passa no interior do seminário; ela não pode conhecer a não ser os resultados; e eu devo dizer, eles não são bons”.

Esta opinião do chefe da polícia de Lyon reflete o que pensa o governo que decide assumir o controle dos assuntos eclesiásticos, particularmente suprimindo, em junho de 1810, a sociedade de São Sulpício, medida que terá seu efeito completo no final de 1811. Assim, a maioria dos seminaristas passa para a oposição político-religiosa, apesar dos esforços dos vigários gerais Fesch e, em primeiro lugar, Pe. Bochard. Durante os Cem dias (março-junho de 1815), o seminário de

⁶⁸ Sociedade de missionários estabelecidos em Lyon nos locais da antiga cartucha.

⁶⁹ Os Padres da Cruz de Jesus, discípulos do vigário geral Bochard, futuros Padres da Chartreux.

⁷⁰ “Mariistes” é o nome primitivo dos Maristas.

⁷¹ Arquivos Nacionais, F7 3811 e F7 8485 n° 5213.

⁷² Do clero do Antigo Regime.

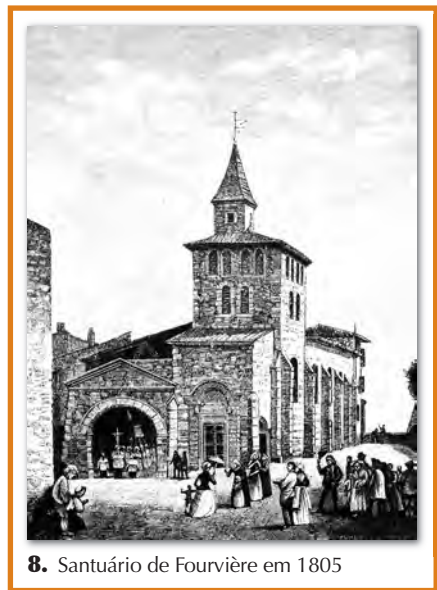
Santo Irineu torna-se um foco ardente de realeza⁷³. Quando o Cardeal Fesch vai lá, em 28 de maio de 1815, é muito mal recebido pelos seminaristas. Um deles chega ao ponto de escrever “viva o rei” sobre o carro no qual ele partiu. No entanto, esta vibração com a realeza deve ser amenizada porque os vigários-gerais de Fesch permanecem no local e governam em seu nome até 1824. Mesmo após esta data, monsenhor de Pins, administrador apostólico, terá que enfrentar uma forte oposição “feschista” e os Sulpicianos não recuperarão mais a direção do seminário⁷⁴.

Os seminários sulpicianos da época do Império em Lyon e Paris não são apenas lugares de estudos, mas abrigos de efervescência espiritual pela presença de numerosos pequenos grupos particularmente fervorosos. Os Sulpicianos e seus sucessores esforçam-se em aconselhá-los discretamente e oferecer-lhes perspectivas compatíveis com os objetivos da instituição religiosa e de preservá-los da melhor forma possível de uma deriva política demasiadamente forte. Mas nos anos 1814-1816 esse limite foi tranquilamente ultrapassado por muitos.

Surgimento do projeto marista (1816)

Foi durante esse período conturbado que Champagnat adere ao projeto da Sociedade de Maria que provém de um seminarista, um pouco exaltado e instável: Jean-Claude Courveille, antes seminarista em Puy. Courveille acredita ter recebido, em 15 de agosto de 1812, enquanto estava rezando na Catedral do Puy, a súbita inspiração para fundar uma Sociedade de Maria, destinada a substituir a Companhia de Jesus⁷⁵. Ele não pôde realizar o seu projeto em Puy, porque, natural da diocese de Lyon, é reinvidicado para a arquidiocese. Ele entrou, portanto, em Santo Irineu em 1814.

No decurso do ano escolar de 1815-1816 ele reuniu em torno a si, no seio de uma pequena sociedade secreta, uma dúzia de companheiros, incluindo Marcelino Champagnat, que visam regenerar



8. Santuário de Fourvière em 1805

⁷³ Coste e Lessard, *Origines Maristes*, T. 2, Roma, 1961, doc. 562 Testemunhos de Jean-Claude Colin sobre este episódio e doc. 767, extraído de Lyonnet, *Vie du cardinal Fesch*, T. 2, p. 576-580.

⁷⁴ Do qual é superior o Pe. Gardette, apenas agregado a São Sulpício.

⁷⁵ OM 2, doc 718/ 5.

a fé, não só na França, mas em todo o mundo, pela ação missionária, por meio de uma “árvore com três ramos”: padres, irmãs, ordem terceira. No dia seguinte à sua ordenação, 23 de julho de 1816, antes de se dispersar, uma dúzia de aspirantes maristas sobe a Fourvière, o santuário mariano de Lyon, e fazem o juramento “*Ad majorem Dei gloriam et Mariae Genitricis Domini Jesu honorem*” de fundar a Sociedade de Maria, sob os auspícios do Papa, do bispo ordinário (o Cardeal Fesch então no exílio) e “de nosso rei cristianíssimo”.

Este texto é claramente inspirado por São Paulo, particularmente em 2 Coríntios 2, 14, que exalta o ministério apostólico. É também no movimento da *Cidade Mística de Deus*, de Maria de Ágreda, religiosa espanhola do século XVII, que concebe Maria como inspiradora dos apóstolos da Igreja primitiva, sendo ela mesma a cidade mística descrita por São João no Apocalipse. Para os Maristas, sua Sociedade é o protótipo da Igreja reconstruída no final dos tempos, cópia fiel da Igreja primitiva estabelecida sob os auspícios da Maria⁷⁶.

As referências ao bispo ordinário, ao Papa e ao próprio rei muito cristão, são particularmente importantes. Eles demonstram junto aos primeiros Maristas a vontade de obediência às autoridades legítimas, em ordem decrescente: Jesus Cristo, o Papa, o bispo, o rei. A legitimidade deste último está claramente estabelecida na paz e na religião: dois critérios que trazem implícitos a condenação do regime anterior. É, portanto, uma sociedade missionária, ultramontana e monarquista que entrevê os Maristas na continuidade de uma Igreja refratária à Revolução e resistente ao Império. A restauração do poder pontifício e real é para eles o sinal de que se abrem novos tempos. Mas, Louis XVIII corresponderá mal à imagem do Grande Monarca restaurador da Igreja que eles esperavam.

Este projeto vem ao encontro da profunda sensibilidade de Champagnat. Com efeito, o primeiro texto de suas resoluções, 1810-1812 (OM1 doc. 17, p.154-156) já é significativo no espírito apostólico:

“Ó meu senhor e meu Deus, eu prometo não mais vos ofender [...] de nunca mais retornar à taberna sem necessidade, de fugir de má companhia [...], mas pelo contrário, dar bons exemplos [...] a ensinar o catecismo aos pobres assim como aos ricos”...

Esta resolução para dar o catecismo está ainda presente no regulamento das férias de 1814, nº 11: “*Eu instruirei os ignorantes, ricos ou pobres, no que diz respeito à salvação*”. E durante o processo de beatificação, Julienne Epalle irá testemunhar o zelo do seminarista⁷⁷ Marcelino: ele passa várias horas por dia educando os filhos dos vizinhos e, aos domingos, ele ensina o catecismo para adultos e crianças das aldeias próximas.

Há uma ligação entre essas atividades um tanto banais de um seminarista em férias e sua insistência de que a Sociedade de Maria em gestação preveja um ramo de Irmãos? Definitivamente sim. O mais antigo testemunho vem da memória Bour-

⁷⁶ Ver João Coste, *Une vision mariale de l'Église: Jean-Claude Colin*, Marística, Roma, 1998. O autor atribui unicamente a Jean-Claude Colin, fundador dos Padres Maristas, uma visão escatológica que me parece partilhada por todos os primeiros maristas.

⁷⁷ Positio XXXIX Testis, fol. 624, p. 71, citado como anexo na *Vida*, p. 31.

din (OM2 / 754), que começa por volta de 1830: “Em La Valla – Ramo previsto há muito tempo por M. Champagnat, depois que lhe foi confiado no seminário maior”. A *Vida* de Champagnat (1856) diz praticamente a mesma coisa, enfatizando, no entanto, a falta de entusiasmo de seus colegas em aceitar seu projeto. Os propósitos de Champagnat relatados pelo Pe. Maîtrepierre têm a intenção de bem relacionar o seu projeto com sua história pessoal:

“Eu sempre senti em mim uma atração especial por uma instituição de Irmãos; eu me (sic) uno voluntariamente a você e, se você considerar oportuno, encarregar-me-ei desta parte. E lhe foi atribuído este encargo. Minha primeira educação, disse ele – falhou (sic); eu serei feliz em contribuir para que os outros tenham em abundância do que eu fui privado” (OM 2, p.718, narrativa do Pe. Maîtrepierre, 1853).

Escrevendo ao rei Louis-Philippe em 1834 para buscar a autorização do Instituto, Champagnat já tinha dito:

*“Nascido no Cantão de Saint-Genest-Malifaux, departamento do Loire, eu não consegui ler e escrever a não ser com grandes penas, por falta de educadores capazes. Portanto, compreendi a necessidade urgente de criar uma Sociedade que pode, com menos despesas, fornecer às crianças das regiões rurais a boa educação que os Irmãos das Escolas Cristãs dão aos pobres das cidades”*⁷⁸.

Então, há uma forte convergência dos testemunhos: M. Champagnat visualizou muito cedo a criação de uma sociedade de Irmãos devido às dificuldades na sua educação. E ele se engaja no projeto marista, com a condição de que seus companheiros reconheçam a vocação própria de um homem que lastima as falhas na sua educação e de não ter recebido em sua família e sua paróquia a não ser um cristianismo superficial. Para ele, no contexto pós-revolucionário, a pastoral rural deve ser beneficiada com educadores cristãos dignos deste nome. Isto é confirmado pelo relato da *Vida* (p.28): “Precisamos de Irmãos para fazer a catequese, para ajudar os missionários, para a educação das crianças”.

Mas quando ele fala de Irmãos em 1815-1816, a que modelo ele se refere? Certamente aos Irmãos das Escolas Cristãs, mas estava consciente de que este modelo educacional urbano não pode ser aplicado tal como é para o mundo rural. O modelo jesuíta, em que os Irmãos auxiliares asseguram as tarefas materiais, mas também a catequese, poderia também tê-lo inspirado uma vez que era devoto de São Francisco Régis, que pregou missões duas vezes em Marlihes no século XVII, e de quem visitou várias vezes o túmulo em La Louvesc. Champagnat parece, como vários colegas da Sociedade de Maria, querer retomar a missão de acordo com o modelo jesuíta. Talvez mesmo vislumbrasse uma instituição para a formação de educadores à imagem das Damas da instrução de Puy, formando beatas para as paróquias do Maciço Central.

Uma coisa é certa: o projeto de missionário itinerante, querido pela maioria de seus outros companheiros maristas, parecia-lhe incompleto sem um laicato auxiliar altamente organizado. Além disso, já em 1816 existe uma defasagem ecle-siológica entre Champagnat e seus companheiros maristas.

⁷⁸ OM 2, doc. 755/1, p. 757.

O Ensino Mútuo contra o Ensino Simultâneo

Champagnat tem um motivo mais imediato para prover a fundação de um ramo de Irmãos: é o aparecimento no mercado da educação popular, a educação mútua que, durante os 100 dias, Carnot, Ministro do Interior, decidiu introduzir nas escolas primárias. Inspirada em Lancaster e Bell, dois ingleses, ela é defendida pela “Sociedade Nacional para a Propagação da Educação Elementar nas Escolas Pobres”, fundada pelo Barão de Gérando (1772-1842) (Zind, p.140).

Por meio desse método, acredita-se conseguir educar rápida e economicamente a grande parte dos pequenos franceses porque, teoricamente, um mestre é suficiente para várias centenas de estudantes, com mestres auxiliares, tomados entre os estudantes, assegurando a instrução de grupos de um mesmo nível. Os livros e cadernos são substituídos pela ardósia, o quadro-negro e tabelas impressas. A aprendizagem da escrita é feita ao mesmo tempo em que a da leitura.



Patrocinado pelos círculos liberais no início da Restauração e apoiado pelo governo de 1816 a 1820, o método mútuo irá despertar grande entusiasmo, mas também a oposição firme dos círculos conservadores e católicos favoráveis ao “método dos Irmãos” e condenando um método de origem estrangeira e protestante. A fundação de novas congregações de Irmãos será parcialmente causada por esta primeira guerra escolar. Voltaremos mais tarde sobre a suposição de uma ligação entre a intenção de Champagnat de fundar os Irmãos e o nascimento do ensino mútuo.

No entanto, se há certa diferença entre Champagnat e seus colegas sobre a missão, as suas resoluções e regulamentos refletem um acordo profundo sobre a natureza marial da sociedade. Enquanto nas suas resoluções de início ele

manifesta uma piedade clássica, suas resoluções de 3 de maio de 1815 contêm palavras bastante misteriosas⁷⁹:

“Santa Virgem, você sabe que eu sou seu escravo. Na verdade, não sou digno de um favor tão grande, mas é nisso mesmo que brilha sua bondade para comigo. Assim seja”.

Essa é uma alusão ao ato de consagração especial⁸⁰ revelando não tanto uma devoção como uma mística marial, também evidenciada por uma oração em Fourvière, em 1816, no momento em que Champagnat se prepara para assumir seus deveres de vigário:

“... Com vosso amparo quero trabalhar para a salvação das almas. Nada posso, ó Mãe de Misericórdia! Nada posso, eu o sinto. Mas vós podeis tudo, por vossas orações; Virgem Santa, deposito em vós toda minha confiança. Ofereço-vos, entrego e consagro minha pessoa, trabalhos e todas as ações da minha vida” (*Vida*, cap. 3, p.30).

Quando ele assumiu o cargo em agosto de 1816, na vila de La Valla, Marcelino Champagnat está, portanto, imbuído de um projeto pessoal (fundar uma sociedade de Irmãos) e incluído em uma ação coletiva: fazer acontecer a Sociedade de Maria. Ele passou sua vida para manter estes dois objetivos, que seus companheiros maristas e seus discípulos presenciam mais do que compreendem em profundidade.

⁷⁹ AFM 131.2. Publicado em *Documents manuscrits*, p. 13-19.

⁸⁰ *Dicionário de Espiritualidade*, T. 10, col. 461-462, artigo “Maria”: Esta devoção se manifesta primeiro na Espanha a partir de 1575 entre os franciscanos concepcionistas. Ela se difundiu da Espanha para a Itália, Holanda... e na França notadamente por Bérulle que preconiza o voto de servidão, T. 4, col. 1135-36; T. 8, col. 263. Ver também T. 14, col. 878 e 9, col. 1076 (Louis Marie Grignion de Montfort, *Le traité de la vraie dévotion à la Sainte Vierge*). Champagnat foi possivelmente inspirado pela obra de Boudon, grande representante da Escola francesa de espiritualidade e autor de: *Dieu seul ou le saint esclavage de l’admirable Mère de Dieu* (Paris 1667), que concebeu esta escravidão como uma vontade de engajamento absoluto a serviço de Maria. Em Verrières, João Maria Vianney fez parte de uma congregação da santa escravidão.

2.

A RESTAURAÇÃO (1815-1830) Fracasso de uma síntese político-religiosa

Fracasso de uma síntese entre o Antigo Regime e a Revolução

A ação dos primeiros Maristas ocorre em uma era altamente conflituosa: a segunda Restauração, que durou até a revolução dos “Três gloriosos” entre 27 e 29 de julho de 1830. Como seu nome sugere, é um momento político que visa restaurar a realeza, a Revolução sendo considerada pelo ultramarquistas como um parêntese fechado. Mas o rei e os monarquistas mais lúcidos sabem muito bem que o novo regime deverá ter em conta as conquistas fundamentais da Revolução.

Carta Constitucional de 1814: um compromisso mal acolhido

A Carta Constitucional de 4 junho de 1814 é um bom exemplo de transição entre o Antigo Regime e a Revolução. Assim, o rei garante igualdade civil, liberdade de religião, de imprensa... O código civil é mantido. Propriedades são declaradas invioláveis, o que tranquiliza os compradores de bens nacionais. É, portanto, um regime liberal para tranquilizar os franceses que, quase todos em diferentes graus, mergulharam na colaboração com a Revolução e o Império.

No entanto, já pelo nome, substituído pelo de “constituição”, a carta é vista como a continuidade do Antigo Regime. É datada de 19º ano do reinado, como se Luís XVIII tivesse reinado desde a morte de Luís XVII, filho de Luís XVI, morto em 1795. Esse programa é “concedido” e não é o resultado de uma negociação entre a nação e o governante na qual a pessoa é sagrada e goza de um poder muito amplo: todo o executivo e parte do legislativo e o judiciário. É uma monarquia limitada, mas não é uma monarquia parlamentar, mesmo que o Parlamento eleito no sufrágio restrinja os reais poderes.

Este compromisso se choca com a oposição virulenta dos ultramonarquistas que contestam o princípio de uma constituição, mesmo disfarçada sob a elegância de uma concessão real. Mais realistas que o rei, sob a direção do Conde de Artois, o irmão do rei, que se tornaria o Charles X, em 1824, realizam uma política de oposição com base em um sistema de pensamento extremamente coerente, alimentado por grandes pensadores como Bonald e de Maistre⁸¹.

Os Ultras baseiam sua filosofia na ordem natural, porque, como plantas, as nações são de lento processo evolutivo de acordo com a ordem natural e divina, quebrada pela tentativa da “mesa rasa” revolucionária. No entanto, os Ultras não são defensores da monarquia absoluta que, rebaixando os organismos intermédios e dando o primeiro lugar à nobreza, contribuiu para a catástrofe revolucionária. Seu modelo é uma Idade Média idealizada: um tempo em que a realeza paternal e cristã governou o povo com a ajuda benevolente da nobreza e do clero. Eles são, portanto, para a Comunidade (família, paróquia, organismo intermédio), contra o indivíduo e sentem o dever de “patrocínio” para as pessoas que ingenuamente acreditam que é seu suporte natural contra a burguesia podre pelo egoísmo, a incredulidade, o compromisso com a Revolução.

Numerosos Ultras de 1815 a 1830 juntaram-se aos Luminosos antes de 1789, mas as desgraças que viveram (exílio, as execuções de seus entes queridos, perda de bens...) trouxeram-nos para a religião, seja por convicção ou porque eles consideram a Igreja como uma força para a ordem social, que precisa ser restabelecida em seus direitos, suas dignidades e posses. Além disso, sua resistência vitoriosa à Revolução, seus muitos mártires, o cativo do Papa Pio VII, deu-lhes considerável prestígio. Para Joseph de Maistre, um dos mestres a inspirar os Ultras, o Papa é a chave para uma nova ordem europeia face à subversão revolucionária retransmitida pelo liberalismo. Luís XVIII manteve-se um rei cético, esforçando-se para reduzir a influência ultra, mas o Conde de Artois, futuro Charles X, líder do partido ultra, será devoto. Em 1824 ele será coroado em Reims.

Estabeleceu-se, portanto, entre o partido ultra e o clero uma ligação vital que denunciará os Liberais com um frenesi sem escrúpulos. Foi “a aliança do trono e altar” ou, dito mais vulgarmente, “o sabre e o aspersório”. Com efeito, grande parte do clero é imerso no mesmo universo mental que os Ultras, a teologia e a eclesiologia, baseadas nas ideias da autoridade divina e da hierarquia predispondo os clérigos a entrar numa filosofia política que lhes parecia eminentemente compatível com a doutrina da Igreja.

Por isso, reina entre a Igreja e os Ultras uma ambiguidade: se estes querem reconstruir um regime político, aqueles querem realizar uma grande recristianização. Igreja e Ultras são, portanto, aliados, mas cada um usando o outro para o benefício dos seus próprios objetivos. Além disso, é fato que todo o clero mergulhe no espírito Ultra: muitos sacerdotes ainda estão imbuídos do espírito do Antigo Regime, galicano ou mesmo “jansenistas” e inimigo dos excessos. Os Liberais também vão

⁸¹ RÉMOND, René. *Les droites en France*, ch. 2. Paris: Aubier, 1982, p. 46-71: 1815-1830. L’ultra-cisme, extrémisme et tradition.

fazer a diferença, de maneira caricatural na maioria das vezes, entre o antigo clero, moderado e galicano e o novo, julgado, de forma um tanto precipitada, um pouco exaltado, ignorante, ultramontano. É conveniente não esquecer que o clero é constituído de muitos antigos bispos e sacerdotes constitucionais.

O tempo fez também evoluir os clérigos. Por exemplo, se os primeiros Maristas de 1816 estão imbuídos de uma mística muito carregada de realza, eles evoluem gradualmente em direção a uma atitude mais flexível por causa de dois fatores: a decepção com um regime que é menos favorável do que eles esperavam; e um grande realismo que permite que eles vejam que as massas populares não são aquelas que os Ultras imaginam. Se a monarquia de julho, nascida da revolução de 1830, não os alegrará em nada, é porque durante muito tempo pensaram em encontrar uma monarquia ideal. Eles passam de um romantismo católico e real para um espírito missionário relativamente autônomo de um poder político.

Finalmente, o Império, apesar de seu despotismo, não deixou somente lembranças ruins. Ele teve, entre outras coisas, o mérito de separar a causa da Igreja daquela da monarquia. Mesmo que esta política tenha sido arruinada a partir de 1808 e especialmente de 1811 a 1814 pelo endurecimento do regime, grande parte das elites eclesíásticas, que testemunharam os regimes se sucederem em ritmo acelerado por vinte e cinco anos, permanecem reservadas em relação ao poder real, no qual a solidez e apoio à Igreja não são seguros.

É significativo que, na diocese de Lyon, uma das primeiras da França, os vigários-gerais do Cardeal Fesch, tio do Imperador exilado em Roma, continuaram a governar a diocese em nome dele até 1824, momento em que as manobras do clero Ultra conseguem fazer nomear um administrador apostólico, Monsenhor De Pins, que deverá suportar, durante sua administração (1824 a 1840), a silenciosa oposição de alguns de seus sacerdotes.

Grandes fases do jogo político

A Revolução guardou em alguns meios populares urbanos e em parte da elite burguesa grande prestígio, mesmo que o Jacobinismo terrorista permaneça uma página asquerosa em uma França cansada de guerra, de despotismo, e mantendo do terror revolucionário uma lembrança horrorizada. Por outro lado, embora pouco contribuísse para glorificar a Revolução, as sociedades rurais temem o retorno do dízimo e a dominação senhorial. Finalmente, o espírito revolucionário e o bonapartismo permanecem entre veteranos das guerras da Revolução e do Império. Então, é um verdadeiro arrependimento do regime anterior e desconfiança do novo, permitindo o retorno de Napoleão em 1815 e, em seguida, uma resistência tenaz ao novo regime. Também o espírito da Revolução é perpetuado pelos liberais que são a favor, em 1789 (os Direitos Humanos...) e contra, em 1793 (o Terror). Se os Doutrinários veem na Carta um compromisso aceitável, os mais radicais não aceitam nem a Carta nem os Bourbons. E eles serão suficientemente fortes e hábeis para fazer um espaço para a tentativa Ultra e fazer cair o regime em 1830 com a ajuda das massas populares parisienses.

A Restauração será um conjunto de variações entre uma interpretação Ultra da Carta, que terá como objetivo reduzir os aspectos liberais e uma interpretação liberal que quer uma ampliação rumo a um sistema parlamentar. De setembro de 1815 a setembro de 1816, a “câmara preciosa” ultramonarquista lidera uma política de reação. É a vez do “Terror Branco” com perseguição, e às vezes assassinatos de partidários do Império e da Revolução, enquanto a França é ocupada por tropas estrangeiras. Luís XVIII terá de abdicar de uma câmara para a realeza comprometida.

De 1816 a 1821, os ministérios Richelieu e Decazes são mais moderados, até mesmo liberais. Mas o assassinato do Duque de Berry, herdeiro do trono, em fevereiro de 1820, permite uma violenta reação antiliberal. Villèle, um ultramontano moderado, lidera de dezembro de 1821 a janeiro de 1828, uma política conservadora gradualmente prejudicada pela chegada de Charles X em 1824. O Ministério de Martignac (janeiro de 1828 a agosto de 1829) conduz uma política liberal sobre a educação na luta contra os jesuítas e os seminários, mas deve render-se a um ressurgimento da mente Ultra. De agosto de 1829 a agosto de 1830, o Ministério Polignac, composto de Ultras incondicionais, apoiado pelo rei, faz um confronto com a Câmara dos deputados e tem seu êxito na revolução parisiense liberal e republicana de 27 a 29 de julho de 1830, também conhecidas como “Os Três Dias Gloriosos”.

A longa tentativa de conciliação entre o princípio monárquico e a nação venceu. A Revolução de julho de 1830 é a vitória da nação sobre a herança monárquica. O clero, que apoiara em grande parte uma forma de regime, garantindo o princípio da autoridade e lhe deu o status de religião de estado, fará também o cálculo dos custos da derrota. Reduzido sob a Monarquia de julho à “religião da maioria dos franceses”, após uma onda de anticlericalismo popular, a Igreja chegará a uma abertura social e pastoral, antes em grande parte iniciada durante a Restauração, para restaurar sua imagem. Mas uma boa parte de seus membros permanece ligada à Legitimidade que lhes parecia o único regime capaz de conciliar ordem e liberdade. A vitória liberal de 1830 aparece para muitos como um ressurgimento da Grande Revolução, levando o país à ruína moral.

As Congregações sob a Restauração

Pelas razões anteriormente evocadas, o tempo da Restauração está, portanto, longe de ser favorável à Igreja. No entanto, imbuído de galicanismo, o regime cuida para não suprimir a Universidade fundada por Napoleão e pôr em causa a Concordata de 1801. Seus governantes permanecem cautelosos em relação às ordens e congregações religiosas, mesmo se eles toleram a reconstituição dos jesuítas em 1814 e reconhecem, por decretos, em 1815-1816, quatro congregações (Sulpicianos, Lazaristas, Espiritanos, Missões Estrangeiras de Paris), além dos Irmãos das Escolas Cristãs, integrados à Universidade em 1808. A lei de 2 de janeiro de 1817 subordina todos os outros reconhecimentos à votação de uma lei, de maneira que as novas congregações de homens terão de se contentar com um decreto de associação de utilidade pública. Para as mulheres, a situação é muito mais flexível.

Ao longo do século XIX, um grande número de congregações femininas obterá sua autorização. É, portanto, durante este período que se multiplicam as sociedades masculinas, entre as quais os Maristas (1816-17) e se reconstituem as antigas ordens como os Jesuítas, os Trapistas, os Lazaristas... E esta explosão congreganista explica-se principalmente pelo dinamismo de uma Igreja forte em suas provações e pelo seu dinamismo.

A chance das congregações de Irmãos, é que no final do Império, as autoridades tomam consciência do atraso francês na educação elementar em relação ao resto da Europa e devem fazer um chamado de urgência a todas as iniciativas para remediá-lo. Eis porque a Restauração publica 10 ordenanças sobre a educação primária (Zind, p.218), a mais importante e a primeira, de 29 de fevereiro de 1816, organiza, enfim, a educação primária (Zind, p. 220).

O artigo 14 afirma: “qualquer município está autorizado a providenciar que as crianças que nele habitam recebam educação primária e que as crianças indigentes a recebam gratuitamente”. Mas esta obrigação não prevê nenhuma sanção e os pais não são obrigados a enviar seus filhos à escola. Para ter o direito de ensinar, o candidato deve apresentar ao reitor da Academia dois certificados de boa conduta: um emitido pelo prefeito, o outro pelo pároco, e, após avaliação, receber um “certificado de competência”. O certificado de 3º grau garante que o candidato sabe ler, escrever e redigir o suficiente para ensinar. O de 2º grau certifica que o



11. “Brevet” de 1812



12. "Brevet" do Ensino Médio do Ir. Francisco

candidato sabe a ortografia, a caligrafia, as 4 operações básicas de cálculo e o método simultâneo. O de 1º grau, muito mais raro, pressupõe o conhecimento da gramática francesa, a aritmética "dos princípios" - ou seja, raciocinar - de noções de Geografia e de topografia e outros "conhecimentos úteis" como o cantochão, o desenho linear. Embora não mencionado no decreto, o catecismo faz parte do exame e o artigo 30 estabelece que a educação primária deve basear-se na religião, respeito pelas leis e o amor ao soberano.

As escolas municipais estão sob a autoridade dos "Comitês cantonais gratuitos e de caridade", incluindo o pároco cantonal, o juiz de paz cantonal e o diretor do colégio, se houver um. Três ou quatro membros são selecionados pelo reitor da Academia que está envolvido com a nomeação de professores municipais e pode revogá-los. E o artigo 36 afirma: "qualquer associação religiosa ou caritativa como a das Escolas Cristãs pode ser admitida para fornecer, em termos acordados, mestres para os municípios que pedirem, desde que esta associação seja autorizada por nós". O artigo 37 prevê mesmo que estas associações, e especialmente os seus noviciados, podem ser sustentados pela Educação Pública.

Estes dois artigos são, pois, um incentivo para a fundação de congregações de Irmãos que se beneficiarão do reconhecimento oficial. Pelas razões que discutiremos mais adiante, os Irmãos Maristas não poderão gozar desta vantagem. Mas pode-se perguntar se esta ordem emitida no momento em que é constituído o grupo dos primeiros maristas não é uma das fontes do desejo de M. Champagnat de fundar os Irmãos.

A lei de 10 de março de 1818 (Lei Gouvion Saint-Cyr) sobre o recrutamento do exército contribui para encorajar os candidatos para o ensino. Seu artigo 15 prevê isenção para seminaristas, estudantes de escolas normais e outros membros da Educação Pública, comprometidos em dedicar-se durante 10 anos à educação. A medida é aplicável aos Irmãos das Escolas Cristãs e a todas as associações de Irmãos reconhecidas pelo Estado. Para outros, ela prevê um serviço militar de 7 anos por sorteio (Zind, p. 234), aqueles que tiram um bom número são dispensados. Sob a Restauração, os Irmãos Maristas, não reconhecidos, evitarão tirar a sorte, fazendo-se passar ora por Irmãos das Escolas Cristãs com a aprovação tácita das autoridades, ou endossando o compromisso de dez anos, desde que munidos de um certificado. Sob a Monarquia de julho, menos favorável, M. Champagnat enviará seus Irmãos submetidos ao serviço militar obrigatório com os Irmãos da Instrução Cristã de St Paul-Trois-Châteaux que possuem a autorização.

No que se refere ao sistema de formação de professores, ela é ainda mal conectada de sua matriz eclesial. Durante a Restauração, não é incomum que autoridades civis estejam considerando a formação de associações de irmãos ou que as congregações já estabelecidas queiram estabelecer escolas normais departamentais ou regionais. Para a formação dos mestres, são usados sem distinção os termos “noviciado” ou “escola normal”. Os dois termos não se distinguirão a não ser sob a Monarquia de julho, uma vez que o Estado considerará que as escolas normais dependem do próprio Estado.

Por outro lado, no seio das autoridades acadêmicas (reitores), nos Conselhos Gerais dos departamentos, têm assento muitos defensores de congregações, por razões ideológicas (os Ultras) ou por puro pragmatismo, porque as associações de irmãos deveriam fornecer professores melhor preparados do que o meio leigo. É preciso levar em conta também as circunstâncias políticas: entre 1821 e 1828, a França é governada pelos Ultras que nomearam em posições-chave homens do seu grupo. Quanto aos outros funcionários, seja por conveniência ou por convicção, eles seguem a política dos de cima⁸².

Tipologia dos fundadores dos institutos de Irmãos⁸³

Apesar de tudo, a Restauração foi capaz de manter uma política escolar bem favorável à educação popular. É por isso que quase todas as congregações de Irmãos e um grande número de congregações de Irmãs nasceram entre 1815 e 1830. E seus fundadores, apesar das grandes diferenças, estão imersos em um estado de espírito que poderia ser esquematizado de acordo com alguns grandes eixos:

- 1 – Uma espiritualidade refratária e marcada pelo pessimismo: a Revolução foi uma época de corrupção geral. Necessita-se, portanto, para renovar

⁸² Um exemplo: o inspetor Guillard, em 1822, na academia de Lyon (Origens Maristas, T. 1, doc. 75)

⁸³ Conforme Pierre Zind – Ir. Louis-Laurent, fms.

a Igreja e a sociedade, de homens imbuídos de grande espírito de sacrifício e um zelo a toda prova.

- 2 – O evento revolucionário é apenas o último ato de uma longa série de desastres inaugurado pela Reforma e continuado pelos Iluministas. Para alguns deles, a Revolução foi uma manifestação do Anticristo e os combates dos últimos tempos estão próximos. Este pensamento é frequentemente combinado com uma mística Mariana: Maria Imaculada, vencedora do demônio, apoiando seus fiéis nos últimos combates.
- 3 – Sua ação é parte da tradição missionária dos séculos XVI-XVII. Todo mundo quer imitar as missões e os colégios jesuítas ou os Irmãos das Escolas Cristãs, mas adaptando o modelo para novos tempos. Antigas ordens também são uma fonte de inspiração com seus ramos masculinos, femininos e suas ordens terceiras. Surgem daí sociedades complexas, buscando atingir todas as camadas da população.

Depois de 1830 há poucas fundações de congregações de Irmãos. É por isso que Pierre Zind, seu historiador, conclui sua tese limitando sua pesquisa até o ano de 1830. Filosoficamente tradicionalistas, estes fundadores são eclesiologicamente inovadores, por isto as congregações de Irmãos reivindicam para os leigos um lugar maior no trabalho de reevangelização da França. E finalmente, esses homens são ao mesmo tempo e em graus diferentes, carismáticos, pastores-administradores e políticos.

Uma primeira geração, nascida nos anos 1759-1767, chegou ao sacerdócio em 1783-1795. Estes homens que conheceram o Antigo Regime estão, sob a Restauração, já envelhecidos, mas cheios de experiência e preocupados em restaurar as obras pastorais (confrarias, congregações, peregrinações, missões) adaptadas à época. Neles o aspecto carismático é menos acentuado que a preocupação pastoral e o sentido político. Monsenhor Bochard, fundador dos Irmãos da Cruz de Jesus na diocese de Lyon, seria um bom exemplo deste tipo de homem.

A segunda geração (1787-1799) nasceu mais ou menos com a Revolução e nela passou grande parte de sua infância. Seus protagonistas pertencem geralmente a famílias resistentes à Revolução, que não é o caso de M. Champagnat, mas de J. C. Colin, por exemplo, seu companheiro marista. Sua formação sacerdotal sob o Império foi de certa maneira remediada, porque a rede de seminários funcionava em condições difíceis, com uma equipe improvisada, mas marcada pelo espírito de resistência à Revolução. Eles têm acesso ao sacerdócio, no final do Império, ou no início da Restauração e assim começaram o seu apostolado em um momento de reconstituição das velhas ordens e a criação de muitas sociedades missionárias. Estes são, muitas vezes, primeiro de tudo carismáticos, que vão se tornar no futuro os administradores e os políticos. Champagnat é um exemplo típico desta geração. Jean-Marie de Lamennais, nascido em 1780 e ordenado no início do Império, é o único que fará a ligação entre as duas gerações de fundadores.

Geografia e tipologia dos institutos de Irmãos

Há uma importante conexão entre o mapa das fundações das congregações de Irmãos e aquele dos redutos onde a opinião é maciçamente do espírito Ultra. Ambos formam um grande arco na periferia da França: Bretagne, Vendée, Aquitaine, com Bordeaux, primeira cidade a acolher os Bourbons e os Aliados em 1814, a Provença. A borda do Maciço Central com Lyon como a capital é, um pouco como a Bretagne, um lugar de confronto entre um forte partido Ultra em oposição a um poderoso partido liberal. No Leste, em Lorraine e Franche-Comté existem pequenos focos de realza de sensibilidade Ultra.

Mas essa conexão é predominantemente de natureza religiosa e cultural do que política. Estas terras monarquistas foram primeiro as de resistência à descristianização e ao despotismo imperial. Além disso, recentemente anexadas à França, elas têm mantido uma forte desconfiança do poder central e o ultramonarquismo aparece em 1815, como garantia da liberdade provincial contra o centralismo parisiense.

O especialista das congregações de Irmãos, Pierre Zind, desenvolveu uma tipologia sofisticada, mas muitos fundadores têm o mesmo objetivo: tocar, logo que possível, o grande número de meninos dos meios populares rurais o mais frequentemente, reformando a velha fórmula do clero secular ou buscando transformá-la mais radicalmente.

De acordo com as regiões e os temperamentos dos fundadores, as congregações de Irmãos inclinam-se, maiormente, para o modelo dos Irmãos das Escolas Cristãs, como os Pequenos Irmãos de Maria, ou para a tradição do clero secular, como os Irmãos da Instrução Cristã de Ploërmel. Duas características principais podem distinguir as duas tendências: por um lado, as funções de cantor, sacristão, organista, aceitas pela maioria tradicional, rejeitada por outros; por outro lado, a comunidade independente, exigida pelos inovadores enquanto os tradicionais imaginam o Irmão sozinho, vivendo com o pároco.

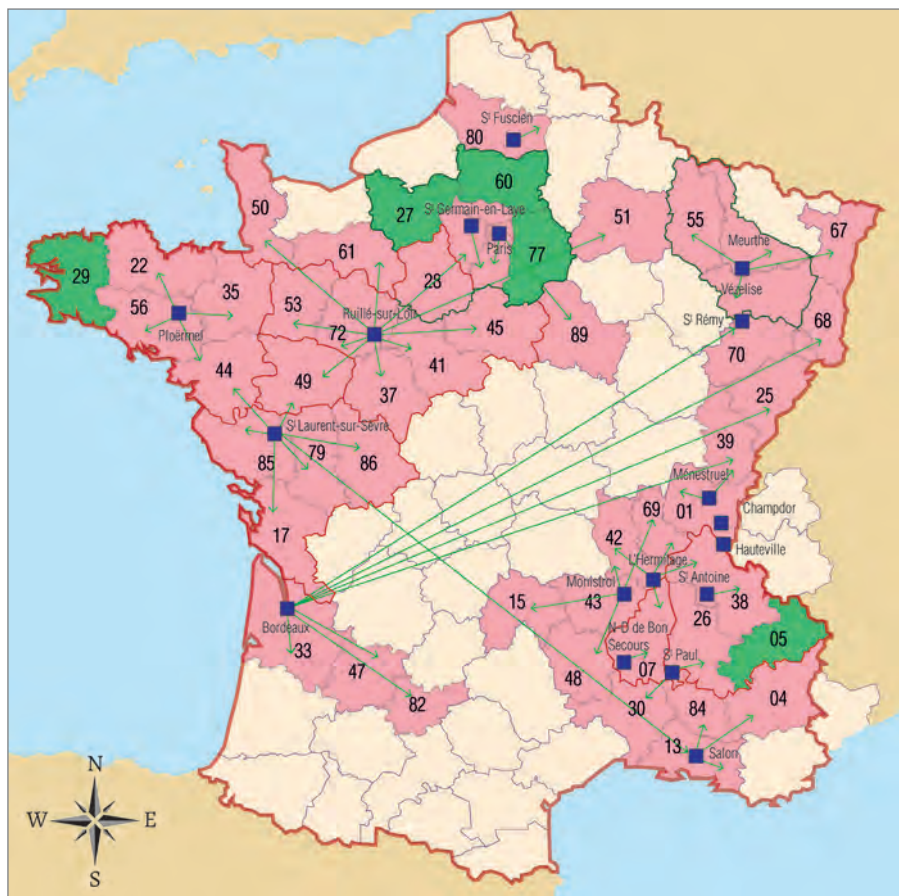
Negando que seus Irmãos sejam sacristães ou cantores, e agrupando-os em comunidades autônomas, Champagnat é, sem dúvida, parte dos inovadores. Mas parece que optou por este modelo somente após 1830. Além disso, os projetos originais rapidamente são desafiados pela experiência e, finalmente, as congregações que têm sucesso são aquelas que mais ou menos estão em conformidade com o modelo dos Irmãos das Escolas Cristãs. Para a opinião pública e mesmo para a administração civil, essa complexidade aparece pouco: todos estes homens vivem em comunidade, com o hábito se assemelham muito (batina, rabat) e dedicados à educação popular dos meninos, são os “Irmãos da Doutrina Cristã⁸⁴”.

O tempo da Restauração é, portanto, um tempo privilegiado para o desenvolvimento de uma fórmula de compromisso ao mesmo tempo religiosa e pedagógica gerada muito antes por J. B. de La Salle. Após a Revolução de 1830, e especialmente a Lei Guizot (1833) que cria uma escola normal para meninos por departa-

⁸⁴ O Atestado de óbito do Ir. J. P. Martinol, primeiro falecido do Instituto, morto em Boulieu, em 29 de março de 1825, o registra como “Irmão da Doutrina Cristã” (Prefeito de Boulieu, 28 abril de 1825).

Mapa 1. As novas congregações de Irmãos professores em 1828

A Sociedade de Maria de Bordeaux e os Irmãos do subúrbio Saint-Antoine são reconhecidos em toda a França como os Grandes Irmãos de J.B. de La Salle



Os departamentos 05, 27, 29, 60 e 77 atribuídos por prescrição às congregações provinciais não tinham ainda escolas de Irmãozinhos.

■ Noviciados principais

mento, este caso de confusão entre associações religiosas de Irmãos e professores leigos será eliminado gradualmente.

Então, a aliança do trono e do altar sendo quebrada, o Estado reivindica seu próprio corpo docente, enquanto as congregações de Irmãos, fortemente influenciadas pelo modelo monástico, tendem a reforçar sua vida conventual. A consti-

tuição de um corpo de professores do sexo masculino, por vezes leigo e controlado pela Igreja, fracassou parcialmente. Ao contrário das congregações femininas que assegurarão o essencial da educação de meninas e da assistência caritativa, as congregações de Irmãos permanecerão largamente minoritárias no grupo de professores do sexo masculino e da assistência social.

A corrente Congreganista começou no século XVII e explodiu no início do século XIX, portanto, apresenta imagens contrastantes entre homens e mulheres. Podemos ver aí causas múltiplas, porém a mais fundamental poderia ser antropológica: as mulheres eram reconhecidas pela sociedade como “naturalmente” capazes de exercer a caridade e a educação. Além disso, para o clero, o Irmão não era genuinamente uma vocação, mas um status auxiliar mal definido: continua a ser um clérigo leigo. Para a opinião pública, a educação dos filhos não é ainda considerada uma profissão propriamente dita.

Em suma, sem estatuto claro, reconhecidas pelo Estado apenas como associações, percebidas pela sociedade como grupos dedicados a uma tarefa subalterna, as congregações ensinantes de Irmãos sofrem uma vaga e pouco prestigiada identidade: nem leigos, nem clérigos, mas um status auxiliar mal definido. Ao contrário das Irmãs que desfrutam de uma identidade forte, os Irmãos constituem grupos frágeis cujos membros são constantemente divididos entre retornar a ser leigo, aceder ao sacerdócio ou entrar num mosteiro.

Uma função profética

Essa dificuldade dos institutos de Irmãos em estabelecer tipos de vida estáveis e tranquilizador para as instituições e a sociedade é também inerente à sua identidade basicamente carismática. Com efeito, imbuídos de uma alta ideia da infância e da necessidade de educá-la da melhor maneira possível, eles parecem deslocados em uma sociedade que sustenta que as crianças do povo não são uma causa tão importante para homens dedicar-lhes suas vidas.

Inicialmente as congregações de Irmãos encontram-se, portanto, reduzidas a uma espécie de função profética: civilizar e cristianizar as crianças, especialmente os meninos do meio rural. Mas a emergência da educação popular como uma questão fundamental em meados do século XIX assinalará ao mesmo tempo seu triunfo e seu fracasso: as instituições farão uma tarefa que os congreganistas consideram uma vocação; e de sua preocupação educativa global, uma instrução generalizada. Desamparando seguidamente os congreganistas, a sociedade mesma apreciará os professores leigos, doravante competentes, com um gênero de vida próximo ao deles e mais consoante às suas próprias aspirações de ascensão social.

ANEXO 1, Os principais fundadores de congregações de Irmãos, pag. 356

3.

LA VALLA. DA MISSÃO PAROQUIAL À REDE ESCOLAR (1816-1824)

Pensamos que era necessário fazer um desvio da história geral para localizar Marcelino Champagnat no contexto da Restauração e entre os fundadores das congregações de Irmãos. Vamos agora observar o homem em sua irreduzível originalidade.

Ordenado sacerdote no final de julho de 1816, foi nomeado para a vila de La Valla, no flanco do maciço do Pilat, com vista para o vale do Gier e a cidade de Saint Chamond, próximo de St-Étienne. Chegado em agosto, ele entra na história de um território que experimentou as grandes agitações da Revolução (1789-1800) já relativamente antiga, mas cuja marca é profunda. A invasão estrangeira em 1814 e 1815 deixou vestígios mais recentes e, além disso, a França está ainda ocupada militarmente quando Champagnat assume suas funções.

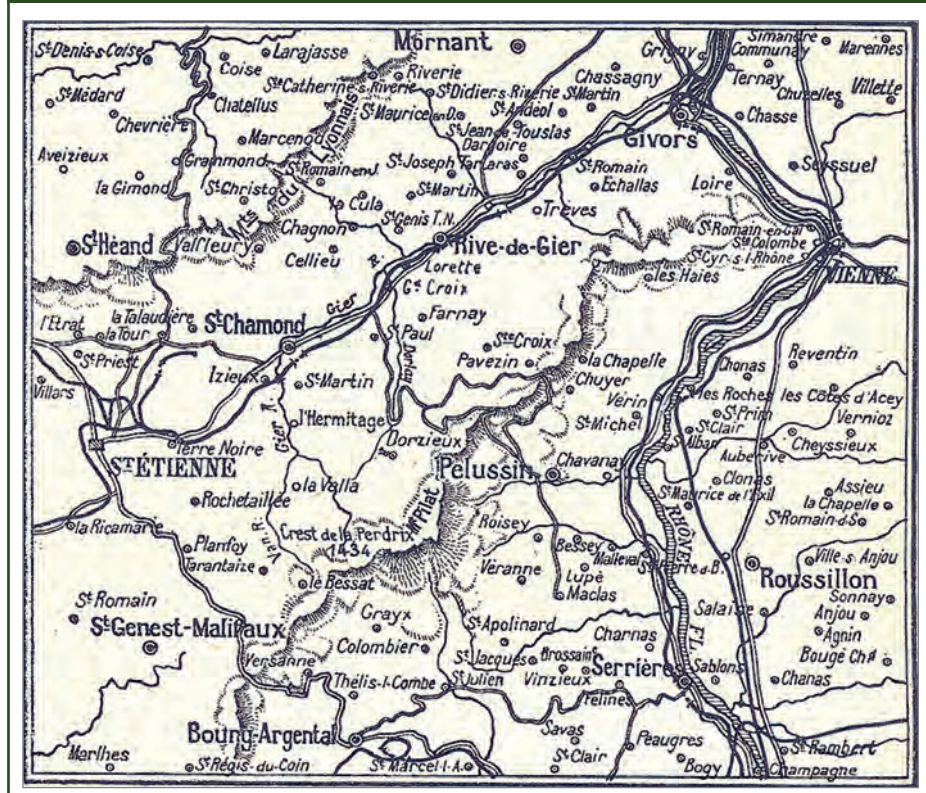
A região de Saint-Chamond durante a Revolução

Em 1789, a cidade de St-Chamond⁸⁵ compreende 9125 habitantes e La Valla 1675. Atividades econômicas urbanas são numerosas: em primeiro lugar, a fábrica de pregos, cujos irmãos Neyrand, futuros benfeitores de Champagnat, são os principais produtores. O carvão aflora em vários lugares, sua exploração continua artesanal e anárquica, mas fornece milhares de toneladas por ano. A tecelagem é muito difundida na cidade e na zona rural. Finalmente, uma dezena de moinhos trabalha o fio de seda.

A economia rural é menos favorecida: o solo é ingrato, sujeito a secas. La Valla e Doizieu nas bordas do maciço do Pilat têm terrenos em encostas muito íngremes. Lá se colhe pouco trigo, mas muito centeio. A forragem é abundante na bacia superior do Gier e grandes florestas de coníferas são uma riqueza potencial, particu-

⁸⁵ A fonte essencial é a obra de Lucien Parizot, *La Révolution à l'œil nu. L'exemple du Lyonnais vécu à Saint-Chamond et en Jarez*, Edições Val Jaris, Saint Chamond, 1987. Embora traga por vezes julgamentos rápidos, a obra apresenta uma descrição detalhada desta pequena região.

Mapa 2. O vale do Gier



larmente em La Valla onde a floresta é municipal. Mas, sistematicamente saqueada, em última análise, ela rende pouco.

Em nível religioso, St-Chamond tem três paróquias servidas por 21 sacerdotes, um convento de Capuchinhos (6 sacerdotes e 9 Irmãos), Ursulinas (34 religiosas), Mínimos (4 religiosos). A Santa Casa, gerida por um Conselho de 10 membros servidos por 8 a 10 “Irmãs de São José”. Desde 1764 existe “A Caridade”, para idosos pobres e crianças. As meninas aí desembaraçam a seda e os meninos fazem pregos, sob a direção das “Irmãs de São José”. Finalmente, existem as irmandades. Os penitentes da paróquia de St. Pierre e os penitentes do Santíssimo Sacramento em Notre Dame são irmandades de devoções. Ambos têm uma capela particular, que será usada em reuniões e clubes sob a Revolução. Toda essa estrutura ao mesmo tempo religiosa, social e cultural, faz de Saint-Chamond uma pequena metrópole religiosa, em grande parte destruída pela Revolução e reconstruída no século XIX.

Quanto à estratificação social, em Saint-Chamond coabitam a grande burguesia e a pequena e um proletariado urbano massivo e miserável no qual a Revolução

recrutou seus extremistas. No campo, a vida é um pouco menos precária para os pobres, mas a burguesia é quase inexistente.

Mesmo que os acontecimentos políticos nacionais tenham consequências importantes, os transtornos são em grande parte impulsionados pelos problemas sociais e econômicos. O proletariado urbano de Saint-Chamond sente-se sitiado pela zona rural do entorno que ele suspeita de querer matar de fome por não entregar

Mapa 3. De Marlihes a La Valla





13. Cartão postal de La Valla

os produtos alimentares necessários para sua sobrevivência ou oferecendo-lhes a preços exorbitantes. Daí múltiplas agressões armadas contra as áreas rurais e particularmente contra La Valla, paróquia que faz o papel de município perigoso que esconde padres refratários e desertores. Em suma, Saint-Chamond é jacobina e La Valla acusada, parcialmente equivocado, de atividades contrarrevolucionárias.

Nascido em 25 de agosto de 1762, em La Valla, J. L. Barge deixou memórias que cobrem os anos 1789-1814, revelando uma série de eventos locais sobre este período turbulento⁸⁶. Razoavelmente instruído e grande entusiasta da Revolução no início, é rapidamente revoltado com os abusos que ela acarreta. Através dele, La Valla aparece como uma sociedade complexa onde conflitos de interesses e lutas de clãs são constantes, os problemas mais gerais se sobrepõem às lutas locais. Destas memórias podemos retirar quatro períodos da história de La Valla:

De 1789 a 1793 domina a influência do pároco Gaumont, que se recusou a aderir à Igreja constitucional. Barge fez então papel de extremista pouco seguido. O ano de 1793 é um momento de hesitação, a sede de Lyon (outono 93) treina certo número de habitantes no campo revolucionário enquanto outros aderem a uma resistência político-religiosa mais profunda. As famílias Tardy e Rivat parecem então ser particularmente ativas. Finalmente, o município mantém uma resistência surda.

⁸⁶Jean-Galley, historiador da região Saint-Etienne no final do século XIX, copiou em março de 1897 dois cadernos de memórias de Jean-Louis Barge, relatadas pelo sobrinho do velho notário de La Valla, o Sr. Thibaud, que nos deu um relato ao mesmo tempo pitoresco e detalhado da história do vilarejo de La Valla.

De 1794 a 1800, a paróquia deve suportar uma verdadeira guerra contra St-Chamond e o governo terrorista, resistindo a uma descristianização frenética (culto decadário obrigatório, retirada dos sinos, agressão contra a capela de L'Étrat). O pároco Gaumond é preso e executado no final de 1794. Mas, a partir de 1795, a questão religiosa se desvanece enquanto o problema dos desertores e o dos suprimentos continuam cruciais. Barge é um pouco resumido sobre o período de 1801-1814. Ele sublinha, no entanto, as rivalidades políticas locais e denuncia as atividades do pároco Rebot, empossado em 1812 e que quer restabelecer a autoridade da Igreja. A invasão de 1814 foi marcada pelas requisições de tropas austríacas.

A nomeação de Marcelino Champagnat em tal paróquia não é sem significado: para governar pastoralmente um povo severamente testado e controlar um território acidentado e vasto, requer um homem vigoroso e familiarizado com o mundo rural das montanhas do Pilat e de Velay. Até certo ponto, é um cargo de confiança.

Nos capítulos 4 e 5 da *Vida de Champagnat*, o Ir. João Batista Furet apresenta em 1856 um estado razoavelmente convencional da paróquia de La Valla no momento em que Champagnat aí chega. Assim (p.34): “os habitantes de La Valla eram bons e cheios de fé, mas muito simples e muito ignorante”. Certo número de pessoas não se confessa mais e outros o fazem somente na Páscoa (Cap. 5, p.44). Os principais vícios e abusos do município contra os quais Champagnat deve lutar são a embriaguez, os bailes, as reuniões noturnas⁸⁷, as blasfêmias e a leitura de maus livros⁸⁸. Mas, é um julgamento que poderia se fazer sobre quase todas as paróquias da França e mesmo da Europa.

Sobre o pároco Rebot, ele corrobora em parte a opinião de Barge: “embora bom padre [...], ele não foi amado” devido a um defeito de linguagem que tornou seus sermões enfadonhos⁸⁹. Barge é mais claro: Rebot é considerado autoritário por uma população leiga que não permitirá se deixar governar pelo clero como anteriormente, e seu defeito de linguagem é devido a uma propensão a dizer coisas desagradáveis ou ofensivas.

La Valla e as missões de Linsolas

Barge falou pouco da Igreja Católica clandestina sob a Revolução, mesmo que ele tenha estado em contato com alguns de seus representantes⁹⁰. No entanto, deve notar-se que a diocese de Lyon, sob a direção do Vigário geral Linsolas⁹¹, in-

⁸⁷ As reuniões noturnas durante o inverno, que permitem os contatos entre os moços e moças e que dão seguidamente lugar a danças.

⁸⁸ Na verdade, vendedores ambulantes vendendo livros de todas as origens numa população que valoriza mais as leituras do que creem as elites.

⁸⁹ O Ir. João Batista critica também a propensão para beber. Na verdade, parece ser um personagem fraco, sujeito a ataques de autoritarismo.

⁹⁰ Ele participou da operação de preservação de objetos de culto e conhecia alguns membros do clero refratário.

⁹¹ *L'Eglise clandestine de Lyon pendant la Révolution*, T. 1 (1789-1794), T. 2 (1794-1799), Editions Lyonnaises d'art et d'histoire, collection du bicentenaire de la Révolution française à Lyon, Lyon, 1987.

ventou um funcionamento eclesiástico original e eficaz que, sem dúvida, La Valla participou⁹².

Até 1792, o maior problema é o cisma constitucional. Então, diante da política de descristianização sistemática, na primavera de 1794, o sistema paroquial é abandonado e o território diocesano é dividido em missões, ou seja, no início, em territórios de 40 a 60 paróquias, dirigidos por um sacerdote chefe de missão, assistido por um adjunto e chefiando um número de 6 a 8 sacerdotes missionários encarregados de 6 a 8 paróquias. O número dessas missões evoluirá de 12 para 25.

Cada paróquia tem um “líder leigo”, que preside a assembleia dos fiéis na ausência de sacerdotes, comunica-lhes as instruções da diocese (Linsolas, T. 2, p.21-28) e se corresponde diretamente com o missionário. Ele é assistido por um “catequista estável”, que visita os doentes e os pobres, encoraja os cristãos perseguidos, assegura que as crianças sejam catequizadas, instrui os fiéis sobre a passagem do missionário, comunica ao “líder leigo” sobre o estado da paróquia. Por exemplo, por volta de 1800 a missão de St-Chamond tem catorze missionários⁹³. Seu líder, Pe. Gabriel, é descrito em 1802, na época em que o sistema de missões está em processo de abandono:

“Ex-pároco da paróquia de St Symphorien D’ozon e exercendo em St-Chamond, com idade cerca de 60 anos, chefe da missão de Saint Chamond, trabalhou muito durante a revolução: talentos, zelo e piedade”⁹⁴.

É no decorrer do ano de 1803 que vai voltar o sistema paroquial. No cantão de St Chamond, como em outros lugares, está um clero velho: todos os seus sacerdotes em exercício nasceram entre 1735 e 1763. Sobre a qualidade deste pessoal, o “Catálogo do clero” de 1802⁹⁵ dá detalhes interessantes: Pe. Julien Dervieu, futuro adversário e depois amigo do Padre Champagnat, é considerado um “bom sujeito em todos os pontos de vista, saúde fraca influenciando seu caráter⁹⁶, político”. Pierre Farge é “muito bom sujeito sob todos os aspectos, boa saúde”. Por outro lado, Pe. Nolhac servindo em Farnay é severamente julgado: “intruso⁹⁷ em St. Julien-en-Jarret [...] perseguidor colérico, frequenta tabernas”. Marcellin Granjon é também julgado cismático.

Sobre a atividade clandestina em La Valla, após execução de Gaumont em 1794, exercida em sua parte mais alta por Pierre Abrial, descrito em 1802 como “ex-pároco de Tarentaise, 45 anos de idade aproximadamente, talento, zelo e piedade suficientes, servindo em La Valla, ele trabalhou durante toda a Revolução”,

⁹² A obra-chave sobre a questão é: LEDRÉ, Charles. *Le culte caché sous la Révolution. Les missions de l’abbé Linsolas*. Paris: Bonne Presse, 1947, 430 p.

⁹³ C. Ledré, *op. cit.*, p. 96.

⁹⁴ Arcebispado de Lyon, Catálogo geral dos padres da diocese de Lyon da 1ª metade de 1802, redigido pelo vigário geral Courbon.

⁹⁵ Arcebispado de Lyon, registro 2 II 83*.

⁹⁶ O P. Champagnat fará duramente a experiência disto.

⁹⁷ Padre constitucional.

enquanto que o abade Berne, “nascido em La Valla, ordenou-se no início da Revolução, com idade aproximada de 37 anos, servindo em La Valla, talentos suficientes, zelo e piedade”, reabre oficialmente a Igreja em 15 de novembro de 1801 e se estabelece na cúria. Ocupou-se da região geográfica inferior da paróquia.

Quanto aos leigos, apoiando estes missionários, é, sem dúvida, necessário que se os busque entre os mais velhos da paróquia particularmente ativos em oposição ao jacobinismo, como os Tardy das aldeias de Coing e de Soulages, os Rivat de Luzernod, do Pinay e de Maisonnettes, os Tissot... considerados, após o cerco de Lyon, como aristocratas.

Finalmente, em 1803, Abrial é nomeado para o serviço de La Valla, tendo como vigário um abade Rivory, enquanto Berne é enviado para o serviço em Planfoy. Em março de 1806 Abrial e Rivory são transferidos. Barge salienta que o prefeito Tardy não gostava do Pe. Abrial “por razões demasiadamente longas para deduzir”. Quanto ao vigário Rivory, “natural de St Martin Acoallieux, 50 anos”, ex-padre constitucional, Barge o acusa de querer suplantar o seu pároco e se fez amparar pela Secretaria da Câmara Municipal. O afastamento dos dois sacerdotes, portanto, parece ter sido por causa de certa rivalidade entre eles e discordâncias com os paroquianos, talvez causado pelo fato de que o governo não gratificava os que estavam em exercício. O Pe. Abrial deve ter sido um peso para o município.

Em 17 de abril de 1806, Monsenhor Bussot (Joseph-Marie) anteriormente vigário em St. Etienne, nascido em 3 de julho de 1764 e que recebe do governo uma pensão de 266 F., sucede Abrial na paróquia de La Valla, cargo ainda “não pago pelo governo”⁹⁸. Ele certamente tem um vigário de quem nós não sabemos o nome⁹⁹. O “Catálogo do clero” descreve Bussot como um personagem medíocre: é um antigo religioso lazarista, tornou-se padre constitucional, “temendo o santo ministério” e pouco adaptado a uma paróquia que nunca tinha tido um padre constitucional. Quando renunciou em 31 de janeiro de 1812, ele tinha apenas 48 anos e Pe. Rebod, talvez seu vigário até então, com 34 anos, assume o cargo em 5 de fevereiro de 1812¹⁰⁰. Foi sob a sua autoridade que se encontrará Marcelino Champagnat em 1816. Rebod permanecerá pároco doze anos e é com ele que se fecha a instabilidade da equipe eclesiástica da paróquia.

A transição entre a Igreja missionária de Linsolas e o retorno a uma administração paroquial eclesiástica estável foi, portanto, trabalhosa. Mas, acima de tudo, considerando os Irmãos catequistas em La Valla, Champagnat situa-se na continuidade do que foi vivenciado na paróquia durante a Revolução. Ele mesmo parece ter pensado como o missionário de um território que não pode e não deve evangelizar sem o apoio ativo dos leigos militantes. A questão de uma relação entre a pastoral de Linsolas e de Champagnat merece, portanto, ser questionada, sobretudo quando, durante sua infância e sua formação eclesiástica, ele certamente esteve com missionários itinerantes e viu os leigos garantirem o funcionamento local da Igreja.

⁹⁸ Ibidem.

⁹⁹ Os registros não mencionam os nomes dos vigários.

¹⁰⁰ Arcebispado de Lyon, registro I 19.

Visão socioeconômica sobre La Valla

Como é a sociedade que Marcelino Champagnat deverá evangelizar? Em 1815, La Valla tem mais de 2000 habitantes distribuídos em 434 “lares” e 66 aldeias de tamanhos muito diversos. Nós podemos analisar o *status* socioeconômico graças à “Tabela da população da cidade de La Valla” 1815¹⁰¹, que serviu também para avaliar a quantidade de acusações realizadas pelas tropas de ocupação austríaca sobre os habitantes em 1814.

Ficamos sabendo então que com o pároco Rebod moram sua mãe e sua irmã, bem como um empregado. Seu vigário é o Pe. Artaud. O Sr. Jean-Louis Basson, que se tornou amigo de M. Champagnat, é o único burguês de La Valla: ele vive de seus rendimentos. Em seguida vem o Sr. Lagnet, ex-notário, e o prefeito Jean-Claude Ronchard. Fora estes notáveis, o resto da população é dividido em camponeses e artesãos: 176 trabalhadores e agricultores, camponeses, relativamente bem de vida; um grupo mais ou menos equivalente de agricultores remediados ou pobres (agricultores e diaristas); em torno de quarenta artesãos (pedreiros, sapateiros, costureiros, ren-deiros...); uma plebe de 134 domésticos; mais ou menos trinta pobres e viúvas.

Os contrastes da altitude e exposição ao sol fazem que este município seja dividido social, econômica e talvez culturalmente em quatro partes. A cidade tem uma população de contrastes: os ricos e os pobres, sem classe média intermediária; as aldeias do fundo do município e o Oeste (o vale do Ban), voltadas mais para Saint-Chamond, são bastante remediadas. O topo dos vales, na borda da floresta, é bem mais pobre, mas também mais violento¹⁰². Finalmente, a borda do Planalto (Le Bessat) é de riqueza mediana, mas relativamente homogênea. Ela é voltada para St-Étienne, o vale do Ródano ou para o planalto que fica em direção a Saint Chamond. É uma zona da paróquia difícil de administrar porque está distante e de espírito particular. É na aldeia do Bessat mais distante, Les Palais, que Champagnat encontrará um jovem morrendo em completa ignorância.

ANEXO 2, Mapa de La Valla em 1815, pag. 358.

Os encontros fundadores (1816)

Quando chegou a La Valla em 12 de agosto de 1816¹⁰³, em um ambiente próximo de sua aldeia natal, Champagnat lança seu projeto do ramo dos Irmãos mais rápido que ele havia previsto. Acabado de chegar, entra em contato com Jean-

¹⁰¹ Ela é composta de 11 páginas no formato 36cm x 24cm. Cada folha compreende sete colunas indicando o nome da aldeia, nome e sobrenome dos indivíduos, profissão, nome dos meninos, das meninas, de empregados. Assim, na aldeia de Maisonnettes, Jean-Baptiste Rivat, agricultor, tem 4 filhos e 3 filhas, o que faz um lar de 9 pessoas com sua mulher.

¹⁰² Durante toda a Revolução, eles pilham as florestas municipais e agridem aqueles que querem coibir esta desordem. É também nesta parte do município que se escondem os desertores.

¹⁰³ P. Zind, *Miscellanées Champagnat*, p. 189.

Marie Granjon, agregado familiar em um dos dois moinhos da aldeia de La Rive, na parte inferior da paróquia¹⁰⁴. No 1º domingo de outubro (OM2/754§ 1), Champagnat o percebe na Igreja porque ele é “tranquilo e sabe se comportar” (Nota: apresenta-se com dignidade). Em 26 de outubro de 1816 (Chronologie mariste, p.30), este vindo buscá-lo para atender a um doente, Champagnat acredita encontrar nele as disposições para o seu projeto de fundação. No dia seguinte, ele lhe leva um exemplar do “Manual do cristão”, pequeno condensado de doutrina e devoção. Como Granjon se recusa em recebê-lo porque não sabe ler: “leva-o assim mesmo, você irá usá-lo para aprender a ler e eu mesmo lhe darei aulas se quiser”¹⁰⁵.

Jean Marie Granjon não é um adolescente. Nascido em 22 de dezembro de 1794 no vilarejo de Terrasse, no município de Doizieux, vizinho de La Valla, ele perde sua mãe em 1796 e seu pai em 1800. Em 26 de outubro de 1813 está entre os granadeiros da Guarda Imperial¹⁰⁶. Ele certamente fez as campanhas de 1814 e 1815. Champagnat não pretende ainda fazer dele um Irmão catequista, mas age como pastor zeloso que visa agrupar ao seu redor jovens dispostos a dar-lhes meios de crescer espiritualmente pela aprendizagem da doutrina e da leitura¹⁰⁷.

As notas do P. Bourdin escritas entre 1828 e 1831, em grande parte a partir do testemunho do Padre Champagnat, (OM2 doc. 754 § 28), comentam assim sua atitude após sua entrevista com o Monsenhor de Pins em 1824: “Ele havia pensado, no tempo do M. Bochart, em fazer um pequeno oratório, dedicar-se totalmente à sua obra”... E é claro que aqui a palavra “oratório” não designa um lugar de oração, mas um centro de apostolado e intercâmbio espiritual à imagem do “oratório” romano de Felipe Néri.

Champagnat pôde conhecer esta tradição por várias vias, mas há uma provável: “os amigos do cordão”, que têm o projeto de reunir jovens para ajudá-los em seu apostolado. Eis o que dizem as resoluções do Padre Pousset, amigo do cordão e um tempo aspirante marista, em 28 de julho de 1817:

“Durante todo o tempo em que eu serei vigário em uma paróquia, não me caberá fazer qualquer tipo de obra, a menos que [...] eu não encontre oportunidade de sugerir para os professores e as professoras de escola uma instituição deste tipo que eu conduzirei por um Conselho sem aparecer como o principal agente. Eu posso, mesmo sob o pretexto de reunir alguns jovens para ensinar-lhes o canto da Igreja, fazer entre eles uma preciosa seleção de jovens aos quais formarei no exercício do zelo”¹⁰⁸. [...]

Eh o que! Os inimigos da Igreja se coalizam, os partidários do mundo se reúnem, as academias de ciência se estabelecem por toda parte, e por Deus, para glorificá-lo pela vida, não se iria encontrar homens e, sobretudo, os sacerdotes que

¹⁰⁴ Recenseamento de 1815: a aldeia compreende seis lares. Cada qual com dois moinhos e um doméstico.

¹⁰⁵ *Vida*, ch. 6, p. 56.

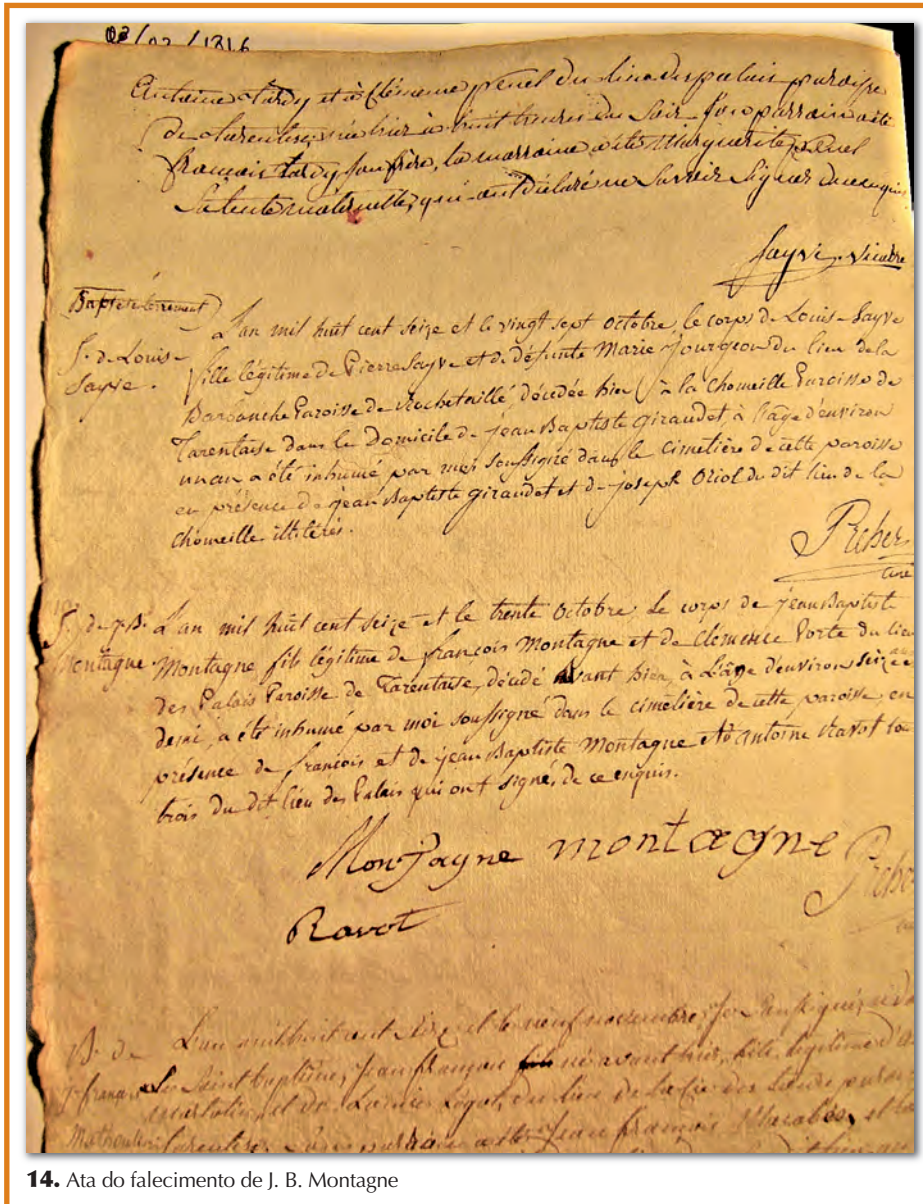
¹⁰⁶ OM1/75.

¹⁰⁷ *Vida*, cap. 5, p. 50: “Tomou providência para montar uma biblioteca com a finalidade de oferecer bons livros a quem quisesse ler. Encarregou-se pessoalmente da distribuição dos livros aos jovens, para ter ocasião de aconselhá-los e orientá-los na prática da piedade e da virtude”.

¹⁰⁸ Quer dizer, ao catecismo essencialmente.

empregassem todas as faculdades que Deus lhes deu para se opor à ausência de religião e à corrupção dos costumes que desfigura tudo e devasta o legado do pai da família...”

Champagnat aparenta ter uma estratégia pastoral semelhante visando, a médio prazo, a criação de um grupo fervoroso e secreto de discípulos.



14. Ata do falecimento de J. B. Montagne

Sou muito reticente quanto à realidade de um segundo encontro que o Ir. Jean-Baptiste situa na mesma época:

“Um dia,¹⁰⁹ chamado a confessar um jovem doente num povoado, [...] estremeceu-se ao verificar que ele ignorava os principais mistérios, não sabendo nem mesmo se Deus existia [...] Levou duas horas para instruí-lo e confessá-lo. Não foi sem grandes dificuldades que conseguiu ensinar-lhe as coisas mais indispensáveis, pois o jovem se encontrava tão doente que mal entendia o que ele falava...”

É verdade que as Memórias (Anais) de Bourdin também registram o fato¹¹⁰:

“O que exigiu a pressa da ação: o menino doente junto ao Pila (sic), necessidade de meios... Vai num instante até o vizinho, retorna morto, reflexão: quantos meninos longe (fora) do caminho da salvação... se instruído, sabe se arrepender, sabe...”

Mas ele situa o acontecimento depois da constituição da comunidade e da criação da escola de La Valla. Por outra, um exame atento dos registros paroquiais de La Valla e de Tarentaise, em 1816-1819, convenceu-me de que o encontro de Champagnat, em Palais, com Jean-Baptiste Montagne, jovem de 17 anos, hipótese datando apenas de 1936 (B.I. n.º 103, janeiro de 1936), e que foi aceita, sobretudo, depois de 1966 (B.I. n.º 204), nunca aconteceu. Não se trata, pois, de negar o encontro entre Champagnat e um “menino doente, junto ao Pilat”, mas foi mais tarde, verossimilmente em 1819.

Vivendo o encontro com Granjon como um sinal do céu, o P. Champagnat persuade a este de começar a obra. (*Vida*, p.57) e rapidamente encontrou um companheiro, Jean-Baptiste Audras, nascido em 1802 e já alfabetizado¹¹¹. Em 2 de janeiro instala seus dois discípulos na aldeia em uma casa alugada. Os pais do jovem Audras não fizeram objeção (*Vida*, p.58) porque Champagnat inscreveu seu projeto na tradição das escolas paroquiais que dão uma primeira educação em vista do seminário. O pároco está sem dúvida de acordo, mas a memória Bourdin diz: “Padre Champagnat não lhe comunica tudo, ele quer testar a coisa, com a sua missão” (OM2/754§ 2).

Como precisavam sobreviver, eles fabricam pregos, indústria predominante nessas aldeias; a metalurgia do vale do Gier fornecia o produto meio acabado: barras de ferro, chamados “metros”. Uma horta e uma terra adjacente fornecerão produtos alimentares. O resto do tempo é dedicado à oração e ao estudo (*Vida*, cap.6, p.60). Talvez Jean-Marie Granjon obtivesse o posto de cantor como sugere uma palavra de difícil interpretação da memória Bourdin¹¹². Como a casa está perto do

¹⁰⁹ Segundo P. Zind, é no dia seguinte, 28 de outubro (M. Ch. p. 196).

¹¹⁰ OM2/754, § 6.

¹¹¹ A leitura de “Pensai-o bem”, manual de meditação popular sobre os fins derradeiros, dão-lhe a ideia de entrar junto aos Irmãos das Escolas Cristãs, mas eles lhe pedem esperar devido à sua pouca idade.

¹¹² OM2/754 § 8 “Cantor morre jovem... É preciso um homem como você me descreveu”. Podem-se interpretar essas palavras como as palavras do pároco aceitando a proposta de Champagnat nomeando Granjon como cantor.

presbitério, o vigário pode, entre suas tarefas culturais e suas incursões, vir a dar aulas de leitura e escrita. Em suma, é uma vida devota, uma vida de “irmãos”, ou seja, leigos piedosos. Em torno de 30 de março, Champagnat deu aos seus companheiros um hábito que não é estritamente um hábito religioso, mas que os faz leigos à parte: sobrecasaca azul ou preta, calças pretas, casaco pequeno e chapéu redondo (*Vida*, cap. 6, p. 64)¹¹³.

No Natal de 1817, se junta a eles Jean-Claude Audras, irmão de Jean-Baptiste, nascido em 1793. Em 1º de janeiro de 1818, Antoine Couturier, natural de La Valla, com 17 anos, sem nenhuma instrução, vem se juntar a eles¹¹⁴. Em 1818, o grupo primitivo cresce com Barthélemy Badard, nascido em 1804, filho do sacristão da igreja paroquial¹¹⁵, e Gabriel Rivat, nascido em 1808, no vilarejo de Maisonnettes. Também já vimos que os Rivat foram ativos na resistência à Revolução e o mais velho, Jean-Antoine, se prepara para o sacerdócio, enquanto Gabriel vem ao Pe. Champagnat para ter aulas de latim.

Em um ano e meio é formado um grupo heterogêneo com relação à idade (24-10 anos) e instrução, mas homogêneo quanto às origens. É uma associação vagamente definida.

Escolas e professores em La Valla

O projeto de M. Champagnat não é realizado em um deserto escolar, longe disso. O trabalho de Paul Beaujard¹¹⁶ nos oferece um panorama de todo o Loire durante o tempo em que M. Champagnat conclui seus estudos. Consta-se aí que os arredores de Saint-Étienne são particularmente ricos em escolas. O levantamento de 1807 agrupa as escolas em três categorias: as instituições (escolas municipais, pequenos seminários, colégios); as pensões, pertencentes a mestres específicos e dedicadas a estudos menos intensos com base no latim; escolas pequenas ou escolas primárias, onde se aprende a ler, escrever e as primeiras noções de cálculo (p.216-217).

A criação da Universidade Imperial perturba este sistema em três níveis: as pensões devem, a partir de 1º de novembro de 1808, obter “um diploma para poder manter o estabelecimento” que custa 200 F. Além disso, as instituições e pensões devem 1/20 das taxas pagas pelos alunos. Quanto aos professores das escolas, eles devem ser autorizados pela Universidade mediante a apresentação de um certificado de boa conduta, emitido pelo pároco e de um certificado do prefeito afirmando que a escola é necessária para o município.

¹¹³ Sobre o traje, ver *Vida*, p. 64 e o Ir. Louis Laurent no Boletim do Instituto, T. XXI, p. 536. A questão da cor do hábito e do momento de sua adoção continua a ser difícil determinar.

¹¹⁴ Ver OM/2 p. 760, nota 5, sobre a cronologia das entradas.

¹¹⁵ *Cartas* de M. Champagnat, T. 2, p. 71, dá a data de 1819.

¹¹⁶ “São consideradas escolas...”. A política escolar no departamento de Loire de 1800 a 1815, C.D.D.P. do Loire, 1993, 283 p.

A tentativa da Universidade de controlar a educação e dela obter recursos colide com a relutância de muitos professores que não declaram as suas atividades. As escolas clandestinas (na verdade informais) são, portanto, numerosas e as pesquisas acadêmicas subestimam o número real¹¹⁷. Os mestres de pensões resistem a pagar o imposto e, ansiosos para obter a autorização, tendem a “parar de ensinar ou dissimular a verdadeira natureza de suas atividades, fazendo-se passar por escolas primárias” (p.251).

Quanto aos Irmãos das Escolas Cristãs, cujo noviciado funciona em Lyon desde 1804, instalam-se rapidamente em Saint Étienne, Saint-Chamond, Rive-de-Gier, Saint-Galmier e Saint Bonnet-le-Château vários estabelecimentos alcançando um grande sucesso. Mas seu ensino é oneroso para os municípios e eles não ensinam latim. Para as meninas, as Irmãs de São José renascem sob a liderança da Madre Fontbonne: em 1812, elas são 40 comunidades no vale do Loire, especialmente no Sul (p.263). Há uma comunidade de 6 Irmãs em La Valla e de 4 em Marllhes.

Assim, os professores da escola, “irmãs”, “beatas”, professoras, mas também professores itinerantes de Savoie e da região de Barcelonnette, (chamados frequentemente “*Briançonnais*” ou “*Piemontais*”¹¹⁸), padres¹¹⁹ asseguram de alguma forma o catecismo e um mínimo de alfabetização. Às vezes o pároco dá algumas lições de latim¹²⁰. Um relatório do inspetor Guillard, da Academia, no Cantão de Saint-Genest-Malifaux, em 15 de maio de 1820, declara que existem apenas dois municípios sem professor autorizado e, em Tarentaise, o pároco tem 30 estudantes de latim, e o vigário 30 alunos da escola primária¹²¹.

Os julgamentos catastróficos das elites sobre a real situação da educação básica no início do século XIX, portanto, devem ser tomados com cautela. Especialistas em história da educação na França constataram também que o nível de alfabetização não havia diminuído durante o período revolucionário.

Sobre La Valla, P. Zind nos diz que: “Em agosto de 1816, Marcelino Champagnat havia encontrado um professor, Jean-Baptiste Galley, nascido na paróquia em 1774, e que ensinou na aldeia de Sardier, na parte alta da paróquia, no início sem um diploma, sem dúvida, e em seguida por meio de um certificado de 3º grau,

¹¹⁷ Assim, a investigação de 1807 revela 58 professores no entorno de Saint Étienne. Em 1810, apenas 42 fizeram sua declaração oficial; em 1811, 48 são autorizados. Em La Valla, um professor é identificado em 1807, mas nenhum depois (Quadro p. 235).

¹¹⁸ Robert Raymond Tronchot, *L'enseignement mutuel en France de 1815 à 1833*, Tese policopiada, T. 2, p. 157: os professores itinerantes ensinam a leitura às crianças no *Dio-Roi* (Deus e Rei), pequeno livro impresso por Rusand em Lyon. Ver também T. 1, p. 11-13: o estado das escolas em Grenoble e Lyon em 1815.

¹¹⁹ *Ibid*, T. 1, p. 11-12.

¹²⁰ Paul Beaujard, *op. cit.*, p. 66: relatório do prefeito em 1806: “Existem poucos locais onde podem ser encontrados meios para aprender a ler e a escrever; em alguns, os ministros de culto ensinam estes primeiros elementos; mas em muitos outros estes são dados pelas irmãs de São José; em outros lugares, são dados somente no inverno pelos mestres das escolas que vêm de fora e que, ao renovar o tempo dos trabalhos no campo, são requisitados por suas famílias”.

¹²¹ *Origines Maristes*, T. 1, doc. 65.

emitido em 12 de dezembro de 1816”¹²². Ele praticava o método individual. Casado e procurando um lugar lucrativo, estabeleceu-se em 1818, em St. Julien-en-Jarez¹²³, onde o município lhe dá um alojamento e lhe paga 300 F além das mensalidades escolares dos alunos.

Não se sabe se antes de dezembro de 1816 algum professor exerceu a profissão na cidade de La Valla. Em todo caso, Jean Montmartin, casado, nascido em 1794 em St. Genest-Malifaux, titular de um certificado de 2º grau (*Vida*, cap. 7, Nota 1, p. 68) lá se estabelecera com um salário fixo de 100 F e mais o pagamento de 40 alunos no inverno e 25 no verão¹²⁴. Mas não há nenhum lugar fixo para as aulas, como acontece na maioria dos casos nesta época.

A memória de Bourdin¹²⁵ nos relata, em estilo muito obscuro, uma disputa entre o pároco Rebod e Champagnat sobre uma casa da escola e o professor. Com base talvez na Ordenança de 1816, o Padre Champagnat quer que o pároco compre uma casa escola, mas este, presente na paróquia por 10 anos¹²⁶ e desejando outro lugar, não quer envolver-se nas despesas. Naquele momento, Champagnat parece menos interessado em estabelecer uma escola do que criar um “oratório” com seus primeiros discípulos. Isso será alcançado, não sem dificuldade, passando a primeira escritura de venda em 1º de outubro de 1817 e depois uma segunda em 26 de abril de 1818¹²⁷. Parece que Rebod tornou-se um pouco mais flexível e até participou da compra: “Então ele ajudou dando dinheiro”, declara a memória Bourdin (§ 3). Em todo caso, quando os dois primeiros Irmãos se alojam, em 2 de janeiro de 1817, na casa Bonner, esta só é alugada e não tem nenhuma função escolar.

Razoavelmente formados por Champagnat, os Irmãos começam a atuar na paróquia, provavelmente a partir de novembro de 1817, e em breve vão competir com o mestre da escola, como sugere a memória Bourdin (§ 4):

“Mestre de escola a ele (pároco) dedicado, jogador, bebereão – O Ir. Jean-Marie reúne 2 pequenos pobres, pais contentes; todo mundo quer dar algo de si”... “O primeiro ano ele tem 3 Irmãos... Comprei uma medida de batata, os pobres comem, crianças, tanto no final como antes...”

A tradução em linguagem simples é fácil: como o professor da escola apoiado pelo pároco é desonroso, os Irmãos recolhem crianças pobres e, sem dúvida, outras às quais o professor educava mal. O Ir. Jean-Baptiste diz: “Neste primeiro ano recebeu doze crianças pobres às quais dava tudo” (*Vida*, cap. 7, p.70). E o movimento acentua-se durante o ano letivo de 1818-1819, para a grande satisfação dos pais. Nenhum irmão tem certificado, mas a população não se incomoda em saber se eles estão em dia com a Universidade. O pároco Rebod tem mesmo razões para estar satisfeito: sua paróquia

¹²² P. Zind, *Miscellanées Champagnat*, p. 208.

¹²³ *Ibid.*, p. 206, 208.

¹²⁴ *Ibid.*, p. 208.

¹²⁵ OM2/754 § 2.

¹²⁶ Há os que sugerem que ele chegou aí como vigário em 1806.

¹²⁷ OM1/ 57-58. Estes dois atos vêm de que o vendedor e seu filho não tinham acordado bem entre si e que o pároco tentou impedir a operação.

tem um lugar de refúgio onde as crianças pobres são admitidas com sua autorização. Pode ser que isto o tenha ajudado a decidir a compra final da casa em 26 de abril de 1818. Mas o refúgio dos Irmãos está causando o esvaziamento da escola e a memória Bourdin relata uma nova briga entre Rebod e Champagnat, certamente em 1818-1819:

“Você é (diz o pároco) a causa de que este mestre está na rua. Vamos para a escola (responde Champagnat), e se for eu quem os coloca (filhos) lá, você pode colocá-los fora”...

O resultado é que no verão de 1819, os Irmãos conseguiram impor-se como o único lugar de instrução e educação dos meninos da cidade de La Valla.

Quando Jean-Baptiste Galley, em 1818, partiu da aldeia de Sardier onde ele ensinava, foi substituído por um jovem, Claude Maisonneuve que, tendo permanecido com os Irmãos das Escolas Cristãs (*Vida*, p. 68) conhecia o método simultâneo. P. Zind diz que ele foi enviado a Champagnat pelo pároco Jourjon da paróquia de St. Victor-Malescours (Haute-Loire). Louise Duvernay e sua irmã testemunharam no processo de beatificação de Champagnat da existência desta escola¹²⁸:

“Ele convocou, da vizinhança de Marlhes, um jovem chamado Maisonnette ou Maisonneuve e colocou-o na nossa aldeia que está muito longe da cidade e é de fácil acesso para as aldeias vizinhas. Ele ficou hospedado conosco e foi alimentado gratuitamente pela nossa mãe. As crianças da vizinhança que vinham para a escola pagaram uma pequena taxa. Vendo-os chegar, nossa boa mãe disse: ‘Este senhor Champagnat está brincando: ele envia-me uma criança; eu já tenho suficiente!’ (nós éramos 6). Quando ela o viu no trabalho, ela falou de forma diferente”¹²⁹.

A cada mês o senhor Vigário vinha ver sua querida escolinha, fazendo um exame, dando prêmios àqueles e àquelas que o mereciam e suavemente reprendia aqueles que não trabalharam o suficiente. Isso durou muito pouco, porque ele foi forçado a levar o jovem para a cidade, para ajudar a formar seus Irmãos para a educação. Nossa mãe deu, muitas vezes e secretamente, manteiga, queijo e outros alimentos a M. Champagnat para ajudá-lo a alimentar seus Irmãos e os muitos pobres que ele mantinha, porque aquele bom Padre tinha apenas os vencimentos de Vigário para cobrir todas as necessidades”.

Não tendo o diploma, Maisonneuve pratica um ensino clandestino. Hospedando-se junto aos habitantes e ensinando cada dia em um lugar, é próximo à condição de “*Dauphinois*” ou “*Briançonnais*”, estes professores itinerantes que percorrem as áreas rurais durante o inverno¹³⁰. Montmartin, portanto, teve de se retirar, em Todos os Santos de 1819, Maisonneuve, que Champagnat pôde apreciar os talentos pedagógicos, instalou-se na cidade, na casa dos Irmãos onde tinha a escola, desta vez autorizada, em maio de 1819¹³¹.

¹²⁸ Inquérito diocesano 17ª sessão, cópia Carazo p. 89. Carta das viúvas Moulin e Jayet. Ver também p. 185.

¹²⁹ O recenseamento de 1815 indica em Sardier três famílias de lavradores entre elas a de Antoine Varnay que tem seis filhos: 4 meninos e 2 meninas. Mesmo que pouco populosa, Sardier goza de uma posição central entre as aldeias do alto vale do Gier.

¹³⁰ Como não existe Maisonneuve na lista dos noviços dos Irmãos das Escolas Cristãs de Lyon, não é seguro dizer que ele foi Irmão, mas somente aluno deles. Sua idade muito jovem confirma esta hipótese.

¹³¹ *Vida*, cap. 7, nota 1, p. 74.

Maisonneuve provavelmente não tem, ao contrário do que fala o Ir. Jean-Baptiste, um perfeito conhecimento do método simultâneo (*Vida*, p.69), mas é por meio dele que Champagnat pôde apreciar o caráter inovador. Ele também sabe o bastante para que alguns Irmãos, que o ajudam como monitores, e a quem ele dá aulas suplementares, familiarizem-se com a modernidade educacional e comecem a distinguir catequese e educação.

O ano de 1819-1820, portanto, é de uma mutação considerável: os Irmãos tornaram-se professores e adotam o método dos Irmãos das Escolas Cristãs ainda muito pouco utilizado em áreas rurais. Mas a experiência não se renovará: Maisonneuve, que vive com os Irmãos e deve ser considerado mais ou menos como um deles, tendo “conduta irregular e também mundana” (*Vida*, p.69) é afastado, e o Ir. Jean-Marie Granjon, bem formado, toma a direção da escola de La Valla, em 1820¹³².

Nos anos seguintes grandes transformações terão lugar: primeiro a criação de uma segunda classe, acompanhada pela divisão de crianças “conforme a capacidade” (p.70) isto é, uma aplicação mais precisa do método simultâneo. Um bom número de crianças das aldeias se aloja junto aos habitantes durante a semana, retornando para casa somente no sábado para se reabastecer, são entregues a si mesmos fora do tempo escolar, o estabelecimento os acolhe por meio de algumas adaptações¹³³.

Depois de 1820, alguns Irmãos começam a “dar aula” diariamente em algumas aldeias nas proximidades da cidade, particularmente em Luzernod e Chomiol (*Vida*, cap. 7, p.69), onde podem estar com as crianças das aldeias localizadas em altitude média nos vales do Gier e do Ban. “Os Irmãos iam de manhã e retornavam à noite”.

Catequese e ação caritativa

Mas centrando nossa atenção sobre a escola, cometemos um erro de perspectiva porque o propósito de Champagnat é, antes de tudo, catequético e caritativo. Ele incutiu em seus seguidores primeiro o método catequético de São Sulpício, que ele praticou durante seu seminário (*Vida*, p.39): ele fazia primeiro memorizar o texto, em seguida, “explicava-lhes o sentido por meio de breves perguntas”. Seu argumento é enriquecido com comparações, parábolas, histórias curtas. Ou seja, desde o dia de Todos os Santos de 1817 provavelmente, os Irmãos vão a dois, aos domingos, para ensinar o catecismo para crianças e adultos nas aldeias. Quando os Irmãos, que se sentem capazes de assumir a escola, lhe propõem, provavelmente em 1819, ele lhes recorda a prudência e o seu objetivo:

¹³² Parece que o Ir. Jean-Marie não foi autorizado pela universidade. Este fato chegou a reforçar a reputação de escola clandestina formulada contra Champagnat nesta época.

¹³³ É pouco provável que este pensionato funcionou antes de 1825. O alojamento da comunidade dos Irmãos em l’Hermitage permitiu esta reorientação da casa.

“Gostaria que vocês dedicassem os primeiros passos de seu zelo às crianças mais ignorantes e mais abandonadas. Assim, proponho-lhes ensinar nas aldeias da paróquia” (Vida, p.69).

Mas a aldeia do Bessat (ou Bessac), a mais populosa e mais distante, a quase 1200m de altitude, apresenta problemas: para chegar lá, precisa-se de duas horas de caminhada. De acordo com o prefeito do Loire, lá vive “uma população [...] que está apodrecendo por mais de três séculos de ignorância e numa espécie de brutalidade realmente deplorável”. Para o Arcebispo de Lyon são:

“mais de 500 indivíduos, abandonados desde tempos imemoráveis, muito longe do centro e paróquias vizinhas para receber ajuda religiosa e vivendo na brutalização, o que deixa uma terrível solidão, nas proximidades do Monte Pila (sic) e a falta de instrução religiosa¹³⁴” (Zd, M. Ch. p 220).

Em nível religioso, estas afirmações são parcialmente precisas: Le Bessat é uma área morta do território paroquial de La Valla. Mas, econômica e socialmente, o Bessat é uma ponte importante entre St-Étienne e o vale do Ródano. Af se realizam feiras. Em todo caso, é o Ir. Lourenço (Jean-Claude Audras) que assegura, a partir de Todos os Santos de 1819, tudo indica, a missão de catequizar esta população. Toda quinta-feira desce para La Valla para refazer a provisão de batatas, queijo e pão. Hospedado na casa de um habitante, fazia sua própria comida. Pela manhã e à noite, munido de um sininho como os confrades da Doutrina Cristã faziam desde o século XVI, na Itália, ele percorre a cidade e “quando as crianças estavam reunidas em torno dele, ensinava-lhes as orações e o catecismo e dava-lhes aulas de leitura”. Aos domingos, ele fazia o mesmo na capela com todos os habitantes (Vida, p.76).



15. Jules-Alexis Muenier. *La Leçon de catéchisme* - 1890

Por seu altruísmo e dedicação, ele encarna um primeiro tipo de Irmão inscrito na tradição das confrarias da Doutrina Cristã. E a pegada desta formação é tão forte que em toda a sua vida aparentemente não teve sucesso como professor e não ter dado muita importância à vida comunitária. Em carta de 1842 (citado em *Lettres*, T. 2, p.320), ele pede para ir à diocese de Angoulême¹³⁵ para catequizar as crianças:

¹³⁴ Ibid, p. 220

¹³⁵ Ele reside, portanto, em Haute-Loire, a centenas de km da diocese de Angoulême. Este é o momento em que os Padres Maristas assumem um centro de peregrinação em Verdélais, na diocese de Bordeaux. Padre Colin quis que Champagnat enviasse para lá Irmãos. A diocese de Angoulême é vizinha daquela de Bordeaux.

“não preciso nada mais que um catecismo e uma sineta; parece-me ouvir estas pobres crianças que me dizem: Ah! se conhecêssemos este grande Deus que nos criou”... E na mesma carta ele faz alusão às roupas que distribuiu aos pobres, recordando outra atividade inaugurada em La Valla desde 1817-1818: auxílio aos pobres.

O aspecto caritativo da obra é fundamental. O Ir. João Batista¹³⁶ recorda que Champagnat não se ocupa apenas de crianças pobres, mas também adultos indigentes, fornecendo roupas e alimentos e em casos de doença “designava dois Irmãos para assisti-los durante a noite ou alguma outra pessoa caridosa”. E até mesmo um Irmão era encarregado de levar uma esmola para um homem velho, apesar de suas blasfêmias (*Vida*, p.476-77).

Marie-Françoise Baché, nascida em La Valla em 1828, declara que não guardou a não ser uma ideia confusa de Champagnat, que ela viu em sua infância, mas ela ouviu de sua mãe que o ajudou em suas boas obras. “Por várias vezes, ela matou os piolhos em meninos pobres que ele recebia e instruía, alguns dos quais se tornaram seus Irmãos”¹³⁷. Ainda, em 1º de dezembro de 1823, o Padre Champagnat escreveu ao Ir. João Maria: “Quanto a La Valla, acho que teremos muitas crianças e também muitos pobres. Graças a Deus! Faremos o possível para alimentá-los”¹³⁸.

A *Vida* de Champagnat desenvolve amplamente (p.477-479) o caso de Jean-Baptiste Berne, filho de uma mulher pobre, que suaviza os últimos momentos por sua caridade. O filho mais velho de 9 anos (*Chronologie*, 1820), recolhido pelos Irmãos, revela-se impossível de ser educado. “Acostumado a viver vagabundeando e a seguir livremente suas más inclinações, ele não podia suportar o estresse que lhe pedia a vida regrada de uma casa de educação [...]. Ele fugiu várias vezes, preferindo mendigar seu pão e viver na miséria a dobrar sua vontade rebelde e submeter-se à disciplina da escola”. Depois de vários anos durante os quais ele testou a paciência dos Irmãos, o jovem se corrigiu, fez sua primeira comunhão e tornou-se o Irmão Nilamon, em 1825. Ele morreu em 1830, com a idade de 21 anos.

O jovem Berne não é uma exceção. Joseph Violet, de Doizieux, nascido em 24 de abril de 1807 e sendo pensionista do fim de 1819 até 1822¹³⁹, relata:

“Enquanto eu estava na casa, chegou um grupo de 10 jovens. Diante da escassa razão que tínhamos, eles correram no dia seguinte, menos dois, um dos quais era coxo”.

O testemunho de Joseph Violet relata ainda que ele era pensionista com um chamado Tissot, de Plagny, “que aprendeu latim sob a direção de Padre Champagnat. Este último lhe trouxe dissabores por causa da grande negligência em seus deveres”.

Sabemos também que em Saint-Chamond, o diretor do colégio, preocupado com esta concorrência de Champagnat, denunciou-o ao Inspetor em 1820¹⁴⁰. Eis

¹³⁶ *Vida*, 2ª parte, capítulo XXII: “De sua caridade para com os pobres”.

¹³⁷ AFM, Positio, Testis, 27, folha 593, citado na *Vida* de Champagnat, p 483, nota 11.

¹³⁸ *Cartas* do P. Champagnat, doc. 1.

¹³⁹ Nota sobre M. Champagnat, transcrita pelo Ir. Alexandre Balko em FMS de janeiro-fevereiro de 1974 e retranscrita em “*Repensons à nos origines*”, p. 9.

¹⁴⁰ O inspetor Guillard, passando em St Genest Malifaux em 15 de maio de 1820 (OM1/65), assinala que o vigário de La Valla tem um colégio.

porque M. Dervieux, Presidente do Comité cantonal de educação, criado pelo decreto de 1816, em breve irá ameaçar seu estabelecimento de encerramento. Mesmo assim, em 1821, Jean-Marie Matricon, nascido no Bessat em 1803 e que se tornou padre em 1828 e, em seguida, Padre Marista em 1839, recebe lições de latim com Philippe Arnaud, sobrinho de Champagnat (*Lettres*, T. 2, p. 375).

Por este meio, Champagnat tem a esperança de poder contribuir para a criação do ramo dos padres da Sociedade de Maria. Quando, em 16 de maio de 1818, ele recebe Gabriel Rivat, então com 10 anos de idade, e que se tornará o Irmão Francisco, seu primeiro sucessor, não é primeiramente para fazer dele um Irmão, mas para instruí-lo, especialmente no latim¹⁴¹. Sua tomada de hábito, em 8 de setembro de 1819, fez dele um Irmão muito jovem, provavelmente menos pelo desejo de Champagnat¹⁴², mas porque é uma escolha do adolescente.

Parece que, antes de 1822, a obra de Champagnat teve uma estrutura multi-forme, tradicional e inovadora. Seus biógrafos, muitas vezes, tendem a apresentá-lo como um homem que tem, desde 1816, uma visão clara de seu projeto que, quando duvida, vai às apalpadelas e adapta-se aos acontecimentos¹⁴³.

Além disso, os Irmãos dos primeiros anos são auxiliares paroquiais versáteis. O capítulo 5 da *Vida*, que narra como Champagnat corrige os costumes de seus paroquianos, relata dois casos (p.48-50), onde um Irmão o acompanha nas aldeias distantes para visitar os doentes e especialmente para parar com os bailes. Os Irmãos também certamente exerceram as funções de cantores¹⁴⁴, porque Champagnat os treina no cantochão que faz parte do seu programa catequético desde o início. Além disso, a *Vida* de Champagnat (2ª parte, cap. VI, p.309) relata que, após a sua chegada a La Valla, a igreja estando suja, ele mesmo se põe a limpá-la e até mesmo a cuidar da sacristia: “continuou nesses serviços até que um Irmão estivesse suficientemente treinado para assumi-los”.

Foi só mais tarde, depois de 1830, que Champagnat decide proibir os Irmãos de assumir a função de cantor e sacristão, funções que pareciam pressionar os Irmãos em direção ao estado eclesiástico e também porque elas induzem os sacerdotes a não os ver como religiosos, mas tradicionais professores-cantores-sacristãos.

Em poucos anos, a obra de Champagnat evolui, portanto, consideravelmente. Quando reúne dois jovens em janeiro de 1817, é para catequizar os povoados e ao redor da paróquia e não para substituir os professores das escolas. O estabelecimento de um centro de acolhimento de crianças indigentes e vadias da cidade, que é talvez devido à iniciativa dos Irmãos, quase criou praticamente uma escola

¹⁴¹ *Vida*, cap. 6, p. 62.

¹⁴² Ver *Vida*, p. 63, que, querendo mostrar a obediência do Ir. Francisco, ressalta o fato que ele recusa o sacerdócio.

¹⁴³No entanto, o Ir. Jean-Baptiste menciona (*Vida*, cap. 6, p. 55) que ele fazia seguidamente esta oração: “Meu Deus, afastai de mim este pensamento, se ele não vier de vós, ou se este desejo não contribuir para vossa glória e a salvação das almas”. A memória Bourdin (OM2/754 § 16) diz também: “O Pe. Champagnat rezava continuamente: Meu Deus, fazei que esta obra termine se ela não vier de vós!”

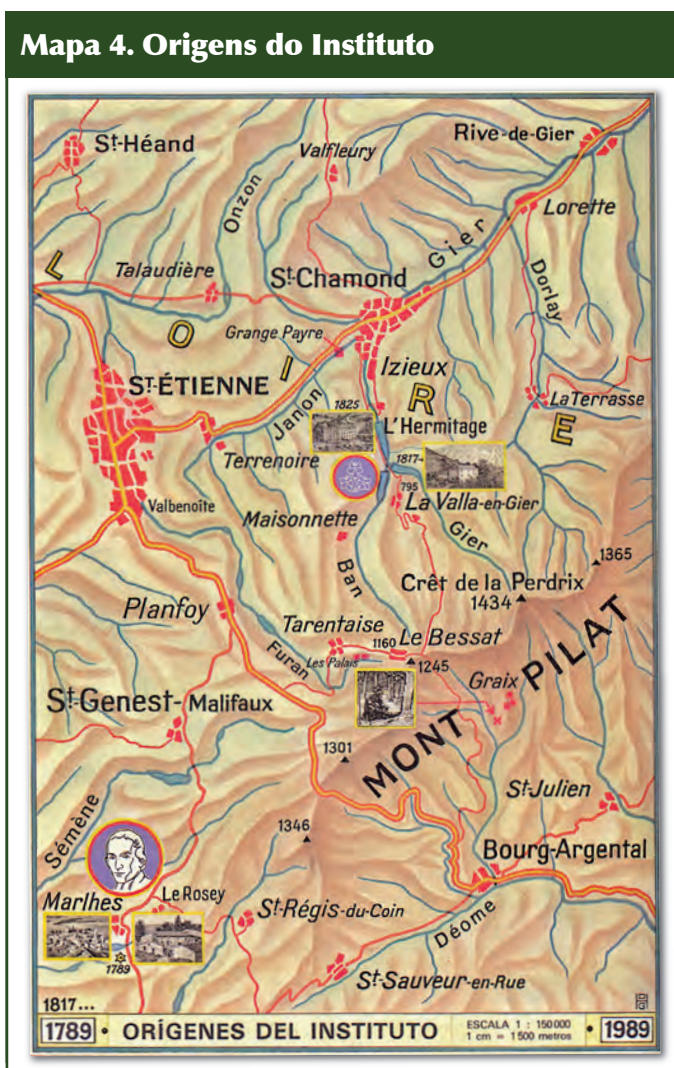
¹⁴⁴ Na memória Bourdin, *op. cit.*, § 8: “Cantor morre jovem... É preciso um homem tal qual vós me haveis descrito”. Essas palavras do pároco a Champagnat parecem referir-se a Jean-Marie Granjon.

História do Instituto

concorrente à do município, em um tempo em que catequese e escola são pouco diferenciadas. O encontro de Champagnat e alguns Irmãos com o método simultâneo muda a atitude da Congregação que agora dedica grande parte de sua energia para formar técnicos da educação aptos a gerir as escolas no sentido moderno da palavra. Mas o Ir. Lourenço é um bom exemplo de Irmão da primeira hora, pouco capaz de se adaptar a esta nova função.

Ensinando ele mesmo o latim para alguns moradores e Irmãos, Champagnat se encaixa na tradição das escolas paroquiais, mas também reforça a imagem de uma comunidade de professores. Não é por acaso que, em St-Chamond, percebe-se La Valla como um colégio clandestino.

Mapa 4. Origens do Instituto



4.

AUSTERIDADE, ZELO APOSTÓLICO E ESBOÇO DE REDE ESCOLAR (1818-1822)

Até 1820, a cronologia da obra de Champagnat em La Valla seria:

- De outubro de 1816 a março de 1817: ele e dois discípulos constituem um grupo fervoroso com fim catequético e caritativo no espírito da Sociedade de Maria.
- Champagnat tendo adquirido em 1º de outubro de 1817 a casa onde ficam os Irmãos, o pároco encarrega-se de anular este ato.
- Provavelmente depois do dia de Todos os Santos de 1817, os Irmãos começam a catequizar nos vilarejos aos domingos, e o Ir. Jean-Marie começou a reunir as crianças indigentes para alimentá-las e educá-las, com a permissão do pároco. Dois novos Irmãos são admitidos na comunidade. A casa é definitivamente adquirida em abril de 1818. Em maio, dois novos candidatos entraram no noviciado.
- O 3º e o 4º Irmãos tomam o hábito em 15 de agosto de 1818. Pelo dia de Todos os Santos de 1818, Champagnat instalou na aldeia de Sardier um jovem professor, Maisonneuve, que pratica o método simultâneo. Durante o ano escolar de 1818-1819, na cidade, o abrigo dos Irmãos concorre com a escola pública do mestre de escola Montmartin. Daí a controvérsia entre Champagnat e o pároco, que apoia o seu professor.
- Durante o verão de 1819, Montmartin se retira, e Maisonneuve o substitui como professor municipal lecionando na casa dos Irmãos e vivendo com eles. Ensinando as crianças, ele forma os Irmãos no método simultâneo. O ensino do catecismo nas aldeias continua.

Primeiras fundações de escolas

No final de 1818, dois Irmãos foram enviados a Marlihes. Champagnat não podia recusar ao seu antigo pároco que deseja substituir o seu velho mestre de 62

anos¹⁴⁵. O Ir. Luís é que abre a escola de Marlhes, (*Vida*, cap. 8, p.78) com 16 anos, e seu companheiro (Ir. Antoine), que tem 18 anos. O pároco e seu vigário acharam que eles eram pouco instruídos e sem experiência, mas, em breve, eles constatam que, apesar da sua tenra idade, os Irmãos conseguem muito bem educar e instruir as crianças. A descrição de sua ação, dada pelo Ir. Jean-Baptiste, insiste sobre o fato que a oração e o catecismo são as principais ocupações. Ele não menciona nenhuma ação externa, como em La Valla, e não parece que os Irmãos praticam o método simultâneo. Os irmãos de Marlhes, portanto, atuam de acordo com o modo antigo: catecismo, leitura e método individual, tal como o Ir. Laurent no Bessat, sem atividades múltiplas que vemos em La Valla e que vamos ver um pouco mais tarde em Saint-Sauveur e Bourg-Argental.

A história da escola de St-Sauveur, fundada em novembro de 1820 pelo Ir. Jean-François (Étienne Rouméty), que ingressou na congregação em 1819¹⁴⁶, é na verdade bem diferente. Na *Vida* (Cap. 10, p.104-105), o diretor é apresentado como hábil em trabalhos manuais, muito fervoroso, mas pouco capaz de ensinar, dedica-se, com a ajuda de um Irmão mais novo, a todos os tipos de atividades apostólicas: coletas de trigo, batata, manteiga... para a manutenção das crianças pobres hospedadas pelos Irmãos até sua primeira comunhão. Eles cuidam dos indigentes; visitam e cuidam dos doentes; todas as noites catequizam crianças e jovens. Os Irmãos exortam até homens que se afastaram dos sacramentos para cumprir seus deveres. E o inspetor Guillard disse: “estas espécies de irmãos vivem com grande frugalidade e nunca bebem vinho” (OM1, Doc. 75).

Na verdade, os Irmãos de Saint-Sauveur imitam as práticas de La Valla, talvez com um espírito de decisão relacionado com a personalidade de um diretor particularmente “fervoroso”. Observa-se, no entanto, duas linhas distintas: nada de catecismo nas aldeias, mas transbordamento da ação dos Irmãos para as funções clericais. Estamos, portanto, num zelo multifacetado e um pouco intempestivo, que desperta admiração e preocupação.

A ação do Ir. Jean-Marie, em Bourg-Argental a partir de 1822, mesmo reproduzindo o modelo de La Valla¹⁴⁷, vai ainda mais longe:

“O Ir. Jean-Marie é enviado [...] toda a paróquia o admira; [...] ele dá até suas roupas aos pobres. Este objetivo não foi proibido em outros lugares, porque eles iam visitar os doentes, organizavam-nos. É por isso que ele parte com as mesmas disposições – como era costume na Igreja”...

A tradução é fácil: o Ir. Jean-Marie é admirado pela paróquia por causa de sua santidade ostentosa e sua caridade, embora não tenha nenhuma instrução adicional¹⁴⁸. E o testemunho recolhido indica que esta atitude, muito próxima do que fazem os Irmãos em St-Sauveur, não era então proibida pelo regulamento.

¹⁴⁵ P. Zind, *Miscellanées Champagnat*, p. 209.

¹⁴⁶ Ver *Lettres*, T. 2, p. 288. Ignoramos sua data e seu lugar de nascimento.

¹⁴⁷ Descrito na memória Bourdin (§ 12),

¹⁴⁸ Não se sabe, por outro lado, se o texto faz alusão a La Valla ou a Bourg-Argental. Provavelmente os dois.

O inspetor Guillard, em 1822 (OM1/75 § 3), confirma em grande parte este testemunho: “o primeiro Irmão que vi ontem em Bourg-Argental foi granadeiro da Guarda Imperial [...] na Quinta-feira Santa ele permaneceu ajoelhado em seu lugar desde as 8 horas da noite até às 8 horas da manhã”. Ele acrescenta que os Irmãos “imitam um pouco os verdadeiros Irmãos da Doutrina Cristã em seu ensino e na sua disciplina” (OM2/754 § 3) e que eles têm “uma mobília como os Irmãos”.

La Valla: uma escola normal ou o ensaio de uma congregação?

Muito rapidamente surge o questionamento da autoridade sobre os Irmãos. Aqueles de Marlhès são mestres da escola paroquial, enquanto em St-Sauveur é um notável leigo, Sr. Colomb de Gaste¹⁴⁹, que trouxe os Irmãos (*Vida*, cap. 8, p.81). Da mesma forma, em Bourg-Argental é o senhor de Pleyné, prefeito, que preside a sua instalação¹⁵⁰. Enquanto as autoridades civis reconhecem um direito de controle do Padre Champagnat sobre os Irmãos, o pároco de Marlhès considera-os como seus Irmãos, e Champagnat, apenas seu formador¹⁵¹. Surge um conflito entre o pároco e Champagnat, quando o último retira o Ir. Louis, em 1821. Então é necessário que ele resista ao pároco, que quer mantê-lo, e obedeça a Champagnat (*Vida*, cap. 8, p. 82-84). A escola é fechada em 1822, porque não é saudável, disse o Ir. João Batista, mas a causa profunda é o conflito de autoridade entre o Pe. Alliot e Pe. Champagnat.

No caso do Ir. Luís e sua escola de Marlhès, destaca, portanto, uma ambiguidade da obra de Champagnat: uma simples casa de formação para Irmãos-professores ou uma congregação para vários locais? Como em 1820 Champagnat não goza de nenhum reconhecimento oficial, sua autoridade provém unicamente dos Irmãos. O inspetor Guillard observa também que aqueles de Bourg-Argental o chamam de seu “superior geral” (OM1/75 § 3) e vimos que o Ir. Luís agiu em Marlhès, de acordo com o mesmo espírito. Mas o reconhecimento dos discípulos não durará muito tempo, e Champagnat bem cedo vai precisar de um apoio pelo menos informal das autoridades eclesiais, mais próximas do local que o Estado.

Pobreza e austeridade

Entretanto, o zelo apostólico primitivo continua e vimos que o inspetor Guillard, testemunha externa, evoca a austeridade dos Irmãos. No capítulo IX da *Vida* sobre o amor da pobreza de Champagnat (*Vida*, 2ª parte, p.341-344), o Ir. João Batista também insiste fortemente sobre este ponto:

¹⁴⁹ Guillard (OM1/75 § 6) diz que o Sr. Colomb de Gaste é “o ‘toreiro’ (o personagem influente) do país”.

¹⁵⁰ O inspetor Guillard (OM1/75 § 3) indica claramente que o Sr. de Sablon e o Sr. de Pleyné são os atores da vinda dos irmãos, mas que certos notáveis não apreciavam a troca dos professores anteriores.

¹⁵¹ É isto que diz de forma velada a memória de Bourdin (OM2/754 § 11: “Eles eram chamados de irmãos de Marlhès e não de La Valla”.

“A alimentação da casa era o mais simples e mais frugal: pão caseiro, queijo, batatas, legumes, às vezes um pouco de (bacon) salgado e sempre água para beber”...

Em um jantar, o pároco de La Valla cruza o refeitório e verifica que os Irmãos têm apenas um pouco de salada para compartilhar. Em Bourg-Argental, os Irmãos recusam os colchões fornecidos por uma senhora caridosa e se contentam com os de palha.

O Ir. Jean-Batiste dá várias razões dessa atitude: a primeira é a pobreza porque em La Valla as coletas, principalmente de produtos alimentares, “durante oito anos são o maior recurso da comunidade”; também o espírito de pobreza, fortemente inspirado na Trapa, cujo prestígio está em alta¹⁵². Mas também, destinado ao apostolado rural, os Irmãos devem custar o menos possível às prefeituras¹⁵³. É por isso que precisam aprender a fazer eles mesmos a cozinha e consertar suas roupas. Uma horta, cuidadosamente cultivada, fornece-lhes grande parte da alimentação¹⁵⁴. A aceitação desta pobreza é também, para o Fundador, um teste de vocação: aqueles que não podem suportar tanto rigor vão embora.

O Ir. João Batista diz que esta dieta austera sem carne nem vinho durou quinze anos, até 1830 (*Vida*, p.341). Deve ser tomada com cuidado tal afirmação, porque ao se dar conta que tais exigências impedem o recrutamento e põem em risco a saúde, após 1822, Champagnat fez abandonar as mortificações extraordinárias assim como o zelo multiforme dos Irmãos e melhorar, tanto quanto for possível, a alimentação habitual¹⁵⁵. Agora, o foco estará na comunidade, na escola e na obediência.

Esses exemplos de proeminentes discípulos da primeira hora, nos levam portanto, a pensar que, nos anos de 1817-1822, os Pequenos Irmãos de Maria funcionam como uma espécie de confraria, deixando a seus membros uma vasta gama de ação apostólica e de santificação pessoal, depois de um tempo razoavelmente curto de formação, baseado tanto sobre o trabalho manual quanto no estudo e nas tarefas apostólicas. O noviciado é certamente uma retirada do mundo muito relativa, mais próximo da aprendizagem do que do modelo monástico.

Mas a expansão da obra cria problemas de autoridade que exigirão agora definições mais rigorosas. Uma fase carismática da obra está prestes a acabar. O pároco de La Valla, que, durante a visita do inspetor Guillard, culpa seu vigário de projetar seu zelo demasiado longe se fazendo superior de uma congregação, for-

¹⁵² Champagnat não é totalmente alheio a este espírito de mortificação porque é ele que convida os irmãos a privar-se de vinho (*Vida*, 2ª parte, cap. 11, p. 361) e ensina a J. M. Granjon o uso da disciplina (*Ibid.*, p. 364).

¹⁵³ Ver *Vida*, p. 351: citação de Champagnat sobre este assunto, p. 341-342: Nos anos 1820-1830, os três irmãos de uma escola gastam entre 350 e 450 F por ano.

¹⁵⁴ O inspetor Guillard assinala (OM1/75 § 6) que em Saint Sauveur os irmãos, que moram no antigo hospital, acabam de limpar o antigo cemitério, que foi abandonado durante séculos, e que é de “péssima reputação”.

¹⁵⁵ Sobre esta questão, ver CM 31 (março 2013), p. 125-132.

mula exatamente o problema que surge em 1822. Muito feliz por ter bons professores, os párocos não estão preocupados em constatar que estes não estão inteiramente sob sua autoridade.

Das aldeias à cidade

A fundação de Bourg-Argental, em 2 de janeiro de 1822, deve ser também vista como um grande evento porque este município é considerado uma cidade. E, concordando de nela instalar seus Irmãos, Champagnat está ciente de se afastar do seu projeto primitivo, ao ponto que faz nesta ocasião sua própria teoria do apostolado: “a caridade de Jesus Cristo [...] estende-se a todos os homens e [...] as crianças das cidades lhe custaram também todo seu sangue”. O pedido de Bourg-Argental, portanto, é lido como um sinal providencial.

Ele também tem sua própria sociologia religiosa: “A educação religiosa nas paróquias populosas e nas cidades deve ser mais profunda, pois que as necessidades espirituais são maiores, e a instrução primária é mais desenvolvida”. Portanto, catecismo e práticas religiosas devem “ter o primeiro lugar” e os Irmãos se apliquem a “dar mais cuidado para a educação cristã das crianças, por elas serem mais negligenciadas e os seus pais cuidarem menos delas”.

Ele não opõe, portanto, a boa zona rural à má cidade, mas ele vê aí dois mundos diferentes: o primeiro é aquele dos abandonados, aqueles deixados à sua sorte que é preciso fazê-los sair da ignorância e da grosseria. O segundo é o da cultura dissociada da fé. Na zona rural, os pais são ignorantes; na cidade, são negligentes:

“As autoridades que os convidam, assim como os pais que os aguardam com impaciência para lhes entregar os filhos, esperam que ministrem aos meninos excelente instrução primária. A congregação que os envia tem uma visão mais abrangente: por isso lhes pede que ensinem também a conhecer, amar e servir ao Pai Celeste, que façam dos meninos bons cristãos, e que sua escola seja uma sementeira de santos”. (Vida, p.86).

A aceitação de uma escola de “cidade” é também a prova de que Champagnat considera que seus Irmãos são suficientemente formados para assumir este encargo. Resulta que, com uma equipe de uma dúzia de membros julgados sólidos, uma difusão em escala de um “país”¹⁵⁶ significa renunciar a uma dispersão nas margens da paróquia¹⁵⁷. Escolhendo a cidade, em vez da aldeia, Pe. Champagnat modifica seu projeto primitivo. Os Irmãos maristas não serão o equivalente masculino das Beatas, e o exemplo do Ir. Laurent no Bessat será apenas um episódio de curta duração.

¹⁵⁶ No sentido de “pagus”.

¹⁵⁷ O Ir. Laurent, catequista no Bessat, não terá imitadores. Em novembro de 1821, o Fundador o envia a Tarentaise para vigiar os latinistas do “colégio” do pároco Préher. Mas todos os domingos, provavelmente de sua própria iniciativa, ele sobe ao Bessat para dar o catecismo à população (*Annales de l’Institut*. T. 1, p. 35).

A promessa. Da associação à congregação (1817-1822)

O Instituto manteve a memória de dez Irmãos que entraram na obra durante os primeiros cinco anos da sua existência. Os seis primeiros (1817-1818) são todos naturais de La Valla ou nela domiciliados. Os últimos (1818-22) vindos de outros lugares e às vezes de muito longe, mostram que a obra, no começo puramente paroquial, assume uma escala de “região”. É certo que outros candidatos entraram no noviciado ou viveram com os Irmãos. Temos um exemplo com o professor Claude Maisonneuve (*Vida*, cap. 7, p.68-69). É preciso, portanto, ver a casa de La Valla e a associação dos irmãos como um grupo em movimento, acolhendo por um tempo mais ou menos longo membros de condições mal definidas. No entanto, os dez Irmãos nomeados abaixo parecem ter sido os únicos a se engajar durante cinco anos na associação e nela continuar um número suficiente de anos para que a memória possa permanecer.

NOMBRE	NACIMIENTO	LUGAR	NOVICIADO	HÁBITO
J.-M. Granjon (Ir. Jean-Marie)	1794	Doizieu	2.1.1817	Fins março 1817
J.-B. Audras (Ir. Louis)	1802	La Valla	2.1.1817	Fins março 1817
J.-C. Audras (Ir. Laurent)	1793	La Valla	24.12.1817	15.8.1818
Antoine Couturier (Ir. Antoine)	1800	La Valla	1.1.1818	15.8.1818
B. Badard (Ir. Barthélemy)	1804	La Valla	2.5.1818	8.9.1819
Gabriel Rivat (Ir. François)	1808	La Valla	6.5.1818	8.9.1819
Étienne Roumésy (Ir. Jean-François)	?	?	1819	1820
Antoine Gratallon (Ir. Bernard)	1803	Izieux	1820	11.11.1822
Claude Fayol (Ir. Stanislas) ¹⁵⁸	1800	St. Médard-en-Forez	2.2.1822	25.10.1822
J.-P. Martinol (Ir. Jean-Pierre) ¹⁵⁹	1798	Burdigne	1821	1823

¹⁵⁸ Ibid, p. 58-73. Ele foi enviado para La Valla por seu pároco.

¹⁵⁹ *Biographies de quelques frères*, Lyon, 1868, p. 41-49. Recrutado pelos Irmãos de Saint Sauveur-en-Rue, morreu em 1825.

A partir de março de 1817 os dois primeiros Irmãos, tomando o hábito, certamente pronunciaram uma fórmula de compromisso¹⁶⁰. Os arquivos dos Irmãos Maristas conservam uma cópia tardia (1826) de consagração, provavelmente mais elaborada do que a do começo¹⁶¹.

<p>“Nós, abaixo assinados, para a maior glória de Deus e a honra da augusta Maria, Mãe de nosso Senhor Jesus Cristo, certificamos e garantimos que nos consagramos por cinco anos a partir de hoje... mil oitocentos e vinte e seis,</p>
<p>livre e voluntariamente, à piedosa associação dos que se consagram, sob a proteção da bem-aventurada Virgem Maria, à instrução cristã das crianças da zona rural.</p>
<p>Propomo-nos:</p>
<p>Primeiramente, procurar apenas a glória de Deus, o bem da Igreja Católica, Apostólica e Romana, e a honra da augusta Mãe de nosso Senhor J(esus) C(risto).</p>
<p>Em segundo lugar, nós nos comprometemos a ensinar gratuitamente os indigentes que apresentará o senhor pároco do lugar, 1º o catecismo, 2º a oração, 3º a leitura, o respeito aos ministros de Jesus Cristo, a obediência aos pais e aos príncipes legítimos.</p>
<p>Em terceiro lugar, temos a intenção de comprometermo-nos a obedecer sem retrucar a nosso superior e aqueles que, por sua ordem, ficarmos subordinados.</p>
<p>Em quarto lugar, prometemos manter a castidade.</p>
<p>Em quinto lugar, nós colocaremos tudo em comunidade”.</p>

O Ir. Balko¹⁶² demonstrou convincentemente que este texto não é uma fórmula de profissão, mas um contrato de associação de educadores cristãos diretamente inspirado na consagração Marista de 23 de julho de 1816, em Fourvière, como evidencia claramente o lema marista: “Para a maior glória de Deus e a honra da augusta Maria, mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo”. Em março de 1817, Jean-Marie Granjon e Jean-Baptiste Audras certamente não pronunciaram integralmente o texto de 1826, mas, sem nenhuma dúvida, uma fórmula de referência à parte essencial da consagração de Fourvière de julho de 1816:

¹⁶⁰ O Ir. João Batista hesita sobre a data da primeira promessa. Na *Vida* (1ª parte, cap. 15, p. 145), “desde o princípio” os Irmãos pronunciam “as promessas” ou “uma consagração”, “traçada pela mão do piedoso Fundador”. Um pouco mais adiante (p. 178) ele nos diz “que a primeira vez que ele fez questão de assumir este compromisso” situa-se em 1818.

¹⁶¹ OM1/168. O Ir. João Batista nos dá uma versão diferente desta: *Vida*, cap. 15, p. 145-146.

¹⁶² FMS n° 31, 1978, p. 412. Incluído na coleção dos artigos do Ir. Balko: “*Repensons à nos origines*”, p. 77-82.

“PROMESSA”	CONSAGRAÇÃO DE FOURVIÈRE (JULHO DE 1816)
<p>“Nós, abaixo assinados, para a maior glória de Deus e a honra da augusta Maria, Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, certificamos e garantimos que nos consagramos por cinco anos a contar desta data..., livre e voluntariamente, à piedosa associação dos que se consagram, sob a proteção da bem-aventurada Virgem Maria, à instrução de cristã das crianças da zona rural”.</p>	<p>“... Nós, abaixo assinados, dispostos a trabalhar para a maior glória de Deus e de Maria, mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, afirmamos e declaramos que temos a sincera intenção e firme vontade de nos consagrar, assim que for possível, à piedosa instituição da Congregação dos Maristas”.</p>

Encontramos também o programa que Champagnat havia definido quando ele reuniu seus dois primeiros aspirantes. É possível que a segunda parte da fórmula do compromisso, relatada abaixo, também tenha sido pronunciada:

“Queremos,

primeiramente, não procurar senão a glória de Deus, o bem de sua Igreja Católica, Apostólica e Romana, e a honra da augusta Mãe de Nosso Senhor J(esus) C(risto).

Em segundo lugar, nós nos comprometemos a ensinar de graça os indigentes que apresentará o Senhor pároco do lugar: 1º o catecismo, 2º a oração, 3º a leitura, o respeito para com os ministros de Jesus Cristo, a obediência aos pais e aos príncipes legítimos”.

No entanto, isto parece mais lógico em um tempo em que os Irmãos realmente tomam a seus cuidados as crianças carentes da paróquia em 1818 ou 1819. A terceira parte, que compromete explicitamente os Irmãos em um estilo de vida mencionando claramente a obediência a um superior (eclesiástico), parece-me mais lógico em 1822.

Independentemente da cronologia de sua elaboração, essa promessa dos Irmãos não faz outra coisa que imitar um tipo de compromisso assumido em muitas comunidades espontâneas, particularmente entre as mulheres. J-B Galley¹⁶³ escreveu um documento, em 12 de junho de 1795, que descreve bem sua situação:

“As moças, geralmente pouco ricas, eram costureiras, fazedoras de fitas, comerciantes de varejo, etc.; elas instruíam as meninas, em toda parte, sob os pagamentos que estabeleciam com seus pais; não faziam nenhum voto público que as privava dos direitos civis; eram associadas, entrando, por escritura passada perante o tabelião que constava o dote que elas traziam”.

Essas associações de direito privado são muito ativas na resistência à Revolução:

¹⁶³ Saint-Étienne et son district pendant la Révolution, St-Étienne, 1907, T. 3, p. 85.

“Estas irmãs eram principalmente catequistas, propagandistas muito escutadas pelas boas mulheres, auxiliares preciosas dos párocos [...] Elas ainda somavam a isto o aconselhamento médico; onde acreditavam ter influência. De pouca instrução, elas mantinham escolas que de escola só tinha o nome. [...] e vemos estas irmãs da zona rural tecendo as fitas sobre um pequeno tear, como os pobres; tentando ensinar (às meninas) a ler as orações da diocese e as primeiras páginas do catecismo”.

Na cidade de La Valla dez “irmãs da congregação” exercem a profissão de tecelãs, e os Anais dos Irmãos de La Valla (p.51) dizem que esta congregação foi fundada em 1533...

“... como atestam os velhos papéis que se encontram com as atuais Irmãs de São José, em La Valla. Elas se afiliaram às irmãs de São José de Lyon em 1803. Estas últimas tomavam o hábito e faziam a profissão em La Valla¹⁶⁴. O Padre Champagnat sendo vigário presidiu várias dessas cerimônias: pode-se ver aí sua assinatura”.

Comunidades de “irmãos” são muito raras, mas os livros do Instituto fornecem um exemplo na biografia dos Irmãos Cassien e Arsène¹⁶⁵. Louis Chomat, futuro Irmão Cassien, nascido em 1788, tornou-se professor em Sorbiers pelo ano de 1820. Em 1823, Césaire Fayol se oferece para compartilhar sua tarefa. Depois de algum tempo:

“foi acordado que a bolsa seria comum; eles adquirem e possuem tudo em sociedade, que tudo permaneceria com os sobreviventes, e, após sua morte, o que deixarem seria destinado para as boas obras”.

Finalmente, os dois companheiros recrutados muito cedo por Champagnat revestem o hábito dos Irmãos Maristas, sem fazer o noviciado, em 1832 (Biografias, p.217)¹⁶⁶.

Em suma, a promessa, feita na forma primitiva desde março de 1817 e provavelmente gradualmente expandida até 1822, constitui a carta original da Sociedade dos Irmãos. O ensino de Champagnat terá como objetivo aprofundar nela as exigências espirituais.

“As suas instruções eram curtas, mas animadas e cheias de entusiasmo; elas discorriam quase sempre sobre a piedade, a obediência, a mortificação, o amor de Jesus, a devoção à Santíssima Virgem e o zelo pela salvação das almas”.

Nós temos uma coleção de frases que o Ir. João Batista localiza em 1822¹⁶⁷. Nesta lista, encontramos três frases sobre a piedade (1-3), quatro sobre o amor de Jesus e de Maria (4-8), três sobre a felicidade da vida religiosa (9-11) e quatro sobre o apostolado catequético (12-15). A vida religiosa, portanto, ainda é percebida em um sentido geral: não é uma questão de pobreza, castidade e de obediência.

¹⁶⁴ Isso indica que, embora afiliadas às irmãs de São José, as irmãs de La Valla conservam uma grande autonomia. Em suas memórias, Barge fala diversas vezes dessas irmãs.

¹⁶⁵ Biographie de quelques frères, Lyon, 1868, p. 189.

¹⁶⁶ Nós encontramos exemplos de tentativas semelhantes em Enzo Biemmi, *Le défi d'un religieux laïc au XIX^e siècle. Le Frère Gabriel Taborin (1799-1864)*, Tese Paris-Sorbonne, Paris, 1995.

¹⁶⁷ *Vida*, p. 100-102

Em nível apostólico, a palavra “escola” não é pronunciada. No entanto, argumentando fortemente que os Irmãos, pelo ministério catequético, são os sucessores dos Apóstolos, a 12ª sentença considera-os como colaboradores do clero e não como meros auxiliares.

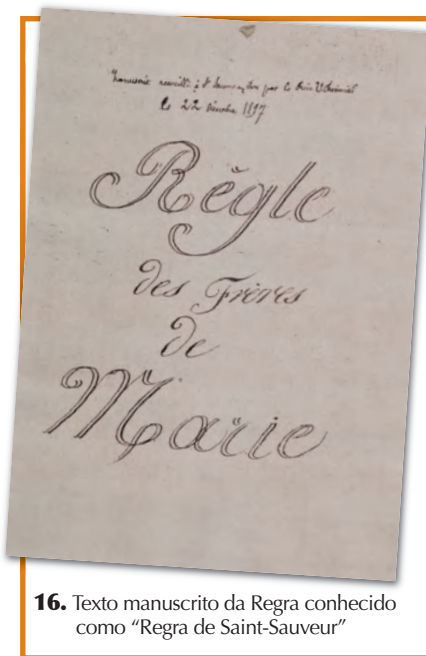
Isto é, desde antes da fundação de St Sauveur e Bourg-Argental que Champagnat e seus discípulos sonharam em se aproximar do modelo congreganista. Em 8 de setembro, pela tomada de hábito de G. Rivat e B. Badard, seu número aumentou para seis e nesta data acontece o primeiro retiro espiritual da associação¹⁶⁸. É também o momento de uma espécie de capítulo¹⁶⁹ em que os Irmãos elegem, por escrutínio secreto, o Ir. João Maria Granjon como diretor, assim como um regulamento mais conventual (meditação, missa, silêncio, rosário da bem-aventurada Virgem Maria, leitura espiritual) é estabelecido. O exercício da culpa é estabelecido a cada sexta-feira. Isso certamente logo após Champagnat, apesar das objeções de seu pároco¹⁷⁰, (*Vida*, cap.7, p.72) ir morar com os Irmãos, carregando à noite seus móveis para evitar comentários. O Ir. João Batista nos dá a razão para esta mudança:

“... Os Irmãos eram ainda apenas iniciantes na vida religiosa e no ensino [...] várias coisas sofreriam enquanto ele não estivesse na direção da sua comunidade (*Vida*, p.71)”.

A obra posta em questão (1819-1820)

Champagnat tem razões mais objetivas para estruturar sua obra e exercer controle sobre ela. A primeira é que agora os Irmãos se ocupam de uma escola e que o público tem seus olhos neles. Em segundo lugar, são os ataques dos quais ele é objeto, e dos quais Ir. João Batista faz eco na *Vida*:

“Às vezes se publicava que ele formou uma comunidade de Irmãos professores, irmãos para trabalhar a terra, Irmãos eremitas, etc. Chegaram até o ponto de dizer que ele formou uma seita de *beguinos*”.



16. Texto manuscrito da Regra conhecido como “Regra de Saint-Sauveur”

¹⁶⁸ A.F.M. 5101.302, Ir. Francisco, 1ª caderneta de retiros.

¹⁶⁹ *Vida*, cap. 6, p. 64-66.

¹⁷⁰ Cap. 11, p. 114-115.

A Memória Bourdin é mais específica sobre a natureza do ataque¹⁷¹: O Pe. Bochart, Vigário-Geral responsável das instituições educativas da diocese, saturado pelas denúncias, envia na Páscoa (1819?) uma carta acusando Champagnat de realizar “reuniões ilegítimas” e de apropriação indevida do produto de uma coleta feita em benefício de crianças pobres de um grupo hostil, sem dúvida, sustentado pelo pároco¹⁷². Em outros lugares, os motivos de insatisfação não faltam: o professor Montmartin expressou alguns lamentos e Champagnat luta contra a embriaguez, os cabarés, a dança, os livros ruins, a negligência na prática dos sacramentos¹⁷³. Champagnat parece ter encontrado o Vigário-geral Bochart e ter chegado a resolver o conflito¹⁷⁴. Isto não impede que as críticas destaquem certa anarquia na condução dos Irmãos e as autoridades diocesanas certamente o exortaram para controlar melhor sua obra.

As acusações de constituir uma seita de Beguinos podem parecer estranhas. Pode ser uma reminiscência de uma verdadeira seita de origem jansenista, fundada por Claude e Jean-Jacques Drevet, tio e sobrinho, sucessivamente párocos de St-Jean-Bonnefons, perto de St-Etienne¹⁷⁵, que parecem ser favoráveis à Revolução. Em 1792, convencidos de que a Igreja Católica chegou ao seu fim, anunciam o nascimento próximo de Elias que irá inaugurar a era do Paráclito. Eles juntam uma centena de fiéis e em 1794 os beguinos partem para Jerusalém para aí fundar a República de Jesus Cristo. Foram parados pela Guarda Nacional perto de Bourg-Argental, em um lugar que hoje é chamado de “República”. Eles são chamados de “beghins” ou “azuis” “por causa de suas opiniões políticas” favoráveis à Revolução¹⁷⁶. Como os Irmãos Maristas foram chamados desde bem cedo e são ainda chamados hoje na região de Saint-Chamond “os Irmãos azuis”, surge a questão, na cabeça das pessoas, de uma ligação entre esta seita e os discípulos de Champagnat com um zelo um tanto intempestivo.

É verdade que a explicação mais comum é a cor do hábito usado pelos Irmãos, mas a questão não é tão clara como parece, porque em 1822, o Inspetor Guillard, observa que os Irmãos de Bourg-Argental e Saint Sauveur-en-Rue vestem um hábito preto¹⁷⁷. Passando por La Valla, ele não encontrou nenhum Irmão, e, portanto, não fala da cor do seu hábito, enquanto em Feurs o hábito dos Irmãos do Monsenhor

¹⁷¹ OM2, doc. 754 § 16-18. No entanto, o estilo telegráfico do autor impede uma interpretação acertada.

¹⁷² Mas as relações entre o pároco e Champagnat, que surgem em momentos de querelas mais agudas, não parecem tão negativas. A memória Bourdin (§ 16) parece mostrar o embaraço do pároco nestas questões.

¹⁷³ *Vida*, cap. 5, p. 43-54.

¹⁷⁴ *Vida*, cap. 11, p. 107, um relatório de uma entrevista entre Bochart e Champagnat que parece ter sido fundido de duas entrevistas diferentes: uma em 1819, a outra mais tarde, por volta de 1821 ou 22.

¹⁷⁵ Sobre os Beguinos ver: Benoît Laurent, *Les Béguins, des Foréziens en quête de Dieu*, éditions Le Hénaff, 1980.

¹⁷⁶ Benoît Laurent, p. 86. O nome de “azuis” vem da cor do uniforme dos soldados da Revolução. Nos distúrbios da Revolução e ao longo de todo o século XIX opor-se-á os “brancos” monarquistas aos “azuis” republicanos.

¹⁷⁷ OM1, doc. 75.



17. Irmãozinho de Maria como “Irmão Azul”.
Vestimenta utilizada de 1819 a 1827.
(Desenho anônimo colorido, com
anotações do Ir. Théodose; Séc. XIX).

Courveille é azul, mas de diferente forma do hábito dos Irmãos de Saint-Sauveur. Pode ser que em La Valla os noviços têm, como os alunos, um hábito azul, o preto sendo reservado para os Irmãos comprometidos por uma promessa. Esta hipótese conciliaria as observações do Inspetor Guillard, o único a dar testemunho explícito, e a expressão “irmão azul” nasceu do fato de que a população de La Valla via muitos noviços de azul e pequeno número de Irmãos com hábito preto.

O hábito azul, muitas vezes como aquele dos colegiais, não pode ser desconectado com um segundo ataque evocado pela memória Bourdin (OM2/ 754§ 18-25) que parece ocorrer no final de 1819 e no começo de 1820¹⁷⁸. Ele provém da comissão responsável das escolas do cantão, presidido pelo Pe. Dervieux, pároco de St-Pierre, assistida pelo Pe. Cathelin, diretor do colégio de St-Chamond, que decide denunciar a escola de Champagnat ao arcebispo. Como o Padre Champagnat ensina o latim para alguns alu-

nos, Pe. Cathelin considera que se trata de um colégio clandestino concorrendo com o de Saint-Chamond¹⁷⁹. Quando ele passa na cidade em maio 1820, o inspetor Guillard é informado, mas não pode chegar até La Valla “onde o vigário detém um colégio com vários mestres, numa casa comprada *ad hoc*”¹⁸⁰.

A memória Bourdin e a *Vida* de Champagnat revelam que, desta vez, a ameaça é levada a sério porque o Pe. Dervieux voltou-se contra a obra de Champagnat, ameaçando fechar o estabelecimento pela polícia e transferir o seu fundador¹⁸¹. Este, portanto, imagina vender sua casa para se preparar para o exílio: na América, diz o Ir. João Batista¹⁸², ou na parte inferior do Bugey¹⁸³, disse o Sr. Bourdin, ou seja, no extremo leste da diocese onde são colocados os sacerdotes em desgraça. Quando perguntado sobre suas intenções, os Irmãos decidiram seguir Champagnat, aconteça o que acontecer.

¹⁷⁸ Na *Vida*, cap. 11, p. 106-113, o Ir. João Batista evoca estas questões, mas sem preocupação com a cronologia, reunindo os testemunhos sobre aos mesmos fatos e tornando Monsenhor Bochart o principal adversário do Pe. Champagnat, o que parece estar longe da realidade.

¹⁷⁹ OM2 p. 749, nota 1.

¹⁸⁰ OM1/65.

¹⁸¹ Mémoire de M. Bedoin, *op. cit.*, p. 14.

¹⁸² *Vida*, p. 112-113. Esta hipótese não é de se excluir porque diversos sacerdotes lioneses partiram para Louisiânia, notadamente Monsenhor Janvier, signatário da promessa dos primeiros Maristas em Fourvière em 1816.

¹⁸³ Mémoire Bourdin, § 21.

A obra é salva pelos vigários-gerais: Monsenhor Courbon, que preside a colocação dos sacerdotes, se recusa a exilar Champagnat¹⁸⁴ e o encoraja a perseverar¹⁸⁵. Monsenhor Bochard não seguiu a intransigência do Pe. Dervieux porque ele tem planos para criar uma congregação diocesana de “Irmãos da Cruz de Jesus” e a iniciativa de Champagnat poderia ser anexada um dia. Estabeleceu-se um acordo: Champagnat deve lealdade a Bochard que vai apoiá-lo no desenvolvimento de sua congregação¹⁸⁶.

A atitude das autoridades diocesanas é compreensível por várias razões: eles vêm com desconfiança que o Estado cuide dos problemas da educação, e a Igreja está lutando contra o ensino mútuo. Finalmente, em 14 de fevereiro de 1820, o duque de Berry, herdeiro da coroa, é assassinado, o que consterna a opinião pública, condena a política liberal até então conduzida pelo duque Decazes. Este assassinato aparece também como uma nova ameaça revolucionária e torna mais necessária uma educação cristã generalizada. Em breve começará o muito conservador ministério Villèle (1821-28).

Todos esses eventos reforçam consideravelmente a posição de Champagnat, que agora pode considerar que goza de um reconhecimento oficioso da Arquidiocese enquanto a Universidade, controlada pelo clero, vê sua independência bastante reduzida. A fundação da instituição de Saint Sauveur-en-Rue, no dia de Todos os Santos de 1820, mostra que a crise foi superada.

Continua a existir um grande problema: Bochard quer dar à futura congregação diocesana de Irmãos o nome de “Irmãos da Cruz de Jesus”. Champagnat e seus Irmãos insistem àquele dos “Irmãos de Maria” que significa vinculação a um projeto místico e supra-diocesano. Mas a situação não estava madura para uma fusão. “Monsenhor Gardette (superior do seminário maior e conselheiro de Champagnat) aconselha esperar, dar tempo ao tempo”¹⁸⁷.

As duas provas duraram da primavera de 1819 talvez à primavera de 1820, e provocaram uma mudança fundamental



18. Recriação imaginária do Ir. Lourenço pelo caminho até Le Bessat

¹⁸⁴ Bourdin, *op. cit.*, § 32.

¹⁸⁵ *Vida*, cap. 11, p. 108.

¹⁸⁶ OM2, doc. 754, § 24-25. O capítulo 11 da *Vida* do Fundador que relata esta questão é cronologicamente pouco confiável: o Ir. João Batista nele reuniu diversos testemunhos sobre os mesmos fatos.

¹⁸⁷ OM2, doc. 754, § 25.

em Champagnat. A memória Bourdin relata que em 1819, no momento em que ele é acusado de “reuniões ilegais”, “o Pe. Champagnat rezou continuamente: Meu Deus, fazei que a obra termine se ela não vem de vós!” (§ 16) e um pouco mais além: “Depois da leitura (da carta que o acusou), sinto uma insistência, mais do que nunca...” (§ 17). Essas palavras sugerem que a provação fez passar Champagnat da dúvida à certeza de que sua obra vem de Deus¹⁸⁸. É então, provavelmente no início de 1820, os Irmãos disseram que eles estavam prontos para acompanhar Champagnat caso ele fosse exilado¹⁸⁹.

Vadiagem, emigração e recrutamento

Melhor ao lado das autoridades religiosas, a posição de Champagnat está em risco devido à falta de seguidores fortes. Ele tentou, sem muito sucesso, atrair candidatos para o noviciado entre crianças, adolescentes e jovens que residem ou passam em sua casa. Em 1819-1821 apenas quatro candidatos novos vestiram o hábito, o que eleva o número de Irmãos a uma dúzia¹⁹⁰ e em 1822 o noviciado estará vazio, provavelmente devido à instabilidade da juventude em formação, mas também porque o tipo de vida é particularmente difícil. Um caso de vadiagem que ainda irá superar parcialmente este problema¹⁹¹.

“Em meados da quaresma de 1822”¹⁹², ou seja, em março, um jovem vem à noite para ser admitido na Comunidade, declarando que ele permaneceu seis anos com os Irmãos das Escolas Cristãs. Champagnat contenta-se em lhe oferecer hospedagem. Mas, o jovem o faz prometer de recebê-lo se ele lhe trouxer uma meia dúzia de candidatos¹⁹³. E ele lhe pede uma carta de recomendação. Chegado à sua região, perto de St-Pal-en-Chalancon, 60 km a oeste de La Valla, rapidamente reuniu um grupo de 8 jovens de 15 a 25 anos¹⁹⁴.

M. Champagnat fica surpreso ao ver um grupo que exige não só a hospedagem, mas ainda a admissão como noviços. Os Irmãos tendo sido convocados em uma espécie de capítulo na época da Páscoa, em meados de abril, Champagnat persuade-os a receber os novos candidatos, apesar de opiniões desfavo-

¹⁸⁸ “Eu sinto uma insistência, forte como nunca, para que continue esta obra” parece-me a interpretação mais plausível da segunda fala de Champagnat.

¹⁸⁹ Mémoire Bourdin, § 20, e *Vida*, cap. 11, p. 112.

¹⁹⁰ *Vida*, cap. 9, p. 89, nota 2.

¹⁹¹ Boletim do Instituto nº XXVIII, artigo do Ir. Gabriel Michel, p. 275-278. Tomado do dossiê polícopiado “*Pour mieux connaître Marcellin Champagnat*”, Roma, casa geral, 2001, p. 249-262, sob o título “*1822 et les 8 postulants*”.

¹⁹² Ver o relato completo na *Vida*, cap. 9, p. 90-96.

¹⁹³ O registro das entradas dos Irmãos das Escolas Cristãs indica que, em 1822, 11 postulantes vêm deste departamento. É, de longe, o melhor ano de recrutamento depois de 1805. Quando o Ir. João Batista afirma “que vários deles já haviam decidido ingressar na vida religiosa e tinham até reservado vaga no noviciado de Lyon” (*Vida*, p. 92), ele parece dar como certo o que era apenas um projeto.

¹⁹⁴ O Ir. João Batista diz mesmo que ele fez contratos escritos com as famílias (*Vida*, cap. 9, p. 92)

ráveis dos colegas padres e dos problemas de lugar e dinheiro que causam a sua admissão. No final do capítulo que narra este evento, o Ir. João Batista tira uma lição espiritual certamente inspirada em Champagnat: “eles vieram de Haute-Loire, das montanhas de Velay; é nossa Senhora do Puy que os tinha preparado e quem os enviou”. E é provavelmente este momento que se desenvolve uma atitude que o Padre Champagnat formulará explicitamente em uma carta a Dom de Pins em 1835:

*“Eu não posso recusar aqueles que se apresentam, eu os considero como trazidos por Maria”*¹⁹⁵.

Além de sua interpretação espiritual, este evento se encaixa no espírito do tempo. A história dos Irmãos das Escolas Cristãs de Rigault¹⁹⁶ lembra de fato que a Ordenança de 1816 previa que certas escolas iriam oferecer aulas para os alunos mais talentosos para treiná-los na arte do ensino e que se concederia o certificado de 2º grau para os mestres que usariam o método simultâneo. Rigault diz que o prefeito do Rhône, Lezay-Marnésia, fez acordo com o Ir. Gerbaud, superior geral, em 1821-1822, para abrir as classes do noviciado de Lyon para os futuros professores destinados a ensinar na zona rural. Vemos aplicar esta prática em Bourg-Argental, em 23 de abril de 1822, quando o inspetor Guillard encontra o Sr. Brole-Labeaume, professor¹⁹⁷ substituído pelos Irmãos de Champagnat, “que deverá aprender o método dos Irmãos em Condrieu ou Annonay”, cidades vizinhas onde os Irmãos das Escolas Cristãs estão instalados¹⁹⁸.

Assim, os centros de formação de professores se multiplicam sob a liderança dos Irmãos das Escolas Cristãs cujo método é sustentado pela Universidade. O Ex-Irmão das Escolas Cristãs poderia ter colocado Champagnat a par desta oportunidade e é, talvez, porque ele foi persuadido a dar-lhe uma obediência que sela um contrato tácito de aproveitar a demanda de formação no método dos Irmãos das Escolas Cristãs: a um para criar uma situação, a outro para recrutar jovens. Como seus Irmãos já estão praticando o método simultâneo, Champagnat planeja entrar em um quadro de formação que vem de vento em popa. E sua oferta atende à demanda dos jovens vindos do Haute-Loire.

Visitando La Valla em 26 de abril de 1822, menos de um mês após a chegada dos postulantes do Haute-Loire, o inspetor Guillard constata dois fatos:

1. Champagnat não tem um colégio, mas abriga “12 a 15 jovens camponeses que forma no método dos Irmãos para espalhá-los nas paróquias”¹⁹⁹, o que sugere por outro lado que todos os seus alunos não provêm do Haute-Loire;

¹⁹⁵ *Cartas*, n° 56, Quaresma 1835.

¹⁹⁶ T. 4, p. 468-469. Para ele “as experiências se restringem a esboços insuficientes”, mas pode-se perguntar se esses tipos de cursos normais não tinham mais importância do que ele diz, mesmo que na prática permaneceu em grande parte informal.

¹⁹⁷ Ele tem certa idade, pois foi professor em Condrieu antes da chegada dos Irmãos das Escolas Cristãs.

¹⁹⁸ *Origens Maristes*, T. 1, doc. 75, § 2.

¹⁹⁹ OM1, doc. 75.

2. ele planeja fazer uma congregação. Embora duplamente ilegal, esta obra corresponde também à política do momento a ponto de o Inspetor imaginar outra coisa senão fazer um convite para legalizar a iniciativa.

É evidente que as aldeias onde atua o ex-Irmão das Escolas Cristãs estão perto de Usson-en-Forez, berço do Monsenhor Courveille e de Apinac onde este fez uma parte de seus estudos clericais junto a seu tio pároco. Além disso, em 1822, Courveille fundou Irmãos em Feurs²⁰⁰ e está servindo em Epercieux. Podemos supor que o ex-Irmão, à procura de um lugar e conhecendo o monsenhor Courveille, pôde permitir-se esta relação, o que contribuirá também para explicar porque M. Champagnat o escuta e lhe dá mesmo uma carta de recomendação²⁰¹.

Esta chegada inesperada expande a obra de Champagnat em um grande mundo rural marcado pela pobreza, vadiagem e migração de jovens e menos jovens que encontraram junto dele a possibilidade de levantar-se modestamente e se estabilizar. Abrindo um primeiro registro de inscrição nesta ocasião, Champagnat expressa sua consciência de ter dado um passo na formação da sua sociedade que começa a ser mais do que uma obra local e se orienta mais decididamente para a formação de professores. O tempo dos catecismos nas aldeias e a extraordinária austeridade se desvanecem. No entanto, na opinião dele, a obra dos Irmãos é não só uma escola normal, nem uma mera associação ou mesmo uma congregação, mas o esboço de uma sociedade de Maria, que está tentando fazer acontecer o dia com coragem e flexibilidade. É por sua ambição e profundidade de seu projeto que ele se sobrepõe aos outros promotores de obras semelhantes à sua.

A obediência e a escola antes da mortificação e o zelo multiforme

Além disso, as associações de Irmãos fundadas na diocese de Lyon experimentam, ao mesmo tempo como a sua, uma crise de identidade e de crescimento. Elas também sofrem pressão de Bochard que quer unificar este pequeno mundo bastante anárquico. Étienne Rouchon, servindo em Valbenoîte, perto de St-Etienne, reuniu em 1817 sete jovens. Enquanto isso, em Lyon, André Coindre começa a reunir, em 1820, os “Irmãos do Sagrado Coração”. Os dois grupos se unem em setembro de 1821, mas não chegam a um acordo sustentável. Eis porque em maio de 1822 os Irmãos do Pe. Rouchon vêm a La Valla para tentar uma fusão. Mas a pobreza da casa os desestimula e sua sociedade perece rapidamente²⁰². Quanto aos Irmãos do Sagrado Coração, seu noviciado juntou-se a seu fundador, que se instala como missionário diocesano em Monistrol-sur-Loire, na diocese de Saint-

²⁰⁰ OM1, doc. 75.

²⁰¹ Este laço forte com Apinac é também ilustrado pela proposição de um particular do lugar em 1824 de dar três aportes aos Irmãos de Maria: um de 800 F. de renda e os dois outros de 8000 F. cada. OM1, doc. 110. O arcebispo é da opinião de aceitar e transmite a proposição ao Pe. Champagnat. Mas nada será concluído.

²⁰² P. Zind, *op. cit.*, p. 216-217.

Flour²⁰³, em agosto de 1822²⁰⁴. Os Irmãos da Cruz de Jesus do Monsenhor Bochart, destinados à catequese das crianças e ao serviço dos Padres da Cruz de Jesus²⁰⁵, são pouco numerosos e mais auxiliares dos padres do que uma verdadeira sociedade. Em 1822 os Irmãos de Maria é a única associação de Irmãos que tem alguma consistência na diocese de Lyon.

O ano de 1822 é também aquele de afastar o Ir. João Maria Granjon, diretor dos Irmãos, da casa e do noviciado de La Valla, porque é muito exigente, imbuído de “uma virtude um pouco ao seu modo” (*Vida*, cap. 8, p.88) e por falta de noviços. O noviciado estava vazio antes da chegada dos postulantes do Haute-Loire? Já vimos que o inspetor Guillard, com um olhar, encontra o sinal de que Champagnat lá instrui 12 a 15 jovens camponeses. Na verdade, não faltam candidatos, mas entre eles não há boas vocações por razões internas (um formador muito exigente) e externas (jovens desmotivados). Também o afastamento do Ir. João Maria e a nomeação do Ir. Luís como mestre de noviços significa uma reorientação da formação de uma forma menos dura e com jovens cujas boas disposições atraíram M. Champagnat. Neste contexto, a saída do Ir. João Maria para a trapa de Aiguebelle se explica muito bem.

A memória Bourdin (OM2/754 § 13), explorando, certamente, um testemunho do Pe. Champagnat, dá as circunstâncias deste evento²⁰⁶:

“Concebe a ideia de ir para a Trapa. Ele previne o Padre Champagnat. Aconselhado pelo seu diretor, ele parte.

– *“Mas você não vai ficar”*²⁰⁷.

*O Irmão Luís, mestre de noviços, substitui-o. Mais instruído, não demorou*²⁰⁸ *tanto. O Ir. João Maria permaneceu um mês [...] O Ir. João Maria retorna: pede para ser recebido. O Padre Champagnat:*

– *“Você não acreditou que a sociedade era suficientemente santa. Busque*²⁰⁹ *santos em outro lugar!”*

Enquanto o Ir. João Batista sugere que esta partida é um verdadeiro “capricho”²¹⁰, que toma o Padre Champagnat desprevenido, a memória Bourdin é mais sutil e Champagnat coloca o dedo sobre as principais dificuldades: a busca de uma sociedade mais santa. Mas ele não se refere ao compromisso anterior proibindo o Ir. João Maria de partir.

²⁰³ A diocese de Puy não será restabelecida senão em 1823.

²⁰⁴ P. Zind, *op. cit.*, p. 218.

²⁰⁵ P. Zind, *op. cit.*, p. 213. Nos registros da Igreja São Bruno, paróquia de Chartreux, encontramos, entre 1818 e 1820, as assinaturas de 10 Irmãos.

²⁰⁶ A pontuação e a ortografia originais, muito fantasiosas, foram modificadas por mim.

²⁰⁷ Certamente uma palavra do Pe. Champagnat.

²⁰⁸ Não permaneceu tanto.

²⁰⁹ Você acreditou encontrar santos em outro lugar.

²¹⁰ *Vida*, 1ª parte, cap. 14, p. 140-141.

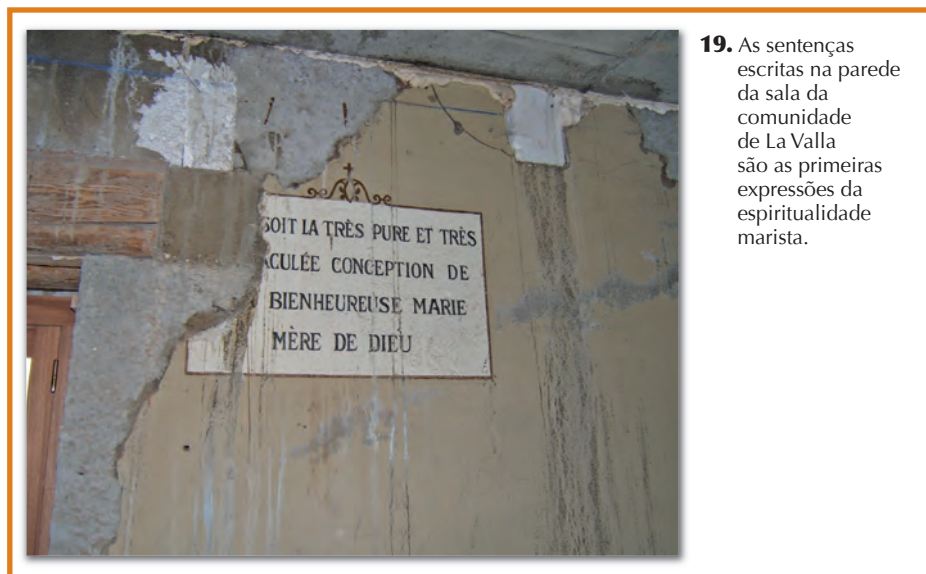
De fato, se o Ir. João Maria comprometeu-se por cinco anos na associação em março de 1817, na tomada de hábito, sua promessa expira em março de 1822 e ele está livre para ir para onde ele quer. É por isso que não é estranho que o Padre Champagnat o receba bem, em seu retorno, para enviá-lo em 1822-1823 para Saint-Symphorien-le-Château, depois que ele renovou sua promessa no retiro de 1822, que foi realizada, provavelmente em setembro ou outubro, “na nova sala de aula do primeiro (pisos)” da casa de La Valla que acabava de ser ampliada²¹¹. Pode ser, no entanto, que este ano a fórmula para o compromisso dos Irmãos foi concluída, que assim ficou formulada:

“Em terceiro lugar, pretendemos nos comprometer a obedecer sem retrucar o nosso superior e àqueles que, por sua ordem, serão superiores a nós. Em quarto lugar, prometemos manter a castidade. Em quinto lugar, colocaremos tudo em comunidade”.

Além disso, o Ir. Francisco anota em sua caderneta de retiro:

*“Obedecer sem retrucar a meu superior e àqueles que, por sua ordem, me serão postos, como se Jesus Cristo em pessoa me comandasse (sic)...”*²¹²

À sua maneira, o Ir. João Maria apresenta o mesmo problema que o pároco de La Valla: ele se comprometeu em uma associação que alia vida apostólica ostensiva e extrema austeridade e não em uma obra que evolui no sentido da formação de uma congregação de professores de escolas. Ele acredita ser legítimo retirar-se por-



²¹¹ Ir. Francisco, AFM, 5101.302, Notas de retiro nº 1, p. 121.

²¹² A.F.M. 5101. 302, p. 1.

que cumpriu sua promessa e, a seu ver, o ideal primitivo está se perdendo. E de certa forma ele tem razão. Portanto, a situação está longe de uma grande permissividade. Durante o verão de 1822, Champagnat, com a ajuda dos Irmãos, expandiu a casa. Esse tempo de trabalho é acompanhado de práticas monásticas: “Durante o trabalho, mantém-se o grande silêncio” (*Vida*, cap. 10, p.99) “e, de vez em quando, um Irmão cansado ou mais jovem fazia uma leitura no *Guide des pêcheurs* de Louis de Grenade, a *Vida de São Francisco Régis*”.

Em 1819, os Irmãos de Maria constituíam ainda um pequeno grupo um pouco suspeito, envolvido em um apostolado bastante anárquico. Seu fundador mesmo parecia estar incerto sobre a natureza providencial desta associação e talvez até mesmo sobre seus objetivos: catecismo ou escola? formação de professores para as paróquias ou grupo mais estruturado? Em 1822, a Comunidade triunfou dos rumores maliciosos, de suspeitas do clero e ataques da Instrução Pública. Champagnat encontrou nos acontecimentos os sinais de que Deus queria essa obra. O mais importante, ele recebeu o apoio oficial das autoridades diocesanas e a tolerância da Universidade. A mudança interna foi ainda mais profunda: sua associação está se movendo em direção a uma vida religiosa regular, em que a comunidade, a obediência, a escola e uma austeridade moderada superaram um zelo intempestivo e uma mortificação fora do comum. A chegada de novos aspirantes em bom número e capazes de se comprometer numa obra permite vislumbrar um desenvolvimento rápido.

Resulta que a coesão do grupo é mal assegurada pelos compromissos limitados a cinco anos e a relutância do primeiro discípulo diante de uma evolução que ele não entendeu. Bochar quer Irmãos da Cruz de Jesus; e a Sociedade de Maria, da qual os Irmãos de Maria devem constituir um ramo, não existe ainda.

5.

L'HERMITAGE E MONS. DE PINS (1824...)

Ligação de Champagnat à nova autoridade diocesana

A ampliação do edifício de La Valla, realizada em 1822, não pode absorver o afluxo dos postulantes e residentes. É necessário sonhar uma casa maior e um local de fácil acesso. Tal mudança não pode ser realizada sem a aprovação das autoridades diocesanas.

A operação é complicada pelo fato de que um partido poderoso, tendo como cabeça Monsenhor Besson, pároco da paróquia de Saint Nizier, em Lyon, manobra para nomear um administrador apostólico da Diocese de Lyon, onde Fesch permanece o arcebispo. A administração efetiva da diocese foi retirada, mas seus vigários-gerais governam ainda com um padrão canônico vago que gera muitos debates. Bochard, o Vigário-geral mais determinado a continuar a obra do Cardeal, esforça-se, portanto, por fortalecer um partido fiel a Fesch e à sua pessoa, ancorado no controle quase completo do sistema de formação da diocese: a sociedade dos Cartuxos (missões e altos estudos eclesiais), os seminários, as escolas de ensino fundamental e, assim, o trabalho de Champagnat.

Da tutela de Bochard àquela do administrador apostólico

O governo e o partido Ultra alcançaram seus propósitos com a nomeação do Monsenhor Gaston de Pins como administrador apostólico no final de dezembro de 1823. Quando ele chegou, em fevereiro de 1824, está ciente da necessidade de desmontar o poder de Bochard e sua benevolência para com Champagnat não será puramente desinteressada. Ele sabe como se juntar à sociedade missionária dos Cartuxos nomeando a seu conselho Monsenhor Mioland, seu superior (OM1 doc. 93). Favorece um retorno dos Sulpicianos ao seminário de Santo Irineu, onde Monsenhor Gardette, sacerdote da diocese, continua a ser o superior. Com Champagnat, ele retoma por sua conta a política de Bochard, concedendo-lhe mais: os Irmãos de Maria não serão mais ameaçados a levar o nome de Irmãos da Cruz de Jesus. Em suma, a vinda do administrador é semelhante a uma revolução de palácio: os homens do antigo regime permanecem no local desde que mostrem fidelidade.

A memória Bourdin, que conta a história de contato entre Champagnat e de Pins, é valiosa, apesar de sua natureza frágil, porque ela vem certamente de Champagnat. Monsenhor Gardette, superior do seminário maior, fez-se advogado de Champagnat junto ao Arcebispo De Pins que o recebe em audiência, autoriza-o a construir uma grande casa e concede-lhe Monsenhor Courveille como auxiliar²¹³.

De qualquer forma, é com a chegada de Dom De Pins que a situação avança rapidamente. Em 3 de março o Conselho, constatando que “M. Champagnat [...] conseguiu formar os Irmãos professores”, incentiva-o em sua obra. A entrevista com Champagnat deve ter ocorrido algum tempo depois, entre 3 de março e 13 de abril²¹⁴, dia em que o conselho do Bispo De Pins o autoriza a comprar um terreno para construir L’Hermitage. Mas “deixar-se-á o assunto por isto mesmo²¹⁵”. Em 12 de maio, Monsenhor Courveille foi autorizado a vir ajudar Champagnat. No dia seguinte, Courveille e Champagnat compram juntos o terreno de L’Hermitage²¹⁶, e no mesmo mês, o Monsenhor Cholleton, novo Vigário-geral, abençoou a primeira pedra. Em 19 de julho, a Arquidiocese autoriza a impressão do prospecto da Congregação dos Pequenos Irmãos de Maria. Em novembro, a estrutura da obra estava terminada. Assim, de março a novembro, a obra de Champagnat recebe apoio oficial da diocese e estabelece um centro adaptado às suas pretensões.

Padre Seyve substituído por Padre Courveille

O projeto de construção de Hermitage contribuiu para perturbar seriamente a paróquia de La Valla. Na primavera de 1824²¹⁷, uma petição circula, solicitando a substituição do Padre Rebod, pároco de La Valla. A *Vida* afirma que um clérigo é o inspirador. É o abade Jean-Baptiste Seyve (1789-1866), aspirante marista. Pároco de Arthun em 1821, retira-se em 20 de outubro de 1823 “e é, sem dúvida, que ele vem a La Valla ajudar M. Champagnat”²¹⁸. Em outro lugar, a memória Bourdin também menciona: “Padre Sève ajudou a obra”²¹⁹. Mas finalmente ele será nomeado pároco de Burdigne em 5 de maio de 1824²²⁰. A tentativa de desestabilizar

²¹³OM2, doc 754. “O assunto pode ir mais longe porque o Monsenhor de Pins chegou no Natal. – quando ele chegou, o Pe. Champagnat fez 2 cartas, uma para ele e 1 para Monsenhor Gardette. A 1ª geral, a 2ª para que Monsenhor Gardette explique. – [...] Monsenhor escreveu, o fez vir... quer nomeá-lo pároco de La Valla; ele recusa por causa da obra e para evitar comentários. –[...] . – Ele havia pensado, no tempo de Monsenhor Bochart, em fazer um pequeno oratório, estar todo na sua obra; não, meu Deus! Eu serei muito feliz! Ele fez muito mais, e não é feliz”.

²¹⁴ *Vida*, cap. 12, p. 117. A *Chronologie mariste*, fundada sobre os Anais do Ir. Avit, situa em 3 de março a entrevista de Champagnat com De Pins.

²¹⁵ OM1, doc. 95, 97.

²¹⁶ OFM3, doc. 647. Comprado do Sr. Montellier. Duas outras compras de terreno acontecem no mesmo ano.

²¹⁷ *Vida*, p. 114-115

²¹⁸ OM4, p. 354. É o sinal que, mesmo antes da chegada de Dom de Pins, a diocese apoia o trabalho de Champagnat que começa desde 1823 a procurar um lugar para estabelecer sua obra.

²¹⁹ OM2, doc. 754, § 29.

²²⁰ OM1, doc. 98.

o pároco gerou desavença entre Padre Seyve e o Padre Champagnat. Mas há controvérsias na interpretação entre a narrativa da *Vida* e Monsenhor Bedoin, nomeado pároco de La Valla, na sequência deste caso, em 24 de maio de 1824²²¹.

“De volta a La Valla, o Padre Champagnat encontrou a paróquia em polvorosa. Um Padre, que o vigário enfermo chamara para ajudá-lo na preparação da Páscoa, aproveitou-se da ausência do Padre para indispor os paroquianos contra seu pastor. Por sua instigação, circulara um abaixo-assinado pedindo a mudança do pároco e sua substituição pelo clérigo em questão. O Padre Champagnat, [...] censura-o claramente e diz sem rodeios o que precisava ser feito. [...] Ele fez mesmo duras críticas ao eclesiástico instigador de todas estas intrigas e disse-lhe que não manteria nenhuma ligação com ele, o que o irritou muito”.



20. “Les Gauds” antes da construção de l’Hermitage

“É M. Champagnat em nome próprio, e não o pároco, que viajou ao lugar e à residência deste clérigo, pediu-lhe insistentemente para vir a La Valla para a Páscoa, o que ele obtém, mas com muita dificuldade. É totalmente falso, que, por instigação deste Monsenhor, uma petição foi dirigida pelos paroquianos para obter a mudança do pároco. M. Champagnat, mesmo não estava alheio a esta comoção da paróquia e tinha intenções muito seguras sobre este clérigo que compartilhou então sua maneira de ver”²²².

A estas afirmações, Monsenhor Bedoin responde:

“É M. Champagnat em nome próprio, e não o pároco, que viajou ao lugar e à residência deste clérigo, pediu-lhe insistentemente para vir a La Valla para a Páscoa, o que ele obtém, mas com muita dificuldade. É totalmente falso, que, por instigação deste Monsenhor, uma petição foi dirigida pelos paroquianos para obter a mudança do pároco. M. Champagnat, mesmo não estava alheio a esta comoção da paróquia e tinha intenções muito seguras sobre este clérigo que compartilhou então sua maneira de ver”²²².

O Padre Champagnat contava, portanto, com o padre Seyve para substituí-lo nas funções de vigário a fim de preparar a construção de Hermitage e servir como seu auxiliar para a sua obra. Julgando padre Seyve já comprometido, pediu ao Arcebispo para nomear padre Courveille²²³, e o conselho de Dom de Pins, em 12 de maio de 1824, permite que ele venha ajudá-lo “na sua instituição dos Irmãos das Escolas”²²⁴. Ele retirou-se de Epercieux, em 30 de junho de 1824²²⁵, no momento em que começa a construção de Hermitage. Mas a retirada do padre Seyve não foi suficiente para acalmar a campanha contra o Pe. Rebod – indício de que sua

²²¹ OM1, doc. 104; Série “Documents maristes” n° 1, Roma, 1982, p. 16.

²²² A edição de 1989 da *Vida* não assinala em nota esta interpretação do Pe. Bédoin, contudo muito importante.

²²³ *Cartas de Champagnat* n° 30, S, agosto-setembro de 1833.

²²⁴ OM1, doc. 101.

²²⁵ OM1, doc. 111.

responsabilidade no caso não é evidente - e em 24 de maio de 1824 o Arcebis-pado²²⁶ nomeia o Pe. Bedoin como pároco, ficando seu antecessor autorizado a permanecer na paróquia. Na verdade, a petição atingiu um homem já doente que morreu em 27 de janeiro de 1825, com 46 anos.

Precisamos levar em consideração a versão do Pe. Bedoin, mais confiável do que a *Vida*, porque ele conheceu de perto a situação. Tem o mérito de mostrar que o projeto da construção de L'Hermitage e as numerosas demandas que distanciam Champagnat desestabilizam a paróquia, como se a autoridade do vigário fosse fiadora daquela do pároco. Ademais, este caso tem implicações cruciais sobre a nascente Sociedade de Maria, porque o Pe. Courveille, apesar de sua pretensão de ser o homem eleito para liderar a Sociedade de Maria, é uma segunda opção de Champagnat, sinal de que este nutria desde cedo algumas reservas a seu respeito.

Champagnat de imediato gerenciou duas operações delicadas: por um lado, ele foi capaz de passar da tutela de Bochard para aquela do administrador da diocese, libertando-se assim, do perigo de anexação pelos Irmãos da Cruz de Jesus; por outro lado, ele conseguiu levar a termo a construção de uma grande casa para cento e cinquenta pessoas, situada num vale perto de Saint-Chamond. Com a ajuda de seus dois companheiros Maristas, ele pretende lançar as bases da Sociedade de Maria. Mas esta tentativa revelar-se-á mais espinhosa do que a fundação do ramo dos Irmãos.

O prospecto de 1824, reflexo atenuado de um projeto mais combativo

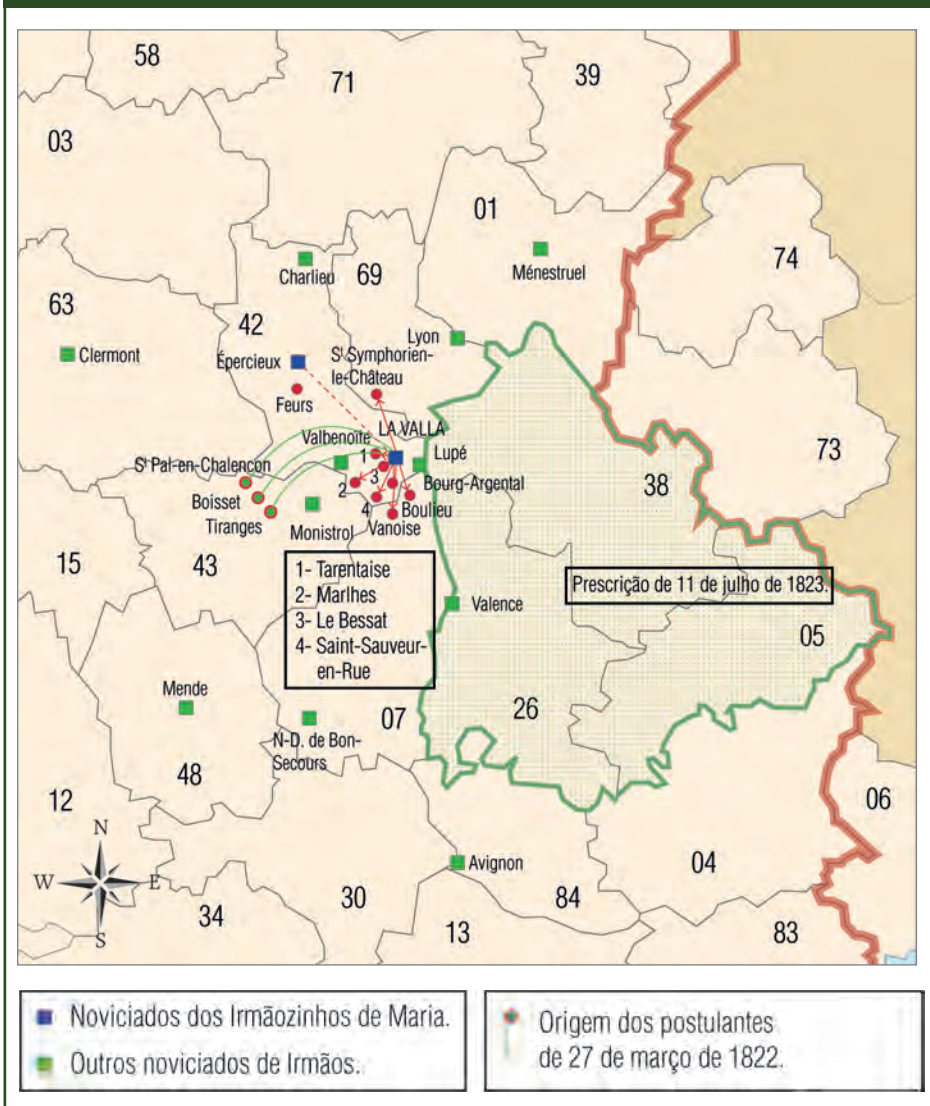
L'Hermitage está em plena construção quando “o prospecto do estabelecimento dos Irmãozinhos de Maria” é impresso sob a autoridade do Pe. Cholleton, Vigário-geral. Datado de 19 de julho de 1824, é o primeiro reconhecimento oficial do Instituto pela autoridade diocesana. Ele foi precedido por um projeto, elaborado em L'Hermitage e que melhor reflete o espírito dos anos 1820-1824. Os autores são, certamente, Champagnat e Courveille, sem que a gente consiga distinguir o que é de um ou de outro²²⁷. O prospecto foi largamente inspirado pelo projeto, mas moderando-o fortemente e evitando detalhes muito prosaicos.

Os artigos 1 a 6 do projeto nos dão uma visão coerente e quase completa da obra: para lutar contra os professores ímpios que corrompem a zona rural, “irmãos ignorantinos” chamados “Irmãozinhos de Maria” vão geralmente em dois, às vezes três, nos municípios pobres, exigindo apenas 200 F. por Irmão, alojamento e uma mobília pequena. Eles ensinam um programa fundamental completo de acordo com o método dos Irmãos das Escolas Cristãs. Os potenciais candidatos (artigos 4-6) são informados sobre as condições de admissão: ter entre 15 e 30 anos de idade, saber razoavelmente ler e escrever...

²²⁶ OM1, doc. 111.

²²⁷ O Ir. Pedro Herreros, em *La regla del fundador*, p. 21, atribui a Courveille a grande intransigência do preâmbulo, o restante vem de Champagnat.

Mapa 5. Os Irmãozinhos de Maria em 1823



O projeto é a colocação, por escrito, de uma prática desenvolvida nos anos 1820-1823. Não se põe a questão de um Irmão sozinho, como o Ir. Lourenço no Bessat em 1819-1820, depois em Tarentaise até 1823. Está previsto enviar Irmãos aos municípios usando dois procedimentos: uma comunidade permanente ou com Irmãos presentes apenas no inverno. Hermitage não é mencionado diretamente como casa-mãe, mas como lugar de uma futura localização de um estabelecimento de abrigo para órfãos, graças à tomada de água que forneça a força motriz

necessária para instalar oficinas para treinar as crianças para um ofício²²⁸. É uma das razões para estabelecer a casa num vale escarpado.

Este projeto, que não será mantido pelo prospecto, mostra que Champagnat pretende continuar sua ação caritativa. E da mesma forma, especificando que crianças virtuosas e capazes seriam empregadas na casa, ele se situa ainda na tradição de La Valla, onde planejou um recrutamento entre crianças indigentes e vagabundos acolhidos. Muitos pontos do projeto exprimem mais um desejo que uma realidade: é duvidoso que nas escolas seja ensinado a todos o programa indicado: catecismo e oração, leitura e escrita, gramática elementar e cálculo, canto da igreja e história sagrada. Da mesma forma, as condições de entrada para o noviçado são um desejo mais do que um padrão: em 1823 Champagnat recorda mais uma vez que muitos noviços que chegam são “quase todos pobres e bem jovens” (Carta nº 1).

Somos tocados pelo tom bélico do preâmbulo do projeto que a versão definitiva atenuará fortemente.

PROJETO DO PROSPECTO (JUNHO DE 1824²²⁹)	PROSPECTO DOS ESTABELECIMENTOS (19 JULHO DE 1824)
<p>1) - A instrução cristã é hoje inteiramente negligenciada nas zonas rurais, ou substituída por uma instrução anticristã. No final do outono, gente sem moral, sem religião, espalha-se nas zonas rurais onde a polícia tem falta de efetivos, e aí semeiam, por sua conduta imoral, por seus discursos ímpios e por livros perigosos, a corrupção, a descrença e os sentimentos antimonarquistas.</p>	<p>[1] A educação da classe mais difícil é confiada aos Irmãos das Escolas Cristãs. Todo mundo sabe o bem que eles operam nas cidades onde eles estão estabelecidos. Mas, de acordo com as regras do seu Instituto, eles não podem ir menos de três para um lugar onde são chamados, e, portanto, os custos de seu estabelecimento são consideráveis. Resulta que a maioria dos municípios, e principalmente aqueles da zona rural, não podem desfrutar dos benefícios desta educação, na ausência de recursos suficientes.</p>
<p>Para remediar um mal tão grande e expulsar das zonas rurais de poucos recursos esses pedagogos ateus, estes inimigos da boa ordem, da sociedade cristã e da monarquia, uns piedosos professores devotos de Maria, sob o nome de Pequenos Irmãos ignorantinos, vão dois a dois, mesmo nas regiões pobres onde os Irmãos das Escolas Cristãs não podem ir, por falta de meios.</p>	<p>[2] Para obviar a este problema, formou-se um estabelecimento de professores, conhecido como Pequenos Irmãos de Maria; e neste momento, uma casa deste Instituto se eleva a L'Hermitage de Notre-Dame-sur-St-Chamond, departamento do Loire.</p> <p>[8] Os Pequenos Irmãos de Maria vão às paróquias que os solicitam, em número de três ou mesmo de dois.</p>

²²⁸ L'Hermitage não disporá desta tomada de água, a não ser depois de 1839 com a compra da oficina Patouillard.

²²⁹ AFM 132.8, p. 76-82. Citada em Pedro Herreros, *op. cit.*, p. 21. A ortografia foi modernizada por nós.

O caráter muito literário e muito geral da primeira parte deste preâmbulo sugere que ele foi copiado de um autor ou de um jornal do período 1815-1820, no auge da contenda dos ensinamentos simultâneos e mútuos que já mencionamos anteriormente. Mas, também este preâmbulo está situado em um discurso das elites, notadamente eclesiásticos, desde antes da Restauração. P. Zind²³⁰ citou um relatório do Arcebispado de Lyon, por volta de 1809, sobre os professores dos departamentos de Ain, Rhône e Loire:

“Os estrangeiros, expulsos de seu país ou fugitivos [...] homens que se afastaram de outros lugares onde prevaricaram, preguiçosos, homens sem energia, sem talento, espiritualmente pobres e vis, pessoas que foram incapazes de chegar a qualquer outro emprego, dedicam-se a ele como seu último recurso, não procuram ser úteis, mas apenas para ter o pão; capangas de todos os vícios que corrompem a juventude, inspirando-lhes aversão aos sacerdotes, o afastamento dos exercícios de piedade, o desprezo da religião”.

Esta atitude explicará que o preâmbulo visa menos os professores mútuos do que professores itinerantes, muitas vezes nativos dos Alpes do Sul (Briançonnais, Queyras, Ubaye), que, no inverno, se espalham não só por Provence, mas também por Dauphiné, Lyonnais, Forez, como descreveu, sem espírito de desconfiança, um prefeito em 1802:

“Estas boas pessoas dão numerosas lições no decorrer do dia; nos intervalos, fazem serviços tão bons como funcionários contratados, que a gente fica surpreso pelo pouco salário que pedem por tantas penas que suportam. No final do inverno, eles voltam para sua terra natal, com alguns tostões que pagam²³¹ uma parcela das contribuições, e eles trabalham a terra durante o verão²³²”.

O famoso “precisamos de Irmãos”, de Champagnat em 1816, está situado, portanto, em uma tradição pastoral de reforma escolar, reativada pela irrupção do método mútuo a partir de 1815. Além disso, desde 2 de março de 1816, vários meses antes da consagração dos primeiros Maristas em Fourvière, os vigários-gerais de Lyon, Bochart e Courbon, administradores da diocese na ausência do Cardeal Fesch, tinham tomado partido contra o método mútuo²³³. Lyon, diziam eles, dispõe já de escolas de Irmãos e de Irmãs que são muito apreciadas pelos pais e pastores: por que adicionar um ensinamento que não tenha sido comprovado e que não oferece, do ponto de vista da moralidade, as garantias das escolas congreganistas?

²³⁰ Les nouvelles congrégations de frères... p. 77.

²³¹ Com os quais eles pagam.

²³² Bernard Gresperrin, *Les petites écoles sous l’Ancien Régime*, Ouest-France université, 1984, p. 47-48.

²³³ Robert Raymond Tronchot, *L’enseignement mutuel en France de 1815 à 1833*, T. 1; 2^o partie: *L’école mutuelle en France de 1815 à 1824*, p. 381. Archives Nationales F 19/ 6286.

Combater a mediocridade tradicional e a novidade suspeita

No entanto, não sabemos, antes de 1824, de casos concretos de luta dos Irmãos contra os professores itinerantes ou o método mútuo. Em Bourg-Argental, os Irmãos substituíram o Sr. Brole (OM1/75), mestre tradicional que ensinava o latim, era cantor na igreja e “se embriaga algumas vezes”. Mas “as autoridades da região”, que “não se preocupam em enviar os Irmãos de La Valla”, apoiam-no. É uma disputa entre a tradição do professor leigo, sem método e de moral um tanto questionável, e a novidade escolar trazida pelos Irmãos, levando uma vida austera e praticando o método simultâneo. Não obstante Bourg-Argental ser uma cidade, era um ambiente propício para a instalação de um mestre mútuo. Isso talvez pesou na decisão de Champagnat de ocupar uma escola do meio urbano ao contrário de seu projeto original.

A rivalidade com escolas mútuas também ocorreu com certeza em duas outras cidades: Feurs e Charlieu. Na primeira, o inspetor Guillard encontra em 1822 (OM1/75), uma escola de Irmãos, fundada pelo Pe. Courveille. “O simples nome de Irmão fez fracassar duas outras escolas da cidade, que estavam na verdade em mãos erradas”, disse Guillard. Pelo menos uma dessas escolas é mútua. A escola de Courveille não tendo durado, os Irmãos de L’Hermitage se estabelecem em Feurs em 1829²³⁴. Mas eles serão retirados em 1831, após uma deliberação do conselho municipal. Esse é um caso típico de acerto de contas dos adeptos da escola mútua, após a revolução de 1830²³⁵.

Charlieu é fundada em 1824 (OM1/113, 120) para combater a escola do Sr. Grizard, que não é mútua, mas afiliada ao Vigário-geral Bochard. Nos *Annales des maisons*, o Ir. Avit disse que os estudantes eram difíceis e que os pais “foram avisados contra os Irmãos pelos professores leigos”. Ele sinaliza que em 1831 uma pessoa chamada Attendu fundou uma escola mútua, que não consegue reunir mais do que uma dúzia de alunos, e que a cidade teria supressos os 600 F. de subvenção atribuída aos Irmãos. Em 1823, a Fundação de Saint Symphorien-le-Château, outra cidade, pode ter sido motivada também pela ameaça de criação de uma escola mútua.

No fundo, o preâmbulo do projeto de prospecto traduz uma atitude combativa. Champagnat e Courveille vislumbram a vocação de ensinar como uma luta global: contra um antigo regime educacional que lhes parece insuficientemente cristianizador; contra professores instáveis suspeitos de viver mal e ter ideias más; e contra um método mútuo suspeito que deve ser impedido de se espalhar.

²³⁴ *Vida*, cap. 17, p. 160, e Avit, *Annales des maisons*, Hermitage, Feurs.

²³⁵ *Cartas* de M. Champagnat, n° 21, p. 64, abril de 1831. O Ir. João Baptista (*Vida*, cap. 17, p. 170) alega que é devido à familiaridade com uma criança da qual um Irmão se tornou culpável. Se o fato é verdadeiro, é apenas um pretexto. A deliberação do conselho teve lugar no dia 23 de março de 1831, a convite do prefeito. O regresso dos Irmãos é justificado por dois argumentos: a lentidão do método simultâneo e seu custo elevado.

O preâmbulo do prospecto não manterá a expressão “pequenos Irmãos ignorantinos” do projeto, mas oficializa “Pequenos Irmãos de Maria” utilizada no artigo 2º. Como o nome de “Irmãos ignorantinos” é então usado para se referir aos Irmãos das Escolas Cristãs, o acréscimo do adjetivo “Pequeno” significa o desejo de se situar na sua tradição educacional, porém em um nível mais humilde²³⁶. Portanto, é o editor do projeto do prospecto que emprega, provavelmente pela primeira vez, a expressão “Pequenos Irmãos de Maria”, porque até lá, Champagnat e seus seguidores utilizavam a expressão “Irmãos de Maria”, que será utilizada por muito tempo.

O projeto prevê (artigo 5º) que os noviços tragam consigo sua “legítima” (parte da herança), o que o prospecto endossa. Já a promessa dos Irmãos previa a partilha dos bens e o pároco de La Valla havia repreendido Champagnat, em 1822, de se dar a “legítima” dos Irmãos. Não se pode ver nisto uma evolução em vista do estabelecimento do voto de pobreza, mas a aplicação de uma tradição associativa, da qual já se têm falado; mesmo se o projeto prevê pronunciar os votos, deseja-se que não se conserve no prospecto. Aceitando a partilha dos bens do patrimônio sem falar de votos, as autoridades diocesanas mostram-se prudentes: os Irmãos de Maria são uma associação de homens piedosos leigos e não o início de uma congregação.

O espírito do Prospecto: o “pequeno escrito” de 1824

Sobre os grandes princípios educacionais, o Ir. João Batista nos diz (*Vida*, cap. 12, p.124-126) que em 1824, durante a construção de L’Hermitage, o Padre Champagnat fez aos Irmãos “sólidos ensinamentos sobre a vocação religiosa, a finalidade do Instituto e o zelo pela educação cristã das crianças” e lhes deu até “um resumo escrito no qual, em poucas palavras, estavam as principais coisas que ele lhes tinha dito”²³⁷. Em duas páginas deu o “essencial” aos Irmãos: assegurar a salvação da sua alma por meio da oração, dos sacramentos, da regra, praticar a caridade fraterna. Em relação às crianças, a instrução e a educação cristã são detalhadas em uma dúzia de pontos que podem ser recolhidos em alguns grandes eixos:

- Catecismo, sacramentos, oração, devoção à Virgem Maria, aos anjos da guarda, aos santos padroeiros; aprendizagem do cantochão e as cerimônias da igreja.
- Grande vigilância sobre crianças.
- Obediência e respeito aos pais, autoridades eclesiásticas e civis.
- Amor ao trabalho, à ordem, à civilidade.
- Bom exemplo.

²³⁶ Na mesma lógica, Pierre Zind distinguirá os “Grandes Irmãos” (os Irmãos das Escolas Cristãs) e os “Pequenos Irmãos” fundados no século XIX.

²³⁷ Ver também as memórias do Ir. Sylvestre, *Relatos sobre Marcelino Champagnat*, cap. VII.

Nesse “pequeno escrito” que parece uma explicação e uma ampliação dos pontos 1 e 2 da “Promessa”, não se trata de voto ou até mesmo das virtudes da obediência, da castidade e da pobreza. Parece que Champagnat desejou então lembrar aos Irmãos a natureza profunda do contrato que os une e vai muito além do que diz o prospecto, que é a versão oficial do projeto, enquanto o “pequeno escrito” recorda o espírito, num momento de profunda transformação da obra.

“O objetivo dos Irmãos”

Além deste documento, a coleção das instruções do Ir. Francisco (A.F.M. 5101.307) e do Ir. João Batista contém várias versões de uma instrução detalhada sobre a finalidade do Instituto. Encontramos aí uma severidade que aparece no tom do preâmbulo do projeto do prospecto. É muito provável que esta instrução, na sua forma primitiva, foi dada em 1824. Citamos as duas primeiras partes:

“[415 bis] Finalidade dos Irmãos”.

“Trabalhar na nossa santificação e na das crianças, eis a finalidade de nosso Instituto, o fim de nossa vocação [...]. Com efeito, a vocação dos Irmãos é um apostolado. A porção mais preciosa da Igreja lhes é confiada. Eles partilham com os sacerdotes o ministério da Palavra²³⁸. – Os Irmãos devem jogar a primeira semente e o sacerdote cultivar.

– Os Irmãos tomam o lugar dos pais junto a seus filhos. As escolas dos Irmãos são abrigos que Deus preparou para as crianças, para preservá-los da corrupção do mundo. Elas são o remédio que a providência preparou para curar ou prevenir o mal que faz a impiedade.

[...]

– Nós estamos em uma época em que o homem tem sede de ciência. A educação se espalha até as menores aldeias. Os ímpios, inspirados pelo anjo das trevas, usam-na para inocular nas mentes e nos corações das crianças os princípios mais perversos, os mais perniciosos, o veneno mais sutil. [...] As escolas dos Irmãos situam-se aí para opor um dique contra a torrente das más doutrinas. Elas são instituídas para dar a conhecer Jesus e sua doutrina. São estabelecidas para regenerar nossa pátria, para impedir que a fé não se extinga jamais entre nós.

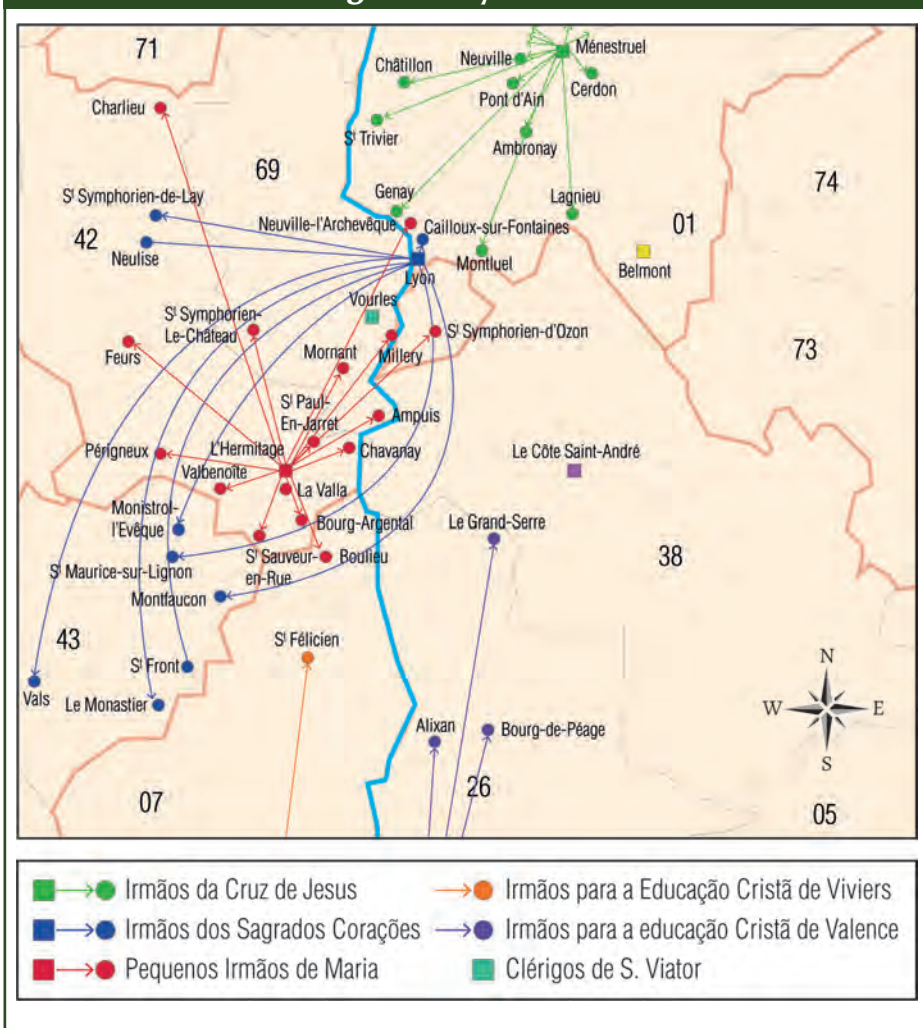
– A vocação dos Irmãos é, portanto, sublime. A finalidade a que eles se propõem é de tal importância que podemos dizer que do seu cumprimento depende a salvação de muitas almas, a preservação da fé e da boa moral, da felicidade espiritual e temporal da geração atual e daquelas que a seguirão”.

No pensamento de Champagnat, o Irmão é um apóstolo da infância; e ai de quem se contentar em ensinar matérias profanas! Este é um aviso no momento em que a associação dos Irmãos se impôs publicamente como sociedade proporcionando educação de acordo com os programas oficiais.

²³⁸ Ideia já presente nas sentenças de Champagnat de 1822.

A Sociedade dos Pequenos Irmãos de Maria é, pois, de essência mística por causa de suas raízes na Sociedade de Maria. No início a associação entre iguais evoluiu para uma forma quase congregacional, mas o processo não está concluído: não há votos. Sociedade de educação reconhecida pela diocese em 1824, ela luta contra a educação mútua e os professores de escolas tradicionais ou itinerantes. Seu compromisso político-religioso não deixa dúvidas. Estamos na época em que a universidade é dominada pelo clero.

Mapa 6. As novas congregações de Irmãos professores em 1839 na região de Lyon



6.

OS IRMÃOS NA SOCIEDADE DE MARIA

Periferia ou centro do projeto?

Para M. Champagnat e o Pe. Courveille, Hermitage não é só a continuidade de La Valla, mas o surgimento da Sociedade de Maria com o ramo dos Irmãos, para o apostolado da escola, e o dos padres, para a orientação dos Irmãos e a atividade missionária²³⁹.

L'Hermitage não é o único lugar onde o projeto amadureceu: em Cerdon, no Ain, Pierre e Jean-Claude Colin, aos quais se juntaram Jeanne-Marie Chavoine e Marie Jotillon, delineiam os dois outros ramos da Sociedade de Maria: os Padres e as Irmãs. J. C. Colin escreve uma regra e é provavelmente o principal autor de uma carta enviada pelos Padres Maristas a Pio VII, em 25 de janeiro de 1822, para obter o reconhecimento canônico dos Maristas. A resposta de Roma propôs entrar em contato com a Nunciatura, e J. C. Colin foi a Paris em novembro de 1822 e na primavera de 1823 para apresentar a Sociedade ao Cardeal Macchi²⁴⁰.

A situação da Sociedade em gestação é seriamente perturbada pela criação da diocese de Belley, separada daquela de Lyon, em 6 de outubro de 1822. Nomeado bispo de Belley pelo rei, em 13 de janeiro de 1823, o Bispo Devie aí chegou em 23 de julho de 1823. De agora em diante, os aspirantes maristas pertencem a duas dioceses e precisam de tempo de negociações para que o bispo Devie e o bispo De Pins aceitem a reunião dos Maristas em uma única sociedade²⁴¹.

Quando Champagnat constrói L'Hermitage, existe, portanto, em Cerdon, um polo marista muito ativo, que não se contenta em negociar com Roma e depois com o Bispo Devie, mas apressa-se em participar das missões internas de Bugey, parte abandonada da diocese. Com efeito, no momento da instalação dos Padres e dos Irmãos na nova casa de L'Hermitage, em junho de 1825, os dois irmãos

²³⁹ Não podemos esquecer o ramo feminino fundado em Rive-de-Gier pelo Padre Courveille.

²⁴⁰ Sobre estes eventos, ver OM1.

²⁴¹ Ver em OM4 os relatos biográficos de J.C. Colin e Dom Devie.

Colin mudaram-se para Belley onde, durante quatro anos, com outros aspirantes maristas, partem em missão, tendo recebido do Bispo Devie o título de missionários diocesanos. Não podemos esquecer que os primeiros aspirantes maristas encontram-se, em 1824-1825, com dois modelos da Sociedade de Maria em gestação e alguns se sentiram atraídos por um em vez do outro. Este é o caso de Etienne Terraillon, nomeado para L'Hermitage contra seu consentimento, em 1825, porque o arcebispado lhe proibiu de participar no projeto de Cerdon-Belley (OM1 / 115, 141).

Nascimento e fracasso de uma primeira Sociedade de Maria em L'Hermitage (1824-1826)

A construção de L'Hermitage foi muito cara²⁴² e o problema financeiro terá um grande peso nos acontecimentos dos anos 1825-1826. No entanto, passa a ser secundário a partir da eleição de Champagnat como superior dos Irmãos no outono de 1825, provavelmente em outubro. A história deste grande acontecimento narrado na *Vida*²⁴³ mostra que esta escolha dos Irmãos desconcerta não só Courveille, mas também Champagnat e desencadeia uma crise entre os Irmãos antigos e o primeiro, enquanto que embaraça o segundo, colocado entre os dois campos. Mas, o Pe. Etienne Terraillon, nomeado para L'Hermitage em 25 de agosto de 1825 e que provavelmente se encontrava em L'Hermitage no momento desta eleição, desempenhará um papel decisivo na sequência - e altamente discutível - desta crise.

A razão fundamental para o conflito é a seguinte: Pe. Courveille é considerado como o fundador escolhido por Maria para formar a Sociedade de Maria, e Champagnat aceita esta primazia, também mais teórica do que real. Mas, a escolha dos Irmãos pareceu-lhe como um ato de rebeldia. Em curto prazo, a escolha dos Irmãos não parece contrariar fundamentalmente a relação entre Champagnat e Courveille porque em 13 de dezembro de 1825 negociam um empréstimo substancial de 12.000 F. com a Senhorita de Divonne, certamente com a garantia moral do arcebispado²⁴⁴, e Pe. Courveille leva a sério sua tarefa de administrador, pois em 1º de janeiro de 1826, inicia os registros de receitas e de despesas.

No entanto, as fontes maristas (*Vida*, Avit, Silvestre) enfatizam que o Pe. Courveille continua a desabonar a maneira de governar de Champagnat. Este, esgotado por anos de trabalho e incômodos de todos os tipos, caiu gravemente doente e deve se acamar em 26 de dezembro de 1825. Sua condição se agrava rapidamente e, em 3 de janeiro, Courveille, que ainda se considera superior da Sociedade de Maria, enviou aos Irmãos das escolas uma circular pedindo orações por seu "filho muito amado" e "venerável Padre diretor". Em 6 de janeiro Champagnat dita seu testamento: ele está tão fraco que não consegue assinar. Courveille concorda em ser seu único herdeiro, o que o Pe. Etienne Terraillon não aceitou.

²⁴² Segundo os dados dos livros de contas, podemos pensar em uma soma de 20 a 30 000 F.

²⁴³ Cap. 13, p. 128-130.

²⁴⁴ OM1, doc. 142.

As fontes maristas²⁴⁵ concordam, em seguida, em declarar que, na perspectiva de uma morte próxima de Champagnat que chegou a transparecer publicamente, os credores chegam em massa, ameaçando vender a mobília e a casa. Eles evocam o desânimo dos Irmãos diante da perspectiva da morte de Champagnat e a severidade de Courveille que ameaça, pune e manda embora. O Pe. Courveille declarou publicamente que ele planejava se retirar e a exasperação chegou ao seu ponto máximo. No entanto, o Ir. Estanislau, líder da oposição, encoraja os Irmãos, protesta contra o Pe. Courveille, mantém informado o Pe. Champagnat sobre a situação. Finalmente, Champagnat, apresenta-se aos Irmãos reunidos para afirmar sua presença de superior antes de passar sua convalescência na casa do Pe. Dervieux, pároco de St Chamond, que concordou em pagar as dívidas mais gritantes. Courveille suscitou então, uma inspeção diocesana denunciando a formação insuficiente dos Irmãos. Mas, após uma falta moral, detectada pelo Pe. Terraillon²⁴⁶, retirou-se à trapa de Aiguebelle no final de maio de 1826.



21. Retrato de Dervieux

Os eventos descritos constituiriam, portanto, um conflito entre Irmãos antigos e Courveille e teriam ocorrido a partir de 25 de dezembro de 1825 ao fim de maio de 1826. Mas outros documentos permitem uma versão significativamente distinta e um cronograma diferente. Assim, o registro das despesas mostra que a grande crise financeira ocorreu em maio: entre 3 e 10 do mês, e a casa deve pagar 7568 F. Portanto, não foi o medo da morte de Champagnat que desencadeou a crise financeira, mas outro evento ou um pacote de outros eventos; e para chegar ao coração da situação, é necessário rever este cenário tendo em conta outras fontes maristas.

Assim, em 1833, no momento em que se trata de afiliar sua obra à do Pe. Querbes, Champagnat evoca “o triste caso do Pe. Courveille” e “a deserção do padre Terraillon” em 1826²⁴⁷, sendo a falta menos severa do segundo do que aquela do Pe. Courveille:

“Durante uma doença grave e longa, grandes dívidas pesando sobre minha cabeça, eu quero fazer o Pe. Terraillon meu herdeiro universal. Pe. Terraillon recusa minha herança dizendo que não tenho nada, continua ele com Pe. Courveille a dizer aos Irmãos: os credores virão em breve vos expulsar daqui; nós apenas temos que aceitar uma paróquia e vos abandonar.

²⁴⁵ Vida, Avit, Silvestre.

²⁴⁶ Notícias biográficas do Pe. Terraillon, OM4, p. 355.

²⁴⁷ OM 1, doc 286. De fato, tratava-se de um rascunho de carta.

Finalmente, Deus em sua misericórdia, provavelmente em sua justiça²⁴⁸, concedeme outra vez a saúde. Eu tranquilizo meus filhos; disse-lhes de nada temer, que eu compartilharei todos os seus infortúnios, partilhando o último pedaço de pão.

Eu vi nesta circunstância que nem um nem outro tinham para com meus jovens os sentimentos de pai. Eu não tenho também nenhuma reclamação a fazer contra o pároco de Notre Dame²⁴⁹, cuja conduta tem sido sempre edificante em nossa casa. Encontrando-me sozinho pelo afastamento do Padre C(ourveille) e a partida do Padre Terraillon, Maria não nos abandona. Pagamos aos poucos as nossas dívidas, outros confrades tomam o lugar dos primeiros. Estou sozinho para arcar com os custos de sua manutenção. Maria nos ajuda, já é o bastante”.

O cenário que ele descreve desenvolve-se, portanto, em quatro tempos:

1. Sua doença está gerando uma desconfiança do Pe. Terraillon.
2. Terraillon e Courveille visam provocar a saída dos Irmãos que se opõem a eles.
3. Seu retorno à saúde e sua ação para tranquilizar os Irmãos.
4. Sua solidão, como sacerdote e o retorno a uma situação financeira mais favorável.

Reexaminemos, portanto, a questão à luz dos documentos em nosso poder. Em 6 de janeiro, o Pe. Champagnat fez seu testamento e Padre Terraillon expressa sua recusa em ser seu legatário universal. Em 14 de fevereiro de 1826, Champagnat e Courveille compram do Sr. Bertholon duas parcelas de terra a 1000 F. que eles pagam em dinheiro²⁵⁰. Champagnat está na presença, naquele dia, do mestre Finaz, o notário, o que significa que não está mais acamado. O pagamento da soma mostra que os dois compradores têm crédito na praça e que isso não é motivo para abandonar a obra.

A guerra entre Courveille e Terraillon e uma parte dos Irmãos, liderada pelo Ir. Estanislaw, portanto, teve lugar mais cedo, entre 6 de janeiro e início de fevereiro. A *Vida*²⁵¹ diz, por outro lado, que durou três semanas e que os estabelecimentos nem foram informados do ocorrido. É, portanto, uma crise violenta, mas breve e circunscrita a L’Hermitage. No entanto, ela enraíza nos Irmãos a ideia de que a casa está em risco de falência. E isso é porque, provavelmente, no início de fevereiro, M. Champagnat garante aos Irmãos que ele não os abandonará.

O que acontece entre 14 de fevereiro e o mês de maio, momento de pagamento massivo das dívidas e a partida do Padre Courveille no final do mês? Os arquivos da arquidiocese não mantiveram traço de uma inspeção. E da mesma forma, o conselho da Arquidiocese, no início de julho, não parece ciente da crise porque em 5 de julho de 1826²⁵² foi decidido:

²⁴⁸ Ele parece sugerir que a falha de Courveille é um castigo do céu.

²⁴⁹ É o cargo ocupado por Terraillon em 1833.

²⁵⁰ OFM, doc. 654.

²⁵¹ Cap. 13, p. 146.

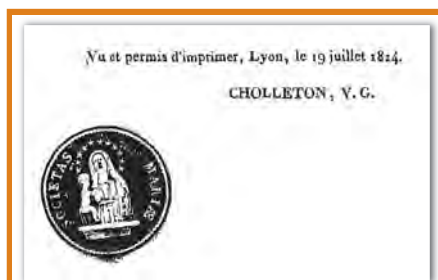
²⁵² OM1, doc. 155.

“Monsenhor Cattet quer se encarregar de tentar dar um retiro aos professores primários²⁵³ em l’Hermitage de St-Chamond”.

Este projeto sem dúvida suscitou a visita do Vigário-Geral e passou sob o olhar dos Irmãos uma inspeção no momento em que Champagnat está ausente e que o Padre Terraillon, que certamente garante a direção, pôde influenciar o Inspetor. A *Vida* precisa, de fato, que o Padre Champagnat está então em repouso junto ao Padre Dervieux e que ele sobe para L’Hermitage nesta oportunidade para receber reprimendas duras. Esta visita durante o mês de julho alerta, portanto, a Arquidiocese, e em 2 de agosto de 1826, o Conselho decide²⁵⁴: “O estado deplorável da situação material dos Irmãos de Hermitage gerou um relato detalhado de sua situação muito necessitada”.

Precisamos, portanto, privilegiar uma cronologia longa da crise, que não foi delimitada pela saída do Padre Courveille. A estada de Champagnat na casa do Padre Dervieux parece situar-se em julho - setembro, enquanto o Padre Terraillon governava a casa na sua ausência, sem muito sucesso junto aos Irmãos, por isso ele parte no dia de Todos os Santos.

A tradição dos Irmãos apagou, portanto, a ação do Pe. Terraillon por uma razão simples: no momento da redação da *Vida* de Champagnat ele ainda está vivo e é padre Marista²⁵⁵. Neste caso, os antigos Irmãos, residindo em L’Hermitage, desempenham um papel determinante porque Courveille e Terraillon queriam expulsar os Irmãos antigos fiéis a Champagnat e a La Valla. A tradição dos Irmãos assinala com justiça a resistência resoluta do Ir. Estanislau, mas também revela um profundo transtorno em suas fileiras, ilustrado pela saída do Ir. João Maria Granjon e Étienne Roumésy, dois dos primeiros Irmãos e os mais ca-



22. Selo de Courveille colocado no final do Prospectus conservado nos arquivos diocesanos de Chambéry e de Grenoble



23. Selo de Courveille



24. Selo primitivo da S. M.

²⁵³ Portanto, não somente os Irmãos. Estamos numa época em que o Clero domina a universidade. Mas, também na diocese distingue-se mal os Irmãos Maristas dos outros professores.

²⁵⁴ OM1, doc. 158.

²⁵⁵ Ibid. Ele falecerá somente em 1869.

pazes, e a tentação do Ir. Luís de se orientar para o sacerdócio²⁵⁶. O Pe. Terraillon parece ter sido muito afetado: o Ir. Avit relatou que antes da sua partida de L'Hermitage: 'Após uma doença, ele caiu numa letargia profunda' a ponto de se acreditar que tinha morrido²⁵⁷. Em sua carta de Aiguebelle, no início de junho de 1826, o Pe. Courveille foi capaz de definir claramente a causa de suas doenças e a partida surpreendente: "a diferença de opinião sobre o fim, a forma, as intenções e o espírito da verdadeira Sociedade de Maria"²⁵⁸.

No dia de Todos os Santos de 1826, Champagnat se vê como o único sacerdote, por assim dizer, eleito superior por uma segunda vez pelos seguidores que pareciam mais determinados do que ele. Sobre as dificuldades financeiras, reais, parecem ter sido exageradas por Courveille e, sobretudo por E. Terraillon. As restituições maciças de maio de 1826, que refletem uma falta de confiança dos credores, não vêm do risco de morte de Champagnat, mas do rumor sobre as divergências entre os chefes da obra. Além disso, em uma carta de Champagnat a um grande vigário em 1827²⁵⁹, Champagnat recorda:

"O caso infeliz do Pe. Courveille e a partida do Pe. Terraillon põem-me em uma falsa posição em relação ao discurso do público que sempre fala sem conhecimento de causa".

Escrevendo na mesma época ao Pe. Barou, vigário-geral, ele é ainda mais preciso:

"Eu estou sozinho, como você sabe, o que dá muito que pensar às pessoas mesmo as que parecem apaixonadas pela obra e que a ajudam, o público que quase sempre fala sem conhecimento de causa imputando-me o afastamento do Padre Courveille e do Padre Terraillon²⁶⁰".

Em 1833, lembrando esta situação dramática de 1827, felizmente superada, ele extrai a interpretação espiritual:

"Maria não nos abandona. Pagamos as nossas dívidas, outros confrades tomam o lugar dos primeiros. Estou sozinho para levar os custos de sua manutenção. Maria nos ajuda, já é o bastante".

Embora tenha adquirido aos olhos dos Irmãos a estatura de um fundador, ele não considera um momento para torná-los independentes do projeto primitivo:

"A sociedade dos Irmãos não pode positivamente ser considerada como a obra de Maria, mas apenas como um ramo posterior da própria sociedade²⁶¹".

O problema de 1825-1826 permanece: como combinar praticamente a especificidade da obra dos Irmãos e o projeto primitivo? Deste dilema, a Sociedade de

²⁵⁶ *Vida*, cap. 14, p. 151-156.

²⁵⁷ *Annales de l'Institut*, ano de 1826, § 57.

²⁵⁸ OM1, doc. 152, § 13.

²⁵⁹ OM1, doc. 173, § 6.

²⁶⁰ OM1, doc. 173, § 16.

²⁶¹ Carta a M. Cattet, vigário-geral, OM1, doc 185.

Maria não sairá senão bem depois da morte de Champagnat, por uma separação amigável entre o ramo de Sacerdotes e aquele dos Irmãos.

Este fracasso de 1824-1826, de fato, é aquele de uma sociedade sonhada em 1816 por J. C. Courveille, mas também por Champagnat. O primeiro não conseguiu prevalecer sua autoridade carismática; o segundo tem se esforçado para ser concebido como fundador. Quanto ao Pe. Terraillon, Courveille estando eliminado e Champagnat afastado por uma longa convalescença, parece querer jogar sem sucesso sua própria carta. A todos três, os Irmãos recordam que eles também tiveram sua ideia da sociedade: uma hierarquia de funções, mas um companheirismo fundamental com Champagnat como tinha praticado na origem.

L'Hermitage de Notre-Dame

M. Champagnat e J. C. Courveille colocaram sua obra sob o título “L'Hermitage de Notre-Dame” dado sem dúvida, formalmente, no momento da colocação da primeira pedra em maio de 1824 e aparecendo pelo menos desde julho no prospecto. E é somente após a retirada do Pe. Courveille em 1826 que este título será trocado, em 1827-1829, por “Notre-Dame de L'Hermitage” que substituirá, pouco a pouco, o nome tradicional do lugar: “os Gauds”. Mesmo considerando que eles não explicaram sobre a escolha deste nome um pouco estranho, há pouca dúvida de que ele simbolizava sua associação espiritual com a ideia de fazer nascer neste lugar a Sociedade de Maria. Como a palavra “sociedade” não era apropriada para designar uma casa, eles a substituíram por “eremitério”, resultando na fórmula “hermitage de Marie” ou “hermitage de Notre-Dame”.

A ideia de “hermitage” vem talvez de Trapa, este mosteiro da Normandia reformado pelo abade Rance no século XVII e que ainda vai passar, no século XIX, como a expressão perfeita da vida monástica fortemente inspirada pelos padres do deserto. Para Rance, a Trapa é a melhor adaptação possível da primitiva vida solitária. E a hipótese é tanto mais plausível que em 1822 o Ir. João Maria Granjon entra na Trapa de Aiguebelle, da mesma forma que Courveille em 1826, onde ele irá formular uma teoria da Sociedade de Maria muito inspirada na Trapa. Além disso, a “Vida de Rance”, por Dom Le Nain (1715), conta que, antes da sua entrada para a Trapa, pretendia estabelecer uma “hermitage”²⁶² nos Pirineus. E, mais tarde, em uma carta ao Bispo de Pamiers, que pretende fundar um mosteiro, ele aconselha:

*“Uma das principais coisas será encontrar o local do estabelecimento. Deve estar em um deserto. [...] é preciso um vale onde corre um pouco de água e onde existe um pequeno terreno plano de três ou quatro hectares para a horta, que permita a vida e a subsistência dos religiosos com um pouco de madeira”.*²⁶³

É mais ou menos a situação de L'Hermitage de Notre-Dame. Embora Champagnat, contrariamente a Courveille e Jean Maire Granjon, não tenha deixado si-

²⁶² A ortografia da palavra é hoje em dia “ermitage”, mas a palavra “hermitage” era então corrente.

²⁶³ Dom Le Nain, *op. cit.*, p. 248.

nais de uma ligação com a trapa de Aiguebelle, a austeridade do tempo de La Valla é bastante inspirada neste gênero de vida monástica. É verdade que em 1824 Champagnat deseja um gênero de vida, certamente conventual, mas menos dura. Mas, a formação dada em L’Hermitage, pouco intelectual e à base de trabalho manual, assemelha-se àquela dos monges camponeses que são os trapistas. Em resumo, há uma influência da trapa sobre L’Hermitage, mas interpretada diferentemente por Courveille e Champagnat; e se a palavra “hermitage” pode ter este sentido, nenhum documento é conclusivo a este respeito.



25. Irmã Maria de Ágreda, *Mística ciudad de Dios*. s. XVII

Podemos colocar outra hipótese: Champagnat e Courveille teriam se inspirado na obra *A Cidade Mística de Deus*, de Maria de Ágreda, na qual esta santa religiosa espanhola do século XVII quis mostrar Maria anunciada antes dos séculos na mente de Deus, e depois concebida imaculada e, finalmente, corredentora com Cristo e mãe da Igreja. Em sua obra, cheia de referências bíblicas e histórias sem fim, ela se concentra muito no capítulo XII do Apocalipse, descrevendo as peripécias da luta entre a mulher revestida do sol contra o dragão. Quando seu filho nasce e é elevado ao céu, “a mulher fugiu para o deserto onde Deus tinha preparado para ela um lugar para ser nutrida pelo espaço de mil duzentos e sessenta dias”.

Maria de Ágreda fez longamente a exegese simbólica deste texto (cap. VIII, § 105): “a solidão para onde esta mulher fugiu é aquela de nossa grande Rainha, sendo a única e só ela

dotada da soberana santidade, livre de todo o pecado [...] assim ela fugiu e se colocou entre as criaturas puras, em uma solidão que é única e incomparável entre todas”. É, portanto, bem uma “hermitage de Notre-Dame”: não um lugar onde ela está sozinha, mas rodeada de almas puras.

Muitas outras passagens mostrando Maria na solidão, protegendo os fiéis de Cristo contra os demônios, poderiam ser adicionadas ao registro. Certamente Maria de Ágreda não emprega a palavra “ermitage”, mas, sobretudo “solidão” ou “deserto”. No entanto, Champagnat e Courveille dificilmente poderiam nomear sua casa “deserto” ou “solidão de Nossa Senhora”. Em vez disso, a palavra “hermitage”, nome de localidade bastante frequente, foi recebido com tranquilidade.

Champagnat e Courveille teriam, portanto, projetado simbolicamente o vale dos Gauds como o refúgio das almas santas convidadas por Maria para combater o inferno? Essa hipótese não é inteiramente gratuita: sabemos que o Pe. Colin foi grande leitor de Maria de Ágreda e que Champagnat tinha a *Cidade Mística de Deus* em sua biblioteca. Mas, sobretudo em 1827, Champagnat tira as lições de sua ruptura com Courveille em termos escatológicos bem raros da parte dele (OM1, Doc. 173), mas perto do pensamento de Maria de Ágreda.

“O infeliz acontecimento que teve lugar naquele que aparecendo como o chefe mostra claramente os esforços mais terríveis que todo o inferno²⁶⁴ jamais enfrentou para derrubar uma obra que ele previu lhe fazer tanto mal. Jesus e Maria sempre será o forte apoio de minha confiança”.

Concluimos com uma terceira hipótese mais arriscada, tirada da *Monographie de N.D. de L’Hermitage*, em 1925, evocando uma tradição oral conhecida na região e contada por um octogenário de Izieux ao encontrar o Irmão jardineiro de L’Hermitage no final do século XIX:

“Padre Champagnat, estando à procura de local adequado para a construção do edifício principal, examinava cuidadosamente o local atual de L’Hermitage. De repente ele descobre, entre as rochas, no meio de arbustos que a escondem, uma estátua da Virgem, que ele não conseguiu tocar num primeiro momento. Intrigado e encantado ao mesmo tempo, ele corre para o caseiro cuja modesta casa estava edificada, assim como diversas outras, à margem do Gier: ‘- Empréstame uma escada, disse ele, encontrei um tesouro. - Nós o partilharemos, disse em seguida o caseiro, a quem a descoberta do bom Padre fez abrir grandes olhos. - Oh! Não, disse o Padre, este tesouro não se pode partilhar”.

Ele carrega, portanto, a estátua para La Valla, mas alguns dias depois ele a encontra no mesmo lugar: “Maria, obviamente, vem intervir para o bom Padre decidir a escolher este lugar para a localização da casa projetada”.

As antigas fontes maristas nunca relataram esta tradição. Por outro lado, no seu discurso por ocasião da proclamação da heroicidade das virtudes de Champagnat, em 22 de junho de 1920, o Papa Bento XV fez alusão a ela. (Circular T. XIV, 15 de agosto de 1920, p.386):

“A Santa Virgem, por uma das suas imagens que apareceu, desapareceu e foi finalmente encontrada, não era provavelmente estranha à multiplicação das primeiras casas dos Pequenos Irmãos de Maria e à boa direção que nelas receberam as crianças às quais elas deram abrigo”.

Não se deve logo abandonar esse tipo de história que tem um lado realista: o pedido da escada para o caseiro que aparece na origem da lenda. Quanto à história da estátua, se queremos ignorar seus movimentos, ela poderia significar que Champagnat encontrou vestígios de um antigo eremitério, ou algo que ele interpreta como tal.

Esta hipótese não é totalmente infundada, porque desde 1830 a memória do P. Bourdin (OM2 / 754) relata que o Ir. João Maria Granjon, primeiro discípulo de Champagnat, durante a crise de 1826: “Quer uma cela separada... Os Irmãos chegam das férias, perguntam onde está o Ir. João Maria, foram proibidos de vê-lo para não perturbá-lo”. E o Ir. Avit precisa: “Ele construiu uma cabana de ramos sob a rocha com vista para o lugar onde fizeram o grande terraço em 1830”. João Maria Granjon, portanto, poderia lembrar a inspiração para a escolha do local, ao mesmo tempo que protestar contra a

²⁶⁴ Muitas vezes, Maria de Ágreda fala dos “esforços” de Lúcifer ou dos demônios.

situação de L'Hermitage em 1826, que não é a Sociedade de Maria, conforme a "L'Hermitage de Notre-Dame". E, ao abandonar esta expressão, o Padre Champagnat será da mesma opinião. Em suas cartas de 1827, ele confessou com palavras veladas que se a Sociedade de Maria é muito desejada por Deus, ela terá que se realizar com outros homens.

Qualquer que sejam essas hipóteses que poderiam se combinar, a escolha do lugar dos Gaux foi motivada por uma experiência espiritual, convidando para encarnar lá a Sociedade de Maria, sob o nome um tanto misterioso de "L'Hermitage de Notre-Dame". A casa de La Valla nunca tinha sido beneficiada com nenhum título marial, porque ela era apenas uma preparação para este ato fundador. Isto é o que poderia significar simbolicamente a história da estátua que, levada para La Valla, se recusa a ficar lá.

Padre Séon, Pe. Champagnat e a diocese

De agora em diante superior eleito, Padre Champagnat não retorna fundamentalmente à mudança conventual da Sociedade: seu desacordo com Padre Courveille é mais centrado sobre as modalidades desta evolução do que sobre a sua finalidade. Em 1826 os Irmãos começam a fazer os votos privados, e em 1829, apesar de uma revolta de alguns Irmãos, Champagnat impõe um hábito que os faz parecidos com os Irmãos das Escolas Cristãs: batina e rabat²⁶⁵. Impõem-lhes também um método de leitura mais moderno. Pouco antes da revolução de 1830, a reestruturação do ramo dos Irmãos está quase concluída. Quanto à obra dos sacerdotes, pode-se perguntar se, a partir de 1827-1829, ela não passa para o primeiro lugar das preocupações de Champagnat; a obra dos Irmãos parece ter encontrado gradualmente seu formato.

Escrevendo em 1827 a seus superiores²⁶⁶, pedindo-lhes ajuda, Champagnat pensa que para a obra dos Padres "ele (Deus) quer talvez outros homens para a criar". E de fato, se o seu papel na Fundação dos Padres Maristas continua a ser importante, as iniciativas virão de outros homens, e em particular do Padre Étienne Séon, que o conselho do Bispo De Pins lhe outorga em 30 de maio de 1827. E vários jovens sacerdotes (Bourdin, Pompallier...) irão segui-lo²⁶⁷. Muito rapidamente, os contatos se retomam com Belley. No entanto, J. C. Colin trai uma séria reserva sobre a obra de Champagnat falando de "vossa obra" e de "vossos queridos Irmãos"²⁶⁸. De sua parte,

²⁶⁵ Ele lhes impõe também meias não tricotadas, mas de tecido para uma maior uniformidade e também porque em L'Hermitage eram produzidos panos nas suas oficinas. Quem sabe havia também uma referência a São Luís de Gonzaga que, ele mesmo, usava meias de pano (*Vie* pelo Pe. Cépari).

²⁶⁶ OM1, doc. 173.

²⁶⁷ OM1, doc. 175. Em 1846, (OM2, doc. 625, § 11 e 23) Padre Séon lembra, por outro lado, que é ele mesmo quem revitaliza a presença dos Padres de L'Hermitage recrutando Bourdin depois Pompallier, Chanut e Forest.

²⁶⁸ Carta de 22 de maio de 1828. Ao contrário, diante dos sacerdotes, sua palavra é mais que cordial: "Eu encontrei no meu breviário um *memento* do Padre Séon. Eu o conservo preciosamente. E vos abraço, aos dois, 1000 vezes *in cordibus Jesu et Mariae*". A menção deste *memento* entre Séon e Colin é de uma grande importância porque ele revela entre os dois homens uma relação espiritual anterior.

numa carta de 18 de dezembro de 1828, ao Monsenhor Cattet, Vigário-geral, Champagnat dá uma visão notável da maneira como concebe a Sociedade de Maria.

“Depois de quinze anos que estou comprometido na Sociedade de Maria, cujo crescimento está em vossas mãos, nunca duvidei que Deus não quisesse essa obra nestes tempos de descrença [...] A sociedade dos Irmãos não pode positivamente ser considerada como a obra de Maria, mas apenas como um ramo posterior da própria sociedade”.

Em 1828-1830 a Sociedade de Maria de L´Hermitage funciona praticamente, mas sem qualquer reconhecimento oficial, nem uma organização interna do grupo de sacerdotes. A mesma carta para Monsenhor Cattet nos dá uma visão geral do papel dos sacerdotes que a ela pertencem e se contentam, como os Irmãos, do *nutritum* e do *vestitum*. Padre Séon ocupa-se do espiritual, da fábrica de fitas e da ajuda espiritual eventual das paróquias vizinhas²⁶⁹. Padre Bourdin administra as aulas dos noviços, a escrita, o cálculo, o catecismo, o canto, a biblioteca, a capela. Champagnat ocupa-se do estabelecimento e da recepção de noviços. O testemunho do Pe. Séon mostra-nos uma atmosfera monástica em que há igualdade entre os Padres e Irmãos:

“Em L´Hermitage vivemos completamente misturados com os Irmãos. Seguimos um regulamento muito rígido; nossa culpa era feita exatamente e depois em cada culpa, cada um dizia publicamente àquele que o tinha acusado tudo o que ele havia reparado nele. Padre Pompallier, que tinha sido nomeado diretor espiritual pelo arcebispo, reforçava as regras”...

Aparentemente, esta situação parece satisfazê-lo, pois, em 18 de março de 1829²⁷⁰, o conselho do Bispo De Pins autoriza-o a “adquirir a expensas próprias um espaço, com a conveniência de L´Hermitage, se ele espera de aí permanecer como sacerdote assistente”. Um pouco mais tarde, provavelmente em 1830, ele muda completamente de atitude. Em 1846, Padre Séon²⁷¹ explicará as razões da sua discordância com Champagnat:

“Entretanto, o Padre Champagnat estava absorvido pelo ramo ao qual se dedicava e [...] não pensava tanto no ramo dos sacerdotes, e tinha, por assim dizer desesperançado [...] Ah, meu querido, não tem que pensar; não haverá mais, creio eu, outra Sociedade de Maria senão aquela dos Irmãos; o resto não terá lugar; nem pense mais nisso. Você faz o bem aqui, e nossa obra dá glória a Deus; isto deve ser o suficiente para nós”.

Séon se irrita: ele quer ser “de uma sociedade religiosa de sacerdotes ocupada em evangelizar” e seu testemunho despertou entre os comentaristas a ideia de que Champagnat tinha posto em dúvida a realização da Sociedade de Maria. Na verdade, o debate está em outro lugar: por volta de 1830 Séon, que até aquele momento parece ter aceitado os objetivos de L´Hermitage, adere a um modelo de

²⁶⁹ L´Hermitage não esquece seu caráter missionário e até o reforça.

²⁷⁰ OM1, doc. 188.

²⁷¹ OM2, doc. 625, § 11 et 23.

Sociedade de Maria de Belley enquanto Champagnat está consciente de que a diocese de Lyon não quer Padres Maristas missionários ligados ao Pe. Colin e à diocese de Belley²⁷².

Os “Estatutos da Sociedade de Maria”²⁷³, provavelmente escritos por Pompallier, pouco antes da Revolução de julho de 1830, parecem tentar conciliar os pontos de vista da diocese, de Champagnat e de Séon. Aqui estão os elementos básicos:

Art. 5. A Sociedade de Maria é governada por um superior-geral, que é um dos padres capelães dos Irmãos; ele é nomeado por toda a vida, pelos principais responsáveis da obra e pela maioria dos votos. A convocação é feita pelo suplente do superior falecido, e a eleição é também presidida por ele.

Art. 7. Os padres capelães fazem parte da Sociedade; dela observam as constituições e dão aos Irmãos o apoio espiritual da Religião.

Art. 8. Se o número dos padres vier a se tornar mais que suficiente para as necessidades dos Irmãos, aqueles oferecem seus serviços aos respectivos Bispos das dioceses onde estão, para serem empregados nos ofícios do sacerdócio que eles acharem por bem lhes confiar. No entanto, esses padres nem por isso deixarão de fazer parte da sociedade; eles estarão sempre dispostos a retornar, quando as necessidades o exigirem, e que o superior-geral os solicitar.

Art. 9. Casas-mãe são estabelecidas para servirem de noviciado ou de retiro para os Irmãos durante as suas férias. Cada uma delas é dirigida por um Irmão superior no que concerne ao temporal...

Art. 10. Cada estabelecimento ou escola paroquial é governado por um Irmão chamado reitor...

Art. 11. Nenhum Irmão será nomeado superior de casa-mãe se ele não tem pelo menos 25 anos e cinco anos de profissão.

Art. 16. O superior da casa-mãe combina ordinariamente com os municípios que solicitam Irmãos uma quantia razoável e módica a fim de prover sua subsistência...

É claramente uma sociedade (artigo 5) com dois ramos e duas funções: os Irmãos encarregados da educação primária; os sacerdotes capelães dos Irmãos. É uma sociedade igualitária, em que a hierarquia é apenas funcional. Se o superior-geral é um padre, ele é eleito pelos “principais responsáveis pela obra”, fórmula que sugere que os Irmãos estão incluídos neste grupo de eleitores. Além disso, as casas, na parte material, são regidas pelos Irmãos. O superior-geral é, portanto, o supervisor de uma sociedade de Irmãos praticamente autônoma: uma espécie de capelão chefe.

²⁷² A narração de Séon (OM2/Doc. 625, § 22) lembra que M. Gardette, o conselho fiel de M. Champagnat “nos exortou também fortemente a pensar apenas em uma obra diocesana, dizendo que era preciso deixar-se conduzir pela autoridade e que era uma vã imaginação pensar a querer se estabelecer em toda a terra”.

²⁷³ No número 21 dos Cadernos Maristas nós nos damos conta da descoberta dos “Estatutos da Sociedade de Maria”, em 16 artigos, da mão do M. Pompallier, provavelmente escritos em 1830 e comunicados a Dom Devie, bispo de Belley, em 1836 pelo Pe. Champagnat (Carta n° 75).

Apesar de seu caráter paradoxal e um tanto utópico, este texto reflete muito bem a realidade de L'Hermitage de 1825 até o início dos anos de 1830, tal como a diocese e Champagnat o conceberam: primeiro, os Irmãos²⁷⁴ e os sacerdotes necessários para sua formação; os outros podem fazer missões nas proximidades mediante a autorização da diocese. Entendemos que tal situação, ao longo do tempo, tenha agradado pouco ao Padre Séon e aos jovens sacerdotes de L'Hermitage.

²⁷⁴ A palavra "irmão" parece ter ainda um sentido bem geral, como se L'Hermitage fosse mais uma escola normal de professores do que um noviciado para religiosos.

7.

DO “CENTRO DE UNIDADE” À SOCIEDADE DE MARIA SEGUNDO BELLEY (1830-1840)

Supremacia do modelo Colin de Sociedade de Maria

Nomeado superior do colégio-seminário de Belley na Páscoa de 1829, Jean-Claude Colin consegue então assumir sua árdua tarefa de impedir que o bispo Devie faça dos Maristas uma simples sociedade diocesana. Em L’Hermitage os estatutos discutidos na seção anterior refletem um ponto de equilíbrio pronto a se romper no início de 1830 porque as correspondências se intensificam entre L’Hermitage e Belley em vista de constituir “um centro de unidade” (OM1, Doc. 209, 212). Mas a Arquidiocese de Lyon é desfavorável²⁷⁵:

“Nós não podemos fazer nada, respondeu, pelos sacerdotes. É preciso, portanto, para consumir a união e expandir a Sociedade fora de nossa diocese, que o Papa intervenha ou os Bispos se entendam”.

Na mesma época, certamente sob a pressão dos jovens sacerdotes, M. Champagnat começou a fazer da casa um polo missionário e o arcebispo acolheu sua demanda. Assim, em 12 de fevereiro de 1830, ele obtém que os “quatro sacerdotes da nossa sociedade nesta diocese”, Séon, Bourdin, Pompallier e ele mesmo, sejam autorizados novamente para absolver os casos reservados, visto que eles são muitas vezes solicitados para estadas curtas e retiros. Em 31 de março de 1830, os padres de L’Hermitage, portanto, são autorizados para toda a diocese sob condição de não animar retiros e missões sem autorização especial (OM1, Doc. 211, 215).

Um acontecimento decisivo: a Revolução de 27 a 29 de julho de 1830

Os efeitos desta importante mudança de L’Hermitage ficarão comprometidos pela revolução parisiense que derruba os Bourbon, relança um anticlericalismo

²⁷⁵ OM1, doc. 213. Carta do Monsenhor Cattet em 18 de fevereiro de 1830.

violento e impede Champagnat de obter a autorização legal de sua congregação pronta a ser assinada pelo rei (OM1 / 218). Também é um desastre para o Arcebispo de Pins, legitimista convicto. Embora curto e localizado, este evento tem implicações gerais importantes: na França, imediatamente é a instalação, na administração, de uma equipe liberal ou anticlerical. A longo prazo, é a inauguração de uma política de marginalização do catolicismo que conduz para a separação entre Igreja e Estado em 1905. Em nível europeu é um contágio das revoluções nacionais, particularmente na Itália, onde Pio IX, embora um Papa liberal, é expulso de Roma.

No entanto, os Maristas aproveitam o enfraquecimento das autoridades eclesiásticas para realizar um gesto audacioso. Uma carta de J.C. Colin de 22 de outubro nos diz que ele foi eleito como o centro da unidade para Belley. As autoridades diocesanas deram-lhe apenas um acordo tácito. A mesma carta convida os sacerdotes de L'Hermitage para escolher um superior; eles receberão o plano da sociedade e copiarão seu regulamento sobre aquele de Belley. Finalmente, entre 3 e 8 de dezembro, o Padre Champagnat foi eleito pelos coirmãos como reitor provincial na diocese de Lyon.

A Arquidiocese aceitou o fato consumado, e em 18 de dezembro de 1830, Monsenhor Cattet, em nome do Bispo De Pins (OM1, Doc. 226), nomeia Champagnat "superior da Sociedade de Maria", especificando que aos olhos de Dom de Pins, como diretor de L'Hermitage, ele já era "o superior de fato". No ano seguinte, a consagração à Maria dos aspirantes Maristas em Belley, em 8 de setembro de 1831, será como uma renovação da consagração de Fourvière (OM1, Doc. 236). Os Irmãos foram mantidos completamente fora das transações e da eleição do superior provisório. A eleição de Champagnat como superior da Sociedade de Maria na diocese de Lyon compensa mal a vitória da concepção colineana da Sociedade de Maria.

Entre 1831 e 1836 a Sociedade de Maria de Lyon não consegue quase se constituir, aparentemente porque os Padres Maristas, que deixaram L'Hermitage para tornarem-se vigários do Padre Rouchon de Valbenoîte, perto de Saint Étienne, estão em uma posição delicada, da qual é difícil de entender todos os prós e contras²⁷⁶. A própria autoridade diocesana parece dividida: a causa de Champagnat parece apoiada pelo Vigário-geral Cattet, e tanto Pompallier como Cholleton patrocinariam J.C. Colin e os padres de Valbenoîte. A lista de pregadores de retiro em L'Hermitage durante estes anos difíceis²⁷⁷ parece marcar uma fase de resfriamento entre L'Hermitage e o restante da Sociedade de Maria, porque nos anos de 1832-1834 eles são pregados pelos jesuítas e não pelos Padres Maristas.

A situação evolui, no entanto, a partir de 1834: Champagnat, para tirar os Padres de Valbenoîte de seu marasmo, propõe lhes ceder a casa da Grange Payre (OM1, Doc. 321) perto de L'Hermitage, e J.C. Colin aprecia este gesto altruísta. Enquanto isso, Pompallier, estabelecido em Lyon, procura retirar a Sociedade de sua divisão, mas com uma política favorável aos interesses da diocese de Lyon e parcialmente oposta à de Colin. Durante esses mesmos anos, ele fundou duas ordens terceiras: uma masculina, os Irmãos terciários, e a outra feminina: as Virgens

²⁷⁶ Ver *Lettres*, T. 2, p. 457, a notícia sobre M. Rouchon.

²⁷⁷ Relatado pelo Pe. Francisco no seu 1º carnê de retiro (AFM 5101.302), p. 121.

crists. Se a primeira desaparece rapidamente, a segunda mais tarde dar origem às pioneiras da Sociedade de Maria

Tendo retomado suas tratativas com Roma em 1833-1836, J.C. Colin tenta primeiro aprovar uma sociedade com quatro ramos, o que Roma recusa completamente. Finalmente, o arquivo é desbloqueado pela aceitação do Vicariato da Oceania Ocidental - cujo titular será o Padre Pompallier - em troca de uma aprovação canônica limitada somente aos Padres Maristas. Pelo decreto *Omnium gentium* de 29 de abril de 1836, estes canonicamente tornam-se a Sociedade de Maria. J.C. Colin será canonicamente eleito Superior-geral dos Padres por uma vintena de aspirantes Maristas, incluindo Champagnat, em 24 de setembro de 1836, e responsável dos Irmãos, das Irmãs e da Ordem Terceira, que a aprovação romana deixou de lado, mas que não renunciam a seu direito de também fazer parte da Sociedade de Maria²⁷⁸.

Portanto, a partir de 1836 o termo “Sociedade de Maria” significa em Lyon-Belley três realidades diferentes: canonicamente trata-se de um grupo de sacerdotes; espiritualmente é sempre um conjunto de quatro ramos, reivindicando uma identidade comum; historicamente estas são sociedades que têm um passado já longo e variado. Jean-Claude Colin terá dificuldade para desembaraçar esta situação, particularmente com Champagnat e os Irmãos. No entanto, de imediato a decisão romana é vista como um passo fundamental para o reconhecimento de toda a Sociedade, que nós sabemos que isso nunca será realizado. Naquela hora, a missão da Oceania tem um lugar modesto, pois em fins de 1836, com o novo Bispo e os quatro sacerdotes missionários, partem dois Irmãos.

Como integrar o ramo dos Irmãos?

Durante este período, a questão dos Irmãos continua a ser importante porque Champagnat não tendo obtido a permissão oficial do governo, a diocese procura uni-los aos Marianistas ou aos clérigos de Saint Viateur (OM1, docs. 255-259). Finalmente o acordo com o Pe. Mazelier, superior dos Irmãos da Instrução Cristã de Valense, constituirá uma solução aceitável: os Irmãos de L’Hermitage, ameaçados com o serviço militar, vão com o Pe. Mazelier cuja congregação é autorizada mas faltam vocações. De sua parte, J. C. Colin, que aprecia pouco a tradição que remonta a La Valla, que consiste em misturar na mesma propriedade trabalhadores manuais e professores, quer fazer uma distinção criando uma categoria de Irmãos José, encarregados das tarefas manuais (OM1, Doc.246). Champagnat e seus Irmãos não querem isto!

No entanto, J. C. Colin, que falou de “seus Irmãos” antes de 1830, chama em seguida “os Irmãos” e pouco depois, em 1836, ele os reconhece como um ramo da Sociedade de Maria: “nossos Irmãos”²⁷⁹. Em L’Hermitage as pessoas se conformam com uma S.M. centrada em Belley. E então, Champagnat, que não recebe suficientes

²⁷⁸ J. Coste, *Cours d’histoire de la société de Marie*, 1786-1854, Roma, 1965, p. 88-104.

²⁷⁹ Ao contrário, Pompallier, nas suas correspondências, fala constantemente de “nossos Irmãos” e utiliza a expressão “toda a sociedade”. Parece por outro lado que, exceto Séon, os outros Padres formados em L’Hermitage tenham pensado como Pompallier.

sacerdotes para preencher o quadro para o bom andamento de L'Hermitage, resolveu dar postos-chave aos Irmãos, enquanto os Padres Maristas consideram-se no dever de fornecer capelães e pregadores dos quais os Irmãos precisam. Com os Padres Matricon e Besson é também uma verdadeira continuidade que é estabelecida, pois o primeiro representa o tipo de sacerdote que Champagnat queria para sua Sociedade de Maria: nascido no Bessat em 1803, recebeu aulas de latim em La Valla, em 1821. Tornou-se padre em 1828, entrou em L'Hermitage em 1835 onde ele terá a mesma vida que os Irmãos até sua morte em 1882²⁸⁰. Quanto ao Pe. Besson, ele passou trinta anos como capelão dos Irmãos em L'Hermitage e depois em La Bégude.

É verdade que as dificuldades dos Irmãos na Oceania, com os Padres Maristas, às vezes tratando-os como piedosos domésticos, perpetuam a tradição de Belley onde se havia concebido os Irmãos como auxiliares encarregados dos trabalhos manuais. Deve-se levar em conta também o fato de que, nas missões onde tudo está para ser construído, habilidades técnicas são essenciais e bem prestigiadas junto às populações. Além disso, Champagnat mesmo não está livre de uma visão um tanto restritiva da Sociedade de Maria: quando ele responde a uma carta de Pompallier, em 27 de maio de 1838²⁸¹, dá essa notícia de L'Hermitage:

“Maria mostra visivelmente sua proteção em relação à L'Hermitage [...] Há muito que não se falaria mais da nossa Sociedade sem este santo nome, sem este nome milagroso. Maria, eis o recurso de nossa sociedade”.

Basicamente, a Sociedade está inacabada, não só porque Roma quer assim, mas também porque no ramo dos Padres como no dos Irmãos, a consciência de ser o coração da Sociedade de Maria paralisa a dinâmica da união. Misticamente uma, a Sociedade de Maria é historicamente construída de acordo com dois polos e um só entre eles - parcialmente - é reconhecido, pois as Irmãs Maristas permanecem à margem e a Terceira Ordem lionesa também.

A revolução institucional de outubro de 1836: a Sociedade dos Irmãos de Maria

A evolução dos votos dos Irmãos é uma boa maneira de perceber quanto o reconhecimento romano de 1836 reflete profundamente sobre L'Hermitage. De 11 de outubro de 1826 a 3 de abril de 1836²⁸² os registros dos votos temporários Maristas recebem o P.V. (procès-verbaux: atas ou minutas) dos votos dos Irmãos feitos **“em segredo”**²⁸³ [...] **aos superiores da dita Sociedade de Maria, de acordo com seus estatutos e suas finalidades**²⁸⁴, o que significa que a Sociedade de Maria de

²⁸⁰ *Lettres de M. J.B. Champagnat*, T. 2, Roma, 1987, p. 91 e 375.

²⁸¹ Carta, T. 1, p. 411, doc. 194.

²⁸² As primeiras profissões das Irmãs Maristas tiveram lugar em 6 de setembro de 1826. O cerimonial é o mesmo que aquele dos Irmãos (ver OM1, doc. 161 e Règle des PFM de 1837).

²⁸³ Os votos não podem ser públicos porque Dom de Pins não pode autorizar novas congregações diocesanas.

²⁸⁴ Assinaram Champagnat, o Ir. Bernard, o Ir. Antoine, e o Ir. Francisco. Depois de 1830 as assinaturas de Champagnat desaparecem.

L'Hermitage existe sim, mas não tem superior eleito. Quanto aos “estatutos e suas finalidades” da Sociedade, a qual texto fundamental eles se referem?

Concluído apenas a constituição canônica da Sociedade dos Padres Maristas de 20 a 24 de setembro de 1836, um retiro dos Irmãos é pregado pelos Pe. Colin e Convers em L'Hermitage de 3 a 10 de outubro. O Padre Champagnat fez palestras sobre a vida religiosa (*Vida*, cap. 19, p.192). E no último dia, professos perpétuos e temporários assinam seus votos pela primeira vez em grupo e segundo uma nova fórmula:

*“Nós, abaixo assinados, **Pequenos Irmãos de Maria**, [...] fazemos voluntária e livremente, com a permissão de nosso R. Pe. Superior, também abaixo-assinado, e **com as cerimônias em uso na Sociedade dos Irmãos de Maria**, os três votos perpétuos de pobreza, de castidade e de obediência **ao superior da dita sociedade, segundo as constituições e as finalidades da ordem.** [...]”*

Portanto, os votos não são mais secretos, não é mais uma questão da Sociedade de Maria, não há outro superior que Champagnat. Os “Estatutos e finalidades” da Sociedade de Maria tornaram-se “constituições e finalidades da Ordem”. A expressão “Pequenos Irmãos de Maria” começa a suplantam a de “Irmãos de Maria”.

O segredo não tem mais razão de ser, porque a Sociedade de Maria tem agora um estatuto reconhecido por Roma, os Irmãos são os beneficiados indiretos. Quanto às “Constituições e às finalidades da ordem”, eles retomam um termo descrito na carta latina ao Papa de 25 de janeiro de 1822 (OM1/69 § 4): ...*“Haec sunt proposita nostra ut nobis assignantur in constitutionibus jam confexti”* et *“Has enim constitutiones habemus, ex nullo libro aut ex nullis aliis constitutionibus excerptas”*. A carta de Courveille de Aiguebelle²⁸⁵ em junho de 1826 falava também das “Constituições da Ordem”. De qualquer modo, esta ordem é a Sociedade de Maria, e se os Irmãos Maristas explicitamente reconhecem ser um ramo da Sociedade de Maria com um único superior, reivindicam uma Constituição primitiva, segundo a qual, apesar das últimas decisões romanas, eles são irrevogavelmente ligados a uma Sociedade de Maria de essência mística e não totalmente realizada.

Mas há uma importante distorção entre estas Atas (P.V.) e a cerimônia de votos perpétuos:

ATAS (P.V.) DO REGISTRO DOS VOTOS	FÓRMULA DOS VOTOS DA REGRA DE 1837
<p>“Nós, abaixo assinados, pequenos irmãos de Maria, declaramos que [...] fazemos voluntária e livremente com a permissão de nosso R. Pe. Superior, também abaixo assinado, e com as cerimônias em uso na Sociedade dos Irmãos de Maria, os três votos perpétuos de pobreza, de castidade e de obediência ao superior da dita sociedade, segundo as constituições e as finalidades da ordem”...</p>	<p>“Prostrado a vossos pés, santa e adorável Trindade, [...] faço voluntária e livremente os três votos (perpétuos) de Pobreza, de Castidade, e de Obediência ao Superior da dita Sociedade de Maria, segundo as constituições e as finalidades da ordem. Dignai-vos, ó meu Deus, acolher meus votos e minha dedicação; e vós, Maria, minha terna Mãe, recebei-me entre o número de vossos queridos filhos. Amém!”</p>

²⁸⁵ OM1/152 § 15.

Na Ata do registro, os votos são feitos ao Padre Champagnat enquanto no ritual eles se referem ao Pe. J. C. Colin: estamos na maior ambiguidade. Podemos mesmo falar de oposição latente porque, embora sendo realizada sem oposição aberta, esta mutação ambígua gerou ansiedade e mesmo ressentimento. O Ir. Avit e o Ir. João Batista²⁸⁶ referem-se também a uma tradição estranha em relação à eleição do superior da Sociedade de Maria:

“Muitos Padres queriam nomear nosso piedoso Fundador. Ele os fez entender que o fardo dos Irmãos era pesado suficiente para ele. No entanto, ele aceitou o título de assistente. O mais jovem dos Colin foi mantido no generalato”.

É uma maneira de sugerir que Champagnat era o homem que mais merecia o título de superior e no fundo a legitimidade de J. C. Colin (“o mais jovem dos Colin”) era menor²⁸⁷. Na *Vida* do Padre Champagnat (1ª parte), em que o capítulo 19 desenvolve “O que o Padre Champagnat fez para esta obra” (dos Padres Maristas), o Ir. João Batista esforça-se para nunca usar a expressão “Sociedade de Maria” quando ele fala dos Padres Maristas²⁸⁸. É afirmar discretamente que a Sociedade de Maria não se reduz àquela dos Padres.

Parece também que em 1836 surgiu uma controvérsia sobre os dois nomes concorrentes: “Irmãos de Maria” ou “Pequenos Irmãos de Maria”. Encontramos vestígios numa instrução sobre “O espírito do Instituto”, relatada três vezes pelo Ir. João Batista²⁸⁹, que insiste sobre a importância do adjetivo “pequeno” como símbolo do autêntico espírito Marista. O debate será encerrado pelo Decreto de reconhecimento civil de 1851 que confirma “Pequenos Irmãos de Maria” enquanto que “Irmãos Maristas” tornou-se um nome coloquial²⁹⁰. Mas em 1903 a Congregação será definitivamente reconhecida por Roma como “Irmãos Maristas das Escolas”, provavelmente em referência aos Irmãos das Escolas Cristãs, mas talvez também para manter a palavra “Marista”.

O reconhecimento canônico dos Padres Maristas, portanto, não aconteceu de maneira muito consensual como se acreditava, e os Irmãos parecem tê-lo aceito na esperança de uma união mais formal e, ao mesmo tempo, sentindo-se um pouco mais do que um ramo da árvore marista.

²⁸⁶ *Annales*, T. 1, § 136, p. 172; *Vida*, 1ª parte, cap. 19, p. 191.

²⁸⁷ Os *Annales de l'Institut*, do Ir. Avit, também testemunha, em várias partes, uma velada hostilidade aos Padres Maristas que poderiam ter sua fonte em 1836.

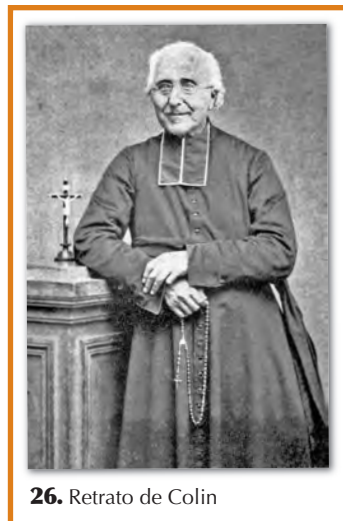
²⁸⁸ Trata de “Congregação dos Padres Maristas”, de “Sociedade dos Padres”, de “obra dos Padres Maristas”, de “Padres de Belley”, de “ramo dos Padres”, de “Sociedade dos Padres Maristas”.

²⁸⁹ Nos manuscritos “Ecrits 3”, p. 123-130, “Ecrits 4”, p. 349-356, e no prefácio de *Avis, leçons sentences* § III.

²⁹⁰ OM1, doc. 153. Nós encontramos “Irmãos Maristas” no documento de filiação espiritual dada pela trapa de Aiguebelle ao Padre Courveille em 1826.

As hesitações de J.C. Colin (1836-1840)

Tornando-se oficialmente superior-fundador de uma sociedade de Padres e oficiosamente de um ramo de Irmãos e Irmãs, J. C. Colin leva a sério²⁹¹ a sua tarefa. Em 18 de setembro de 1837, ele consegue que Champagnat entregue em suas mãos o ramo dos Irmãos, antes de renomeá-lo como seu superior (OM1, Doc. 416, p.950). Mas, desde 27 de outubro de 1837, ele abriu uma crise afirmando: “Eu medito uma grande reforma no governo e na conduta dos Irmãos e espero uma obediência realmente religiosa”.²⁹² Entretanto, todos os Irmãos, incluindo aqueles que os Padres Maristas recrutam, farão sua profissão em L’Hermitage, e Colin pressiona esta equipe para ajudar os Padres²⁹³. Mas os Irmãos estão relutantes para passar com os Padres²⁹⁴. Além disso, numa carta de 22 de fevereiro de 1839 a Champagnat, J. C. Colin (*Colin sup*, doc. 60) faz sua própria teoria da sociedade e do lugar dos Irmãos:



26. Retrato de Colin

*“Lembra-vos que Maria, nossa mãe, [...] empenhou-se totalmente em atender as necessidades dos Apóstolos²⁹⁵; [...] Um Irmão a serviço dos sacerdotes da Sociedade faz vinte vezes mais bem, na minha opinião, que se ele estiver empregado num município, onde, graças a Deus, os meios para educar a juventude não faltam hoje. Mas vós nunca haveis entendido bem essa ordem e este fim da Sociedade”.*²⁹⁶

Essas observações de Colin mostram claramente o peso do projeto inicial que se refere à consagração de Fourvière, em 1816: evangelizar o mundo à imitação dos Apóstolos, sob os auspícios de Maria. Se Champagnat está de acordo com ele nesta base, ele considera que, pelo catecismo, os Irmãos são também investidos do ministério apostólico. Por outro lado, a escola não é para ele uma tarefa secundária, mas, pelo contrário, uma missão altamente estratégica porque permite, por uma primeira educação cristã, tornar eficaz o ministério sacerdotal. No fundo, Colin tem razão: Champagnat e ele não compreendem a Sociedade de Maria, nem mesmo a Igreja, da mesma forma: ele adere a uma eclesiologia clássica enquanto

²⁹¹ Ele tarda mais com a ordem terceira.

²⁹² Gaston, Lessard, s.m. “Colin sup”. *Documents pour l’étude du généralat de Jean-Claude Colin* (1836-1854), Roma, 2007, T. 1, doc. 21.

²⁹³ Ver J. Coste, s.m., *Cours d’histoire de la Société de Marie (Pères Maristes)*, 1786-1854, Roma, 1965, p. 182-183.

²⁹⁴ E especialmente de enviar Irmãos a Verdelsais, na diocese de Bordeaux.

²⁹⁵ Referência provável à obra *A cidade mística de Deus*, de Maria de Ágreda.

²⁹⁶ E ele convida Champagnat a passar três dias em retiro para se humilhar diante de Deus “de ter feito até o momento tão pouco sua vontade sob certos aspectos”.

Champagnat vê um apóstolo leigo ensinando dignamente a doutrina cristã. Repete-se, pois, de maneira aguda em 1839, uma divergência manifestada em 1816 pelo “necessitamos de Irmãos” de Champagnat.

As palavras ameaçadoras de J. C. Colin traem, além disso, uma profunda convicção: ele é o homem escolhido para fazer acontecer a Sociedade de Maria, como estava prevista em 1816. Felizmente, na maioria dos casos, esta afirmação é compensada pela atenção aos sinais dos tempos e uma real prudência. Assim, sobre a questão dos Irmãos, ele vai reverter rapidamente, considerando “um grupo de Irmãos unicamente destinados ao serviço dos sacerdotes” (carta de 14 de maio de 1838). E, durante o retiro dos Padres Maristas em Belley, de 28 de agosto a 3 de setembro de 1839, os professores reunidos num minicapítulo decidem a separação entre os Irmãos Maristas e Irmãos coadjutores (chamados Irmãos José), os jovens Padres fazem pender a balança a favor desta solução²⁹⁷.

Mas a rápida deterioração da saúde do Padre Champagnat é um problema mais sério. Em 12 de outubro de 1839, uma assembleia eleitoral de noventa e dois Irmãos professores elege o Ir. Francisco como diretor-geral e seus dois assistentes, o Ir. João Batista e Luís Maria²⁹⁸. Em janeiro de 1840, J. C. Colin propõe um conjunto de 18 “artigos relacionados aos Irmãos”²⁹⁹, que reconhece dois tipos de Irmãos com hábitos diferentes: os coadjutores e os professores, mas governados por um Padre provincial tendo autoridade sobre um Irmão diretor-geral, que poderá escolher dois assistentes³⁰⁰.

Este regulamento prevendo que os bens temporais dos Irmãos e dos Padres serão separados, por ato redigido por um notário em 22 de março de 1840, Champagnat constituiu com seis dos antigos Irmãos de L’Hermitage uma sociedade civil herdeira de todos os seus bens³⁰¹. Não há nenhum Padre na sociedade, nem mesmo o Pe. Matricon, capelão de L’Hermitage. Em uma carta ao Padre Champagnat de 1º de abril de 1840 (“*Colin sup.*”, I, doc. 149) o Pe. Colin queixa-se de que o contrato foi passado em St Chamond no cartório do Mestre Mioche, e não em Lyon, no notário dos Padres Maristas. Ainda em 24 de abril de 1840, Colin considerará confiar o ramo dos Irmãos Maristas à diocese de Lyon, com a esperança de que a direção seria confiada a um Padre Marista.

De 1836 a 1840, as relações entre Padres e Irmãos Maristas foram trabalhosas para não dizer conflitantes. O cerne do debate é claro: para Colin, os Irmãos não foram previstos no projeto original e não foram reconhecidos por Roma. Além disso, como eles se recusam a tarefa de auxiliares dos Padres, sua utilidade apos-

²⁹⁷ “*Colin sup.*” I, doc. 41. Bernard Bourtot, *Les Frères coadjuteurs de la Société de Marie sous les généralats Colin et Favre. 1836-1885, Documents SM n° 57, mars 2001, p. 8-9; J. Coste, Cours d’histoire de la Société de Marie, p. 183*

²⁹⁸ Em teoria é uma nomeação após consultar os Irmãos.

²⁹⁹ J. Coste e G. Lessard, *Autour de la règle*, Roma, 1991, doc. 2, p. 14.

³⁰⁰ É um pouco diferente daquilo que a eleição do Ir. Francisco praticou, como se estes artigos tivessem sido redigidos antes do evento.

³⁰¹ AFM, *Cahier des Annales de L’Hermitage*. Archives départementales de la Loire, archives notariées de maître Mioche (5^E-VT 1233_23).

tólica lhes parece duvidosa. Sua legitimidade relativa vem de sua conexão com Champagnat, Marista certamente do primeiro grupo, cuja obra foi realizada no âmbito da diocese de Lyon. É verdade que, em 1837, pedindo a Champagnat para renunciar a seu cargo de superior dos Irmãos e renomeá-lo imediatamente, J. C. Colin reconheceu esta obra. Mas sucessivos reveses o fazem duvidar de que a vontade de Deus é a manutenção desse vínculo.

O testamento espiritual, escrito de acordo com as instruções de Champagnat pelos Irmãos Francisco e Luís Maria, depois lido publicamente na sua presença em 18 de maio de 1840, quer responder as suas dúvidas sem equívoco:

“... O superior dos padres e também do ramo dos Irmãos deve ser o centro de união de uns e de outros [...]. Seu espírito é o meu e a sua vontade é a minha. Eu olho este acordo perfeito e esta submissão inteira como a base e o apoio da Sociedade dos Irmãos de Maria”.

Um último encontro entre Colin e Champagnat, em 24 de maio,³⁰² pôde superar as últimas dificuldades³⁰³, e a morte deste último, em 6 de junho de 1840, sela a união reencontrada e estabelece uma nova situação, porque os Irmãos Francisco, Luís Maria e João Batista, ainda inexperientes, precisam de um *alter ego* do Padre Champagnat.

Colin se inclina, mas suas dúvidas sobre uma união durável não são removidas. Ele vai, portanto, presidir até 1845 os destinos do ramo dos Irmãos e permanecer seu protetor até o final do seu generalato em 1854. Em 1851 o reconhecimento civil permitirá estruturar-se estabelecendo Constituições definitivas. A partir de 1858, o Ir. Francisco empreenderá medidas em Roma que levarão, em 1863, a um decreto de louvor, apesar da oposição do Arcebispo de Lyon e uma parte dos Padres Maristas, que queria manter o controle dos Irmãos. O reconhecimento romano não será definitivamente adquirido senão em 1903.

A história das origens dos Irmãos Maristas, portanto, é colocada sob o signo de uma dupla inspiração, fonte de riqueza espiritual, mas também de muitas dificuldades. Ciente de seu próprio caminho e de um elo de vinculação com o Projeto Marista, Champagnat nunca quis escolher um sobre o outro. Portanto, se ele prontamente aceita que o ramo dos Irmãos não é original, ele o considera essencial e não conceberá L'Hermitage apenas como a casa-mãe dos Irmãos, mas ainda como a sede de uma sociedade missionária, incluindo padres e Irmãos unidos num projeto global, alimentados por uma eclesiologia inspirada na Igreja primitiva sob os auspícios de Maria, em que os apóstolos não só são precursores dos sacerdotes, mas também de todos aqueles que espalham a palavra de Deus. Uma Igreja povo de Deus, em suma, antecipando intuitivamente o Vaticano II.

Sua estratégia de desenvolvimento não se apoia em Roma, mas na diocese. Até 1830 esta estratégia funciona quase perfeitamente e, sem a Revolução dos Três

³⁰² “Colin sup.” doc. 176 e *Vida*, p. 230.

³⁰³ “Ele (Champagnat) conversou demoradamente com o Pe. Colin, recomendando-lhe seus Irmãos, e, no final do encontro, com uma profunda humildade, pediu-lhe perdão de todas as faltas que, por acaso, tivesse cometido”, diz o Ir. João Batista.

Gloriosos³⁰⁴, o modelo da Sociedade de Maria, de acordo com Champagnat, teria conhecido um destino diferente. Mas o fracasso de L'Hermitage é apenas relativo: pelo seu número, sua convicção de ser por direito da Sociedade de Maria, sua própria concepção da missão apostólica, os Irmãos fazem a sua integração ao mesmo tempo indispensável e impossível. Quando Champagnat morreu em 1840, a unidade dos Irmãos e Padres é em parte artificial. Os Irmãos viam suas origens em janeiro de 1817, em La Valla, e muito pouco na consagração de Fourvière em julho de 1816.

³⁰⁴ Que impede o reconhecimento da associação dos Pequenos Irmãos de Maria.

8.

OS IRMÃOS MARISTAS COMO SOCIEDADE DE EDUCAÇÃO

Ao redor de 1820-1824, La Valla já era um pequeno centro de formação recebendo noviços e pensionistas - incluindo alguns latinistas - levando uma vida muito entrelaçada com a dos Irmãos. Durante o inverno, as crianças de aldeias traziam seu sustento e ficavam na casa durante a semana³⁰⁵. Andarilhos, sozinhos ou em grupos, que em geral saem rapidamente, muitos se juntavam ao pessoal mais estável. A casa serviu também de livraria e depósito de objetos de papelaria (papel, canetas)³⁰⁶ para adolescentes em formação e para as escolas dos Irmãos.

A construção em 1824-1825, da casa de L'Hermitage, capaz de acomodar 150 pessoas, será inicialmente a extensão desta organização ainda hesitante em que o prospecto de 1824 coloca os Pequenos Irmãos de Maria sob a proteção da Arquidiocese³⁰⁷.

Luta por uma autêntica educação cristã

Já mencionamos em vários capítulos uma ultrasensibilidade em Champagnat ligada à preocupação em combater os métodos educacionais que ele considera inadequados ou perigosos. Parece que, de 1826, ele evoluiu para uma maior moderação política, mantendo suas crenças em matéria educativa. Entre 1830 e 1833 sua obra sofrerá ataques, mas sua prudência e sua habilidade permitir-lhe-ão contornar o curso sem grandes danos³⁰⁸.

Em outro lugar, seu pensamento é pouco orientado para a política: o que o preocupa é o que, mais tarde, será chamado como descristianização. Por exemplo,

³⁰⁵ A famosa mesa do quarto de Champagnat contendo numerosas gavetas e adaptada a convivas de pequeno porte parece ter servido a crianças denominadas "caméristes".

³⁰⁶ Ver CM 31, p. 84-87.

³⁰⁷ P. Zind, *Bienheureux Champagnat*, p. 246. Não é feita nenhuma menção da Universidade.

³⁰⁸ As páginas 512-513 da *Vida* (cap. XXIV) nos indicam uma verdadeira estratégia: "durante o tempo de perseguição, para fazer triunfar a causa da religião e para tornar inúteis as oposições que os maus faziam às obras de Deus, dois meios [...] O primeiro, é dar tempo ao tempo [...]. O segundo, é o da resistência passiva pela paciência".

respondendo, em 1840, a uma carta do pároco de Pré-Saint Gervais, em Paris, que lhe descreve a miséria espiritual de seus paroquianos, Champagnat especifica que “o mal não [é] tão terrível em nossas terras”, mas lamenta que a falta de pessoal não possa “impedir que o contágio se torne quase geral”³⁰⁹. É verdade que outras cartas têm um tom mais otimista. Em 1838³¹⁰ ele reconhece:

“há em Paris um grande núcleo de bons cristãos. Gostaria que nosso povo rural que acredita ser bons cristãos visse com que respeito o pessoal se comporta nas igrejas”. Na carta nº 194 (27 de maio de 1838) ele ressalta: “Foi de batina que realizei todas as minhas visitas, todas as viagens, sem nunca ter sofrido um insulto nem sequer me chamarem de jesuíta! [...] Na capital há mais prática religiosa nas pessoas do que se imagina”. “A religião não vai terminar ainda na França, existe muito recurso”.

E ainda, o Pe. Champagnat, não deixou de lado, como certos fundadores, as insinuações contrarrevolucionárias. Os textos, pelo contrário, são quase silenciosos sobre estes acontecimentos, talvez porque a experiência de família o fez considerar a Revolução de forma diferenciada. Além disso, como muitos católicos de seu tempo, ele concebeu a Revolução como a consequência de uma ruptura muito anterior, a Reforma, que, por meio do desenvolvimento do livre arbítrio, arruinou o princípio da autoridade do qual resultou a descrença e a confusão. Todo o sistema educacional de Pe. Champagnat baseia-se também na restauração do princípio da autoridade.

Mas em nível educacional propriamente dito, ele concebeu a tarefa dos Irmãos como essencialmente evangélica como na carta de 21 de janeiro de 1830 ao Ir. Bartolomeu:

“Eu também sei que vocês estão com muitos alunos e que, portanto, terão também muitas cópias de suas virtudes, pois é seguindo estes modelos que seus alunos se formam; de acordo com os exemplos que vocês derem é que eles vão pautar o comportamento deles. Como é grande o trabalho que vocês fazem, como é sublime! Vocês estão continuamente em companhia daqueles com os quais Jesus se comprazia, já que proíbia expressamente a seus discípulos de impedir as crianças a se achegarem a Ele. [...] Ah! Que bela recepção vão ter da parte do divino Mestre, mestre generoso [...] Digam a seus meninos que Jesus e Maria gostam muito deles todos: dos que são bem comportados porque são parecidos com Jesus, que é o máximo de bem comportado; dos que ainda não são, porque vão ser. [...] digam-lhes que amo a todos”...

A Carta 19 (3 de janeiro de 1831) é de um tom mais combativo:

“Você tem em mãos o Sangue precioso de Jesus Cristo. Depois de Deus, é a você que seus numerosos meninos ficarão devendo a salvação. [...] Esforce-se, não poupe nada para formar à virtude seus corações juvenis. Faça ver a eles que nunca serão felizes sem a prática da virtude, sem a piedade, sem o temor de Deus; que não há paz para o ímpio, somente Deus pode dar-lhes a felicidade, que só para Ele foram criados”.

O educador é, portanto, outro Cristo que, pelo seu exemplo, mas também por sua autoridade e conhecimento da doutrina, desperta nas crianças a virtude, ga-

³⁰⁹ Cartas, nº 339, 3 de maio de 1840.

³¹⁰ Cartas, nº 183.

rantia de felicidade e salvação. Estamos longe de uma perspectiva formalista, exigindo apenas da criança a aprendizagem da letra do catecismo. Também se está longe de uma concepção instrumental do professor, simples repetidor: é pelo bom exemplo somado ao catecismo que o Irmão converte.

O catecismo como fundamento da escola

Muito cedo, o Pe. Champagnat deu importância primordial ao catecismo. A lembrança de uma das suas aulas durante as férias de seminarista³¹¹ se conservou: usando uma maçã, ele representa a terra e explica às crianças que os homens vivem em sua superfície como insetos minúsculos. Os antípodas são infelizes, vivendo como animais, a quem os missionários vão ensinar o catecismo. No final ele compartilha a maçã e dá um pedaço para cada criança³¹².

Essa história, que mostra a cosmografia servir o catecismo, nos dá uma boa ideia de como o Fundador imagina a educação profana, que deve servir, indiretamente, ao catecismo. Sua *Vida* nos manteve três de suas lições. Na primeira, inspecionando uma classe durante uma aula de desenho e geometria, nota que os alunos sabem a escala de proporção e sabem como medir a terra. Ele então os convida para medir também o céu, quer dizer, a conhecer e praticar os mandamentos. Durante outra visita, ele encontra crianças recitando uma lição de história sobre o reinado de Clóvis³¹³, o que lhe ocasiona fazer considerações sobre “a força e o poder da oração”. Em uma aula de Geografia para os Irmãos sobre as capitais e as famosas cidades da Ásia, lembrou que Jerusalém, a cidade que ainda se encontra nas mãos dos inimigos da fé, manteve intacto o sepulcro de Cristo, ilustrando, assim, a palavra da escritura: “Reinareis no meio de vossos inimigos”³¹⁴.

O capítulo 20 da *Vida* do Fundador³¹⁵, que tem o título “Zelo pela glória de Deus e a salvação das almas”, apresenta vários episódios sobre seu zelo catequético: ele para nas ruas para entrevistar as crianças; passa horas a catequizar os pequenos pastores ou as crianças nos campos. A caminho de Paris, provavelmente em uma diligência, dá um centavo para uma criança pedinte se ela lhe prometer aprender o catecismo³¹⁶. Muitas vezes ele repete:

*“Eu não posso ver uma criança sem sentir vontade de lhe ensinar o catecismo e fazer-lhe saber quanto Jesus Cristo a amou e quanto, por sua vez, deve amar o divino Salvador”*³¹⁷.

Essa obsessão catequética de Champagnat às vezes teve dificuldade em passar para os seus discípulos, uma vez que Irmãos mais jovens acreditam que se dá

³¹¹ *Annales de l’institut*, T. 1, p. 18; *Vida*, p. 21-25, 31.

³¹² Esta lição determina a vocação do jovem Epalle que se torna, mais tarde, bispo missionário na Oceania.

³¹³ *Vida*, p. 462.

³¹⁴ Salmo 110; *Vida*, p. 463.

³¹⁵ 2ª parte, p. 458-472.

³¹⁶ *Vida*, p. 475.

³¹⁷ *Vida*, p. 460.

muito catecismo, que não há tempo suficiente para ensinar assuntos profanos³¹⁸ e que, além disso, os Irmãos das Escolas Cristãs (a referência obrigatória) ensinam o catecismo somente uma vez por dia. Champagnat, portanto, deve argumentar:

“É muito provável que se o venerável Padre de La Salle fundasse hoje seu Instituto, ordenaria a seus Irmãos que dessem catecismo duas vezes por dia. De fato, quando foi instituída a Congregação das Escolas Cristãs, há cento e cinquenta anos, os pais, que então eram eminentemente religiosos, tomavam a si a educação dos filhos e aos Irmãos cabia tão somente complementar nas escolas as lições aprendidas no lar. Infelizmente hoje a coisas mudaram muito”.

Na verdade, J. B. de La Salle encontrou também pais muito pouco cristãos, mas Champagnat manifesta sobre o catecismo uma intransigência reforçada por suas experiências de criança mais ou menos bem catequizada sob a Revolução e seu medo de um aumento da falta de religião no pós-revolucionário, preconizada pelo ideal dos Direitos Humanos saídos do Iluminismo, a concorrência do Estado e a relutância da sociedade. Subjugadas sob a Restauração, estas forças concorrentes ou resistentes triunfam com a Revolução de 1830. O fosso entre os objetivos da sociedade civil e da Igreja está crescendo lentamente.

É verdade que ao integrar seu projeto catequético às aspirações da sociedade, e aceitando, não sem relutância, que a escola se emancipe de sua matriz catequética, sob a supervisão do Estado, Champagnat adapta com flexibilidade o modelo antigo e, mesmo consagrando-se à região rural e às cidades, contribui para completá-la e renová-la, mas com a consciência profunda dos perigos desta postura, porque sua obra é, para ele, bem mais do que uma sociedade de educação eficiente, mas na vanguarda de uma Igreja nova mariana e apostólica, preparada para as últimas lutas antes do fim dos tempos.

Formar também os adolescentes

Como Champagnat recebe muitos adolescentes que, após um curto noviciado, são enviados às escolas a fim de cozinhar – e lá se permitem todos os tipos de erros e brincadeiras – Champagnat está interessado nesta faixa etária e orienta assim seus diretores descontentes:

“Meus caros Irmãos, não se admirem de que os Irmãos de quinze a vinte anos não tenham, nas orações, o fervor e a devoção que vocês têm. Essa idade é a fase mais crítica da vida. É o tempo em que as paixões começam a agir, movendo contra o homem esta guerra cruel que só termina com a morte. [...] Todos os homens pagam um triste tributo a essa idade. Mesmo os que são bons e piedosos por natureza gozam pouco da unção da graça e da piedade” (p.413-414).

É preciso, portanto, compartilhar das misérias dos jovens Irmãos e se “cuidar para não os repreender e nem os maltratar”, mas também fazê-los rezar, mantê-los muito ocupados, incentivá-los, fazê-los observar a regra.

³¹⁸ Vida, p. 470.

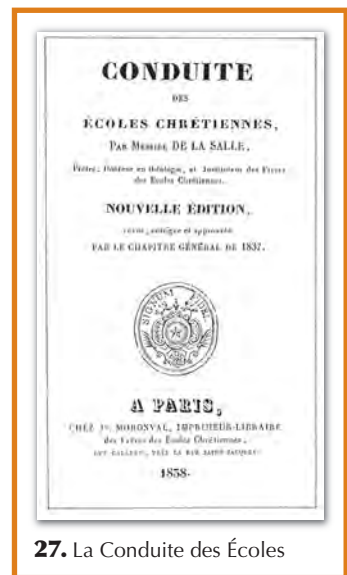
É o que ele mesmo fez em L'Hermitage, onde suporta com indulgência as levianidades, contentando-se apenas com observações tais como: "Eis o que é edificante para um Irmão que deve dar o exemplo!" ou "Até quando você será uma criança?" (p.412). Mas ele tem um princípio: à primeira falha ele perdoa; à segunda ele adverte o culpado: "você fica me devendo"; na terceira, paga. E ele é inexorável com defeitos ligados a "um caráter superficial, a um espírito falso ou quando eles são de natureza a escandalizar os Irmãos". Aos que permanecem demasiado ligados aos seus pais, à "maneira mundana", aqueles que cometeram erros públicos contra os costumes são mandados de volta para casa sem piedade (p.416-417). Às vezes, os erros que parecem benignos são severamente punidos: um sacristão que bebeu em um cálice, noviços que pularam sobre a fogueira de São João foram mandados embora³¹⁹. Em suma, assim que ele vê que os noviços são determinados a contemporizar com o mundo profano, ele considera que eles não têm nada para fazer na casa. Entra-se facilmente em L'Hermitage, mas pode-se também sair de lá rapidamente.

Política e pedagogia no tempo do Padre Champagnat

Já vimos que, desde o início do seu projeto, Padre Champagnat adota o método simultâneo³²⁰ e que o inspetor Guillard constata, em 1822, que seus Irmãos se inspiram na *Conduite des écoles*³²¹, reeditada em 1811 e 1819. A "Instrução sobre a conta de consciência" da Regra de 1837 (p.74) traz ainda as seguintes perguntas:

"Você dá aula com gosto e com zelo?", "Segue exatamente a *Conduite*?".

A luta contra o método mútuo, muito vivo entre 1815-1822, é reativada pela revolução de 1830. Mas desde 1833 o ministro Guizot é atraído a escolher o método simultâneo; ele o acha melhor, e os números são eloquentes: há 1400 escolas mútuas e 24.000 escolas simultâneas sobre as 42.000 na França³²². O método dos Irmãos ganhou. Mas é o Estado que assume a definição³²³, preconizando um método denominado simultâneo-mútuo³²⁴ adotado pela *Conduite* dos Lassalistas de 1837³²⁵.



27. La Conduite des Écoles

³¹⁹ Memórias do Ir. Silvestre.

³²⁰ P. Zind, Bienheureux Champagnat, p. 351.

³²¹ OM1, doc. 75.

³²² Ver sobre este assunto Christian Nique, *Comment l'École devint une affaire d'Etat*, Nathan, 1990, 4ª parte, p. 173-230: "Paul Lorain, l'homme de l'ombre".

³²³ Ver também Tronchot, *op. cit.*, p. 448...

³²⁴ Tronchot, *op. cit.*, T. 2, p. 524.

³²⁵ *Ibid.*, p. 528.

Sob o plano estritamente pedagógico, pontes sempre existiram entre esses métodos. O Ir. João Batista parece bastante próximo da realidade quando afirma que Padre Champagnat “combinou, sem saber, o modo simultâneo com o mútuo; tomando deste último o que tem de melhor para aperfeiçoar o primeiro, e [...] ele preparou seus Irmãos para adotarem definitivamente, mais tarde, o método simultâneo-mútuo” (*Vida*, p. 489). Além de ensinar aos Irmãos o método catequético, ele fez apelo bem cedo à participação dos seus alunos:

*“Ele (M. Champagnat) decidiu que logo, que fosse possível, estudantes mais capazes seriam encarregados de dar o catecismo, cada um por sua vez, não sobre qualquer assunto, mas sobre o capítulo do dia [...]. O venerado Padre vinha incógnito ouvir algumas vezes a aula para corrigir, se necessário, o catequista ou até mesmo dar-lhe uma palavra de louvor se merecia”*³²⁶.

E numa passagem da *Vida* do Fundador (p.489), infelizmente difícil de datar, o Ir. João Batista refere-se a uma prática das classes iniciais, na qual o mestre frequentemente deve visitar as lições de dadas:

“Ele deve conseguir a colaboração dos alunos mais adiantados. Assim, uma vez que tiver ensinado a lição aos alunos que estiverem ao quadro de giz, confiará a um monitor a tarefa de tomar a lição, enquanto ele ensinará a ler aos alunos mais atrasados. Fará o mesmo para as lições seguintes, as orações e o catecismo”.

A Sociedade para o Ensino Elementar que preside o ensino mútuo conta, por outro lado, em suas estatísticas, com as escolas “mistas”. Por sua parte, os Irmãos das Escolas Cristãs (Lassalistas) adotam certas práticas de ensino mútuo, mas essencialmente na classe de iniciantes e não é questão de ir além³²⁷.

Como os Lassalistas incorporam o novo método oficial, os Irmãos Maristas os imitam: os estatutos de 1837³²⁸ indicam: “Eles seguirão para o ensino a nova pronúncia e o método simultâneo-mútuo”. Esta alteração talvez não mudou grande coisa no local onde sempre se praticou uma monitoria espontânea. Por outro lado, o uso de empregar na sala de aula o Irmão cozinheiro em suas horas de folga já evidenciava práticas mútuas. No entanto, o Ir. Avit conta que em St Genest-Malifaux, em 1841³²⁹, há dois supervisores (monitores), cujos assentos são organizados um ao lado do outro³³⁰. Mas não sabemos como se adapta entre os Irmãos a aprendizagem simultânea da leitura e da escrita que é uma característica fundamental do método mútuo-simultâneo.

As escolhas pedagógicas de Champagnat têm também uma razão política, pois que precisa obter sua autorização legal, e porque os Irmãos das Escolas Cristãs estão na Universidade. Ele é muito explícito sobre esta estratégia em uma carta ao pároco de Sury-le-Comtal relativa à organização dos locais escolares³³¹:

³²⁶ Ir. Silvestre, Relatos sobre Marcelino Chamagnat, UMBRASIL, 2014, p. 333.

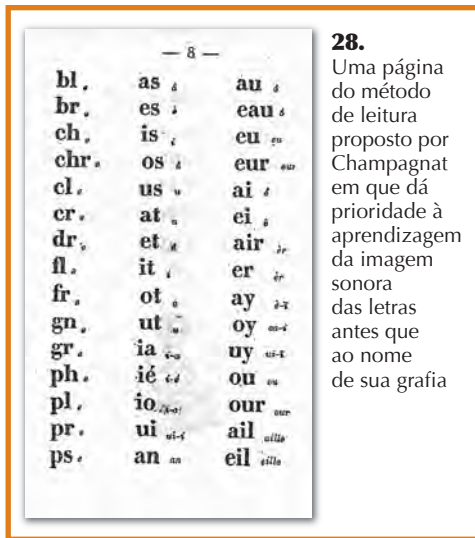
³²⁷ Ibid.

³²⁸ Carta a Salvandy, ministro da Instrução Pública (cartas, nº 15, 27 novembro de 1837).

³²⁹ *Annales des maisons*: St Genest-Malifaux.

³³⁰ A cornija da chaminé desmorona sobre ele e esmaga os assentos de seus auxiliares.

³³¹ *Cartas*, nº 161, novembro 1837.



28. Uma página do método de leitura proposto por Champagnat em que dá prioridade à aprendizagem da imagem sonora das letras antes que ao nome de sua grafia

“Tal é o parecer de meus confrades³³² e dos Irmãos antigos que consultei. É também a regra dos excelentes Irmãos das Escolas Cristãs que deveriam nos servir de modelo invariável em tudo”.

Mas os Irmãos das Escolas Cristãs são mais desconfiados do que entusiastas em relação a outros institutos de Irmãos. Quando de seus esforços em Paris em 1838, Champagnat está um pouco decepcionado em não obter os livros clássicos dos Lassalistas ao mesmo preço que dos seus estabelecimentos³³³. Ao mesmo tempo, o Ir. Anaclet (em 2 de agosto de 1838) concede-lhe uma carta de aprovação cautelosa em vista de sua autorização oficial:

“Soube, com grande prazer, que [...] vós haveis estabelecido para as dioceses de Lyon e Belley uma congregação de Irmãos professores, conhecidos como Irmãos Maristas, que vós destineis principalmente aos municípios cuja população não é bastante considerável para que um estabelecimento de nosso Instituto possa aí ser formado”.

Ele faz, portanto, votos para que o governo autorize sua obra “em pequenas localidades”³³⁴, o que não é o caso do Fundador que recusará uma autorização civil ao cantão de localidades com menos de 1000 habitantes,³³⁵ porque nenhuma comunidade de três Irmãos pode subsistir aí. É por isso que suas escolas estão quase todas localizadas em vilas e cidades entre 1200 e 4000 habitantes³³⁶.

O problema do método pedagógico não cessa, portanto, de ter implicações políticas mesmo depois da arbitragem do Estado que se autoriza a preocupação de proteger os Irmãos das Escolas Cristãs para negar a permissão para sociedades privadas. Apesar de sua perseverança, Champagnat não ganha nada mais do que uma tolerância para uma obra que a sociedade engloba sob o termo genérico de “Irmãos da doutrina cristã”. Além disso, este caso ilustra um fato muito oculto: o debate escolar não é exclusivamente entre a Igreja e o Estado, mas entre o Estado e as sociedades privadas de educação, sejam elas liberais ou confessionais, e também entre as congregações religiosas que competem sem complacência excessiva.

³³² Os Padres Maristas.

³³³ Não somente o preço não é aquele dos estabelecimentos, mas ele é maior que o preço de venda para seus alunos.

³³⁴ *Annales de l'institut*, T. 1, p. 220 e 237. Ver também *Cartas* nº 171, 172, 179, 185, 197.

³³⁵ *Cartas* nº 227.

³³⁶ Sobre todas essas questões da autorização, ver Ir. Gabriel Michel, *Marcellin Champagnat et la reconnaissance légale des Frères Maristes*, obra policopiada.

A organização administrativa

Já mencionamos o conteúdo do prospecto que coloca os Irmãos Maristas como complementares dos Irmãos das Escolas Cristãs e particularmente adequado para fornecer professores às paróquias rurais pobres. Mas este documento não revela senão um dos aspectos de uma fundação que deixa de lado a residência dos missionários, o convento, a escola normal, a colônia agrícola, a pequena empresa industrial³³⁷. L'Hermitage também é um asilo para idosos³³⁸ e órfãos³³⁹.

Além disso, muitas crianças frequentando as escolas apenas no inverno, alguns Irmãos retornam para a casa-mãe na primavera para aí se ocuparem³⁴⁰. Mesmo aqueles que permanecem em suas escolas passam cerca de dois meses por ano em L'Hermitage durante as férias escolares, em setembro-outubro³⁴¹. É para eles o tempo para o retiro, a formação permanente, a entrega de contas e uma possível partida para uma nova missão.

Uma carta já citada de M. Champagnat³⁴², de 1828, dá uma espécie de plano do trabalho:

- M. Champagnat: Diretor-geral, fundação e inspeção de escolas, gestão de pessoas.
- Padre Séon: direção espiritual; fábrica de fitas; serviços nas paróquias vizinhas.
- Sr. Bourdin (diácono): coordenação das aulas dos noviços, da escrita, do cálculo, do canto, do catecismo, da livraria dos estabelecimentos e da capela.

Champagnat procura um padre ecônomo para cuidar das coisas materiais da casa. Mas a diocese não atende à sua demanda³⁴³.

Em 1831, o assistente do prefeito de St-Etienne menciona que, de acordo com as instruções da casa, a manutenção é assegurada “pelo produto das pensões dos noviços, pela colheita de um jardim que cultivam eles mesmos e isso lhes traz, em grande parte, o que é necessário para a vida frugal que levam, abstendo-se de carne; e, finalmente, pelo trabalho de muitos Irmãos que dão algumas horas por

³³⁷ L'Hermitage será perturbada durante os tumultos de 1830 por razões políticas (a casa é vista como um convento susceptível, como a casa dos Jesuítas de Montrouge, de preparar um complô. Mas as razões econômicas podem ter pesado. É a época em que os operários invadiam os lugares de trabalho dos conventos que lhes faziam concorrência. O Ir. Jean-Baptiste (*Vida*, p. 167) indica “que bandos de operários sem trabalho [...] planejaram subir a L'Hermitage para derrubar a cruz do campanário e dar sumiço aos demais sinais religiosos que decoravam a casa”. Ele junta assim duas razões diferentes da suspeita da qual os Irmãos são vítimas.

³³⁸ *Vida*, p. 481. Em 1832 ele recebeu dois enfermos incuráveis. Carta N° 27, da primavera de 1833.

³³⁹ *Vida*, p. 478.

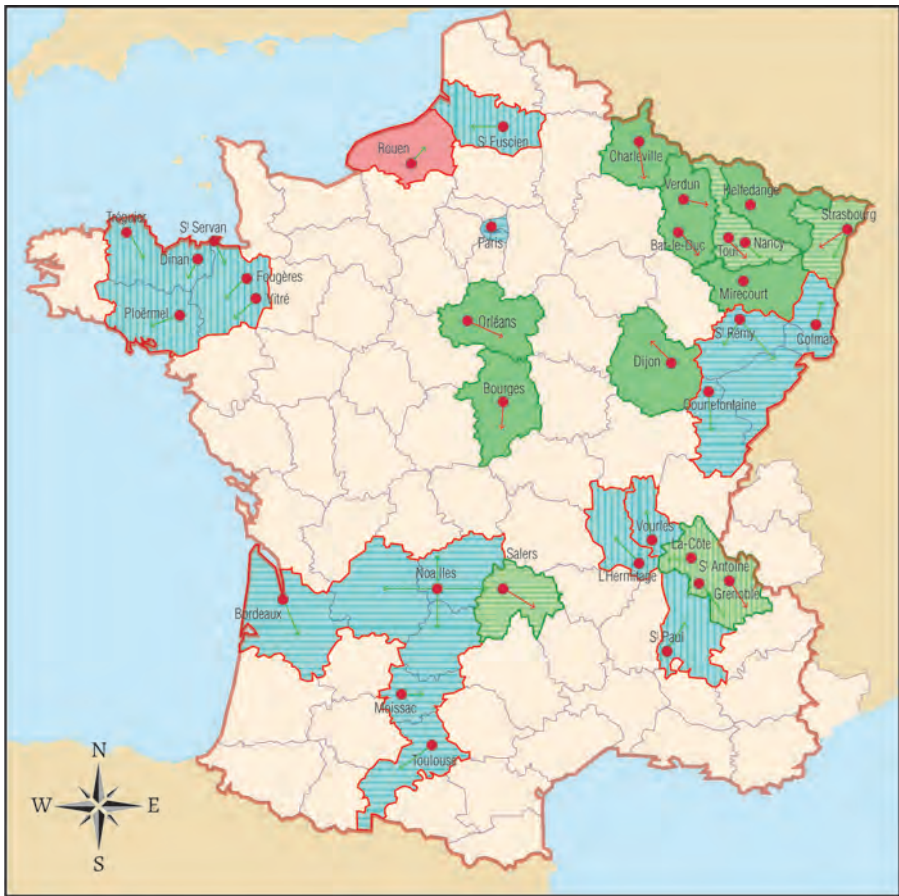
³⁴⁰ *Cartas* n° 12.

³⁴¹ Em 1833 elas são de 1° de setembro a 15 de outubro (*Cartas*, n° 29).

³⁴² *Cartas*, n° 11.

³⁴³ Champagnat demorou certo tempo para confiar postos de responsabilidades aos Irmãos. Isso foi feito depois de 1830 porque ele compreendeu que L'Hermitage não seria mais gerenciada por sacerdotes, exceto ele.

Mapa 7. Escolas Normais ou Escolas Modelo para professores civis, em 1830



- Escolas Normais não congregacionistas.
- Rouen, única Escola Normal dirigida pelos Irmãos de J-B de Salle.
- Projetos e realizações da Sociedade de Maria de Bordeaux.
- Projetos e realizações de outras congregações de Irmãozinhos.

dia na fabricação de tecidos e roupa de cama”³⁴⁴. É necessário adicionar a estes recursos doações de pessoas caridosas³⁴⁵, mas também de autoridades civis³⁴⁶, pelo menos antes de 1830.

Em 1828, o fundador havia estabelecido para as autoridades civis do Loire um primeiro estado de sua obra³⁴⁷:

LUGAR	PESSOAS	DIVERSOS
L'Hermitage: casa-mãe	3 sacerdotes 60 Irmãos 16 noviços	
La Valla: “uma casa pequena”	2 Irmãos no inverno; 115 crianças	Escola gratuita (graças ao pároco)
Sain-Sauveur: “uma bela casa e uma bonita horta”	3 irmãos no inverno; 2 no verão; 120 alunos	A leitura é gratuita por ser “o mais útil para ser bom cristão e bom cidadão ³⁴⁸ ”
Tarentaise: “falta de muitas coisas necessárias”	2 Irmão no inverno; 55 crianças	
Bourg-Argental: “casa grande, bem arejada, bem mobiliada, um pequeno pátio, com uma bela horta”	3 Irmãos; 130 crianças	
Chavanay	2 Irmãos; 90 crianças	“o ensino aí é pago após ter sido gratuito ³⁴⁹ ”
St Paul-en-Jarret: salas “muito pequenas e insalubres”	3 Irmãos; 120 crianças	
Valbenoîte: salas muito pequenas para os indigentes	3 Irmãos; 140 crianças	Pagantes para os ricos e gratuitos
Charlieu	3 Irmãos; 120 crianças	
Boulieu	2 Irmãos; 150 crianças	
St Symphorien-le-Château (sur Coise)	2 Irmãos; 90 crianças	
Mornant	3 Irmãos; 130 crianças	
Neuville-l'archevêque (sur Saône)	3 Irmãos; 100 crianças	
St Symphorien d'Ozon	2 Irmãos; 90 crianças	
Ampuis	3 Irmãos; 150 crianças	
14 escolas	96 Irmãos dos quais 36 ensinam a 1600 alunos; 16 noviços.	

³⁴⁴ P. Zind, *Bienheureux Champagnat*, p. 311.

³⁴⁵ O adjunto suspeita que os Irmãos são financiados – nós estamos em 1831– pela Propagação da Fé.

³⁴⁶ *Vida*, p. 164; P. Zind, *Bienheureux Champagnat*, p. 174.

³⁴⁷ P. Zind, *Bienheureux Champagnat*, p. 275-277.

³⁴⁸ Palavras significativas que traduzem bem o ideal primitivo.

³⁴⁹ Ver *Cartas* nº 41: em 1834, o prefeito impôs mensalidades muito baixas e muitos pobres gratuitos. M. Champagnat pretende declarar a escola privada.

O número de 1600 estudantes certamente indica o número de inscritos. Mas no verão e mesmo no inverno, estes estudantes são menos numerosos. Então, nas escolas de três Irmãos, ou mesmo dois, um deles é responsável pela administração do material e serve de monitor em seus momentos livres. Portanto, em 1828, um pouco mais de um terço dos Irmãos está nas escolas e o número real de professores seria entre 22 e 25. Os números concernentes a L'Hermitage representam um pequeno problema porque as funções dos 60 Irmãos relacionados não são especificadas. Se um grande número é ocupado com trabalhos manuais e nos serviços da casa, uma parte dentre eles deve exercer atividades educativas ou catequéticas, provavelmente junto aos noviços e aos alunos de um internato servindo provavelmente de escola normal. Além disso, a fronteira entre escola normal e noviciado estando mal definida, o que pode dizer exatamente o termo "noviço"?³⁵⁰

A descrição do prefeito sobre os recursos de L'Hermitage insiste com precisão sobre o fato de que a casa vive em grande parte em austeridade porque o dinheiro entra lentamente, mesmo que as receitas das escolas estejam longe de serem desprezíveis. Os vários registros, de fato, me ajudaram a estabelecer para uma dúzia das primeiras escolas que, entre 1825-1832, cada qual garantiu uma renda média anual entre 136 a 368 F. Mas, a irregularidade dos pagamentos das autoridades municipais impede de estabelecer um orçamento rigoroso. Encontramos a mesma dificuldade com o pagamento das pensões do noviciado, pagas muito lentamente. Assim, Gabriel Rivat, futuro superior-geral, que entrou em 1818, ainda não concluiu o pagamento do seu noviciado em 1830³⁵¹. L'Hermitage é, pois, rico em dívidas, mas deve contar com recursos próprios, para garantir o cotidiano ao preço de uma grande austeridade de vida. Em torno de 1830 ainda reina um antigo regime educacional e econômico: por um lado, o dinheiro é raro; e por outro lado, se as populações querem professores capazes, eles nem sempre estão dispostos a pagá-los com o preço justo.

Depois de 1830, o sistema se desenvolve lentamente. Pouco a pouco, M. Champagnat compreende que já não contará com sacerdotes para completar o quadro dos Irmãos³⁵². Em 1835 ele queixou-se de ser constantemente forçado a viajar para visitar seus 29 estabelecimentos e pede à Arquidiocese um padre capaz de substituí-lo durante suas ausências³⁵³, que ele não obteve então. Mas ele admitiu:

"Eu tenho, é verdade, Irmãos que me ajudam em vários trabalhos: um bom mestre de noviços, um Irmão capaz de dar aulas aos Irmãos, um para os noviços, um ecônomo".

A correspondência dos anos 1838-1840 mostra-nos como funciona agora a sede: um capelão, Pe. Matricón, Padre Marista, assistido por outro Padre Marista³⁵⁴:

³⁵⁰ Nos seus *Annales de l'institut* (T. 1, p. 79), o Ir. Avit conta 4 tomadas de hábito em 1826; 10 em 1827; 7 em 1828; 10 em 1829.

³⁵¹ Ver CM 31, p. 87-99.

³⁵² Estes fundaram uma comunidade de Padres Maristas independente de L'Hermitage, em Vallbenoîte (1832?).

³⁵³ *Cartas*, nº 56.

³⁵⁴ *Cartas*, T. 2, p. 91.

Padre Besson. É o Ir. Francisco (Gabriel Rivat) que é o “braço direito” do Fundador³⁵⁵. Um conselho reúne todos os domingos Pe. Champagnat, o capelão, o Ir. Francisco e “os Irmãos de costume”³⁵⁶ entre os quais certamente o Ir. Estanislau e João-Maria³⁵⁷. O fundador também usa os serviços de Irmãos inspetores. Assim, o Ir. Cassien, (Louis Chomat)³⁵⁸, antigo professor leigo, é colocado como inspetor em 1838³⁵⁹.

Uma seleção mais rigorosa?

Em 1835 os requisitos para a admissão de candidatos tornaram-se muito precisos³⁶⁰: os postulantes “devem dar sinais positivos que eles vão adquirir durante o noviciado as virtudes que pede o estado religioso, bem como os talentos necessários para o tipo de ocupação a qual cada um se destina”. Ao entrar, cada um deve trazer pelo menos um quarto de sua pensão “e vinte francos para livros, papel, etc...”. “Ele recebe o hábito (batina), somente quando o noviciado é pago e completado o enxoval”. No entanto:

“Quem não pode dar nada, mas do qual se tem a certeza da vocação, ele faz promessa de que, se ele deixar a sociedade por si mesmo, ou é mandado de volta por má conduta, se comprometerá a compensar a sociedade”.

O candidato deve também, além de seu certificado de batismo e sua certidão de nascimento, responder a um questionário longo sobre sua família, seu estado de saúde, sua vida religiosa. Em particular, “não se pôs na cabeça que na vida religiosa terá que trabalhar menos do que lá fora?” “Já esteve antes em alguma comunidade? Neste caso, não se pode recebê-lo sem razões muito graves”. É significativo, no entanto, não se perguntar sobre seu nível de instrução. Trata-se, portanto, de proceder assim bem antes da entrada na vida religiosa.

A tabela a seguir, construída a partir de várias fontes, dá uma ideia do desenvolvimento da obra.

³⁵⁵ *Cartas*, nº 194.

³⁵⁶ *Cartas*, nº 169.

³⁵⁷ *Cartas*, nº 177.

³⁵⁸ Sua vida é narrada em *Biographie de quelques frères*, p. 189. É primeiro professor em Sorbier a partir de 1812. Césaire Fayol vem viver com ele em comunidade durante quase 20 anos. Entrando em contato com Pe. Champagnat em 1822, eles participam até mesmo dos retiros dos Irmãos. Finalmente, sem noviciado, vestem o hábito religioso em 1832. Eles retornam em seguida a dar aulas em Sorbier. O prefeito não querendo fazer a arrumação da escola, esta é fechada. (Ver *Cartas*, T. 2, p. 118)

³⁵⁹ *Cartas*, nº 169, 172, 174.

³⁶⁰ *Cartas*, nº 55.

ANO	HERMITAGE	IRMÃOS DAS ESCOLAS	ESCOLAS	TOTAL DE IRMÃOS	ALUNOS	FONTE
1828	60 Ir. + 16 N.	36	14	96	1.600	
1833	32 Ir. + 10 N.	54	19	82 ou 86		Ir. Avit
1834	40 N.	72				Carta n. 34
1835	46 N.	80		149		Ir. Avit
1837	20 N.		34	171		Carta n. 84
1837	100 Ir. + N.	130	41	250	5.503	Circ. T. 1 p. 307
1837	40 N.	130				Salvandy ³⁶¹
1839		139	45			
1840			50	300		Dom de Bonald
1840	100 Ir.	180	48	280	7.000	Ir. Avit

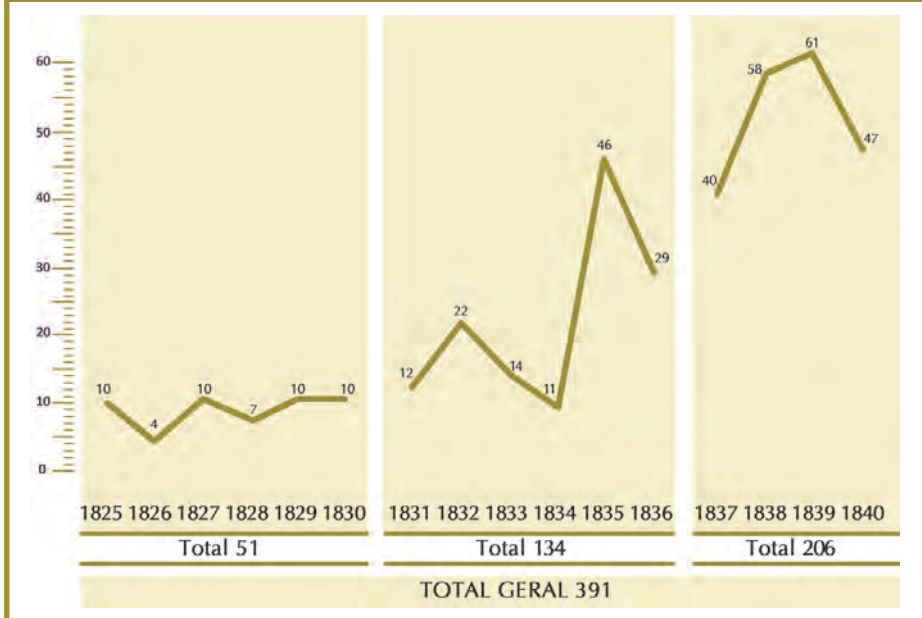
Uma primeira mudança é perceptível entre 1828 e 1833: a proporção dos Irmãos nas escolas passa de 36 a 62%, enquanto o efetivo global da Congregação diminuiu ligeiramente por causa da Revolução de 1830. O crescimento numérico da congregação parece começar em 1834-1835; a Lei Guizot e o fim do legado da Revolução não parecem estranhos a este fenômeno. A mudança qualitativa observada em 1833 é confirmada: em 1840, 64% dos Irmãos estão nas escolas. A primeira década da Monarquia de julho vê, portanto, os Irmãos Maristas tornarem-se mais efetivamente uma congregação destinada ao ensino.

O Ir. Avit, nos *Annales de l'Institut*, indica-nos os nomes dos Irmãos das diversas tomadas de hábito, o que permite estabelecer a tabela a seguir:

ANOS	VESTIÇÕES	ANOS	VESTIÇÕES	ANOS	VESTIÇÕES
1825	10	1831	12	1837	40
1826	4	1832	22	1838	58
1827	10	1833	14	1839	61
1828	7	1834	11	1840	47
1829	10	1835	46		
1830	10	1836	29		
Total	51		134		206

³⁶¹ Seus números parecem supervalorizados porque uma descrição detalhada da sociedade, contemporânea desta carta, indica 83 irmãos empregados. É verdade que por três escolas o número de irmãos não é indicado e que as três primeiras fundadas (La Vallá, Marlhés e Saint-Sauveur) não são mencionadas.

ESTATÍSTICA 1. Tomadas de hábito entre 1825 e 1840



Não se constata nenhuma diminuição no recrutamento nos anos de 1830-33, prova de que a obra dos Irmãos Maristas não era mal vista pela opinião pública e que sua coesão já era forte. Mas, uma contração dos seus efetivos nestes anos põe em evidência a saída de certo número de Irmãos nesta ocasião. É também a confirmação da presença de espírito de Champagnat diante do acontecimento revolucionário. Por outro lado, podemos ver muito bem o salto das entradas a partir de 1835, que é, em grande parte, um efeito da Lei Guizot.

Instalações padronizadas

As fundações das escolas, feitas inicialmente em locais insalubres são, a partir de 1837, submetidas a requisitos específicos. Em uma carta para o pároco de Sury-le-Comtal, Champagnat pede que as salas sejam separadas por repartições envidraçadas, conforme a *Conduite des Écoles* dos Irmãos das Escolas Cristãs³⁶². Pouco antes de sua morte, em 21 de janeiro, ele descreve ao Pe. Gire, pároco de Saint Privat-d'Allier, os planos da escola ideal³⁶³ equipada mesmo de um pequeno internato ou pensionato.

³⁶² Cartas, nº 161 e 267.

³⁶³ Cartas, nº 315.

“Precisamos, no andar térreo, de uma cozinha, um escritório, um refeitório e duas grandes salas contíguas, comunicando-se com um ½ pé ou dois pés de altura sob uma elevação apropriada para que os Irmãos pudessem se ver. Deve haver aí uma porta envidraçada no meio desta mesma repartição. É preciso que a primeira destas duas salas possa conter 60 carteiras e a segunda de 70 a 80 crianças aprendendo a ler³⁶⁴. Se o número habitual de pensionistas for de 20-30, será necessário construir uma terceira sala adjacente às duas primeiras para torná-la uma classe separada, no entanto se comunicando com as outras como vimos anteriormente. [...] O primeiro andar deve consistir em dois ou três quartos e um dormitório para receber aproximadamente quarenta camas com um metro de distância entre elas. Será bom ter no quarto dos Irmãos uma janela de comunicação (sic) pela qual possam ver e acompanhar as crianças no dormitório. Os lugares de recreação devem ser colocados de maneira que os Irmãos possam vê-los de suas salas³⁶⁵”.

Uma vez que a escola está pronta, ele envia os Irmãos. A carta 290 ao pároco de Craponne-sue-Arzon (Haute-Loire) descreveu o processo de instalação em 1839:

“O Irmão de seu estabelecimento parte hoje para Craponne, a fim de entender-se com o senhor a respeito da confecção do mobiliário. [...] Nós nos encarregamos de fazer a compra desse material e os Irmãos designados para essa escola levarão tudo.

Tenha a bondade de apresentar ao Conselho Municipal de sua cidade o documento que lhe mandamos, a fim de que possamos ter a aprovação por escrito. O Irmão Diretor lhe entregará também os documentos necessários para conseguir o reconhecimento por parte do Ministério. Logo que tivermos em mãos a aprovação do seu Conselho Municipal, os demais Irmãos irão a Craponne para procederem à abertura das aulas”...

Então, para o Fundador, a escola-modelo é pública, portanto. Liderada por um Irmão professor certificado da prefeitura, à qual está ligado um pequeno internato também chamado pensionato. Tem duas ou três classes, (130 externos e 20 ou 30 internos) com os quais trabalham três ou quatro Irmãos, incluindo dois assistentes sem certificado³⁶⁶. Os Irmãos desfrutam de um salário pago pelo município, de mensalidades escolares dos alunos, e os pensionistas lhes proporcionam um extra não desprezível, proporcionando oportunidades de educação para as crianças das aldeias e paróquias do entorno. É uma maneira de continuar a tomar conta dos marginalizados da sociedade. Muitas cartas aos párocos traduzem a preocupação de não se instalar senão nas escolas bem equipadas e mesmo gratuitas³⁶⁷ porque a coleta das contribuições escolares é para os Irmãos uma fonte de constrangimentos³⁶⁸. Estes requisitos normativos não são um prejuízo à Congregação porque

³⁶⁴ A aprendizagem simultânea da leitura e da escrita não está ainda em uso.

³⁶⁵ Ver os prospectos do Instituto no T. 1 das *Circulares*, p. 241 (1838), 341 (1840), 382 (1844).

³⁶⁶ Ver em P. Zind, *Bienheureux Champagnat*, os arranjos entre as congregações e o governo que toleram que só o diretor seja licenciado.

³⁶⁷ *Cartas*, nº 230, que assinala que se oferecem aos Irmãos muitas escolas gratuitas com contrato fixo.

³⁶⁸ Ver *Cartas* nº 115, 121, 129, 133, 136, 189, 224...

ela agora está bem posicionada no mercado da educação: o inspetor Dupuy, inspecionando o município de St-Étienne, em 1833³⁶⁹, declara:

“É preciso, nestas montanhas do Pilat, de homens de uma dedicação sem limites, de custo reduzido, recebendo do Estado, dos municípios, da caridade pública recursos com os quais eles se contentam. Estes homens são os Irmãos de Maria. Estes professores lá serão recebidos como uma bênção, eles desafiarão de outros, caso os enviarmos, e as prefeituras não os escolherão”.

Nos anos de 1830-1840, a Congregação terá de se defender contra o afluxo de solicitações, porque lhe falta sem cessar Irmãos diplomados para atender a estes pedidos³⁷⁰.

A obra às vésperas da morte do Fundador (1840)

Nos anos 1830-1840, cada vez mais preocupada com a boa administração, a Congregação conserva em dia o quadro de seus estabelecimentos. Uma nova visão do conjunto da obra pode ser mapeada para os anos de 1837-1839³⁷¹.

- 48 escolas em oito departamentos (Loire, Haute-Loire, Rhône, Ain, Ardèche, Isère, Pas-de-Calais); a casa-mãe não está incluída.
- 157 Irmãos.
- Alunos: entre 5879 e 6027.
- 30 escolas municipais, 17 privadas.
- Fundadores destes estabelecimentos: 11 párocos ou bispos, 12 benfeitores leigos, 1 asilo.
- Recursos: uma dúzia de escolas gratuitas ou conveniadas; 11 com honorários municipais, completados por contribuições escolares...

ANEXO 3, Escolas fundadas por Champagnat, pag. 360

Às obras mencionadas é preciso acrescentar os nove Irmãos que partiram para a Polinésia com os missionários Maristas. A Congregação já é, portanto, regional e mesmo internacional. Os nomes e títulos de benfeitores e as disposições finan-

³⁶⁹ P. Zind, *Bienheureux Champagnat*, p. 328.

³⁷⁰ *Cartas*, nº 249: “Nós fizemos dois estabelecimentos depois daquele de Saint-Pol (sobre Ternoise no Norte, que um funcionário do ministério obrigou o Fundador a assumir), eu deveria antes dizer que nos arrancaram os Irmãos para dois municípios (Izieux e Les Roches-de-Condrieu)”.

³⁷¹ Uma primeira tabela, de 1834, figurava no pedido de autorização endereçado a Louis-Philippe. O volume 1 das Circulares, p. 308-312, retomou e completou esta tabela por um novo pedido de autorização (*Lettres*, p. 308). O Ir. Avit em *Annales de l’institut*, T. 1, p. 285, completa esta aí, incluindo nela os estabelecimentos até 1839. Eu tomo, portanto, como base, a tabela das circulares (1837) e acrescento os estabelecimentos assinalados pelo Ir. Avit.

ceiras que permitiram essas criações são muito instrutivos: há a tradição das fundações feitas por aristocratas, burgueses ricos, párocos. Ela se moderniza de alguma forma com as escolas de Terrenoire e de La Voulte que pertencem a empresas de mineração e metalurgia. A Lei Guizot, que impôs aos municípios a criação de escolas e o pagamento mínimo para o contrato



29. Internato estabelecido na abadia de Valbenoite

de 200 F. ao professor municipal, fez sentir seus efeitos. Mas os municípios são parcimoniosos: raros são aqueles que excedem o mínimo legal. Isso é porque, em muitos casos, o acordo financeiro se baseia no duplo tratamento-retribuição ou sobre a tríade fundação-tratamento-retribuição. A gratuidade não é adquirida a não ser nos estabelecimentos “alugados”: uma dezena somente.

Além disso, a estratégia da congregação se orienta em várias direções: aproximadamente 2/3 das instituições são municipais, e escolas particulares são estabelecidas quando os fundadores são suficientemente ricos para oferecer boas condições (Anse, Terrenoire, La Voulte...). Orfanatos e asilos não são negligenciados.

A Congregação emprega um Irmão para 50 estudantes externos. Muitas vezes a presença de um pensionato³⁷² ou um curso para adultos requer um Irmão a mais. Quanto às escolas particulares, se elas não têm um benfeitor suficientemente rico, o pensionato é sua principal fonte de renda. Em 1839, a congregação tem pensionatos em Valbenoite, (5 Irmãos, mas só 4 são pagos pelo município), Neuville sur Saône (5 Irmãos para 120 a 140 estudantes em uma escola particular), Millery (escola particular e cinco Irmãos para 100 alunos), La Côte Saint André (5 a 7 Irmãos para 180 a 210 alunos), Saint-Didier-sur-Chalaronne. Devem ser adicionados a esta lista os internatos completos, como o asilo de Saint-Chamond e os orfanatos de Lyon. Finalmente, um estabelecimento tem um status especial: aquele de Belley porque os Irmãos não lecionam aí, mas estão a serviço dos Padres Maristas, apesar da relutância do Pe. Champagnat.

O pensionato de La Grange Payre também está em uma situação especial, desde que M. Champagnat anunciou em uma circular aos Irmãos³⁷³, em 15 de agosto de 1837, que é formado nessa localidade perto de L’Hermitage, um estabelecimento “em favor de candidatos que não tenham atingido a idade de 13

³⁷² *Cartas*, nº 309. O Pe. Champagnat propõe ao pároco de Roches-de-Condrieu criar um pensionato primário como “um excelente meio de garantir o êxito (da escola) e proporcionar a seu estabelecimento bem-estar justo e razoável que contribuiria para o bom andamento de uma instituição de educação”.

³⁷³ *Circulares*, T. 1, p 14-15.



30. A Grange-Payre e seus entornos até 1835. O imóvel encontra-se abaixo, à esquerda. À direita, a Igreja de Izieux

anos". Os Irmãos são convidados a trazer para lá candidatos bem dispostos e aptos a pagar uma pensão de 100 *écus*³⁷⁴. É, portanto, um estabelecimento misto, ao mesmo tempo pré-noviçado e escola normal³⁷⁵.

De fato, instruído pela experiência, Champagnat não deseja associar o noviçado e internato no mesmo estabelecimento e explica suas razões ao bispo Devie que quer fazer assim em St Didier-sur-Chalarnonne³⁷⁶:

"Concordamos, a princípio, em receber em L'Hermitage alguns meninos externos e alguns pensionistas³⁷⁷. Fomos forçados a desistir, desde que eles provocaram a perda de um bom número de noviços e estavam causando a todos um mal evidente. Fomos mesmo obrigados a separar totalmente os postulantes dos Irmãos".

No entanto, em 1829, o Conselho Geral de La Loire, solicitado pelo Ministro para criar uma escola normal departamental, tinha sugerido que o noviçado de L'Hermitage fosse um lugar de escola-modelo para o Loire³⁷⁸. Mas o projeto fracassou diante da oposição do reitor da Academia de Lyon, e a Revolução de 1830 encerrou o debate.

Também o estabelecimento do pensionato da La Grange-Payre pode ser localizado como a continuação desta tradição de acolhimento de jovens, em um momento quando a Congregação ainda não está firmemente orientada para um único modelo de professor: o Irmão professor. Separando claramente os Irmãos dos leigos, a congregação esclarece sua formação. Mas ao mesmo tempo é um duplo fracasso para ela: depois de 1830, as autoridades se recusam a considerá-la adequada para treinamento de professores leigos, e o contato pensionato-noviçado provou ser muito problemático. Agora, o noviçado, o pensionato e a escola normal vão se tornar instituições nitidamente distintas.

Essas distinções são ainda mal percebidas pelos não peritos em educação, e porque Pe. Champagnat, após 1830, passa por especialista em fundações, recebe ofertas de criação de noviçados de múltiplos correspondentes que ainda consideram

³⁷⁴ 300 F.

³⁷⁵ Uma carta de M. Champagnat nos dá então detalhes sobre este gênero de estabelecimento. *Cartas*, nº 305 a Dom Devie, em três de dezembro de 1839.

³⁷⁶ *Ibid.*

³⁷⁷ A.F.M. Livro de contas da casa de L'Hermitage de N. D. para os produtos e receitas do ano de 1826: numerosas menções de somas recebidas para pagar os estudos dos externos ou de pensionistas (1 a 5 F. por mês) provavelmente para a escola de La Valla que depende de L'Hermitage; também dos internos (60 F. por trimestre).

³⁷⁸ P. Zind, *Bienheureux Champagnat*, p. 281.

o Irmão de acordo com o significado tradicional: um professor. Também, em 1837, vigários-gerais pedem duas fundações de noviciados: um na diocese de Albi, outro naquela de Belley³⁷⁹. Em 1838 o fundador está considerando seriamente um noviciado no Sul³⁸⁰. No mesmo ano pediram-lhe “casas-mães” em Pas-de-Calais, na diocese de Montpellier, no departamento de Var³⁸¹. Ele vislumbra em Viriville, no Isère, um noviciado preparatório, provavelmente como aquele da Grange-Payre³⁸². Finalmente especificam-se dois projetos: o noviciado da diocese de Autun que o fundador cria em Vauban, pouco antes de sua morte³⁸³ e em Lorgues, na diocese de Aix-en-Provence³⁸⁴, que sua morte impedirá³⁸⁵. Prevê-se um noviciado em Chalon-sur-Marne para 1841 e outro em Cuers (Var) para 1840³⁸⁶. É a época em que as autoridades eclesiásticas sonham em concorrer ou em captar a fundação de escolas normais previstas em cada departamento pela Lei Guizot. Essas demandas mais específicas que visam constituir não somente escolas, mas redes diocesanas ou departamentais, juntam-se a um número impressionante de demandas de escolas particulares, estimadas em 85, no ano de 1839³⁸⁷: na área já parcialmente ocupada, Loire, Rhône, Isère, Ardèche, Haute-Loire, mas também no vale do Rhône e sobre a costa mediterrânea. Assim, quando faleceu, o Pe. Champagnat conseguiu constituir um território de expansão que os seus discípulos vão enriquecer.

Mesmo que muitas cartas de Champagnat reafirmam a fórmula “Todas as dioceses do mundo entram em nossos planos” ou expressões equivalentes, ela vem associada a uma expansão prudente³⁸⁸. Ele envia poucos Irmãos à Oceania e renuncia a enviar para a América³⁸⁹. Mesmo ao pároco de Ganges (Hérault) que lhe pede Irmãos, ele se opõe e não o recebe: é muito longe, “não podemos evitar os diferentes abusos ou prover as necessidades que podem surgir, como doenças, incompatibilidades, etc. nós tentamos evitar este inconveniente estendendo-nos gradualmente e por etapas”.

Finalmente, exceto a Polinésia, Pe. Champagnat não arrisca sua obra fora de uma região centrada sobre Lyon senão na fundação de um estabelecimento em Pas-de-Calais, na cidade de Saint Pol-sur-Ternoise, para obter sua autorização legal³⁹⁰. Sabendo integrar visão ampla e grande realismo, ele é um bom administrador.

³⁷⁹ *Cartas*, nº 79.

³⁸⁰ *Cartas*, nº 193.

³⁸¹ *Cartas*, nº 194 e 199.

³⁸² *Cartas*, nº 204.

³⁸³ *Cartas*, nº 268, 278.

³⁸⁴ *Cartas*, nº 219, 241, 293.

³⁸⁵ *Cartas*, nº 319, 11 de fevereiro de 1840, ao cardeal de La Tour de Auvergne. Ele diz que “duas novas casas de noviciado são organizadas”: Vauban e Lorgues e que ele tem em mente uma na diocese de Arras que será efetivamente fundada em Saint Pol-sur-Ternoise.

³⁸⁶ *Cartas*, nº 296, 299.

³⁸⁷ *Circulares*, T. 1, p. 312.

³⁸⁸ *Cartas*, nº 43, 70, 93, 112.

³⁸⁹ *Cartas*, nº 109.

³⁹⁰ O ministério quer lhe impor a autorização para os pequenos municípios, e um alto funcionário lhe pede uma fundação numa aglomeração maior. Aceitando este posto, Champagnat põe o ministério em contradição consigo mesmo, mas não obterá mesmo assim sua autorização.

A fundação dos Irmãos Maristas como associação de educadores populares é, portanto, a realização marcante de um filho de camponês, tardiamente instruído, que deixa à sua morte uma sociedade de aproximadamente 300 membros ocupando umas cinquenta unidades. Porém, os fracassos repetidos de Champagnat para obter seu reconhecimento legal são o sinal de que o tempo das iniciativas privadas chega ao seu fim: o Estado bem que gostaria de tolerar as associações privadas existentes, mas não de reconhecer novas. Em outros termos, a criação acelerada de escolas normais públicas começa a fornecer um grupo de professores formados, motivados e leigos, embora não antirreligioso no seu conjunto. Pouco a pouco, a sociedade se reconhecerá melhor em seu conjunto, mais próximo dela, por seu gênero de vida e seus projetos de ascensão social, do que nas sociedades semimonásticas. Por ocasião da morte de M. Champagnat (1840), o modelo congregacional conseguiu impor-se à modernidade pedagógica no ensino elementar, mas o Estado educador pretende confiscar a herança.

9.

FORMAÇÃO ASCÉTICA E MODERNIDADE PEDAGÓGICA

A regra de 1837, livreto de 117 páginas, publicado em Lyon, retomou, adaptando-os, os costumes da Congregação³⁹¹. Seus estatutos, no que respeita à admissão de postulantes e à fundação de escolas (cap. 1), apresentam pequenas diferenças em relação ao prospecto de 1824, mas dando um costumeiro exato.

Após o levantar às quatro horas e as orações, “às cinco horas e meia, se escreve ou se faz alguns modelos (de escrita), caso falte. Às seis horas e meia, segunda, terça e quarta-feira, os Irmãos estudam a gramática ou preparam o ditado. Sexta-feira e sábado se emprega esta meia hora para a aritmética ou leitura de manuscritos³⁹². Pode-se ainda, se houver necessidade, estudar estes materiais a meia hora de tempo livre que precede o ofício da tarde”. Esses exercícios são presididos pelo Irmão Diretor que deve formar à ciência os que estão com ele (Cap. 2, Art. 8). Entre sete horas e meia e oito horas, momento da chegada dos estudantes, o Irmão dispõe ainda de um tempo para ocupar-se “à vontade, de acordo com as necessidades da classe”. À noite, de 6 a 7 horas, os Irmãos estudam o catecismo.

A escola de dois ou três Irmãos, portanto, funciona como um centro de formação onde se consagra uma hora e meia a duas horas por dia para aprender as várias matérias profanas, e uma hora ao catecismo. Este programa diz respeito em especial ao Irmão cozinheiro, mal saído do noviciado e ainda pouco instruído. O Ir. Diretor deve dar-lhe um regulamento “e organizará seu tempo para que ele possa passar uma boa parte em classe”. Assim, o jovem cozinheiro continua seu noviciado no local: o trabalho manual é combinado com a conclusão do programa do primário e a iniciação pedagógica.

³⁹¹ Sobre esta questão ver Pedro Herreros, *La Regla del Fundador*, Casa general, Roma, 2013.

³⁹² É o último degrau da aprendizagem da leitura.

Complementariedade noviciado-escola-formação continuada

Portanto, pode-se supor que o tempo de noviciado tem servido para os noviços alcançarem níveis aceitáveis de leitura, necessários para a leitura do ofício, da missa, do Evangelho e livros devocionais populares. A escrita parece menos avançada, uma vez que ainda precisa fazer exercício. Em suma, o Irmão Diretor que, em princípio, dá aula aos que aprendem a escrever para dois tipos de alunos: as crianças e alguns Irmãos assistentes que parecem não saber muito mais do que crianças. As matérias mais especiais, tais como o desenho linear, a história, a geografia... aquelas próprias da educação primária não são mencionadas.

Este regulamento confirma, portanto, um sistema de formação que é configurado com alguma hesitação a partir de 1825. Lembramos que o prospecto de 1824 demandava postulantes sabendo ler e escrever razoavelmente e que Padre Courveille repreendeu Pe. Champagnat de não apertar suficientemente na instrução de seus noviços. Em 1834, o Pe. Pompallier, capelão, fará a mesma crítica³⁹³. O Pe. Mazelier, Superior da Congregação dos Irmãos de St. Paul-Trois-Châteaux, nota também em 1835: “Seu regulamento do noviciado é praticamente igual ao nosso, apenas [conosco] o trabalho manual não é longo³⁹⁴”. E o Ir. Avit, descrevendo as regras de L’Hermitage em 1840, implicitamente diz a mesma coisa:

“Depois de arrumar as camas, os postulantes e os noviços iam para o trabalho manual até às 11 horas e meia. Eles tinham aprendido o método da oração da hora ou do Evangelho entre as horas menores e o café da manhã [de 6h30 a 7 h]. À tarde, o terço à 1 hora, trabalho manual até às 5 horas, aula de canto das 5h às 5h30min, depois o ofício e estudo do catecismo”.

Um quadro do pessoal de Hermitage em 1838 parece mesmo mostrar uma regressão do ensino comparado a 1828³⁹⁵. Nenhum sacerdote mais no ensino. O mestre de noviços forma mais “por seus exemplos que por suas lições” e seu vice, o Ir. Étienne, “muitas vezes divertia seus discípulos por sua ingenuidade, seus escrúpulos e sua indecisão em seus catecismos”. É verdade que alguns Irmãos dão palestras e lições de civilidade³⁹⁶. O Ir. Sylvestre, que tomou o hábito em 1831, com a idade de 12 anos e meio³⁹⁷, nos descreveu o noviciado em seu tempo:

“Quanto ao pessoal da casa, compunha-se de uma vintena de Irmãos mais antigos, empregados nos diversos ateliês de trabalho e outros locais, e uns dez jovens Irmãos e noviços, que recebiam diariamente duas horas de leitura, ortografia, cálculo, especialmente catecismo e caligrafia³⁹⁸”.

³⁹³ Annales de l’institut, T. 1, p. 147.

³⁹⁴Ibid., p. 159.

³⁹⁵ Ibid., p. 235.

³⁹⁶ Um manuscrito de civilidade, muito inspirado na obra de J. B. de la Salle, figura ainda nos Arquivos Gerais.

³⁹⁷ Annales de l’institut, T. 1, p. 105.

³⁹⁸ Mémoires du F. Sylvestre, p. 299. Relatos sobre Marcelino Champagnat, UMBRASIL, 2014, p. 323.

Até mesmo o Ir. Luís Maria, futuro superior-geral, seu companheiro de noviçado, que entrou em 1832, tendo quase completado seus estudos de seminarista, deve passar a maior parte de seu tempo na horta e depois na alfaiataria (fabricação de batinas...). Ele também deve praticar a escrita em grandes letras, ao lado de dois jovens Irmãos brincalhões que empurravam seu cotovelo para ocasionar rasuras³⁹⁹. Esse tipo de noviçado é mais realista do que parece, porque Champagnat recrutava não só adolescentes, mas também pessoas mais idosas de quem ele sabe pouco, exceto as que vem dos lugares mais modestos, e dificilmente poderão pagar integralmente seu noviçado. Além de fornecer à casa meios para garantir sua subsistência, este tempo de intenso trabalho e pouco gratificante permite saber se os aspirantes têm intenções claras, o gosto pelo trabalho, a piedade e a docilidade. Por outro lado, ele pretende estabelecer educadores cristãos mais do que professores e, para isto, é preciso caráter forte porque é o exemplo que lhe parecia ser primordial.

Mas a regra de 1837 também leva em conta o programa ambicioso educacional da Lei Guizot⁴⁰⁰ que todas as escolas não podem executar porque muitas crianças estão deixando até antes mesmo de aprender a escrever. No entanto, o artigo 19 do capítulo VI da Regra (p. 51) prevê:

“Ensinar-se-á a geometria, o desenho linear e a contabilidade em lugares onde houver oito estudantes pagando 8 F. por mês. Neste caso, a Casa-mãe fornecerá um Irmão a mais. Uma classe deste tipo deverá ser aberta nas capitais de distrito” (escolas centrais controlando as escolas primárias ao redor).

Para atingir esse objetivo, o Instituto tem Irmãos entrando com uma maior bagagem intelectual, em especial antigos seminaristas⁴⁰¹ que são grandes ofertas, rapidamente usadas em posições-chave. A Carta 108 de Champagnat indica, no entanto, um inconveniente:

“Nós sabemos apreciar bem o mérito dos que se retiram em nossa casa depois de haver feito seus estudos; não é menos verdade que a maioria é bem nova em comparação com as ciências que ensinamos e que assim eles são obrigados a retornar aos elementos, principalmente para a escrita”.

Quanto ao certificado exigido pela Universidade, até 1833 é acima de tudo uma formalidade administrativa do que um verdadeiro exame. Como a Lei Guizot exige que os candidatos passem por testes diante de um comitê acadêmico, e que todos os titulares de uma escola também tenham o certificado⁴⁰², é preciso algumas vezes recusar fundações por falta de diplomados. Além disso, como o instituto

³⁹⁹ Ibid., p. 149, 312. Não há correspondência...

⁴⁰⁰ O prospecto de 1824 não menciona o peso e a medida, nem a geometria, nem o desenho linear, nem a história e a geografia.

⁴⁰¹ É o caso de Pierre-Alexis Labrosse, futuro superior-geral, ingressado em 1832. (AA. *op. cit.*, p. 103). O Ir. Étienne, diretor de Chavanay, conhece o latim: ele responde nesta língua a um pároco que fazia críticas desabonadoras visitando sua sala de aula (AA. *op. cit.*, p. 5).

⁴⁰² Annales de l’institut, 1833, § 254-256.

ainda não é civilmente reconhecido, o certificado é necessário para evitar o serviço militar⁴⁰³. É por isso que o Pe. Champagnat emprega as férias de setembro-outubro para aperfeiçoar a formação⁴⁰⁴:

*“Depois da descida da Comunidade a L’Hermitage (maio de 1825), as férias tinham sido e ainda são de dois meses como anteriormente. O Pe. Champagnat as utilizava para instruir seus Irmãos nas ciências incluídas no programa primário, desenvolvê-los nas sábias maneiras de obter uma boa disciplina em suas aulas. [...] Para iniciá-los nas ciências primárias, ele os fazia dar aulas pelos mais hábeis entre eles e ele lhes dava aulas também. [...] Ele estabeleceu comissões das quais fazia parte e diante das quais cada Irmão ou postulante devia prestar exame”.*⁴⁰⁵

O Ir. Avit acrescenta:

*“No mais, ele estimulou, com todo o seu poder, todos os Irmãos para o estudo das ciências, agora incluídas no programa dos anos primários. Ele mesmo fez vir a L’Hermitage, durante muito tempo, professores leigos de desenho e de contabilidade”.*⁴⁰⁶

A Lei Guizot (1833), tendo o inconveniente de não prever senão um mês de férias, em outubro, a partir de 1836 os Irmãos não permanecem mais do que dez ou doze dias em L’Hermitage: para o retiro, a apresentação das contas e a renovação de seu vestuário⁴⁰⁷. Também, em 1836 começa a funcionar uma espécie de escolasticado no qual ensinam Irmãos que já têm certificado ou que foram isentos do serviço militar.

*“Alguns discursavam a perder de vista, durante as férias, sobre a regra de três e a raiz quadrada. Faziam demonstrações intermináveis que seus ouvintes não entendiam, e em que eles mesmos se perdiam às vezes”*⁴⁰⁸.

É nesta escola que o Ir. Luís Maria ensina durante um tempo a matemática. A seriedade dos estudos não impede as piadas: O Ir. Eleazar enfrentando um problema de frações e convidado para “inverter o divisor da fração” toma a lousa e a coloca de cabeça para baixo⁴⁰⁹. Duas outras histórias parecem referir-se também a esta escola: um Irmão pede ao Fundador para comprar um tratado de geometria e ele volta com um tratado sobre a humildade. Quando o Fundador encontra entre

⁴⁰³ Lembrete: os irmãos sem certificado, ameaçados de serviço militar, são enviados para Drôme e empregados pelo Padre Mazelier, superior dos Irmãos de Saint Paul-Trois-Châteaux que gozam de uma autorização oficial.

⁴⁰⁴ *Abrégé des annales*, p. 96.

⁴⁰⁵ Uma tabela com 9 colunas, datada de 1828, trazendo os nomes de 56 Irmãos e de 7 postulantes e avaliando sua capacidade em piedade, catecismo, caráter, submissão, regularidade, ciência, aritmética, escrita é considerada pelo Ir. Avit como sendo o resultado deste exame.

⁴⁰⁶ *Abrégé des annales. op. cit.*, p. 312.

⁴⁰⁷ *Abrégé des annales. op. cit.*, p. 174.

⁴⁰⁸ *Abrégé des annales, op. cit.*, p. 251. As intenções do Ir. Avit são pouco claras. Pode-se supor que estes Irmãos estudavam e ensinavam esperando uma efetivação em uma escola. Uma observação de 1839 parece confirmar isto: ela assinala que 139 Irmãos são empregados em 45 postos e que “doze Irmãos permaneciam na reserva” (*Abrégé des annales*, p. 256).

⁴⁰⁹ *Abrégé des annales, op. cit.*, p. 261, ano de 1839.

os objetos pessoais de um Irmão um rolo intitulado “Grande meio de sucesso”, que contém “floreios, pássaros feitos à mão e folhas de desenho de todas as espécies”, o Irmão recebe uma solene advertência e “os grandes meios de sucesso” são lançados ao fogo⁴¹⁰. É que Champagnat teme que o lado profissional supere a motivação espiritual. Preso entre seu ideal e a necessidade, ele parece às vezes contraditório.

Como a escola especial não resolve totalmente a questão da formação, a regra de 1837 (p.30) organiza as escolas em distritos inspecionados por um Irmão “primeiro diretor”⁴¹¹ e uma circular de 10 de janeiro de 1840⁴¹² estabelece conferências. O preâmbulo é um verdadeiro manifesto que pretende conciliar as obrigações profissionais e motivações espirituais:

“A Escrita, a gramática, a aritmética, a história, a geografia, e até mesmo, se necessário, o desenho, a geometria, a contabilidade, serão também objeto de nossos estudos e matéria de nossas conferências. Servir-nos-emos delas como inocente isca para atrair as crianças e então ensiná-las a amar a Deus, para se salvarem. Em primeiro lugar seremos bons catequistas, mas nós também nos esforçaremos para nos tornarmos professores qualificados”.

Apesar da significativa evolução causada pelo ato de 1833, a prática e o estudo de técnicas pedagógicas e matérias de ensino são, na medida do possível, combinadas em conjunto, sobre um fundo do trabalho manual indispensável para a sobrevivência, em uma profissão na qual se deve gastar o mínimo possível. Isso não impede que, pela necessidade do diploma e as muitas matérias a serem ensinadas, pelo desejo de responder a uma demanda mais insistente de conhecimento da sociedade, os Irmãos se profissionalizem, o que não deixa de preocupar o Fundador.

A caminho de uma modernidade pedagógica mais sólida

Embora a escolha da modernidade educacional se expressasse muito cedo pela adoção do método simultâneo (1819), vai levar tempo para desapegar o Irmão da definição tradicional de professor-cantor-sacristão-secretário da câmara municipal e escrivão público, pois ainda se considera como normal.

Para este fim, o fundador esforça-se para formar diretores, que constituem o quadro de uma obra dispersada em pequenas escolas de dois a quatro irmãos. O Capítulo XVII da *Vida* de M. Champagnat (p.421) oferece-nos muitos exemplos desta formação profissional, onde o Fundador não poupa nenhum discípulo, apondo quatro defeitos entre seus diretores: grosseria, insociabilidade, instabilidade, condescendência ou fraqueza de caráter. Quanto às suas qualidades, devem ser:

⁴¹⁰ *Vida*, p. 418, p. 270.

⁴¹¹ O Ir. Avit menciona (*Annales de l'institut*. T.1, p. 281, ano de 1840) Irmãos de espírito mau lhes tinham dado o apelido “grands boudras” termo proveniente talvez do verbo patois lionês “bougrasser” que significa: remexer-se sem efeito útil. Ver Nizier de Puitspelu, *Le Littré de la grand’Côte*, Lyon, 1980.

⁴¹² *Cartas*, nº 313.

o bom espírito, uma grande dedicação ao instituto, muitos conhecimentos, amor à ordem, fidelidade à regra, uma verdadeira piedade, caridade, humildade, prudência. E apesar de tal programa ser difícil de realizar, o Fundador não brinca e os Irmãos diretores são testados: um deve lavar a louça durante os dois meses de férias na casa-mãe; outro deve retirar da fossa um bezerro morto que lá jogaram; um terceiro deve cozinhar durante as férias. Um quarto é transferido sem explicação e destituído da função de diretor⁴¹³.

Fora esta aspereza do tratamento inspirada no modelo monástico, o Fundador dá aos seus diretores instruções familiares, durante as quais eles podem interromper para colocar objeções e perguntas à queima-roupa⁴¹⁴. Aí são debatidas questões de governo das casas, da administração das coisas materiais, da direção das aulas, além de questões mais espirituais. Estes esforços trazem mais ou menos seus frutos:

*“Há Irmãos diretores que fazem consistir sua autoridade em lecionar para os maiores, gerir as finanças, tomar para si o que há de melhor no estabelecimento, adquirir mil ninharias, mil coisas supérfluas, projetar-se no público, permitir-se toda sorte de liberdades, serem servidos e, às vezes, tyranizar seus Irmãos”.*⁴¹⁵

No entanto, dosando com discernimento realismo e idealismo, o Pe. Champagnat forma pouco a pouco seus diretores e professores. Assim, uma instrução relatada mais tarde⁴¹⁶ faz-nos uma classificação “dos Irmãos que o Padre Champagnat não gostava” (Cap. 5, p.49):

“Não gosto dos irmãos pregadores”, disse ele, porque eles confundem a pregação e o catecismo, que não deve consistir em explicações ou questões difíceis; “devemos deixar tudo isso para os Senhores Sacerdotes e limitar-se apenas a aprender perfeitamente a letra do catecismo”. Ao fazê-lo, Champagnat indica a tendência dos Irmãos para tirar proveito de seus conhecimentos, para competir com o clero e a pôr em causa a hierarquia da transmissão da Palavra. O Irmão deve permanecer um repetidor.

Mas essa divisão de ensino do catecismo está desaparecendo. Por outro lado, os especialistas da pregação, eles mesmo, recomendam uma linguagem simples. E a função do repetidor diminui à medida



31. Método de ensino dos Irmãos

⁴¹³ *Vida*, p. 418-420.

⁴¹⁴ *Vida*, p. 422-424.

⁴¹⁵ *Vida*, p. 427.

⁴¹⁶ *Sentences, leçons, avis du vénéré Père Champagnat*, Lyon, 1868.



32. Regra entregue aos Irmãos por S. Marcelino Champagnat em 1837

que o irmão professor se torna ciente de que ele exerce um ministério catequético pleno ao mesmo tempo que uma profissão. A ascensão deste catequista leigo tende, portanto, a desapropriar os sacerdotes do seu monopólio.

O fundador não gosta “dos Irmãos burgueses” porque ficam andando na sala de aula deixando as crianças se dissipar, vendo perverterem-se uns aos outros⁴¹⁷. Os Irmãos devem permanecer sentados⁴¹⁸ para sempre monitorar a classe toda⁴¹⁹, o que evita dois defeitos simétricos: os Irmãos “bons” que faltam de dignidade, “acariciam as crianças e estragam o seu caráter”⁴²⁰ e “os Irmãos carcosos, que batem com o sinal”⁴²¹, a vareta (para mostrar a leitura⁴²²). Mas M. Champagnat parece ter certa dificuldade para persuadir alguns Irmãos que corrigir não significa bater⁴²³. “Os Irmãos que têm mal de cotovelo”, ou seja, os preguiçosos, como o “Irmão empregado” “sem zelo, sem dedicação para o bem comum”, não são específicos para a educação, “porque, para instruir os outros, precisa ter a capacidade e a dedicação”.

Pe. Champagnat colocou desde o início o estudo de cantochão no programa. Esta é também uma aprendizagem tradicional, porque as escolas, depois da Alta Idade Média, destinam-se a formar sacerdotes. Os Irmãos, sendo treinados no canto da igreja, muitos párocos apelaram aos seus serviços e o Fundador por muito tempo os empregou. Por exemplo, escrevendo para o pároco de Saint Paul-en-Jarret em 1834⁴²⁴, com quem ele tem uma disputa financeira e que quer chamar os Irmãos das Escolas Cristãs, observa:

⁴¹⁷ Ver *Vida*, p. 491-495: o Fundador repreende um diretor de faltar à disciplina: “Você provoca a desordem na sala porque não fica sentado à sua mesa”...

⁴¹⁸ *Annales de l'institut*. T. 1, p. 261. Ver também nos “*Annales des Maisons*”, em St Didier-su-Chalonne: o Ir. Sebastião descendo certo dia de sua cátedra e se vê que ele não usa meias.

⁴¹⁹ É também uma crítica ao método mútuo que prevê que o mestre se desloque na sala de aula.

⁴²⁰ A *Vida*, p. 501, contém uma crítica severa contra as amizades particulares que “corrompem o caráter”...

⁴²¹ Pequena peça de madeira, munida de uma vareta que soa, em uso junto aos Irmãos das Escolas Cristãs, e que permite aos Irmãos conduzir a classe por um código de batidas, sem falar.

⁴²² A Regra de 1837 (cap. V, 3ª parte, p. 45) obriga a fixar pela ponta as varetas que servem para mostrar os quadros de leitura e de escrita, notadamente para impedir de bater nos alunos com elas. Ver também *Vida*, p. 493.

⁴²³ Avis, leçons, sentences, p. 52.

⁴²⁴ *Cartas*, nº 35.

“Os Irmãos das Escolas Cristãs nunca vão cantar missa” (como o fazem os Irmãos Maristas, subentendidos).

Mas a regra de 1837 (p.40) será bem restritiva:

“Os Irmãos não farão na Igreja nenhuma função, tais como a de subdiácono ou outro, ainda que o Pároco queira, sem a permissão do Superior; no entanto, na ausência de um clérigo podem servir ou cantar na Missa, tendo o cuidado, no entanto, de não deixar os alunos, a menos que um segundo Irmão possa tomar conta deles”.

Esta disposição é explicada na carta nº 216 (31 de outubro de 1838) ao pároco de Sury-le-Comtal:

“As razões que nos fizeram inserir em nosso regulamento o artigo que proíbe aos nossos Irmãos qualquer função eclesiástica (sic) se reavivaram na deserção de dois ou três dos nossos Irmãos que, apesar de seu compromisso, realizam seus estudos para o sacerdócio”.

A medida é, no entanto, difícil para aplicar: M. Champagnat escreveu ao Ir. Anthony em Perreux, em 13 de janeiro de 1839:

“Você não pode continuar a cantar a missa, nem se fazer de subdiácono sem comprometer a sua saúde. Prepare o caminho para que o pároco não insista mais. Estamos prontos para informá-lo”.

Para as sacristias, o problema surge quando as autoridades diocesanas propõem ao Pe. Champagnat confiar a seus Irmãos as sacristias da Basílica de Fourvière e da Catedral de Belley⁴²⁵. Mesmo que a recusa possa passar por uma afronta, Pe. Champagnat recusou a oferta: a educação deve ser a única tarefa dos Irmãos. É porque, quando ele recusa ceder um Irmão para as sacristias, ele concorda em fornecer um Irmão para a escola normal de Montbrison⁴²⁶, e em 1840, o município de Saint-Étienne lhe pedindo oficialmente para tomar conta do seu estabelecimento de surdos-mudos, ele obtém a admissão de dois Irmãos no Instituto para surdos-mudos de Paris para que eles pudessem se formar⁴²⁷. Mas o projeto não terá continuidade.

Um ministério não clerical

Então, pouco a pouco, M. Champagnat desclericaliza os Irmãos. Este desenvolvimento se antecipa àquele dos professores leigos que permanecem neste momento em grande parte sob o domínio dos sacerdotes e começam a achar o jugo pesado. Os Irmãos, porque são organizados dentro do corpo da Igreja, estão mais protegidos contra as exigências clericais e podem fazer reconhecer mais cedo a sua especificidade.

⁴²⁵ *Vida*, p. 447-448 e *Cartas*, nº 55 (1835).

⁴²⁶ *Cartas*, nº 64, de 12 abril 1836, ao senhor Arquillière, diretor da escola normal de Montbrison: “Sentimo-nos sumamente envaidecidos pela honra que o senhor Prefeito e os membros da supervisão da escola normal nos fazem”... Esta proposição não teve continuidade.

⁴²⁷ *Cartas*, nº 320, 14 de fevereiro de 1840. Este projeto não se realizará. Estas aceitações de Champagnat estão ligadas também à sua preocupação para obter o reconhecimento oficial do Estado.



33. Método de escrita Hachette .
Método de escrita Vitte FTD

Champagnat, apesar de ser padre, por outro lado não é clerical. Seu biógrafo⁴²⁸ cita estas palavras ao Ir. Luís, tentado, por volta de 1826, para a vocação sacerdotal:

“Meu caro amigo, não é necessário ser padre para amar Jesus Cristo e conquistar-lhe almas [...]. Não existe ministério mais excelente do que dar catequese às crianças, formá-las à piedade, prepará-las à primeira comunhão e conservar-lhes a inocência”.

Para ele, a educação das crianças é um “ministério” distinto daquele do pároco, mas basicamente igual em dignidade. Além disso, os Irmãos conseguem, bem ou mal, oferecer um modelo de professor em ruptura com o mestre tradicional. Nada é mais significativo a este respeito que o testemunho do Ir. Avit, filho de Saint-Didier-sur-Chalaronne, em Ain, que descreve mais tarde, com algum talento, a chegada dos Irmãos em sua cidade⁴²⁹:

“Não sabemos que escolas possuía St-Didier antes da Revolução, mas ela estava muito mal desde então até 1836, ano em que se estabeleceram os Irmãos. A única escola de rapazes que existia em torno de 1820 foi feita por um homem chamado Baune. Este homem tinha sido empregado em uma fazenda.

Ocupado em cortar um carvalho, cortou o galho em que ele estava apoiado, caiu com ela e quebrou uma perna. Mal “rhabillé”,⁴³⁰ permaneceu coxo e teve que usar muleta o resto dos seus dias⁴³¹. Ele então se estabeleceu em um espaço relativamente pequeno e tornou-se mestre de escola. Nós éramos do número de seus alunos. Seu regulamento era conveniente. Entrava-se na hora que se escolhia e saía da mesma forma. [...]

Este “tutor” mal sabia ler e nunca havia manuseado uma caneta. Você pode julgar o resto. Ele seguia o método individual. Estava sentado em velha poltrona, vestido de cem peças de mil cores e que eram novas, tendo ao seu lado um pacote bastante grande de varas de nogueira com as quais ele se aprovisionava durante o verão. Enquanto cada criança lia ao seu lado, os outros estavam “dançando”⁴³²; as varas moviam-se seguidamente e se quebravam às vezes”.

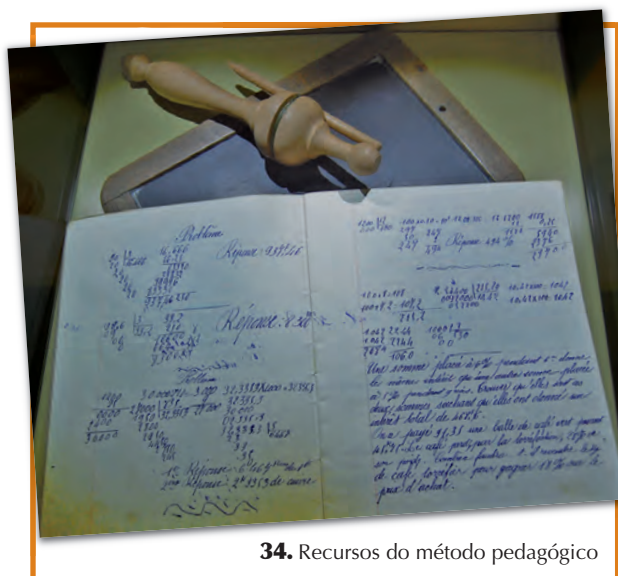
⁴²⁸ Vida, cap. 14, p. 43.

⁴²⁹ Annales des Maisons, Saint-Didier-sur-Chalaronne.

⁴³⁰ Termo significando que um traumatologista (‘rhabilleur’) colocou-lhe a perna no lugar.

⁴³¹ O Ir. Avit mesmo tinha um defeito no braço, o que lhe favoreceu ajudar a escolher sua vocação de professor.

⁴³² Semeando a desordem.



34. Recursos do método pedagógico

O Ir. Avit relata que o sucedem quatro outros mestres mais instruídos, mas sem ter muito claro o método de ensino. Finalmente, Padre Madinier, o pároco, instala, então, os Irmãos Maristas.

“Os alunos eram levados à missa todos os dias. O catecismo, o evangelho, mesmo a Paixão, a História Sagrada, a gramática, a aritmética, a história e a geografia foram ensinados com entusiasmo. Fizemos mais progressos em 8 meses do que fizemos anteriormente em oito invernos com os leigos.

Os quatro primeiros Irmãos foram: os Irmãos ex-Sébastien⁴³³, diretor, Marie-Augustin, Côme e Vitalien, com o qual os outros faziam piadas, especialmente o diretor: nós somos testemunhas. [...] O ex-Sébastien (diretor) [...] era de tamanho pequeno, ligeiramente encurvado, bem feio, bom professor, mas pouco edificante. Ele adorava jogar moinho com moedas de cem centavos, exercitava-se na corrida com os alunos”...

Esse longo trecho, lembrando a infância de um Irmão, está perto de outros depoimentos sobre a situação da escola naquela época e destaca bem a diferença entre os Irmãos: é um grupo, equipado com uma regra, um método, um programa, um objetivo evangelizador. Além disso, apesar de uma mediocridade real, que o autor não pensa em ocultar, este pessoal obtém excelentes resultados. Estamos então no auge dos congreganistas: a Lei Guizot impôs uma escola de meninos para todos os municípios e escolas normais departamentais, previstas pela mesma lei, e ainda não tiveram tempo para formar

35. Nesta obra ocorre a primeira notícia em espanhol conhecida até agora da existência do Instituto dos Irmãozinhos de Maria, escrita por alguém alheio ao Instituto Marista. Foi publicada em Barcelona em 1840



⁴³³ O prefixo indica que o Irmão, depois, deixou a congregação.

um grande número de professores leigos competentes. Muitos párocos, ansiosos para ter catequistas dignos e formados, são os agentes dos congreganistas. As autoridades municipais, pouco preocupadas com o ensino, deixam-nos fazer ou estão satisfeitas que as iniciativas eclesiásticas evitem gastos e abordagens que lhes sejam pouco familiares.

Aumentando nas zonas rurais da região lionesa a presença de escolas dos Irmãos catequistas e professores dotados de um moderno método de ensino e de uma ética profissional exigente, Marcelino Champagnat contribuiu grandemente para o sucesso de uma tendência catequética e pedagógica, nascida no século XVI e carregada de uma definição moderna de escola e de grupo de professores.

Mas, já salientamos que a finalidade religiosa desta modernidade concorda apenas parcialmente com aquela do Estado, preocupado com a moral e a instrução, mas muito pouco com o dogma. Por parte da Igreja, há pouco interesse por assistentes leigos competentes e exemplares.

As pessoas começam a apreciar a instrução mais do que o catecismo e não vêm muito bem porque a educação exige tanto compromisso. Mesmo entre os Irmãos a crença de ser investido de uma vocação específica é hesitante. Além disso, o modelo pelo qual Champagnat tem lutado entra numa nova fase em virtude mesmo de seu sucesso: em breve, a instrução torna-se uma paixão nacional, mas



36. François Guizot

37. A “Lei Guizot” organiza o ensino primário público francês integrado no âmbito da Universidade



com objetivos mais sociais, econômicos e políticos do que religiosos. Uma mística educacional corre o risco de degenerar em política. E, em nossa opinião, o processo será concluído na França, nos anos 1965 com a crise da escola construída no final do século XIX, por Jules Ferry.

J.M.J.

História do Instituto

(Domicílio de Lyon), Maison-Mère de l'Institut le vingt-cinq avril dix-huit cent
soixante-dix.

Ont signé au Registre capitulaire.

Le Président
F. Tournier
Supérieur Général de la P. Marie
exceptionnellement désigné par la S. C.
pour la Présidence du Chapitre.

Le Supérieur
F. Louis-Marie.
Ancien Supérieur
F. François.

Les Assistants.

F. Jean-Baptiste, F. Pascal, F. Eusèbe, F. Philogène, F. Chrysogone

Les autres Membres du Chapitre

F. Andréon
F. Jean-Marie
F. Ignace
F. Césaire
F. Ephraïm
F. Placide
F. Prosper
F. Ambroise
F. Laodice
F. Onésime
F. Callinique
F. Lubert
F. Grégoire
F. Aidant
F. Euthyme
F. Cariton
F. Jean-Philomène
F. N. Julien
F. Victor
F. Auguste
F. N. L., F. Abramo
F. Claude, F. Priscille
F. N. Kicet,
F. Bernardin

F. Juvénal.

Les Secrétaires

F. Louis-Bernardin, F. Ardit.

Les Secrétaires

F. Placide, F. Louis-Pegis

38. Página das Atas do terceiro Capítulo Geral, com as assinaturas dos capitulares que aprovaram as Constituições enviadas a Roma para aprovação

[Handwritten signature]

2ª PARTE

1840-1879

Dinamismo e crise de identidade

Uma observação preliminar da Regra de 1837 adverte: “Esta Regra deixa muito a desejar, como a gente a pode julgar facilmente” e o projeto “de colocá-la em uma ordem melhor, tornando-a mais completa”, foi encaminhado para mais tarde. O essencial da doutrina de Champagnat foi expresso oralmente ou nos escritos (cartas...) de circunstância. Os laços de seus Irmãos com a Sociedade de Maria são problemáticos, e mesmo que os Irmãos de Maria estão bem posicionados no mercado da educação, a ausência de reconhecimento civil os enfraquece. Champagnat deixa⁴³⁴ um trabalho inacabado. Em 1879, quando da morte do Irmão Luís Maria, 2º superior geral, quase todos os desafios de 1840 foram resolvidos. Suspeita-se que este desenvolvimento não foi feito sem vários eventos internos e externos. Em nível político, a França vive em instabilidade semelhante àquela que o Padre Champagnat conheceu.

História do Instituto

Depois de 1840, a Monarquia de julho, antes muito liberal, tornou-se conservadora. É a vez de notáveis burgueses cada vez mais desafiados por correntes republicanas e democráticas que reclamam reformas. Em 22-24 de fevereiro de 1848, o rei Luís-Filipe foi derrubado por uma revolução parisiense e a República é proclamada. Os Irmãos Maristas lamentam pouco um regime que negou sua autorização legal. No entanto, segue-se um tempo de problemas entre operários e socialistas (L'Hermitage será mais uma vez ameaçada), mas o anticlericalismo permanece moderado. Finalmente, tem lugar, no final do ano, uma 2ª República Democrática (primeira eleição com sufrágio universal masculino) e conservadora, cujo presidente é Luís Napoleão Bonaparte, sobrinho de Napoleão I. Este regime, ao mesmo tempo conservador e republicano, vota a lei Falloux, de 15 de março de 1850, que quebra o monopólio estatal do ensino secundário e favorece as congregações. O decreto de autorização dos Pequenos

Irmãos de Maria como uma associação de utilidade pública em 20 de junho de 1851 será obtido graças a este clima político. Mas a República dura pouco: em 2 de dezembro de 1851, o golpe de Estado de Luís-Napoleão Bonaparte impôs um regime autoritário que se transforma no segundo Império em 2 de dezembro de 1852. Este regime será criticado pelos Republicanos e Socialistas, enquanto uma boa parte das massas populares, da burguesia e da Igreja apreciam um poder que leva embora o perigo revolucionário vivido com angústia em 1848. Mas os anos de 1848 a 1852 definem uma profunda linha divisória entre republicanos e conservadores apoiados pela Igreja. Quando os republicanos chegam ao poder em 1879, eles sonham em fazer pagar a estes os seus compromissos anteriores. O segundo Império evolui na sua política: se de 1852 a 1860, ele favorece a Igreja e as congregações religiosas, em seguida, constrangido pela Questão Romana⁴³⁵,

e preocupado com o progresso das congregações, ele evolui no sentido do Liberalismo, aproxima-se do movimento operário, protege os professores e deixa se desenvolver um forte anticlericalismo. Apesar desta evolução, o Ir. Luís Maria, que parece ter mantido uma grande gratidão para com o homem que assinou o decreto de autorização do Instituto, permanece leal a um regime que lhe parece ser um mal menor. A guerra Franco-Prussiana de 1870-1871 provoca graves derrotas e o Império foi derrubado em 4 de setembro de 1870. Imediatamente surgem perturbações revolucionárias, especialmente em Paris e Lyon. O governo provisório da Defesa Nacional, que tenta continuar a guerra, impõe algumas limitações: em Saint Genis-Laval, a casa-mãe é requisitada para abrigar as tropas francesas. Mas, a guerra ocorrendo mais ao norte, o Instituto sofreu poucos danos, e nenhum Irmão é mobilizado. A Comuna de Paris, ultrarrevolucionária e violentamente anticristã

(18 de março a 28 de maio de 1871), foi finalmente esmagada. Mas os espíritos permanecem por longos tempos transtornados. Quando a paz retornou, foi preciso sonhar a criação de um novo regime político. Mas qual? República ou monarquia? Em 1873, uma tentativa de restauração da monarquia falha e, em 1875, o poder é definido como republicano. Mas, uma República conservadora e clerical ou herdeira da Revolução e antirreligiosa? De outubro de 1877 a janeiro de 1879, os republicanos, os mais antirreligiosos, que foram capazes de convencer a opinião pública de que a República poderia assegurar a ordem e a liberdade, assumiram o controle da Câmara dos Deputados, do Senado e depois da Presidência da República. O Ir. Luís Maria, que morreu em 9 de dezembro de 1879, teve tempo de ver se realizar o cenário que ele temia. Contrariamente às expectativas de muitos, a República vai durar e, de agora em diante, os Irmãos Maristas enfrentarão

História do Instituto

continuamente um governo hostil. Durante este período de 1840 a 1880, o Instituto parece ter evoluído, como toda a Igreja da França, de uma atitude totalmente reservada em matéria política para um compromisso franco na corrente conservadora. É claro que o Ir. Luís Maria tem uma preferência por um regime de ordem, e o Ir. Avit reprovará seu bonapartismo. Seu antirrepublicanismo também parece mais guiado por princípios metafísicos e oportunistas do que por conversas políticas. O Ir. Avit, também muito antirrepublicano, em seus anais é legitimista⁴³⁶. Quanto ao Ir. Francisco, que eu saiba, nenhum texto revela suas opções políticas. Mas, este conservadorismo é compartilhado por todos os Irmãos? Para o período de 1840 a 1880, temos pouca evidência de uma maneira ou de outra. No entanto, o Ir. Avit⁴³⁷ que lamenta que as primeiras eleições por sufrágio universal, em 23 de abril de 1848, aconteceram no “santo dia da Páscoa”, reconhece que os cidadãos, incluindo os Irmãos, “eram, em geral, uma grande

alegria” e que os sacerdotes tomavam a frente do cortejo dos seus paroquianos indo votar na capital do Cantão. E ainda, o Ir. Apollinaire, do noviciado de Vauban, “acompanha os de sua cidade (à capital do cantão) montado em um belo cavalo branco. Ele parecia um Coronel comandando seu Regimento”. Um pouco mais tarde, em 1852, um dos diretores da província Norte, aparentemente antibonapartista, repreendeu os superiores por fazer as eleições para o capítulo “como o Presidente, quando ele, por assim dizer, nos impôs os candidatos que ele queria que nós nomeássemos⁴³⁸”. O compromisso dos Irmãos nas escolas congregacionais, apoiados pelo partido da ordem e submetidos aos ataques dos republicanos, os fez deslizar para uma atitude conservadora? Parece que a situação antes de 1880 foi muito instável e os Irmãos na região praticam um grande oportunismo sem se preocupar demais, em contraste com os superiores, de princípios gerais. Posições políticas parecem realmente se radicalizar apenas lentamente.

Mas há outra revolução que os Irmãos estão vivendo intimamente: a mudança econômica e técnica que influencia profundamente o equilíbrio social. É verdade que não se pode estritamente falar em revolução Industrial na França segundo o tipo inglês, mas de crescimento contínuo. Um passo importante para essa mudança é a lei sobre as ferrovias de 11 de junho de 1842, iniciando um desenvolvimento sistemático desse meio de transporte, especialmente depois de 1850. Na morte do Irmão Luís

Maria, a França será coberta de estradas de ferro, e o Ir. Avit lamentou frequentemente que elas veiculam infelizmente a incredulidade, os vícios, os maus jornais e... a República. Mas essas considerações não impedirão os Irmãos de usar este novo meio de transporte que também facilitará muito a gestão do Instituto. Sobre a questão do trabalho, consequência social do desenvolvimento, os Irmãos a encontrarão repetidamente, especialmente nas suas escolas de empresas industriais e de mineração.

⁴³⁴ *Vida*, 1ª parte, cap. 23, p. 236.

⁴³⁵ A unidade italiana ameaça o papa protegido pela França.

⁴³⁶ Ele é muito negativo nos seus julgamentos sobre o regime de Luís-Philippe. Ver *Annales de l'institut*, T. 2, 1848, § 4.

⁴³⁷ *Annales*, T. 2, 1848, § 13.

⁴³⁸ *Annales de l'institut*, T. 2, 1852, § 35. É uma alusão às eleições amplamente manipuladas pelo governo.

10.

ASSUMIR A HERANÇA

Uma regra definitiva ancorada na tradição

Embora desprovido de autorização legal, os Irmãos Maristas têm uma vantagem considerável: eles formam um corpo de religiosos alimentados a partir de uma forte identidade, enquanto outras congregações autorizadas são deficientes por pouca perseverança e vegetativas⁴³⁹. Este é o caso dos Irmãos da Instrução Cristã de St Paul-Trois-Châteaux com os quais o Padre Champagnat estabeleceu contatos frutíferos.

Fusão-absorção de outras congregações (1842-1844)

Também, desde 11 de dezembro de 1840 o Bispo de Valence dizia, discretamente, que ele seria favorável à fusão com os Irmãos Maristas, o que se realizou a partir de março de 1842. A nova congregação dos “Pequenos Irmãos Maristas da Instrução Cristã” inclui agora duas províncias: Hermitage e Saint-Paul-Trois-Châteaux. É de fato uma absorção: quatro Irmãos Maristas⁴⁴⁰ são enviados para Saint-Paul para fazer entrar uma quarentena de Irmãos da Instrução Cristã no espírito de Hermitage e desenvolver o noviciado. Além disso, os Irmãos Maristas se beneficiam da autorização oficial dos Irmãos da Instrução Cristã de Valence (1823) nos departamentos de Drôme, Isère e Hautes Alpes.

O acordo entre Valence e Lyon é apenas assinado em 23 de junho de 1842. Dom Guibert, Bispo de Viviers, propôs ao Ir. Francisco a união com seus Irmãos. As negociações são rápidas: em 15 de abril de 1844, Dom Guibert assina o contrato de união aprovado pelo Pe. Colin. Um noviciado será estabelecido em La Béguide. Em 2 de outubro, 22 ex-Irmãos de Viviers fazem votos de obediência e 9 pronunciam os votos perpétuos. O Ir. Louis-Bernardin veio de Hermitage como provincial e o Pe. Besson como capelão. O Instituto, portanto, tem agora quatro

⁴³⁹ *Annales de l'institut*, T. 2, 1844, § 58-63: Historique des Frères de Viviers; 1841, § 82.

⁴⁴⁰ *Annales de l'institut*, T. 1, 1842, § 32.

províncias, incluindo a do Norte, ainda muito modesta, erigida em 1842, e 5 noviçados. Uma estatística levantada pelo Ir. Avit⁴⁴¹ nos dá uma boa ideia do estado da Congregação quatro anos após a morte do fundador:

	HERMITAGE	NORTE	VAUBAN	ST-PAUL	LA BÉGUDE	TOTAL
Professos	171	2	0	20	9	202
Não professos	130	1	13	19	22	185
Noviços	91	0	7	21	12	133
Postulantes	50	3	12	15	10	90
Total	444	6	32	75	53	610

O pessoal, portanto, quase dobrou em um tempo muito curto; L'Hermitage, com seus anexos do Norte e de Vauban, fornece largamente os 4/5 do pessoal. Mas os noviçados de St-Paul e La Béguide dão esperança de muitos candidatos.

Uma entorce na tradição: o Pe. Colin impõe o voto de obediência

O capítulo 23 da primeira parte da *Vida* do Fundador tece uma excelente história do Instituto de 1840 até 1854. Mas, além de um tanto idealizada, ele oculta um fato importante: até 1845, os Irmãos Maristas têm como superior o Pe. Colin. Nada de importante é feito sem o seu acordo, e os Padres Maristas têm nas casas dos Irmãos as funções de capelães, especialmente importantes. Então, até em 1854, essa dependência continua de uma forma difusa, mas real.

Embora muito cuidadoso em respeitar as tradições vindas de Champagnat, o Pe. Colin altera significativamente a prática dos votos. Ir. Avit⁴⁴² indica que, em 11 de outubro de 1840, no final do retiro:

“Os noviços deixaram de emitir os três votos temporários. Eles agora são substituídos pelo voto simples de obediência... de acordo com os fins e as Constituições da ordem, ao superior da Sociedade de Maria com a intenção de viver e morrer na dita sociedade”...

⁴⁴¹ *Annales de l'institut*, T. 2, 1844, § 97.

⁴⁴² *Annales de l'institut*, T. 2, 1840, § 24.

Habitualmente prolixo sobre eventos de alguma importância, ele não explica quem tomou esta decisão nem por que, e este silêncio denuncia uma desaprovação. Além disso, ao longo de seus anais, ele relata as vestições e profissões, mas menciona muito pouco os votos de obediência, que aparecem como um estado de “não professo”⁴⁴³: uma situação fluída entre o noviciado e a profissão.

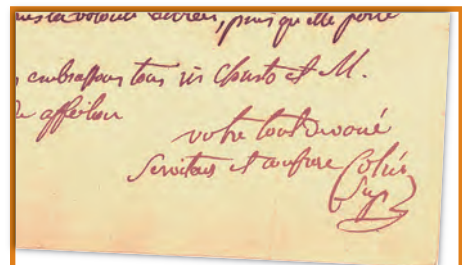
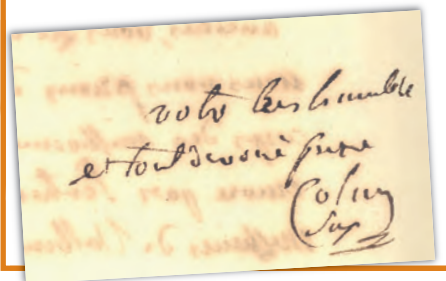
O Ir. Silvestre (p.173) atribui claramente a decisão ao Pe. Colin, mas acrescenta que “se estes votos foram primeiramente sem cerimônia; mais tarde⁴⁴⁴ lhes deram a solenidade que têm ainda hoje”. Na verdade, as Regras de Governo, publicadas em 1854, descrevem em detalhes uma cerimônia que inclui primeiramente a entrega do cordão, sinal de castidade e, em seguida, um questionário, insistindo sobre o desejo de engajar-se definitivamente no Instituto e, em caso de dúvida sobre sua vocação, “dará a conhecer ao Irmão Superior e reportará àquele que vai decidir sobre este ponto importante”. Finalmente, a fórmula do compromisso salienta o desejo de obedecer “particularmente no que concerne à minha vocação”.

Portanto, de 1840 a 1854, o voto de obediência é feito no espírito do Pe. Colin, como um segundo tempo de estágio, durante o qual a pessoa pode se retirar ou pode ser mandada embora sem muita dificuldade. A partir de 1854, o Instituto dar-lhe-á um sentido de compromisso mais profundo, equivalente ao dos votos temporários.



39. Carta de obediência

40. Assinatura de “Colin Sup”
Carta de Colin a Champagnat
de 3 de dezembro de 1832



41. Assinatura de “Colin Sup”
Carta de Colin a Champagnat
fechada em Belley em 3 de fevereiro de 1832

⁴⁴³ *Annales de l'institut*, T. 2, 1844, § 97.

⁴⁴⁴ Provavelmente a partir de 1854.

É que, para J. C. Colin e os Padres Maristas, os Irmãos Maristas são apenas uma terceira ordem sem diferença de natureza com os Irmãos coadjutores que farão também “o voto de obediência após um ou dois anos, desde a sua entrada, e os três votos perpétuos não antes dos 25 anos”. Em uma carta de 1846, descrevendo a Sociedade de Maria⁴⁴⁵, Pe. Eymard está muito de acordo com esta ideia quando fala sobre “a aparição em nossos dias de uma Sociedade de Padres Maristas, ou seja, de uma sociedade sob o nome de Maria, de uma terceira ordem da mesma sociedade que já tem mais de 800 Irmãos leigos que [...] se dedicam [...] à educação das crianças, especialmente nas zonas rurais”. Mas a decisão do Pe. Colin tem principalmente razões pastorais⁴⁴⁶: ele constatou que muitos Irmãos são adolescentes ou pessoas pouco capazes de observar os votos, em particular o de castidade. Em 1846 ele dirá:

“Eu não aprovo nada do que queria o Pe. Cholleton⁴⁴⁷ quando ele estava encarregado dos Irmãos. Um Irmão errou; logo o punha porta a fora. Para mim, pelo contrário, eu estendi os braços para centenas de Irmãos Maristas ensinantes que tiveram quedas⁴⁴⁸. Hoje, eles vão bem e são muito edificantes”⁴⁴⁹.

Ele critica certo rigor do Padre Cholleton, mas visa também implicitamente Champagnat e os superiores dos Irmãos a quem ele repreende em 1841 de facilmente enviar de volta os candidatos⁴⁵⁰.

Em todo caso, esta decisão por Pe. Colin altera significativamente a base do ramo dos Irmãos Maristas porque o Padre Champagnat tinha estabelecido um sistema de recrutamento muito claro: em princípio, todos podiam entrar, mas inexoravelmente mandava embora aqueles que lhe pareciam não se adequar ao propósito da sociedade. Agora, os desligamentos tornavam-se mais problemáticos e, sobretudo os Irmãos sentem-se considerados membros de segunda categoria da S.M.

União relativa do diretor-geral e de seus assistentes

A eleição de 12 de outubro de 1839 estabeleceu um diretor dos Irmãos e dois assistentes⁴⁵¹, mas sem definir as respectivas competências. Isso deu origem a situações embaraçosas. Numa carta de 26 de maio de 1841, o Ir. Luís Maria relata

⁴⁴⁵ “Colin sup”, T. 3, p. 160.

⁴⁴⁶ Ver sobre esta questão Bernard Bourtot s.m., *Frères et pères de la société de Marie sous le généralat du F. François*, de 1840-1860, Saint Priest, 1999, p. 13-15.

⁴⁴⁷ Provincial encarregado dos Irmãos.

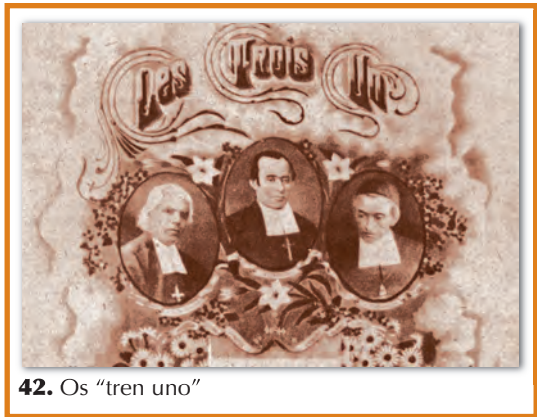
⁴⁴⁸ A expressão que pareceu ter revoltado o Pe. Mayet foi corrigida substituindo “centenas” por “certos”. É necessário, sobretudo, compreender que Colin ajudou um grande número de Irmãos em dificuldade.

⁴⁴⁹ *Ibid.*, p. 272.

⁴⁵⁰ “Colin sup” T. 1, doc. 267, § 12, 26 maio de 1841, Carta do Ir. Luís Maria ao Ir. Francisco.

⁴⁵¹ Não se trata propriamente de uma eleição. Pode-se perguntar se esta organização não copia a Regra dos Irmãos Terciários que previa um Irmão diretor encarregado dos estabelecimentos, um Irmão mestre de noviços e um Irmão ecônomo encarregado do material (*Maristes laïcs*, Doc. 26, Pompallier a Grégoire XVI, 1836) governando em conselho sob o comando de um Padre diretor.

os propósitos do Pe. Colin sobre a sociedade dos Irmãos por ocasião do projeto para o estabelecimento de uma oficina de tecidos em L'Hermitage que parece apoiada pelo Ir. Francisco e o Ir. João Maria⁴⁵², mas reprovada pelo Ir. João Batista e o Ir. Luís Maria. É uma recusa decidida: a sociedade está com uma dívida de 60.000 F; sua situação é precária, do lado de Paris como do lado de Roma; este ano mesmo há um grande número de saídas – o Ir. Silvestre



42. Os “tren uno”

pede para ser sacerdote⁴⁵³ – e o público espera ver “como vai ficar depois da morte do Padre Champagnat”. Em seguida, Colin começa a criticar o governo dos Irmãos: teria sido necessária uma deliberação do conselho e dos primeiros Irmãos antes de lhe submeter o plano e o orçamento. Finalmente, “vocês estão viajando cada um para um lado, vocês não se entendem entre si”. Portanto, é preciso primeiro pagar as dívidas e depois ser menos severo com os Irmãos: “nunca lhes dar a entender que sua saída lhe é indiferente”.

A situação não é das melhores, mas, já durante a vida do P. Champagnat, J. C. Colin tinha alimentado alguma discordância em relação à maneira aventureira de administrar⁴⁵⁴ e é natural que ele arbitre em favor de uma gestão mais prudente. Este documento também convida a pensar sobre a natureza da relação entre o diretor-geral e seus assistentes e suas diversas concepções de governo. Se se acredita no Ir. Avit⁴⁵⁵, que se baseou na tradição dos Irmãos e de suas memórias, o Ir. Francisco não tem o carisma de um líder:

“Embora ele fosse muito estimado por todos, o Ir. Francisco não tinha o caráter, a iniciativa, a energia e o espírito do Padre Champagnat. Ele não possuía os corações e não dominava as vontades [...] Era meticoloso, dando às vezes demasiada importância a pequenas faltas”...

Portanto, o título de diretor-geral do Ir. Francisco aparece como uma primazia de honra dentro de um triunvirato cujo superior está bastante longe. O mito dos “três em um” do qual fala o livro *Avis, leçons, sentences*, cap. XXXIII, se prestarmos atenção, corrobora fortemente esta situação:

⁴⁵² “Colin sup”, T. 1, doc. 267.

⁴⁵³ “Colin sup”, doc. 331, carta do Pe. Colin de 28/3/1842 ao Ir. Francisco sobre esta questão. Em Relatos sobre Marcelino Champagnat, UMBRASIL, 236-237, o Ir. Silvestre explica que esta tentação lhe veio em 1840, mas que o Pe. Champagnat, agonizante, o havia tranquilizado. Finalmente o Ir. Francisco o confirmará na sua vocação enquanto que o Pe. Colin o aconselhava a deixá-lo ir para o sacerdócio.

⁴⁵⁴ “Colin sup”, T. 1, doc. 15, carta de 9/8/1837 a Champagnat.

⁴⁵⁵ *Annales de l’institut*, T. 1, 1840, § 684.

“Esta união perfeita, que é a sua glória, era tão bem conhecida que a autoridade era a mesma em todos os três, e parecia que era sem retorno e sem apelação, o que tinha sido resolvido, prometido ou feito por um deles”...

Pode-se, por outro lado, perceber pouco a pouco uma especialização de tarefas, com a criação das províncias; o Ir. João Batista sendo responsável pelas províncias do Sul, e o Ir. Luís Maria, das finanças desde 1842⁴⁵⁶. O Ir. Francisco, além de suas tarefas, ocupa-se, depois de 1844, da província do Norte⁴⁵⁷.

A organização administrativa, portanto, é definida a partir de ensaios sucessivos. Temos um exemplo com a criação da função de visitador⁴⁵⁸ em 1846: “até esse ano a visita às casas era feita de forma amigável, sem regularidade e sem método fixo [...]. às vezes pelos caros Irmãos Assistentes e outras vezes por outros Irmãos”. Os superiores nomeiam, portanto, visitadores “regionais” munidos de instruções precisas que formarão a base do capítulo das Constituições sobre os visitadores. Mas, exercendo sua tarefa senão em tempo parcial, sua ação é pouco eficaz. Finalmente, em setembro de 1848⁴⁵⁹, o Ir. Avit será nomeado único visitador para as províncias do Centro e do Sul, ou seja, para quase todos os estabelecimentos⁴⁶⁰.

Parece que, de 1848-1850, o Ir. Francisco e seus assistentes foram se especializando na administração central, na organização dos retiros provinciais e na correspondência regular com os Irmãos, os primeiros diretores sendo obrigados a uma carta mensal, os diretores comuns a uma correspondência a cada dois meses e os Irmãos adjuntos a cada quatro meses⁴⁶¹.

Fracasso da união definitiva com a Sociedade de Maria (1844)

Enquanto o Pe. Colin sempre hesita sobre a possibilidade de unir os Irmãos à Sociedade de Maria, junto a estes últimos uma boa parte parece decidida a presionar esta decisão. Em 19 de abril de 1842⁴⁶² os Irmãos Luís Maria e João Batista, em nome de “todos os Irmãos de Maria”, dirigem uma petição à congregação geral dos Padres da Sociedade de Maria, reunida em Lyon, pedindo-lhe para sancionar formalmente a união dos Irmãos e Padres sob um único superior-geral; procurar para os Irmãos a aprovação Romana, não como congregação particular, mas em conjunto com os Padres; estabelecer, para tanto, as regras e as constituições ne-

⁴⁵⁶ *Annales de l'institut*, T. 2, 1842, § 97.

⁴⁵⁷ *Ibid.*, T. 2, 1854, § 46.

⁴⁵⁸ *Ibid.*, T. 2, 1846, § 96-108.

⁴⁵⁹ *Ibid.*, T. 1, p.XXX.

⁴⁶⁰ *Circulaires*, T. 1, p. 118. Uma carta aos Irmãos de 1º de dezembro de 1846 anuncia a nomeação, sem precisar o território do qual é encarregado. De fato, na sua biografia (*Annales de l'institut*, T. 1, p.XXVI) ele é diretor em Mondragon e “visita secretamente as casas da província de Saint-Paul”. No ano seguinte, ele é também encarregado da província de La Bégude.

⁴⁶¹ Regras de 1837, cap. VII.

⁴⁶² “*Colin sup*”, T. 1, doc. 344.

cessárias. Mas o texto não faz nenhuma menção do Ir. Francisco, mantido então em Vauban⁴⁶³, o que sugere um desentendimento com seus dois assistentes. O Cardeal de Bonald não parece alheio à manobra porque em sua certificação de 27 de julho de 1842, em favor da autorização canônica dos Irmãos Maristas⁴⁶⁴, lembra que “a junção dos Irmãos aos Padres Maristas é um complemento que nos parece urgente e necessário dentro do interesse da obra de Deus tanto na Europa como em além-mar”.

Com estes apoios, em agosto de 1842, o Pe. Colin endereça a Roma um memorando em favor da autorização dos Irmãos Maristas sob a dependência dos Padres, que apresenta uma visão unitária da sociedade desde o início⁴⁶⁵ “em 1815 e 1816”⁴⁶⁶. Mas, o Cardeal Castracane⁴⁶⁷, que anteriormente já tinha recusado uma Sociedade de Maria em diversos ramos em 1836, consegue persuadir Colin a não apresentar o caso da união dos Irmãos e dos Padres. E esta recusa pode ser a derrota dos Irmãos Luís Maria e João Batista e o sucesso da atitude mais reservada do Ir. Francisco. Também é legítimo perguntar se a doença do Ir. Francisco não teve causas institucionais, um poder mal definido, permitindo aos seus assistentes governar à sua maneira com o apoio do Pe. Colin. Em todo caso, *Avis, leçons, sentences*⁴⁶⁸ exageram em muito seu papel fragilizado:

“O Ir. Francisco, quase sempre doente e na impossibilidade de agir, é necessariamente forçado a deixar toda a carga da administração aos Assistentes, compartilhando trabalho, tratando dos afazeres, dirigindo os Irmãos, cuidando de todas as coisas, com espírito de união perfeita, uma tal abnegação de si mesmo, que a autoridade do Ir. Francisco, longe de diminuir, sempre vem crescendo”...

Esse texto parece confirmar alguma desunião entre os superiores mais do que exaltar sua inoxidável unidade.

O Pe. Colin, portanto, desempenhou um papel fundamental nos anos 1840-1844 para restaurar a confiança entre os Irmãos e tranquilizar o público. Ele foi um grande arquiteto da união com St-Paul e Viviers. Apesar de suas dúvidas, ele tentou fielmente uma união canônica entre Irmãos e Padres. Como ele não conseguiu obter de Roma a união dos Irmãos e Padres⁴⁶⁹ em abril de 1844, ele planeja,

⁴⁶³ Como afirma uma carta do Ir. Luis Maria ao Padre Mazelier, em 24 de abril de 1842, que acrescenta ainda mais que foi o Padre Colin que chamou os dois Irmãos à congregação geral dos Padres “para se entenderem conosco sobre este importante assunto”.

⁴⁶⁴ “*Colin sup*”, T. 1, doc. 385, 390.

⁴⁶⁵ OM2/ doc 544, p. 319: O cônego Crociani organizou a petição “de maneira a mostrar que os Padres e os Irmãos formavam uma só sociedade. O que ele dizia era verdade, mas ele silenciava algumas circunstâncias. O Padre (Colin) teve dificuldades para deixar a petição desta forma”...

⁴⁶⁶ Colin pensa certamente nos anos escolares iniciados no dia de Todos os Santos: 1814-1815 e 1815-1816. Fornecendo duas datas, ele parece querer também indicar duas influências distintas. Quem sabe ele pensou na obra dos padres no seminário (1815) e naquelas dos Irmãos (1816).

⁴⁶⁷ “*Colin sup*”, T. 2, doc. 544, § 17-22.

⁴⁶⁸ ALS cap. XXXIII.

⁴⁶⁹ A obra pioneira de Bernard Bourtot (*Frères et Pères de la Société de Marie sous le généralat du F. François, 1840-1860*, St Priest, 1999) à qual emprestamos uma parte das informações acima, permite-nos elaborar rapidamente o fim da história.

de mais a mais, claramente uma “separação arranjada⁴⁷⁰”: os Irmãos poderiam tornar-se um ramo da ordem terceira marista; eles permaneceriam “sob a proteção dos Padres Maristas”; o superior-geral continuaria a gozar de certos direitos: presidir a eleição do diretor-geral; advertir os Irmãos em caso de infidelidade ao espírito da sociedade; revelar os votos. Em 08 de maio, ele escreveu ao Cardeal Castracane a decisão de retirar os Irmãos da dependência do superior-geral da Sociedade de Maria. Nesse mesmo ano, ele persuadiu os superiores dos Irmãos da solidez desta opção. Em setembro de 1845⁴⁷¹, o capítulo dos Padres Maristas valida sua decisão. O Ir. Francisco começa a assumir o título de Superior-geral.

Reconhecimento legal e o Capítulo Geral (1851-1854)

O Ir. Gabriel Michel fez um estudo fundamental sobre este longo processo⁴⁷². Uma primeira tentativa encorajada pelos Arcebispos de Arras, Lyon e Paris começa em janeiro de 1841, mas falha em 1842 e uma segunda foi um fiasco em 1846. A Monarquia tendo caído em 1848 e os transtornos revolucionários tendo cessado, em 28 de fevereiro de 1849, o Ir. Francisco retoma as tratativas junto ao Conde de Montalembert, ardente defensor da liberdade acadêmica, e ao Sr. Falloux, promotor da lei que em breve irá suprimir o monopólio da universidade em 1850. Além disso, uma grande parte da opinião é dirigida contra os professores leigos, acusados de serem arautos da revolução. Em janeiro de 1851, Dom Parisi, bispo de Langres e membro da Assembleia Nacional, leva muito a sério a causa marista. Em março, os Irmãos Francisco e Luís Maria viajam para Paris a fim de pressionar o caso e, em 20 de junho, o decreto de autorização é assinado pelo príncipe-presidente Luís Napoleão. É para o Instituto uma espécie de segundo nascimento.



43. Decreto de autorização legal de 20 de junho de 1851 pelo que o Presidente do Governo francês Louis Napoleão reconhece o Instituto dos Irmãozinhos de Maria como estabelecimento de utilidade pública

⁴⁷⁰ Ibid., p. 33.

⁴⁷¹ Ibid. p. 35-41.

⁴⁷² F. François et la reconnaissance légale des Frères Maristes (1840-1851), caderno de 112 p., Roma, 1991.

No início do primeiro e verdadeiro Capítulo Geral da Congregação em 1852, a alocação do Pe. Colin, em 4 de junho de 1852, consagra uma separação já amplamente realizada de fato⁴⁷³. Recapitulando a história da Sociedade de Maria e de sua espiritualidade, recordando sua preocupação para interferir o menos possível nos assuntos dos Irmãos e afirmando que “é a vontade de Deus que vocês tenham um superior que os governe em tudo”, ele pronuncia um verdadeiro testamento espiritual que contradiz o de Champagnat, em 1840, mas ao mesmo tempo em que o reconduz ao lugar de Fundador, porque o Pe. Colin dá a entender que renuncia à sua qualidade de herdeiro⁴⁷⁴. Mesmo que esta decisão seja o resultado de um longo discernimento de Colin, ela é conforme a sua visão original da árvore com três ramos que não previa os Irmãos e até mesmo concebeu os Padres Maristas como um tronco, em vez de um ramo.

Em 11 de junho de 1852, os membros do Capítulo Geral dirigem então a todos os Irmãos uma carta cujo primeiro signatário foi “o Ir. Francisco, Superior-geral”. As Regras de governo, aprovadas em maio de 1854, previam que (1ª parte, 2ª seção) “o Irmão Superior-geral tem autoridade sobre os Irmãos; mas ele deve governá-los de acordo com as Regras e Constituições do Instituto”. Quanto aos assistentes (2ª parte, 2ª seção): “não tendo senão uma autoridade dependente, e não estando a não ser para ajudar o Irmão Superior e dirigir sob suas ordens, eles não devem jamais se conduzir nem administrar como chefes, mas agir sempre em nome e sob a autoridade do Irmão Superior, e seguir em todas as coisas suas intenções”. Muitos artigos adicionais salientam sobre a união necessária entre o Superior-geral e seus assistentes sugerem pensar nessa direção.

O período de 1840-1854, portanto, é marcado pelo extraordinário crescimento numérico e territorial, a emancipação em relação aos Padres Maristas, o reconhecimento legal e a elaboração de uma Regra definitiva. O papel do Pe. Colin foi decisivo, principalmente porque ele teve que tomar uma posição justa em relação aos Irmãos. Se se sustenta, com certa probabilidade, que o Padre Champagnat foi cofundador da Sociedade dos Padres, pode-se também supor que o P. Colin foi cofundador do ramo dos Irmãos Maristas. Mas, para os Irmãos, os anos de 1852-1854 serão perigosos, porque sua emancipação institucional os obriga, elaborando uma Regra, a interpretar com novos enfoques a tradição vinda de Champagnat.

Um tempo de crise: O generalato do Ir. Francisco e o Capítulo Geral (1852-1860)

O Capítulo Geral acontece em três sessões (1852-54). Na época da 3ª sessão do Capítulo dos Irmãos (5 a 15 de maio de 1854), realizou-se um capítulo geral dos Padres, que aceitou a demissão de Pe. Colin e elegeu o Pe. Julien Favre, o que reforça a emancipação dos Irmãos. Desta forma, o Pe. Colin, líder carismático, considerado como o companheiro e o herdeiro de Champagnat, deixa a linha de

⁴⁷³ “Colin sup”, T. 4, Roma, 2009, doc 340, p. 574.

⁴⁷⁴ Este tempo de governo do Pe. Colin explica amplamente que as circulares do Ir. Francisco, antes de 1857, não citam jamais o Pe. Champagnat mesmo se elas estão cheias de seu espírito.

frente. É também, para o Ir. Francisco, uma terrível passagem porque a base da congregação está fortemente perturbada: é preciso passar a nova regra à consciência; é preciso formar os numerosos aspirantes que não conheceram o Padre Champagnat. L'Hermitage, muito distante e muito pequena, deve ser substituída por uma nova casa-mãe. Finalmente, a separação dos Padres Maristas força a congregação a solicitar de Roma seu reconhecimento canônico.

O grande ponto positivo é o aumento do Instituto, sinal tangível da bênção divina. Além disso, o ritmo das vestições, profissões e saídas é um excelente indicador das grandes fases de evolução e de crises eventuais.

Evolução do Instituto de 1852 a 1860							
ANO	VESTIÇÃO	OBEDIENTE	PROFISSÕES	FUNDAÇÕES	MORTES	SAÍDAS	TOTAIS
1817-40 ⁴⁷⁵	421		110 em 1839 ⁴⁷⁶	53	49	92	280-300
1817-40 ⁴⁷⁷	440			49	106	280	
1840	16	21	6	5	7		
1841	31	21	6	3	4		
1842	58	33	5	17	7		
1843	77	51	43	8	7		
1844	115	62	30	5	7		
1845	130	59 ⁴⁷⁸	48	15	8		
1846	173		25	14	11		
1847	70 ⁴⁷⁹		24	1	23		
1848	51		18		11		
1849	78		36		10		
1850	92		28	10	19		
1851	117		49	22	12		826
Total 1840-51	1008		318	100	111		
Avaliação Ir. Avit⁴⁸⁰	917	80 Irs. de Viviers e St. Paul		101	111	345	826 prof. e noviços

⁴⁷⁵ *Evaluation du F. Avit*, T. 1, 1840, § 656.

⁴⁷⁶ *Avit*, T. 1, 1839, § 517.

⁴⁷⁷ *Avit*, T. 2, 1851, § 20.

⁴⁷⁸ Após esta data, o Ir. Avit não relata mais os votos de obediência.

⁴⁷⁹ Esta baixa é, sem dúvida, o efeito da Circular de 6 de novembro de 1846 que pede que os Irmãos diretores não enviem mais postulantes sem o acordo dos superiores. Essa medida é devido à crise econômica que assola então a França e gera uma grande carestia de víveres.

⁴⁸⁰ T. 2, 1851, § 20. De junho de 1840 a janeiro de 1851.

Embora revele aproximações, essas três fontes do mesmo autor colocam em evidência um fato importante: em dez anos, os Pequenos Irmãos de Maria aproximadamente triplicaram seu número total, o número de seus professores e de suas escolas. E isto apesar da crise econômica e política dos anos 1847-1849, marcada por uma nítida diminuição de entradas, o aumento do número das saídas e a quase parada das fundações de escolas. Como, em um tempo muito curto, os Irmãos formados pelo Padre Champagnat tornaram-se minoria, é chegada a hora de dar à congregação bases institucionais sólidas. A autorização civil chega no momento certo para permitir essa operação.

O capítulo não será sem tensões evocadas pelo Ir. Avit⁴⁸¹ que especifica que os superiores trabalharam a Regra por seis anos. Consultado pelo Ir. Francisco, o Pe. Lagniet respondeu, em 14 de abril de 1852⁴⁸², fazendo observações relativamente severas sobre seu projeto: estas regras são muito meticulosas e o capítulo relativo aos votos deve ser reformulado. Mas, é na eleição dos capitulares que ocorrerão as primeiras dificuldades, pois o número dos professores agora é muito grande e eles estão muito dispersos para permitir, como em 1839, uma convocação geral. Além disso, os superiores elaboram uma lista de 68 elegíveis de acordo com três critérios:

- Os “antigos”, com 15 anos de profissão, sendo ou tendo sido diretores.
- Para Viviers e St-Paul: os Irmãos destas Províncias que são diretores no momento da reunião.
- Os diretores das principais casas se eles são professores (alguns diretores eram diplomados, mas não professores) e ao menos 10 anos de comunidade.

A província de L’Hermitage terá, portanto, 41 elegíveis; Saint-Paul 11; Viviers 12; Norte 4. Mas este modo eletivo gera críticas⁴⁸³. Segundo o Ir. Avit, que indiretamente dá sua opinião sobre este modo de eleição: “Em geral os Irmãos teriam desejado que todos os professores, com dez anos de comunidade, diretor ou não, fossem elegíveis como tendo os mesmos direitos”. O regime (quer dizer: os três Superiores: Ir. Francisco, Luís Maria e João Batista), portanto, privilegiou um sistema favorecendo os mais velhos e as pessoas com responsabilidade, decisão que é explicada pelo desejo de salvar a tradição e a autoridade diante da ascensão dos jovens. Podem-se notar também causas externas: a proximidade da revolução europeia de 1848, que serve como contraste; e a erupção, em 2 de dezembro de 1851, do regime autoritário daquele que logo se tornará o Imperador Napoleão III.

Durante a primeira sessão do Capítulo, de 31 de maio a 15 de junho de 1852, o regime parece temer uma forte oposição. Mas o Ir. Avit, secretário do Capítulo, destaca a inadequação de vários membros do Capítulo nos debates: dois deles disseram que queriam “votar tudo o que ele (o regime) quisesse”; e especialmente os

⁴⁸¹ T. 2, 1852, § 8-69.

⁴⁸² Avit, T. 2, § 9-20.

⁴⁸³ Alguns querem que todos os professores sejam elegíveis, o que, diz o Ir. Avit, “teria sido uma bela desordem”. Um Irmão do Norte, “um dos mais capazes da época e bom religioso”, desaprova este sistema de impedir os professores de nomear os que têm sua confiança porque eles não são elegíveis.

dois terços dos capitulares “não se atreviam a falar, nem para trazer as decisões que eles desejavam”. O Ir. Avit orgulha-se de ter sido um dos que foi capaz de oposição, evitando aos três superiores de proibir o uso de relógios e fazer votar o uso das meias de pano por aclamação⁴⁸⁴. Em sua autobiografia, desde o início de seus *Annales*⁴⁸⁵, na qual ele declara ter estado em todas as assembleias capitulares de 1852 a 1883, parece referir-se principalmente a este capítulo: “muito se conversou sobre sua atitude nestas reuniões. Ele fala segundo sua consciência e suas luzes sem se preocupar com os agrados ou palavras grosseiras que lhe vinham, muitas vezes, ora da direita ora da esquerda. Os que já se chamavam de vermelhos⁴⁸⁶ às vezes eram considerados, sem razão, como um deles”.

As sessões eram por vezes tempestuosas. No final do Capítulo, em 11 de junho, o Pe. Colin irá encaminhar para o Ir. Francisco reclamações que vêm de vários lados, “entre elas algumas muito longas e anônimas” e que são baseadas em duas queixas distintas: Irmãos se queixam que os sufrágios pelos falecidos não estão em conformidade com as regras do Padre Champagnat; e não tem suficiente atenção à saúde dos jovens Irmãos. Na verdade, a carta parece retomar uma campanha conduzida pelo diretor de La Valla, à qual o Ir. Francisco respondeu com uma carta pública diante do capítulo condenando-o duramente. O Ir. Avit julga que esta leitura provoca uma impressão dolorosa e que: “um grande número de membros percebe que ele queria reprimir assim esta discussão”.

Mas, segundo ele, sobre os 8 ou 10 capitulares, incluindo ele próprio, considerados como adversários, dois somente, um sendo procurador-geral, são voto vencido e vão se retirar da Congregação após a 3ª sessão, assim como o diretor de La Valla. Correm rumores de que ele fará em breve o mesmo (§ 53)⁴⁸⁷. Quando ele se levanta para fazer o voto de estabilidade no retiro de 1856, há “um murmúrio quase geral de espanto” (1854, § 53).

O Ir. Avit insiste pouco sobre as 2ª e 3ª sessões. Ele não se refere à criação do voto de estabilidade, do qual parece ter sido partidário, mas recorda⁴⁸⁸ que, durante o capítulo, o Ir. Francisco reuniu os capitulares, sem o conhecimento de seus dois assistentes, para lhes pedir sua opinião sobre a escolha de um vigário. Finalmente, a eleição de um 3º assistente, o Ir. Pascal, resolverá parcialmente o problema. Mas essa abordagem revela certa desconfiança entre “os três em um”⁴⁸⁹. O Ir. Avit diz que os fatos que ele relata não são registrados em lugar nenhum, o Ir. Luís Maria controlando de perto os relatórios⁴⁹⁰ e, mesmo que ele tenha a tendência a enfatizar seu próprio papel, a maior parte do que ele afirma é bem credível.

⁴⁸⁴ *Annales de l'institut*, T. 2, 1850, § 49-54.

⁴⁸⁵ *Ibid.*, T. 1, p. XXXI.

⁴⁸⁶ Estamos ainda no ambiente da revolução de 1848 em que os “vermelhos” são da extrema esquerda.

⁴⁸⁷ Ele lembra ainda ao comentar o ano de 1856 em que corria voz que ele havia “*jeté le froc au buisson*”. (N.T. “metido o pé na jaca”) (T. 2, 1856, § 50).

⁴⁸⁸ *Annales de l'institut*, T. 2, 1854, § 46-48.

⁴⁸⁹ O Ir. Avit declara que um dos assistentes queria elegê-lo, mas seu modo de falar muito francamente sobre os artigos em discussão havia indisposto a maioria. (T. 2, 1854, § 51).

⁴⁹⁰ *Annales de l'institut*, T. 2, 1852, § 67.

Finalmente, os superiores conseguiram ganhar a maioria colocando como guardiões da tradição, mesmo quando eles realizam inovações significativas. O Ir. Sylvestre⁴⁹¹, que disse que nunca ouviu falar do voto de estabilidade pelo Padre Champagnat, recorda que foi divulgado “sob os olhos de cada capitular um documento escrito da mão do Venerável Padre trazendo com todas as letras: Os Irmãos deste Instituto farão os três votos de pobreza, de castidade, de obediência e o voto de estabilidade”.

No entanto, este capítulo, com debates bastante acalorados, parece ter afetado fortemente o Ir. Francisco. E o Ir. Avit irá estabelecer uma ligação entre este evento e uma deterioração de sua saúde: “Suas dores de cabeça eram mais numerosas, as dificuldades e as complicações do trabalho tornaram-se cada vez mais dolorosas [...]. Ainda deixou as dificuldades oficiais a seus assistentes, reservando-se os exercícios da vida interior e a liderança religiosa do Instituto”.⁴⁹²

O Ir. Avit certamente exagera a extensão desse recolhimento porque é o Ir. Francisco que assume as tratativas em Roma a partir de 1858 e não monopoliza os problemas de saúde: o Ir. João Batista é gravemente asmático e o Ir. Luís Maria, mais robusto, às vezes está doente. No entanto, é possível que o Ir. Francisco tenha interpretado o capítulo de 1852-1854 como desfecho da missão a ele confiada pelo Padre Champagnat e também como certo fracasso pessoal.

O Ir. Luís Maria e a construção de St-Genis-Laval (1856-1858)

Ir. Luís Maria mostrou-se mais determinado, e esta atitude transparece simbolicamente na construção da nova casa-mãe estabelecida em ruptura com o modelo de L’Hermitage concebida como uma cidade sagrada⁴⁹³ em um lugar relativamente solitário. Tendo residido muito pouco em L’Hermitage no tempo do Pe. Champagnat, é sem escrúpulo excessivo que o Ir. Luís Maria opta por uma casa em St-Genis-Laval, perto de Lyon, lugar infinitamente mais estratégico para uma congregação em plena expansão.

Foi o pároco de St-Genis-Laval (perto de Lyon) que, em 1853, tirou de complicações os superiores. Vindo para negociar a abertura de uma escola primária⁴⁹⁴, oferece-se para mediar a compra de uma bela propriedade de mais de 12 ha. E, em 1º de julho, os Pequenos Irmãos de Maria compram por 230 000 F a propriedade de Montet. De 1854 a 1858, sob as ordens do Ir. Luís Maria, primeiro assistente, um enorme prédio ali foi construído. E em agosto-setembro de 1858, a comunidade de L’Hermitage mudou-se para St-Genis-Laval.

⁴⁹¹ F. Sylvestre raconte M. Champagnat, p. 152. Relatos sobre Marcelino Champagnat, p. 173

⁴⁹² Avit, 1854, § 46, 54.

⁴⁹³ Frère Sylvestre, Mémoires... Cahier ronéoté, p. 135.

⁴⁹⁴ C 2, p. 485.

O edifício tem um aspecto grandioso que gerou problemas para o Ir. Francisco⁴⁹⁵. Quando deixou o exercício do poder em 1860, o Ir. Francisco se retirou em L'Hermitage no que ele chama de "o grande relicário do Padre Champagnat"⁴⁹⁶. Agora, a Congregação terá o seu vale inspirado separado de seu centro de comando. O Ir. Avit salienta que a maioria dos Irmãos está ansiosa para ver a construção e, sempre mordaz, acrescentou: "ele, (o Ir. Luís Maria) provou que tem facilidade para gastar"⁴⁹⁷. Ele mesmo admite seu pouco entusiasmo e critica o apego do Ir. Luís Maria a esta casa, que liderou do início ao fim da construção: "É bastante natural que a vaca sustente o seu bezerro", dirá mais tarde o Ir. Francisco⁴⁹⁸.

Mas este bezerro pitoresco não é só a nova casa-mãe, mas a própria Congregação, porque desde 1852 o Ir. Luís Maria exerce de fato uma codireção do Instituto com o Ir. Francisco. O Ir. João Batista estava ocupado com as províncias do Sul e a elaboração dos livros fundamentais do Instituto, e o Ir. Pascal, novo assistente, dirigindo a pequena província do Norte. Na Assembleia capitular de 18 a 20 de julho de 1860, em que o Ir. Francisco cede a administração do Instituto ao Ir. Luís Maria, os capitulares formalizam o que já é em grande parte uma situação de fato.

Crescimento acelerado, mas com saídas em dobro

As peripécias do capítulo de 1852-1854 poderiam explicar uma diminuição significativa de profissões em 1855-1856. E o Ir. Avit observa que, de março de

ANO	VESTIÇÕES	PROFISSÕES	MORTES	ESTABILIDADE	TOTAL
1852	170	47	5		
1853	207	62	11		
1854	167	58	10		
1855	227	8	12	21 ⁴⁹⁹	
1856	163	32	22	13	1.043
1857	221	51	21	4	1.106 Irmãos engajados
1858	222	61	22	0	
1859	216	87	25	4	
1860	264	145 ⁵⁰⁰	20	0	1.445 Irmãos engajados
Total	1857	551	148	42	

⁴⁹⁵ Avit, 1858, § 38-39.

⁴⁹⁶ Abbé Ponty, *Vie du F. François*, p. 230; F. Sylvestre, *op. cit.*, p. 135.

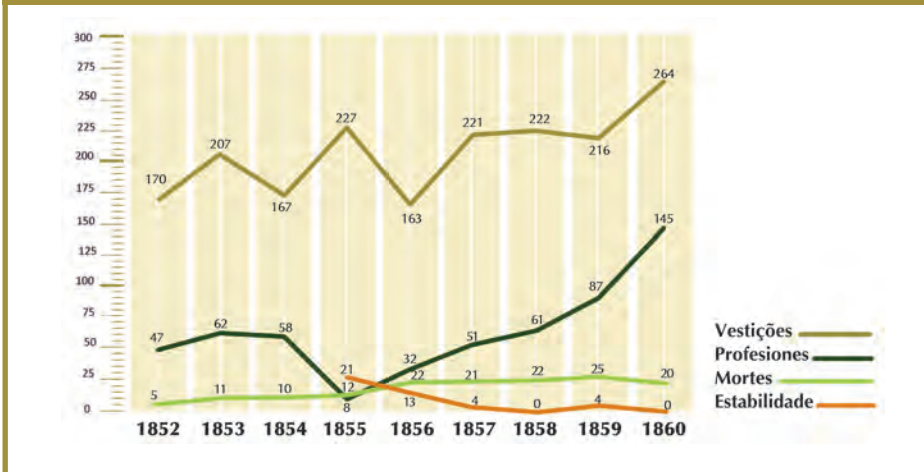
⁴⁹⁷ *Annales d'Institut*, T. 2, 1855, § 14-15.

⁴⁹⁸ Avit, T. 2, 1858, § 40.

⁴⁹⁹ Após o estabelecimento do voto de estabilidade pelo Capítulo Geral.

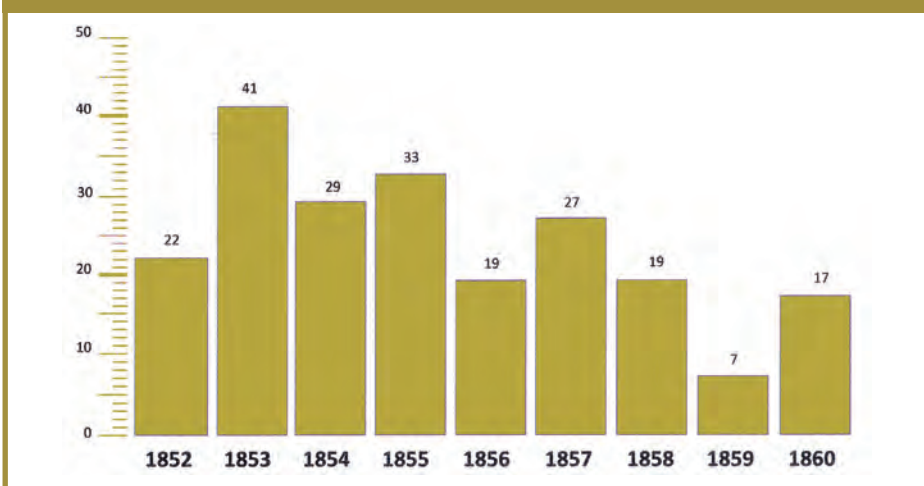
⁵⁰⁰ Os Irmãos de St Paul expressam assim seu reconhecimento ao Ir. João Batista (cf. Avit).

ESTADÍSTICA 2. Evolução das atas de compromisso e de falecimento no Instituto de 1852 a 1860



1851 a janeiro de 1857, o número de saídas se elevou a 66 por ano, enquanto de 1840 até 1851 houve apenas 35. O fato é que o tempo do Ir. Francisco é o do crescimento mais rápido do Instituto. Fazendo o balanço dos 20 anos de generalato do Ir. Francisco, o Ir. Avit estima que ele abriu 331 escolas e fechou 12. Em 1860, 1385 Irmãos, entre os quais professores e com voto de obediência, atuam em 379 escolas e pensionatos e 60 nas casas de noviçado. Os enfermos, os estudantes, os noviços não estando incluídos nestas estatísticas, o efetivo total deve ser muito maior que 1500. Em 20 anos, o Instituto viu seu pessoal e seu número de escolas multiplicado aproximadamente por 7.

ESTADÍSTICA 3. Fundações de 1852 a 1860



Isto não é apenas uma mudança de dimensão, mas também de natureza. Os anos de 1851-1858 marcam uma fronteira entre uma continuidade e um tempo de profunda reorganização que gera desconforto duradouro. O Ir. Francisco simboliza a primeira fase, na qual se vive ainda em grande parte a tradição oral e os costumes alimentados pela memória do Fundador. O Ir. Luís Maria encarna a próxima fase: a da Regra, cuja escrita provocou desavenças. A introdução do voto de estabilidade,⁵⁰¹ sem base tradicional séria, parece ser um sinal de certo medo de que o espírito primitivo se dissolva com a ascensão dos jovens e que o governo não tenha a autoridade necessária para assegurar a coesão do grupo. E é também a escolha de uma forma de sociedade muito hierárquica.

⁵⁰¹ Regras de governo, cap. VI, 3ª seção.

11.

ELABORAÇÃO DA DOCTRINA (1840-1856)

Dos ensinamentos de Champagnat à Vida do Fundador

A elaboração da legislação do Instituto não foi improvisada, mas baseada no compêndio dos ensinamentos do Fundador desde 1840⁵⁰². O Ir. João Batista é considerado o principal coletor desta memória porque ele deixou um relato sobre o nascimento de sua vocação⁵⁰³: várias vezes, e especialmente no Natal de 1837 o Fundador o havia convidado para escrever uma crônica dos acontecimentos. Mas seu trabalho como historiador e biógrafo começou apenas durante uma visita do Pe. Maîtrepierre a L'Hermitage - dezoito meses após a morte do Fundador, disse - solicitando, em nome do Pe. Colin, para recolher notas sobre o Pe. Champagnat. O Ir. Francisco, diretor-geral e um dos primeiros discípulos, não quis se encarregar disso por causa de suas ocupações e dores de cabeça. O Ir. João Batista então começou a obra.

Um trabalho de memória desde 1840: papel do Ir. Francisco

Mas esta história não bate muito com outros documentos. Com efeito, desde a circular de 6 de junho de 1840, que anuncia a morte do Fundador, o Ir. Francisco adverte que será enviado da casa-mãe para cada estabelecimento “uma descrição detalhada sobre a doença e a morte do nosso bom Pai Superior”⁵⁰⁴. E, em 8 de setembro de 1840⁵⁰⁵, a circular de convocação dos Irmãos para o retiro recorda:

⁵⁰² Nas *Origines Maristes* (T. 2, p. 729-763), o Pe. Coste e o Pe. Lessard expuseram um cenário de coleta de fontes sobre Marcelino Champagnat após sua morte.

⁵⁰³ Prefácio à *Biographies de quelques frères* (1868).

⁵⁰⁴ Parece que os capítulos 21 e 22 da 1ª parte da *Vida* do Fundador se inspiraram neste documento do qual não resta nenhum traço material.

⁵⁰⁵ *Circulaires*, T. 1, p. 43.

“Nós o reencontraremos (o Fundador) no monumento de seu zelo e sua dedicação a nós, na lembrança de suas lições piedosas, na consideração mútua de suas virtudes e seus santos exemplos”.

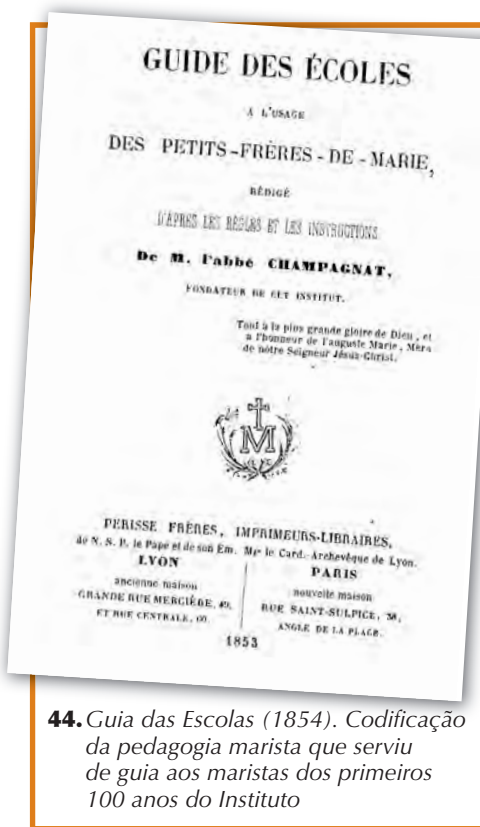
Sobretudo, a circular de 10 de agosto de 1841⁵⁰⁶, quatorze meses após a morte de Champagnat, incentiva os Irmãos:

... “para recolher cuidadosamente e enviar-nos todas as memórias que podem ser usadas na história do nosso querido e devoto Fundador, as cartas que se encontram nos estabelecimentos, as cartas particulares que ele teria escrito a menos que elas sejam confidenciais; o que resta de suas instruções, suas frases e as peculiaridades da sua vida”.

O prefácio da *Vida* do Padre Champagnat⁵⁰⁷ confirma esta primeira reunião de fontes afirmando que ele primeiro coletou as palavras e analisou as instruções do Fundador. Em seguida, apenas recorda que os fatos recolhidos vêm de quatro fontes: as notas escritas dos Irmãos complementadas por entrevistas; o testemunho de quem o conheceu, especialmente os sacerdotes; os escritos do Padre Champagnat, em particular, sua correspondência ativa e passiva e, finalmente, suas memórias. E é a partir desse *corpus* complexo que os superiores prepararam a regra que aparecerá sob a forma de⁵⁰⁸ *Regras comuns* (1852), *Guia das Escolas* (1853), e *Regras de governo* (1854).

“Ele (o Regime) vê com grande cuidado todos os escritos, todas as notas, todas as instruções sobre as regras deixadas pelo piedoso Fundador; ele os recolheu, recuperou o que estava em condições de esclarecer ou explicar certos pontos da Regra, para ligá-los e para completá-los”⁵⁰⁹.

O Pe. Mayet, Padre Marista, muito preocupado em coletar fontes sobre as



44. *Guia das Escolas* (1854). Codificação da pedagogia marista que serviu de guia aos maristas dos primeiros 100 anos do Instituto

⁵⁰⁶ Ibid, p. 58. A circular de 25 agosto de 1842 renova o convite.

⁵⁰⁷ Ed. 1989, p.XII-XIII.

⁵⁰⁸ *Vida*, 1ª parte, cap. 23, p. 245.

⁵⁰⁹ Na carta de 1852 introduzindo as Regras comuns, os membros do capítulo emitem uma opinião ligeiramente diferente que reconhece três fontes: “Todas (as regras) não foram escritas pela mão de nosso piedoso Fundador, mas elas são todas dele; porque ou nós as ouvimos de sua boca, ou nós as recolhemos de seus escritos e das práticas que ele havia estabelecido entre nós”.

origens da Sociedade de Maria, nos informou sobre o andamento dos trabalhos em vista à elaboração da Vida do Padre Champagnat. Desde 1842 ele observa: “Sua história deve estar nas memórias que fazem os Irmãos após as notificações do Pe. Maîtrepierre”. Tendo ficado em L’Hermitage de 19 a 25 de março de 1847, ele escreveu no seu retorno:

“A leitura da vida do Padre Champagnat pareceu-me a vida de um padre do deserto: aí encontrei grandes traços do desprezo do mundo e fatos que não são deste mundo”.

E em 1853-54, (OM2, p.732) no início de uma nota dedicada ao Padre Champagnat, ele escreveu, fazendo alusão certamente à sua visita de 1847:

“Os Irmãos Maristas [...] têm nas mãos magníficos materiais sobre a vida deste homem admirável e eles se propõem, depois de arranjá-los corretamente, publicá-los com algum pormenor. Cadernos volumosos, que contêm estes detalhes edificantes, foram-nos emprestados alguns dias por estes bons Irmãos”.

Em 1847, a doutrina e os testemunhos sobre a vida de Champagnat ainda não estão na forma de “volumosos cadernos”. Mas em 1854 ele escreve também: “A Vida do Padre Champagnat pelos Irmãos Maristas, manuscrito”. Podemos deduzir que em 1847 a vida do Padre Champagnat não está ainda em fase de redação, mesmo que possam existir relatos seguidos como a doença e a morte do Padre Champagnat, anunciada pelo Ir. Francisco em 1840. Pelo contrário, em 1854, uma redação está em andamento ou concluída. Mas a autorização civil da Congregação teve que interromper a conclusão do processo porque era necessário dar prioridade ao estabelecimento das regras definitivas.

O Manual dos diretores, testemunho da redação da Vida do Fundador

Por trás deste título um tanto misterioso esconde-se uma coleção de 93 relatos de instruções dadas durante os retiros de 1853 a 1862: em St-Paul-Trois-Châteaux até 1860, depois em Saint Genis-Laval. Os 57 primeiros foram pronunciados pelo Ir. João Batista. Depois é o Ir. Luís Maria que fornece a maioria das intervenções. Seu autor é quase com certeza o Ir. Terence que respondeu à solicitação dos documentos do Ir. Luís Maria, no momento da morte do Ir. João Batista, em 1872. Diretor em Suze-la-Rousse, perto de St. Paul, químico outrora, ele intoxica acidentalmente dois jovens Irmãos de passagem, que ele queria refrescar com uma bebida de sua composição, e um deles morreu. Então, condenado ao ostracismo em sua província de origem, é incorporado à província de St-Genis-Laval. De lá vem os relatórios dos retiros de St-Paul e de St-Genis. Sua biografia lembra timidamente este acidente que detalham os *Annales des maisons* do Ir. Avit.

Uma das riquezas deste *Manual* é o grande número de referências ao Padre Champagnat. Os mais interessantes são aquelas do Ir. João Batista, em 1854-1855, antes da publicação da *Vida do Fundador*, porque ele se sente imbuído do tema e faz citações que reencontraremos muitas vezes neste livro e mesmo em trabalhos

posteriores. Então, falando de vocação na primeira instrução de 1854, ele desenvolve já “a infelicidade de perder a sua vocação” que encontraremos quase idêntica em *Avis leçons sentences*, cap. III, em 1868. Acima de tudo, ele conta aos Irmãos de St-Paul, adaptando os nomes do lugar ao seu público, um relato encontrado no capítulo VIII da *Vida*, p. 330-332, que trata da obediência.

“Escutai esta comparação do Padre Champagnat. Eis um soldado que vai de Lyon a Marselha. Seus líderes deram-lhe o roteiro do caminho... Não é verdade que, como este soldado seguirá a estrada que lhe foi traçada, irá encontrar proteção e apoio em todos os lugares onde vai passar, e em todos os lugares será alojado e alimentado à custa do governo; mas se ele quer ir por Gap, por Bordeaux, ah! Então deve se alimentar por conta própria e fazer todas as outras despesas da viagem e é bem provável que por todos os lugares onde ele passar, os guardas vão considerá-lo um desertor e lhe pedirão os papéis e será com grande esforço que ele chegará a Marselha”⁵¹⁰.

No mesmo ano, em um exame de consciência sobre a falta de vigilância das crianças (3ª instrução), anuncia uma passagem do capítulo XXII da *Vida*:

VIDA, CAP. XXII P. 496	INSTRUÇÃO
<p>“Vocês deixam a sua classe, suponho, por cinco minutos. Esses cinco minutos, multiplicados por quarenta ou cinquenta alunos que vocês tenham, somam de três ou quatro horas perdidas. Isto é uma pequena falha, como poderiam supor à primeira vista? Mas, este curto espaço de cinco minutos é mais que suficiente para o inimigo jogar em sua classe uma faísca que pode produzir um incêndio. Vista sob este ponto, sua culpa, pelo contrário, é muito mais séria”.</p>	<p>“Veja este Irmão fora de sua classe, mas é só por 2 minutos. Meu Irmão, seus alunos não farão nada durante estes dois minutos, 50 crianças, cada uma 2 minutos, isto faz 2 horas perdidas e, não é nada seus alunos perderem 2 horas? Isto não é um roubo? Isto não é uma injustiça e você não a confessará? Mas isso é só o mal menor; quando este Irmão [118] entra em sua classe, são seus alunos iguais como ele os deixou? Oh meu Deus! Quem nos garante isto? Quem lhes dirá isto? Eles não são mais que demônios: eles comunicaram seus vícios, eles se corromperam”.</p>

Na mesma instrução, o Ir. João Batista dá-nos uma palavra do Padre Champagnat, que, embora não aparecendo na *Vida*, poderia bem ser autêntica.

“Ó meu Deus, disse antes de morrer, quais não serão os remorsos dos Irmãos se um só pecado mortal foi cometido na casa por culpa deles! Se as crianças não podem ser vigiadas, passem-nas para fora: é melhor que cometam o mal fora do que junto de vocês”.

⁵¹⁰ Comparar este texto com a *Vida*, 2ª parte, cap. XXII, p. 331. O Ir. João Batista lembrou as cidades bem conhecidas dos Irmãos de Saint Paul.

Finalmente, com a 10ª instrução de 1854, o autor assinala a “leitura de um capítulo da vida do Padre Champagnat (seu grande espírito de fé)”. Ele não o desenvolve, mas seu texto é certamente muito próximo do cap. II da *Vida* (2ª parte). E é assim que algumas partes dele, já muito elaboradas, são testadas diante dos Irmãos.

Em 1855, o Ir. João Batista continua: a 6ª instrução consiste de uma “Leitura da vida do Padre Champagnat. Os religiosos mornos são mais prejudiciais do que os religiosos escandalosos... 5 razões...”. Como não encontramos tal capítulo na *Vida* do Ir. João Batista, ele o havia retirado ou mesclado estes elementos com o cap. XVIII da *Vida* tratando da vocação. Mas ele provavelmente o empregou tal qual mais tarde, no prefácio da *Biographies de quelques frères* (p.XIV-XVII) (1868) no qual uma longa passagem responde em cinco pontos à pergunta: “Quais são os que não vivem como religiosos?”. A leitura feita aos Irmãos de Saint Paul em 1855 não é o texto atual da *Vida*, mas, mais ou menos, a do prefácio da *Biographies*.

Na 8ª instrução sobre a autoridade, encontramos o essencial no início do capítulo XVI de sua *Vida*: “Com que cuidado ele corrigia seus Irmãos dos seus defeitos” (p. 411).

INSTRUÇÕES (1855)	VIDA DO PE. CHAMPAGNAT CAP. XVI P. 411
<p>Ah que nosso Pai fundador bem sabia fazer: temido como fogo, e, no entanto, ele nunca censurava; ele passava; se via algo que não estava em seu lugar, ele a olhava e simplesmente dizia, balançando a cabeça: isto é edificante, ou bem: Eu esperava isso de você, meu Irmão. O Irmão ouvindo isto, estas palavras o corroíam durante um meio dia; ele depois ia ao seu quarto para lhe pedir uma penitência, e o Padre lhe dizia com bondade: como você pensa ainda nisto? Meu Irmão, eu já me esqueci disto! Vá e faça cada dia melhor. O Irmão ia muito feliz... e todo mudado. O bom Pai era de uma grande severidade, mas de uma bondade maior [210] ainda; era com isto que ele conquistava todos os corações.</p>	<p>“Detestava, acima de tudo, os resmungões; e ele nunca resmungava. Correção aplicada, falta esquecida; e, se a relembraassem, respondia: ‘Tudo bem, tudo bem, meu caro amigo; já esqueci, não pense mais nisso. Trate de melhorar daqui para frente’. Se apanhasse algum Irmão em flagrante, a maioria das vezes contentava-se em fitá-lo com olhar severo ou censurá-lo com poucas palavras. Um dia, entrando na cozinha, flagrou o Irmão cozinheiro sentado no fogão, contando piada aos seus coirmãos. Contentou-se em dizer-lhe: ‘Bonito, para um Irmão que deve dar o bom exemplo’”.</p>

No retiro de 1856, a *Vida* do Padre Champagnat, recentemente publicada, será lida para os Irmãos no refeitório, o que não impedirá o Ir. João Batista de ler ou explorar oralmente as passagens, às vezes dando-lhes um significado um pouco diferente, a menos que o autor as tenha transcritas mal. Este será o caso de uma instrução de 1857 ou 1858 sobre os Irmãos irregulares:

“Sabem qual é o nome que o Padre Champagnat dava aos Irmãos irregulares? Ele os chamava de Irmãos revolucionários. Sim, disse ele, sendo ainda pequeno, eu ouvi meu velho tio falar da Revolução. Eu lhe disse: meu tio, o que é a revolução, é um homem ou uma mulher? Os revolucionários são aqueles que querem colocar a desordem, que não encontram nada bem constituído num País”.

No entanto, na *Vida* (1ª parte, cap.1, p.4) esta é uma pergunta para a tia, a fim de saber se a revolução é uma pessoa ou um animal. O que a tia responde é que ela é mais cruel do que uma besta. Além disso, não é impensável que o P.Champagnat tenha comparado os Irmãos irregulares com os revolucionários. Além disso, no compêndio 307 do Ir. Francisco (p.13-14), uma instrução intitulada “Regra” diz: “um bom religioso é um tesouro; um mau religioso é uma praga, uma peste, um revolucionário”. Mas é uma alusão à revolução de 1830 que acaba de acontecer, e a *Vida*, com cuidado, não aceitou este termo.

No *Manuel des Directeurs*, o Ir. João Batista explora em 1854-1855 uma versão provisória da *Vida* do Fundador, certamente começada mais cedo, que vai mudar para a edição de 1856, retirando certos capítulos ou passagens que ele vai reutilizar mais tarde em outras obras.

Sobrevivência dos “volumosos cadernos”?

Nem a versão provisória da *Vida*, nem os “volumosos cadernos” vistos pelo Pe. Mayet chegaram até nós, o que não significa que eles foram destruídos voluntariamente. A mudança de L’Hermitage para St Genis-Laval e as más condições de conservação podem explicar estes desaparecimentos. Além disso, em um Instituto voltado para a ação e sem tradição intelectual, estas espécies de rascunhos poderiam parecer desnecessárias já que havia agora versões oficiais. É preciso não negligenciar a preocupação em respeitar a confidencialidade do testemunho. Em todo caso, o desaparecimento destas fontes parece ser anterior à elaboração dos *Annales de l’institut* pelo Ir. Avit a partir de 1884, porque não se pode compreender que aquele, que dispunha dos arquivos de St Genis-Laval, não tenha feito nenhuma alusão a eles.

E, portanto, restam-nos, ao contrário destes “volumosos cadernos”, as coleções menos volumosas de instruções: umas copiadas pelo Ir. Francisco; outras constituídas por papéis deixados pelo Ir. João Batista no momento de sua morte e que têm uma forte ligação com a doutrina original.

Retiros e anotações

Para explicar este fato, convém recordar a importância dos retiros na transmissão oral e escrita do espírito marista. O Ir. Francisco (carnet 301, p.65; carnet 303 “Retraite de 1832”) nos dão um horário diário da época do Pe. Champagnat. Ao

longo do dia há três meditações, certamente feitas pelo pregador, seguidas de um quarto de hora de exame durante o qual “se escreve em poucas palavras o que mais impressionou”. Após a conferência, “ou diversos avisos relativos ao retiro” de 9h15 às 10h⁵¹¹, - feitos sempre pelo Pe. Champagnat, segundo o Ir. João Batista – “refletia-se, ou se escrevia algumas notas até às 10h15”. Após o almoço e o jantar, recreação em silêncio, durante o qual se podia “escrever e fazer outra coisa do mesmo gênero como nos tempos livres”. Das 2h15 às 2h45 faz-se a leitura em comum, depois “colocar-se-á por escrito algumas anotações sobre os mesmos assuntos”. Após a instrução que tem lugar às 4h15, “se reflete ou se escreve algumas anotações”. Nos quatro curtos tempos livres do dia, pode-se também “escrever algumas anotações”. É a essas anotações que faz alusão o Ir. Francisco na sua circular de 10 de agosto de 1841⁵¹² que pede não somente as cartas do Fundador, mas também “o que lhe restou de suas instruções, de frases e de particularidades de sua vida”.⁵¹³

No tempo do Padre Champagnat há apenas um retiro, em geral, pregado pelos Padres Maristas. Mas à união com os Irmãos de Saint Paul (1842) e depois de Viviers (1844) obriga a multiplicar os lugares, e em 1846 haverá quatro retiros escalonados de 15 de agosto até o final de setembro⁵¹⁴. A partir de 1852, dois retiros são realizados em L’Hermitage: o primeiro em final de agosto; o segundo em meados de setembro. A partir de 1853, o primeiro é reservado para os Irmãos dos pensionatos e semi-pensionatos. Em 1855 e 1856, os retiros ocorrem também na província de Perigueux, isto é, em Hautefort, futura província de Lacabane. Em 1857, volta-se a quatro lugares de retiro, St Genis-Laval, substituindo Hermitage a partir de 1858⁵¹⁵. Estes são, para os superiores, momentos de trabalho estressante, sem mencionar o tempo de viagem e a necessidade de preparar palestras e instruções. Mas é também uma oportunidade para transmitirem aos Irmãos a doutrina original, mesmo se o ensino estritamente espiritual está a cargo dos pregadores. Portanto, são coleções de instruções de suas notas pessoais tomadas no tempo do Padre Champagnat e certamente inspiradas também nos “cadernos volumosos”.

Temos também os preparativos do Ir. Francisco no *carnet* 309 de seus “*Résumés d’instructions*” no qual ele dá detalhes de seus temas e as referências das fontes onde se baseia para tratá-los. A tabela abaixo dá uma visão geral.

⁵¹¹ A hora do final não é especificada no texto.

⁵¹² Tomo 1, p. 60.

⁵¹³ Ver no *Biographies de quelques frères* a vida do Ir. Luís que é construída a partir destes cadernos de notas espirituais (p. 10).

⁵¹⁴ No Norte, na oitava da Assunção; em L’Hermitage, a partir de 31 de agosto; em La Bégude, em 14 de setembro; em St Paul, em 24 de setembro.

⁵¹⁵ *Circulaires*, T. 1, p. 173,192, 227, 256, 293, 323, 367, 402.

RETIRO DE BEAUCAMPS, 1856	RETIRO DE ST PAUL E DE LA BÉGUDE, 1859
I. 1º Conhecer-se a si mesmo; 2º dar-se a conhecer a seu superior, a seu confessor	I. Perfeição no estado religioso
II. Pobreza	II. Prazer do religioso Três estados onde se pode encontrar durante o retiro: 1º fervor; 2º aridez; 3º provações
III. Caridade. 1º Amar-se; 2º suportar-se; 3º exemplos de N.S., dos santos; 4º Benefícios da caridade	III. Espírito do Instituto Manhã, meio-dia e tarde: resolução de bem fazer seu retiro
IV. Correção fraterna; 1º Fazê-la; 2º Recebê-la	IV. Espírito filial com Deus; 1º reconhecimento; 2º Compunção; 3º Evitar a inquietude
V. Obediência	V. Abusos das graças: 1º Desdenhá-las; 2º Recebê-las sem faze-las valer; 3º Servir-se delas para ofender a Deus
VI. Visitas, viagens	VI. Zelo, excelência, vantagens; 1º J-C.; 2º Os Apóstolos; 3º Os missionários. Preço da alma
VII. Vocação; 1º Necessidade; 2º Importância; 3º Perda	VII. Educação. Necessidade; 1º indiferença dos pais; 2º Ignorância das crianças; 3º As paixões das crianças
VIII. Alegria. Tristeza	VIII. Disciplina, vigilância, correção. 1º Não há educação sem disciplina; 2º Sem vigilância, não há disciplina; 3º A correção, força da disciplina.
IX. Constância. Desencorajamento.	

Sobre as instruções do Ir. João Baptista no *Manual dos Diretores*, esta obra nos dá os temas tratados em 1853-1855⁵¹⁶.

⁵¹⁶ Para o retiro de 1856, 4 instruções somente; 8 em 1857; nenhuma em 1858; 11 em 1859; nenhuma em 1860; 6 em 1861.

RETIRO DE 1853	RETIRO DE 1854	RETIRO DE 1855
1. Da regra	1. Sobre a vocação	1. Como fazer bem o retiro
2. O que um religioso deve a seu superior	2. Sobre a paixão dominante	2. Finalidade das entidades religiosas
3. A fé que o religioso deve a seu superior	3. Sequência sobre a paixão dominante	3. Sacramento da penitência
4. Do Irmão diretor	4. Principais defeitos dos Irmãos	4. Educação
5. Vantagens, armadilhas da vida religiosa	5. Direção: necessidade, vantagens	5. O pecado venial
6. Sequência/4ª armadilha: maledicência	6. Voto de pobreza	6. A disciplina
7. Instrução dada às crianças	7. Como se sustentar durante o ano	7. O religioso tÍbio ⁵¹⁷
8. Regularidade	8. Amor de N.S.J.C.	8. Sobre a autoridade
9. Sobre a escolha da disciplina	9. Desenvolver seu julgamento	9. Sequência: 6ª fonte de autoridade
10. Fim de nossa vocação: zelo	10. Voto de obediência ⁵¹⁸	10. Voto de estabilidade
11. Sequência sobre o zelo: meios	11. Como encontrar a felicidade	11. É preciso amar seu instituto

Em todo caso, restam-nos hoje 8 manuscritos: 5 do Ir. João Batista⁵¹⁹ e 3 do Ir. Francisco⁵²⁰ que parecem ter relação estreita com os cadernos vistos pelo Pe. Mayet, porque quando nós confrontamos as numerosas passagens da *Vida* ou das Regras, ou mesmo as obras mais tardias, com centenas de instruções de seus ma-

⁵¹⁷ Leitura de um capítulo da *Vida* do Pe. Champagnat sobre este assunto.

⁵¹⁸ E leitura do capítulo da *Vida* sobre seu espírito de fé. Estamos em 1854. A obra só aparecerá em 1856.

⁵¹⁹ AFM/5201.2: composto de 97 Meditações sobre as grandes verdades; AFM/ 5201. 22: composto de 88 aspectos do exame de consciência; AFM/5201. 23: coleção de instruções, de resumos de instruções, de cartas, de exames de consciência; AFM/5201. 24: Coleção de instruções; AFM/5201-25, *Tratado sobre a educação*.

⁵²⁰ AFM 5101. 307; AFM 5101/308; AFM 5101/ 309.

nuscritos, os laços são evidentes. Da mesma forma, numerosas instruções recolhidas pelo Ir. João Batista são encontradas, não idênticas, mas redigidas de maneira muito próxima junto ao Ir. Francisco, como se os dois superiores tivessem, cada um de sua parte, recolhido as memórias de diferentes Irmãos.

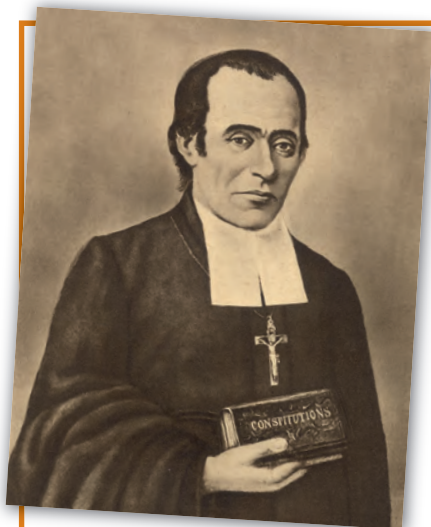
Penso, portanto, que uma boa parte do compêndio de documentos que foram usados para escrever a literatura fundamental do Instituto foi preservada, mesmo se eles estão emaranhados com ajustes e alterações subsequentes. Na construção desta memória, o papel do Ir. Francisco é particularmente importante. Além disso, parece que suas coleções, cuja redação está quase concluída antes de 1850, muitas vezes estão mais próximas das fontes primitivas do que as do Ir. João Batista.

As circulares do Ir. Francisco: uma primeira literatura espiritual amplamente difundida

Se, como acabamos de mostrar, a maioria dos trabalhos preparatórios na elaboração das regras e dos livros do Instituto permanece manuscritos e confidenciais, as circulares do Ir. Francisco são as primeiras manifestações oficiais da espiritualidade do instituto, porque ele continuou a tradição do Padre Champagnat enviando circulares duas vezes por ano, misturando administração e ensinamento espiritual.

Paremos um momento sobre as condições técnicas da elaboração dos textos. O Ir. Avit menciona⁵²¹ que Padre Champagnat os tinha anteriormente escritos a mão “ou feito transcrever por Irmãos mais ou menos hábeis”. Em seguida, ele os fez litografar pelo Ir. Marie-Jubin. A primeira circular assim reproduzida é a de 21 de agosto de 1838⁵²² ainda muito curta. Após 1842, o Ir. Francisco mandou imprimir as circulares⁵²³.

A partir de 1848, as circulares tornam-se mais longas e são, muitas vezes, relacionadas a algum evento. Por exemplo, a



45. Retrato do Ir. Francisco



46. Assinatura do Ir. Francisco

⁵²¹ Annales de l'institut, T. 2, p. 176.

⁵²² Ibid, T. 1, p. 239; *Cartas* do Pe. Champagnat, n° 210.

⁵²³ Mas, somente em 1848 se pensou em constituir volumes que formassem uma primeira coleção de circulares, antes da publicação de 1917.

de 11 de janeiro de 1853, sobre a regra⁵²⁴, é causada pela publicação das *Regras comuns* de 1852. A partir de 2 de fevereiro de 1855 (p.203-222) celebra a Imaculada Conceição, proclamada como dogma em 1854. A circular de 31 de dezembro de 1859 (p.376-394) desenvolve o tema que nós somos templos do Espírito Santo e que a Igreja é um edifício espiritual, porque nela se anuncia o início da construção da capela de Saint Genis-Laval. As instruções não diretamente ligadas a eventos específicos provavelmente refletem as dificuldades do momento: como a declaração sobre a confiança em Deus, de 8 de dezembro de 1857 (p.302-309), ou a de 21 de junho de 1857, sobre a caridade (p.293-297), que poderiam bem responder às perturbações dos espíritos, resultantes do capítulo de 1852-1854.

A circular sobre o espírito de fé tem um lugar totalmente excepcional, por seu tamanho, e porque o Ir. Francisco volta-se a ela durante vários anos. Uma primeira parte, de 15 de dezembro de 1848 (p.5-23), desenvolve a necessidade deste espírito, particularmente na tarefa educativa. A circular de 16 de julho de 1849 (p.29-41) apresenta o espírito de fé como fundamento das virtudes cristãs que convida os Irmãos a amar a sua vocação, a praticar o zelo com as crianças, a suportar as dificuldades da vida. Em 21 de dezembro de 1851 (p.75-98) a circular ainda apresenta o espírito de fé como fundamento das virtudes cristãs, mas de maneira muito mais doutrinal: permite ao homem dar glória a Deus e de formar em nós Jesus Cristo. O componente prático nunca está ausente: o respeito à regra e aos superiores, a caridade fraterna, o zelo para com as crianças são as consequências do espírito de fé. A circular apenas é encerrada no dia 9 de abril de 1853⁵²⁵: ela trata dos meios para adquirir o espírito de fé pela oração, leitura espiritual e Eucaristia.

Distribuído por cinco anos, com um total de sessenta e seis páginas, este texto é a grande obra doutrinal do generalato do Ir. Francisco e a primeira síntese sobre a espiritualidade marista. O nome do Padre Champagnat não é mencionado uma única vez, apesar de o texto estar repleto do seu espírito, certamente porque não convinha, o Pe. Colin sendo superior, de fazer oficialmente referência ao seu antecessor, uma vez que o projeto de união definitiva com os Padres Maristas teria feito do Pe. Colin o único fundador, e de Champagnat um tipo de precursor.

Levará algum tempo até que o Pe. Champagnat retorne ao centro do palco: até 1855 ele não é mencionado em nenhuma circular, e antes de 1860 a única passagem importante sobre ele é o quadro das máximas extraídas de sua *Vida*, em 1857⁵²⁶. Além disso, a publicação da *Vida* em 1856 desempenha um papel decisivo na reafirmação de Champagnat como Fundador. Ao assumir a responsabilidade em 1860, o Ir. Luís Maria evocará Champagnat de forma explícita e repetida.

Esta ocultação oficial de Champagnat, portanto, revela um período um pouco estranho na história dos Irmãos Maristas que procuram integrar a espiritualidade de L'Hermitage naquela da Sociedade de Maria. Isto é provavelmente porque o Ir.

⁵²⁴ Ibid, T. 2, p. 134-140.

⁵²⁵ Após a publicação das *Regras comuns* (p. 145-168).

⁵²⁶ *Circulaires*, T. 2, p. 264-284, em 6 janeiro de 1857.

Avit, que, aliás, tem pouca estima pelo Ir. Francisco, afirma em seus *Annales*⁵²⁷ que: “as duas circulares sobre o espírito de fé”⁵²⁸ “foram, na maior parte, trabalho do Pe. Matricon e do Ir. Luís Maria”⁵²⁹. Mas, se o caráter da boa composição da circular sugere vários editores, não há nenhuma razão para duvidar que o Ir. Francisco nelas teve uma ação fundamental porque ele mesmo tratou oralmente a primeira parte, sobre a necessidade do espírito de fé, no retiro de 1848⁵³⁰.

Uma filiação explícita nas Regras Comuns e outros textos

As muitas conexões entre esta circular e as Regras comuns mostram uma forte relação de uma com a outra. Nós nos contentaremos com um exemplo:

REGRA DE 1852, 2ª PARTE, CAP. 1, “DO ESPÍRITO DE FÉ”, P. 39	CIRCULAR SOBRE O ESPIRITO DE FÉ, T. 2
<p>“5 - Ele os ensinará a encontrar Deus em todas as partes, elevar-se até ele, a vê-lo, a amá-lo e a bendizê-lo em todas as criaturas; ele os levará a submeterem-se à sua vontade nos diversos incidentes e aflições da vida, tais como as enfermidades, as perseguições, as tentações, os acontecimentos constringedores e as necessidades prementes de qualquer natureza que sejam; a adorar então a mão de Deus que os golpeia e os humilha, e a só depender de sua bondade para ser socorrido nos males que o afligem ou para dele ser libertado”.</p>	<p>p.80 (21/12/1851): “A fé fixará nosso olhar sobre a Providência de Deus, que preside todos os acontecimentos, [...] dirige as revoluções dos estados⁵³¹, dos impérios e das famílias [...] Assim, nos incidentes desfavoráveis, nas calamidades públicas, nas enfermidades e nas perseguições, nas necessidades prementes de qualquer natureza que sejam, a fé nos ensinará a desviar os olhos dos instrumentos dos quais se serve Deus para nos afligir, a não considerar senão sua mão paternal que nos golpeia e nos fere para nos curar, e a só depender de sua bondade para ser libertado de nossos males ou de ser socorrido nas nossas necessidades”.</p>

Esta circular encontra também numerosos ecos na *Vida*, por exemplo, nesta passagem que trata da caridade entre os Irmãos.

⁵²⁷ T. 2, p. 221, ano de 1850.

⁵²⁸ Provavelmente a 1ª e a 2ª parte são datadas de 1848 e 1849.

⁵²⁹ Ele retoma mais demoradamente esta afirmação (p. 431) precisando: “O Pe. Matricon e, sobretudo, o Ir. Luís Maria haviam colaborado com as circulares do Ir. Francisco”.

⁵³⁰ É preciso desconfiar dos julgamentos do Ir. Avit sobre o Ir. Francisco que parecem sistematicamente depreciativos.

⁵³¹ A revolução de 1848 está muito próxima.

VIDA, P. 124	CIRCULARES, T. 2, P. 92-93
<p>“Os Irmãos jamais deverão esquecer que, ingressando na comunidade e unindo-se para formar uma só família, assumiram a obrigação de se amarem como Irmãos, de se edificarem, de se advertirem dos defeitos, e de se ajudarem mutuamente para chegarem à salvação. A caridade, chamada por Jesus seu mandamento, deve constituir uma das suas principais virtudes [...] Para com os Irmãos, prestando-lhes serviços sempre que tiverem ocasião, ocultando e perdoando seus defeitos”...</p>	<p>“Nós não veremos neles senão os membros de um mesmo corpo do qual J. C. é o chefe, [...], que os filhos de uma mesma família da qual a santa Virgem é a Mãe. [...] E esta caridade nós a faremos consistir principalmente em suportar os defeitos de nossos Irmãos com uma paciência plena de doçura; interessar-nos em tudo que lhes diz respeito; a prestar-lhes serviço em toda ocasião, segundo as nossas possibilidades; não falar deles a não ser em seu bem; e, acima de tudo, a levá-los para Deus e a procurar sua salvação com todas as forças”.</p>

O Ir. João Batista nos deixou um volumoso tratado de educação intitulado pelo Ir. Paul Sester *Apostolat d'un Frère Mariste* (A.D.F.M.), muito inspirado pelos ensinamentos do fundador. Certos números de suas passagens estão próximos da circular e da Regra de 1852. Nós nos contentaremos em dar uma amostra abaixo sobre a relação com as crianças.

CIRCULAR, P. 36	R. 1852, P. 96	A.D.F.M. ⁵³² , P. 98-104
<p>“Como este Irmão piedoso e zeloso se esforça sem cessar para fazer mais bem entre seus alunos de atrair sua confiança pela bondade de seu <i>ensinamento mesmo profano</i>; sua estima e seu respeito, por uma conduta exemplar e constantemente igual; sua afeição, por palavras e <i>processos sempre honestos</i>, por um devotamento sem fronteiras e que se estende a todos indistintamente”.</p>	<p>“2 - eles não devem negligenciar nada para atrair a estima, o respeito e a afeição dos alunos a fim de ganhá-los mais facilmente a J.C. Os meios para lá chegar são: 1° ser sempre igual, ter um ar alegre, bom e grave ao mesmo tempo; [...]; 4° testemunhar às crianças a bondade de um pai, [...] mostrando-lhes, por seu zelo e seu devotamento em instruí-los e em fazê-los avançar, que não se procura senão seu interesse”.</p>	<p>p.98: “um mestre deve testemunhar seu amor a seus alunos: 1° Pelo <i>seu devotamento</i> para instruí-los nas verdades da religião e por sua aplicação a lhes dar todos <i>os conhecimentos que podem lhes ser úteis</i> [...] . 4° Para <i>os bons processos de ensino</i>, empregando <i>a emulação, os elogios, as recompensas</i> [...] . 5° Por sua afabilidade e por uma grande honestidade em todas as relações que ele tem com eles e com seus pais. 6° Pelos <i>sentimentos de pai</i> que ele deve ter para com seus alunos [...]”</p>

⁵³² *Apostolat d'un Frère Mariste ou Traité sur l'éducation*, redigido pelo Ir. João Batista

Uma passagem da circular (p.21) está em consonância toda particular com o ensinamento do Fundador e com numerosas outras passagens de manuscritos e impressos da literatura marista:

“Acrescentamos, querido Irmão, que uma razão particular que nos obriga a nos apegarmos a este espírito de fé, que nos torna necessária a vida de fé, é a natureza e o espírito próprio da nossa congregação. Com efeito, o espírito dos Irmãos de Maria, seu caráter distintivo deve ser um espírito de humildade e simplicidade, que os leva, a exemplo da Santíssima Virgem, sua mãe e seu modelo, a ter uma predileção especial pela vida escondida, pelos empregos humildes, para os lugares e as classes mais pobres, que os torna capazes de fazer o bem sempre e em todos os lugares, sem ruído e sem brilho, que os afeiçoa a uma instrução modesta e limitada, mas sólida e religiosa”.

A *Vida*⁵³³ diz o mesmo:

“Sua vida deve ser humilde, oculta e desconhecida do mundo”... “A humildade deve ser sua virtude predileta”; p.378: “Aquele que possui essa virtude (humildade) vive desconhecido na Comunidade”... “Ele pratica o bem sem barulho”.

E o Ir. Francisco em “Caractères et esprit de la Société des Petits Frères de Marie”⁵³⁴ retoma:

“Nossa vida deve ser uma vida humilde, oculta, desconhecida do mundo. Humildade e simplicidade devem ser sempre as virtudes principais, privilegiadas e características de cada um de nós”...; “Maria, modelo de humildade”⁵³⁵: “A humildade deve ser a virtude querida e especial dos Pequenos Irmãos de Maria. [...] a vida oculta, as atividades humildes, os trabalhos estressantes e repugnantes, os desprezos; em poucas palavras, a prática contínua da humildade deve ser suas delícias”.

Assim, no processo de coletar e divulgar nossa tradição, o Ir. Francisco desempenhou um papel muito maior do que pensávamos. Em particular, ele é, pelo menos parcialmente, o autor do primeiro texto teórico sobre a espiritualidade marista. Finalmente, os manuscritos do Ir. João Batista e do Ir. Francisco testemunham ainda hoje um esforço na coleta da doutrina primitiva do Padre Champagnat. E vemos que o Ir. João Batista se serviu deles muito além da redação da *Vida* do Padre Champagnat, em 1856.

O Manual de piedade (1855), precursor dos Princípios de perfeição

Além das *Regras comuns* de 1852, do *Guia das Escolas* (1853), das *Regras de governo* (1854) e das circulares do Ir. Francisco, encontramos uma pequena obra quase desconhecida hoje, o *Manuel de Piété* (1855).

⁵³³ p. 374-375, Cap. XII.

⁵³⁴ Carnet 307, p. 147-150. Observar que estes títulos correspondem aos termos empregados na circular.

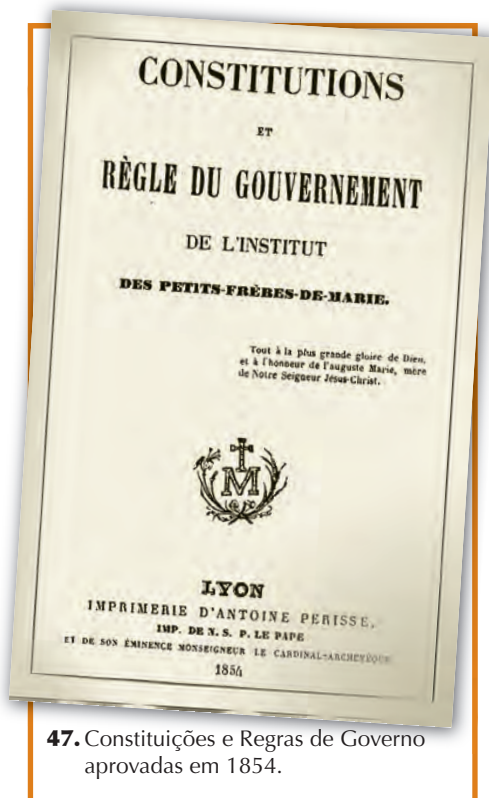
⁵³⁵ Carnet 308, p. 544-554.

Sua introdução⁵³⁶ é muito clara quanto à sua finalidade: obter a uniformidade das orações do Instituto e a formação dos jovens Irmãos em um tempo em que a Congregação tem já vários noviçados. Noviços e jovens Irmãos deverão aprendê-lo de cor, por isso sua forma é catequética, feita de perguntas e respostas: mas a intenção da obra é mais ampla: “dar a todos os Irmãos a facilidade e os meios de se formar a si mesmos à virtude, deixar-se penetrar mais profundamente pelo espírito do Instituto e princípios do nosso piedoso Fundador”.

A primeira parte contém os “Princípios da perfeição cristã e religiosa”⁵³⁷: é um pequeno tratado sobre a vida espiritual e religiosa; a segunda parte desenvolve as “Qualidades de um bom Irmão” e a terceira, as “orações diversas para santificar o dia”. Em 1863, uma segunda edição, intitulada *Principes de la Perfection Chrétienne* (1863), só manterá do *Manuel* as duas primeiras partes aumentadas significativamente enquanto o *Directoire de la Solide Piété* (1865) conterà um número muito grande de orações e devoções. Essas duas obras serão usadas pelo Instituto até mais tarde, no século XX. Quanto ao *Manuel* de 1855, apesar de sua forma catequética, merece uma grande atenção.

Assim, um dos seus capítulos (2ª parte, cap. XIV) nos dá uma lista de 52 máximas ou sentenças do Padre Champagnat, que estão todas em sua *Vida*. Elas constituem uma espécie de síntese do espírito do Instituto ensinado aos noviços antes de 1855, que lhes pede um caráter agradável, alegre e constante, confiante em Deus e em Maria, cheio de piedade e espírito de fé. Obediente, humilde, mortificado, cheio de zelo, o Irmão será capaz de fazer o bem junto às crianças. Pela sua abertura de coração, seu desapego de seus pais, sua fé na grandeza de sua vocação, o Irmão garantirá sua perseverança no bem.

Os 13 capítulos anteriores detalharam “As qualidades de um bom Irmão”. Os obituários no final do século XIX e XX seguirão muitas vezes esta lista para estabelecer as virtudes dos Irmãos falecidos.



47. Constituições e Regras de Governo aprovadas em 1854.

⁵³⁶ Esta aí se encontra nas Circulares, T. 2, p. 227-232. Ela será retomada parcialmente nas edições dos *Principes de Perfection*.

⁵³⁷ É com este título que os Irmãos o designarão.

I	Da piedade
II	Do amor a Jesus Cristo
III	Da devoção à Santa Virgem e a São José
IV	Do zelo pela santificação das crianças
V	Da sinceridade e da abertura de coração aos superiores
VI	Da obediência
VII	Da regularidade
VIII	Do devotamento ao seu Instituto (desapego dos parentes)
IX	Do espírito de família (espírito do Instituto)
X	Do contentamento e da santa alegria
XI	Do espírito de sociabilidade e da susceptibilidade
XII	Do reconhecimento
XIII	Da constância
XIV	Máximas do Revdo. Pe. Champagnat

A pergunta permanece: quem escreveu este *Manuel de piété*? E o Ir. Francisco é certamente um dos autores, porque encontramos em seus *carnets* vários de seus capítulos tais como:

RESUMO DAS INSTRUÇÕES (CARNET 303 B)	MANUAL DE PIEDADE
p. 116: Devotamento ao instituto	2ª parte, Cap. VIII, p. 120: Do devotamento ao seu instituto
p. 119: Santa alegria. Sombria tristeza	2ª parte, Cap. X, p. 126: Da descontração e da santa alegria
p. 122: Constância. Desencorajamento	2ª parte, Cap. XIII, p. 137: Da constância

Sobre o tema da vocação situada na 1ª parte do *Manuel* (Cap. 2, p.4-1), também reconhecemos muitos adendos às instruções transcritas pelo Ir. João Batista do Ir. Francisco, cujo conteúdo muito próximo revela uma origem comum. O quadro abaixo resume esses dados.

MANUAL DE PIEDADE: CAP. II DA VOCAÇÃO, P.4	INSTRUÇÕES DO IR. JOÃO BATISTA E DO IR. FRANCISCO
1ª seção: Da vocação em geral	O Ir. João Batista: Escrito 3, p.103-110; Escrito 4, p. 338-345 O Ir. Francisco: carnet d'instructions 307, p.131-135
2ª seção: Dos meios dos quais Deus se serve para fazer conhecer a vocação.	O Ir. Francisco: carnet d'instructions 307, p. 1;
3ª seção: Da vocação religiosa e de sua excelência	O Ir. João Batista: Escrito 4, p. 345 "Espiritu religioso";
4ª seção: O que é preciso fazer para conhecer sua vocação e para nela perseverar	O Ir. João Batista: Escrito 3, p. 25-26, 111-120; O Ir. Francisco: carnet d'instructions 307, p. 2, 44-46; Carnet d'instructions 309, p. 9;

Notamos também que o capítulo IX das "Qualidades de um bom Irmão", intitulado "O espírito de família", refere-se a uma série de instruções dos Irs. Francisco e João Batista sobre "o Espírito do Instituto".

MANUAL DE PIEDADE, CAP. IX, P. 123	IR. FRANCISCO, CADERNOS DE INSTRUÇÕES	IR. JOÃO BATISTA, "ESCRITOS 3" "ESCRITOS 4" E A.D.F.M.⁵³⁸
"Do espírito de família" 1ª seção: Em que consiste este espírito e o que é preciso fazer para adquiri-lo 2ª seção: O que o espírito de humildade exige dos Irmãos	Instruções N°1 (307), p 147-150: Caráter e espírito da sociedade dos Pequenos Irmãos de Maria Instruções N°2 (308) p. 544-545: Maria modelo de humildade	E 3 p.123-130: Espírito do Instituto; p. 349-356: Espírito do Instituto A.D.F.M., Cap. 15, 3ª parte, p. 281-286 ⁵³⁹ : " A humildade é necessária para nós merecermos a proteção de Maria".

Nós poderíamos multiplicar os exemplos, mas esses extratos são suficientes para nos mostrar que o *Manuel de Piété* não é um catecismo insignificante e remonta, em grande parte, ao Fundador do qual os Irmãos Francisco ou (e) João Batista conserva(m) e adapta(m) o ensino oral. Mas não se pode negligenciar a importância dos mestres de noviços, em particular o Ir. Luís e o Ir. Boaventura, que já deviam ter um catecismo manuscrito para formar os noviços.

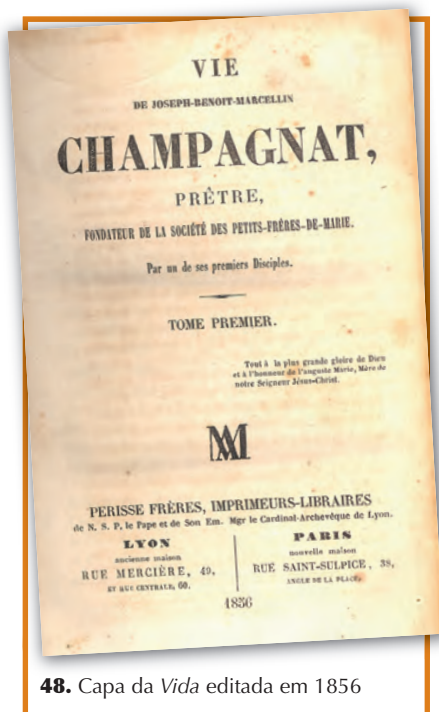
⁵³⁸ A.D.F.M. é o tratado da educação redigido pelo Ir. João Batista.

⁵³⁹ A numeração é aquela da cópia manuscrita e não a do original.

A biografia do Ir. Boaventura dá algumas pistas sobre isso. Assim, respondendo a um sacerdote chocado ao ver um Irmão trabalhando sozinho na horta, enquanto os postulantes se dirigiam a um exercício, o Padre Champagnat responde que ele não faz outra coisa que obedecer e que, além disso, “ele sabe seu catecismo da perfeição religiosa” (*Biographie de quelques frères*, p.119).⁵⁴⁰

Assim, pelo menos desde os anos de 1830, elaborou-se um programa de formação dos noviços, fortemente inspirado pelo Padre Champagnat, que encontra uma primeira conclusão em 1855 com o *Manuel de piété*, ao mesmo tempo tratado de teologia da vida religiosa, apresentação sistemática sobre o que é o espírito do Instituto, e esboço sobre a espiritualidade marista, especialmente a partir das máximas do Fundador e as orações oficiais do Instituto.

A Vida do Fundador (1856), coroamento do trabalho de memória



48. Capa da *Vida* editada em 1856

Este livro é o manifesto, o mais completo e o mais acessível, da identidade dos Irmãos Maristas, agora claramente livre da tradição colineana. Ele também não é restrito aos Irmãos, mas destinado a um grande público.

Ele se inscreve numa tradição hagiográfica que, desde o século XVII, visa contar a vida de uma pessoa santa, procurando ao mesmo tempo compor um tratado de vida ascética. Também é um “corpo de doutrina”⁵⁴¹. No entanto, este gênero hagiográfico é carregado de coisas extraordinárias e firmemente ancorado na história de um tempo e de um ambiente. Uma leitura crítica pode facilmente encontrar, sob a interpretação edificante, jogos de poder, hesitações, contradições, sucessos, fracassos, inspirações, desenvolvimentos que constituem parte da maioria de todos os empreendimentos humanos.

Este livro é também escrito no gênero literário catequético, cada capítulo, especialmente na segunda parte, sendo uma instrução sobre uma ou outra virtude. O

⁵⁴⁰ A mesma biografia narra a entrevista do Ir. Boaventura com o Pe. Augry, jesuíta, que prega os retiros de 1832-33, e que o aconselha, para formar bons religiosos, de “velar particularmente sobre seu espírito, sobre seu coração, sobre sua consciência, e sobre seu caráter” (p. 113) e o Ir. Boaventura aplicar-se-á para executar este programa. O biógrafo não nos dá detalhes sobre seu ensinamento, mas pode-se constatar que as treze “qualidades de um bom Irmão” correspondem a isto muito bem.

⁵⁴¹ Ir. Avit: introdução dos *Annales de l’institut*.

plano será, portanto, composto quase sempre como uma lição de catecismo ou uma “instrução familiar”, começando com a definição de uma verdade para crer, justificada por “provas” retiradas da Escritura e dos Padres da Igreja, entrelaçadas de “comparações” extraídas da vida cotidiana, de “parábolas”, ou seja, de ficções fazendo apelo à imaginação cristã, de “histórias”. Como o livro tem como tema o Pe. Champagnat, muitas “histórias”, “provas”, “comparações” serão tomadas de sua vida e de seus ensinamentos. É por isso que sua *Vida* é uma verdadeira antologia de suas instruções, cartas, comunicações orais, máximas ou sentenças.

Para redigir, o Ir. João Batista usou os testemunhos orais e escritos dos Irmãos que conheceram o Fundador. Nós podemos encontrar 105. Mas ele teve o cuidado de mesclar também os esboços biográficos de alguns dos principais discípulos, ao mesmo tempo testemunhas e companheiros, falecidos pouco depois de Champagnat. Assim, o Ir. Estanislau, morto em 1855, e o Ir. Luís, que morreu em 1847, gozam de um duplo status de discípulos e companheiros. O Ir. João Batista, ele mesmo testemunha um pouco tardia das origens - chegou em 1822 - permanece discreto sobre suas memórias que constituem certamente uma parte significativa das contribuições. Quanto ao testemunho de leigos ou clérigos, são muito menos numerosos e, frequentemente, breves, indicando que eles foram dados geralmente por via oral. Resumindo, esta biografia é feita essencialmente pelos Irmãos. Mais do que a obra de um autor, ela é de um grupo de discípulos. Vimos também que as fontes manuscritas são muito numerosas.

O Ir. João Batista

O supervisor do trabalho⁵⁴² nasceu em 1807, em Saint-Pal-en-Chalencon (Haute-Loire), a quase 100 km de La Valla. Desde a infância sofre de asma, que o torna inapto para o trabalho agrícola. É parte do grupo dos oito jovens que chegam a La Valla, na primavera de 1822. Sem ser dos primeiros do grupo de seguidores, está, portanto, muito perto das origens do Instituto.

No início, colaborador em Bourg-Argental (1822-23), onde adoece e o Fundador vai vê-lo e quase morre, na volta, no meio da neve. Depois ele é diretor de várias escolas ou chamado a L'Hermitage para auxiliar o Padre Champagnat na administração da Congregação. Depois vai para o Norte fundar a escola de St-Pol-sur-Ternoise. Em 1839, sinal do prestígio que adquiriu junto aos Irmãos, foi nomeado assistente. Governa as províncias do Sul de 1842 a 1860, em seguida a do Centro (Saint-Genis-Laval) de 1860 a 1872, ano de sua morte. O Ir. Luís Maria, Superior-geral, dedica-lhe uma circular e pede que os Irmãos recolham seus escritos, especialmente suas cartas para uma biografia⁵⁴³. Ele apresenta o Ir. João Batista

⁵⁴² Hesitamos em considerá-lo como o autor.

⁵⁴³ O Ir. Amphiloque Deydier explora, portanto, centenas de cartas recolhidas e traz o testemunho de Irmãos ainda vivos, mas sua obra permanece no estado de manuscrito. Em 1953, em *Nos supérieurs*, recolhe biografias suscitadas dos principais superiores do instituto. O Ir. Jean-Emile utiliza os dois trabalhos precedentes, mas traz muito poucas contribuições novas. Em 1990-91, nos Cadernos Maristas n° 1 e 2, o Ir. Paul Sester oferece uma síntese histórica que parece ser o primeiro trabalho científico sobre o Ir. João Batista.

como “um segundo fundador”, porque “o Venerável Pai lhe deu o direito de sobreviver a ele trinta e dois anos” e presta homenagem ao legislador da Congregação que escreveu a *Vida*, o *Guia das Escolas* (1853) e por ter amplamente participado na elaboração de outros textos fundamentais. “Ele também menciona a autoridade especial do Ir. João Batista nas províncias do Sul, o personagem brilhante, contundente em suas instruções, o imenso bem feito por inúmeras cartas. Ele também nos descreve um homem extremamente ativo, apesar da doença que o acompanhou durante toda sua vida e o condenou a uma dieta rigorosa, à solidão e à imobilidade desde 1860. Foi, por outro lado, sua doença que o impedindo de mover-se, obriga-o a escrever muito e lhe dá o tempo necessário para redigir muitas obras nos anos de 1866-1872”.

A elaboração da *Vida* do Fundador, redigida em 1854-1856, situa-se, portanto, no momento em que o autor goza da plenitude suas possibilidades. Ainda jovem, portanto forte e apreciado pelos antigos, ele construiu uma vasta cultura de autodidata que o tornou capaz de produzir uma obra suficientemente estruturada e documentada para ser ainda muito lida hoje. Mesmo se a primeira edição menciona que esta *Vida* foi redigida “por um dos seus primeiros discípulos”, não se pode excluir que ele recebeu ajuda de outras pessoas.

A *Vida* é escrita em um momento delicado na história de uma congregação em plena expansão, mas também perturbada com o capítulo de 1852-1854 e o estabelecimento de uma nova regra. Portanto, tem por função divulgar as origens e manter um espírito comum em um corpo dominado pelos jovens e dividido em várias províncias. Ele também deseja legitimar a recente Regra de 1852 à qual faz abundantes alusões. É, portanto, um verdadeiro manual do noviço perfeito, do bom superior, do bom professor religioso. Enfim! Ela deseja dar respostas a todos os Irmãos da congregação. O Padre Champagnat, parcialmente “desclericalizado”, torna-se o modelo do Irmão Marista, independentemente de sua situação.

Uma teoria do laicato militante e da santidade marista

Já mencionamos o prefácio do livro que situa Champagnat na linhagem dos fundadores monásticos: Padres do deserto, São Bento, São Francisco de Assis, enquanto numa introdução que se segue, o Ir. João Batista mostra que o ministério catequético define o apóstolo de maneira mais fundamental do que o sacerdócio. E, em suma, os Irmãos Maristas são uma sociedade dual: ordem monástica e congregação apostólica, sem que as ligações entre as duas possam ser coordenadas de maneira muito satisfatória. O instituto, portanto, aspira a uma Igreja concebida como povo de Deus usando modelos tradicionais no fundo bastante insatisfatórios.

A ordem dos capítulos da segunda parte da *Vida* pode aparecer como uma teoria da santidade marista cuidadosamente estruturada em quatro elementos fundamentais, delimitados por duas características principais: a alegria (introdução) e a constância (conclusão). É de se notar também que o zelo apostólico é desenvolvido por último, como se esta virtude estivesse agora um pouco distante.

CHAMPAGNAT MÍSTICO	CHAMPAGNAT ASCETA	CHAMPAGNAT MESTRE ESPIRITUAL	CHAMPAGNAT APÓSTOLO
Capítulo de introdução:	1. Retrato e caráter do Pe. Champagnat. Alegria	15. De seu amor e de seu apego pelos seus Irmãos	20. Do seu zelo pela glória de Deus e a salvação das almas
2. Do espírito de fé do Pe. Champagnat	8. De sua obediência e de seu respeito pelo clero	16. Com que cuidado ele corrigia seus Irmãos de suas faltas e os formava na virtude	21. De sua caridade pelos pobres
3. Sua confiança em Deus	9. De seu amor pela pobreza	17. Com que cuidado ele formava os Irmãos diretores	22. O que ele fez pela instrução primária
4. Seu amor pela oração	10. De seu desapego de seus pais e de todas as criaturas	18. O que ele fazia para conservar os Irmãos em sua vocação	23. Conceitos do Pe. Champagnat sobre a educação
5. Seu recolhimento e sua atenção para se conservar na presença de Deus	11. De seu amor pela mortificação	19. Precauções para conservar os Irmãos no espírito de seu estado. Sua firmeza para manter a regra	
6. Seu amor por Nosso Senhor	12. De sua humildade		
7. Sua devoção à Santa Virgem	13. De seu amor pela pureza		
	14. Seu amor pelo trabalho		
Conclusão: 24. De sua constância no bem			

Complementos tardios, mas importantes

Os *Annales de l'Institut* do Ir. Avit e os *Relatos sobre Marcelino Champagnat* vão retomar essa *Vida* amplamente com detalhes. O primeiro investigou a família Champagnat e é por meio dele que aprendemos que o pai do Fundador aderiu à Revolução, o que o Ir. João Batista foi cuidadoso em dizê-lo. No conjunto, o Ir. Avit teve a preocupação de datar, documentar e relatar a tradição oral dos Irmãos que corrobora amplamente as asserções do Ir. João Batista, mas as ameniza também.

As *Mémoires du F. Sylvestre* estão ainda fortemente enraizadas na tradição oral, especialmente provindas do Ir. Estanislau, que para ele, é “um dos três apoios providenciais do Fundador⁵⁴⁴”. Apreciador do prodigioso, ele é o porta-voz de uma tradição levada a ver milagres por toda parte, inclusive durante o “Lembraí-vos” na neve. Imbuído de espírito escatológico, ele acredita que os Irmãos Maristas verão o fim dos tempos e que participarão no combate final contra o Anticristo⁵⁴⁵. O Ir. Avit também será o eco dessa tradição⁵⁴⁶.

O Ir. Sylvestre se permite algumas críticas veladas sobre o Fundador: ele o vê demasiado rígido sobre a mortificação (deve-se confessar de ter comido entre as refeições), muito propenso a um respeito exagerado pelos objetos de culto; usuário de penitências públicas. Ele, portanto, nos apresenta a imagem de um Padre Champagnat mais complexo do que revela a *Vida*, dividido entre o rigorismo ainda tradicional do clero francês e uma moderação, introduzida pelas ideias de Santo Alfonso de Ligori, que o torna muito agradável no confessionário.

O destino de um livro fundador

É no momento da instrução do processo de beatificação do Padre Champagnat, a partir de 1886, que a *Vida* vai se tornar um problema porque ela é a base da biografia canônica prevista para processo. Mas isso requer que as testemunhas a reconheçam como autêntica. Ora, críticas são formuladas pelo Pe. Bedoin, pároco de La Valla, que recorda notadamente que, no seminário, o Padre Champagnat fez parte da “banda alegre”, grupo de seminaristas indisciplinados. Ele zomba da história da chama sobre o berço de Marcelino criança, e repreende os Irmãos Maristas de crerem ser os únicos capazes de regenerar o mundo⁵⁴⁷. Entre os Irmãos as críticas são mais moderadas, mas elas revelam algumas lacunas e imprecisões do Ir. João Batista.

⁵⁴⁴ Com Dom De Pins e Monsenhor Gardette.

⁵⁴⁵ Ver *Relatos sobre Marcelino Champagnat*, p. 256. Esta convicção parece vir dos Padres Maristas, em particular do Pe. Pompallier, e do Ir. Estanislau.

⁵⁴⁶ Introdução aos *Annales de l'Institut*, na parte final.

⁵⁴⁷ Sinal de que Monsenhor Bedoin percebeu bem a utopia regenerativa dos Irmãos Maristas que se consideravam chamados a combater o Mal até o fim dos tempos.

Os superiores se armam contra essas críticas com virulência e conseguem admitir a *Vida* como base da biografia canônica. No entanto, parece que a suspeita foi lançada permanentemente sobre a *Vida*. Um rumor persistente deixará entender que o Padre Champagnat foi mais um personagem construído pelo Ir. João Batista que o Champagnat real. Na verdade, a *Vida* está profundamente baseada nas fontes primitivas, mesmo se certo número de interpretações apresenta problema. Por exemplo, a consagração de Fourvière, em julho de 1816 é raramente mencionada e a imagem do Padre Courveille apenas confirma a tradição oral dos Irmãos, muito reducionista sobre o papel que ele desempenhou antes de 1824⁵⁴⁸. O mais desconcertante, talvez, é uma cronologia aproximativa e a tendência ao acúmulo de vários testemunhos sobre o mesmo acontecimento, especialmente evidente, por exemplo, no capítulo XIII da 1ª parte.

Apesar dessas limitações, esta *Vida* do Padre Champagnat é um reflexo do ensinamento do Fundador e da tradição recolhida pelo Ir. João Batista. É preciso um mínimo de método para lê-la com proveito e abordá-la ao mesmo tempo com simpatia e circunspeção. Mas, o mais importante é considerar que a *Vida* de 1856 não é outra coisa senão a peça mais importante de um verdadeiro sistema de fontes que nos permite, em particular por meio dos manuscritos conservados, voltar bem antes dos anos 1848-1856. E, na elaboração deste sistema, o Ir. Francisco desempenhou um papel muito importante que conviria ser melhor avaliado.

⁵⁴⁸ De uma maneira bem geral, apesar da influência dos Padres Maristas ser pouco desenvolvida, a *Vida*, portanto, a traça num estado de congregação em via de emancipação.

12.

CODIFICAÇÃO DO PENSAMENTO EDUCATIVO

Do ensinamento de Champagnat ao Guia das escolas

O Ir. João Batista nos deixou um *“Traité sur l’éducation”*, publicado pelo Ir. Paul Sester, sob o título *“Apostolat d’un Frère mariste”*⁵⁴⁹, que exerceu uma influência decisiva sobre as obras impressas pelo Instituto e particularmente sobre o *Guia das Escolas*. Sua primeira parte, intitulada *“Meios para fazer o bem entre as crianças”*, é um tratado sobre a finalidade do Instituto e a virtude do zelo, em 16 capítulos, que certamente vem do ensinamento do Fundador⁵⁵⁰. A segunda parte, inacabada, intitulada *“Da educação”*, é composta por 22 capítulos. Ela vem apenas com partes de Champagnat.

Guia das escolas e *“tratado da educação”*

Restam-nos dois importantes manuscritos do *Guia*, além dos que estão contidos nas atas capitulares de 1853⁵⁵¹. Os superiores neles trabalharam em 1845⁵⁵², e as

⁵⁴⁹ Este manuscrito compreende 402 p. no original e 866 p. na cópia feita após a morte do Ir. João Batista.

⁵⁵⁰ Nós possuímos ainda um maço de 67 páginas (*Écrits divers* n° 8 ou ED8) com o fim da primeira parte do *“Traité de l’éducation”*, que não é da mão do Ir. João Batista, e parece provável vir das notas de um Irmão, tomadas durante as instruções do Fundador. Esta será, portanto, uma parte dos *“volumosos cadernos”* lembrados pelo Pe. Mayet. O maço comporta, de qualquer forma, um capítulo 17 completamente ausente do tratado: *“A devoção à Santa Virgem é um poderoso meio de ganhar as crianças para Deus”*, que pode ser encontrado quase exatamente reproduzido na *Vida* do Pe. Champagnat, no capítulo de sua devoção marial.

⁵⁵¹ Um maço de 17 páginas de formato 19cm x 28,5cm, intitulado *“Guide des Écoles ou méthode d’enseignement à l’usage des Petits Frères de Marie”*, é conservado sob o índice 371.110-1. Provavelmente da mão do Ir. João Batista, ele trata de uma parte da organização e da disciplina da escola, quer dizer, da primeira parte do Guia. O segundo maço, codificado 371.120-1, de formato 21 cm x 29 cm, que parece também da mão do Ir. João Batista, compreende 169 páginas. O capítulo 1 está ausente assim como a maior parte do capítulo VII da segunda parte (p. 86-92). Além dessas lacunas relativamente importantes e de pequenos detalhes de redação, este texto corresponde à versão impressa do Guia.

⁵⁵² Danilo Farneda Calgaro, *“Guide des écoles. 1817-1853. Estudio historico-critico”*, Roma, 1993. p. 132.

atas dos capítulos de 1852 e 1853 indicam-nos o processo de elaboração da versão final. Em 14 de junho de 1852, no final da primeira sessão do capítulo:

“Sobre uma proposição da 2ª comissão, convém que seja feito certo número de cópias do Guia das Escolas para ser enviado aos Irmãos, os mais aptos e os mais experientes do Instituto, capitulares e outros, para que possam examiná-lo e fazer seus comentários antes da segunda sessão do capítulo”.

O *Guia* já é conhecido, portanto, pelos capitulares, e seus capítulos são revistos e votados com grande facilidade, depois de algumas pequenas alterações. Um ponto apenas parece ter seriamente dividido os capitulares: o uso da palmatória⁵⁵³, que é mantido, e com muitas restrições, por 18 votos contra 14.

Entretanto, as discussões foram bastante numerosas na primeira parte do *Guia*, que trata da organização e disciplina. Na segunda parte, que trata do “ensino religioso e da educação”, portanto, mais teórico, mais fundamental (e a parte mais influenciada pelo tratado) é quase unânime: muitos capítulos são admitidos pelos movimentos de sentar-se ou levantar-se e não por votações secretas. Os capítulos 2 e 3 sobre o catecismo, a primeira comunhão e educação são votados por aclamação; da mesma forma o capítulo 7 que propõe aos Irmãos o exemplo do Anjo da Guarda. Finalmente o *Guia*, como um todo, foi aprovado por 29 votos a 4, estes contrários parecem ser obstinados defensores da abolição da palmatória. Em seguida:

“Um membro propõe a votação de agradecimentos ao caro Irmão Assistente que preparou os trabalhos; o caro Ir. João Batista levanta-se e diz que o Guia é a obra do Regime, considerando que ele discutiu isso e até mesmo várias vezes: vota-se, em unanimidade, os agradecimentos ao Regime”.

A votação por aclamação e os agradecimentos são em homenagem ao Ir. João Batista, mas também sinal de que o livro é fiel ao Fundador. Uma comparação entre o texto do tratado e aquele do *Guia* mostra-nos constantemente as ligações, o texto mais moderado e mais sucinto do *Guia*, colocando em evidência que é o aperfeiçoamento do texto primitivo.

GUIA	TRATADO
A correção é a sanção do Regulamento e a da vigilância, que é a força vital da disciplina. [...]	Cap. 212, p.607, “Da correção, que é a força vital da disciplina”; parte 1ª, p.609, “Necessidade de correção”.
A correção é necessária.	A correção é necessária.
1º porque faz parte da educação; além disso, nada é mais recomendado nos Livros sagrados para pais e mães, e	1º porque faz parte da educação. Avisar, repreender, corrigir, punir é parte essencial da educação. Também nada é

⁵⁵³ Instrumento em couro ou em madeira usado para bater nas mãos dos alunos.

<p>também para aqueles que são responsáveis pela educação das crianças, para fazê-los sentir o freio da disciplina e de não permitir amolecer em suas mãos a força da autoridade. [...]</p> <p>São Paulo, enquanto defende a dureza, também quer que eduquemos as crianças na docilidade e correção (Ef 6, 4).</p>	<p>mais recomendado nos livros sagrados aos pais e mães e, também para aqueles que são responsáveis pela educação das crianças, para fazê-los sentir o freio da disciplina e não permitir amolecer em suas mãos a força da autoridade (Cardeal Giraud).</p> <p>p.611. São Paulo não quer que os pais, por sua dureza, irrite seus filhos, mas isso não quer dizer que não devam ser educados em docilidade e na correção segundo o Senhor (Ef 6,4)</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Parece que o processo da redação pode ser reconstruído assim: inicialmente um ou mais maços de instruções do Padre Champagnat são organizados pelo Ir. João Batista que adiciona os livros mais recentes como “*De l’éducation*” (1850) de Dom Dupanloup, base de vários capítulos. O tratado permanecerá inacabado, provavelmente porque é considerado desatualizado após a publicação do *Guia das escolas*. Provavelmente é uma parte dos “volumosos cadernos” vistos pelo Pe. Mayet.

A influência jesuíta

O Tratado é inspirado amplamente em Rodriguez, jesuíta espanhol, nascido em 1526, que publicou, em 1615, sua “*Pratique de la perfection chrétienne*”, traduzida para o francês desde 1621⁵⁵⁴. Saint-Jure (1588-1657), jesuíta francês escreveu “*De la connaissance et de l’amour du Fils de Dieu*”, editado pela primeira vez em 1633. Mais de sessenta passagens são cópias de Rodriguez. A influência de Saint-Jure, importante, aí parece menos forte.

A primeira parte do Tratado de educação está especialmente sob a influência de: “Do fim para o qual a Companhia de Jesus foi constituída...” (3ª parte, 1º tratado) que estabelece a Companhia como um verdadeiro modelo para ser seguido pelos fundadores de congregações missionárias e apresenta uma teoria da ação apostólica baseada em três meios: a santidade de vida, a oração, o zelo para com o próximo. A primeira parte do Tratado dos Irmãos Maristas retoma este plano de três pontos e uma boa parte do texto dando, no entanto, prioridade ao zelo.

Mas, é sobretudo o primeiro capítulo (“Qual é a finalidade da instituição da Companhia de Jesus”) que influencia profundamente M. Champagnat e seus seguidores. Rodriguez destaca que Santo Inácio criou a companhia para ser “uma

⁵⁵⁴ Uma nova tradução feita pelo abade Régner-Desmarais no fim do XVII século será continuamente reeditada. O autor indica no seu prefácio que esta primeira tradução foi reeditada em 1667, 1670 e 1674.

espécie de acampamento volante, sempre atento a qualquer alarme” para defender a Igreja, imitando os Padres do Deserto, que sabiam sair de seu retiro quando a heresia ameaçava. Também: “Deus suscitou nossa Companhia num tempo tão deplorável e onde a Igreja tinha tanta necessidade de socorro”. E encontramos uma ideia semelhante na primeira página do Tratado:

“Neste século, a maioria dos pais não é capaz de dar a seus filhos educação e ensino religioso [...] Disto resulta que um número infinito de jovens permanece na ignorância das verdades da fé cristã e rastejarão no vício se Deus, na sua inefável misericórdia, não tivesse tido piedade deles e não tivesse despertado piedosos mestres para cuidá-los e educá-los cristãmente”.

Portanto, em face aos “filósofos e incrédulos” que “se esforçam para capturar a juventude para inculcar sua doutrina fatídica”, Deus criou as escolas cristãs “para opor um dique à torrente devastadora”.

Esta atualização do modelo jesuíta⁵⁵⁵ é delicada porque precisa adaptar aos professores leigos uma doutrina destinada a sacerdotes. Assim, sobre o papel dos Irmãos nas duas sociedades, percebemos uma oposição real. O capítulo 3 de Rodriguez salienta “Que esta empresa (salvar as almas pela ação apostólica) abrange a Companhia em geral, e que aqueles que não são padres não deixam de compartilhar”, os Irmãos jesuítas por suas tarefas temporais, suas orações, suas exortações aos leigos, contribuindo também para a salvação das almas.

O Tratado retoma Rodriguez sem fazer esse tipo de distinção e atribui a um Instituto de Irmãos a mesma tarefa que a dos jesuítas padres. E o Fundador encontrou na conclusão deste capítulo a ideia de ministério⁵⁵⁶:

RODRÍGUEZ, 3ª parte, tratado 1, cap. 2	TRATADO DA EDUCAÇÃO, cap. 3
<p>Disto devemos tirar três conseqüências para nosso progresso espiritual.</p> <p>A primeira é um grande amor e um grande apego ao nosso ministério, já que ele é tão relevante, tão agradável a Deus e tão útil ao próximo.</p> <p>A segunda é uma confusão extrema porque chamados a um ministério tão sublime, nós que somos tão pouco, e ver ao mesmo tempo tendo tanta</p>	<p>“Do que dissemos neste capítulo e no anterior, devemos tirar três frutos:</p> <p>1º um grande amor por nossa vocação e um grande apego ao nosso ministério e por nossa tarefa de catequista, porque eles são tão relevantes, tão agradáveis a Deus, tão honrosos para nós e tão úteis para o próximo.</p> <p>2º uma grande humildade, vendo-nos chamados a uma vocação tão santa e</p>

⁵⁵⁵ André Lanfrey, *Cadernos Maristas*, nº 10, “A lenda do jesuíta do Puy”, p. 1-16.

⁵⁵⁶ Esta ideia está também, especialmente, em J. B. de La Salle.

<p>dificuldade para dar boa conta por nós mesmos, sem deixar de nos encarregar da salvação e da perfeição dos outros. [...]</p> <p>A terceira coisa [...] é uma extrema aplicação ao nosso progresso espiritual.</p>	<p>tão sublime, não importa se somos imperfeitos e que não tenhamos nenhuma virtude.</p> <p>3º uma grande aplicação ao nosso progresso espiritual”...</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

É o mesmo com Saint-Jure que⁵⁵⁷, desenvolvendo seus “Avisos aos pregadores”, recomenda-lhes boa vida, oração, humildade, zelo, ciência. O tratado incorpora essas ideias - e extensos extratos de Saint-Jure - tratando da santidade de vida, (cap. 12), da oração (cap. 13), da humildade (cap. 15), do catecismo (cap. XIX e XXI⁵⁵⁸), mas para os Irmãos professores e catequistas. O tipo de Irmão querido por M. Champagnat inspira-se, portanto, diretamente no modelo jesuíta, mas mantendo para os Irmãos um ensinamento destinado aos sacerdotes.

O cardeal La Luzerne

César-Guillaume de La Luzerne (1738-1821) é outro grande inspirador das ideias educativas de M. Champagnat, embora não seja um reconhecido autor pedagógico. No entanto, nomeado bispo de Langres, em 1770, ele desenvolve uma rede de escolas e apoia fortemente os Irmãos das Escolas Cristãs⁵⁵⁹. Eleito para os Estados Gerais de 1789, ele renunciou no final do ano, porque é um dos principais opositores à Constituição Civil do Clero. Ele emigrou em março de 1791. Em oposição irredutível ao Império, apenas voltou para a França em 1814. De 1802-1814 ele escreveu muitos livros, graças aos quais ele passa por um dos melhores escritores eclesiásticos do século. Em 1810 publicou em Veneza suas *Considérations sur divers points de la morale chrétienne*, que contêm uma declaração “Sobre os deveres dos Pais e Mães” e outro “Sobre os direitos dos jovens”. O livro foi reimpresso em Lyon em 1816⁵⁶⁰. Em 1809, apareceram em Langres as *Considérations sur l'état ecclésiastique* que serão reimpressas em 1827⁵⁶¹. Extensos extratos desses três escritos aparecem no “Tratado de educação” e também em *Sentences, leçons, avis du vénéré P. Champagnat*⁵⁶². Sua

⁵⁵⁷ *Connaissance et amour de J.C.* Livro 3, capítulo XIV, § 28.

⁵⁵⁸ Os capítulos em números romanos estão na segunda parte do tratado.

⁵⁵⁹ Ver *Œuvres complètes du cardinal De la Luzerne* precedidas de um prefácio biográfico e crítico do abade Migne, 1855. O T. VI, col. 1101-1188, trata de sua “Teologia pedagógica”. Ver também a informação do *Dictionnaire de Spiritualité*.

⁵⁶⁰ Em Paris, em 1829; em Besançon, em 1838.

⁵⁶¹ *Œuvres complètes du Cardinal de La Luzerne*, Migne, T. 1, LVII.

⁵⁶² Lyon, 1868. Esta obra, redigida pelo Ir. João Batista Furet, inspira-se largamente nos ensinamentos do Pe. Champagnat.

elevada visão, sua lealdade para com a Igreja e à monarquia fazem dele uma das grandes autoridades morais da Igreja da França: alguns dão-lhe o título de “novo Bossuet”. Ele morreu em 1821.

No início da Restauração, tornando-se conselheiro da França, ele tomou partido dos Irmãos das Escolas Cristãs contra o método mútuo, por dois escritos sensacionais, e a reputação do autor contribui para o compromisso da Igreja da França com a desavença⁵⁶³. Sua influência sobre Champagnat é evidente.

O Tratado inspira-se em “*Considérations sur l’état ecclésiastique*”, verdadeira teoria do sacerdote de acordo com a escola francesa de espiritualidade, particularmente as 8ª e 9ª partes evocando “A ciência eclesiástica” e a “Instrução das pessoas”. La Luzerne nela despreza os sacerdotes ignorantes, “flagelo da Igreja”, e uma das suas passagens inspira até mesmo diretamente o primeiro capítulo do Tratado.

LA LUZERNE “DA CIÊNCIA ECLESIASTICA”	TRATADO, cap. 1, p. 1, 3
<p>“Se, no século XVI, a heresia fez tão rápidos progressos, infecta uma grande parte da Europa, [...] isto se deve à ignorância na qual rastejava o clero que favoreceu seu deplorável sucesso. O dique que a devia conter estava fraco e incapaz, esta terrível inundação se propagava, sem encontrar obstáculos, seus estragos por todos os lados”.</p>	<p>“Um número infinito de jovens permaneceria na ignorância das verdades da fé cristã e rastejariam no vício se Deus [...] não tivesse suscitado mestres piedosos”...</p> <p>“As escolas cristãs são fundadas para paralisar os esforços dos maus e para opor um dique contra a torrente de sua funesta doutrina”...</p>

A imagem do dique e da inundação está reprimida, mas em um sentido otimista: no século XIX, os Irmãos estão lá para educar a juventude. A Igreja, portanto, tem chances, desta vez, para levantar um dique resistente à impiedade, graças às escolas cristãs.

La Luzerne incentivou o clero para ensinar as pessoas pela pregação e o catecismo. Para os adultos, o pároco fará a pregação sem se restringir às pessoas piedosas, sem preferir os ricos aos pobres; sem atenuar a mensagem para os poderosos. Ele evitará o “discurso trabalhado, florido” que lisonjeia a vaidade. Na zona rural “suas instruções devem ser simples, como aqueles a quem ele fala, adaptadas à sua capacidade, medidas ao seu alcance”. Aos pregadores que acham que suas penas são vãs, ele recomenda: “É lavrando assiduamente a terra estéril que conseguimos torná-la fértil”, argumento retomado no capítulo 16 do Tratado que combate o desânimo dos Irmãos. Finalmente, La Luzerne dedica duas seções

⁵⁶³ Tronchot, *op. cit.*, T. 1, p. 237.

para a instrução das crianças, desenvolvendo uma espiritualidade genuína do padre catequista de crianças:

“Oh! Como eles ignoram a grandeza do seu ministério, os sacerdotes orgulhosos que desprezam, como indigno de seus talentos, a educação das crianças, e que o abandonam como um cuidado subalterno para ministros inferiores!” [...] “Pastores que negligenciam esta parte de seus deveres, que dor vocês acumulam sobre estas crianças, sobre a sociedade e sobre si mesmos!”

Esta teoria sobre o papel primordial da educação das crianças é aquela de Champagnat que ele certamente leu e colocou em prática. E pode ser que seu *“precisamos de Irmãos”* em 1816 é parcialmente inspirado em La Luzerne. No entanto, esta filiação - tal como acontece com os jesuítas - não é exercida como uma simples cópia. A teoria do pároco catequista torna-se aquela do Irmão catequista.

O sulpiciano Faillon

Em 1831, este professor do seminário de Santo Irineu de Lyon, que M. Champagnat talvez conheceu, publica pelo Gaume, sem o nome do autor, uma *Histoire des catéchismes de Saint Sulpice*. Seu discurso preliminar representa bem o tom do momento:

“A ignorância da religião e a corrupção dos costumes são as causas naturais da extinção da fé entre os povos. A geração que emergiu há quarenta anos, privada no seu berço da segurança da religião, permaneceu quase alheia ao cristianismo. Hoje que ela compõe a maior parte da sociedade e forma a geração que começa, é difícil não ter medo de pensar em nosso futuro [...] Considerando o progresso da educação e o declínio da fé, é-se tentado a perguntar, com Fénelon, se ‘a tocha do evangelho, que deve dar a volta ao mundo, concluirá sua corrida’”.

Este texto é retomado por Champagnat e seus seguidores⁵⁶⁴ não para desistir, mas para justificar a urgência e a solidez do esforço a ser feito. Em seguida, Faillon mostra como, no século XVII, diante de uma situação igualmente desastrosa, a Igreja conseguiu uma recuperação espetacular pela instrução religiosa das crianças⁵⁶⁵, evidentemente graças às iniciativas congreganistas. A introdução à *Vida do Fundador* incorpora extensos excertos deste discurso (p. XV-XXVIII).

Faillon publica em 1832, um *Méthode de Saint Sulpice dans la direction des catéchismes*⁵⁶⁶ no qual ele desenha o retrato do catequista ideal, cujo zelo deve ser sábio e iluminado, não fazendo acepção de pessoas, ser constante, forte e ge-

⁵⁶⁴ Tratado, cap. 2, p. 25-30; cap. IV, p. 412-426; cap. XX: “Da instrução religiosa que é preciso dar às crianças”. Ver também *Vida*, p. 470 e, sobretudo, a introdução à *Vida* do Pe. Champagnat.

⁵⁶⁵ Este discurso é parcialmente retomado por Dupanloup em *Méthode générale de catéchisme*, 1839, p. 144.

⁵⁶⁶ Anônimo, por Meyer e Cie.

neroso...: todas as qualidades que serão retomadas pelo Tratado de educação. Ele descreve em seguida como o catecismo é feito em três tempos: interrogações, instruções e os avisos, e o capítulo XXI do Tratado retoma amplamente Faillon.

Os Irmãos das Escolas Cristãs

A influência Jean-Baptiste de La Salle parece relativamente secundária. O Tratado de educação, no entanto, é influenciado pelas *Méditations pour le temps de la retraite*, publicado em 1730, reimpresso em Langres, em 1816. Nesta obra destinada “ao uso de todas as pessoas que trabalham na educação da juventude”, J. B. de La Salle afirma que a educação cristã é um ministério de importância capital que remonta a Jesus Cristo; que os pais são incapazes de educar seus filhos; que o ensino do catecismo e da moral cristã é a base desta vocação de educador. Essas também são ideias correntes junto aos Maristas, mas também muito comuns no pensamento pedagógico piedoso.

“*Les douze vertus d’un bon maître*”, livro de F. Agathon, escrito em 1785 e publicado em Roma em 1797, parece ter uma influência mais profunda. Inspirando-se em grande parte no famoso *Traité des études* de Rollin⁵⁶⁷, e um pouco na *Ratio Studiorum* dos jesuítas, ele desenvolve sucessivamente: a gravidade, o silêncio, a humildade, a prudência, a sabedoria, a paciência, a moderação, a suavidade (muito desenvolvida em subcapítulos⁵⁶⁸), o zelo, a vigilância, a piedade, a generosidade. Grandes passagens de cada um desses capítulos foram incluídas no Tratado dos Irmãos Maristas. E nós sabemos que esta influência é original porque as cadernetas de retiro do Ir. Francisco, um dos primeiros discípulos, fazem menção deste livro desde 1824⁵⁶⁹. *A Conduite des écoles chrétiennes*, que já discutimos anteriormente, e *Les douze vertus d’un bon maître*, portanto, são duas partes essenciais da contribuição dos Irmãos das Escolas Cristãs para a pedagogia marista.

O *Tratado de educação* revela muitas outras influências tradicionais como as de Jean Chrysostome, Gerson ou Fénelon... mas, acabamos de ver que Champagnat era capaz de se inspirar em autores contemporâneos como Faillon e La Luzerne.

O Ir. João Batista fez o mesmo e atribui grande importância ao Dom Dupanloup (1802-1878), um dos principais bispos franceses do século XIX. De origens modestas, mas aluno brilhante, é muito cedo notado por seus mestres sulpicianos. Ordenado sacerdote em 1825, seus catecismos percorreram toda Paris (1824-1836) e ele foi escolhido pela família real para catequizar vários dos seus filhos. Tornou-se famoso em 1838 por receber a retratação de Talleyrand, bispo apóstata e antigo ministro de Napoleão. Após 1845, reconhecido como um grande pregador, inte-

⁵⁶⁷ Universitário parisiense (1661-1741), célebre por suas opiniões jansenistas, e seu *Traité des études* é publicado em 1726, reeditado em 1813.

⁵⁶⁸ Como fazer-se amar; formar o coração, o espírito, o julgamento; ser firme sem dureza nem complacência; evitar as familiaridades; tornar raras as correções.

⁵⁶⁹ A.F.M. 5101. 302, p. 8.

ressando-se fortemente na imprensa (tentará fundar vários jornais), entra na briga política e será um dos artesãos da lei Falloux (1850), que estabelece a liberdade do ensino secundário. Em 1849, ele se tornou bispo de Orléans, e agora sua vida está dividida entre sua diocese e Paris, onde ele continua a travar uma guerra contra os inimigos do catolicismo.

Conservador convicto, mas não aferrado às posições rígidas (faz figura de liberal), Dom Dupanloup nos interessa aqui por suas numerosas obras pedagógicas. Nós separamos duas: “*La Méthode générale de catéchisme recueillie des Pères*” e “*Docteurs de l’Église et des catéchistes les plus célèbres depuis St Augustin*”, (2 volumes, Paris, 1839-1840) e especialmente *De l’éducation*, 3 vols, Paris, 1850-1857-1862. A primeira dessas obras influencia fortemente o Tratado de educação e, portanto, o *Guia das Escolas*.

Numerosos autores contemporâneos

Outros têm uma influência mais pontual. O abade Pouillet, superior da instituição Saint-Vincent de Senlis publicou em Paris, em 1851, um Discurso sobre a educação amplamente copiado nos capítulos IX e XIV do Tratado. As *Lettres sur l’éducation du peuple*, publicadas em Paris em 1850 por Laurentia, antigo inspetor chefe da Universidade, são frequentemente citadas. O *Cours normal des instituteurs primaires*, publicado em Paris, em 1832, pelo Barão de Gérando, especialista em educação e em particular do ensino mútuo, com quem o Padre Champagnat esteve em contato quando fez os encaminhamentos para a autorização do Instituto, aparece às vezes no Tratado. O Abade Gaume, autor *Du catholicisme dans l’éducation*, publicado em 1835 e, em 1838, de um famoso *Catéchisme de persévérance* em 8 volumes, também é importante. Outros autores pedagógicos são citados aqui e ali. Por exemplo, o abade Blanchard (p.565), autor de *École des mœurs*, em três tomos reeditados em Besançon, em 1822, que traz reflexões sobre a educação e conselhos morais para o homem honesto⁵⁷⁰.

O Tratado levou em consideração muitos bispos contemporâneos. O prelado mais frequentemente citado é o Cardeal Giraud, Bispo de Rodez de 1830 a 1841, depois de Cambrai, de 1842 a 1850⁵⁷¹. Há também outros bispos em contato com

⁵⁷⁰ Outros autores citados: Gobinet (citado p. 238 e 509) (1613-1690), diretor do colégio de Plessis, durante 43 anos publicou, desde o século XVII, numerosas obras sobre educação. O abade Jean-Sébastien Dieulin (p. 399) escreveu em 1845 *Le bon curé au XIX^e siècle* e, em 1849, *Le guide des curés du clergé et des ordres religieux*. O abade Nicolas Moitrier (p. 561) publicou uma *Explication du catéchisme* em 1839, diversas vezes reeditado; *Le livre des pères et des mères de famille sur l’éducation physique et morale de leurs enfants*, Nancy, 1839, *Nouvelles instructions chrétiennes pour les jeunes gens*, 1838... O abade Mérault de Bizy (p. 562) publicou *L’enseignement de la religion* em 1827... O abade Théodore Combalot (p. 405), pregador conhecido, tem muitas publicações, como *Idées sur l’éducation à l’occasion de la nouvelle loi sur l’enseignement*, em 1850. O abade Étienne Dauphin (p. 679) publicou discursos de distribuição de preços da instituição de Oullins, em 1838-1853. Parece que tinha produzido um volume intitulado *De l’éducation*, em 1860.

⁵⁷¹ Suas *Instructions et mandements de Rodez* são publicados em 1842-1847 e suas obras completas aparecem em Lille em 1850-1852, em 7 volumes.

os Maristas, como Dom Devie, bispo de Belley de 1823 a 1852; Dom Chatrousse, bispo de Valence de 1840-1857; Dom De Bonald, filho do famoso teórico da contrarrevolução, bispo de Puy de 1823 a 1839, depois arcebispo de Lyon desta data a 1870, um dos primeiros bispos a tomar consciência do problema do trabalhador⁵⁷²...

Além dos bispos e arcebispos, duas pessoas santas do século XIX figuram entre os modelos do “Tratado”. Em primeiro lugar, a Madre Anne-Marie Rivier, fundadora das Irmãs de Bourg-Saint-Andéol (1768-1838) e cuja vida foi publicada por A. Hamon, em 1842⁵⁷³, e Marie-Thérèse de Lamourous (1754-1836), discípula de Chaminade, fundadora da Misericórdia de Bordeaux e cuja vida foi publicada em 1843⁵⁷⁴.

O Tratado, portanto, revela a amplitude da cultura do Ir. João Batista que foi capaz de reinvestir este conhecimento no *Guia das Escolas*. Mas é preciso também levar em conta a contribuição do Ir. Francisco cujas cadernetas de instruções contêm muitas instruções relacionadas à educação e nas quais encontramos a substância neste Tratado que oferece até mesmo uma citação inédita do Padre Champagnat (p. 54):

“Dar aula deve ser para um Irmão apenas uma coisa acessória. Ensinar o catecismo, formar os alunos à virtude, fazer-lhes evitar o pecado, numa palavra fazer deles cristãos, esta é a sua função principal e essencial. O que fez dizer ao piedoso fundador desta congregação por ocasião de uma paróquia onde não queriam mais que os Irmãos ministrassem o catecismo para as crianças e lhes ensinassem a rezar: se não o querem, eles não terão mais Irmãos. Eu prefiro que este estabelecimento desapareça; porque ele não foi feito senão para ensinar a religião para as crianças. A comunidade toda foi estabelecida e existe apenas para isto; todo o resto não passa de uma isca para atrair as crianças”.

Portanto, os autores conhecidos antes de 1840 foram em grande parte utilizados pelo Padre Champagnat. O Ir. João Batista adicionou muitas obras dos anos 1840-1852. O *Guia das Escolas*, fruto do Tratado de educação, é, portanto, a síntese do ensinamento de Champagnat, ao qual o Ir. João Batista juntou autores mais recentes. Permanece a questão do papel do Ir. Francisco, cujas cadernetas contêm muitas instruções que encontram sua correspondência no Tratado.

ANEXO 4, Tabela dos principais autores, pág. 362

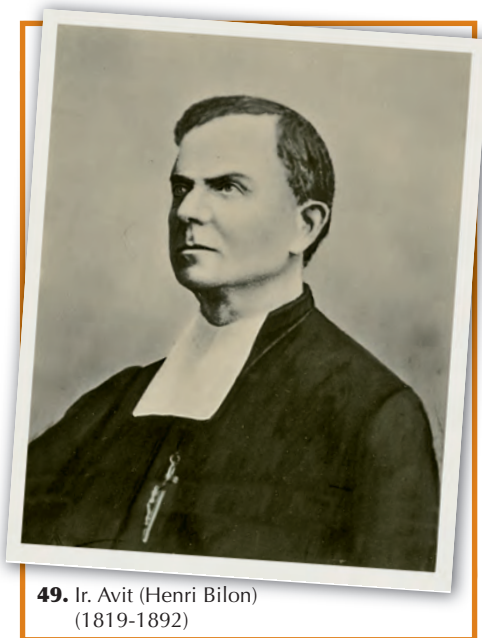
⁵⁷² São igualmente citados: Dom Fabre des Essarts, bispo de Blois de 1844 a 1850; Dom Georges, bispo de Périgueux de 1841 a 1860; Dom de Cheverus, primeiro bispo de Boston, depois de Montauban (1824-26) e finalmente arcebispo de Bordeaux em 1826-1836; Gousset, grande teólogo, primeiro discípulo de Lamennais, depois bispo de Périgueux (1836) e finalmente de Reims (1840-1866); Dom Borderies, bispo de Versailles de 1827 a 1832.

⁵⁷³ *Vie de Mme Rivier*, Avignon, 1842, p. 424. Ela aparece nas páginas 267 e 662.

⁵⁷⁴ Ir Pouget, *Vie de Mlle de Lamourous, dite la Bonne Mère*, Lyon-Paris, 1843, VIII-446 p. Citada como exemplo à p. 72.

Teoria e prática: a carreira de professor do Ir. Avit

A elaboração do *Guia das Escolas* poderia ter apenas uma influência progressiva na prática diária e no espírito dos Irmãos que entraram no ensino antes de 1853. Também vimos que os defensores da palmatória tinham conseguido obter sua manutenção, embora o *Guia* afirmasse: “este tipo de correção não é permitido em nossas escolas, é apenas tolerado” (*Guia*, 1ª parte, cap. XII). Paradoxalmente, não sabemos exatamente qual era a prática cotidiana dos Irmãos, mesmo se muitas biografias se referem à sua vida de professor. Os *Annales des maisons* do Ir. Avit poderia constituir uma boa base para um estudo sistemático nesta área, mas a autobiografia do Ir. Avit, no início dos *Annales de l’institut*, já descreve com vivacidade a formação e a prática diária de um professor na França, das vilas e cidades dos anos 1840-1860.



49. Ir. Avit (Henri Bilon)
(1819-1892)

Um historiador também reconheceu que esta obra “formula testemunhos concretos sobre uma vivência religiosa popular⁵⁷⁵”.

Como a grande maioria dos Irmãos é de origem rural: seus pais eram “pouco afortunados, mas produtores honestos e bons cristãos”. O Ir. Avit disse: “ele tinha apenas 6 anos e a irmã 5 quando perderam a mãe”. E acrescenta: “eles não tinham nada para se alegrar com a madrasta que a substituiu”. Além deste sofrimento timidamente sugerido, ele torna-se ligeiramente aleijado devido ao deslocamento do ombro direito mal curado, de modo que o braço direito permanece sem força e que “a mão não poderia elevar-se o suficiente para fazer o sinal da Cruz”. Além disso, incapaz para o trabalho manual⁵⁷⁶, Henri Bilon goza de um tempo escolar excepcionalmente longo, de 1826 a 1836, ou seja, a partir dos 7 anos aos 17 anos, que fará dele o jovem “o mais erudito do município”.

Sobre sua vida religiosa íntima e sobre a pastoral de então, ele dá um detalhe extremamente interessante.

⁵⁷⁵ Gérard Cholvy, Yves-Marie Hilaire, *Histoire religieuse de la France contemporaine*, T. 1 1800-1880, Privat, 1985, p. 334. Ainda um dos seus autores não leu senão uma parte desses anais. Estes *Annales de l’institut* foram publicados, em Roma em 1993.

⁵⁷⁶ No início dos seus *Annales*, ele comenta: “Sem esta enfermidade dolorosa para a natureza, Henri teria entrado na vida religiosa? É muito duvidoso”.

“Seu pároco, um santo sacerdote⁵⁷⁷, nascido em Rive-de-Gier, tinha um pouco do jansenismo. Que se julgue: Henri o tinha sempre como confessor, embora existam dois gentis vigários. Tendo um dia confessado que tinha tirado 12 damascos caídos debaixo de uma árvore do vizinho, o pároco o obrigou a pagar e o mandou de volta 12 vezes sem lhe dar a absolvição. A criança não tinha sequer um centavo. Ele não ousou confessar este furto ao vizinho, nem ao seu pai que não teria gostado e que, não o vendo mais ir à comunhão, desprezou-o. Um jubileu o tirou do problema. O confessor e o pai não suspeitavam da perigosa posição em que o tinham colocado, um o seu penitente e outro, seu filho”.

É um excelente testemunho para a mudança pastoral que ocorre sob a influência da teologia moral de Alfonso de Ligorí. O pároco Madinier certamente não é jansenista, mas rigorista segundo a tradição do clero do Antigo Regime que não dá a absolvição quando o penitente não apresenta sinais tangíveis de arrependimento. Seus vigários, mais jovens, parecem, ao contrário, mais condescendentes, mas Henri Bilon sugere que seu pai os acha muito frouxos.

Na mesma época, o pai Bilon, com 50 anos de idade, meteu na cabeça de “aprender a ler e tomou seu filho como professor”. Mas, acrescenta o Ir. Avit:

“O aluno ficava sentado e o mestre tinha que ficar em pé atrás de sua cadeira. Ele dava a aula após o trabalho da vigília, de 11h à meia-noite. O jovem professor teria preferido dormir. Isso durou todo o inverno após o qual o velho aluno, para grande espanto dos paroquianos, foi muito exato ao seguir devotamente os ofícios em um livro. Quatro quintos dos habitantes não poderiam fazer o mesmo”.

Esse é um exemplo do baixo nível de alfabetização em um mundo rural da planície⁵⁷⁸ ao redor de 1830, e também o sinal do prestígio da instrução, não adquirido pelo ensino escolar, mas em um contexto familiar feito de austeridade e respeito mais que de ternura.

Para escolher um trabalho não manual, Henri Bilon segue os Irmãos St Didier-sur - Chalaronne no seu retiro anual na casa-mãe de L’Hermitage em 1º de outubro de 1837:

“As montanhas, a casa dos Irmãos, o silêncio de 8 dias, etc... eram desconhecidos para ele e ninguém dizia nada, exceto o bom Fundador em confissão; ele se aborreceu muito e foi embora após o retiro”.

No entanto, entrou no noviciado em 9 de março de 1838 e em 13 de maio⁵⁷⁹ recebe o hábito e o nome de Ir. Avit. É particularmente fervoroso, uma vez que, deixando o noviciado, em 11 de outubro de 1838, pronuncia os três votos de pobreza, castidade e obediência por três anos, enquanto a maioria dos novos Irmãos

⁵⁷⁷ Jean-François Madinier, ver LMC, T. 2, Repertório, p. 352-354.

⁵⁷⁸ Os lugares montanhosos são, muitas vezes, mais alfabetizados.

⁵⁷⁹ Nos seus Annales, o Ir. Avit fala de 14 de maio, mas o registro das vestições indica o 13 de maio (OFM3 p. 94).

pronunciavam os votos apenas após certo número de anos de comunidade⁵⁸⁰. Outro sinal de sua determinação: ele se oferece a partir para a Oceania, missão que os Maristas fundaram em 1836.

Considerado suficientemente instruído, não lhe foi exigido cozinhar em uma escola para aí completar sua formação, mas foi colocado em outubro em Pélussin, nas montanhas do Pilat, para ensinar na classe dos pequenos. Ele reclamou que “seu diretor expôs sua inexperiência e sua piedade ao ridículo diante dos estudantes”. Os mais antigos, muitas vezes, tendem a fazer sofrer a seus inferiores, mesmo que tenham mais conhecimentos do que eles. No entanto, deve satisfazer e permanecer altamente motivado porque em outubro de 1839, pronunciou seus votos perpétuos⁵⁸¹ e foi enviado a Terrenoire, no subúrbio de St. Etienne, “para a primeira classe muito numerosa”. No ano seguinte, ele se encontra em Viriville (Isère) para dar aulas em uma primeira classe de 65 alunos e garantir o estudo de internos que o ocupam de 6h da manhã às 7h da tarde. Ele deve se preparar para o diploma à noite, durante 6 meses, e o receberá em Grenoble em 9 de março de 1840. E como os diplomas são relativamente raros, a partir de maio de 1840 recebeu uma classe superior em Charlieu⁵⁸² (Loire). Enfim, em 15 de agosto, logo após a morte do Fundador, aos 21 anos, ele é nomeado diretor em Saint-Genest-Malifaux (Loire).

Irmão Avit reconhece que ele era muito jovem para executar esta função e, por isso entende que sua direção não era unanimidade na paróquia. Além disso, vítima de uma “calúnia odiosa”⁵⁸³, foi rebaixado para um cargo inferior em Mornant (Rhône) em 1842⁵⁸⁴. Como os alunos são muito indisciplinados na Igreja e na escola, apesar dos esforços do pároco e do Ir. Théophile, diretor, o Ir. Avit nos conta como ele restaurou a ordem rapidamente, após observar a situação nos dois primeiros domingos de sua presença.

“No domingo seguinte, os alunos tiveram que ir à Igreja dois a dois e em silêncio, o que não acontecia por vários anos. Isto chamou a atenção de numerosos espectadores que estavam na praça. O Pe. Vernet, pároco, foi à Igreja com antecedência. Ele viu os alunos entrarem silenciosamente, fazerem uma respeitosa genuflexão diante do altar, e se colocarem em seus bancos com uma ordem perfeita, fazerem o sinal da Cruz, etc.”.

Tendo assim garantida sua autoridade e obtido a confiança do pároco, o Ir. Avit não teve medo de avisá-lo das negligências de seus vigários:

“Um deles, chamado Perrichon, fumava e brincava com seis coroinhas antes de sua missa todas as manhãs. Quatro dessas crianças cantavam sem luz a missa para os mortos que sabiam de cor. Ao mesmo tempo, eles conversavam, brincavam e fa-

⁵⁸⁰ O Ir. Avit situa esta profissão um ano mais tarde, mas o registro dos votos temporários o transfere para o ano de 1838.

⁵⁸¹ Registro dos votos perpétuos OFM 3, p. 278.

⁵⁸² Um pequeno número de escolas de então dispõe de uma classe superior destinada aos alunos mais avançados.

⁵⁸³ Segundo o Ir. Avit, é a vingança de ex-noviços de L’Hermitage nativos de St Genest.

⁵⁸⁴ Ele não é mais o diretor, mas, no entanto, exerce na classe dos maiores, assegurando a função de um Irmão mais antigo na vigilância dos mais jovens, mas sem ensinar.

ziam jogos de adivinhação. O Ir. Avit se sentiu obrigado a avisar o pároco deste transtorno. O Pe. Perrichon recebeu um bom galop⁵⁸⁵ (sic) e guardou rancor⁵⁸⁶.

Ele também deve reprimir as audácias do pároco que entra em sua classe para escolher as crianças do coro, sem sequer fazer caso dele, e que o acusa de querer governar a paróquia em seu lugar. Em outro dia, ele pegou pelo colarinho, um pai de família furioso, que quer bater no Irmão diretor, porque seu filho foi punido. Finalmente o pároco Vernet obtém dos superiores a mudança do Ir. Avit, em setembro 1843, irronizando-o com este louvor: “Siga este Irmão. Ele tem potencial de três homens, mas ainda tem muito a aprender”⁵⁸⁷.

Nomeado para Bougé-Chambalud (Isère) em 1843, onde permaneceu por três anos, ele admitiu que “neste local fez de tudo e adquiriu mais vaidade que virtude”. Ele exerceu a função de cantor na igreja e formou uma quinzena de cantores entre os jovens:

“Ele ensinou alguns duetos que fizeram arregalar os olhos e alongar as orelhas dos paroquianos pouco acostumados com a música. Os paroquianos chamavam isto de ventriloquia. Disseram, portanto, entre si, naqueles dias indo para os ofícios: ‘É um dia de festa hoje, e vão fazer os ventríloquos’. O padre comprara um trombone, o Ir. Avit conseguiu tocá-lo: “Os paroquianos diziam que ele [bournait] ‘buzinava’”⁵⁸⁸.

O Ir. Avit, no entanto, deve lutar contra um comerciante-filósofo que “ia regularmente à missa, mas para ler aí o seu jornal”. O Ir. Avit ainda tem problemas com uma condessa que quer encher um tonel de água próximo da horta que ele cultiva. Ele irá também, na presença de um Irmão e do pároco, dar aulas para as Irmãs que ensinam as meninas em um convento fundado pelo pároco. Embora ele confesse certo gosto pela vaidade, não se aflige em contar suas façanhas e manifesta uma forte tendência a considerar as populações das vilas fáceis de manobrar contanto que se coloque firmeza e tato.

Em outubro de 1846, funda a escola de Mondragon, no vale do Rhône, com dois Irmãos. Padre Rey, pároco, recebe-os muito friamente e exige em seguida que um dos Irmãos exerça a função de subdiácono na Igreja, apesar das regras da congregação. Finalmente o Ir. Avit, devidamente autorizado, encarrega-se desta função. Quanto à escola:

“As duas classes foram abertas em 2 de novembro. Elas tiveram logo 110 a 115 alunos no inverno; uma vintena as deixou durante o verão. Essas crianças eram todas indisciplinadas e era preciso uma grande energia para contê-las. Desde

⁵⁸⁵ Uma forte repreensão. O galop era uma dança antiga com um ritmo muito vivo. O termo é empregado aqui no sentido figurado.

⁵⁸⁶ Ele teria dito ao pároco: “... você se deixa levar, desta maneira, por um bagunceiro de Irmão”...

⁵⁸⁷ *Annales de Mornant*, AFM, 214.56, p. 10-13.

⁵⁸⁸ Em dialeto lionês, um “bourneau” é um tubo de cerâmica que servia para fazer circular a água. O verbo “bourner” significaria por analogia fazer circular o ar nos tubos.

o primeiro dia, o Irmão diretor (ele mesmo) viu as paredes de sua classe cobertas de inscrições a lápis, injuriosas para com os antigos Irmãos e mesmo obscenas. [...] Logo que ele dava os deveres de casa para o dia seguinte, eles começavam o recreio”...

Mas o Ir. Avit tem a última palavra: “Se alguém se mete a cometer alguma falta, vai ter que se haver comigo [...]. As crianças abriram bem grandes os olhos e começaram a trabalhar”.

Não faltam relatos mordazes ou surpreendentes:

“Os habitantes acham o Irmão Avit severo, mas eles admitiram que seus filhos fizeram grandes progressos. Eles trabalhavam com muita energia”. Um deles se aproximou um dia da cadeira do Irmão Avit e disse-lhe: “Se não me der um grande estímulo, a preguiça me invade”. Ele recebeu, portanto, uma grande bofetada e trabalhou vigorosamente por 15 dias”. Uma criança punida, recusando-se a executar seu castigo, o Ir. Avit tem uma explicação tempestuosa para o pai que deve se retirar confuso: “ ‘T’a ébouriffa lou fréro’, disse-lhe na língua provençal”⁵⁸⁹.

Mas, ao mesmo tempo em que era diretor, o Ir. Avit tornou-se visitador das escolas dos Irmãos Maristas nas províncias de St-Paul-Trois-Châteaux (Drôme) e La Bégude (Ardèche). Suas ausências prolongadas forçam-no a deixar algumas tarefas da direção da escola e, em setembro de 1848, foi nomeado Visitador único para todos os cargos do Centro e os do Sul, ou seja, quase todas as escolas dos Irmãos Maristas.

Ele tinha apenas 29 anos, mas já com uma longa experiência como professor. Sua história dá uma boa ideia da realidade da função do mestre de escola no final da primeira metade do século XIX. É realmente necessário usar aqui a palavra “mestre de escola” em vez de “irmão”, porque nem as crianças, nem os párocos e vigários, nem os habitantes parecem ter um grande respeito para esses especuladores da educação. Para os párocos em particular, os Irmãos são sempre um subclero que pode ser tratado casualmente e que são chamados a exercer na igreja as funções tradicionais de cantores, supervisores das crianças ou mesmo de tocadores de sinos. Quanto aos pais, são rápidos para vir grosseiramente pedir contas se eles sentem que seus filhos, inclinados à indisciplina, são maltratados. Em suma, a escola, em sua forma moderna, não se impôs ainda.

Mas, precisamente a atitude do Ir. Avit é sintomática de uma profunda mudança. Munido de um certificado de competência e protegido pelas autoridades locais pela sua associação, em primeiro lugar, à Universidade e, por outro lado, a uma congregação de ensino, ele é uma referência na paróquia. O pároco encontrou nele um parceiro, mas não um servo. Além disso, o Irmão diretor, quando é bom cantor, professor respeitado pela paróquia e bom religioso, pode até fazer sombra à autoridade moral do pároco.

Em torno de 1848, portanto, não são só os professores vermelhos, que denunciam neste momento o Sr. Thiers, político liberal, mas assustado com a revolução, que

⁵⁸⁹ Na língua provençal, o verbo “ébouriffer” significa “estupefato”, “atordoado”. Então é preciso traduzir do francês: “o Irmão o deixou estupefato, o deixou atordoado”.

ameaçam a ordem social; de maneira menos espetacular, mas de forma eficaz, os congreganistas, imbuídos de sua dignidade de professores cristãos, também trabalham para desestabilizar a tradição de uma escola anexa à casa paroquial e à existência justificada principalmente pelo catecismo. Demasiado centrada sobre uma laicização compreendida como anticlericalismo, os historiadores franceses têm procurado documentar esta evolução que tende a criar a escola como polo autônomo - mas não inimiga - da autoridade clerical. Quanto aos párocos, esforçaram-se em conter esta tendência, por exemplo, pedindo aos superiores dos Irmãos a mudança do diretor, ou preferindo professores leigos mais dóceis.

O Ir. Avit atem-se, portanto, a sua nova tarefa de visitador e é fácil acreditar, quando ele diz:

“Tudo estava para ser criado neste trabalho importante: correr durante 11 meses, organizar os concursos dos Irmãos e alunos, a contabilidade dos cargos, os móveis, prestação de contas contábeis, o relatório de cada semestre do ano, escrever por completo os relatórios de visitas, preparar os quadros de composições de novas fundações, as colocações anuais do pessoal, etc., a isto consagrar os dias e uma parte das noites, tal foi durante 7 anos sua vida”.

Abalado por suas corridas e um trabalho excessivo, o Ir. Avit pediu para descansar em 1855 e é enviado a dirigir o pensionato de Digoïn (Saône e Loire), mas ele admite: “foi um remédio pior que a doença”. E ele enumera suas misérias: “dos estudantes que eram preguiçosos, viciados, sem piedade, pouco inteligentes”. Dos pais caloteiros e retirando seus filhos sob diversos pretextos; um médico da casa, “que deixou morrer crianças sem saber de suas doenças”; outro médico que joga os pais contra a casa; “uma madrasta depois de ter batido rudemente em seu filho (que) acusa um dos professores”; um vigário que na Igreja, quer competir com o coro dos Irmãos e impor à sua escola curso de adultos; uma pensão concorrente “que moveu céus e terra para remover os alunos e que foi do agrado das populações vizinhas de Digoïn”; o seminário menor de Semur-en-Auxois onde 4 professores (nativos) de Digoïn passaram todas as férias para atrair os alunos da casa, mesmo os externos, para seus cursos de francês; o pároco cujas missas muito longas irritavam os alunos; os Irmãos pouco capazes ou pouco seguros: “Eram os rouxinóis⁵⁹⁰ da Província”; finalmente “fornecedores locais todos mentirosos e ladrões uns mais do que os outros”⁵⁹¹.

Mesmo se o Ir. Avit exagera, suas observações destacam que as ideias e os costumes do mundo urbano são muito diferentes dos que ele experimentou no mundo rural. Por outro lado, não se trata mais da educação básica, mas do nível intermediário onde há concorrência significativa entre as pensões privadas, colégios e seminários menores. Embora ainda jovem - 36 anos - o Ir. Avit não é mais o jovem triunfante dos anos 1840-1848, mas um homem desiludido e desorientado por acontecimentos políticos e a rápida evolução da sociedade. Finalmente, depois de três

⁵⁹⁰ Esta palavra significa uma mercadoria invendável e, empregada com sentido figurado, uma pessoa que ninguém quer.

⁵⁹¹ *Annales* de Digoïn, AFM 212.16, p. 17-23.

meses e meio passados como diretor em Bourbon-Lancy, ele retomou sua função de visitador na província de Saint Genis-Laval, no final de 1859⁵⁹². Em 25 de agosto de 1876 ele será então eleito assistente da nova província de Bourbonnais.

Em suma, filho de camponês ao mesmo tempo legitimista e bom católico, cultivado por sua época e seu tempo, Henri Bilon encontrou na vida religiosa de educador um destino excepcional que se deve em parte às suas qualidades de homem enérgico e inteligente. Mas, sua carreira de ensino parece conhecer duas fases contraditórias: até 1855 era professor à frente de seu tempo, um cristão devoto e um bom administrador. Esses recursos são aqueles de muitos dos Irmãos de sua geração. Em seguida, parece ser invadido pelo pessimismo, sentimento compartilhado por muitos educadores católicos preocupados ante a irresistível ascensão do mundo novo, que em grande parte contribuíram para acontecer, mas que não reconhecem como deles porque permanecem enraizados em um ideal de sociedade estável e hierárquica.

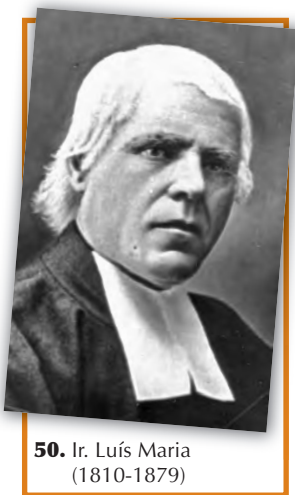
É certamente excessivo afirmar uma contradição entre o *Guia das Escolas*, preocupado ao mesmo tempo com a tradição e a abertura sobre a pedagogia do tempo, e o estado de espírito da geração dos Irmãos na obra dos anos 1840-1860. Pelo menos podemos colocar como hipótese que certo espírito de conquista encontra aí seus limites.

⁵⁹² A província do Centro foi dividida em duas.

13.

O GENERALATO DO IRMÃO LUÍS MARIA (1860-1879)

Dissemos anteriormente que, desde antes de 1860 e, provavelmente, desde o capítulo de 1852, a influência do Irmão Luís Maria tornou-se predominante dentro da liderança do Instituto e muito contribuiu para fazer passar o Instituto do status de comunidade, fracamente estruturado administrativamente, mas unido por uma forte identidade comum e um espírito igualitário, a uma congregação muito hierárquica, definida por uma regra detalhada, mas de coesão interna menos forte. A maior parte do seu generalato será continuar o esforço para a estruturação administrativa e a afirmação de que já não é uma associação de leigos com um status mal definido, mas não bem ainda uma congregação. Portanto, nas páginas que se seguem, muitas vezes tendemos a considerar os anos 1852-1879 como um todo. Também veremos que, se internamente o Ir. Luís Maria se impôs como um chefe quem sabe mais respeitado que amado, no plano externo ele teve sérios contratempos com o Estado e mesmo com a Igreja.



50. Ir. Luís Maria (1810-1879)

Um generalato brilhante e grandioso

Em 19 anos (1860-1879), o Ir. Luís Maria cria uma poderosa rede de casas provinciais e internatos⁵⁹³. O total de escolas passa de 379 a 574⁵⁹⁴. O número de Irmãos duplicou. Essa política de expansão controlada

⁵⁹³ *Vie du F. Louis-Marie*: as casas provinciais de Beaucamps (Nord), L'Hermitage (Loire), St-Paul-trois-Châteaux (Drôme) são ampliadas enquanto a casa geral em Saint-Genis-Laval é concluída e uma casa provincial é inteiramente construída em Aubenas (Ardèche).

C 3, p. 488. Os pensionatos novos são: Lille, Paris, Haubourdin (Nord), Bourg-de-Péage (Drôme), Péage-de-Roussillon (Isère), St-Genis-Laval. Paralelamente são ampliados os pensionatos de Breteuil, Pont-Sainte-Maxence (Oise), La-Côte-Saint-André (Isère), Valbenoite (nos subúrbios de Saint-Étienne), Thizy (Rhône), St-Pourçain-sur-Sioule (Allier), St-Didier-sur-Chalaronne (Ain) e La Clayette (Saône-et-Loire).

⁵⁹⁴ *Abrégé des Annales*, 1877, p. 551.

corresponde profundamente ao sentimento da maioria dos Irmãos que consideram o crescimento numérico como um sinal de eleição divina. O Ir. Silvestre, um dos primeiros discípulos, no final de sua vida escreveu um capítulo inteiro sobre o “Maravilhoso desenvolvimento da Congregação”⁵⁹⁵ e o Ir. Luís Maria confidenciou, mais prosaicamente, ao Ir. Avit: “Se deixamos de criar novos estabelecimentos, os Irmãos acreditarão que nada de novo acontece no instituto e eles se desencorajarão”.

As Regras de governo (1854) dão poderes mais amplos ao superior-geral. Nomeado por toda a vida, ele tem sob seu comando⁵⁹⁶ “a superintendência e a condução geral de todas as casas do Instituto, nomeia os diretores e subdiretores, os visitantes, os mestres das casas de noviçado, os procuradores, os secretários, os ecônomos, os membros dos conselhos”... Em 1862, diretamente ou com a ajuda de seus assistentes ele governa três províncias:

Centro	Seção de L’Hermitage (Loire)	91 casas	541 pessoas
	Seção de Saint-Genis-Laval (Rhône)	106 casas	608 pessoas
Sul	Seção de Saint-Paul-Trois-Châteaux (Drôme)	41 casas	245 pessoas
	Seção de La Bégude	93 casas	488 pessoas
Norte	Seção de Beaucamps (Norte)	52 casas	286 pessoas
	Seção d’Hautefort (Dordogne)		
	Seção de Belgique		

Em 1873 será erigida a Província das Ilhas Britânicas compreendendo a Inglaterra, a Escócia, a Irlanda, a África do Sul e a Oceania.

Na sua função ele teve a ajuda, no começo, de cinco assistentes que “sob a mão do generalato tem todo o movimento de pessoal e a direção próxima de todos os Irmãos”, da província da qual são responsáveis, embora não residindo lá. O procurador Provincial lida com o aspecto material: vestuário dos Irmãos, contabilidade, caixa comum. Nas escolas há um diretor e um vice-diretor. Os estabelecimentos com mais de 8 Irmãos têm um conselho consultivo. Um Secretário-geral dirige a administração.

O sistema é expandido tanto e na medida do aumento do pessoal. O número de assistentes passou de dois em 1839 a três em 1854 e cinco em 1860. O capítulo de 1867 nomeou um sexto assistente e o de 1873 elevou o número para oito, com a criação de um auxiliar técnico encarregado das relações com as autoridades civis, militares e religiosas. O governo central da Congregação possui então por um longo tempo sua forma, e em 1903 são ainda oito assistentes.

As províncias não são autônomas. Em 1854, cada casa provincial tem um Irmão diretor (às vezes nomeado provincial) encarregado de receber os postulantes⁵⁹⁷,

⁵⁹⁵ Frère Sylvestre, *Mémoires* ... p. 77.

⁵⁹⁶ Constituições de 1889.

⁵⁹⁷ Abbé Ponty, *op. cit.*, p. 96-97.

da sua admissão, da administração da casa. Em caso de urgência, ele tem autoridade sobre os Irmãos de sua Província. Em 1846 foi criada a função de visitador especificada por uma circular⁵⁹⁸. Interprovincial durante um tempo⁵⁹⁹, esta função será fundida num dado momento com a do vigário provincial⁶⁰⁰.

Finalmente, há a instituição suprema: o capítulo geral⁶⁰¹. Já vimos que seu modo de eleição se desfaz muito depressa. No primeiro capítulo, em 1839, os professores (92 presentes) são membros de direito. Em 1852, para ser elegível para o capítulo, deve ser um “antigo” ou um professo com responsabilidade: para 337 professores eleitores há 69 elegíveis e 30 eleitos. A criação do voto de estabilidade pelo capítulo consagra este sistema para o pequeno número de elegíveis mesmo se todos os professores são eleitores⁶⁰².

DATA DO CAPÍTULO	NÚMERO DE ELEGÍVEIS	ESTÁVEIS ELEITOS	NÚMERO DE PROFESSOS POR ELEITO
1852	Dos “antigos”		13
1860	30 a 40 estáveis	Não houve eleição	
1863	48	33	27
1867	59	33	30
1873	59	33	36
1880	76	36	?

Em suma, o capítulo é mais semelhante a um Senado, em vez de uma Câmara de deputados. Esse sistema é bem explicado por se tratar do tempo em que Pio IX, antes liberal, orienta a Igreja para uma recusa do mundo moderno, enquanto na sociedade civil o espírito democrático avança a passos largos.

A política de expansão da Congregação exige recursos financeiros significativos. Seus recursos vêm em grande parte de escolas onde se pratica estrita economia. Como, depois de 1833 os professores públicos recebem remuneração,

⁵⁹⁸ C1, p. 118-121 e *Abrégé des Annales*, p. 333-335.

⁵⁹⁹ Atas Capitulares de 1876, p. 88; C 5, p. 380-383; *Abrégé des Annales* (1876). É sob a pressão de Roma que os superiores modificam a organização das províncias a fim de lhes dar mais autonomia aparente. Em particular, o Ir. Vigário provincial exercerá ao mesmo tempo as funções de visitador e de ajuda ao assistente. De acordo com o Ir. Avit, em 1883 é que foi estabelecida a função de visitador.

A responsabilidade da casa provincial e as visitas às comunidades tornando-se contraditórias serão distinguidas: o vigário provincial se encarregará do acompanhamento da província enquanto o diretor da casa provincial se contentará em governar este estabelecimento.

⁶⁰⁰ Uma instituição parece ter funcionado mal: estes são os distritos, criados em 1854; agrupando seis casas no máximo, elas foram acompanhadas por um Irmão estável. Caídos em desuso, eles são recriados em 1875, porém sem grande sucesso. Ver C1, p. 47,77; C 5, p. 257.

⁶⁰¹ C13, p. 515, neste diretório, são indicadas todas as informações úteis para os capítulos gerais.

⁶⁰² *Abrégé des Annales* (1855); Constituições de 1889: C 2, p. 403.

modesta, mas regular, o Instituto procura ocupar o máximo as escolas municipais. Enquanto não há nenhum investimento significativo, o caixa geral é em grande parte beneficiado. Assim, em 1853, as instituições fornecem 103 563 F.⁶⁰³ e as pensões dos postulantes proporcionam 36 525 F. Em face disso, as maiores despesas operacionais são por conta do vestuário dos Irmãos (33 533 F. em 1853).

Mas, quando se trata de investir, o orçamento é completamente desequilibrado. Este é o caso, em 1853, da aquisição da propriedade de Saint Genis-Laval. O resumo das contas deste ano indica: 373 509 F. de despesas, dos quais 241 727 são para a aquisição da nova propriedade, contra 140 088 F. de receitas. O caixa está “quase seco” (Ir. Avit). Para cobrir essas despesas, dois meios: maior economia⁶⁰⁴ e convite aos Irmãos para emprestar seus bens patrimoniais (suas heranças). Mas essas medidas não são suficientes: em 1856, a Congregação tomou um empréstimo de 100.000 F. E em 1860 foi preciso fazer um novo apelo para novas economias. Em seguida, haverá uma lista de adesão para a construção da capela de St Genis, outra para o internato em Paris. Apesar destes expedientes, em 1869, o Superior-geral reconhece um passivo de 500.000 francos⁶⁰⁵.

Esta política aventureira gera relutância entre os Irmãos, que o superior-geral se esforça para acalmar⁶⁰⁶:

“Os Irmãos que têm um bom espírito, o verdadeiro espírito de família, veem com alegria, tudo que é feito para garantir e regularizar a dimensão temporal da congregação. Eles não ficam nada surpresos, nem ficam se queixando, quando são feitos os apelos ao seu zelo e à sua dedicação”...

Dívidas e recriminações não impedem o Ir. Luís Maria de retornar a novo começo. Aquisições de terrenos são retomadas e os projetos de construção de um noviciado em Aubenas (Ardèche), depois a casa provincial a St-Paul-Trois-Châteaux... A guerra de 1870 perturba algum tempo as finanças. Em 1872 um novo convite a uma mais estrita economia é feito, porque “mais do que nunca nossos encargos financeiros se tornaram pesados e constrangedores”, seguido em 1873 de um “esforço supremo para extinguir a dívida e cobrir um empréstimo de 300.000 F. cujo vencimento é em 11 de dezembro de 1875⁶⁰⁷”.

A todas as soluções convencionais se juntaram pela primeira vez, “os lucros da venda dos dois produtos dos quais temos tolerado a exploração momentânea, precisamente com o objetivo de extinguir as nossas dívidas”. É o Arquebuse de L’Hermitage, licor medicinal e o Bifosfato de cal, vendido em farmácia como substância restauradora. Mais tarde, o Ir. Avit vai se maravilhar com eles:

“Os desígnios da providência são muitos admiráveis. Ninguém teria suspeitado antes de 1862 que ela usaria do Ir. Emmanuel (inventor) para dotar o Instituto de

⁶⁰³ Abrégé des Annales (1853).

⁶⁰⁴ C 2, p. 186-188.

⁶⁰⁵ Circ. de 2/2/ 1869.

⁶⁰⁶ C 3, p. 367, 461, 489, 490; C 4, p. 336.

⁶⁰⁷ C 4, p. 54-59, 318, 320, 322, 335, 339; C 5, p. 227.

*uma descoberta que o ajuda tão poderosamente hoje... falamos da Água de Arquebuse... Temos de dizer a mesma coisa do fosfato e do Ir. Amable que conseguiu compô-lo pouco a pouco*⁶⁰⁸”.

Essa atividade industrial e comercial, teoricamente provisória, não pode durar muito, porque as dívidas dificilmente estão encolhendo e centenas de escolas dos Irmãos constituem uma rede comercial eficaz. Além do mais, a congregação não carece de inventores, bricoleiros, mecânicos que oferecem aos superiores o desenvolvimento de invenções mais ou menos úteis. Finalmente, os Irmãos encarregados de pedir ajuda para os pobres, devidamente recomendados pelo Bispo, fizeram um apelo amplo à generosidade pública.

Na morte do Ir. Luís Maria, em 9 de dezembro de 1879, as dívidas estão longe de ser extintas porque exatamente um ano antes, em 8 de dezembro de 1878, o Instituto ainda fez um empréstimo de 500.000 francos do Crédito Foncier. O montante da dívida encontra-se entre os 2.500.000 F. e 1.700.000 F. É preocupante, mas em menos de vinte anos, os bens móveis e imóveis da Congregação cresceram drasticamente: em 1860, eles montam a 1.200.000 F. Em 1876, seu valor subiu para mais de 6.700.000 F., incluindo um pouco mais de 1 milhão que são ainda devidos⁶⁰⁹.

Face à política anticongreganista

A queda do Império em 4 de setembro de 1870 e os transtornos que ela engendrou, a guerra e a Comuna parecem novamente ameaçar a ordem social e religiosa.

O evento surpreendeu o Ir. Luís Maria em visita à escola de Charolles porque, por causa da guerra, os Irmãos não conseguiram encontrar-se para os retiros, os Irmãos diretores são reunidos em alguns locais para receber a orientação dos superiores e enviar seus recursos⁶¹⁰. Quando o superior-geral e seu assistente, o Ir. Avit, voltam a St Genis Laval, eles levam consigo 30.000 F. É o dia 8 de setembro e Lyon está em revolução. O transporte público, estando desorganizado, eles se encaminham a pé até St-Genis, mas são parados no caminho, ameaçados de serem presos e finalmente escoltados até Saint Genis-Laval.

Em 1871, os Irmãos são afetados pela Comuna em dois outros pontos⁶¹¹: em Paris e em L’Hermitage porque, o prefeito de Loire sendo assassinado, “os bandidos de Saint-Etienne e Saint Chamond” teriam projetado uma “visita” aos Irmãos. Estes fazem os preparativos para a defesa: uma dúzia deles está armado de estilete. Os

⁶⁰⁸ C13, p. 461. Os primeiros ensaios tiveram lugar em 1858; C13, p. 467; o biofosfato teria sido encontrado em 1871.

⁶⁰⁹ *Abrégé des Annales* (1880); Atas Capitulares de 1883.

⁶¹⁰ *Ibid*, 1870.

⁶¹¹ *Vie du F. Louis-Marie*, p. 180. Em Paris, um só Irmão (o Ir. Kilianus) foi preso. Durante a guerra de 70, sob o governo da Defesa Nacional, a casa-mãe de Saint-Genis-Laval foi requisitada para alojar a guarda móvel. Estes saquearam a propriedade (C 3, p. 538). O prefeito Challemeil-Lacour tratou duramente os congreganistas. Para os acontecimentos em L’Hermitage, ver *Abrégé des Annales* (1872).

outros fazem provisão de pedras, para jogar pela janela. Crescem mesmo as precauções até munir os Irmãos de roupas civis; como de costume não acontece nada, mas o alerta impressiona fortemente os Irmãos.

O Ir. Luís Maria pode estar talvez mais preocupado, pois ele tem mostrado sinais de lealdade para com o Império⁶¹². Quando a imperatriz e o príncipe imperial viajaram para Saint-Genis-Laval em 25 de agosto de 1869, para visitar o hospital Sainte-Eugènie, do qual imperatriz é fundadora, “toda a Comunidade da Casa-mãe foi ao encontro de sua Majestade para cumprimentá-la...” Outra manifestação de lealdade: a refeição do cantão de St-Genis-Laval com os Irmãos na presença do prefeito de Rhône⁶¹³. Alguns anos mais tarde, os republicanos de St-Genis-Laval farão pagar por este compromisso intempestivo⁶¹⁴.

Enquanto isso, o Ir. Luís Maria acreditava encontrar na Ordem Moral, muito conservadora (1873-1877), um regime de acordo com seu coração. Ele teve a chance de ver mais uma vez o colapso do tipo de regime que ele aprecia, mas sua morte, em 1879, poupa-o do ataque republicano em toda a sua extensão.

No entanto, antes de 1870, o Ir. Luís Maria teve que lidar com dois problemas, que se tornarão para os seus sucessores as principais dificuldades para gerenciar. O primeiro vem da mudança de atitude do governo imperial de 1860, inspirados pelo Ministro Rouland, que visa proteger os professores leigos contra as investidas das congregações:

“Hoje que os professores... são dedicados ao imperador... se estaria muito enfraquecido, do ponto de vista do sufrágio universal, se todos os educadores primários pasassem às mãos das congregações que dependem mais de Roma do que da França”⁶¹⁵.

Também, a partir de 1861, a administração considera que as câmaras municipais têm voz consultiva na nomeação dos professores municipais e que o prefeito não deveria concedê-la aos congreganistas a não ser em caso de “deliberações livres e sinceras”. Os mesmos prefeitos são convidados por Rouland a aproveitar das trocas de professores dos congreganistas para provocar um voto das câmaras municipais em favor da secularização da escola. Além disso, os membros das congregações ensinantes, mesmo os assistentes, devem ser nomeados pelo prefeito. Um pouco mais tarde, a lei Duruy (29 de março de 1867) autoriza os municípios a criar as escolas gratuitas. Portanto, as congregações anteriormente favorecidas, porque beneficiadas pelas fundações, perdem essa vantagem⁶¹⁶. Assim, em St-Pierre-du-Champ (Haute-Loire), o Estado impede que os Irmãos Maristas se tornem professores públicos apesar do desejo da população⁶¹⁷.

⁶¹² Abrégé des Annales. 1858.

⁶¹³ Tais manifestações são também motivadas por razões utilitárias. Assim, em 1869 os Irmãos fazem as tratativas para obter da administração o direito de possuir um cemitério privado em St-Genis-Laval. *Vie du F. Louis-Marie*, p. 163; C 4, p. 510, 512.

⁶¹⁴ Abrégé des Annales de 1877.

⁶¹⁵ J. MAURAIN, p. 581.

⁶¹⁶ *Ibid*, p. 773.

⁶¹⁷ Maritain, J. *La politique ecclésiastique du 2nd Empire de 1852 à 1869*, Paris, 1930, p. 581.

Outra consequência prática da nova política liderada por Rouland é o medo dos escândalos, porque, se até então o governo deixou aos superiores aplicarem as sanções adequadas aos congreganistas faltosos, a partir de 1860 são tratados como professores leigos. De 1855 a 1860, as punições disciplinares, revogações e condenações judiciais diziam respeito quase exclusivamente aos professores leigos, enquanto que, após 1860, a proporção de congreganistas condenados elevou-se abruptamente. Mais grave, “a divulgação destes julgamentos tornou-se um dos principais títulos do *Siècle*, de *l’Opinion Nationale* e dos jornais republicanos das províncias⁶¹⁸”.

Portanto, não é uma coincidência se, a partir destes anos, o Ir. Luís Maria retorna constantemente sobre a necessidade de estar vigilante ao se lidar com crianças, a fim de evitar os escândalos:

“Que ninguém se permita, em nenhuma casa ou sob qualquer pretexto, a maltratar as crianças e a batê-las. Que se evite ter com elas a menor familiaridade... Cuidem, cuidem todos, é de supremo interesse para nós, para a Religião, para todo o Instituto”.

Essas circunstâncias políticas reduzem, e muito, a expansão da Congregação que, tendo fundado em média 20 escolas por ano entre 1850 e 1860, não poderá criar mais que seis em média de 1861 a 1869. Isso, para não mencionar o fechamento de escolas, cujos números não são conhecidos em detalhe.

No entanto, a política do governo imperial é apenas uma das causas desta parada: o Instituto, após vários anos de crescimento vertiginoso, precisa retomar seu alento e consolidar suas fundações. Então, durante esse período de estagnação no número de escolas, o Ir. Luís Maria fez um grande esforço para o estabelecimento de internatos que absorvem um numeroso pessoal. E então, sobre as causas dos fechamentos das escolas, o Ir. Avit diz que elas são devidas “às paixões políticas”, “ao triunfo dos maçons franceses e a sua ânsia de laicizar”; e cuida de adicionar duas outras causas materiais: “a falta de recursos ou desânimo em algumas localidades” bem como “a necessidade de aumentar as remunerações⁶¹⁹”.

Em 1851, a autorização legal da Congregação resolveu o problema do serviço militar: os Irmãos, independentemente de seu trabalho, com contrato de compromisso de dez anos (estar 10 anos a serviço da educação) estão isentos do serviço militar. A partir de 1863, o governo põe dificuldades para os compromissos de dez anos e, em 14 de fevereiro de 1866, em uma circular aos reitores, o ministro Duruy decide que os congreganistas não podem se beneficiar da isenção a não ser servindo à educação pública, o que exclui da isenção os Irmãos trabalhando em escolas privadas ou em trabalhos manuais. Finalmente, em 1º de fevereiro de 1868, uma lei cria a guarda nacional móvel que ameaça alguns Irmãos de incorporação. Durante a guerra de 1870, a lei de 10 de agosto que chama para as forças armadas “todos os celibatários, não casados ou viúvos sem filhos de 25 a 35 anos, não mencionados nos controles da guarda móvel”, envolve certo número de Irmãos⁶²⁰.

⁶¹⁸ Maritain, J. Chapitre X, p. 210: “Rouland, *l’Instruction Publique et les congrégations*” e Ch, Cap. XVIII, p. 540.

⁶¹⁹ *Abrégé des Annales* (1879).

⁶²⁰ C 3, p. 141.

Com o governo da Defesa Nacional, tudo parece perdido, porque o artigo 1º do Decreto de 29 de setembro de 1870 prevê a mobilização de todos os franceses de 21 a 40 anos. Mas o Ir. Luís Maria, acompanhado do Ir. Philtère, das Escolas Cristãs, foi para Tours e obteve um decreto isentando os congreganistas deste serviço. Por meio de todas essas intervenções, parece que nenhum Pequeno Irmão de Maria tenha sido mobilizado⁶²¹, e a paz voltou, desaparecendo o assédio para o serviço militar.

Ao todo, o Ir. Luís Maria foi capaz de desfrutar notavelmente da situação econômica e, apesar das medidas restritivas e até mesmo de tremores graves, a situação política permaneceu favorável. No entanto, pouco antes de sua morte em 1879, os adversários republicanos, tão irredutíveis, conquistaram o poder e as leis laicas estão em preparação. Portanto, com o Ir. Luís Maria morre em 1879 toda uma época da congregação: aquela de uma expansão menos vertiginosa, porém mais ordenada do que antes.

A questão da autoridade: centralização ou descentralização

Apesar de sua grande habilidade, o Irmão Luís Maria não sabe nem deseja resolver dois problemas relacionados: descentralização do Instituto e aprovação canônica definitiva das constituições. É verdade que, eleito superior pelos Irmãos em 1825, reconhecido como tal pela diocese de Lyon e, em seguida, pelo Pe. Colin, o Padre Champagnat foi um superior com forte carisma centrado sobre L'Hermitage. Sob o Ir. Francisco, põe-se concretamente o problema de uma descentralização porque, desde 1841, Pe. Mazelier, superior dos Irmãos de St-Paul-Trois-Châteaux propôs um governo marcadamente descentralizado, dividido em províncias. Em L'Hermitage pensa-se completamente diferente:

“Parece que o interesse da Congregação unida demanda que o Superior-geral e o Ir. Diretor-Geral possam dispor de membros de todas as províncias, exceto com a obrigação de fazer em cada diocese os estabelecimentos na proporção das pessoas que entrarão na sociedade”.

Finalmente, cada parte aceita um compromisso: os superiores disporão do pessoal de todas as províncias, mas “o Ir. Diretor provincial governará sua província, fará o envio e as mudanças dos Irmãos, inspecionará as escolas, exceto o poder do Superior-Geral e do Ir. Diretor-Geral que permanecerá total e completo”. Saint Paul-Trois-Châteaux tornar-se-á, portanto, uma província, mas controlada por L'Hermitage. O cenário será o mesmo quando da fusão com os Irmãos de Viviers, em 1844.

Padre Mazelier apresenta a questão na ordem do dia do capítulo de 1852. Lembrou, em uma carta, o seu desejo de “que cada província do instituto fosse dirigida e governada por um provincial residente em sua província e tendo a tarefa e o

⁶²¹ *Vie du F. Louis-Marie*, p. 141; C 3, p. 153-4.

poder de fazer os envios e as mudanças dos Irmãos, de inspecionar as escolas etc.” como tinha sido acordado 12 anos antes⁶²². O Ir. Luís Maria⁶²³ respondeu-lhe, em nome do capítulo, que a cláusula é respeitada porque cada assistente é encarregado de uma província para governá-la. O fato de não residir aí habitualmente é um benefício:

“Como membro do conselho do superior-geral, inspira-se diretamente de seus pensamentos e opiniões, o que colocará mais unidade no governo”.

Na verdade, a composição do capítulo reforçou esta posição centralizadora, porque a Província de L’Hermitage tem 18 capitulares enquanto St-Paul e Viviers não têm cada uma senão 5 capitulares. Quanto à pequena Província do Norte, filha de L’Hermitage, tem dois capitulares⁶²⁴. Mas, pode-se perguntar se, sobre esta questão, as pequenas províncias não fizeram oposição comum contra L’Hermitage pois que: “uma dúzia de membros do capítulo (sobre 33) pediu o governo provincial para todo o Instituto, como Padre Mazelier reivindicava para a Província de St-Paul⁶²⁵”.

Uma das razões que levam os superiores a querer a centralização é a conta de consciência, uma vez que o capítulo 4 das Regras comuns o concebeu assim:

“os Irmãos dirigir-se-ão com confiança ao superior como ao seu pai e, a fim de serem assistidos eficazmente, eles lhe descobrirão inteiramente as profundezas de sua alma, isto é, suas inclinações boas ou más, suas falhas, suas tentações, obstáculos que eles encontram na prática das virtudes, em uma palavra todo mal e todo o bem que está neles”.

É uma prática problemática porque é um tipo de confissão, mas os superiores julgam indispensável preservar o papel de pai e mestre espiritual. Ao fazê-lo, eles pretendem tomar por modelo os Irmãos das Escolas Cristãs e dos Jesuítas. Mas eles também se inscrevem na tradição dos Padres do deserto e de L’Hermitage nas origens, quando a função de superior era exercida por sacerdotes e, em particular, por Champagnat. Fazendo assim, e apesar de leigos, eles tendiam atribuir-se ao mesmo tempo poder canônico e autoridade carismática.

Roma: uma pedra de tropeço

Em 1857, os Irmãos Maristas montaram seu processo para obter o reconhecimento canônico⁶²⁶. Em 11 de fevereiro de 1858, o Ir. Francisco e seu primeiro assistente, o Ir. Luís Maria, chegaram a Roma com a intenção de ser aprovado pela Congregação da Propaganda, como subordinada aos Padres Maristas, porque a

⁶²² Abbé Ponty, *Vie du F. François*, p. 95-96.

⁶²³ *Abrégé des Annales*, 1854.

⁶²⁴ C 2, p. 114-115.

⁶²⁵ Sobre esta questão da centralização, ver *Circulaires*, T. 1, p. 488-492, 517, 520, 522, 539.

⁶²⁶ C 2, p. 506-511; o texto da súplica e os 20 artigos fundamentais das constituições estão na *Vie du F. Louis-Marie*, cap. 10, p. 185. Ver também as atas capitulares de 1863.

aprovação seria mais rápida que na congregação dos Bispos e Regulares, e o Cardeal Barnabo, prefeito da Propaganda, parecia favorável a essa abordagem⁶²⁷. Mas o Papa Pio IX, que recebeu os superiores em 28 de fevereiro e em 15 de abril decide que seu processo cabe à congregação dos Bispos e Regulares. E Dom Bizzari, secretário dessa congregação, avisa que isto será longo. Assim, em 21 de agosto, o Ir. Francisco deixou Roma sem obter nada.

Em 9 de dezembro de 1859, a Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares entregou aos Pequenos Irmãos de Maria um decreto de louvor que constitui a primeira fase da sua aprovação⁶²⁸. Mas, é acompanhado por Reprovações que derrubam toda a organização da autoridade no Instituto. Seu autor, o Bispo de Chaillot, redator do *"Analecta Juris Pontificii"*⁶²⁹ e notório ultramontanhês, critica duramente as constituições:⁶³⁰

"O governo do Instituto parece demasiado absoluto, e quem sabe pode degenerar em despotismo". "Quando se examina melhor se o superior-geral de um Instituto religioso de não sacerdotes deve ser nomeado vitalício ou somente por 12 anos, com a defesa da reeleição sem um indulto apostólico".

O artigo 3 acha demasiada a autoridade dos assistentes, que devem ser confirmados cada vez pelo Capítulo geral e não permanecer no comando, enquanto o superior-geral está vivo. Sobretudo, o artigo 4 é severo:

"Observo uma coisa peculiar e pode ser sem precedentes. Os assistentes, embora obrigados a permanecer perto do geral, cada um tem uma província com um noviciado com o qual eles se ocupam sem aí residir [...] parece-me oportuno criar reais provinciais residentes para acompanhar seu próprio noviciado, nomear os superiores locais, colocar os Irmãos nas escolas, etc... reservando a nomeação destes provinciais ao capítulo geral com a faculdade de confirmá-los se o fizerem bem".

Como consequência, o Arcebispo de Lyon, Dom de Bonald, e o superior-geral da Sociedade de Maria, Pe. Favre, são responsáveis por rever e corrigir as constituições "tendo sob os olhos as observações" antes de submeter este novo texto ao capítulo geral dos Irmãos, presidido desta vez pelo Pe. Favre e, em seguida, enviá-lo para a Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares.

Esta severidade em parte justifica-se por uma carta do Ir. Marie-Jubin, futuro diretor provincial da casa de St-Genis-Laval, que, em 22 de fevereiro de 1858, denunciou a Roma, por meio do Arcebispo de Lyon, as condições em que as Constituições foram elaboradas⁶³¹: capítulo reunido às pressas e membros mal preparados para sua tarefa, o voto de estabilidade não de acordo com a tradição; artigos fundamentais das Constituições não discutidos... "Estas são, Monsenhor, os

⁶²⁷ Abade Ponty, *op. cit.*, p. 188-205.

⁶²⁸ Ver o texto reescrito na *Vie du F. Louis-Marie*, p. 190.

⁶²⁹ O *Dictionnaire de biographie française* apresenta-o como um ultramontanhês notório. Consultor na Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, apoiado pelo prefeito, Dom Bizzari, ele gozava de um poder oculto considerável; os prefeitos franceses o temiam e o governo se opunha sem exasperação.

⁶³⁰ A. F. M. Registros capitulares: capítulo de 1860.

⁶³¹ A.F.M. Registre des projets de constitutions, 1, p. 95-98.

comentários que já ouvi falar muitas vezes por vários Irmãos, até mesmo dos primeiros”, conclui o Ir. Marie-Jubin⁶³².

Críticas vieram também ao lado dos Padres Maristas que ainda exercem sobre os Irmãos uma grande autoridade moral. Garantindo a capelania das casas provinciais e dos noviciados, eles se queixam sobre a direção espiritual dos superiores dos Irmãos que interfere na sua função de confessores. O Pe. Favre, superior-geral dos Padres Maristas, pede, portanto, ao Pe. Nicolet⁶³³, seu procurador em Roma, para intervir junto ao Tribunal Eclesiástico em Roma porque “eu acho que na França nós vamos demasiado longe, pelo menos em algumas comunidades”. E, além disso, ele acrescenta: “Não diga nada aos Irmãos que são muito susceptíveis a este respeito”.

Por todas essas razões, em 16 de fevereiro de 1859, o Arcebispo de Lyon, Dom de Bonald, envia a Roma uma carta severa⁶³⁴:

“... Estes religiosos (Irmãos Maristas) [...] dirigem escolas com grande sucesso. Mas [...] falta-lhes, no noviciado e na sociedade, uma boa direção. Os superiores desta congregação, sendo simples Irmãos, não têm nem suficiente formação nem suficiente autoridade para dirigir os noviços, fazer conhecer corretamente os deveres da vida religiosa, a compreensão dos votos e manter todos em obediência e submissão.

[...] Portanto, parece-me, necessário que os Irmãos Maristas estejam, como anteriormente, sob a autoridade dos Padres. [...] Submetendo os Irmãos aos Padres, a Sagrada Congregação consolidará o Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria e lhe arranjará uma direção e uma instrução que eles precisam...”

Finalmente, em 21 de agosto de 1858, o Pe. Nicolet afirma que os Irmãos “devem ‘colocar os pingos nos is’ de suas constituições” e acrescenta:

“Vejo que querem considerá-los como uma afiliação aos Padres Maristas. [...] Então, não vamos deixá-los realizar seu capítulo geral, seja para a eleição dos superiores ou de outras circunstâncias, sem que um delegado do bispo ou o superior dos Padres Maristas esteja presente; [...] Que faremos então por eles? Eu não sei. Tudo que sei é que isto os amarrará. De tal forma que eles vão ter dificuldade para perturbar mais tarde”.

Um capítulo, portanto, deve fazer as novas Constituições. O Ir. Luís Maria, eleito em 1860 vigário do Ir. Francisco e de fato superior-geral, tenta modificar este procedimento. Em 7 de fevereiro de 1862 ele foi a Roma⁶³⁵, mas não obtém nada e retorna com instruções claras: convocar o capítulo geral para revisar as Constituições “tendo em maior consideração possível as reprováveis”.

⁶³² É o Ir. Luís Maria, mais que o Ir. Francisco, que é visado e é ele que argumenta junto ao arcebispo de Lyon: o voto de estabilidade foi introduzido “a partir do poderoso exemplo da Companhia de Jesus” e o capítulo gastou “mais de uma centena de sessões gerais em três anos consecutivos” para examinar as constituições.

⁶³³ A.F.M. *Lettre du P. Favre au P. Nicolet, Lyon le 27/02/1858*. Extrato de um exemplo de fotocópia tirada dos arquivos dos Padres Maristas e arquivada nos A.F.M.

⁶³⁴ A.F.M. *Registre des projets de constitutions*, 1.

⁶³⁵ A.F.M. *Ibid*, p. 147.

O capítulo realiza sessões de 22 de abril a 25 de abril de 1862, sob a direção do Pe. Favre, superior dos Padres Maristas, a quem os Irmãos reservam uma recepção morna. A assembleia segue o projeto em 72 artigos preparados pelo Ir. Luís Maria e retoma a tese do superior-geral eleito vitalício. Da mesma forma, ele recusou um governo provincial que minaria a unidade da Congregação, porque em um corpo muito disperso e com poucos homens capazes é preciso “uma autoridade muito forte e muito paternal, paternal porque forte”. No final do capítulo, o Pe. Favre sente a necessidade de se justificar:

“Sua delegação, no pensamento de Roma, foi bastante benevolente e tinha a intenção de acelerar a conclusão da nossa questão e torná-la tão favorável quanto possível”.

Dizendo “que sua missão tinha acabado”, ele descarta a possibilidade de um controle permanente dos Padres Maristas, mas o murmúrio correu entre eles de “que Pe. Favre teria sido muito magoado pela conduta do Capítulo geral a seu respeito”. Em 5 de maio, o Ir. Luís Maria voltou para Roma. Muito mal recebido pelo Bispo Chaillot⁶³⁶ ele envolve, sem sucesso, personalidades eclesíásticas influentes.

Ninguém está disposto a ceder: o Bispo Bizzari acusa os superiores de quererem poder demais “e depois de tudo (disse ele) não devem esquecer que eles são somente leigos”. Por sua vez, o Ir. Luís Maria se declara “muito determinado em nada ceder para o superior vitalício, o voto de pobreza e os provinciais”. Em 6 de julho, o superior-geral retorna à França. Seu assistente, o Ir. Euthymius, permanece até o dia 7 de setembro, sem sucesso.

O fracasso é ainda mais amargo porque a Congregação se encontra em um mau momento. O Ir. Luís Maria, em suas cartas escritas de Roma, refere-se ao “trabalho de purificação que ocorre”. Mais adiante ele declara: “o movimento foi dado, vamos tirar tudo o que é podre ou fortemente estragado ou demasiado insalubre. Os novos expulsos não são apenas estes⁶³⁷”.

A crise interna que revela o Ir. Avit durante o capítulo de 1852-54, portanto, não é resolvida. Além disso, o caso da conta de consciência se agravou. Em 1861, o capelão da casa de Beaucamps (Norte) teve de ser retirado pelo Pe. Favre por causa de seu conflito com o Irmão diretor. Mas o Pe. Favre, se ele cede sobre o caso concreto, não o faz sem um questionamento em nível de princípios⁶³⁸: cabe aos capelães, e não aos Irmãos diretores, normatizar a prática do culto; receber os Irmãos em direção; admitir para a primeira comunhão. Quanto aos Irmãos, cabe ao capelão “fazer a direção espiritual propriamente dita, que é um apêndice da confissão”; “de julgar no foro interno da vocação e do chamado aos votos, sobretudo ao da castidade”; “receber e especialmente exigir uma abertura de coração sobre as faltas secretas, tal que equivale a uma confissão”. E ele concluiu: “quando as coisas chegaram a este ponto, há apenas uma coisa a fazer para ter a paz, é de se separar”. É a “expressão de uma decisão tomada em conselho com unanimi-

⁶³⁶ A.F.M. Dossier 354-1-3: *démarches du R.F. Louis-Marie à Rome*, em maio de 1862.

⁶³⁷ A.F.M. Registro do projeto das constituições, 1, p. 147 bis, 190.

⁶³⁸ Carta de 6 de outubro de 1861, Lyon, fotocópias arquivadas nos A.F.M.

dade” e uma segunda separação com os Padres Maristas, mas num espírito totalmente diferente do que a primeira.

Felizmente, em 9 de janeiro de 1863, o Instituto obtém um decreto de aprovação das Constituições por 5 anos. Mas este é muito claro: as constituições aprovadas são aquelas de Dom Chaillot em um corpo de 69 itens, e não aquelas do capítulo de 1862. Entre os dois textos existem diferenças fundamentais⁶³⁹:

CONSTITUIÇÕES DE 1862 PROPOSTAS PELO CAPÍTULO EM 72 ARTIGOS	CONSTITUIÇÕES CONFIRMADAS POR ROMA COM 69 ARTIGOS
Superior-geral vitalício.	Superior-geral eleito por 12 anos.
Assistentes eleitos por 10 anos.	Assistentes eleitos para 4 anos.
Capítulo geral composto pelo governo geral e de 33 Irmãos delegados das províncias escolhidos pelos professores entre os Irmãos com 4 votos (os estáveis).	Idem
Capítulo geral a cada 10 anos.	Capítulo geral a cada 4 anos.
O Irmão visitador visita a Província; o Ir. Assistente a governa.	O Irmão Vigário provincial governa a província.
O voto de obediência (temporário) é feito ao superior-geral e a seus representantes.	O voto de obediência é feito à Santa Sé, ao superior-geral e a seus representantes.
Dois anos de noviciado dos quais um no noviciado, outro numa escola.	Dois anos de noviciado na casa do noviciado.
O conselho de admissão aos votos formado por 6 Irmãos nomeados pelo superior-geral.	O próprio conselho presidido pelo Vigário provincial.

É Dom Parisis, Bispo de Arras⁶⁴⁰ e ultramontanhês notório, que tira da questão os superiores estabelecendo um casuismo sutil: se certos pontos dessas Constituições são reconhecidos como impossíveis de praticar, pode-se “suspender a prova prática” com toda segurança de consciência e sem falta de respeito à Santa Sé. E de fato, os superiores argumentaram que estas Constituições são opostas às da autorização civil obtida, em boa parte, graças a Dom Parisis em 1851, e que eles temem sérios problemas com o governo.

⁶³⁹ A.F.M. dossier 355-2 “*Constitutions des Petits Frères de Marie : Historique*”, 12 páginas datilografadas pelo Ir. Michel Fatisson, Roma, 1965. Ver também C. 3, p. 494-5 e *Vie du F. Louis-Marie*, p. 193.

⁶⁴⁰ *Vie du F. Louis-Marie*, p. 194; Atas capitulares, 1863.

O perigo não é ilusório, porque estamos na época da questão romana: Pio IX recusa a unidade italiana, que lhe tirou a posse dos seus Estados, e o governo francês, que não pode perder o apoio de católicos, deve manter tropas em Roma para defender o poder temporal contra o governo e a opinião dos italianos que consideram Roma como sua capital. As relações entre o papado e a França são, portanto, difíceis e, com ou sem razão, os superiores temem que o governo retire sua autorização em represália à intransigência romana.

No capítulo de 20 de julho de 1863, o superior-geral lê o decreto, mas o acompanha da opinião de Dom Parisis ao que está associado Dom de Bonald, Arcebispo de Lyon. Obviamente, o capítulo segue a tese do Ir. Luís Maria. E, para evitar problemas, é solicitado aos capitulares discutir a aprovação do Instituto “sem entrar em detalhes das Constituições que são dadas ou propostas como teste por 5 anos”. As Constituições da Santa Sé, portanto, permanecem ocultas. “No entanto - disse um relatório anônimo - alguns Irmãos, dois ou três, foram capazes de tomar subrepticamente cópias. Isto é o que aconteceu com o autor deste escrito, em 1867, isto é, quatro anos depois⁶⁴¹”.

A cada novo capítulo, a questão das Constituições retornará. No de 1867-68, foram lidas, com pesar, as constituições escondidas, e o superior-geral, tendo estabelecido a distinção entre ensaio de exame (o que é feito) e ensaio prático (o alegado impossível), permaneceu-se aí. O Ir. Marie-Jubin, diretor provincial, e o Ir. Placide, visitador, que parecem ter protestado, são, nos anos seguintes, demitidos de seus trabalhos. O capítulo de 1873 ainda está cheio de confrontos, um grupo de 8 a 10 Irmãos querendo levantar a questão das constituições romanas. Além disso, a Itália tendo tomado posse de Roma em 1870, a razão dada pelos superiores em 1863 tem pouca justificativa, e o governo francês tem motivos de preocupação mais graves do que a questão romana.

Na segunda sessão do mesmo capítulo, em 1876, pela primeira vez o registro do trabalho do capítulo refere-se às constituições provisórias dadas por Roma em 1863. Assim mesmo, o capítulo não muda de posição e sente mesmo a necessidade de justificar a sua conduta e a dos superiores usando sempre o mesmo argumento: impossibilidade prática e apoio de dois prelados⁶⁴². Finalmente, por 35 votos a 5, ele expressa o desejo de que o governo do instituto deve ser conservado. Tal decisão sem dúvida é ditada pelo Irmão Luís Maria e seus assistentes que, neste caso, parecem demonstrar uma teimosia que é preciso tentar discernir os motivos.

Parece que o Ir. Luís Maria foi alimentado por uma filosofia tradicionalista, inspirada pelos mestres do pensamento da contrarrevolução, como Joseph de Maistre e Bonald. Seu ideal é uma sociedade patriarcal e estável sob os auspícios do Papa e de um soberano apoiado pela Igreja. Há também a questão do estatuto das congregações leigas com votos simples em uma época em que o direito canônico ainda não definiu se essas novas entidades devem ser consideradas como ordens terceiras ou ordens religiosas. Como eles não puderam fazer parte canonicamente

⁶⁴¹ A.F.M. dossier 352-220-1.

⁶⁴² C 5, p. 365-393.

da Sociedade de Maria e se recusam a serem vistos como uma ordem terceira, os Irmãos Maristas reivindicam ser reconhecidos como religiosos de direito pleno.

É basicamente um conflito eclesiológico: os sacerdotes, e os Padres Maristas em particular, são relutantes à ideia de que os leigos se governam a si mesmos e consideram em todo caso que a direção de consciência e a confissão são uma mesma coisa, enquanto os Superiores dos Irmãos, fortes na tradição monástica, fazem uma distinção entre os dois ministérios. Permanece não menos evidente que se confunde com essas causas profundas uma real teimosia por parte dos superiores. Por outra parte, não se deve negligenciar o extraordinário crescimento da congregação visto como um sinal do céu, ao mesmo tempo como a confirmação de que a Congregação tem o melhor governo possível.

14.

UM IMPORTANTE ENRIQUECIMENTO DOUTRINAL

As circulares do Ir. Luís Maria e os livros do Ir. João Batista

O Ir. Luís Maria não é apenas um excelente administrador. Entrou na congregação em 1832, muito tempo após o Ir. Francisco e o Ir. João Batista, mas logo chamado pelo Padre Champagnat para funções importantes, também pôde reivindicar o título de guardião do seu espírito. Suas circulares vão, portanto, em grande parte, trazer a preocupação de perpetuá-lo e mesmo restaurá-lo.

Três etapas de seu ensinamento

Até 1873 essas circulares constituem um verdadeiro corpo doutrinal reformulando a fundo a espiritualidade marista. Assim, o Ir. Théophane, um de seus sucessores, as citará e fará reimprimir várias⁶⁴³. Elas permanecerão uma referência para o Instituto até meados do século XX. São marcadas por um triplo objetivo claramente apresentado na circular de 27 de dezembro de 1860: restaurar a piedade, a caridade e a regularidade. Ao contrário do Ir. Francisco que, em sua circular sobre o espírito de fé não cita sequer uma vez o Padre Champagnat, ele usa abundantemente suas palavras e seus exemplos, bem como aqueles dos Irmãos modelos: Ir. Boaventura, mestre de noviços († 1865) e João Batista († 1872). Mas no fundo, ele insiste menos na caridade que sobre a piedade e a regularidade.

Parece então triunfar nele uma concepção ascética e um tanto militar da congregação, em oposição parcial com a do Ir. Francisco e em cumplicidade em relação com a do Ir. João Batista. A circular sobre a formação, em 1867, parece típica a este respeito, uma vez que hierarquiza fortemente o Instituto, os diretores devem

⁶⁴³ *Circulaires*, T. 8, p. 62. 25 de maio de 1890. Anúncio da publicação de uma coleção de quatro circulares do Ir. Luís Maria.

dirigir suas escolas e formar seus auxiliares para a vida religiosa sob o olhar vigilante dos superiores maiores⁶⁴⁴.

Um segundo Ir. Luís Maria parece emergir na longa circular sobre as aparições de Pontmain, como se os terríveis acontecimentos de 1870-71 lhe fizessem agora temer o triunfo dos inimigos da religião que só a intervenção da oração pode impedir. É, sem dúvida, este questionamento de suas certezas que cria a circular sobre “A vida mística de Jesus Cristo em nossas almas” (16 de junho de 1877, T. 5, p.404), que é um dos apogeus da espiritualidade marista. Ela, por outro lado, não está sem relação com as circulares que seguem sobre o inferno, a eternidade e a santidade, porque, nesses textos fortemente inspirados nos exercícios de Santo Inácio⁶⁴⁵, encontramos a mesma inspiração: lutar contra o reinado do mal, a exemplo de Jesus Cristo, para sua própria salvação e a do próximo.

O ensinamento do Ir. Luís Maria parece, portanto, refletir três épocas opostas: na primeira, é o superior seguro de si e que organiza a fundo uma Congregação que realmente precisa de um líder. Na segunda parte, é um retorno a uma tradição original que situa a Congregação na grande luta cósmica entre o Bem e o Mal, entre Cristo e o Anticristo, num momento em que a França parece irresistivelmente mudar para a República. Finalmente, o Ir. Luís Maria, envelhecido, medita sobre seu próprio fim.

Dos três herdeiros de Champagnat escolhidos pelos Irmãos em 1839 é ele, sem dúvida, que mais contribuiu para remodelar a Congregação, impondo-se desde 1852 como o homem forte da equipe de gestão, manifestando indiscutíveis qualidades de chefe ao mesmo tempo que uma interpretação da espiritualidade marista bastante pessoal e não desprovida de profundidade.

Depois de 1879, dos três superiores eleitos em 1839, permanece vivo apenas o Ir. Francisco, aposentado desde 1860 e que, embora prejudicado por um derrame em 1876, vai participar no Capítulo para a eleição do Ir. Nestor e morrerá no início de 1881. O obituário que dedica àquele que parece ser pouco conhecido é muito breve⁶⁴⁶, como se o Ir. Francisco já tivesse sido esquecido. Paradoxalmente, é ele que parece ser o mais fraco do trio dos sucessores de Champagnat, embora sob seu generalato o Instituto conhecesse o desenvolvimento mais rápido, obteve a autorização legal e foi redigida a legislação fundamental do Instituto.

Sua retirada dos afazeres em 1860 parece muito misteriosa: nasceu em 1808, tem apenas 55 anos e nós não entendemos que a congregação se prive dos serviços de um homem experiente. Além disso, seus problemas de saúde não parecem mais graves do que aqueles do Ir. João Batista. Permanece a questão da sua influência nos 21 anos de vida que lhe restam e que sem dúvida não foi fraca, pois finalmente sua causa de canonização foi introduzida em 1910, enquanto as dos Irs. Luís Maria

⁶⁴⁴ Esta estratégia não será estranha à fraca perseverança dos Irmãos: os jovens, porque mal formados pelos diretores, são incapazes de assumir tarefas múltiplas; os diretores desencorajados por uma função demasiada exigente.

⁶⁴⁵ Ver T. 6, p. 78: o Capítulo de 1863 foi aberto pela meditação sobre o inferno e a eternidade infeliz.

⁶⁴⁶ *Circulaires*, T. 6, p. 269-274.

e João Batista parece que nunca foram consideradas. O conteúdo de seus *carnets* espirituais permite pensar que este reconhecimento póstumo não é superestimado, porque é através deles que entramos mais plenamente na espiritualidade marista original e suspeitamos que a obra do Ir. João Batista lhe deve muito.

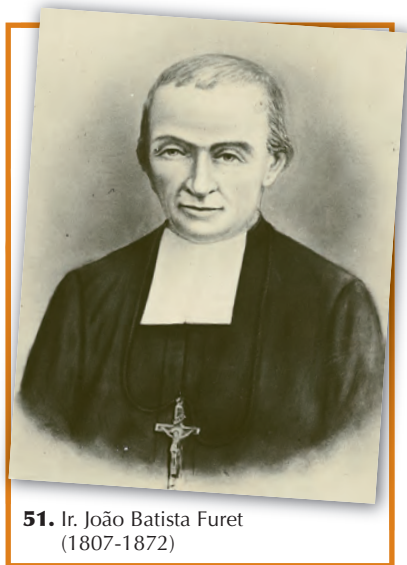
No imediato, a morte do Ir. Luís Maria praticamente fecha uma fase importante do Instituto, a dos herdeiros diretos de Champagnat que não somente o conheceram, mas também foram seus auxiliares diretos e guardiães do seu espírito. O mito dos “três em um” encontra também seu fundamento nesta realidade.

Uma segunda contribuição doutrinal do Ir. João Batista

Esboçamos anteriormente a vida do Ir. João Batista, autor da *Vida* de Champagnat. Mas temos de completar o nosso conhecimento sobre este personagem central ainda muito ativo até 1872, como escritor e superior, e do qual uma biografia desenvolvida nunca foi publicada, mesmo se o Ir. Avit, escrevendo os *Annales des Maisons* a partir de 1884, pede-a com impaciência⁶⁴⁷.

Vários obstáculos parecem ter desencorajado qualquer autor. Antes de tudo, o esboço biográfico escrito pelo Ir. Luís Maria em 1872 apresentando-o como “um segundo fundador” e, portanto, o único capaz “de entrar [...] no pensamento íntimo e primeiro do Pai Fundador”, formulado enquanto o Ir. Francisco ainda estava vivo, poderia chocar ou parecer muito pesada a responsabilidade. Por outro lado, cópias de suas centenas de cartas respondendo aos problemas dos Irmãos, em particular relativos à “santa virtude”, levaram a adiar a sua exploração⁶⁴⁸. Finalmente, o Ir. João Batista parece não ter deixado notas pessoais.

Uma biografia do Ir. João Batista permaneceu manuscrita, foi redigida mais tarde pelo Ir. Amphiloque Deydier, a pedido do Ir. Stratonique, Superior-geral, por ocasião do centenário da congregação⁶⁴⁹. Ele fez pesquisas sobre a infância em



51. Ir. João Batista Furet
(1807-1872)

⁶⁴⁷ “Nós desejamos vivamente que ela seja, enfim, publicada”, disse ele anunciando a morte do Ir. João Batista no ano de 1872. *Annales des Maisons*, T. 3, p. 173. Em 1881, falando da morte do Ir. Francisco, ele renova seu desejo (p. 294).

⁶⁴⁸ O Ir. Teofânio, Superior-geral de 1883 a 1907, afirma que “a leitura de suas cartas, tais como elas são, não conviria a todos os Irmãos e não lhes seria útil”.

⁶⁴⁹ Manuscrito de 339 páginas datado em Grugliasco em 20 junho de 1917. A.F.M., Roma, 514-4 / K13.10

Saint Pal en Chalancon e é dele que nós sabemos que ele nasceu na aldeia de Pieyre, é o terceiro de seis filhos, foi aluno de uma “Beata”. Provavelmente já doente (ele é asmático), sua mãe o ocupa em fazer renda, ocupação tradicional do Haute Loire, em princípio reservado às mulheres, e ele dificilmente vai para os campos com seus Irmãos, o que não o impede de procurar ninhos, que ele irá detalhar em uma de suas instruções. Piedoso, ele comprou as 14 imagens da via-sacra com a qual decora o seu quarto⁶⁵⁰.

O Ir. Amphiloque relatou-nos ainda trechos de extratos das instruções e conferências⁶⁵¹. Um deles (p.47)⁶⁵² parece-me particularmente importante porque ele claramente retoma a instrução relatada no último capítulo da *Vida*, que elogia a constância. Mas, os Irmãos realmente tinham necessidade de tal repetição?

VIDA P. 516...	IR. JOÃO-BATISTA P. 47... (29 AGOSTO DE 1861)
<p>“... O divino Mestre tece esplêndido elogio a São João Batista e declara, perante todo o povo, que ele é o maior dos filhos dos homens. Ora, o que ele elogia particularmente e diante de todos no santo Precursor? [...] a constância do santo Precursor.</p> <p>Para chamar a atenção para a firmeza inabalável de São João, Nosso Senhor interroga aos que o cercam: <i>o que fostes ver no deserto?</i></p> <p><i>Um caniço agitado pelo vento?</i> Não: uma alma tão fraca, tão leviano caráter não teria provocado sua curiosidade e sua admiração [...] Você está vendo um homem perseverante no exercício das mais raras e heróicas virtudes; um homem constantemente fiel em cumprir a missão que Deus lhe confiou; perseverante na vocação e no gênero de vida austero que abraçou; um homem sempre fiel no serviço de Deus, na edificação do próximo, na denúncia, na repreensão aos pecadores; constante em sofrer, com paciência inalterável e perfeita resignação, as perseguições dos maus”.</p>	<p>“... Foi dito dele, pelo próprio Salvador, que, entre as crianças nascidas de mulher, ele é o maior, quem duvida disso? (<i>segue uma descrição da vida de São João Batista</i>). É assim que sua fidelidade e constância merecem ser louvadas pelo próprio Jesus Cristo.</p> <p>Louvado: mas o que especialmente? Sua firmeza de caráter, sua força de vontade, sua constância no bem. João não é um caniço frágil e leve que dobra com todos os ventos, que cede a todos os caprichos, que sofre todas as influências e muda a todo o momento. Este não é um homem amolecido pela sensualidade e dominado pelo amor do luxo e do bem-estar. É um profeta, e mais do que um profeta que, até o fim, cumprirá sua missão sem falha alguma, independentemente das fadigas, perseguição, sofrimento”.</p> <p><i>Então, o Ir. João Batista faz o elogio às “cabeças cortadas” que, à imitação de João Batista, permanecem constantes no bem.</i></p>

⁶⁵⁰ O Ir. Amphiloque não indica suas fontes, e o estilo hagiográfico que emprega não ajuda a distinguir no seu discurso o que é convenção (mãe piedosa, criança precocemente religiosa) do que é autêntico.

⁶⁵¹ Nas páginas 47, 94, 99, 114-115, 140, 144-5, 147, 166, 223-224, 260, 265, 296. Uma citação do Pe. Champagnat, p. 98.

⁶⁵² Este elogio de João Baptista é também relatado no “*Manuel des Directeurs*” do ano de 1861, p. 338. É provável que o Ir. Amphiloque retirou-o desta fonte.

A biografia do Ir. João Batista, contida em *Nos supérieurs*⁶⁵³ (1953), não traz nada de realmente novo, mas traz uma afirmação interessante sobre “sua espiritualidade”: “é simples e sólida. Ele não caiu em nenhum excesso, não tem nenhuma tendência específica e prefere em tudo a vida comum”. Uma ideia resumiria essa espiritualidade: “a salvação, as verdades que a esclarecem, os meios que a asseguram ou a facilitam”. Este louvor – que é ao mesmo tempo uma crítica implícita – é corroborado pelo Ir. Paul Sester que, nos *Cadernos Maristas*⁶⁵⁴, assim define sua espiritualidade: “Precisamos antes de tudo garantir a salvação pela guerra ao demônio, o domínio da sua natureza, o amor de Cristo, sendo um religioso apostólico”. Lendo o *Manual dos Diretores*, tivemos a mesma impressão de uma doutrina muito ascética e, em última análise, bastante plana. Mas a personalidade profunda do personagem nos escapa.

Como já dissemos, este conferencista excepcional e também autor de cartas cheio de espírito⁶⁵⁵ é um grande doente. Depois de 1860, ele já não pode fazer conferência geral aos Irmãos. Dormindo muito pouco, numa cadeira reclinável por causa da asma, o Ir. João Batista, portanto, tem relativa liberdade para escrever livros e não é por acaso que, no dia de sua morte, ele corrige as provas de meditações prontas para serem publicadas. Mas essa solidão, anexada à sua doença, parece que ajudou a fazer dele um personagem propenso a grandes crises de ansiedade que o Ir. Luís Maria esforçou-se para acalmar⁶⁵⁶.

Seja antes de 1860, seja após, o Ir. João Batista escreveu, sozinho ou em colaboração com outros Irmãos, dez títulos, incluindo nove publicados durante sua vida.

Vale salientar que estes são divididos em dois períodos distintos, as publicações de 1863, sendo apenas uma edição revista e muito ampliada do *Manuel de piété*, agora dividido em dois volumes. Em 1868-1875 é inteiramente outra coisa: um complemento indispensável para literatura dos anos 1851-1863, em que o Ir. João Batista retomou a exploração de fontes não utilizadas na *Vida do Padre Champagnat*, em particular suas instruções, que ele organiza a seu modo e à luz da sua experiência e sua cultura espiritual, especialmente em *Avis, leçons, sentences, as Biographies de quelques frères*⁶⁵⁷ e o *Le bon supérieur*⁶⁵⁸.

A abundância das instruções do Padre Champagnat é tal que se pode perguntar se os “volumosos cadernos” de antes de 1856 não existiam ainda. Em qualquer caso, há uma forte complementaridade entre essas três obras, o *A.L.S.* recordando o espírito primitivo do Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria; *As Biographies* tentando combater a baixa estima da vocação do Irmão; e a terceira exortando os diretores a se mostrarem exemplares e caridosos para com seus subordinados. Esses três temas são uma resposta aos problemas fundamentais da congregação. Quanto às duas obras de

⁶⁵³ St Genis-Laval, 1953.

⁶⁵⁴ N° 1 e 2, jun 1990 e jun 1991.

⁶⁵⁵ Epistolário pela profissão, posto que as regras exigem que os Irmãos escrevam regularmente ao assistente a cada dois meses.

⁶⁵⁶ *Ibid.*

⁶⁵⁷ A grande maioria dos Irmãos dos quais a vida é narrada são da província do Sul, aquela que o Ir. João Batista dirigiu durante 18 anos.

⁶⁵⁸ O Ir. Luís Maria considerava que esta obra era o resumo do pensamento do Ir. João Batista sobre o governo do Instituto. *Circulaires*, T. 4, p. 261.

meditações, se completam ou retomam as meditações já contidas no *Directoire de la solide piété*. Elas parecem um trabalho mais pessoal do Ir. João Batista que quer “que os Irmãos conheçam Jesus Cristo”, palavra que corrige significativamente a imagem um pouco rasa de sua espiritualidade que dão muitas das suas conferências.

TÍTULOS	DATA	EDITORA	OBSERVAÇÕES
Regras comuns Guia das Escolas Regras de governo	1851-53		Importante participação
Manual de piedade	1855	?	Catecismo de formação e coleção de orações. Importante participação
Vida do Pe. Champagnat	1856	Périsset	2 volumes
Os princípios da perfeição cristã e religiosa para o uso dos Pequenos Irmãozinhos de Maria	1863		4ª edição em 1893; 7ª em 1939. Sucede ao Manual de piedade para a formação
Diretório da sólida piedade	1863		Meditações e orações. Sucede o Manual de piedade. Reedições em 1875, 1887, 1900...
Sentenças, lições e avisos do Pe. Champagnat	1868	Lyon, Nicolle	Duas reedições: 1914, 1927 sob o título “Avisos, lições, sentenças”
Biografias de alguns Irmãos que se distinguiram por suas virtudes e amor à vocação	1868	Lyon, Nicolle e Guichard	Várias reedições
O bom superior ou as qualidades de um bom Irmão diretor segundo o espírito do Pe. Champagnat	1869	Lyon, Nicolle	
Meditações sobre a paixão e os nomes do Nosso Senhor	1870	Lyon Lecoffre	
Meditações sobre a encarnação, as virtudes de Jesus Cristo e a Eucaristia	1875	Lyon, Lecoffre	Obra póstuma

A influência de suas obras

Na circular de 1872, o Ir. Luís Maria traz as palavras de um Irmão diretor, grande leitor do Ir. João Batista:

“Quando a leitura terminou, eu não pude me impedir de retomá-la, de reler ainda o que tinha sido lido e, verdadeiramente, eu não saberia dizer quanto fico indignado, quando vejo que não presto mais atenção”.

E o Ir. Luís Maria acrescenta:

“Eis os verdadeiros tesouros espirituais oferecidos para toda a Congregação. Um dia ou outro, esses tesouros de ensinamentos religiosos, esses princípios de perfeição e de salvação, estes segredos de zelo e santidade, serão explorados por nossos Irmãos, para a maior glória de Deus e o maior bem das almas!”

Esses dois admiradores lamentam, portanto, que este tipo de literatura seja tão negligenciado pelos Irmãos, sugerindo que, por volta de 1870, o prestígio do autor seja um pouco desvanecido. E pode ser a oportunidade de discutir os limites de um autodidata. É claro! É um orador, um narrador, um escritor de cartas brilhante. Mas sua cultura profana é limitada e ele a estima pouco: “Seu Télémaque (obra famosa de Fénelon), eles fazem dela uma obra-prima [...] mas para mim seria impossível de lê-la. Não me fale de fábulas, quando tenho o Evangelho e os Padres”, disse. “Ai de mim! Ai de mim! Ele se lamenta, sua seriedade eles a preservam para as bagatelas da ciência profana” (v. IV, p.248, 254).

Suas fontes essenciais são o Evangelho, os grandes clássicos da literatura espiritual, como Saint-Jure e Louis de Grenade, as vidas dos Santos... que ele usa para criar um tipo de síntese espiritual com um ensinamento do Fundador que, ao longo do tempo, não faz distinção de seu próprio e que pode parecer entediante. E pode ser que, nos anos 1860-1870, a seriedade do ensinamento do Ir. Luís Maria supere o brilho de Ir. João Batista então diminuído pela doença. Finalmente, a biografia do Ir. João Batista, no momento da sua morte, é para lembrar a grandeza de um homem já um pouco esquecido ou considerado superado pelas gerações mais jovens, como se sua autoridade carismática se tivesse sobreposto a de seus dons de comunicador assim como de sua doutrina. Mas suas obras a partir de 1868-1875 serão de grande importância.

À morte dos Irmãos João Batista (1872) e Luís Maria (1879), é, portanto, constituída uma literatura espiritual marista de magnitude impressionante. Depois deles e até 1965, o Instituto terá demasiada tendência a viver sobre estas duas interpretações tardias e incompletas, muito mais respeitadas do que verdadeiramente assimiladas.

ANEXO 5, Quadro das fontes doutrinais, pag. 364

15.

TERRITÓRIOS A EXPANDIR E VOCAÇÕES A SUSCITAR

Combinação delicada entre rede de obras e territórios de recrutamento

Os anos de 1815-1830 foram o grande período da criação e a primeira expansão das congregações de Irmãos. Durante o século XIX, elas conhecem histórias contrastantes que as estatísticas abaixo permitem bem perceber. Notamos que, em 1861, os Irmãos Maristas, pelo seu número, destacam-se de outras novas congregações e alcançam um efetivo próximo a 40% daquele dos Irmãos das Escolas Cristãs. Até 1903 estas proporções mudam pouco, e os Lassalistas permanecem como a congregação de longe a mais influente; e ela sozinha é mais numerosa que todas as outras juntas. Além disso, fortemente estabelecida nas cidades, ela tem prestigiados estabelecimentos enquanto outras congregações tiveram, desde o início, uma expansão mais rural, o que as fez parcialmente diversificar sua atividade posteriormente.

	1830 MEMBROS	1830 ESCOLAS	1861 MEMBROS	1861 ESCOLAS	1877 MEMBROS	1877 ESCOLAS	1903 MEMBROS	1903 ESCOLAS
Irmãos de Ploërmel	193	92	583	181	1559	372	2151	362
Marianistas	70	18	686	78	1200	86	838	67
Doutrina Cristã de Nancy	50	26	203	41	209	28	?	19
Pequenos Irmãos de Maria	100	17	1681 ⁶⁵⁹	301	3600	504	4240	595

⁶⁵⁹ As estatísticas dos Pequenos Irmãos de Maria são menos otimistas: elas mencionam apenas 1385 Irmãos em 1860 e o efetivo total dos Irmãos e noviços não ultrapassa o número de 3000, em 1882.

	1830 MEMBROS	1830 ESCOLAS	1861 MEMBROS	1861 ESCOLAS	1877 MEMBROS	1877 ESCOLAS	1903 MEMBROS	1903 ESCOLAS
Irmãos de São José de Ruillé-sur-Loire	86	47						
Irmãos do Sgdo. Coração	100	14	420	73	1037	154	818	132
Irmãos da Cruz de Jesus	50-60	18	131	34	131	29		16
Total	800	262	4193	792	8514	1295	8047	1198
Irmãos das Escolas Cristãs	1420	380	6398	703	9818	1449	9309	1372

Nota: As estatísticas acima têm apenas um valor aproximado.

Quanto ao número de Irmãos Maristas comprometidos nas escolas, em 1882, são 2.532 para 124.965 professores, representando 2% do pessoal. Em 1881-1882, sobre 2.708.000 meninos, eles instruem 67.318, ou 2,4% do total. Esses números, portanto, lembram-nos que, apesar do rápido crescimento, os Irmãos Maristas desempenham na França apenas um papel modesto na educação básica dos meninos em que todos os congreganistas representam apenas cerca de 10% do número total dos professores. Portanto, pode-se falar de um relativo fracasso das congregações de Irmãos em comparação com as das meninas, das quais 60% são educadas pelas congregações. Mas é verdade que seu número baixo é compensado pela qualidade da sua organização que os faz aparecer politicamente intimidantes.

Política e fundação de escolas

O ritmo das fundações de colégios de Irmãos Maristas é realmente muito relacionado à política, sobretudo depois de 1840. A partir desta data, as numerosas fundações coincidem com regimes autoritários ou conservadores: de 1841 a 1846, sob a Monarquia de julho tornada conservadora, uma média de 14 fundações por ano; de 1851 a 1859, sob Império autoritário, 21 fundações por ano; finalmente, a partir de 1871 a 1875, após a Comuna e o governo muito conservador da Ordem Moral: 20 fundações por ano.

Frequentemente, os Irmãos são chamados por um grupo. Assim, em Gonfaron (Var), “cuja população não era boa, o pároco e o prefeito, um simples carpinteiro, foram os únicos a quererem os Irmãos, mas o dirigente do departamento os

impôs⁶⁶⁰". No entanto, quando a situação parece muito ruim, o Instituto recusa. Assim, o pároco de Azay, cantão de Lugny (Saône et Loire), também pediu Irmãos. "Fomos enviados a ele - disse o Ir. Avit, assistente - e constatamos que este cantão era muito ruim. Onze homens somente tinham feito sua Páscoa em 22 paróquias que o compunham⁶⁶¹. O pedido do pároco não foi aceito, apesar de suas muitas reivindicações⁶⁶²". Às vezes é necessário obedecer. Este é o caso em Arbresle, perto de Lyon, onde a fundação é imposta pelo Arcebispo.

Os benfeitores são frequentemente legitimistas⁶⁶³. Assim, é a partir de uma fundação tipicamente legitimista que a província do Norte é constituída: em 1854, a Condessa de Grandville, nascida Marquesa de Beaufort, doou aos Irmãos, em Beaucamps, perto de Lille, uma grande propriedade e um grande edifício⁶⁶⁴. Após sua morte, em 1865, no terreno doado, os Irmãos estabeleceram uma casa provincial, uma escola, um internato de 160 alunos e um noviciado. A província, que gira em torno, compreende 330 Irmãos educadores e 13.000 alunos⁶⁶⁵.

Geralmente, o pároco torna-se o elemento central da fundação em concordância com o prefeito e um benfeitor ou uma benfeitora rica. Até os anos de 1860, esta estratégia funcionou muito bem. A prefeitura está geralmente muito satisfeita por ter uma escola que lhe custa pouco. Por outro lado, é ainda o tempo em que os Irmãos sucedem os educadores com menos formação do que eles mesmos. Quando há muita resistência e o professor é bem aceito no lugar, o pároco e um grupo de notáveis fundavam uma escola particular que visava suplantar a escola local atraindo a maioria das crianças.

Há também a grande burguesia empresarial, mestres de forjas, orleanistas ou bonapartistas. Dezenas de escolas mantidas pelos Irmãos, portanto, estão localizadas em centros de mineração. Assim, na região de Bessèges (Gard) e especialmente em Montceau-les-Mines (Saône-et-Loire). Nesta última cidade, o chefe das minas, Jules Chagot, influenciado pelo pároco, confia quatro escolas aos Pequenos Irmãos de Maria, em 1857. Desde 1877, as escolas das minas, das quais o número vai subir para seis, agrupa 1200 estudantes educados por 33 Irmãos.

Como as empresas têm capital abundante, eles fornecem salário interessante e espaços bem equipados, mas são muito exigentes, buscando acompanhar de perto o andamento dos estabelecimentos. Se, por volta de 1850, a população escolar é tranquila, na medida em que cresce o socialismo e o sindicalismo, a educação torna-se cada vez mais difícil de conduzir, e a educação religiosa se torna completamente ineficaz⁶⁶⁶.

⁶⁶⁰ Abrégé des Annales, 1852.

⁶⁶¹ O Ir. Avit não exagera. É uma zona muito descrençatizada ao norte da cidade de Mâcon.

⁶⁶² Ibid, 1853.

⁶⁶³ Os *Annales des maisons* do Ir. Avit dão numerosos exemplos deste tipo de fundação.

⁶⁶⁴ Abade L. Ponty, Vie du F. François, premier Supérieur général de l'institut des Petits Frères de Marie, Lyon 1899, p. 123-130.

⁶⁶⁵ C 3, p. 302.

⁶⁶⁶ André Lanfrey, *Église et Monde ouvrier...*, Cahiers d'Histoire T. XXIII, p. 51-71. As escolas de empresas industriais ou mineiras, além do conjunto de Montceau-Blanzay, são as seguintes: Na província de Bourbonnais: Gueugnon, La Machine, Montchanin, Montcenis. Na província de Aubenas: Bessèges (Gard), Lafarge (Ardèche), La Voulte (Ardèche), Martinet (Gard), Le Pouzin (Ardèche), Rochessadoule. Na província do Norte: Auchel, Rimbart. Na província de L'Hermitage: Lorette, Terrenoire (Loire). Na província de Saint-Genis-Laval: Allevard (Savoie).

Mapa 8. As escolas das companhias mineiras e industriais de final do séc. XIX



A organização de uma zona de influência

Os Irmãos Maristas se estabelecem em todos os lugares onde são apresentados recursos suficientes para permitir uma comunidade de três Irmãos e o apoio de, pelo menos, uma parcela da população. São, portanto, escolas de duas ou três classes, em localidades relativamente grandes, que eles voltaram seu olhar, deixando aos professores leigos as pequenas cidades⁶⁶⁷.

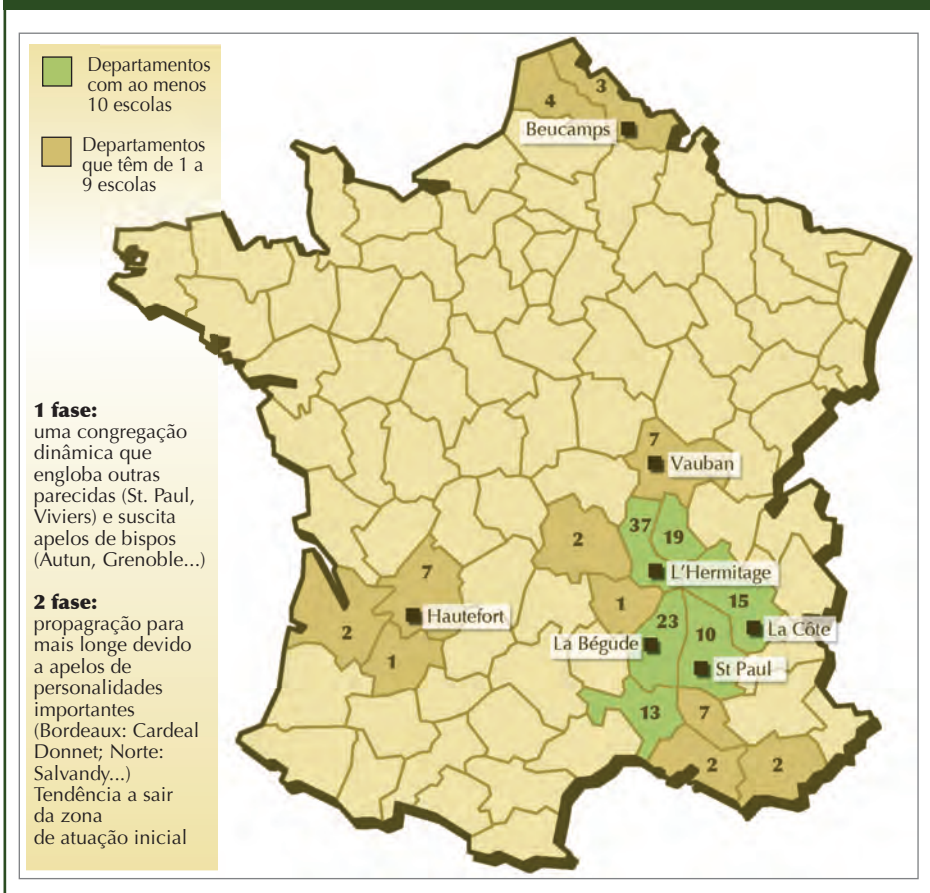
No final da Monarquia de julho, a congregação está espalhada predominantemente em cinco departamentos do vale do Rhône e Saône; ela possui uma exten-

⁶⁶⁷ Antoine Prost, *op. cit.*, p. 140.

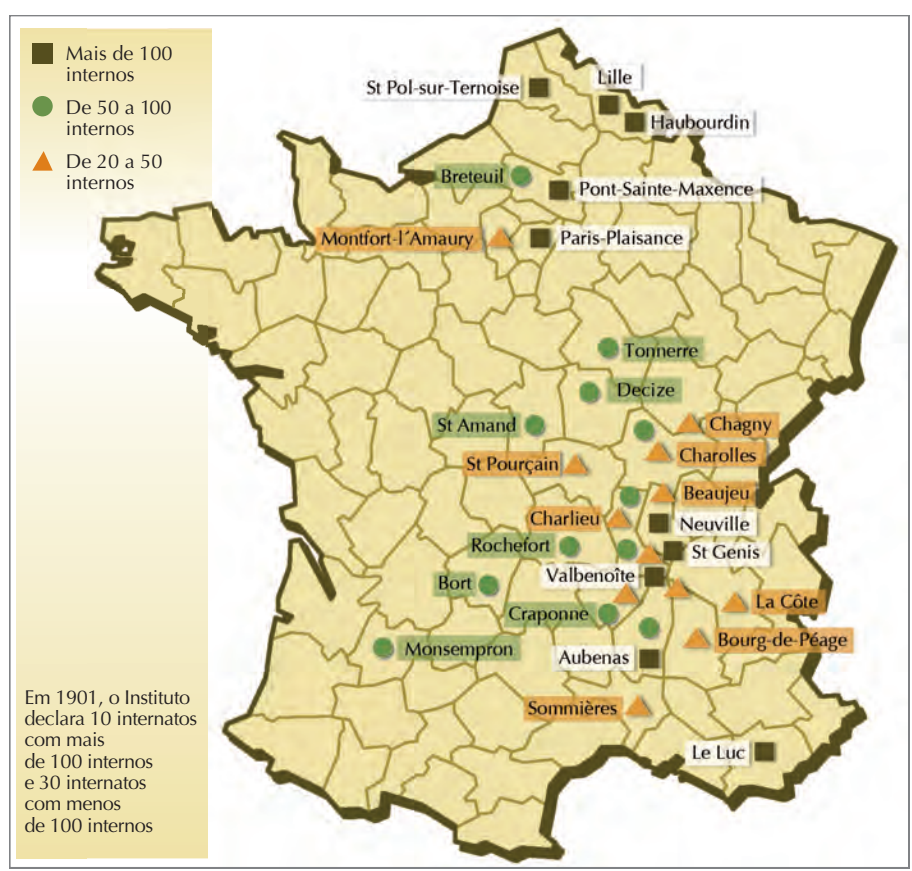
são ao norte da França. Cinco noviciados lhe fornecem os Irmãos: L'Hermitage, perto de Saint-Chamond (Loire), Saint-Paul-Trois-Châteaux (Drôme), La Bégude (Ardèche), Saint-Paul-sur-Ternoise (Pas-de-Calais), Vauban (Saône-et-Loire).

Fora dessa área privilegiada, a rede é mais frouxa. Aparecem quatro grupos de dioceses: no centro da França as de Moulins, Nevers, Clermont, que constituem, em 1873, a província de Bourbonnais; ao sul, as dioceses de Fréjus, Aix, Avignon, Nîmes, Montpellier extensões das províncias de St Paul e Aubenas. Ao sudoeste, duas dioceses atraem especialmente os Irmãos: Périgueux e Bordeaux. Finalmente no norte: Arras e Cambrai. Em 1903, a França compreenderá sete províncias, identificadas pelo nome do lugar de sua casa central: N. D. de L'Hermitage (Loire), St. Genis-Laval (Rhône), St-Paul-trois-Châteaux (Drôme), Varennes-sur-Allier (Allier), Beaucamps (Norte), N. D. de Lacabane (Dordogne), Aubenas (Ardèche).

Mapa 9. Escolas maristas em 1851



Mapa 10. Os internos maristas ao final do séc. XIX



Nota: é difícil determinar a diferença entre um interno, semi-interno e externo. Em princípio, o interno permanece vários meses seguidos no internado; o semi-interno volta para casa com mais frequência e o externo cada dia. Mas é assim em todos os lugares? O "camarista" complica ainda mais a situação. Até que ponto se pode definir um "camarista" um interno ou meio pensionista?

Mas, os Pequenos Irmãos de Maria não se contentam com pequenas escolas primárias públicas ou privadas. O Fundador tinha estabelecido internatos ao lado dos noviciados, mas os ensaios realizados em L'Hermitage, Saint-Didier-sur-Chalonne (Ain) e Vauban (Saône-et-Loire) não obtiveram êxito porque aí os noviços se tornaram empregados dos internos ou mesmo sofreram má influência. Depois de Champagnat, portanto, há um tempo de hesitação entre os superiores sobre essas instituições: o Irmão Francisco, Superior-geral até 1860, e seu assistente, o Irmão João Batista, são desfavoráveis, porque eles impedem aos Irmãos de "ir calmamente aos seus exercícios de piedade, viver em contemplação e na observância das suas regras". O Ir. João Batista, que tinha chamado os internatos de "mata-irmãos", teria fechado dois internatos.

Pelo contrário, o Ir. Luís Maria quer internatos bem organizados que poderiam criar recursos financeiros e dar influência ao Instituto⁶⁶⁸. É também uma maneira de encontrar as vocações de boa qualidade social e intelectual. Também, em 1854, ele compra, a um alto preço, os internatos de Thizy e Beaujeu (Rhône). E as fundações continuam. Em 1867, faz-se menção aos internatos em Neuville-sur-Saône (Rhône), St-Didier-sur-Chalaronne (Ain), Valbenoîte, no subúrbio de Saint-Étienne, Thizy, Millery (Rhône), Le Péage-de-Roussillon, St-Genis-Terrenoire (Loire), Le Luc (Var), Largentière e Les Vans (Ardèche), Beaucamps, no Norte, e em Paris, um internato no quarteirão Plaisance. Algumas dessas fundações são capazes de acomodar centenas de internos e são providas de Irmãos muito importantes (cerca de 10 a 30) e muitas vezes os melhor formados.

Rivalidades congreganistas

Se os Irmãos Maristas muitas vezes competem vitoriosamente sobre os professores leigos, eles têm muito o que fazer com a competição congreganista. Os *Annales* citam muitos casos de rivalidade, especialmente com os Irmãos das Escolas Cristãs. Em 1868, “o município de Aps pediu três dos nossos Irmãos... Os Irmãos diretores de Valence (dos Irmãos das Escolas Cristãs), de Montélimar e de Laurac combinaram entre si e foram oferecer três de seus confrades para o prefeito de Aps, ao mesmo preço que os nossos (dos Irmãozinhos de Maria)”; um diretor dos Irmãos de São Gabriel “ofereceu dinheiro para o pároco de Rochefort (Puy-de-Dôme) com a condição de que ele mande de volta nossos Irmãos para levar os seus⁶⁶⁹... Poder-se-ia continuar os exemplos.

Mas, essas rivalidades são de iniciativa local. No acordo, o princípio é que uma congregação não substitui a outra sem o consentimento dos seus superiores. O Ir. Luís Maria o expõe em uma carta de 1852⁶⁷⁰ para o pároco de Charolles (Saône-et-Loire):

“Muitas vezes, foi-nos solicitado de substituir os Irmãos das Escolas Cristãs por algum motivo ou outro. No ano passado, o pároco de Tournus fez tudo para nos ter, mas eu não queria ouvir nenhuma proposta antes de ter o consentimento por escrito do T. H. F. Philippe. [...] É, por outro lado, evidente que não há nenhuma administração possível, para um instituto, se uma congregação concordou em substituí-la”.

Sejam como forem estes princípios, as disputas não são sempre evitáveis porque os párocos são hábeis em colocar as congregações em competição. Por sua parte, as congregações procuram construir redes de escolas coerentes. O Ir. Luís Maria desenvolve bem esta problemática no caso de Charolles (Saône e Loire):

“Esta é uma localização central para todas as nossas casas no distrito; é a mais importante que pode ser oferecida para nós na região; abandoná-la e vê-la passar para

⁶⁶⁸ Abrégé des Annales, 1852, p. 329.

⁶⁶⁹ Abrégé des Annales 1849, p. 295-6, 1858, p. 386, p. 488, p. 548.

⁶⁷⁰ C 2, p. 476.

*outra congregação, seria lançar um verniz desfavorável sobre todas as nossas casas e espalhar o desânimo entre os Irmãos da Província e a preocupação em todas as paróquias onde eles trabalham. Seria comprometer todo o futuro de nosso Instituto na diocese e criar um antagonismo dos mais deploráveis entre duas congregações...*⁶⁷¹

Os Irmãos Maristas são, portanto, capazes de ameaçar a posição dominante dos Irmãos das Escolas Cristãs nas principais cidades de cantão. Mas estes permanecem atentos para que as grandes cidades permaneçam garantidas para eles⁶⁷². Os Irmãos Maristas não podem se instalar estavelmente nem em Bordeaux nem em Paris⁶⁷³.

Em suma, a educação congreganista é um mundo com seus agentes, seus aliados, suas áreas de ação que são muitas vezes - mas nem sempre - suas áreas de recrutamento. As várias sociedades que a compõem, evitando-se a guerra, procuram ocupar bons lugares, as capitais de Cantão, as grandes e médias cidades e apoiar estes redutos com uma rede de postos menores. Isto não é sem conflitos locais e gerais. O mapa de implantação de escolas dos Irmãos Maristas apresenta, contudo, traços característicos: total ausência no oeste, maciçamente ocupado pelos Irmãos de Ploërmel, São Gabriel e os Irmãos das Escolas Cristãs. O cenário é semelhante no nordeste, território dos Irmãos das Escolas Cristãs, Irmãos da Instrução Cristã de Nancy... Em suma, os Irmãos das Escolas Cristãs são a única Congregação de âmbito nacional, as outras são mais regionais. Depois de 1880 e especialmente de 1903, as dificuldades criadas pelo Estado anticongreganista mudarão as posições.

Instituto e sociedade. Origens e aspirações dos Irmãos

Um dos motivos destas rivalidades é a preocupação de dispor de locais de recrutamento porque, num mundo de celibatários, a congregação é obrigada a procurar fora dela seus novos membros. O método, o mais simples, quando os Irmãos se assentam em uma diocese, é estabelecer aí um noviciado e em seguida solicitar ao bispo uma recomendação junto aos párocos, para que eles enviem candidatos. É, por exemplo, o esquema seguido na província do Norte, onde Dom de Cambrai, no retiro pastoral de 1849, recomenda a seus sacerdotes a obra dos Pequenos Irmãos de Maria⁶⁷⁴.

⁶⁷¹ C 4, p. 514, carta ao Ir. Philippe (1869).

⁶⁷² C 2, p. 473, Carta do Ir. Francisco ao bispo de Moulins: os Irmãos Maristas destinam-se a todas as paróquias de 1500 almas e mais.

⁶⁷³ A.F.M. dossiê FF. EE. CC. 445-2: correspondência sobre o tema de Pélussin (445-2 n° 9) e de Vaugirard (445-2 n° 27). Encontramos aí também dois outros assuntos: aquele de Lille onde, em 1860, os Irmãos das Escolas Cristãs aceitam que os Irmãos Maristas instalem uma escola paga, mas sob a condição de jamais fundarem aí uma escola municipal. Em Marseille, o arcebispo não quer mais os Irmãos das Escolas Cristãs e os Irmãos Maristas aí se instalarão massivamente. (archives épiscopales de Marseille, dossier Petits Frères de Marie n° 424).

⁶⁷⁴ C 2, p. 422; *Archives de Beauamps*, BE1 (Anais). Em 1851, a presença de 20 postulantes no noviciado impressiona o clero "que até então se manteve numa grande reserva". "No retiro pastoral, o Arcebispo havia recomendado esta obra ao zelo do seu clero". Em 1857, o Ir. Pascal (Assistente) redige uma circular ao clero para interessá-lo no recrutamento do noviciado. Ela foi aprovada pelo Bispo de Arras, mas não por Dom de Cambrai que propôs outro texto.

Mas o papel do clero permanece bastante modesto, porque o pároco é muitas vezes um concorrente que pretende enviar para o seminário os jovens mais talentosos e os mais afortunados⁶⁷⁵. Muitas vezes, ele recomenda à congregação os jovens muito velhos, de pouca instrução, não os suficientemente ricos para se tornarem sacerdotes. Por exemplo, é sob o conselho do seu pároco que o futuro Irmão Théodore, seminarista, por falta de recursos, torna-se Irmão⁶⁷⁶. O Ir. Terrier-Joseph fez o mesmo⁶⁷⁷, por causa de sua saúde fraca, já tendo sido recusado pelos Padres do Espírito Santo e os Padres Maristas, seu vigário o enviou aos Pequenos Irmãos de Maria, que não negligenciam essa contribuição de estudantes eclesiais-ticos ou jovens sem grandes meios. Mas a escola é seu maior viveiro⁶⁷⁸: 40% dos Irmãos falecidos (obituários) aí encontraram sua vocação⁶⁷⁹. Encontramos, de qualquer forma, verdadeiros caçadores de vocações como o Ir. Salvien que, em 35 anos, descobre 17 vocações sacerdotais e 18 vocações religiosas na paróquia de Chevières (Loire); ou o Ir. Saturien que, em Jonquières (Gard), constitui por volta de 1870, um tipo de pré-noviciado⁶⁸⁰.

As visitas dos Irmãos às suas famílias também são muito proveitosas e não é raro que voltem com um ou mais candidatos⁶⁸¹. Frequentemente, eles são dois ou três meninos de uma família que se tornam Irmãos, a menos que o tio leve o sobrinho⁶⁸². Muitos Irmãos vêm, portanto, de famílias com vocações: a do Irmão Dieudonné⁶⁸³, sobre 7 filhos, são três Irmãos e duas religiosas.

As motivações religiosas são acompanhadas por óbvias razões sociológicas: as populações numerosas do Haute-Loire, Haute-Ardèche ou Hautes Alpes estão contentes em internar seus filhos com os Irmãos. Nessas regiões, vemos o pai ir ao noviciado negociar a entrada de seu filho, assim como ele poderia ir a um artesão para confiar o seu filho para o aprendizado⁶⁸⁴. Se a família é menos conhecida, os Irmãos podem tomar algumas precauções. Assim, o futuro Ir. Ernestus é forçado a ir para o internato, por um ano, com os Irmãos na escola de Montpezat, antes de

⁶⁷⁵ *Biographies*, T1, p. 537, Ir. Marie-Urbain, T2, p. 323, Ir. Joseph-Félicité, T4, Ir. Joseph de Léonissa, p. 82, Ir. Michaël, p. 143, Ir. Marie-Raphaëlis, p. 188, Ir. Marie-Alypius, p. 230, Ir. Antoine, p. 309, Ir. Joseph-Mantius p. 413, Ir. Auxent, p. 449...

⁶⁷⁶ *Biographies*, T2, p. 129.

⁶⁷⁷ *Biographies*, T5, p. 346.

⁶⁷⁸ *Biographies de quelques frères*: p. 383-386, Ir. Pascal indica aí o método a empregar: 1) "rezar e fazer rezar muito..." 2) "Ir à procura de vocações, quer dizer estudar, observar, descobrir entre as crianças, entre os nossos vizinhos e que podemos conhecer quem teria as qualidades desejadas e a vontade atraída..." 3) Assegurar as vocações sobretudo no momento em que as crianças deixam de frequentar a escola.

⁶⁷⁹ *Biographies*, T 2, p. 375.

⁶⁸⁰ *Biographies*, T 4, p. 207; T6, p. 25.

⁶⁸¹ *Biographies*, T 4, p. 113, 468.

⁶⁸² *Biographies*, T 2, p. 133, Ir. Cléomène; T 5, p. 5, Ir. Désirat; Héliodorus, p. 17; Philadelphius, p. 49; Joseph-Gaudens, p. 56; Jean-Victor, p. 65; Edbert, p. 96; Léonard, p. 213; Eléazar, p. 265...

⁶⁸³ *Biographies*, T 4, p. 179.

⁶⁸⁴ *Biographies*, T 6, p. 6. A passagem vem de uma autobiografia do Ir. Flamien. A.F.M. dossiê RAO 550-3 n 9.

ser admitido ao noviciado⁶⁸⁵. Mas, em geral, não é muito difícil, a passagem pela haste, para a verificação da altura, era um dos testes mais delicados, porque não se pode aceitar candidatos demasiado pequenos. Sob o plano financeiro, poucos Irmãos pedem muito; e para o bem das viúvas, um filho que se torna Irmão é uma solução interessante, o noviciado pode ser gratuito ou pago parcialmente. Os órfãos de pai e mãe, pelas mesmas razões, não são raros⁶⁸⁶.

Os obituários, embora de um gênero literário delicado de manusear, oferecem-nos muitos exemplos de histórias vocacionais características. O biógrafo do Ir. Cléomène resume a família ideal dos Irmãos⁶⁸⁷: a mãe é piedosa, maternal, mas enérgica. Acima de tudo, o avô é um velho crente austero, que carrega a lembrança da Revolução e dá uma educação contrarrevolucionária a seus netos. Nestes meios rurais pobres e montanhosos, a emigração assume naturalmente um toque religioso: o futuro Ir. Cléomène entra com os Irmãos porque, aos 13 anos, ele leu a “Vida do Pe. Marie-Ephrem, trapista de Aiguebelle”. De vez em quando, encontramos outros testemunhos sobre estas famílias austeras, nas quais na vigília da noite se lê a vida dos Santos ou a vida dos Padres do deserto...⁶⁸⁸

Mas, muitas vezes, a estrutura familiar é menos homogênea⁶⁸⁹. A criança que quer ser religiosa confessa para a mãe, a irmã ou a tia. O pai fica ciente somente depois e, muitas vezes, se opõe à vocação, especialmente quando se trata do filho mais velho ou de filho único, seja porque precisa dele ou porque quer para seu filho uma carreira eclesiástica⁶⁹⁰.

Pelo que conheço, as biografias contêm apenas um testemunho explícito de fé paterna⁶⁹¹, enquanto citam com complacência os testemunhos de fé materna, comparando-se em comparar as mães com a mulher forte da Escritura.

Em suma, a Congregação, em algumas áreas, ainda encontrou bom número de famílias com um cristianismo profundamente enraizado, mas ela sabe também se contentar com pais tíbios, que têm uma prole pouco motivada para a vida re-

⁶⁸⁵ *Biographies*, T 4, p. 169.

⁶⁸⁶ *Biographies*, T 5, p. 7. Ir. Désirat; p. 253, Ir. Marie-Amadéus; Ir. Ferrier-Joseph, p. 346; Ir. Hippolytus, p. 475; Augustin-Joseph, p. 483; Joséphus, p. 498. T 4, p. 143; Ir. Michaël; p. 169, Ir. Ernestus; p. 295, Ir. Clomant; T 6 p. 250, Ir. Michaëlis.

⁶⁸⁷ *Biographies*, T 2, p. 131. A biografia do Ir. Pascal nas *Biographies de quelques frères* (p. 346-416) dão a mesma impressão.

⁶⁸⁸ *Biographies*, T 1, p. 101. Ir. Tertullien; p. 603, Ir. Aggée: “Nosso tempo (na vigília) partilhava-se então entre os exercícios de cantochão, interessantes leituras ou conversas agradáveis. A avó dos episódios da Revolução Francesa “que colocava em cena seja um bom padre seja algum piedoso leigo de sua terra natal, quem sabe mesmo de algum parente, que normalmente parecia vítima de seu dever ou do seu zelo nas circunstâncias as mais trágicas”. Outras biografias mencionam famílias tendo escondido padres: T 4, p. 366, 468... A biografia do Ir. Philotère (T 4, p. 109) menciona as práticas de piedade familiar.

⁶⁸⁹ *Biographies*, T 1, p. 128, Ir. Philogone e T 6, p. 250, Ir. Michaëlis.

⁶⁹⁰ *Biographies*, T 1, p. 537, Ir. Marie-Urbain; T 2, p. 305, Ir. Joseph-André, T 1, p. 402, Ir. Henri-Désiré.

⁶⁹¹ *Biographies*, T 4, p. 169, Ir. Ernestus. Como as crianças dormiam em seus quartos conversando, o pai, viúvo, lembra-os de que a cama é um lugar de oração e que esta conversa é “uma falta de respeito para com a santa presença de Deus”.

ligiosa, e, sobretudo, mal-educada. Isso é porque, apesar de discursos idealistas, o Instituto tem uma atitude ambivalente em relação à família: por um lado, raras visitas, exortações para se distanciar dela, convite para se separar dos bens terrestres; e, por outro lado, a exaltação da família cristã onde se faz florescer as boas vocações.

De qualquer forma, as famílias dos Irmãos parecem quase sempre modestas; 70% dos Irmãos são filhos de pequenos proprietários de terra. Em relação aos não agricultores, são praticamente todos filhos de operários: tecelões, carpinteiros, sapateiros, alfaiates, pedreiros, todos ofícios de madeira, ferro, couro, que caracterizam o artesanato rural. A única ocupação um pouco mais intelectual é aquela de professor. As profissões liberais quase não são representadas. Os funcionários são raros e estão na parte inferior da escala. É bem de um mundo de pequenos (mas, de pequenos que querem crescer) que saíram os Irmãos.

Regiões fecundas e regiões estéreis

A Congregação situa-se na presença de três tipos de terrenos: aqueles que, bem servidos de escolas, fornecem vocações em abundância: Rhône, Loire, Ardèche, Isère, Drôme; outros que, quase sem escolas, fornecem muitas vocações como o Haute-Loire e o Puy-de-Dôme. Finalmente, os terrenos estéreis em vocações, mas onde as fundações são numerosas como o Var, os Bouches-du-Rhône, o Vaucluse, na costa do Mediterrâneo, ou perto dele.

Essas áreas também experimentam desenvolvimentos contrastantes. Embora, no geral, o número de candidatos tenha aumentado durante o século, o aumento é devido somente em algumas áreas, especialmente no Ardèche (no total mais de 1.000 Irmãos) depois em Rhône e no Norte. Em Gard, em Saône-et-Loire, no Loire, no Haute-Loire, o recrutamento estagnou-se no final do século. Finalmente, em Drôme, no Isère e em Puy-de-Dôme, as vocações estão em declínio.

O recrutamento depende também, em parte, da oferta e da procura: o ritmo de crescimento das vocações segue àquele das fundações. Mas, depois de alguns anos é preciso reduzir o ritmo das fundações, fazer a triagem do pessoal que entrou massivamente e melhor escolher os aspirantes. A sorte da Congregação até 1880 foi a alternância de períodos favoráveis e desfavoráveis. Por exemplo, quando em 1859 o governo imperial para de dar apoio às congregações e começa a frear o seu desenvolvimento, ele não faz outra coisa que favorecer uma pausa indispensável. De 1860 a 70 as congregações têm, portanto, uma folga para se reorganizar e estarão novamente prontas para um salto sob a Ordem Moral em 1873-1877. Mesmo o tempo das leis laicas em 1882-1886, que discutiremos mais adiante, vai servir à congregação como um momento de recolhimento após forte crescimento.

Após 1860 um recrutamento a relançar

Já vimos que o recrutamento até 1860 tinha alcançado acima de 200 vestições anuais. Ocorreu então uma estabilização notável, parcialmente ligada a uma crise interna, que é testemunhada na correspondência do Ir. Luís Maria. Em 1862, quando fez representações para Roma a fim de obter a aprovação das Constituições, disse a um dos seus assistentes⁶⁹²: “Quem me dera que nossa aprovação pela Santa Sé fosse um tempo de renovação para todo o Instituto e reformas de vários abusos que tendem a se introduzir entre nós”, esta operação seja acompanhada de “um expurgo do Instituto sem surpreender ou amedrontar o número de saídas ou de desligamentos, até que o bom espírito seja restaurado e possa se sustentar em todas as nossas casas”. Há aparentemente longa continuidade da crise de confiança decorrente do capítulo de 1852-1854, que reflete sobre o recrutamento e promove as saídas dos jovens e menos jovens.

Evolução do Instituto de 1861 a 1879

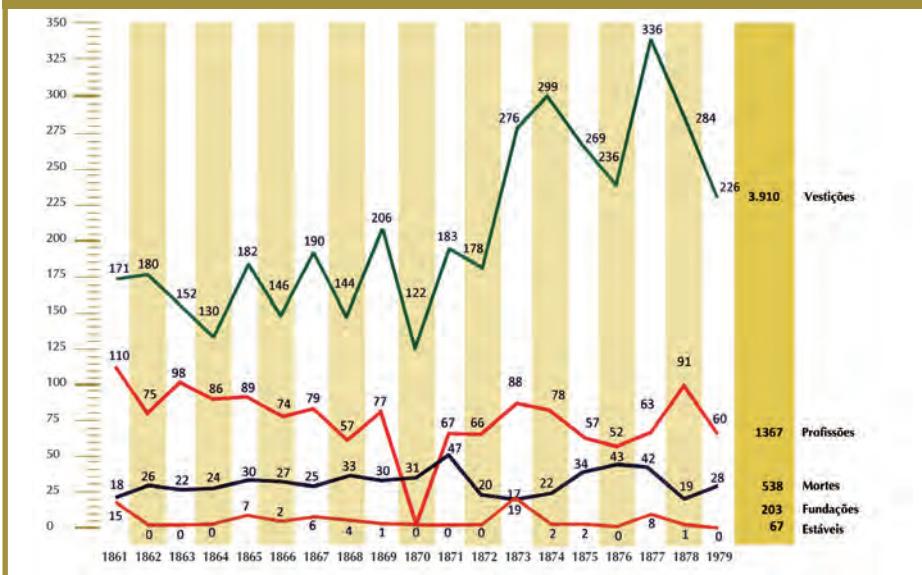
ANO	FUNDAÇÕES	VESTIÇÕES	PROFISSÕES	MORTES	ESTÁVEIS
1861	12	171	110	18	15
1862	4	180	75	26	
1863	3	152	98	22	
1864	6	130	86	24	0
1865		182	89	30	7
1866		146	74	27	2
1867	8	190	79	25	6
1868	11	144	57	33	4
1869	8	206	77	30	1
1870	4	122	0	31	0
1871	6	183	67	47	0
1872	21	178	66	20	0
1873	26	276	88	17	19
1874	20	299	78	22	2
1875	22	269	57	34	2
1876	14	236	52	43	0
1877	15	336	63	42	8
1878	14	284	91	19	1
1879	9	226 ⁶⁹³	60	28	0
Total	203	3.910	1.367	538	67

Se subtrairmos aos 4005 que ingressaram de 1861-1879 (ver tabela) as 535 mortes da mesma época, há um aumento teórico de 3470. Como o Instituto de 1860 até 1879 somente dobrou, passando de cerca de 1500 a 3000 membros, a porosidade da Congregação aumentou significativamente, como mostra a diferença do número de vestições e de profissões na tabela abaixo.

⁶⁹² *Vie du F. Louis-Marie*, p. 135-6. Em outra, p. 37, se estabelece a descrição de um jovem Irmão mau. No C 3, p. 313, o Ir. Luís Maria faz claras alusões àquilo que se passa: “Você pode ver ainda (o esforço de Satã) nos assaltos repetidos que sofrem os melhores Irmãos... Será que não reconhece, sobretudo a separação visível que se faz dos bons Irmãos, dos verdadeiros religiosos, daqueles que têm apenas o hábito e a aparência?” Em 1869, o Ir. Luís Maria fará alusão (C 3, p. 491) à “trigem marcada”, realizada depois de 1858. O Ir. Avit, em *Abrégé des Annales* (1869), fala da “trigem considerável principalmente depois de 1860”.

⁶⁹³ 3107 vestições depois do início dos registros.

ESTADÍSTICA 4. Evolução do Instituto de 1861 a 1879

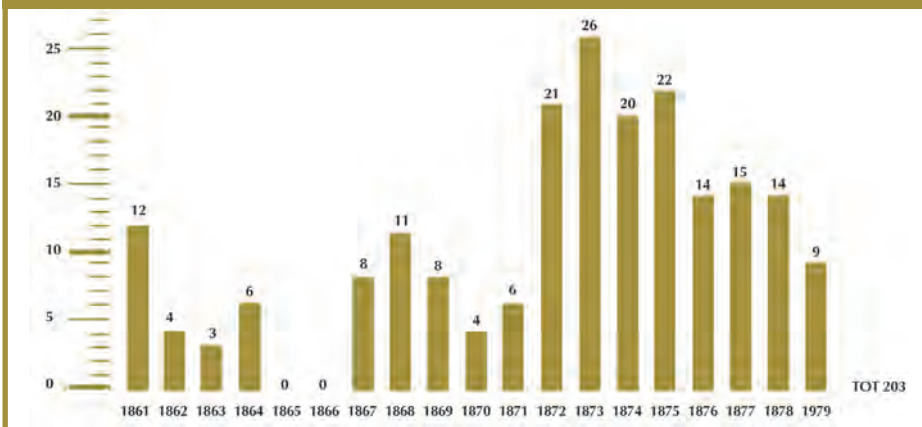


Não é, portanto, sem razão que o Ir. João Batista publicou, em 1868, as *Biographies de quelques frères*, verdadeiro tratado sobre a vocação que o prefácio diz:

“A missão de todos aqueles excelentes Irmãos é a de reparar o escândalo que dão os religiosos apóstatas e de mostrar a inutilidade de pretextos que eles alegam para se dispensar dos compromissos sagrados que fizeram com Deus”.

Existem preocupações semelhantes em *Avis, Leçons, Sentences* (1868), em que, além do capítulo 3 sobre “A infelicidade de perder a sua vocação”, muitas passagens levantam a questão da vocação.

ESTADÍSTICA 5. Fundações de 1861 a 1879



Os juvenatos como resposta a um ambiente menos favorável

O rápido progresso econômico, que abre muitas vagas para trabalho, faz concorrência à “profissão” de Irmão. É preciso engajar os aspirantes mais jovens na época em que se formam num determinado ofício:

“Se eles não são admitidos (diz o Ir. Luís Maria) depois da primeira comunhão, nós os perdemos infalivelmente. Eles assumem uma profissão no mundo, em fábricas, estradas de ferro, várias indústrias, e qualquer ideia de uma vocação religiosa se desvanece em alguns meses”.

Quanto aos mais velhos, eles chegam “mal alfabetizados e não conhecem da religião o que é estritamente necessário para a participação dos sacramentos⁶⁹⁴”. Assim, as vestições dos candidatos com idade menor de 17 anos aumentam significativamente: 35,2% de 1850-1859; 42,8% de 1860-1869; 51,3% de 1870-1879. Obviamente, a taxa de perseverança de candidatos tão jovens também é baixa, mas há outra mais grave: de 1852 a 1882 incluído, entre os de mais de 31 anos, o número médio anual de professos que saem é de 9 a 10.

Portanto, para encontrar e manter homens bem formados e reter as crianças que o desenvolvimento econômico ameaça levar, a Congregação muda seu sistema de recrutamento criando os juvenatos. Em sua circular de 16 de julho de 1868⁶⁹⁵, o Ir. Luís Maria anuncia a decisão “para tentar um juvenato ou pequeno noviciado em Notre-Dame de L’Hermitage” para os menores de 15 anos, recebendo 53 candidatos. Mas a guerra de 1870 interrompeu a obra⁶⁹⁶.

É no capítulo de agosto de 1876 que é decidido criar definitivamente⁶⁹⁷ os internatos, que fornecem poucas vocações, mantendo-os financeiramente. E um ano depois, o Ir. Luís Maria anuncia a criação de três juvenatos projetados: um em St-Genis-Laval para as províncias de St Genis, L’Hermitage e Bourbonnais; o segundo em St-Paul-Trois-Châteaux, para as províncias de Aubenas e St-Paul, e o terceiro em Beaucamps para os setores Norte e Oeste. A escolha desses locais mostra que os juvenatos são então considerados como um pré-noviciado, sob a tutela do diretor da casa provincial. As condições de admissão ainda são as mesmas que em 1868; ter 12 anos e menos de 14 anos completos; poder pagar a pensão de 250 a 300 F, fornecer um enxoval conveniente, “dar boas perspectivas de consciência, inteligência e piedade”. Aos 14 anos completos ou 15 anos começados, se a estatura, o estado de saúde, as disposições morais e intelectuais dos aspirantes lhes permitirem, eles serão recebidos no noviciado.

⁶⁹⁴ C 3, p. 342.

⁶⁹⁵ C 3, p. 445; Irmão Louis-Laurent, *Panorama des juvénats de la province de Saint-Genis-Laval*; obra datilografada de 295 p. + apêndice.

⁶⁹⁶ Esta obra abordada por outro lado não é totalmente nova. Desde 1852, no Norte, o Ir. Louis-Bernardin recomenda a criação de um noviciado preparatório para as crianças que, no momento da primeira comunhão ou pouco depois, querem ser Irmãos. Propõe inclusive que os recursos sejam dados por uma associação de pessoas generosas.

⁶⁹⁷ C 5, p. 385, 377, 444-445.

Para completar o financiamento, o Ir. Luís Maria imita os Irmãos das Escolas Cristãs, que desde 1875 formaram uma obra de São João Batista de La Salle, responsável por apoiar financeiramente os pequenos noviciados. O Cardeal Caverot, arcebispo de Lyon, concede, em 25 de outubro de 1877, uma carta de recomendação para a obra dos juvenatos⁶⁹⁸. E em 24 de dezembro de 1880, um comunicado de Léon XIII dirigida ao Cardeal Caverot recomenda a obra e atribui 300 dias de indulgência para os benfeitores.

Os começos são hesitantes. O Ir. Avit relata uma retomada dos juvenatos a partir de 1875 e alguns contratempos:

“Desde que os párocos de Lyon conheceram esta criação, eles se apressaram em apresentar seus paroquianos pequenos que lhes procuravam, como resultado de sua pobreza e a ausência de seus pais...; também o juvenato de St-Genis-Laval foi primeiramente como um tipo de aglomerado de crianças pouco afeitas à vida religiosa e à de professor. Apenas uns poucos aí ficaram. Durou três anos⁶⁹⁹”.

Apesar de alguns aborrecimentos, pode-se considerar que na morte do Ir. Luís Maria a organização dos juvenatos está no lugar. Mas, se a criação dos juvenatos permite um salto qualitativo da formação e proporciona uma maior regularidade do recrutamento, ela é também um sinal de certa crise. Com efeito, por volta de 1850, a Congregação multiplicou as escolas sem muito medo de uma escassez de candidatos. Sua perspectiva era conquistadora e missionária. Por volta de 1875, ela constitui casas para abrigar aqueles que a elas se destinam. Ao mesmo tempo, começa a estabelecer escolas em áreas fecundas em vocações. Tem-se a impressão que, lentamente, a primeira finalidade torna-se a sustentabilidade da Congregação. E os Irmãos Maristas podem aparecer como uma ordem religiosa fundada sobre um cristianismo rural em declínio lento.

A vocação de Irmão: um conceito confuso

Por ser a formação mais cara e mais cuidada, a perseverança na vocação torna-se um problema de fundo, mesmo se, desde o início, ele apareceu muito fortemente, sobretudo devido à juventude dos candidatos. De qualquer forma, não era questão de pretender um recrutamento de jovens mais idosos, mesmo se a Congregação sempre aceitou vocações adultas de personalidades marginais ou originais, tais como o Irmão Chaumont, ex-soldado, ou o Ir. Castule, antigo empregado dos Irmãos⁷⁰⁰, para não mencionar os antigos seminaristas como o Ir. Luís Maria, futuro superior-geral⁷⁰¹.

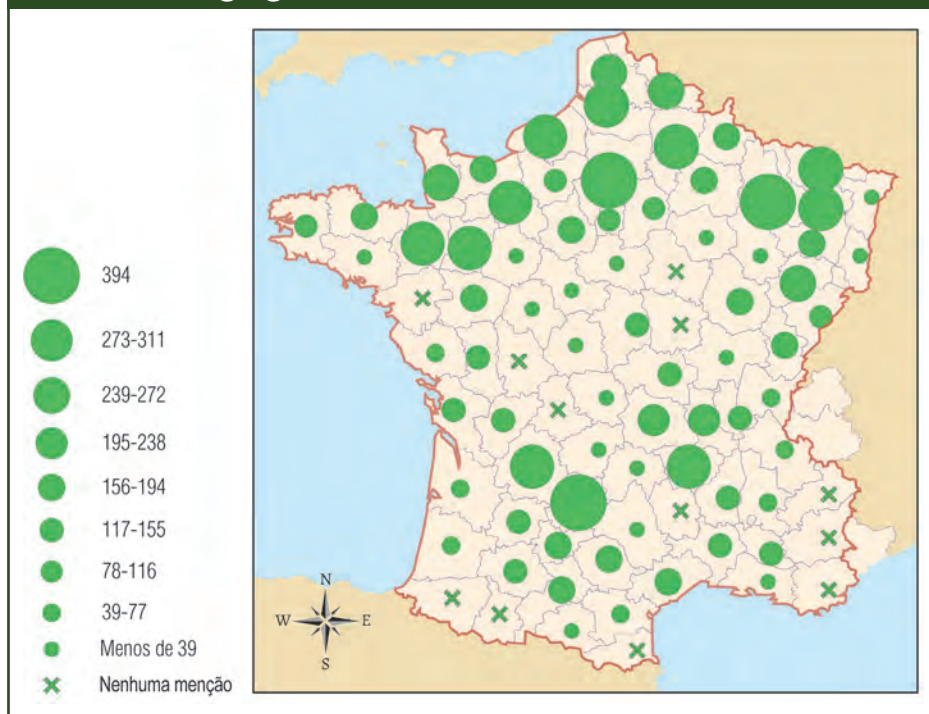
⁶⁹⁸ C 5, p. 639-641; Irmão Louis-Laurent, *op. cit.*, p. 64. Ele será seguido pelos bispos de Belley, Grenoble, Bourges, Autun, Moulins, Nevers, Clermont.

⁶⁹⁹ *Abrégé des Annales*, 1875.

⁷⁰⁰ *Annales de l'institut*, T. 1, 1839, § 482.

⁷⁰¹ *Ibid*, p. 276. Encontramos também professores bem idosos, tais como os Irs. Paul et Cassien nas *Biographies de quelques Frères*, p. 162, 189; os trapistas fracassados, tais como os Irs. Léon e Paul (p. 130, 160). Bem frequentemente também, o Instituto recebe candidatos acometidos de um defeito físico; é o caso do Ir. Avit, portador de uma deformação do braço direito e do Ir. Ribier, coxo de nascença (*Biographie*, T. 1 (1890-1900), p. 1, e *Biographies de quelques Frères*, p. 254-291).

MAPA 11. Lugar de nascimento de instituições congregacionistas em 1891



Mas, no conjunto, a maioria dos Irmãos foi recrutada entre 15 e 25 anos. As vocações tardias, depois de 25 anos, permanecem mais ou menos constantes: 3,7% de 1850 a 1859, 3,3% de 1860 a 1879.

O problema de fundo é que, entre estes jovens e menos jovens, o conceito de vocação é muitas vezes inexistente ou fluído, e muitos deles se retiram tão logo acreditam que podem encontrar uma situação melhor em outro lugar. E é por isso que o Padre Champagnat e seus sucessores se esforçarão, em suas instruções, para lembrar que o Instituto é um corpo religioso, acolhendo homens escolhidos por Deus e que devem responder com fidelidade a tal graça. A instrução do Padre Champagnat sobre “A infelicidade de perder a sua vocação”, incluída em *Avis, Leçons, Sentences*⁷⁰², dá uma boa ideia da continuidade da doutrina sobre a vocação. “Perder a sua vocação” é abandonar a vida religiosa antes da profissão com o resultado de “uma vida infeliz”, “uma série de erros”, “insucesso em qualquer empreendimento”. Aquele que vai embora depois de sua profissão é um apóstata e “nada é pior do que um religioso apóstata”. Estes são homens perversos e corruptos, destinados à maldição. Finalmente, há os Irmãos “infiéis à sua vocação”, quer

⁷⁰² A.L.S. cap. 3, p. 40: “A infelicidade de perder sua vocação”.

dizer, “quem não adquiriu o grau de perfeição ao qual foi chamado”. E tendo em conta essa categoria de Irmãos, ela nos mostra uma das grandes dificuldades do Instituto, especialmente após 1840, que se sobrecarrega de um número significativo de Irmãos sem nítida motivação religiosa.

Outra dificuldade é que, uma vez passado o tempo do noviciado, a vocação dos jovens Irmãos colide muitas vezes, nas escolas, com um sistema menos religioso, assemelhando-se à aprendizagem e em reproduzir também os defeitos. Também encontramos, de tempos em tempos, casos de trotes ou brincadeiras que podem redundar em assédio moral puro e simples. O Ir. Avit reconhece: “Pintava-se de todas as cores os Irmãos inocentes, sobretudo os jovens, os iniciantes⁷⁰³”.

Essas brincadeiras têm às vezes uma finalidade muito específica: livrar-se de um jovem Irmão incômodo. É assim que o Ir. Castule, brincalhão renomado, com o pretexto de comprar uma tampa de panela, fez andar o jovem Irmão do qual quer se desfazer, por toda a cidade de Rive de Gier (Loire) com a panela nas costas. Depois ele o leva, assim engalanado, a visitar outras comunidades de Irmãos em Lorette e Saint-Genis-Terrenoire. O Assistente teve que transferir o jovem Irmão⁷⁰⁴.

Para reagir contra esse tipo de tratamento, os superiores lembram o exemplo de M. Champagnat que: “recomendava em todas as ocasiões, aos superiores, de não deixar os Irmãos sofrerem, e para provê-los, seja de comida ou de objetos clássicos ou de outras peças de vestuário, de acordo com o seu trabalho e tudo mais que precisassem sem fazê-los esperar, sem forçá-los a pedir por várias vezes⁷⁰⁵”. “E depois o Ir. João Batista vai retomar o tema em *Le Bon Supérieur* (1869). Em *Avis, Leçons, Sentences*, considera ainda útil recordar no capítulo II: “O que é um jovem Irmão”. O capítulo especialmente interessante em que ele cita na introdução as repreensões tradicionais em relação aos jovens Irmãos que nas escolas eles fazem “rir deles e achar graça em público”, atrapalham os Irmãos, prejudicam o sucesso da escola... “para que servem esses jovens Irmãos?

Existem também conflitos de geração. Neste contexto, o caso mais comum é a escola especial em Grange-Payre onde “jovens Irmãos e os de mais idade foram incentivados pelo Ir. Silvestre” para preparar o certificado. Para estimular seus alunos, ele havia criado um tipo de quadro de honra que desagradou alguns porque “os velhos, sempre os últimos, estavam irritados”. Assim, eles questionavam o quadro. Foi preciso a intervenção do Ir. João Batista, assistente, que, para contentar os Irmãos anciãos, declara que eles são “as fortes cabeças do Instituto”, e os reenvia a seus postos de trabalho “porque ele os considera muito velhos para estudar seriamente⁷⁰⁶”.

⁷⁰³ Abrégé des Annales, 1860.

⁷⁰⁴ *Annales des maisons*: St-Martin-la-Plaine.

⁷⁰⁵ *Vida*, 2ª parte, cap. XVI, p. 414. No cap. I (p. 252), Ir. Silvestre e seu carrinho de mão. Na biografia do Ir. Urbain (*Biographies de quelques Frères*, p. 314), louvor ao Ir. Urbain, considerado como modelo de bom diretor.

⁷⁰⁶ *Annales de l'institut*, 1848.

Os diretores: um cargo estratégico e problemático

Em princípio, cada comunidade está sob a direção de um Irmão professo mais velho. Mas, especialmente depois de 1850, por vezes encontramos como diretor um Irmão que fez apenas o voto de obediência e porque ele é titulado⁷⁰⁷, ajudado por um Irmão mais velho encarregado de vigiá-lo⁷⁰⁸. Acontece também que o Irmão diretor, não suficientemente instruído para dar aula aos maiores, contenta-se em ensinar aos menores. Às vezes o Irmão diretor é relegado para as funções de cozinheiro, “mantendo a direção e fazendo observar a regra da melhor maneira possível⁷⁰⁹”.

O Instituto é, portanto, obrigado a distinguir o valor profissional e o valor espiritual, mas isso não é feito sem dificuldade. Como o Ir. Avit diz: “A maioria dos Irmãos anciãos eram de uma grande simplicidade⁷¹⁰”. O Irmão Dominique, por exemplo, “um incansável caminhante, grande amante da pobreza, da sobriedade; [...] foi difícil para ele mesmo e para os outros, às vezes⁷¹¹”. Confrontados com estes homens simples e rudes, os mais jovens encontram barreiras. E aí, novamente, as brincadeiras desempenham um grande papel. Assim, “os auxiliares de um diretor muito exigente colocaram, num entardecer, um enorme queijo fresco na sua cama: podemos adivinhar o que aconteceu ao se deitar⁷¹²”.

O cargo de diretor enfraquece mais do que uma vocação. O Ir. Avit cita o caso de “dois indivíduos com um futuro brilhante que se perderam pelas saídas e relações irregulares que a posição de diretor favoreceu”. Em 1857, ele lembrou a saída do Ir. Ismael “que fez tão bem, infelizmente para ele, foi nomeado diretor. Ele, então, adquiriu uma bengala, luvas, meias de malha (quando os Irmãos deviam usar meias de pano), uns óculos e brilhantina⁷¹³”. E menciona que sobre 62 profissões de 1853, 6 Irmãos nomeados diretores saíram da Congregação.

É que um diretor é tentado a tornar-se um notável e a fazer carreira por conta própria⁷¹⁴. Na melhor das hipóteses, o superior-geral ou o assistente pode trocar um diretor por conveniência, operação que nem sempre é fácil, porque o padre

⁷⁰⁷ *Annales de l'institut*, 1841, exortação aos Irmãos para que se preparem para a titulação; em 1844, as escolas não têm titulados; em 1846, há muitas falhas de titulação; em 1852, são obrigados a empregar noviços nas escolas e diretores que não são professores.

⁷⁰⁸ C. 2, p. 189 (1854). Um exemplo das dificuldades dos diretores em face aos seus auxiliares: a circular declara que os resultados da composição dos Irmãos diretores não serão publicados, e serão conhecidos apenas pelo Superior-geral. Os resultados dos Irmãos professores serão publicados somente para eles e para os Irmãos diretores.

⁷⁰⁹ *Annales de l'institut*, 1879, F. Alexandre.

⁷¹⁰ *Ibid*, 1879.

⁷¹¹ *Ibid*, 1865. Em 1840, em Charlieu (Loire), “ele tenta obter, com os três seus auxiliares, para todo o ano um barril de cidra e alguns litros de vinho. Mais tarde, em Blanzay (Saône et Loire), querendo recompensar seus Irmãos que trabalharam toda uma quinta-feira na horta, ele mandou fazer uma fritura de batatas: se o pequeno Luís Maria (o superior-geral) se irritar, repetia ele, pior para ele”.

⁷¹² *Ibid*, 1860.

⁷¹³ *Annales de l'institut*, 1849.

⁷¹⁴ Este será, por exemplo, o caso do Ir. Béatus que se tornou professor de escola pública: *Abrégé des Annales*, 1865.

ou o prefeito pode se opor à sua partida⁷¹⁵. Finalmente, uma falha do diretor é uma escola em perigo e, também, as vocações de Irmãos sob o seu comando, porque em geral são abandonados a eles mesmos.

O estudo como perigo e necessidade

Com a exigência do certificado e os requisitos educacionais constantemente aumentados, os superiores, presos entre o medo pela vida religiosa e a necessidade, conduzem uma política hesitante. Em 1842, o Ir. Francisco lembrou o que constitui o conhecimento do Pequeno Irmão de Maria: uma caligrafia modelo, um profundo conhecimento e prática do catecismo, uma boa leitura, um pouco de gramática e aritmética⁷¹⁶. Mas, como aplicar tais princípios sob a Monarquia de julho, onde: “as coisas se tornaram tão difíceis, eleva-se de tal forma os programas e quase por todos os lugares há tanta arbitrariedade que é praticamente impossível para nossos Irmãos obter sucesso. Para obter 4 certificados foi necessário apresentar 28 temas⁷¹⁷”.

Depois de 1850, os exames são mais fáceis porque os júris são benevolentes e podem substituir o certificado por um comprovante de estágio⁷¹⁸. O fato é que nunca há certificados suficientes. É por isso que o tom dos superiores muda⁷¹⁹: Os Irmãos diretores devem garantir que os estudos sejam bem feitos nas casas. Quase todos os dias, deve haver um ditado entre os Irmãos; os jovens Irmãos sem titulação devem aprender e recitar todos os dias ao diretor uma página ou meia página de gramática e um capítulo de catecismo⁷²⁰. Em 1854 os superiores estabelecem exames e competições para “manter o gosto e a prática de estudo”. Além disso, o superior-geral recorda:

“Não vamos esquecer, meus Caríssimos Irmãos, que para fazer o bem nós precisamos não somente de dar uma sólida instrução religiosa para as nossas crianças, o que provavelmente é o mais importante, mas também competir com outras escolas em todas as partes essenciais da instrução primária”.

Em 1866⁷²¹, o Ir. Luís Maria irá sugerir a seguinte organização: seguindo os exercícios de piedade da manhã, 10 minutos para dar um ditado, 10 minutos para corrigir o dever de véspera. Ter 4 cadernos de dever: um para o catecismo e as notas espirituais, um para o ditado e análises, um para os modelos ou as páginas da caligrafia, um para problemas aritméticos; o Irmão visitador deve verificar tudo isso.

⁷¹⁵ *Biographies de quelques Frères*, p. 20: o Irmão Luís mostra, com seu exemplo, como é preciso se comportar quando um pároco quer manter o diretor.

⁷¹⁶ C. 1, p. 62, 63.

⁷¹⁷ *Annales de l’institut*, 1847.

⁷¹⁸ C 2, p. 75.

⁷¹⁹ C 2, p. 171, 1853, assinala 16 sucessos dos 24 candidatos.

⁷²⁰ C 2, p. 189, estabeleceram-se também exames para “manter o gosto e a prática do estudo”.

⁷²¹ C 3, p. 305.

Convites para estudar intensamente são pontuados com momentos de parada e avisos. As biografias dos Irmãos escondem também, daqui e de lá, ataques contra o amor demasiado pelo estudo. O Ir. Nivard lamenta “os seis anos empregados no estudo da história, literatura e conhecimentos que não são absolutamente necessários para um Irmão” em vez de estudar a Jesus Cristo. Na biografia do Ir. Pascal, cita-se o caso de um jovem Irmão obcecado pelo desejo “de ser chamado para uma escola especial para aprender” que não o deixa em paz e dedica noites aos seus exercícios de piedade⁷²². Em 8 de abril de 1872, o Ir. Luís Maria aproveita-se da biografia do Ir. João Batista para lembrar que somente os estudos religiosos são realmente indispensáveis⁷²³. Em 1875 ele deve proibir Irmãos de certos estabelecimentos de levantar às 4 horas “para ter mais tempo para trabalhar”.

Na verdade⁷²⁴, não dá para tentar remover o gosto pelos estudos: precisa simplesmente evitar os excessos muito graves e até mesmo integrar o estudo ao ideal religioso⁷²⁵:

“A aplicação ao estudo é, aliás, uma ótima maneira de manter-nos na piedade e regularidade, enquanto nós temos o cuidado de referir a Deus somente todos os nossos estudos e não ter em vista que sua maior glória”.

A tentação do latim

Se, pois, há Irmãos, que cedem à tentação de se tornarem professores por conta própria, há outros⁷²⁶ que querem aprender latim para entrar para o sacerdócio. Desde 1842, o Ir. Francisco dizia: “já a doença do latim, apesar do fato de que o estudo é proibido aos nossos Irmãos, nos leva vários a cada ano”. Em 1844, o Ir. Marie Pacôme, “embora já idoso”, parte para ser sacerdote. Ele fará seus estudos na Argélia antes de cumprir as funções paroquiais para retornar a uma pequena paróquia em Ardèche. Em 1852, o Ir. Aristonique parte para se fazer sacerdote, após 15 anos de comunidade. Sobre 32 novos professos de 1852, dois vão para o sacerdócio, dos quais um se tornará Vigário-geral de Dom Lavigerie em Argélia⁷²⁷.

Como não é fácil dissuadir um Irmão de abraçar o estado eclesiástico, os superiores consultam monsenhor Roux, Vigário-geral de Viviers, em 1865⁷²⁸, que lhes

⁷²² *Biographies de quelques Frères*, p. 160, 371, 325. Nos A.L.S., o Ir. João Batista lembra: “o que é um catecismo bem feito”. Ele entra em guerra (p. 376-378) contra os Irmãos que não preparam o catecismo.

⁷²³ C 5, p. 277, C. 4, p. 239-256.

⁷²⁴ C 5, p. 534; a circular lamenta que numerosos jovens Irmãos não viram senão a “profissão” e não “a missão”.

⁷²⁵ C 2, p. 172.

⁷²⁶ *Vida...* p. 167, 270, 169-171 e *Biographies de quelques Frères*, p. 27.

⁷²⁷ *Annales de l'institut*, 1842, 1844, 1852, 1856.

⁷²⁸ A.F.M. gaveta K 11/14. “Cartas particulares dos superiores”, 1872-1897, p. 5-11.

proporciona um arsenal de argumentos teológicos contra os religiosos que querem abraçar o estado eclesiástico, e seu relatório conclui que não há nenhum destes desertores “que não esteja doente de uma estima secreta de si mesmo muito tenaz, muito fina, muito sutil”⁷²⁹.

A luta contra a tentação da Trapa parece não ter tomado a mesma medida. A correspondência com os Irmãos atraídos por este desejo visa mostrar-lhes que a vida de Irmão é tão dolorosa como aquela do monge:

*“Há poucos dias, entrei em uma classe dos pequenos de 132 crianças confiadas a um jovem Irmão de 20 anos, sete horas por dia e todos os dias! E pode-se encontrar uma Trapa, uma Cartuxa que supera esta imolação, este sacrifício?”*⁷³⁰.

Esta disputa ilustra a ambiguidade da relação entre os Irmãos e o Clero, percebido como social e intelectualmente superior. Alguns capelães das casas provinciais foram particularmente perigosos porque eles “demoveram certas pessoas de sua vocação em confissão”⁷³¹.

Exaltar a vocação

Assim, família, sacerdócio, profissão de professor leigo, vida monástica são vistos como concorrentes à vida de Irmão. Devemos igualmente lutar contra a ideia de que também se pode salvar no mundo assim como na vida religiosa, porque muitos Irmãos entram jovens para o convento, pretendendo aí se comprometer, sem saber as obrigações do seu estado⁷³². Como um grande número de Irmãos reluta em fazer a profissão e permanece muito tempo no estado intermediário de obediência, em 1876 o capítulo decreta que o limite para a profissão está fixado em trinta anos.

Se os Irmãos aspiram a outra vida, é também porque estimam pouco a deles, considerando-a como muito dolorosa ou muito baixa. Eis porque o Ir. João Batista procura mostrar aos Irmãos sua grandeza em vários capítulos dos *Avis*, *Leçons*, *Sentences*, como “O que é um Irmão no sentimento do Padre Champagnat”. Em seu último capítulo também (“o que é um professor?”) evoca a função sacerdotal do Irmão: “o sacerdote e o professor, que se ocupam das almas, preenchem os dois ministérios, os mais altos entre os homens”.

O Ir. João Batista e outros também visam amar e estimar a congregação como uma família. A Biografia do Ir. Damien⁷³³ é a oportunidade de uma longa introdução sobre este assunto: Deus ama-a, por isso ele a faz prosperar; o superior é um pai. E esta família não o tem elevado, educado, alimentado e especialmente pre-

⁷²⁹ *Vie du F. Louis-Marie*, p. 253.

⁷³⁰ *Vie du F. Louis-Marie*, p. 261, Carta de 5 de março de 1869.

⁷³¹ *Biographies de quelques Frères*, p. 247; *Abrégé des Annales de 1861*.

⁷³² *Vida*, p. 31, 87-88; o *Princípio de Perfeição*, p. 109, responde a esta objeção.

⁷³³ *Biographies de quelques Frères*, p. 74-85; Ir. Estanislau, p. 64.

servado-o do mundo? E ela continua seus benefícios ao cuidar do Irmão, fornecendo uma existência honesta, conservando sua vocação e finalmente rezando por ele depois de sua morte.

Todos esses problemas já eram reais nos anos de 1817-1840, mas a primeira geração de Irmãos havia largamente aderido ao impulso místico insuflado por Champagnat e, portanto, aceitaram ao mesmo tempo uma existência humilde e austera. Nos quarenta anos seguintes, a crise de crescimento da Congregação e o desenvolvimento socioeconômico opuseram as gerações e enfraqueceram a adesão. Apesar de ter construído uma doutrina ao mesmo tempo vinculante e valorizante da vocação do Irmão, o Instituto enfrenta uma mentalidade dominante que leva a considerar o Instituto apenas como uma associação de professores que não exige nenhum carisma especial. É particularmente a viva consciência dessa fragilidade que impulsiona os superiores para um governo altamente centralizado, apoiado em um corpo de Irmãos estáveis. No entanto, convém recordar que, apesar destes problemas de fundo, o Instituto continua capaz de se expandir, o que lhe permite estabelecer uma rede de obras sobre uma grande parte da França: esta não é uma congregação nacional como os Irmãos das Escolas Cristãs, mas mais do que uma congregação regional.

16.

DEMOCRATIZAÇÃO SOCIAL CONTRA DEMOCRATIZAÇÃO POLÍTICA

Os Irmãos Maristas na diocese de Belley

Embora houvesse alguns Irmãos que não estimavam sua vocação, sua ação coletiva, no entanto, foi profunda e mais democrática, contrariando um determinado mito republicano que só vê obscurantismo e espírito reacionário naqueles que precederam a escola leiga, gratuita e obrigatória. Mas, na verdade, até que as escolas normais estabelecidas pelo Estado em 1833 tivessem um corpo de professores leigos qualificados, os congreganistas é que foram os promotores nas cidades e aldeias da modernidade pedagógica, pondo em perigo a velha tradição do Antigo Regime, fundado sobre a pequena escola para o povo e o colégio para as elites.

Este ostracismo contra os congreganistas é baseado, em parte, no fato de que os republicanos e congreganistas não têm o mesmo conceito de democracia. Politicamente, os republicanos são Jacobinos, isto é, hiper-centralizadores que querem que o Estado garanta um controle rigoroso sobre a sociedade e, portanto, sobre a educação. Embora eles não estejam planejando um monopólio legal, tendem a um monopólio de fato, com uma administração ainda mais poderosa que sistematicamente favorece a escola do Estado e multiplica as barreiras ao corpo de professores particulares. Este autoritarismo, revestido com o prestígio da modernidade (progresso, igualdade...), será amplamente aceito pela sociedade.

Sobre o plano social, Republicanos e Liberais são mais tímidos porque, se uma grande parte da burguesia é politicamente liberal ou republicana, ela tende ao mesmo tempo para a conservação das hierarquias sociais tradicionais. É por isso que o Estado não irá tocar a velha divisão entre a escola do povo e a escola das elites. Apesar de suas declarações democráticas, ele vai manter dois sistemas de ensino com nenhuma ponte de um para o outro: uma escola primária gratuita, no final dos estudos sancionada pelo certificado de estudo aos 13 anos, os estudantes mais talentosos ou mais ambiciosos frequentam, na sequência, as escolas primárias superiores e cursos complementares que os levam ao certificado elementar, dando o direito de ensinar, ou ao certificado mais elevado que é o diploma final do ensino fundamental. Este é o currículo que seguem a maioria dos

Irmãos. Educação para a burguesia, pagando, baseia-se na aprendizagem do latim em seminários, colégios e escolas de ensino médio. Leva para o bacharelado e a Universidade, abrindo, portanto, para as carreiras prestigiadas, mesmo se muitos estudantes não vão até o fim dos seus estudos. Podemos, portanto, definir o poder republicano como um estadismo politicamente mais liberal que democrático e socialmente conservador.

Para as congregações, ordem, religião e respeito pelas hierarquias são, teoricamente, seu ideal. Mas, na prática é o oposto, porque, em escolas de ensino fundamental e especialmente em internatos, os Irmãos desenvolvem uma educação primária superior, educação técnica às vezes, o que corresponde ao desejo de ascensão social dos meios populares ou da pequena burguesia. Muitas vezes melhores pedagogos do que os professores de colégios e pequenos seminários, eles fazem a estas instituições forte concorrência que atrai as recriminações da boa burguesia e alguns círculos eclesiásticos que não estão longe de acusá-los de perturbar a ordem social. Certa desvantagem da educação congreganista depende então não do seu caráter retrógrado, mas do fato de que é para o Estado e hierarquias sociais, muitas vezes aliados, um risco real. E isto antes que os republicanos chegassem ao poder.

Note-se também que, nos anos 1860-80, a sociedade que se manteve bastante tempo indiferente às questões da educação, evoluiu muito. Agora a escola é uma questão política e social e as autoridades eclesiásticas ou congregações devem considerar antes de tudo as autoridades civis e a opinião pública local. O Ir. Diretor deve não apenas ser bem visto pelo pároco, mas também pelo inspetor primário, pelo prefeito e pelos moradores que podem chegar a adotá-lo como “seu professor”, sejam eles muito católicos ou mais tíbios.

Os *Annales des maisons*, escritos pelo Ir. Avit, mostram vários exemplos desta competição: entre as escolas primárias e internatos dos Irmãos, de um lado, e escolas ou colégios municipais mantidos pelos leigos ou clérigos do outro. No entanto, esta competição não reveste de repente um programa de caráter ideológico e os anos 1860-1880 revelam uma infinidade de conflitos locais ainda pouco liderados por grandes princípios. Para ilustrar isso vou considerar o caso de algumas escolas na diocese de Belley, vasto quadrilátero ao nordeste de Lyon, incluindo de oeste para leste o rico vale da Saône, o planalto glacial de Dombes e as montanhas do Jura na fronteira com a Suíça.

A rede dos Irmãos Maristas e a política

Mesmo se Ain está longe de ser para eles um departamento de extensão massiva, os Irmãos Maristas aí fundam ao todo treze escolas entre 1836-1875, o que é um pouco menos que outras congregações locais, tais como os Irmãos da Sagrada Família e os Irmãos da Cruz de Jesus, ou os Irmãos das Escolas Cristãs. Como são necessários recursos suficientes para três Irmãos, as cidades onde se instalam têm entre 1.500 e 3.500 habitantes, exceto Oyonnax (9.300 habitantes).

De acordo com a data de suas fundações, as escolas dos Irmãos Maristas correspondem a dois modelos distintos, mesmo que a passagem de um para o outro suporte todos os tipos de nuances e de acomodações, porque, já o referi, após 1860, o governo imperial tornou-se suspeito frente às congregações, e a população agora sente a educação como um campo estratégico.

MODELO 1836-1860	MODELO 1860-1890
Notáveis e muitas vezes legitimistas, ofereciam fundos para uma escola ou um internato congreganista.	Novos notáveis saídos da indústria, das profissões liberais ou da administração, muitas vezes reservados ou em oposição à escola congreganista.
Pároco preocupado em melhor catequizar as crianças ou (e) em afirmar a preponderância do clero nas questões escolares.	Os párocos menos influentes em assuntos escolares e frequentemente reservados frente às escolas congreganistas.
Prefeito e conselho municipal deixam o pároco agir ou colaboram com ele. Eles são pouco inclinados a gastar por uma escola.	Prefeito e conselheiros municipais preocupados em fazer valer seus direitos em matéria de educação.
Populações indiferentes ou interessadas em uma educação a um menor custo possível.	Populações preocupadas com a instrução para seus filhos e querendo um pessoal de ensino bem integrado ao lugar.
Bispado intervindo de maneira pontual, mas firme.	Forte perda de influência.
Estado um pouco ou muito favorável ao ensino congreganista.	Um Estado exercendo no início um controle rígido e depois se tornando francamente hostil.
Prefeitura e inspeção acadêmica em retração: preponderância dos poderes locais na escolha dos professores.	Prefeitura e inspeção acadêmica dominando os poderes locais e executando com zelo a política governamental.
	Uma imprensa regional agitadora de campanhas anticlericais (exploração de escândalos).

Passa-se, portanto, de um modelo próximo do Antigo Regime em que a sociedade local era autônoma quanto a sua política escolar, a um modelo Jacobino. E este, bem antes que a política da Terceira República, lhe desse um caráter radical e altamente ideológico.

Duas histórias opostas: as escolas de St Didier-sur-Chalaronne e Thoissey

O estabelecimento de St Didier-sur-Chalaronne, fundado em 1836, em uma aldeia rural é a primeira escola dos Irmãos Maristas em Ain e no fundo, seu grande sucesso. Aquele da cidade de Thoissey, bem próxima, criado desde 1837, será um fracasso. Monsenhor Madinier, pároco zeloso e estimado, esforçou-se em trazer os Irmãos e a Condessa de la Poype, em 1835, ofereceu a Dom Devie uma soma de 72000 F. para a fundação de um estabelecimento de Irmãos destinado a crianças de St Didier e Thoissey, a cidade vizinha. Embora deixados de fora da operação, os moradores participam ativamente na instalação da escola: os homens nivelam o pátio e retiram o cascalho da horta enquanto as mulheres preparam a roupa. Finalmente, quatro Irmãos chegam aí em novembro de 1836. Para começar, a escola recebe 250 estudantes vindos não só de St Didier, mas também de Thoissey, cidade vizinha, mas “estes últimos eram pequenos demônios cuja travessura e espírito independente interferiram com os primeiros. Vimos desde logo que a escola não poderia continuar a ser comum”.

Em 1846, já vinte Irmãos lecionam no internato e professores leigos de música, ginástica, esgrima, exercícios militares oferecem as disciplinas complementares. A revolução de 1848 suscita a agitação, e o estabelecimento está ameaçado, mas o Ir. Philippe empresta sua fanfarra aos republicanos para acompanhar os eleitores em Thoissey. No entanto, o ambiente muda: um Irmão é falsamente acusado de imoralidade e um ex-Irmão Marista estabelece uma escola que vai fazer aos Irmãos Maristas uma grande concorrência até 1871. Um capelão é nomeado em 1862, mas os diretores cuidam em limitar sua autoridade. De 1857 a 1879, o número de internos eleva-se gradualmente de 80 a 178. Este número vai baixar em seguida, mas permanece significativamente acima de 100.

Realizando por volta de 1880 um balanço dos resultados, o Ir. Avit nota que agora praticamente todos os homens de St Didier sabem ler, escrever, contar e fazer uma pequena correspondência. Além disso, o estabelecimento deu “7 ou 8 Clérigos, 22 Irmãos (dos quais 6 professos) um capitão de engenharia, suboficiais, 3 escrivãos, arquitetos, agentes de viagem, farmacêuticos, oficiais de Justiça, muitos prefeitos, deputados e vereadores, muitos empregados no comércio, indústria, estradas de ferro etc...” . Em 1891, ele acrescenta que os alunos obtiveram o certificado, diplomas do ensino secundário especial e até mesmo um bacharelado e uma admissão a St-Cyr (escola de oficiais).

Aos olhos do Ir. Avit, Thoissey é a antítese de St Didier. Embora menos povoada (1.500 hab.) é uma cidade e capital do Cantão que tem um antigo colégio reintegrado em 1819, que educa alunos de famílias mais ricas, enquanto as crianças de

meios populares frequentam os “mestres leigos e livres” pouco instruídos. Dois Irmãos Maristas vão à escola diariamente em Thoissey desde 1837. Rapidamente, a escola tornou-se municipal e recebe 100 alunos. Mas o pároco, monsenhor Hugon, muito bom com os irmãos, falecido em 1865, foi substituído por Monseñor Pascal, diretor do Colégio retomado pelos sacerdotes diocesanos após 1830. Como ele pretende promover sua antiga instituição, suas relações com os Irmãos são frias. Além disso, em 1878, Ducher (ou Duchère), médico, prefeito e vereador, aliado ao monsenhor Pascal, manobra para a laicização da escola municipal que será realizada em 1881. Finalmente, os Irmãos mantêm somente uma escola gratuita para uns cinquenta alunos apoiados por um comitê de notáveis. Quanto ao novo pároco, monsenhor Josserand, “além da confissão, ocupa-se tanto dos Irmãos quanto o sultão dos Turcos”. A escola de Thoissey vai, portanto, subsistir em uma cidade que deu aos Irmãos apenas um modesto prestígio e também nunca forneceu vocações ao Instituto.

Esses dois exemplos sozinho podem resumir a história das instituições maristas em Ain: por um lado, o sucesso de um internato-externato capaz de assegurar uma escolarização em massa, não só para os meios populares, mas também para uma classe média à procura de uma educação moderna de qualidade; por outro lado, o fracasso de uma escola municipal urbana confrontada com a concorrência de instituições leigas e um colégio. Também percebemos a complexidade da relação entre congregação, autoridades da igreja e burguesia.

No entanto, nos exemplos acima, aparece mais tarde o papel do Estado como se as aventuras destas fundações fossem ainda largamente enraizadas em um antigo regime social e político. Existe ainda, em grande parte, o sentimento de um mundo pouco ideológico feito de lutas de interesse e de conflito entre pessoas, mesmo se as revoluções tenham radicalizado as posições de certos círculos.

Política e escola em Oyonnax e Nantua

Nessas duas cidades a rivalidade escolar será muito mais radical. Segundo seu costume, o Ir. Avit retrata os moradores da cidade industrial de Oyonnax (9.300 habitantes) sob um dia sombrio: “é uma das primeiras cidades da França, onde a Internacional foi capaz de se implantar” e as indústrias favorecem a imoralidade. Um grupo liderado pelo pároco e um comerciante chama os Irmãos das Escolas Cristãs em 1853, mas estes devem se retirar rapidamente. O Conselho municipal queria professores leigos, mas a prefeitura (estamos no início do Império autoritário favorável às congregações) obriga a escolher os congreganistas, e Dom de Langleterie, Bispo de Belley, solicita aos superiores de substituir os Irmãos das Escolas Cristãs, o que equivale a uma ordem. Com sua chegada em novembro de 1857, os Irmãos Maristas competem com um colégio que tem uma quarentena de alunos internos e externos, e “em poucos anos nossos Irmãos foram obrigados a fazer as malas”. Agora ensinam na prefeitura, mas sofrem assédios dos municípios, círculos burgueses e a extrema esquerda se aliam contra eles. Finalmente, o Conselho municipal, eleito em 1878, vota o regresso dos Irmãos, aprovado em 9 de setembro

de 1879 pelo prefeito. Estamos nos primeiros dias do triunfo dos Republicanos, e o regresso dos Irmãos de Oyonnax anuncia as leis laicas.

Mas é Nantua o exemplo mais marcante da rivalidade entre a escola dos Irmãos e o colégio. Esta subprefeitura de 3.500 habitantes é uma pequena cidade administrativa que, com um Tribunal de primeira instância, está nas mãos “dos burocratas que este tribunal a faz viver”.

Quando Padre Debelay, pároco de Nantua desde 1829, solicita os Irmãos em 1838, a cidade tem um colégio, quatro ou cinco mestres particulares e uma escola municipal. O Padre Champagnat está relutante, mas Dom Devie deseja esta fundação⁷³⁴. E três Irmãos chegam como professores municipais em outubro de 1840. Suas aulas contam imediatamente com 160 alunos, mas “os pais ricos não gostam de ver seus filhos misturados com aqueles que chamam o piolheiro”. É preciso criar uma sala “superior” para crianças dos meios privilegiados.

Com relação ao colégio, que tem apenas duas salas, ele não brilha: “o diretor implorava (os alunos) de porta em porta”, disse o Ir. Avit. E os Irmãos queixam-se que os estudantes do colégio os insultam “em todas as ocasiões e até à porta da igreja”. A Escola dos Irmãos é ameaçada em 1848 e, embora dirigido por um Clérigo, o colégio e os seus apoiantes continuam a fazer aos Irmãos “uma guerra violenta e desleal”.

O Ir. Brunon, diretor a partir de 1853, “capaz, bom professor e de um caráter muito forte”, apoiado pelo pároco, conduz uma política de concorrência direta com o colégio. Ele trouxe para a sua escola “todas as matérias do certificado completo”. Finalmente, o Conselho departamental da Instrução Pública acusa o Ir. Brunon de insultos ao colégio e de ilegalidade em seus programas. Por conseguinte, solicita sua substituição. Enfim, o caso remonta ao ministério⁷³⁵: os Irs. Brunon e Pemen são revogados, os Irmãos expulsos da escola e o município vota a fusão da escola com o colégio. O governo e os notáveis de Nantua foram até o fim.

Diferentemente de Oyonnax, isso não é ainda o laicismo, mas a aliança entre o Estado e a burguesia que se tornaram anticongreganistas depois de 1860. Acrescentamos que é também uma derrota para o Clero como chefe da educação, porque ele aparece dividido: o pároco é mais intransigente do que os superiores dos Irmãos, eles mesmos fracamente apoiados por Dom de Langalerie contra o abade Tholon, diretor do colégio. Quanto aos superiores dos Irmãos, eles foram depreciados por um diretor que articulou uma política muito pessoal e perigosa.

Um mundo rural onde é preciso saber fazer-se aceito

Mesmo em áreas rurais, o sucesso de uma fundação é aleatório, como vemos em Marboz, grande município com 2.557 hab., não muito longe de Bourg en Bresse. Permaneceu muito católico na Revolução, é um viveiro de vocações eclesiásticas e

⁷³⁴ *Cartas* de M. Champagnat, Irmãos Maristas, Roma, 1987, Carta n° 239.

⁷³⁵ Jean Maurain, *op. cit.*, p. 465. A.N. F 17/ 10914.

religiosas e, desde 1825, Dom Devis estabeleceu aí uma escola clerical: um pequeno colégio-seminário. No início de novembro de 1864, três Irmãos se estabelecem para conduzir uma instituição que inclui externos, seminaristas e pensionistas, tendo em vista, disse o padre, “a necessidade de promover a professor o máximo de pessoas possível”. É, portanto, uma luta intensa com escola municipal da qual o titular “muito bem apoiado” a mantém bem. E então, embora muito católica, a população de Marboz permanece hostil aos Irmãos implantados contra sua vontade (o bispo tinha-os convidado a tomar a escola) em uma manobra considerada clerical.

Em muitos aspectos, Foissiat, município rural de 2.600 hab., assemelha-se a Marboz e, de fato, não está longe dela, mas é outra história escolar que ocorre aí. A Fundação da escola dos Irmãos é o trabalho do Sr. Pitre, prefeito, cantor na igreja e participante diário da missa, mas, diz o Ir. Avit: “muitas vezes, tentou interferir na administração eclesiástica e raramente foi de acordo com o seu pároco”, padre Martin. No entanto, conseguem concordar em pedir Irmãos que chegam em outubro de 1873. Ao contrário de Marboz, os Irmãos tiveram sucesso na sua implantação. Quando a lei de 1886 os expulsará da escola pública, a fundação de uma escola gratuita ocorrerá sem nenhum problema.

Em Bâgé-le-Châtel, de acordo com o Ir. Avit, “7/8 dos homens e a metade das mulheres esqueceram o preceito de Páscoa”, e os filhos seriam superficiais e pouco inteligentes. Em 1863 o pároco Martigny se junta à família Monterrat para fundar uma escola livre e gratuita de Irmãos para competir com o mestre de uma escola pública do qual o Ir. Avit disse que: “Era um homem corajoso, mas um professor medíocre”, incapaz de suportar a concorrência. Embora a queda do Império leve à prefeitura o Sr. Mazoyer, franco-maçom e republicano zeloso, a política escolar não muda. Bom político, o prefeito faz-se, como o pároco, o interprete da população que reivindica o retorno do Ir. Pacificus, o diretor “que ganhou a simpatia geral”. Em 1882, a prefeitura pressiona o município para estabelecer um grupo escolar, mas a Câmara Municipal, quase unânime, recusa. Retomando a história em 1891, o Ir. Avit observa que a escola que, sendo livre, não teve de se submeter à laicização depois de 1886, tem 90 a 100 alunos. A escola leiga, fundada em 1887, tem somente 8 a 10 estudantes: os filhos de funcionários e “as supostas vítimas de 2 de dezembro”⁷³⁶. E, por conseguinte, em Bâgé-le-Châtel, apesar de uma pequena prática religiosa, a escola dos Irmãos é a verdadeira escola pública.

Portanto, parece-nos que, em áreas urbanas, assistimos a uma disputa escolar rapidamente politizada, os Irmãos encontram-se expostos às autoridades acadêmicas e locais e mesmo seguidamente ao Clero. Eles parecem ser tolerados apenas como escola popular com equipe limitada. Nas áreas rurais, o problema apresenta-se um pouco diferente, porque, em última análise, tudo repousa sobre a capacidade da escola congreganista de ser reconhecida pela população como a sua escola, tenha ela ou não o status de escola municipal e que a população seja ou não muito religiosa, porque a mentalidade dissocia fortemente religião, política e educação.

Como já dissemos, os congreganistas não conseguem superar uma forte contradição entre sua ação, reduzindo hierarquias sociais e seus ideais de sociedade

⁷³⁶ O golpe de Estado de Luís Napoleão Bonaparte em 2 de dezembro de 1851.

estável. Por outro lado, a sua capacidade de enraizamento sustentável é aleatória: as populações queixam-se de frequentes substituições dos Irmãos ou exigem o retorno dos Irmãos que tinham conseguido ser aprovados. Finalmente, a congregação luta para controlar a independência dos diretores, como já vimos em Nantua.

Na verdade, a ação mais bem sucedida dos Irmãos é o pensionato, onde uma parte significativa da população, em busca de ascensão social, encontra uma instituição adaptada às suas aspirações. Somente o pensionato de St Didier-sur-Chalaronne preencherá permanentemente esta função. É neste lugar que os Irmãos, em grande parte livres das pressões sociais e políticas, podem distribuir com sucesso a modernidade pedagógica da qual eles foram portadores antes de muitas pessoas.

Este estudo também nos convida a nos perguntar sobre a evolução do conceito muito francês do laicismo durante o século XIX. O Ir. Avit usa primeiro a palavra “leiga” para designar os professores não congreganistas, concorrentes dos Irmãos, mas no fundo pouco diferente dos Irmãos em sua pedagogia, seus hábitos e seu desejo de fazer andar sua escola. Em seguida, ele dá à palavra um sentido francamente político. No entanto, há muito tempo na vila como na cidade, o laicismo é menos uma ideologia que um feixe de sensibilidades feita relutância para com um pároco muito autoritário, de congregações muito invasivas, de notáveis muito poderosos, um bispo demasiado distante. As condutas são mais guiadas por considerações locais ou rivalidades pessoais que estão ligadas por oportunismo ou golpe a qualquer particular tendência. Daí alianças ou desavenças, surpreendentes para nós, mas comum naquele tempo: os padres e os párocos contrários ou indiferentes às escolas dos Irmãos; autoridades municipais com os Irmãos, mas em desacordo com os párocos. Antes de 1880, mas, muitas vezes depois, os grandes debates acreditados como ideológicos frequentemente têm uma infraestrutura revelando a comédia humana e de jogos de poder locais. No entanto, o Ir. Avit não está errado em designar os grandes acontecimentos revolucionários (1848, 1870) como momentos-chave na evolução das mentes, porque eles causam mudanças de poder em nível local e permitem cristalizar em ideologia as sensibilidades mais ou menos vagas antes.

Foi só depois de 1871 que a palavra “laicismo” começa a significar uma ideologia politicamente ousada, mas socialmente tímida. Ainda uma boa parte de sua força vem do que é endossado a uma administração feroz que, por um longo tempo, tenta reduzir as autonomias locais e iniciativas privadas em áreas fundamentais como a educação. Em suma, o laicismo é o revestimento ideológico do estatismo centralizador.

17.

BALANÇO DE QUARENTA ANOS

Uma mutação interna bem sucedida, mas um futuro incerto

Os quarenta anos após a morte do Padre Champagnat é o tempo de uma vertiginosa expansão numérica: o efetivo dos Irmãos é aproximadamente multiplicado por 10 (280 a 3000) e dos estabelecimentos por 11. Esta revolução quantitativa, no entanto, é realizada em duas fases: os anos 1840-1859 são realmente bastante anárquicos enquanto que de 1860 a 1880 são mais do que uma expansão forte, muito mais controlada, mas também enfrentou certa perda de homogeneidade interna. É também a época de um gradual distanciamento da sociedade e do Estado em relação às congregações.

Em nossa opinião, a explosão quantitativa de 1840 a 1860 encontra primeiro sua raiz em causas internas: Champagnat foi capaz de construir um pequeno grupo imbuído de um “espírito do Instituto” ao mesmo tempo fraterno e carismático, mas também profissionalmente competente. Esta densidade interna encontra circunstâncias externas mais favoráveis: a sociedade começa a apreciar a instrução, e o Estado favorece este movimento pela Lei Guizot (1833). Quanto à Igreja, ela reconhece mais a escola congreganista como meio de evangelização. Os Irmãos Maristas reconhecidos como sociedade de educação de elite atraem, portanto, numerosas vocações e são solicitados um pouco por toda parte.

A baixa institucionalização da Congregação (nenhuma regra definitiva; organização administrativa relativamente sumária...) é ainda uma mais-valia, porque os trâmites de fundação permanecem relativamente simples e os Irmãos dos estabelecimentos desfrutam de ampla autonomia. No fundo, a Sociedade dos Irmãos Maristas é bem integrada no mundo em que ela age e pode aparecer como uma feliz modernização da antiga função de mestre de escola em uma sociedade ainda globalmente cristã na qual a influência dos bispos e dos párocos permanece muitas vezes predominante em matéria escolar.

Desde a revolução de 1848, a convivência entre a Congregação e o mundo começa a encolher, porque se instala um poderoso partido “vermelho” (republicanos, socialistas...) em face de um partido conservador (monarquista, bonapartista e liberal), e a sociedade parece menos interessada pela catequese do que pela instru-

ção profana. Além disso, em 1848 é também uma revolução europeia, e Pio IX, um tempo expulso de Roma, conduz a Igreja a uma luta feroz contra a unidade italiana em particular e o mundo moderno em geral. De espírito muito ultramontano, a Congregação encontra-se, pois, naturalmente engajada nesta corrente antimoderna e disto sofrerá as consequências políticas e sociais.

Este compromisso político-religioso poderia contribuir para enfraquecer a homogeneidade interna que, de qualquer forma, estava rachada por causa do afluxo dos jovens, da velocidade da sua expansão, mas também de sua relativa fraqueza institucional. Por volta de 1850, os superiores e os Irmãos mais velhos podem se perguntar se o espírito do Instituto não está se dissolvendo e se o sucesso da congregação como sociedade de educação não prevalece sobre seu lado religioso e catequético. O reconhecimento legal do Instituto como uma associação de utilidade pública em 1851 também pode passar pela etapa final desta mutação.

O capítulo de 1852-1854 é o tempo da grande recusa de tal desenvolvimento afirmando os Irmãos Maristas como uma ordem religiosa com uma regra de vida (1852), um código de ensino (1853) e Constituições estabelecendo as competências de cada um (1854). Também é o fim de uma fase carismática iniciada por M. Champagnat em 1817 e a entrada em uma necessária estruturação que levanta uma grande questão: como estruturar sem alterar o espírito primitivo? Para enfrentar este desafio, os três superiores têm uma grande vantagem: eles foram os colaboradores diretos do Fundador e reconhecidos como depositários de seu espírito, pela eleição de 1839. Além disso, eles coletaram por escrito seus ensinamentos. Finalmente, cuidam para cercar-se de Irmãos antigos e diretores, únicos elegíveis para o capítulo. A regra que eles elaboram, embora não diretamente escrita pelo Fundador, pode, portanto, ser legitimamente considerada como dele.

No entanto, a codificação por escrito de um espírito e de um ensinamento oral é sempre delicada, se manifesta certa oposição de alguns anciãos. Segue-se então um mal-estar duradouro cujo ponto central é a natureza da sociedade: igualitária ou hierárquica? Em 1854, a resposta é clara: só serão elegíveis os Irmãos chamados pelos superiores ao voto de estabilidade. É um sistema oligárquico que pode parecer como uma inovação oposta ao espírito primitivo de um Instituto que Champagnat concebeu como o mais igualitário possível.

Por outro ponto de vista, o capítulo transforma a ligação vital com as origens, porque a regra substitui o Fundador, que a maioria dos Irmãos, aliás nem conheciam. É por isso que a Biografia do Padre Champagnat (1856) se torna indispensável. Entretanto, os Irmãos antigos mantêm uma tradição oral que confirma ou dá nuances da personalidade de quem se tornou um ícone. Assim, o espírito do Instituto não está ainda completamente contido nos textos ou interpretações oficiais.

O Capítulo também abre uma crise dentro da equipe dos superiores. A influência do Ir. Luís Maria suplanta lentamente aquela do Ir. Francisco. A construção de St. Genis-Laval, conduzida do início ao fim pelo Ir. Luís Maria, foi um momento importante nesta apreensão do poder de fato. Por outro lado, tornando-se o legislador e o detentor da memória da Congregação, o Ir. João Batista involuntariamente tirou do Ir. Francisco uma tarefa que, como superior e o mais antigo discípulo, cabia a ele. A demissão dele em 1860 e sua retirada para Hermitage parecem um protesto

mudo contra a evolução do Instituto que ele imaginava de outra forma do que o Ir. Luís Maria, sem que nós o saibamos identificar por falta de provas documentais.

Em qualquer caso, o Ir. Luís Maria está trabalhando para construir uma nova síntese sobre a identidade do Instituto. Por meio de suas circulares, na verdade oferece uma poderosa doutrina espiritual enquanto que, pela organização das casas provinciais e internatos, ele completou a reestruturação da Congregação. Sob o que se é tentado a nomear o seu reinado, o Instituto dobra seu pessoal, organiza solidamente sua administração e cria os juvenatos, que permitirão um recrutamento regular e abundante, bem como uma melhor formação.

No entanto, por detrás desta fachada brilhante, devem ser observados falhas e problemas não resolvidos. Em primeiro lugar, a alta homogeneidade do Instituto não é totalmente restaurada: as entradas maciças são largamente compensadas por saídas, incluindo professos, mais numerosas do que antes. A política financeira aventureira coloca dúvidas. Problemas com Roma, que não quer um poder centralizado, podem gerar uma oposição velada e às vezes mais direta por ocasião dos capítulos.

O próprio Estado começou a desconfiar das congregações: a partir de 1860, muitas vezes bloqueia seus projetos de fundação, ameaça seus membros com o serviço militar, obrigou-os a possuir a licença para lecionar e deixa desenvolver campanhas da mídia explorando sistematicamente escândalos sobre os costumes de congreganistas. Além disso, a ascensão de um corpo de professores formados nas escolas normais começa a criar concorrência acirrada e os inspetores suscitam muitas dificuldades. O destino do modelo Congreganista, triunfante em 1850-1860, começa a se desvanecer. Com a morte do Ir. Luís Maria, poucos meses depois da tomada do poder pelos republicanos, assim termina a fase ofensiva da congregação, certamente mais difícil, mas apesar de tudo, brilhantemente assumida, especialmente nos anos 1850-1870. Os sucessores vão se encontrar rapidamente forçados, na França, a uma defesa tenaz.

Se o governo do Ir. Luís Maria suscitou muitos debates internos, a grande maioria dos Irmãos parece ter gostado de pertencer a uma sociedade dinâmica, proporcionando uma real promoção para o bem dos jovens dos meios populares e uma estrutura material de prestígio. No entanto, podemos nos perguntar se o Instituto não funciona em vários níveis: primeiro, o de um grupo de noviços e obedientes que entram facilmente, rapidamente formados e em breve se retiram, como se o Instituto servisse de trampolim entre a sociedade tradicional e o mundo moderno; depois o dos diretores de escolas, em geral professos, junto a quem a ligação entre a profissão de ensinar e a vocação religiosa é mais ou menos clara, e que são facilmente tentados a fugir para a educação leiga, o sacerdócio ou o mosteiro. Há que considerar também os muitos professores de pensionatos que constituem certa elite intelectual. Nem o grupo dos estáveis está longe de ser homogêneo: se muitos deles tendem a privilegiar um espírito do Instituto interpretado razoavelmente estático, os diretores de grandes pensionatos, certos visitantes ou administradores provinciais parecem mesmo capazes de perturbar os Capítulos embora firmemente fechados.

O Instituto é, de fato, como a sociedade francesa, atravessado por aspirações contraditórias. Usando a autoridade e o carisma marista, o Ir. Luís Maria conseguiu melhor gerenciar um ambiente mais complexo do que lhe pareceu à primeira vista.

História do Instituto



52. Exposição Universal de 1855.
Litografia original de A. Provost.
(Cabinet d'Estampes)

3ª PARTE

1880-1907

Dificuldades na França e expansão internacional

Em 1879, é o fim dos transtornos políticos e das revoluções que o país conheceu desde 1789: apoiada por uma maioria estrita, mas sólida, a República terá o tempo para se enraizar, assegurando ao mesmo tempo a liberdade e uma ordem interpretada de maneira radicalmente anticlerical e anticatólica. Esta será, portanto, para as congregações a época da resistência e das esperanças frustradas frente a um Estado hostil e a uma sociedade que escapa pouco a pouco da influência da Igreja. Entre as leis que visam especificamente os Irmãos Maristas, como professores e como religiosos, figuram:

- *Lei Ferry, de 16 de junho de 1881, sobre a gratuidade do ensino primário público, sem consequência grave, mas anunciando a laicização.*
- *Lei Ferry, de 28 de março de 1882, sobre o ensino obrigatório e leigo,*

História do Instituto

interditando os símbolos religiosos e o catecismo na escola.

- *Lei Goblet, de 30 de outubro de 1886, laicizando o pessoal das escolas públicas e excluindo os congreganistas. É preciso, portanto, constituir uma educação “livre” em frente da escola pública.*
- *Lei militar, de 15 de julho de 1889, impondo o serviço militar aos religiosos e ao clero.*

A partir de 1890 ocorre um período de calma. O Papa Leão XIII incentiva uma adesão dos católicos à República.

Mas o caso Dreyfus⁷³⁷ (1898...), que divide a França entre os Dreyfusianos (bastante republicanos) e antidreyfusianos (bastante conservadores e católicos), radicaliza novamente as posições.

Esses eventos terão por consequência a lei Waldeck-Rousseau, de 1º de julho de 1901, que estabeleceu o direito de associação para

- 53. O município de 1871 em Saint-Étienne depois da queda do Segundo Império.

⁷³⁷ Um oficial judeu acusado por engano de alta traição.

todos, exceto para as associações religiosas, que devem obter um decreto de autorização.

Em 1903 o governo Combes recusará qualquer autorização às congregações de ensino e pregadores, obrigando seus membros a escolher entre o exílio e a secularização.

A lei de 5 de julho de 1904 completa a execução proibindo a educação a todas as congregações mesmo autorizadas, como os Irmãos das Escolas Cristãs.

Finalmente, em 9 de dezembro é votada a lei da separação das Igrejas

e do Estado.

Todos esses eventos refletem um fracasso da Igreja da França em seu esforço secular de reconquista pós-revolucionária e particularmente das congregações ensinantes.

No entanto, eles escondem uma profunda renovação do catolicismo, que não se contentou em resistir a o mundo moderno, mas foi capaz de criar, mesmo no seio das congregações, novas maneiras de ser cristão ou religioso, particularmente pela militância católica e a catequese renovada.

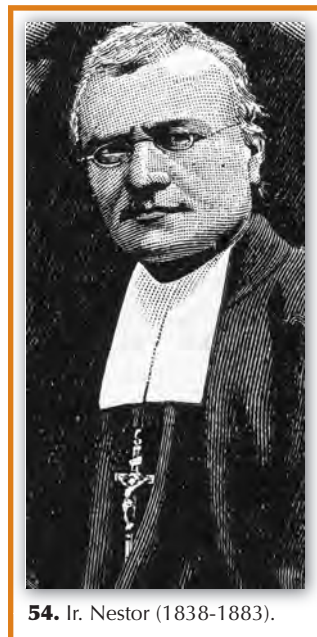
18.

FRENTE À REPÚBLICA LAICA (1880-1903)

Em 1880, o Instituto está um tanto cansado da direção autoritária do Ir. Luís Maria, e não é de estranhar que o Capítulo Geral esteve à procura de um novo homem capaz de enfrentar as dificuldades internas e externas.

Um homem novo a quem faltará tempo: o Ir. Nestor (1880-1883)

O novo superior-geral, eleito pelo capítulo em 10 de março de 1880, Ir. Nestor, recebeu apenas 29 votos sobre 47⁷³⁸. Sua juventude deve ter sido uma causa de reserva a seu respeito por parte de alguns capitulares, mas também por ser um homem do Sul. Pela primeira vez, o Instituto será, portanto, governado por um homem da periferia. Nascido em Vauvert, no Gard, em 1838, tem apenas 42 anos de idade. Primeiramente, aluno dos Irmãos, entrou no noviciado em 1º de maio de 1851, aos treze anos. Em setembro de 1852, foi como cozinheiro para Saint-Victor-la-Coste (Gard), onde permaneceu dois anos. O primeiro ano como noviço, o segundo como obediente. Em 1854, é colocado em La Roque como adjunto no comando da classe de iniciantes. Em 1855, foi enviado para uma escola maior, La Seynes-sur-Mer, onde permanecerá até 1864. Ele aí obtém o “certificado obrigatório” (certificado elementar) em



54. Ir. Nestor (1838-1883).

⁷³⁸ A.F.M. Atas capitulares, 1880

1857 e o “certificado completo” (certificado superior) em 1863. É durante este período, também, em 1859, que ele faz a profissão. Em seguida, foi-lhe reservada a direção da escola especial, que, em Saint-Paul-Trois-Châteaux, funciona, com mais ou menos intermitência, para os Irmãos candidatos ao certificado. Em 1867, tornou-se diretor do importante internato de Luc, na Provença. Em 1871, foi nomeado visitador da Província de Saint-Paul, mas exerce esta função por apenas dois anos, porque, em 1873, foi eleito assistente pelo Capítulo geral. Ele tinha então 35 anos⁷³⁹.

Ele escalou em tempo recorde, portanto, todos os níveis da “carreira” de um Irmão, menos a função de diretor de escola paroquial. Mas, ele morreu em 9 de abril de 1883, depois de uma doença de algumas semanas, tendo justamente tido o tempo para esboçar um amplo programa de reforma da Congregação contra as leis laicas.

Retorno da tradição do Ir. Luís Maria (1883-1907)

Seu sucessor, o Ir. Teofânio, é eleito pelo oitavo capítulo geral em 1883, com esmagadora maioria de 39 votos sobre 45. Este é, provavelmente aquele que, em 1880, foi o principal rival do Ir. Nestor. Ele representa, quanto à sua carreira na Congregação, a antítese do Ir. Nestor. Nascido em Saint-Priest, em Ardèche, em 1824, filho de um prefeito proprietário e moleiro, foi primeiro para o sacerdócio. E somente em 1845, aos 21 anos, seus estudos eclesiásticos quase concluídos e munido da garantia do certificado, que, seguindo o conselho de um padre jesuíta, entrou no noviciado de L’Hermitage.

O certificado foi uma bênção, o noviciado é mais curto: entrou em 8 de setembro de 1845, tomou o hábito religioso no dia 16 de novembro e, se alguém acredita em sua ficha de matrícula, ele deixou o noviciado no dia seguinte para se dirigir a Valbenoîte, no subúrbio de St-Etienne, para lecionar. No entanto, ele foi, algum tempo, cozinheiro na pequena escola de Saint-Germain-Laval para descansar antes de se tornar seu diretor. Em 1850, com a idade de 26, tendo feito profissão, foi nomeado diretor de Valbenoîte, um dos mais importantes da Congregação com um quadro de trezentos estudantes e dez Irmãos. Em 1860, o Capítulo o nomeou assistente para a Província do Norte, depois, em 1875, para a de L’Hermitage, muito maior. Na morte do Ir. Luís Maria, ele era o primeiro assistente e, como tal, assume provisoriamente.

Embora ele apareça como o sucessor designado, não foi eleito, porque, tendo 56 anos de idade, alguns membros do capítulo o teriam achado muito velho. Mas, sua candidatura teve que sofrer com a insatisfação de muitos Irmãos que querem um homem menos marcado pela época do Ir. Luís Maria. Seja como for, três anos mais tarde, ele é o homem da situação e permanecerá Superior-geral até 1907. Como sob o comando do Ir. Luís Maria, portanto, o Instituto será governado por um antigo seminarista.

⁷³⁹ *Nos Supérieurs, Économat Général des Frères Maristes, Saint-Genis-Laval, 1953.*

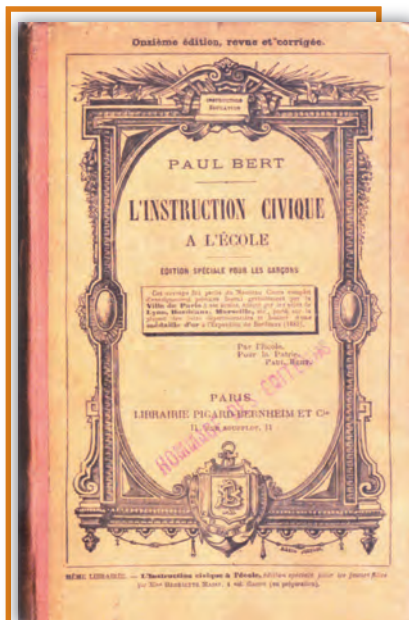
As leis laicas

Nesses anos que se vê o triunfo da República e o estabelecimento das leis laicas, a Congregação precisava de uma equipe comprometida. Sérias dificuldades já começaram sob o Segundo Império. Os Inspectores, em particular, são bem relutantes em relação à política de formação das congregações que eles julgam muito insuficientes, especialmente nas congregações femininas⁷⁴⁰. Assim diz o Sr. Courvière, Inspetor da Academia em Lyon, em 1878:

“Forçadas como elas são, resultado do desenvolvimento exagerado que tiveram, de alimentar pessoas em um tão grande número de estabelecimentos e não dispendo de pessoal suficientemente capaz, as congregações são forçadas a simplificar tanto quanto possível a preparação dos seus professores; elas os mandam mal e mal preparados, para as escolas, atuando como auxiliares. Lá, sob a direção de um titular que sabe um pouco mais que eles, quer dizer muito, às vezes, esses auxiliares continuam a sua formação em prejuízo daquela dos seus alunos”.

A crítica aplica-se parcialmente aos Irmãos Maristas. Em todo caso, a partir de 1878, não se trata mais de brincadeira. De numerosos prefeitos republicanos, notadamente em Paris, procedem às laicizações das escolas públicas até então mantidas pelo congreganistas⁷⁴¹, e escolas livres são fundadas para recolher os congreganistas expulsos e as crianças que eles intruíam⁷⁴².

As leis de 16 de junho de 1881 decidem que todos os professores, públicos e privados, devem ter a licença para ensinar e que o ensino é gratuito. Mas é em torno da lei de 28 de março de 1882, que estabelece um ensino laico e obrigatório, que paixões colidem. O Núncio Apostólico e os Bispos querem manter uma



55. Obra de Paul Bert, ministro da Educação pública e de cultos de 1881 a 1882. Anticlerical e partidário da laicidade, um dos fundadores da “escola gratuita, leiga e obrigatória”

⁷⁴⁰ Archives Nationales, F 17 12478.

⁷⁴¹ É a época dos estrondosos feitos de Lambézellec em que os Irmãos e as Irmãs são expulsos e, sobretudo, aqueles de Alais em que o prefeito Dumarest expulsa os Irmãos diretores de duas escolas.

⁷⁴² Contra os jesuítas e congregações similares, entre eles os Padres Maristas, o governo publica os decretos de 28 de março de 1879 dissolvendo os Jesuítas e impondo às outras congregações não autorizadas o pedido de autorização. Este assunto não concerne diretamente aos Irmãos Maristas, associação autorizada, que se contenta em exprimir sua solidariedade moral com as congregações de sacerdotes colocadas em dificuldade.

atitude moderada. Há um esforço para recolher assinaturas em favor da criação de escolas livres, e instituir especialmente o “preço das escolas católicas”. Quanto à escola leiga, a palavra de ordem é vigiá-la e praticar uma resistência legal. No conjunto, a lei da laicização, aplicada com prudência, rapidamente onde a população é indiferente, a pequenos passos nas áreas católicas, não oferece grande resistência⁷⁴³.

Os irmãos das escolas públicas estão em uma difícil situação prática: o crucifixo deve ser removido e eles já não podem ensinar o catecismo. O Ir. Nestor informa-se junto aos Bispos sobre as medidas a serem tomadas⁷⁴⁴, e na sua recomendação, eles pedem aos Irmãos “envidar todos os esforços para manter nossas escolas, portanto, fazendo orações e o catecismo fora do tempo escolar regular. Se esta reunião no local da escola torna-se impossível, será em uma sala privada⁷⁴⁵”. Em qualquer maneira, os Irmãos devem se recusar absolutamente a retirar os crucifixos e outros emblemas religiosos. Enquanto isso, a laicização continua lentamente, uma vez que as congregações masculinas dirigem 2284 escolas públicas. Os Irmãos Maristas sozinhos têm 396 delas e 108 escolas livres, quase 15% de todas as escolas de congregações para meninos⁷⁴⁶.



56. A supressão dos crucifixos das escolas em Paris

A laicização dos educadores do ensino público em 30 de outubro de 1886 (lei Goblet) remove qualquer esperança de manter-se. Em 1887, os Irmãos Maristas já sofreram 143 laicizações em 22 departamentos. Desde que uma escola pública é laicizada, um comitê católico local ou diocesano cria uma escola livre, que será mantida por subscrição. Dos 18.618 estudantes que havia nestas escolas públicas, 10.931 seguiram-nos em suas escolas livres. Na mesma data, 411 Irmãos lecionam ainda em escolas laicizadas, auxiliados por 153 Irmãos que se ocupam dos trabalhos manuais⁷⁴⁷.

A laicização, combinada com o ensino obrigatório, provocou um reequilíbrio: as escolas congreganistas não perderam tanto porque elas foram capazes de com-

⁷⁴³ Louis Capéran *op. cit.*, p. 193-233.

⁷⁴⁴ A.F.M. Volume 7 das cópias de cartas do Ir. Nestor: n° 8204.

⁷⁴⁵ C. 6, p. 9-11.

⁷⁴⁶ A.N. F 17 12473. No C 13, p. 472-473, indica-se, em 1879, 547 casas das quais 38 fora da França. Nelas havia, em 1880, 83.430 alunos. No livro capitular (1862-1902), o capítulo geral encontra 81.430 alunos dos quais 8.414 na província de Îles e 2.390 nos cursos de adultos. Havia 73.016 alunos franceses dos quais 70.626 crianças.

⁷⁴⁷ A.F.M. gaveta “Estatísticas”.

pensar seu déficit pela chegada dos alunos fornecidos pelo ensino obrigatório. Da mesma forma, a escola leiga foi mais ou menos substituída pela clientela dos Irmãos e recebeu, também, crianças que lhes deram a escolaridade obrigatória. Em 1892, os Irmãos Maristas deixam as sete últimas escolas públicas que dirigiam. Nesta data, as matrículas das escolas dos Irmãos Maristas são substancialmente iguais às das de 1880.

O problema do brevet (certificado)

O grande problema dos superiores não é tanto a laicização como a lei de 16 de junho de 1881, que exige que todos os professores tenham seu *brevet* [certificado]⁷⁴⁸. A prática, até então, era que somente o diretor é que devia possuí-lo. Além disso, a lei Falloux autorizou substituir o *brevet* por um certificado de estágio de três anos de ensino, emitido pelo Conselho acadêmico. Assim, quando, em 19 de maio de 1879, Jules Ferry apresentou um projeto de obrigatoriedade do *brevet*, os congreganistas tiveram com que se preocupar. Fazendo um inventário dos que obtiveram o *brevet*, os superiores constataram:

PROVÍNCIA	ESCOLAS	IRMÃOS EM EXERCÍCIO	COM BREVET
St. Genis-Laval	128	560	182
Viviers (Aubenas)	64	261	91
Nord y Ouest	¿?	382	105
St. Paul-Trois-Châteaux	115	468	218
L'Hermitage	119	540	158
Total	426 + 150 aproximados	2.211	754

Há, portanto, apenas um terço de graduados, dos quais alguns estão indisponíveis por motivo de idade e saúde, e não há preocupação de que a lei provoque a supressão de 2/3 ou 3/4 das escolas. Acrescenta-se a questão do serviço militar, porque os Irmãos que não são graduados não estão mais isentos. Os congreganistas encontram-se atacados simultaneamente em três frentes.

De certa forma, a lei sobre os *brevets* é uma chance para os congreganistas porque lhes oferece a oportunidade de se retirarem das escolas cuja situação é muito precária. O Ir. Nestor e seu Conselho lançam-se numa política de encerramentos usando três critérios: a falta de recursos materiais, indiferença ou hostilidade da população, a incapacidade das localidades de fornecerem vocações. Em

⁷⁴⁸ Ver nos C. 5, p. 637, as preocupações do Ir. Luís Maria a propósito do projeto de lei Paul Bert sobre o certificado.

1883, os assistentes propõem ao Superior-geral o fechamento de 16 escolas⁷⁴⁹. Por volta de 1891, o Ir. Avit menciona 34 fechamentos no governo do Ir. Nestor⁷⁵⁰ e 74 no do Ir. Teofânio.

Até então, a formação dos Irmãos era feita em grande parte no trabalho, mesmo que houvesse, nas casas provinciais, uma escola especial onde alguns Irmãos passavam alguns meses preparando o famoso certificado; mas funcionou apenas intermitentemente, porque era uma espécie de reserva, em que o assistente tinha substituições para os Irmãos doentes ou fatigados durante o ano letivo⁷⁵¹. Colocados em frente à necessidade, em 1881 os superiores estabeleceram em cada província uma escola especial permanente, que em breve será nomeada “escolasticado”, e em 1882, em St-Genis-Laval, “um curso superior” destinado a preparar alguns Irmãos, dois ou três por província, ao diploma superior⁷⁵². Para lidar com a premência, desde 1880, os superiores convidam os Irmãos a usarem suas férias para estudar, com um programa preciso e exames preparatórios⁷⁵³. Finalmente, para permitir que os Irmãos estudassem durante o ano letivo, o Ir. Nestor publica uma programação diária durante o inverno de 1881-1882, que permite uma hora de estudo profano, das 18 às 19 horas⁷⁵⁴.

Os resultados não tardaram muito. Assim, a Província de Beaucamps, que, em 1878, tinha apenas 93 titulares do certificado simples e de 15 certificados superiores, vê, apenas no ano de 1881, o número de seus diplomados aumentarem para 25⁷⁵⁵. No Loire, no limite da data em que os não licenciados podiam ensinar (1884), não foi preciso fechar nenhuma escola⁷⁵⁶. Em outras províncias, a situação é menos brilhante: o Ir. Philogone, assistente de Bourbonnais, tem um déficit de 57 titulados no início de 1884 e outras províncias não podem ajudá-lo⁷⁵⁷.

Se olharmos o problema dos certificados durante um longo período de 1884 a 86, os sucessos são hesitantes, enquanto nos anos 1888 a 92, eles são muitos⁷⁵⁸. Depois de 1895, a provação passou. Quanto ao diploma superior, a partir de 1889, as candidaturas se tornam regulares. Enquanto inicialmente a proporção de sucessos é perto de 1/4, ela se eleva rapidamente a 50%. O que não irá impedir que em 1894 ainda encontremos Irmãos não licenciados de 28 a 30 anos.

⁷⁴⁹ A.F.M. Registro das deliberações, 1880-1889 (10 julho de 1883). Sobre o plano financeiro, 106 casas dão uma entrada de 500 F por Irmão e estão, portanto, em déficit.

⁷⁵⁰ É a primeira vez que o Instituto fecha mais escola do que abre. (26 escolas abertas de 1880 a 1883).

⁷⁵¹ Archives de Beaucamps, BE 8: Histoire de Beaucamps (1842-1932) pelo Ir. Joseph Ferrier, p. 78: C 7, p. 150: em 1865, o Ir. Nestor é diretor da escola especial durante dois anos.

⁷⁵² A.F.M. Registro das deliberações, 1880-1889.

⁷⁵³ C 6, p. 327.

⁷⁵⁴ C 6, p. 358.

⁷⁵⁵ Archives de Beaucamps, BE 1, Annales de Beaucamps.

⁷⁵⁶ A.N. F 17 12 479, Estatística estabelecida após a circular de 13 de setembro de 1884.

⁷⁵⁷ A.F.M. Registro das Deliberações, 1880-1889.

⁷⁵⁸ A.F.M. Registro das Deliberações do Grande Conselho (1890-1902) p. 24:

Ano	1895	1896	1897	1898	1899	1900
Certificado elementar	222	268	212	194	198	233
Certificado superior	23	32	8	13	8	23

Entretanto, nas escolas, continuou-se com o sistema de auxiliares não licenciados, fazendo cair uma barreira ou criando uma comunicação entre a primeira classe, a do titular licenciado e aquela do não licenciado. Pode-se assim, portanto, pretender obedecer à lei, porque o segundo Irmão não dá aula propriamente dito. Esta prática é desagradável, mas permite driblar a lei sem muitos riscos, porque é difícil para os inspetores provar a fraude. Outra maneira de driblar a lei é a prática dos “Irmãos guarda-chuva”: Irmãos velhos, detentores de uma licença, que não exercem mais, mas cobrem administrativamente os Irmãos não licenciados em efetivo exercício⁷⁵⁹. Finalmente, os Irmãos empregam leigos com o certificado. Assim, em Montceaux-Mines, onde os Irmãos Maristas têm várias escolas, seu número cai de 19 para 12 enquanto 8 leigos substituem os que partiram. Mas essas substituições duram pouco porque, desde 1888, em Montceau e nas escolas periféricas, sobre 57 diretores e auxiliares congreganistas, 8 somente não têm sua licenciatura⁷⁶⁰.

Além disso, os superiores não estão contentes com uma política defensiva. Em 1º de março de 1882, o Ir. Nestor lançou um plano abrangente de estudos cujo objetivo é fazer chegar os Irmãos ao topo da licença em três anos, sem negligenciar os estudos propriamente religiosos⁷⁶¹: a abundante bibliografia proposta permanece em nível do manual e visa a uma cultura mais ampla que profunda. No entanto, é um projeto coordenado de aquisição da cultura profana e religiosa, conforme o que devem possuir os professores. Mas a morte do Ir. Nestor parece ter impedido a realização do projeto.

Uma rede de obras profundamente modificada

Em 1891, na época em que termina a laicização, os Irmãos Maristas terão 558 escolas incluindo 488 na França. Em 1880, dirigiam 565 incluindo 524 na França. Aparentemente a laicização se conclui com um empate de pontuação, mas este é o começo de uma redução das obras francesas para o benefício das estrangeiras. Além disso, comparando-se a distribuição geográfica das escolas em 1880 e 1891, percebe-se que a área central, onde as implantações foram enormes, geralmente perdeu escolas. Pelo contrário, estamos testemunhando o início da colonização da periferia que reforça (como o Ouest ou Hautes-Alpes), ou se cria (como os Pyrénées Orientales e o Aude). Tem-se também a impressão de que se procura preencher as lacunas entre as diferentes áreas onde o Instituto atua. Isso é porque, graças a duas fundações, uma em Yonne, outra em Seine-et-Marne, a parte Norte tende a conectar-se ao Sul. A mesma coisa entre o Oriente e o Ocidente, graças ao departamento-ligação de Corrèze. A preocupação não é mais para estabelecer uma rede fechada,

⁷⁵⁹ A.N. F 17 10 906, Dossier Petits Frères de Marie. Carta assinada por três pseudônimos. O Instituto continua a considerar o certificado como uma formalidade administrativa sem atribuir grande importância ao nome do titular do certificado.

⁷⁶⁰ *Annales des maisons: Montceau-les-Mines* (province du Bourbonnais); André LANFREY, “Église et monde ouvrier : les congrégations et leurs écoles à Montceau-les-Mines sous le II^{ème} Empire et la III^{ème} République (1875-1903)” dans Cahiers d’Histoire T XXIII p. 51-71.

⁷⁶¹ C 6, p. 360-547.

Serviço militar e política fiscal anticongreganista

Já dissemos que a lei de 16 de junho de 1881 pode alterar completamente a situação do religioso face ao serviço militar, porque concede a isenção apenas para os titulares de certificado. No entanto, as casas provinciais e internatos incluem dezenas de Irmãos, responsáveis pela cozinha, jardim, lavanderia, portaria que, até então, foram beneficiados com a isenção porque são membros de uma associação de educação. Muitos são tão pouco instruídos que os superiores os consideram analfabetos. Para combater o golpe, desde novembro de 1881, o Ir. Nestor pede que se estabeleça uma lista de Irmãos ocupados com as coisas temporais “e que se tome imediatamente os meios para instruí-los”, de modo que possam se apresentar aos exames no decorrer do ano, porque, sem este exame, seu compromisso de dez anos não é mais válido. E “praticamente todos” pedem para fazer o exame⁷⁶⁴.

A lei militar de 1889, que elimina as isenções do serviço militar, irá anular esses esforços impondo o afastamento de três anos para os jovens Irmãos. São, portanto, 50 Irmãos que, a partir de novembro de 89, foram para o quartel. E quando a lei vai ser executada na íntegra, em 1891, serão cerca de 200, “quase todos licenciados e formados para o ensino”. Agora, a Congregação tem 150 a 200 Irmãos no serviço militar⁷⁶⁵, ou seja, o efetivo de meia província. Tudo isso não parece nada em comparação com o medo ardente de ver seus Irmãos se deixar perverter pelo mundo. O Ir. Avit não hesitará em qualificar esta lei de infernal⁷⁶⁶.

Como para a laicização, os superiores se acomodam o melhor possível à situação tentando armar espiritualmente os que partem com retiros e seguindo-os com correspondência. Mas eles estão à procura de uma alternativa. Em 1890, eles rejeitam a ideia de pressionar os Irmãos para o bacharelado e a licença, que pouparia os dois anos de serviço militar⁷⁶⁷. Finalmente farão uso do artigo 50 da lei militar que estipula que os jovens estabelecidos no estrangeiro, antes da idade de 19 anos⁷⁶⁸, podem ser isentos do serviço militar durante a sua estada. Se eles retornarem depois de 30 anos, “estarão sujeitos às obrigações de sua classe”, quer dizer, estarão disponíveis em caso de conflito. A vantagem a tirar desse artigo é óbvia: é necessário fundar postos fora da Europa, onde colocar os jovens Irmãos. Mas isto não pode ser uma medida geral⁷⁶⁹, porque se faz necessário garantir a continuidade das obras francesas e que, os jovens Irmãos, por serem menores, muitos entre eles, assim como suas famílias, se opunham a uma partida para longe do país.

O regime fiscal das congregações não é estranho a este movimento de internacionalização, porque a lei de 29 de dezembro de 1884 impõe às congregações a taxa de

⁷⁶⁴ A.F.M. Registro das deliberações (1880-1889) (1881-1882).

⁷⁶⁵ A.F.M., Volume das Cartas n° 11, n° 11 157 de 15/09/91, Registro das Deliberações do Grande Conselho (1890-1902) p. 21.

⁷⁶⁶ *Abrégé des Annales*, p. 638.

⁷⁶⁷ A.F.M. Registro das Deliberações do Grande Conselho (1890-1902).

⁷⁶⁸ *Bulletin des Lois* n° 327, 12ª série, julho-dezembro de 1889.

⁷⁶⁹ A.F.M. Registro das Deliberações: 1880-1889, 1889-1897, p. 17 e p. 41.

5% do valor bruto da propriedade de bens móveis e imóveis possuídos ou ocupados⁷⁷⁰. Este imposto Brisson (do nome de seu criador) é chamado também de direito de crescimento porque as congregações não pagando os direitos de sucessão ou de alterações quando da morte de seus membros, o seu capital aumentaria constantemente. Além disso, o fisco supervaloriza a propriedade de bens móveis e imóveis das congregações⁷⁷¹. Ocorrem, portanto, processos, e em 13 de janeiro de 1892, o Tribunal de cassação admitiu um registro único no escritório do fisco da sede social⁷⁷².

Como o imposto repõe pouco, a lei de 16 de abril de 1895, chamada “lei da assinatura”, transforma o direito de crescimento em uma taxa anual e obrigatória de 0,30% do valor bruto de todos os bens móveis e imóveis pertencentes às congregações. A maior parte das congregações lideradas pelo Pe. Le Doré, superior dos Eudistas, organiza a resistência passiva à lei, enquanto as cinco congregações masculinas reconhecidas pelo governo (Lazaristas Sulpicianos, Missões Estrangeiras, Padres do Santo Espírito, Irmãos das Escolas Cristãs) se submetem. As congregações não conseguiram tomar uma posição comum⁷⁷³, e algumas, incluindo os Irmãos Maristas, são confirmadas em sua política de expatriação⁷⁷⁴ porque o Ir. Teofânio decidiu particularmente para a atitude passiva. Houve um processo com o fisco a propósito da destilaria do arquebuse de Saint-Genis⁷⁷⁵. Um primeiro julgamento será perdido em 1898, e em 1903 a Congregação teve que pagar um imposto retroativo de 180.000 F⁷⁷⁶.

Prática de uma sociologia religiosa

A luta com a educação pública, que os Irmãos estão vivendo mais frequentemente nas aldeias, é amarga. De 1882 a 1891, o Ir. Avit realizou uma pesquisa real sobre três quartos das casas da Congregação, permitindo assim aos superiores ter uma visão sintética e profunda sobre a França⁷⁷⁷.

Sua investigação destaca verdadeiras áreas onde a educação dos Irmãos é “atenuada nas famílias”, a não ser que ela seja destruída. Este é o caso para a maioria das escolas na faixa mediterrânea. Em outras áreas, menos massivas, é verdade,

⁷⁷⁰ Paul Nourrisson, *Histoire légale des congrégations religieuses en France depuis 1789*, deux volumes, Paris, 1928, p. 46.

⁷⁷¹ A.N. 156 AP1, Carta de 1/02/1891. Para o Ir. Teofânio é preciso reduzir para menos da metade as avaliações dos bens das congregações feitas em 1880.

⁷⁷² C 7, p. 287.

⁷⁷³ Esta desavença será ocasião da criação do *Bulletin des Congrégations*, cujo primeiro número apareceu em 15 de novembro de 1895. Em E. Lecanuet, *Les signes avant-coureurs de la séparation*, Paris, 1930, p. 35-39, os Cardeais Langénieux e Richard dirigem a política da resistência passiva das congregações. Leão XIII recusará abonar sua atitude. De 1º de abril de 1896 a 1º de novembro de 1899, a administração fará restituir 524 julgamentos e obterá 4.273.691 F.

⁷⁷⁴ *Bulletin des Congrégations*, n° 18 (12 de março de 1896).

⁷⁷⁵ A.F.M., Gaveta France 600, dossier 1902.

⁷⁷⁶ C 9, p. 407, 684.

⁷⁷⁷ A.F.M., Annales du F. Avit.

são igualmente visíveis; assim, no Drôme, de Livron a Die, regiões fortemente marcadas pelo Protestantismo. No Loire, percebe-se o arrastar de escolas da região industrial de St-Etienne, que têm pouca eficácia apostólica. É o mesmo em Saône-et-Loire, na região industrial de Montceau-les-Mines. Finalmente, ao longo do vale do Rhône, em uma ou outra margem, o Ir. Avit detecta um impacto religioso muitas vezes medíocre.

Em geral, nessas mesmas áreas, as câmaras municipais são hostis à escola dos Irmãos. Mas o quadro é muitas vezes mais matizado: em muitos lugares, o Ir. Avit encontra a população boa, apesar de ter um conselho de cidade hostil. Acontece mesmo que o resultado da escola é encontrado bom lá onde o valor religioso da população é considerado medíocre. Mas, geralmente as regiões de planície são em parte “descristianizadas” enquanto as de montanha permanecem politicamente conservadoras e cristãs.

O Ir. Avit, portanto, cria uma sociologia religiosa. Em toda parte, ele menciona a diminuição da prática religiosa causada pelos acontecimentos revolucionários: 1848 e 1870. É assim que em Chavanay (Loire), “muito religiosa antes de 1870, esta população vai perder depois” ou em Ampuis: “muito boa antes de 1848, boa ainda de 1848 a 70, a população perdeu muito depois desta época”. As vias férreas também estão envolvidas, como em St-Paul-le-Jeune, onde, “antes da construção da estrada de ferro, estação ferroviária e várias casas ou fluxo de café, os cultos dominicais e aqueles das festas eram mais frequentes”. Porque as ferrovias arrastam atrás delas a indústria e, sobretudo os estrangeiros, muitas vezes “a escória dos outros países”. E depois, quem diz indústria diz aglomeração, e, cidades como Voiron e Isère são, para o Ir. Avit, “pequenas Babilônias”, que corrompem não só os moradores, mas também as regiões rurais do entorno como aquelas que, perto de St-Chamond (Loire), são “trabalhadas pelos livres-pensadores”; a menos que, como em Chauffailles (Saône-et-Loire), os “vendedores de brochuras” não espalham o bem. Em suma: “a riqueza e bem-estar são inimigos mortais das práticas religiosas em todas as paróquias onde elas existem, testemunha o Beaujolais⁷⁷⁸” e, em contrapartida, as populações isoladas permanecem religiosas (Doizieu no Loire, Sablières em Ardèche). Às vezes, ele também atribuiu ao castelo, como em Murinais, em Isère, a manutenção do fervor. Em Létra, “as doze famílias burguesas da paróquia, que são muito boas, contribuem para a sua conservação, até mesmo em sua melhoria”. No entanto, muitas vezes, a amargura deste monarquista eclode contra estes “acrobatas”, estes “charlatães”, estes “brincalhões” dos republicanos. E...:

“Se a árvore se conhece pelos frutos, os frutos da República são muito amargos para o proprietário, o agricultor, o trabalhador. A árvore não respondeu com as expectativas de quem a plantou e a regou com seu suor, seu sangue. Faz-se necessário voltar-se para a árvore da Monarquia para colher seus frutos que se chamam honra, crédito, prosperidade da França⁷⁷⁹”.

Este preconceito impede-o de compreender as pessoas que, embora republicanos como em St-Benin-d’Azy, enviam 2/3 dos seus filhos com os Irmãos. Para

⁷⁷⁸A.F.M. Annales du F. Avit: 213/29, 211/23, 212/21.

⁷⁷⁹ Ibid, 214/57, 211/23, 212/21.

ele, isto vem de que “os mistérios da estupidez humana são mais numerosos do que os da religião”. Em uma circular, o Ir. Teofânio também lamenta em termos mais moderados:

“O enfraquecimento da fé, a indiferença dos pais para educação cristã dos seus filhos, a ganância, o sensualismo e o materialismo que tendem a invadir as várias classes da sociedade e amolecê-las⁷⁸⁰”.

Distanciando-se de Deus, a França corre para a sua perda, mesmo temporal, e esta convicção toma às vezes um rumo apocalíptico:

“É necessário que as Nações [...] recebam aqui em baixo a recompensa ou punição que lhes são devidas e que a punição dure tanto ou mais tempo quanto maiores tenham sido os crimes⁷⁸¹”.

Os superiores eram bons observadores, mas sua teologia essencialmente tradicionalista não lhes trouxe soluções: em face destes movimentos, somos todos limitados, a Igreja deve ficar firme em seus princípios mesmo que ela possa conceder adaptações de detalhes. Mas essa mentalidade é aquela da maioria dos Irmãos? Parece que a geração mais jovem, nascida depois de 1848 e permanecida em contato mais próximo com a população é menos agarrada ao passado e compartilham amplamente as aspirações da sociedade. Nós a vimos particularmente com o desejo de instrução; vamos analisá-lo mais adiante.

⁷⁸⁰ C 7 p. 169.

⁷⁸¹ C 7 p. 446 (1889).

19.

OS DESAFIOS ENFRENTADOS

O juvenato e a “missão”

As trapaças republicanas terão êxito apenas parcialmente em quebrar o dinamismo congreganista. Além disso, nos últimos anos do século XIX, o governo republicano estará muito preocupado com esta resistência feroz.

O juvenato: principal componente da congregação

Para a congregação dos Irmãos Maristas, o recrutamento, apenas recuperado do choque de 1870-71, retomou a melhor forma, favorecido por um ambiente político-religioso propício: 1871 a 1878, os membros passaram de 2500 a cerca de 3250. De 1879 a 1884, sofre uma ligeira diminuição devido à laicização da escola. Após esse período difícil, o número de entradas vai crescendo todo ano, até atingir, a partir de 1894, o teto de 350 vestições por ano, e em 1901 o número de Irmãos franceses atingiu quase 4800 contando os noviços. Mais importante ainda para o Instituto: o recrutamento no exterior, muito secundário até 1891, sobe abruptamente para fornecer em 1890 1/3 das entradas. Em 1901, haverá cerca de 1000 Irmãos não franceses.

Tal crescimento, numa época em que os religiosos são o alvo do governo francês, explica-se muito pela mudança na estratégia de recrutamento baseada sobre os juvenatos, cujos estabelecimentos foram aproximados dos lugares de recrutamento e multiplicados. Assim, a Província de St Paul fundou um juvenato em Serres, nos Hautes-Alpes, em 1884. Mais tarde, a mesma Província fundou um novo em Castelnaudary, no Aude, para receber os meninos do Sul do Massif-Central e dos Pyrénées-Orientales⁷⁸². No Norte, o juvenato de Beaucamps é reforçado por dois ou-

⁷⁸² Conforme o *Abrégé des Annales*, em 1891, o juvenato de Serres foi fundado “para recolher as numerosas vocações da diocese de Gap”. Por outro lado, havia aí durante certo tempo, um juvenato em Bourg-de-Péage, provavelmente anexado ao internato. Segundo a pesquisa de 1897-1901, ele teria fornecido 71 Irmãos.



57. Juvenato de La Valla até 1886

tros localizados na Bélgica: um em Arlon (1888), o outro em Pitthem (1896). A mesma Província fundou ainda um juvenato em Trémilly, em Haute-Marne, em 1900⁷⁸³.

Para a Província do Centro (Varennes), o juvenato inicial está em St-Genis-Laval, e então outro é estabelecido em Digoïn (Saône-et-Loire) em 1884 e finalmente mudou-se para Varennes-sur-Allier, em 1891. A Província de L'Hermitage, para ter seu próprio juvenato, a partir de 1883, o excedente do lotado juvenato de St-Genis-Laval é enviado para La Valla (Loire). Assim, cada província tem o seu ou os seus juvenatos⁷⁸⁴. A Província de St-Genis-Laval cria junto ao internato de Monsols (Ródano) uma seção para os juvenistas. Esse regime misto, não satisfaz e se decide fundar em Doubs, na escola perto de Besançon, um juvenato independente, em 1898, para atrair crianças de Franche-Comté e mesmo da Alsácia⁷⁸⁵.

A tabela a seguir dá uma ideia bastante precisa da progressão do número de juvenistas:

PROVÍNCIAS	1880	1883	1891	1893	1900	1903
St. Genis- Laval	32	36	120			79
L'Hermitage	12	41	105			187
Bourbonnais	8	17				
St. Paul-3-Château	50	70	220			198
Aubenas			62			64
Nord (Beaucamps)	50	70	90			106
Ouest (Lacabane)			55			90
Total	152	234	652	984	1.213	724

⁷⁸³ *Biographies*, T. 4, p. 43.

⁷⁸⁴ A criação dos juvenatos provoca dificuldades entre províncias: o Ir. Avit relata que o juvenato de St-Paul-Trois-Châteaux, comum às províncias de Aubenas (Ardèche) e de St-Paul (Drôme), favorecia, sobretudo, St-Paul que segurava os melhores candidatos.

⁷⁸⁵ C 9, p. 356; F. Louis-Laurent; panorama des juvénats de la province de St-Genis-Laval, ouvrage dactylographié, p. 119..., 148..., 156... A tabela que segue foi feita de acordo com as informações dadas pelas Atas capitulares: capítulo de 1880 e 1903; C 7, p. 79; *Abrégé des Annales* 1891 C. 13, p. 486.

Em 1883 o número dos juvenistas é apenas 7% dos Irmãos. Em 1891, para aproximadamente 3.700 Irmãos, existem 732 juvenistas, ou seja, 20%. Em 1892, o Ir. Teofânio nota com satisfação que “todos os noviciados da França são bem numerosos graças aos juvenatos que lhes recrutam bons postulantes⁷⁸⁶”.

A obra dos juvenatos, equipado de um boletim informativo, que serve como um elo entre os assinantes, traz recursos significativos: de 1878 a 1883 eles se elevaram a 354.749 F de assinaturas, 36.000 F das fundações e 41.693 F das pensões⁷⁸⁷. Mas, como foi observado pelo Ir. Avit: “os melhores recursos são trazidos pelos Irmãos inspetores⁷⁸⁸”, que são ao mesmo tempo recrutadores providos da obediência do superior e da autorização episcopal. Assim acontece com o Ir. Véron⁷⁸⁹:

“Sempre com o traje marista completo, sua mochila de couro nas costas, seu grande guarda-chuva em uma mão e seu longo rosário na outra, ele percorria várias vezes no ano, sempre a pé, as íngremes montanhas do Vivarais e as planícies do Basse-Ardèche e do Gard, procurando entre as famílias cristãs e numerosas, as vocações semeadas por Deus e que, para se manifestar, não esperavam outra coisa senão a passagem do apóstolo incansável.

[...] Ele era, além disso, tão conhecido que os motoristas paravam por si mesmos quando o viam pela estrada e convidavam-no para subir em seu carro. Outras vezes, eram os camponeses que lhe ofereciam um lugar ao lado deles, em sua carroça com bancos”.

Rapidamente, tal método permite aos Irmãos distinguir as paróquias boas das más e de se constituir, pelos párocos favoráveis aos Irmãos, uma rede de correspondentes. Mas, como um grande número de congregações e ordens religiosas usam o mesmo método nos mesmos territórios, a concorrência é intensa, mesmo entre os Irmãos Maristas de diversas províncias. É assim que, em 1884, os superiores devem resolver uma disputa entre as províncias de St-Paul e do Centro que querem todas as duas recrutar e mendigar em Savoie⁷⁹⁰. Em 1908 foi necessário desenhar um mapa das áreas de recrutamento atribuídas a cada província.

Este extenso recrutamento permanece fundado nas escolas que servem como base de partida e de repouso. E Irmãos zelosos têm mesmo ocupações mistas de professor-recrutador, como o Irmão Marie-Victoire, que, como professor em St-Urcize (Cantal)⁷⁹¹, “empregava suas quintas-feiras e suas férias no recrutamento de vocações religiosas” em torno de St-Urcize e Lozère, nos arredores de Marvejols.

⁷⁸⁶ A.F.M. Volume 7 das cartas da administração, número 7996; Volume 8, cartas n° 9230; dossiê 541-413: cartas do Ir. Teofânio a um vigário provincial.

⁷⁸⁷ Ir. Louis-Laurent, *op. cit.*, p. 90-105; C 5, p. 567, onde são consignadas as grandes linhas da organização da obra dos juvenatos; Atas Capitulares de 1883.

⁷⁸⁸ Tem-se uma amostra do que podia levar um Irmão mendicante para o relatório de um deles. De 6 a 28 de fevereiro, ele percorreu 25 municípios do Gard e do Ardèche, recolhendo 972,30 F. Como em janeiro ele havia recolhido 820 F, em dois meses somente suas receitas subiram para 1792 F.

⁷⁸⁹ *Biographies* T. 5, p. 424.

⁷⁹⁰ A.F.M. Registro das deliberações (1880-89).

⁷⁹¹ *Biographies*, T.2, p. 159, 166.

O Ir. Luís Maria empenhou-se, desde o início, para definir as linhas educacionais dos juventos. Seus conselhos para o Ir. Cléomène são claros⁷⁹²:

“Que eles tenham para a comida e para a roupa tudo que for necessário. Sobre isto, peço-lhe, meu caro Irmão, esteja vigilante. [...] Dê-lhes 9 horas de sono, 3 recreios diários e 2 passeios por semana. Eduque-os à maneira espartana: sem colchões, sem edredons, nada de paparicagem; faça deles homens fortes, vigorosos, cristãos bem resistentes e religiosos que se alimentam com prazer de sacrifício e de imolação”.

A educação é de fato espartana⁷⁹³:

“O sino para levantar tocava às 5h30. Cada qual fazia sua toailete, arrumava sua cama, terminada esta operação, descia para o pátio. Lá, sem qualquer supervisor, os jovens passeavam rezando o rosário em silêncio e sérios, digno de religiosos confirmados, até o badalar do sino chamando à capela para a oração”.

O trabalho escolar é intenso. Programas e métodos parecem inspirados em escolas jesuítas de ensino primário superior com concurso, placas de homenagem, academias reunindo os melhores alunos⁷⁹⁴. Em suma, o juvenato é uma mistura de colégio e mosteiro com jogos (bolas de gude, bandeira...), liturgias solenes, noites teatrais, férias no campo⁷⁹⁵ ou peregrinações aos santuários ou mosteiros nas proximidades. Os estudos são tão avançados que, por vezes, uma série de juvenistas era apresentada para tirar o certificado elementar ou o bacharelado⁷⁹⁶. Entende-se que: “a transição para o noviciado se fazia sem qualquer solenidade e também o regulamento mudava pouco. Os postulantes e os jovens Irmãos misturavam-se e se continuava os estudos”.

Graças a esse sistema de escola preparatória, os noviciados encontram um tipo de regulador. Quando seus membros tendem a diminuir, introduzia-se um número de juvenistas um pouco maior do que de costume. Se houvesse demasiados novícios, podia-se retardar a entrada. Mas esta conveniência é pequena ao lado do crescimento das entradas, pelo menos em algumas províncias. Assim, de acordo com o biógrafo do Ir. Cléomène, a Província de Bourbonnais, que tinha apenas doze vestições por ano em 1880 a 1885, passa a ter trinta e três de 1886 a 1896, graças à fundação do juvenato de Digoin⁷⁹⁷. A vantagem do juvenato é de testar o valor dos aspirantes e descartá-los no caso em que eles não são adequados. Na província de Beaucamps⁷⁹⁸, estima-se que a metade dos jovens ingressados no juvenato chega até a vestição; uma terça parte faz a profissão e um quarto persevera.

Assim, o juvenato oferece um bom tempo para dar uma instrução profana e re-

⁷⁹² *Biographies*, T.2, p. 159, 166.

⁷⁹³ A.F.M. dossiê GRO 550-6 N 6, Carta do Ir. Victus ao Ir. Luigi.

⁷⁹⁴ A.F.M. dossiê GRO 550-6 N 6, Carta do Ir. Victus ao Ir. Luigi.

⁷⁹⁵ *Biographies* T 2, p. 159-160.

⁷⁹⁶ A.F.M. gaveta 560, dossiê M, testemunho do Ir. Amabilis (Henri Mallet).

⁷⁹⁷ *Biographies*, T 2, p. 151.

⁷⁹⁸ Arquivos de Beaucamps, BE 8, História de Beaucamps de 1842 a 1932, p. 65.

ligiosa suficiente. Mas esta escolha envolve duas consequências: por um lado, o Instituto procura mais do que antes os candidatos capazes de fazer estudos; por outro lado, a idade de admissão para o noviciado é ainda baixa, confirmando uma tendência contínua do Instituto de integrar adolescentes em vez de jovens. Com efeito, de 1850 a 1879, a taxa de menos de 17 anos para a vestição foi ampliada de 35,2% para 51,3%. Mas a década de 1880 a 89 revela um percentual de menos de 17 anos de 70,9% e a de 1890-1899 de 19,3%. Também pode ser ainda que a melhoria da formação teve um efeito benéfico sobre a perseverança: de 1875 a 1885, o número médio anual de saídas de professos foi de 12,5 por ano, mas, nos 15 anos seguintes (1886-1900), este número caiu para pouco mais de 8. Mas os resultados brilhantes do juvenato escondem uma realidade problemática: o Instituto não é mais capaz de atrair jovens e adultos.

Outras realidades problemáticas: a cultura vocacional assume aspectos extensivos. Quando em 1850-1859 o recrutamento era 87% em uma área bem definida de dez departamentos, em 1880-1889, o recrutamento exterior para esta zona central oferece 29% das vocações. E em 1890-1899, a proporção é ainda melhor: 36%. Doravante o recrutamento é desconectado em grande parte das obras, explorando sistematicamente as terras de cristandade e de civilização rural. Eis porque a origem socioprofissional dos aspirantes muda pouco. Antes de 1850, 70% dos Irmãos eram filhos de proprietários rurais. De 1850 a 1879 sua proporção passa de 72% para 65,7%. Mas esta evolução não vai continuar: os filhos dos camponeses são 67,7% em 1880-1889 e 68,5% em 1890-1899. Embora originalmente o recrutamento acompanhasse a evolução global de uma sociedade em processo de urbanização e industrialização, no final do século sua renovação continua a ser assegurada por um mundo rural em lento declínio.

Convém, no entanto, atenuar esta forte tendência para um recrutamento extensivo porque a escola dos Irmãos ainda oferece um afluxo maciço de vocações (ver tabela). No entanto, esta pesquisa de 1897 a 1901, que pergunta qual foi a eficácia da escola sobre as vocações, destaca um recrutamento dos sacerdotes⁷⁹⁹ muitas vezes superiores ao dos Irmãos, particularmente no Sul (Vaucluse, Bouches-du-Rhône, Var) e no Norte (Pas-de-Calais Nord, Somme, Oise) como se nas regiões de poucos religiosos o recrutamento do clero tende a prevalecer. A escola dos Irmãos mantém, portanto, uma função de viveiro de vocações das quais 40% apenas para o Instituto. Mas, muitos adolescentes dos juvenatos vêm de escolas mantidas por outras congregações. Em todo caso, após 1903, o clero tenderá a manter escolas católicas por causa do recrutamento sacerdotal.

ANEXO 6, Vocações saídas de nossas escolas (1897-1901), pág. 366

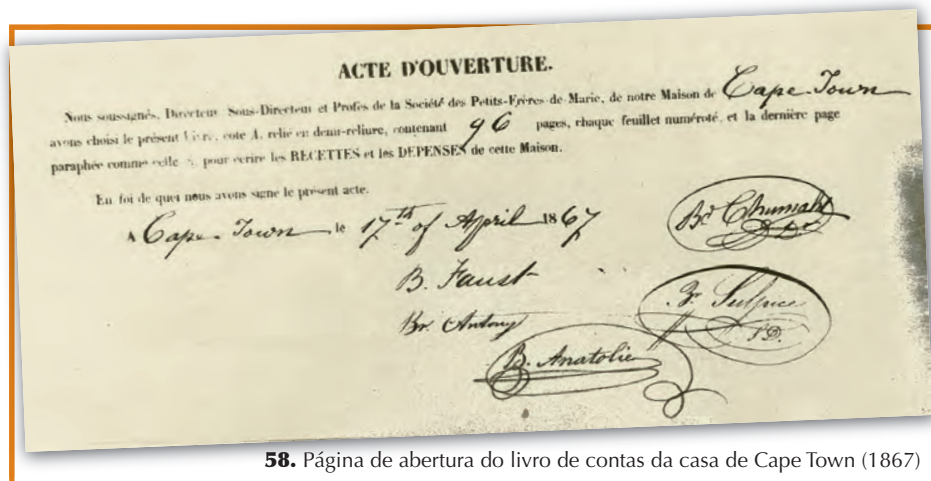
⁷⁹⁹ A.F.M. Pesquisas de 1897-1901.

Missão e internacionalização

Segundo o Ir. Stratonique (c. XIV, p.24), em 1875 o Ir. Luís Maria teria decidido que o país era uma prioridade e foi apenas em 1884 que as leis leigas ajudam a política de expansão além-mar, rapidamente chamada “missão”, que se tornou sistemática. Mas não se deve tomar esta afirmação ao pé da letra.

Estando vivo ainda o Fundador (em 1836), os Irmãos foram enviados à Oceania e, de 1836 a 1859, no total 37 Irmãos partiram para lá. No entanto, a colaboração com os Padres Maristas revela-se difícil, as partidas são interrompidas. Quando, em 1865, o cardeal Barnabo, prefeito da Propaganda, convidou os Irmãos para fundar uma missão na cidade do Cabo, o Ir. Luís Maria não tinha como não atender, e em 12 de fevereiro de 1867, cinco Irmãos embarcam para a África do Sul. A instalação na Nova Caledônia é motivada por um pedido do Ministério da Marinha e das Colônias que querem Irmãos professores para as escolas da administração. O Ir. Luís Maria aproveitou a chance porque pagam a viagem dos Irmãos e pagam o seu trabalho no local⁸⁰⁰. Além disso, em 1874, os Irmãos abrem uma escola em Nouméa. Mas eles rapidamente serão expostos à perseguição do governo local muito anticlerical, e o triunfo dos Republicanos na França fará mover dos superiores o desejo de investir nas colônias francesas. Entretanto, a Argélia, oficialmente território francês, atrai as fundações porque o tempo do serviço militar aí é reduzido.

A decisão restritiva quanto às missões poderia ter sido motivada pelos reveses da Nova Caledônia ou da Síria onde, em 1868, atraídos pelos jesuítas que “tendo prometido mundos e maravilhas⁸⁰¹”, os Irmãos retornam à França em 1875. Nessas várias experiências de missões distantes, exceto na África do Sul, é sempre o



58. Página de abertura do livro de contas da casa de Cape Town (1867)

⁸⁰⁰ C 4, p. 342.

⁸⁰¹ Abrégé des Annales, 1868.



59. Londres, 1892. Primeira residência dos Irmãos na Inglaterra

mesmo problema: os Irmãos são apenas auxiliares de ordens religiosas missionárias ou do governo. Voltaremos a esta questão no volume 2.

Mas, na verdade, a missão existe, sem ser considerada claramente como tal, a partir da província de Beaucamps. Sua fundação revela, por outro lado, mais ou menos, a história missionária do Instituto porque, se ela

foi fundada pelo Padre Champagnat em 1838, em St-Pol-sur-Ternoise, é, para as pessoas do sul, que são os Irmãos de L'Hermitage, um lugar distante e de costumes muito diferentes, em uma França ainda altamente compartimentalizada em culturas regionais e onde as ferrovias não têm ainda reduzido as distâncias. E será preciso um longo tempo de um fluxo constante de Irmãos vindos do sul para expandir uma província cujo recrutamento regional aumenta lentamente, mesmo após a transferência da casa provincial para Beaucamps. Finalmente, a Província vai estabelecer uma poderosa rede de escolas e de pensionatos, que vão do sul até Paris. Mas Beaucamps, perto de Lille, na junção da França, Bélgica e da Inglaterra, e não distante da Alemanha, é virtualmente predestinada a uma vocação internacional.

Com efeito, a congregação instalou-se em Londres, a convite dos Padres Maristas, em 1852. É a primeira escola fora da França. Em 1858, outra Fundação é feita em Glasgow. Um primeiro estabelecimento foi fundado na Irlanda, em Sligo, em 1862. E, como o Ir. Luís Maria não possui pessoal de língua inglesa, em 1874, o noviciado de Dumfries é estabelecido na Escócia, destinado a fornecer missionários, o que impede, por outro lado, o exílio de aspirantes anglófonos em Beaucamps.

O Ir. Luís Maria não esquece, portanto, nem a África do Sul nem a Oceania, mas ele não quer ser dependente dos Padres Maristas ou outras ordens missionárias. Em 1871, os Irmãos chegam a Sydney para fundar uma escola (1872), o que vai garantir sua autonomia. E a criação de um noviciado australiano, logo em 1873, permitirá à missão garantir o seu futuro em médio prazo⁸⁰².

O rápido desenvolvimento destes territórios não francófonos leva à fundação da Província das Ilhas em 1873, com o assistente Ir. Procope, um francês. Os Irmãos da Província das Ilhas teriam preferido o Ir. Alphonsus, (John O'Hara), um irlandês que entrou no noviciado de Beaucamps em 1854, mestre noviços de lín-

⁸⁰² Sobre esta questão das missões: C 1, p. 468; C 2, p. 474-475; C 3, p. 547, 568-569, 571; C 4, p. 480-82; C 8, p. 468.

gua inglesa no mesmo lugar, bem como visitador para as Ilhas Britânicas. Foi ele que traduziu para o inglês as orações da manhã e da noite, as *Regras comuns*, o *Guia das escolas* e os *Princípios de perfeição* durante sua estada em Beaucamps. O Ir. Clare, historiador da Província das Ilhas, salienta que o Ir. Procope e muitos Irmãos franceses temiam que demasiada autonomia desta área ocasionasse “uma confortável interpretação da regra [...] e o declínio da província”, o que confirma o Ir. Norbert na história da Província de Beaucamps:

“A Regra - escrita já pelo Ir. Pascal, assistente de Beaucamps aos Irmãos das Ilhas - é para todos os países e deve ser observada na Inglaterra como em outros lugares. Ele os adverte contra o que é chamado de o confortável, uso excessivo de açúcar, compotas, etc, que se permitiam sob o pretexto de hábitos do país”.

No entanto, o Ir. Avit salienta (Annales 1861, § 29) que o Ir. Procope, assistente das Ilhas, naturalizado inglês e falando esta língua “melhor do que a língua francesa”, [...] “não gosta de ouvir coisas tão levianas deste povo na presença dele”.

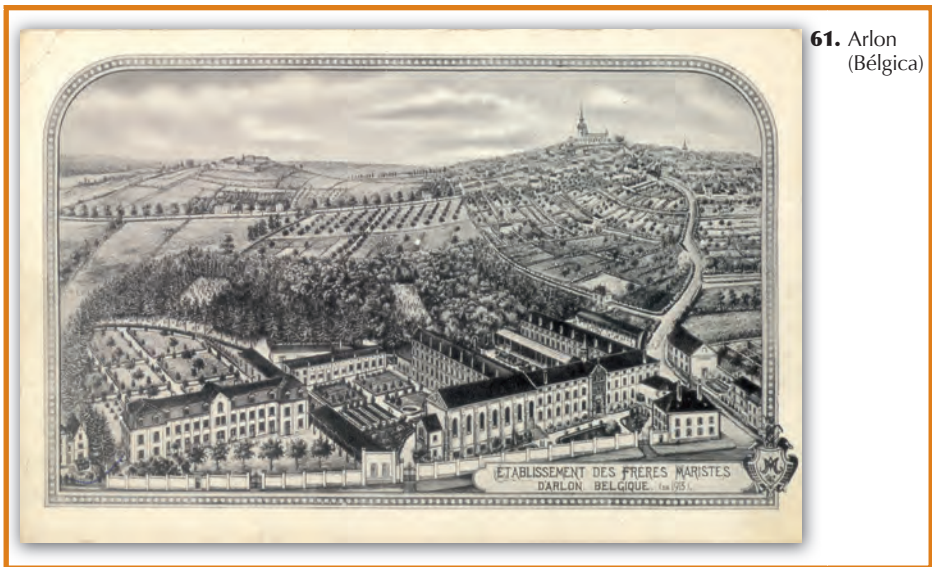
O outro grande homem desta província é o Ir. John, um irlandês, nascido em 1841, que começou seu noviciado em Beaucamps, em 1858, e que, de 1863 a 1873, dirige sucessivamente duas escolas em Glasgow. Enviado para a Austrália, de 1875 a 1893 ele irá presidir a criação de uma Província da Austrália, que será erigida em 1903. Lembrado nas Ilhas Britânicas como provincial, deu andamento, durante quatro anos, a uma dura purificação dos Irmãos. O historiador da província estima que se recusou a aderir aos traços culturais nacionais que pareciam ser sinais de decadência. Parece, portanto, ter integrado certo espírito marista pouco inclinado à acomodação, já manifestado antes dele pelos superiores franceses. Também, em 1900, na morte do Ir. Procope, tornou-se o primeiro assistente não francês, naturalmente encarregado da Província das Ilhas. Assim, antes de 1884, ponto de partida teórico de uma política de expansão mundial, o Instituto experimentou, a partir da província de Beaucamps, depois das Ilhas Britânicas e de seu



60. Noviciado de Hunters Hill (Austrália) 1878-1906

Império, um desenvolvimento missionário que lhe ocasionaram também alguns problemas numa época em que a distinção de fé e cultura não tem grande discussão.

Num primeiro tempo, pelos menos, o problema será pouco sentido com a Bélgica, onde a Província de Beaucamps estabeleceu, em Fleurus, em 1856, e em Montceau-sur-Sambre, em 1857, escolas que estendem o mecanismo das obras francesas. Em 1879 as fundações ocorrem em um ritmo acele-



61. Arlon (Bélgica)

rado. O estabelecimento de Arlon (1888) se tornará um Beaucamps-bis, no qual o noviciado acolherá numerosos alemães, luxemburgueses e da Alsácia-Lorena.

A circular de 10 de maio de 1883 (C. 7, p.187) faz um balanço dos Irmãos enviados “para as missões distantes”, ou seja, fora da Europa, de 1867 a 1883. Em 25 partidas, 78 Irmãos embarcaram, dos quais 17 são “de origem inglesa ou irlandesa”. 17 outros, franceses ou belgas que ficaram nas Ilhas Britânicas e, portanto, sabem o inglês⁸⁰³. Se somarmos a este número os 37 Irmãos que partiram para a Oceania de 1836 a 1858, o total parece pequeno. Mas não se deve enganar: a Oceania, as Ilhas Britânicas, a Bélgica, têm um importante desenvolvimento endógeno e forte radiação com base nos noviciados de Dumfries, Sydney, Arlon. Inclusive o setor do Cabo tem um noviciado com três noviços.

No entanto, é pouco adequado falar de política missionária antes de 1884. Trata-se, antes de tudo, de uma internacionalização limitada, com base na existência de uma Província de Beaucamps, situada na junção de vários países aptos a pedir fundações e fornecer muitas vocações. O fator decisivo no estabelecimento de uma internacionalização da missão será a política republicana anticlerical de 1881. Assim, em 14 de dezembro de 1881, o Ir. Nestor responde à delegação apostólica da Tunísia que pede Irmãos, que antevê fundações⁸⁰⁴ “se a licenciatura não é exigida em nossas escolas e nossos professores aí estão dispensados do serviço militar”. Em 1886, ano em que os recrutamentos decenais não parecem muito seguros, “foi decidido que Irmãos serão enviados à Espanha para aprender espanhol para futuras fundações naquele país”. E, em 1892, o Ir. Avit estabelece uma ligação

⁸⁰³ C 7, p. 187.

⁸⁰⁴ A.F.M. Volume das cartas da administração: n° 8123.



62. Fundadores da Colômbia marista junto com o Ir. Nestor, Superior geral

clara entre missão distante e dificuldades na França:

“Foi necessário que as leis escolares fiscais e militares viessem provar claramente a necessidade de manter o trabalho de nosso piedoso Fundador e preservá-la da ação destrutiva das ditas leis estabelecendo-o fora do seu alcance⁸⁰⁵”.

A Congregação escolhe então entre os muitos pedidos de fundações que recebe de todos os cantos do mundo. De 1884 a

1902, elas ocorrem em todos os lugares e o Ir. Teofânio multiplica as viagens ao redor do mundo: em 1887 nos Estados Unidos da América e Canadá; em 1892, na Tunísia, Argélia, Espanha, onde visitou as primeiras comunidades de Irmãos. Em 1894 é até à Oceania que ele viajou, visitando as instituições da Austrália, da Nova Zelândia e Nova Caledônia. Em 1897, ele retornou novamente à América. Delega assistentes para a África do Sul, a Colômbia, o Brasil⁸⁰⁶. Nada é mais eloquente nesse caso que o número de partidas dos missionários:

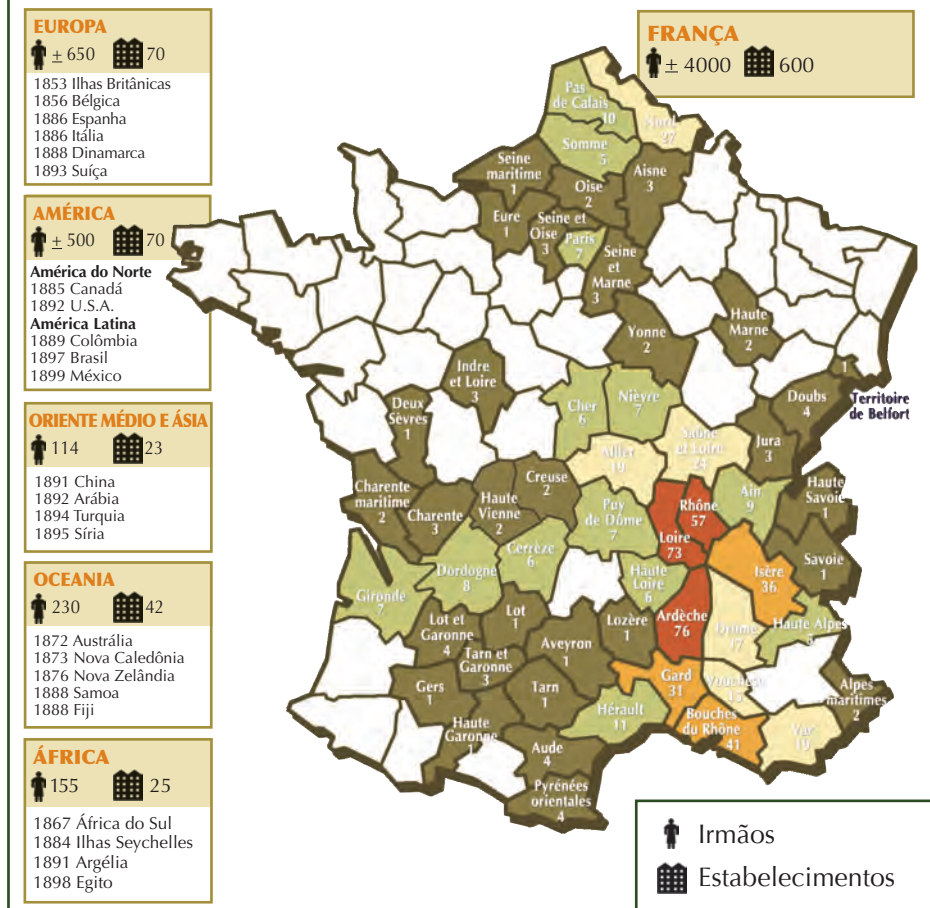
DATAS	NÚMERO DE IRMÃOS MISSIONÁRIOS	MÉDIA ANUAL
1836-58	37 ⁸⁰⁷	1,6
1867-76	38	3,8
1880-90	154	22
1891-95	200	40
1895-1900	231	38,5
1901-02	220	110

⁸⁰⁵ Abrégé des Annales.

⁸⁰⁶ C 7, p. 355-57; C 8, p. 206-220; C 9, p. 203...; C 8, p. 592, 62 ; C 9, p. 400.

⁸⁰⁷ Diversas referências na C. 5, p. 304

Mapa 14. Os Irmãos Maristas em 1901



bane. Na Província de Bourbonnais, a casa provincial de Varennes-sur-Allier é concluída em 1891. E a expansão dos internatos continua. Em 1886 se gasta muito com aqueles de Pont-Ste-Maxence (Oise) e de Paris.

Nos primeiros oito anos de seu generalato (1883-1891), o Ir. Teofânio teria gasto para todas as construções 2.179.000 F, enquanto as dívidas não subiram mais do que a 1.200.000 F em 1891. De 1893 a 1903, a procuradoria-geral adquire e constrói ainda por 3.595.145 F⁸¹². Um projeto de orçamento para 1883 indica as seguintes receitas gerais⁸¹³:

Envio das províncias	60.165 F
Internatos	237.116 F
Produtos (Arquebuse de L´Hermitage, Bifosfato de cal)	70.835 F
Livros clássicos, direitos autorais	12.500 F
TOTAL	437.436 F

A tabela acima destacou a importância dos novos recursos. Já, para amortizar a dívida da Congregação, o Ir. Luís Maria tinha encorajado a produção do Arquebuse em St. Genis-Laval e o bisfosfato de cálcio em St-Paul-Trois-Châteaux. Esses dois produtos, no entanto, cresceram de forma desigual. Primeiro, é o bisfosfato; o Arquebuse levará mais tempo para deslanchar, mas, em última análise, revelou-se mais lucrativo. Nos anos de 1899-1901, a venda do Arquebuse produziu, descontados os impostos, 293.146,56 F por ano e a do Biofosfato, 130.592,59 F⁸¹⁴. Essas duas atividades deram um retorno próximo àquele dos internatos.

Os Irmãos adquirem outro recurso mais próximo da sua vocação: a venda de livros e manuais escolares. Sob o Ir. Luís Maria, poucas obras foram compostas porque - de acordo com o Ir. Avit - o superior queria controlar absolutamente as obras escritas, e continuou-se a utilizar, sobretudo, as obras



63. Irmão Théophane (1824-1907)

⁸¹² *Atas Capitulares*, 1903.

⁸¹³ *Atas Capitulares*, 1883.

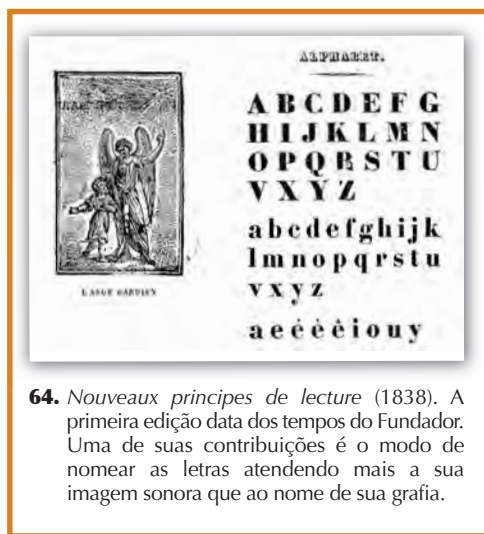
⁸¹⁴ A.F.M., gaveta França, dossiê 1903, transações comerciais. Gaveta K 13-15, dossiê 541-543 nº 15: venda de licor e de Arquebuse.

dos Irmãos das Escolas Cristãs. O Instituto tem como próprio apenas uma gramática composta pelo Ir. Luís Maria em 1841, acompanhada de exercícios de ortografia. Por volta de 1866, apareceu um trabalho de aritmética, obra do Ir. Marie-Jubin, corrigida pelo Superior-geral, que também é acadêmica e tem pouco sucesso. Em 1877 o Ir. Eubert redigiu, para substituir a Bíblia de Royaumont⁸¹⁵, que os inspetores não querem mais, “O guia da infância”, que tem muito sucesso: 11 edições até 1891. A isto é preciso acrescentar os “Princípios de leitura”, cuja primeira edição data do Fundador, que são muito difundidos: 35ª edição em 1891.

Com o Ir. Nestor, os Irmãos são encorajados a compor manuais e os resultados serão sentidos depois de 1883⁸¹⁶, dando origem à coleção FTD pelo nome do Superior-geral: *Frère Théophane Durand*. (Irmão Teofânio Durand). Dentro de alguns anos foi editada a Aritmética do Curso Médio, um Atlas Geográfico para os três cursos primários, um Tratado de Álgebra, Geometria e Agrimensura, uma História Ilustrada da França (Curso Médio e Curso Primário), uma História Natural Ilustrada, um Tratado de Física e Química, um Manual de estilo para o Primário e o Curso Médio, etc. Assim, a congregação tende a se autossustentar em matéria de manuais e até mesmo para venda exterior. O resultado financeiro da operação é sentido apenas lentamente: em 1883, a receita dos clássicos e os direitos autorais elevam-se além dos 12.500 F, mas um acordo firmado em 1888 com a editora lionesa Emmanuel Vitte⁸¹⁷ permite um aumento de

receitas: 19.000 F em 1893. E, a partir de 1893 a 1903, os livros clássicos teriam fornecido 80.000 F por ano⁸¹⁸.

No que diz respeito aos pensionatos, eles se tornaram a principal fonte de renda da congregação, mesmo que sua importância seja muito desigual⁸¹⁹. Alguns como Valbenoîte, perto de St-Etienne, têm perto de 300 internos. Aubenas em Ardèche, Charlieu no Loire, Neuville sur Saône, perto de Lyon, St-Genis-Laval, Beaucamps, perto de Lille e Paris, Rua Pernety, são de importância comparável. Mas existe uma rede de pensionatos menores, onde alunos externos podem constituir uma forte minoria ou até mesmo uma maioria: por exemplo,



64. *Nouveaux principes de lecture* (1838). A primeira edição data dos tempos do Fundador. Uma de suas contribuições é o modo de nomear as letras atendendo mais a sua imagem sonora que ao nome de sua grafia.

⁸¹⁵ Ao mesmo tempo História Sagrada e livro de leitura.

⁸¹⁶ C 7, p. 328, 419; C 8, p. 56, 63, 218, 565-566, 727.

⁸¹⁷ Marc Rochet, *La maison Vitte. Une page d'histoire lyonnaise*, diffusé par l'auteur, 2011, 387 p.

⁸¹⁸ *Atas Capitulares*, 1893.

⁸¹⁹ C 10, p. 279. Num relato de 1901, para informar aos deputados sobre a congregação, o Instituto declara possuir 10 pensionatos contendo mais de 100 alunos internos e 30 pensionatos ou abrigos para camaristas tendo menos de 100 alunos internos.



65. Internato de Valbenoite

Beaujeu (Rhône), que tem apenas 65 pensionistas sobre 180 alunos, ou até mesmo St-Genest- Malifaux, que agrupa 50 pensionistas, 50 camaristas e 28 externos. De acordo com os lugares, a pensão é de 350 a 500 F. O ganho para os Irmãos, portanto, é enorme: o registro maior foi conseguido pelo pensionato de Paris que, empregando 38 Irmãos, exhibe em 1899 um lucro de 100.202 F⁸²⁰. St-Genis-Laval, com doze Irmãos, fornece em 1883 uma média de 34.875 F por ano. No conjunto, os internatos dão uma contribuição entre 500 e 3.000 F por Irmão.

A situação dos externatos está em completo contraste porque a laicização fez os Irmãos perderem os benefícios do governo, e os comitês de escolas independentes são parcimoniosos. Por volta de 1897-1900, os salários são frequentemente de 650 a 700 F por Irmão⁸²¹ e de tais rendimentos são descontados no máximo 100 a 200 F por Irmão para a caixa comum. Muitas vezes, as escolas não têm nenhum benefício ou estão em déficit⁸²². Além disso, os recursos provinciais são muito irregulares e por meio destes números pode-se perceber toda uma história do Instituto na França: as antigas províncias combinando escolas paroquiais e in-

⁸²⁰ Annales de Beaucamps, pesquisa de 1901.

⁸²¹ A esta época os salários dos professores públicos variam de 800 a 2.000 F.

⁸²² A.F.M. Registro das deliberações (1880-89) e anos de 1884 e 1888. Gaveta K 13-15/541-4 3n15. Sobre 125 escolas de todas as províncias, nota-se em 1887: Contrato por mais de 1.000 F por Irmão: 2 escolas; 1.000 F por Irmão: 11 escolas; entre 900 e 1.000 F por Irmão: 10 escolas; 900 F: 7 escolas; entre 800 e 900 F por Irmão: 5 escolas; 800 F por Irmão: 24 Escolas; 700 a 800 F por Irmão: 20 escolas; 700 F por Irmão: 30 escolas; 650 a 700 F por Irmão: 9 escolas; 650 F por Irmão: 13 escolas; menos de 650 F por Irmão: 1 escola.

ternatos; e as províncias mais recentes muito contrastantes: Beaucamps, localizada em uma França rica e apoiada sobre uma rede de internatos, mas o Ouest e Varennes esforçando-se para chegar à maturidade.

PROVÍNCIA	RECEITA GLOBAL POR IRMÃO	RECEITA DOS EXTERNATOS POR IRMÃO
Ouest	127 F	50 F
Bourbonnais (Varennes)	127 F	4 F
Aubenas	419 F	18'5 F
Hermitage	451 F	50 F
St. Genis-Laval	590 F	4'5 F
St. Paul-Trois-Châteaux	761 F	53 F
Nord	1.168 F	78 F

A congregação tem dois circuitos financeiros: os internatos, que são bem rentáveis, e escolas livres, com receita insuficiente. A resposta ao desafio republicano revestiu-se de dois aspectos complementares: um recrutamento e uma formação melhor organizada por um lado; e uma expansão mundial bastante sistemática, permitida por uma grande solidez financeira e uma forte demanda. No entanto, uma parte destes recursos vem de atividades comerciais bastante distantes da vocação primeira.

20.

SOLUCIONAR UMA CRISE INTERNA MULTIFORME

Aprofundar a vida espiritual e fortalecer o espírito do Instituto

Eliminando os religiosos da educação pública, a laicização contabiliza o máximo de vantagens à sociedade que, mesmo católica, trata-os como subordinados enquanto os força a suportar uma esgotante concorrência com a educação pública.

Agora, nas paróquias, os Irmãos são funcionários de comissões escolares patrocinadas pelo pároco e notáveis que pagam mais ou menos bem e mais ou menos regularmente enquanto requerem mais serviços⁸²³. O Ir. Marie-Eugène, diretor de Souvigny em 1887, conta-nos, por exemplo, suas contendas com a Condessa que é a patrona da escola, com o bispado⁸²⁴ e o conselho da cidade, republicano, também maliciosamente sustentado pela administração. A vida é tão dura⁸²⁵ nos internatos, onde é necessário enfrentar todos os tipos de tarefas, mas pelo menos o Instituto é o seu gestor.

Nas escolas de empresas de mineração ou industriais, onde a população escolar é feita dos filhos dos trabalhadores, a situação é ainda mais dolorosa, porque os Irmãos enfrentam crianças hostis, sucessivas greves e a ação dos sindicatos viraram a população contra todos aqueles que parecem ser os auxiliares do chefe injuriado⁸²⁶. O maior complexo está em Blanzay e Montceau-les-Mines, em Saône-et-Loire, onde os Irmãos mantêm todas as escolas de meninos de empresas de mineração e industriais, que são aproximadamente 2.000 alunos.

⁸²³ A.F.M. dossiê Fr. Philogone: carta do Ir. Assistente ao Ir. José, superior geral dos Irmãos das Escolas Cristãs; ele aí descreve uma tendência dos comitês das escolas em colocar as congregações em concorrência.

⁸²⁴ A.F.M. dossiê COUD. 560/6 n 2, biografia de Coudert Eugène.

⁸²⁵ A.F.M., dossiê Desplace Antoine (Ir. Augustin-Joseph).

⁸²⁶ A. Lanfrey, "Église et monde ouvrier : les congréganistes et leurs écoles à Montceau-les-Mines", Cahiers d'Histoire, T. 23, p. 51-71.

Os patrões das empresas também tratam os Irmãos sem rodeios. Em Montceau é necessário, apesar de muita relutância, passar pela vontade do Sr. Chagot, o chefe, fundador dos patronatos a partir de 1887 que, apesar de uma direção teórica do clero, são mantidas pelos Irmãos. Na escola de La Machine, governada pela companhia de Creusot, as obrigações são ainda mais drásticas: as crianças devem ser conduzidas a passeio na quinta-feira e no domingo à tarde e devem dar aulas para os alunos das quatro primeiras classes pelo menos uma hora na quinta pela manhã. Em Lafarge (Ardèche), além da escola, um curso para adultos funciona às segundas-feiras, quartas-feiras e sextas-feiras, para 60 jovens. Lá também um patronato é criado em outubro de 1887, e um Irmão é especialmente encarregado, reunindo de 15 a 30 jovens todas as tardes, exceto quinta-feira, realizando vários exercícios de música ou jogos. É importante lembrar que, antes de 1903, o Instituto sofre uma onda de laicização, pelo fato de que os Irmãos tenham caído sob o domínio de notáveis que controlavam de perto as escolas em que trabalham e, muitas vezes exigindo que estas – a concorrência obriga – ampliassem suas competências para novas obras.

Face à pastoral das obras extraescolares

Nos centros industriais em particular, o clero em si mostra-se relutante para com a escola e os Irmãos constataam amargamente esta oposição. Em Firminy, centro industrial perto de St-Etienne, a opinião pública teria dito: “os párocos são os amigos dos leigos e os inimigos dos Irmãos⁸²⁷”. Esta reserva é explicada por uma mudança na pastoral: aos olhos de muitos clérigos a escola católica já não é a resposta adequada para o que se começa a perceber como uma descristianização. É necessário substituir por obras para e pós-escolares como os patronatos que têm a vantagem de reunir as crianças da escola leiga como as da escola dos Irmãos. O próprio Papa deu instruções ao Ir. José, superior das Escolas Cristãs, neste sentido⁸²⁸. Como para os Lassalistas, a relutância é grande entre os Irmãos Maristas para embarcar nesta nova forma de apostolado das crianças porque os superiores temem que os Irmãos envolvidos em atividades culturais diversas como fanfarras, atividades teatrais, cursos à tarde, atividades extraescolares... não se deixem vencer por um espírito mundano⁸²⁹. Mas eles não podem ficar completamente fora do que estão começando a chamar “A Ação Católica”. Além disso, neste ou naquele lugar um Irmão, diretor ou não, toma iniciativas com ou sem permissão do superior. Em geral, o Instituto recusará a direção dos patronatos e das obras extraescolares e os Irmãos contentar-se-ão muito mais em ajudar os párocos que dirigir os patronatos. É só na sua circular de 24 de maio 1898 que o Ir. Teofânio recomenda as obras da juventude⁸³⁰, aceitando, a contragosto, a ideia de que a escola cristã não é suficiente para formar o cristão.

⁸²⁷ Ibid, 213/18.

⁸²⁸ Max Turmann, *Au sortir de l'école, les patronages*, Paris, 1898.

⁸²⁹ A.F.M. gaveta Varennes, dossiê Bois-du-Verne.

⁸³⁰ C 9 p. 330, 447.

Problemas com Roma e as turbulências que causam

No entanto, os superiores não gozam senão de uma autoridade problemática para exigir dos Irmãos uma atitude reservada em direção a estas novidades porque eles não necessariamente compartilham seu pessimismo político-religioso. Além disso, as constituições não estão ainda aprovadas por Roma e até mesmo as discussões a este propósito agravam e transpiram para fora do círculo dos capitulares. No capítulo de 1883, a administração é acusada “de esconder as constituições dadas como experiência e [...] ninguém ou alguém fora do governo do Instituto teve conhecimento disto até este momento”. Além disso:

“Ocorreu na congregação uma grande insatisfação contra a administração a tal ponto que 15 ou 20 dos principais Irmãos, incluindo alguns membros da administração, haviam preparado sua saída do Instituto”.

Estas acusações não visam o Ir. Nestor, mas essencialmente seu antecessor e seus colaboradores mais próximos, entre eles, nos parece, o Ir. Teofânio. Roma exige a publicação das constituições dadas como experiência, o que é sucesso parcial para a oposição. Mas torna-se responsável pela morte prematura do superior geral de retorno de Roma. A eleição do Ir. Teofânio, o mais antigo da administração, reduz a nada as acusações de descontentamento na congregação e a maioria do capítulo decide a elaboração de um protesto junto à Santa Sé contra as acusações⁸³¹.

Seu líder é o Ir. Jules. Nascido em Lambesc (Bouches-du-Rhône), em 1842, entrou no noviciado de St-Paul em 1857. Em 1880, ele era diretor de um dos primeiros pensionatos da congregação: o de Paris-Plaisance. Depois, foi-lhe confiado outro importante pensionato de Neuville-sur-Saône. Seus três comparsas não são medíocres. Há o Ir. Marie-Jubin, autor de um protesto em 1857-1858, que, em 1883 é vigário provincial em St-Genis-Laval. O Ir. Placide é visitador da Província do Norte. Finalmente, o Ir. Louis Bernardin, ex-diretor do internato de La Côte-St-André trabalha, naquele momento, na casa-mãe, provavelmente nos escritórios.

Apesar de seu pequeno número, eles farão ouvir suas vozes, criticando uma organização opaca do capítulo e defendendo uma descentralização⁸³². Mas, o capítulo não os seguiu. Finalmente os superiores publicam uma versão adocicada das constituições dadas pela Santa Sé⁸³³. Há, então, novos recursos a Roma denunciando as alterações que os superiores fizeram à regra e o Ir. Teofânio deverá se justificar. Quanto ao Ir. Jules, ele será demitido do internato de Neuville-sur-Saône e nomeado diretor de uma escola pequena em Pont-de-Claix (Isère). Parece que outros protestadores também sofreram desgostos. É difícil saber a extensão do eco destas brigas no todo da congregação⁸³⁴, mas o problema de fundo ainda permanece.

⁸³¹ Como 4 capitulantes não assinaram o documento, parece evidente que se desmascarou os acusadores.

⁸³² A.F.M. dossiê 352-220-1

⁸³³ Numerosos exemplares destas constituições existem em pequenos fascículos impressos em 29 p.

⁸³⁴ A.F.M. dossiê 352-220-5.

No entanto, em 1890, a velha questão da conta de consciência é resolvida pelo decreto *Quaemadmodum* (de 17 de dezembro de 1890), da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, que proíbe a abertura de consciência aos superiores das congregações leigas, que muitas vezes abusam de suas prerrogativas. Portanto, a correspondência regular entre os assistentes e Irmãos para⁸³⁵ e os superiores lamentam este modo de acompanhar de perto seus subordinados, ainda que ao mesmo tempo a medida os libera de uma tarefa pesada.

Uma renovação dos quadros geradores de tensões

Os superiores eleitos em 1883 encontram-se, além do mais, ante o problema do envelhecimento da numerosa primeira geração de Irmãos, cujos representantes, que começam a chegar aos sessenta anos, ocupam posições importantes. O costume estabelecido é que uma vez assumido um cargo, um Irmão, salvo indignidade ou renúncia voluntária, o conserve por toda a vida, a menos que ele seja promovido. Esta tradição, portanto, impede que Irmãos mais jovens e mais instruídos alcancem posições importantes.

Ora, após o capítulo de 1883, há uma ação coordenada do superior geral, do novo assistente da Província de St-Genis-Laval, o Ir. Adon, e de St-Paul-Trois-Châteaux, o Ir. Berillus. Na Província de Saint Paul este último obtém a demissão de numerosos Irmãos diretores desde 1883⁸³⁶. É praticamente o mesmo cenário em St-Genis-Laval⁸³⁷, no mesmo ano. A operação de substituição dura muito mais tempo e se estende às outras províncias. Naquela do Norte⁸³⁸, em 28 de agosto de 1893, na véspera do encerramento do retiro, o Reverendo Irmão Superior Geral demite de sua função o querido Irmão Aidant, diretor da casa provincial de Beaucamps, depois de 38 anos.

No capítulo de 1893 há uma revolta de descontentes, dirigida especialmente contra o Ir. Berillus, assistente de St Paul, que redigiram um protesto⁸³⁹ enviado ao superior geral em 15 de abril de 1893, três dias antes da abertura do capítulo. Os autores são o Ir. Xénophon, visitador de St Paul, eleito para o capítulo, o Ir. Anacletus, diretor provincial, os Irs. Landolphe e Marcellin, diretores em Péage, o Ir. Zoël, diretor do importante pensionato de Luc e, finalmente, o Ir. Jules, ex-membro da província de St-Paul e opositor de longa data. É um tipo de rebelião dos anciãos, ao mesmo tempo o questionamento sobre o tema do poder centralizado.

O início do capítulo é marcado por um incidente violento, o superior geral ameaçando demitir-se e apoiando seus assistentes contra os manifestantes que leram seu texto. O governo do Instituto, finalmente, ganha o jogo, mas é uma maio-

⁸³⁵ A.F.M. gaveta K 14-5, dossiê GRO 550-6 n 62.

⁸³⁶ Ibid, dossiê GRO 550-6 n° 62.

⁸³⁷ Ibid, dossiê SIR 550-6 n° 10; 6 n° 2.

⁸³⁸ Archives de Beaucamps, BE 1 Anais.

⁸³⁹ A.F.M. dossiê STP 631-2, Cópia não assinada deste protesto.

ria estreita que os capitulares culpam as manobras que teve lugar na Província de St-Paul: 30 votos (incluindo os do superior geral e seus assistentes) contra 18. Como de costume, a discórdia teve lugar em campo fechado, mas as denúncias e reclamações renascem. Em 1898, o governo deve responder aos novos ataques feitos contra ele junto à Sagrada Congregação sobre as constituições e um governo demasiado centralizado⁸⁴⁰.

Novas normas romanas e a lei Waldeck-Rousseau

Mas, logo é necessário que os superiores saiam do seu imobilismo. E isso, por duas causas: a primeira, em 1900, Roma publica a constituição “*Conditae a Christo*” sobre as congregações com votos simples. Em seguida⁸⁴¹, em 1901, as “normas para a aprovação dos novos institutos” impõem às congregações que querem a autorização um tipo específico de constituição. Estas normas não agradam aos superiores, porque elas se conformam com a posição romana contra a qual eles lutam há 40 anos. Como, nestas circunstâncias, fazer renovar, em 1903, a autorização provisória das constituições?

O bloco dos assistentes racha pela primeira vez. O Ir. Stratonique optou, pelo menos desde 1901, por um governo descentralizado com base nas províncias, lideradas pelos provinciais⁸⁴². Ele dá como razões que os assistentes não dão conta de sua tarefa. E em 24 de novembro de 1902, ele se recusou a assinar um novo “apelo ao Santo Padre para obter a aprovação definitiva das constituições” rubricado pelo superior geral e 6 assistentes.

Mas um problema igualmente grave surgiu: em 2 de julho de 1901 foi votada a lei Waldeck-Rousseau, que estabelece a plena liberdade de associação civil, mas cria uma exceção para congregações: nenhuma delas pode ser fundada sem ser autorizada por uma lei; e nenhuma instituição nova pode ser criada sem decreto. A partir deste momento, os Pequenos Irmãos de Maria se perguntam se é preciso solicitar a autorização. O Conselho de Estado tem reconhecido válidas as autorizações de 5 congregações masculinas (Irmãos das Escolas Cristãs, Missões Estrangeiras, Lazaristas, Sulpicianos, Espiritanos) e eles resolvem fazer a solicitação. Mas com a chegada do Ministério Combes, desde 1902, a esperança de consegui-lo foi aniquilada⁸⁴³.

⁸⁴⁰ A.F.M. dossiê 355/1,2 ou Registro dos projetos de constituições 3, doc. 103.

⁸⁴¹ Enciclopédia: “*Catholicisme*”, T. 3, p. 128.

⁸⁴² A.F.M., dossiê 353-1-4. Rascunho de carta endereçada ao Reverendo Ir. Teofânio (março de 1901). Por outra, a ideia de descentralizar foi para o ar. Em 1899, (documento 353-1-2) o Ir. Romain, antigo diretor provincial e mestre de noviços, preconiza dar progressivamente mais poder aos diretores provinciais.

⁸⁴³ Antoine Prost, *L'enseignement en France, 1800-1967*, Armand Colin, Coleção U Paris 1970.

O Capítulo de 1903: descentralização num ambiente catastrófico

Sobre a questão das constituições, o superior geral e seus assistentes invertem então sua estratégia porque, ameaçada pelo Estado, a Congregação deve receber uma autorização romana definitiva. Portanto, é solicitada à Congregação dos Bispos e Regulares examinar rapidamente as novas Constituições de 150 artigos em conformidade com as normas romanas de 1901, a fim que elas sejam aprovadas pelo próximo capítulo geral. Os superiores finalmente aceitam o governo provincial e a eleição do superior geral por tempo limitado e não vitalício.

É numa atmosfera de catástrofe que o capítulo⁸⁴⁴, inaugurado em 20 de abril de 1903, vota sem um debate mais profundo, a aprovação das constituições, como o deseja o Ir. Teofânio, e elege os superiores, de acordo com as novas Constituições apesar dos protestos de um Irmão. Uma discórdia de 40 anos foi teoricamente terminada no momento em que um decreto de dissolução atinge a congregação na França. O mínimo que podemos dizer é que o governo do Instituto não é notável por sua transparência.

Uma crise geral das congregações ensinantes?

Um pouco, todas as congregações estão em dificuldade ao mesmo tempo, não só por causa da política de extermínio do governo, mas porque sentem a necessidade de reformar sem saber bem para onde ir. O Pe. Lecanuet contou a história da Madre Marie du Sacré-Cœur, religiosa de Notre Dame que, observando a fraca formação de professores religiosos, pretende estabelecer “uma escola normal onde as ordens religiosas ensinantes, os pequenos conventos de província principalmente, enviariam seus membros destacados para se preparar para seu futuro ministério⁸⁴⁵”. Impedido por vários bispos de fundar a sua obra, ela publica um livro “as religiosas professoras e as necessidades do apostolado⁸⁴⁶” com o *imprimatur* de Dom Sueur, bispo de Avignon.

A obra é explosiva: comparando os pensionatos congregacionais e os liceus do Estado ela põe em evidência a inferioridade da educação congreganista. A imprensa assume o caso e parte do Episcopado o sustenta, bem como grandes intelectuais católicos. Finalmente, em 27 de março de 1899, Roma, apesar de reconhecer a retidão das intenções da autora, reprova o seu livro. Então, ela funda uma instituição em Paris e morre acidentalmente em 6 de julho de 1901.

⁸⁴⁴ A.F.M., dossiê 353-1-13, carta de 14 de maio de 1903.

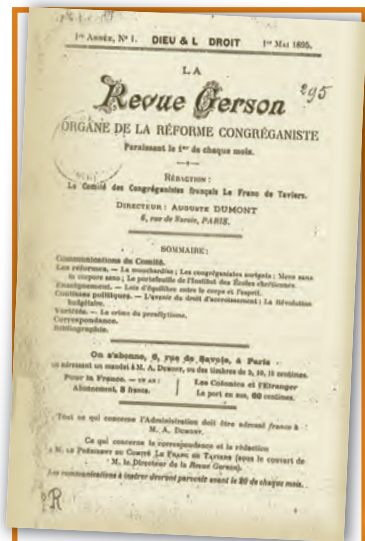
⁸⁴⁵ E. Lecanuet, *L'Église de France sous la 3^{ème} republique. La vie de l'Église sous Léon XIII*, Paris, 1930, p. 282-295.

⁸⁴⁶ Ver também Mme D'Adhemar, *Une religieuse réformatrice, la Mère Marie du Sacré-Cœur*, Paris, Bloud.

Encontra-se entre os Irmãos dedicados ao ensino um caso semelhante, o de Firmin Counort, ex-Irmão Lassalista. Em 1894, publicou um livro intitulado “*Un pensionnat de frères sous la III^e République*” que, denunciando o autoritarismo dos superiores e a má administração dos pensionatos, defende uma reforma de seu Instituto. O caso se tranquiliza até que, em 1898, Counort escreve um novo livro: “*A travers les pensionnats de frères*”⁸⁴⁷ que especifica os ataques anteriores, preconiza as reformas e, em particular, uma democratização do Instituto.

Na sua esteira, formou-se em 1895, um comitê mais duro e mais geral⁸⁴⁸ composto por membros das várias congregações de Irmãos que publica *Frère Malapion ou les frères congréganistes sous la III^e République*, denunciando os defeitos das congregações de Irmãos e defendendo uma reforma radical: é preciso rever as constituições, suprimir todos os pequenos noviciados e juvenatos assim como o traje religioso, muito inadequado. O superior geral será eleito pelos Irmãos. Os votos serão suprimidos... Em última análise, precisa-se de “religioso livre em congregação livre”. Na conclusão do trabalho, o comitê anuncia o lançamento da publicação de “*La Revue Gerson*”, organismo para a Reforma dos congreganistas do ensino livre, a qual tem sete números editados de 1895 a 10 de março de 96. O tom aí é o mais violento e o projeto de mais a mais delirante. A revista interessa aos Irmãos Maristas, porque das 111 páginas, 30 são dedicadas a eles.

As críticas dividem-se em dois artigos. O primeiro, intitulado “*Le baigne de St-Genis-Laval*” acusa o Ir. Teofânio de ser demasiado autoritário e submisso aos jesuítas⁸⁴⁹; de desviar a Congregação de seu objetivo, fazendo dela uma indústria (o arquebuse de L’Hermitage e o bifosfato de cal) e de esbanjar o dinheiro da Congregação fazendo ofertas à Santa Sé (durante suas viagens a Roma). Mas ele não está sozinho na questão: há também dois de seus assistentes, o Ir. Adon e o Ir. Berillus, bem como alguns outros Irmãos da administração de St-Genis-Laval. O segundo artigo é intitulado “*Cahiers congréganistes N^o 1. Institut des Petits Frères de Marie*”. Ele desenvolve especialmente, com muitos detalhes, o caso das Constituições que eu mencionei anteriormente.



66. Primeira página da *Revue Gerson*, órgão da Reforma dos congreganistas do ensino livre

⁸⁴⁷ P. Zind recolheu uma tradição oral referente a esta obra. O Ir. Bertholier (Louis-Salvatoris?) aí afirma que ela foi redigida por antigos Irmãos Maristas mancomunados com antigos Irmãos Lassalistas.

⁸⁴⁸ Este movimento tem de fato precedido o livro do Ir. Algis porque a *Revue Gerson*, seu organismo, existe antes de sua obra de 1894, vendida para “A la revue Gerson”.

⁸⁴⁹ Provavelmente porque o Ir. Teofânio organizou os Grandes Exercícios de Santo Inácio e um segundo noviciado.

Essa tentativa, um quanto utópica, reflete um mal-estar real dentro das congregações e em especial a dos Irmãos Maristas. O último rastro deste movimento é fornecido em 1902 pelo livro de um certo Auguste Dumont: *“Les dossiers congréganistes: La Morale de ces messieurs; Roman psychologique de moeurs congréganistes”* um mau romance anticlerical que explora documentos provenientes dos Irmãos Maristas e atacando particularmente, sob pseudônimos, os Irs. Teofânio (Ir. Prosper), Adon (Magelon) e Berillus (Satanus).

Reforçar e renovar a identidade marista

Os superiores estão longe de se contentar com medidas do tipo administrativas e, sobretudo defensivas. Já mencionamos as medidas tomadas pelo Ir. Nestor em 1880-1883 e o nascimento das escolas especiais para se preparar para os exames que terão o nome de escolasticados. Em um nível mais estritamente espiritual, em 1884, no auge dos problemas, enquanto as leis laicas fazem sentir seu efeito completo, que o recrutamento é muito lento e que as saídas são muitas, eles estabelecem, como teste, os Exercícios de Santo Inácio para os aspirantes à profissão perpétua. Durante as férias, noventa e três Irmãos reuniram-se no internato de La Côte-St-André (Isère) e fizeram os exercícios pregados pelo Pe. Siveton, S.J. Os superiores estão tão felizes que estabelecem definitivamente este costume⁸⁵⁰.

Em 1885, eles decidem restabelecer o retiro do 3º ano⁸⁵¹ que havia funcionado 15 a 20 anos anteriormente sob a direção do Ir. João Batista, mas foi suspenso após alguns anos⁸⁵². Também se encontram em Bourg-de-Péage (Drôme), de 23 de agosto a 30 de setembro, 70 Irmãos diretores e professores das principais casas das províncias do Centro e do Sul⁸⁵³. De agora em diante, reunir-se-ão os professores nos pensionatos (Paris-Breteil, Bourg-de-Péage, La Valla, St-Didier-sur-Chalaronne) para aumentar seu fervor por meio dos Grandes Exercícios de Santo Inácio, muitas vezes pregados pelo Pe. Combaluzier, jesuíta.

Em outubro de 1897 começa em St-Genis-Laval o segundo noviciado⁸⁵⁴. Os Irmãos professores chamados a esta formação têm por missão “aprender mais perfeitamente os deveres da vida religiosa, se retemperar na piedade e especialmente formar-se nas sólidas virtudes”. Voltaremos a esta iniciativa, que terá seu pleno desenvolvimento no século XX. Quanto ao noviciado, uma circular do Ir. Teofânio em 1898⁸⁵⁵ recomenda que durem dois anos e que os estudos profanos não excedam duas horas por dia. E ele será complementado por um tempo de escolasticado.

⁸⁵⁰ C 7 p. 202, 217, 233; A.F.M., Registro dos projetos de constituições 3: carta do Ir. Teofânio ao cardeal Howard, a 28 de setembro de 1886.

⁸⁵¹ C 7 p. 233.

⁸⁵² A.F.M. atas do capítulo de 1893.

⁸⁵³ C 8 p. 103, 221, 502; C.9 p. 132, 401.

⁸⁵⁴ C 9 p. 222.

⁸⁵⁵ A.F.M. dossiê 541-413 nº 62.

A abertura do processo diocesano em vista da causa de canonização do Padre Champagnat em 1888 é parte do mesmo esforço para fortalecer a identidade marista. E o decreto de Roma, declarando Champagnat venerável, em 1896, será a ocasião de muitas cerimônias e da publicação de um volume de *Panégyriques allocutions et discours* e uma nova edição da *Vida* do Padre Champagnat, em 1897⁸⁵⁶.

Por outro lado, se as circulares do Ir. Teofânio que relatam principalmente suas narrações de viagens estão longe de ser doutrinariamente semelhantes àquelas do Ir. Luís Maria, ele publicou dois volumes de coleções de circulares de antecessores. O volume de 1885 (p. 492) que retoma a circular sobre o espírito de fé e onze outras do Ir. Luís Maria sobre a regra, a piedade, a caridade e a formação dos Irmãos, manifesta uma verdadeira síntese da espiritualidade marista segundo o Ir. Teofânio, ao mesmo tempo como uma resposta às necessidades do tempo. A coleção de 1900 (p. 623) oferece as grandes circulares do Ir. Luís Maria de 1872 a 1879. Assim, no início do século XX, os Irmãos têm um corpo de doutrina sólida e facilmente acessível. No plano pedagógico, uma nova edição do *Guia das Escolas* (1891) purificou o texto de seus arcaísmos como “a maneira de aparar as penas” uma vez que as penas de metal substituíram depois de longo tempo as penas de ganso e suprimiram as sanções punitivas como a palmatória.

Renovação das informações biográficas

O relançamento das informações necrológicas participa também deste esforço de valorização da identidade marista. Mas antes de falar sobre nosso período, parece útil recordar as principais linhas da prática deste gênero literário no Instituto, para a qual as circulares foram o primeiro suporte, trazendo notícias muito breves sobre a doença e a morte dos Irmãos mais marcantes (Ir. Doroteu, em 1837, Ir. Luís em 1847...). Com o Ir. Estanislau pode-se falar de um genuíno esboço biográfico que fez dele um modelo de constância (v. II, 178-184) em 1854. Em 1866, a morte do Ir. Boaventura ocasiona uma nova fase, pois o Ir. Luís Maria dedica cerca de 20 páginas à sua biografia (CIII, 277-296). E a preocupação de dar pelo menos alguns esboços biográficos se aprofunda com a multiplicação das mortes dos Irmãos mais velhos. Como na morte do Padre Champagnat, a morte do Ir. Pascal, assistente, introduz na circular de 19/07/1867 um pedido de testemunhos e documentos em vista de uma biografia.

A vida edificante do Ir. Pascal aparecerá em outro lugar pouco depois, não nas circulares, mas nas *Biographies de quelques frères* do Ir. João Batista, em 1868, onde, como de um salto, passa-se dos registros de algumas páginas para um livro de 477 páginas bem composto. Nele encontramos, antes de tudo, as biografias de 16 Irmãos (2 biografias sobre o Ir. Luís) muitos dos quais já tinham sido beneficiados com informações, e, em seguida, um capítulo sobre “A enfermaria ou boa morte” de 21 Irmãos. Um último capítulo intitulado “A raiz da sólida virtude”, ou seja, o amor à vocação, consiste em pequenas biografias de 5 Irmãos. Estes são,

⁸⁵⁶ Lyon, tipografia X. Jevain, 1897, 434 p.; Lyon, E. Vitte, 1897, 647 p.

portanto, 43 Irmãos de cerca de 600 falecidos (*Biographies de quelques frères*, p. 421) cuja memória é preservada de maneiras muito diferentes.

Ao escrever um livro inteiro sobre Irmãos defuntos que nem todos conheceram o Fundador, o Ir. João Batista afirma a continuidade do espírito das origens. É, ao mesmo tempo, um memorial do primitivo espírito marista e um convite para conservar o patrimônio, não só por uma morte santa, mas uma vida conforme o ideal marista. Após as *Biographies* de 1868, as circulares continuam algum tempo a tradição anterior, especialmente em abril de 1872 (C. IV p. 239-306), com a biografia do Ir. João Batista pelo Ir. Luís Maria. Mas, depois de 1878, as evocações dos falecidos são escassas: a morte do Ir. Luís Maria em 1879 e a do Ir. Francisco em 1881 não suscitam mais do que alguns pedidos para testemunhos e documentos em vista de biografias posteriores. Procura-se uma nova fórmula e novo suporte para um gênero literário que parece desvalorizado.

A partir de 1892 aparecem anualmente fascículos de biografias de Irmãos recentemente falecidos, em que o Instituto extrai, em 1900, uma coleção de 66 registros de Irmãos que morreram de 1890 a 1899⁸⁵⁷. Um valioso índice, no final do volume, dá-nos um breve resumo sobre cada um deles. Assim, dez deles são declarados “discípulos do Padre Champagnat”, porque entraram no Instituto antes de 6 de junho de 1840. Vinte e cinco (incluindo a maioria dos “discípulos”) fizeram o voto de estabilidade. Cada registro fornece informações sobre o caráter do Irmão, suas virtudes, raramente a vida espiritual e traz, muitas vezes, uma apreciação global sobre sua reputação. Assim, para o Ir. Avit, o primeiro na lista:

NOME	QUALIDADES	VIRTUDES	DEVOÇÃO	APRECIÇÃO GERAL
1/Ir. Avit	Ativo, com um traço de originalidade e mordaz	Simples, correto, piedoso, regular		Excelente religioso

Como se tratava de por em evidência a exemplaridade do Irmão, cada um deles é dotado de certo número de virtudes, entre as quais as mais citadas são:

Piedade	34
Apego, dedicação ao Instituto, ao seu trabalho, generosidade, estima pela sua vocação	30
Regularidade	26
Zelo (educação, vocação, formação)	18
Espírito de família, bom espírito, jovialidade, alegria	17
Respeito, amor aos superiores, obediência	13
Doçura, bondade, caridade	11
Paciência na enfermidade, espírito de sacrifício, mortificação	11

⁸⁵⁷ Publicado em Lyon pela E. Vitte.

Estamos muito perto das qualidades de um bom Irmão marista do *Manuel de Pieté*. Sobre a vida interior ou espiritual, estas biografias são pouco robustas, mas os julgamentos globais vêm compensar esta deficiência:

NOME	JULGAMENTOS GLOBAIS
1 Ir. Avit (1819-1892)	Excelente religioso
4 Ir. Marie-Protais (1822-1891)	Recordações da santidade por todo lugar onde passou
5 Ir. Marie-Lin (1813-1891)	Verdadeiro Pequeno Irmão de Maria. Deixou um perfume de santidade
6 Ir. Jean-Pierre (1815-1891)	Modelo de Irmão comprometido
7 Ir. Romanus (1824-1891)	Modelo de dedicação ao Instituto
8 Ir. Alphontius (1836-1891)	Modelo de zelo e de dedicação ao Instituto
18 Ir. Albert-Dominic (1861-1892)	Ele pode servir de modelo aos Irmãos missionários
22 Ir. Malachie (1811-1894)	Apelidado de o Santo. Modelo dos Irmãos de Maria em todo tipo de cargo e na prática de todas as virtudes
23 Ir. Liborius (1819-1894)	Cópia fiel das virtudes do Ir. Malachie
25 Ir. Jean-Claude (1809-1894)	Modelo dos Irmãos comprometido
27 Ir. Onésiphore (1821-1894)	Um santo religioso, tornando a religião amável
30 Ir. Philogone (1826-1895)	Cópia fiel do Venerável Pe. Ch. Modelo de Irmão em todos os cargos
31 Ir. Marie-Candide (1856-1895)	Os Irmãos missionários têm nele um modelo perfeito
33 Ir. Athanasius (1851-1895)	Modelo dos Irmãos em todas os cargos, na saúde como na doença
34 Ir. Marie-Pétrus (1871-1895)	Modelo para os noviços e para os Irmãos soldados
35 Ir. Benoît-Joseph (1815-1895)	Lembra os primeiros tempos do Instituto

NOME	JULGAMENTOS GLOBAIS
37 Ir. Joseph-François-Xavier (1851-1895)	Excelente modelo dos Irmãos missionários
39 Ir. Adelphe (1817-1896)	Modelo de vida humilde e escondida
40 Ir. Ambroise (1819-1896)	Excelente modelo de todas as virtudes religiosas
46 Ir. Amétus (1869-1896)	Perfeito religioso
47 Ir. Azarias (1831-1896)	Em Notre-Darne de L'Hermitage, todos o veneram como um santo
48 Ir. Polyeucte (1839-1896)	Religioso realizado
49 Ir. Sébastiani (1839-1897)	Religioso interior
50 Ir. Engelbert (1825-1897)	Um religioso modelo
51 Ir. Ulbert (1835-1898)	Excelente Irmão missionário
52 Ir. Henri-Désiré (1869-1898)	Modelo dos Irmãos soldados
54 Ir. Gonzalve (1826-1897)	Excelente modelo para os Irmãos comprometidos
63 Ir. Epiphane (1844-1981)	Belo exemplo a propor aos Irmãos em diferentes cargos
66 Ir. Aggée (1848-1898)	Excelente religioso. Ele participou da composição de diversos de nossos livros clássicos

O biógrafo do mordaz Ir. Avit teve o cuidado de dar grandes extratos de suas notas íntimas, em que o tom é muito diferente daquele dos seus escritos:

“Com a graça do meu Bem-Amado e da vossa constante ajuda, ó doce Mãe, 1º Eu avançarei no amor a meu Jesus e no vosso, seguindo pontualmente minha Regra, na companhia e sob a égide da Sagrada Família de Nazaré. 2º Esforçar-me-ei para adquirir particularmente a humildade, o amor à oração e ao silêncio, à pureza, à pobreza e à obediência. 3º Cuidarei especialmente das minhas comunhões e, cada vez, lembrar-me-ei que o meu Bem-Amado vem até mim com um desejo ardente de me fazer o bem, de me testemunhar seu amor... [...]. 4º Cumprirei os deveres de meu trabalho com um devotamento crescente [...]; 5º Vós sereis minha tesoureira, boa Mãe, e vós fareis o que vos aprouver com os méritos das boas obras que farei por vós e convosco, [...]”

O Ir. Avit revelou-se também grande leitor da Imitação de Cristo e confessou ter ficado abalado com a vida da Bemaventurada Margarida Maria, em particular: “seu ardente amor por este amável Coração, sua prodigiosa humildade, sua obediência perfeita, seu amor insaciável por sofrimentos e humilhações”. Também, desde 1864 ele usa constantemente um crucifixo sobre seu peito. Em suas anotações do retiro de 1882, quase cego, ele escreveu o seguinte:

“Aceito minha dolorosa enfermidade e qualquer coisa que vós quereis me enviar, ó meu Deus, para me conformar à vossa adorável vontade, a exemplo de meu Senhor Jesus. Ó minha boa Mãe, abençoe minha resolução e obtende-me a graça de nunca falhar. Mantende meu espírito em Nazaré, ou em frente do tabernáculo, ou em Belém, ou no Calvário”.

Mas, tais vislumbres de espiritualidade muito cristológicos e mariais são raros nas biografias. Suspeitamos também que o biógrafo do Ir. Avit quis nos dar estes extratos para corrigir uma reputação de um homem pouco espiritual. No entanto, aqui e ali, respigam algumas informações sobre a vida espiritual de tal ou tal Irmão. Assim, aprendemos que o Ir. João Pedro (1815-1891) fez sua via-sacra diariamente, que o Ir. Héliodorus leu o *Tratado do amor de Deus* de São Francisco de Sales, que o Ir. Adelphe (1817-1896) é um grande leitor das circulares e dos livros do Instituto.

Nessas biografias, os assistentes (Irs. Avit, Eubert, Philogone) visitantes, vigários provinciais, mestres de noviços não faltam, mas fez-se também espaço para os Irmãos do trabalho manual (Ir. Jean-Pierre, alfaiate, Ir. Optacien...); aos jovens Irmãos enviados ao serviço militar (Ir. Henri-Désiré...), aos Irmãos que partiram em missão (Ir. Jules-Raphaël...), aos Irmãos doentes. Obviamente, os professores são numerosos e às vezes se sublinha a veneração que sua morte permitiu manifestar, como a do Ir. Tertullien em St Rambert. Alguns Irmãos não franceses aparecem na lista: o Ir. Albert Dominic, nascido na Irlanda, o Ir. Kenny, inglês, o Ir. Joseph-François-Xavier, australiano. Em suma, as biografias têm a mesma função que a do Fundador: oferecer aos Irmãos modelos para todos os tipos de vida no Instituto. Mas, estas são recentes e exaltam uma profunda igualdade baseada na virtude. É uma história de homens ilustres da Congregação menos pelo brilho de sua ação do que pelo brilho de sua santidade. No entanto, como a intimidade da vida espiritual dos Irmãos aparece pouco, exceto como no caso do Ir. Avit, trata-se principalmente de uma fenomenologia da santidade marista, mais com base em uma lista de virtudes do que de uma espiritualidade específica.

Sobre um plano puramente histórico, essas comunicações formulam informações valiosas. Por exemplo, o Ir. Firmin, falecido em 1893, foi o postulante hesitante, que é mencionado na *Vida* de Champagnat, que inicia o noviciado em março de 1840. A vida do Ir. Malachie (1811-1894) descreve-nos a vida em La Bégué durante cinquenta anos. O do Ir. Basile (1814-1897) fornece-nos informações sobre as missões na Nova Zelândia. A biografia do Ir. Aggée lembra-nos que ele foi um dos grandes redatores dos livros escolares da congregação. O mais surpreendente, talvez, é a biografia do Ir. Marie-Lin (1813-1891) primeiramente diretor, chefe de distrito e mestre de noviços, regularmente capitular, mas relegado 39 anos na pequena escola de Beaucroissant, em Isère, porque está entre os opositores do capítulo de 1852-1854.

O terceiro volume dos Irmãos falecidos foi sendo desenvolvido, mas não publicaram mais do que os primeiros fascículos para os falecidos de 1899-1901⁸⁵⁸ ou seja, 23 biografias, às vezes muito detalhadas, especialmente quando se trata de antigos superiores (Ir. Norberto, 31 p.). Algumas delas revelam a vida de distritos ou províncias: Ir. Procópio e a província das Ilhas; Ir. Luís Antonio e o distrito de Nova Caledônia; Ir. Aidant e Beaucamps... Mais do que na série anterior, aí se vê, em detalhe, a internacionalização da congregação, incluindo as biografias dos Irmãos da China. E com notas pessoais, correspondências, manifestando a fisionomia espiritual de tal ou tal. Assim, a biografia do Ir. Cléomène, diretor do juvenato, destaca um educador original muito controverso e formula até uma teoria da biografia espiritual, recusando a edificação sistemática.

Finalmente, este volume anuncia o século XX, mostrando os Irmãos diretores enfrentando a laicização de suas escolas na França, o Ir. Norberto lutando em Paris durante o cerco da cidade em 1870 e arriscando sua vida em 1871, na época da Comuna, o Ir. Luís Antonio confrontado na Nova Caledônia com uma administração dominada pela francomaçoneria e, especialmente, os Irmãos de Pequim franceses e chineses, morrendo de tifo ou durante a rebelião dos Boxers.

Finalmente, no alvorecer do século XX, por uma melhor formação intelectual nos escolasticados, por uma formação inicial e contínua mais apurada, por uma forte reativação da memória do Fundador... e até mesmo por coleções de circulares e obituários, o Instituto conseguiu responder a uma grave crise interna. O ataque externo sofrido em 1903 muito obscureceu esta mutação e perturbou sua conclusão. Mas esta é então suficientemente avançada para que o Instituto ofereça uma resistência mais honrada.

⁸⁵⁸ Muitas vezes estes fascículos foram reunidos, nas comunidades, tornando-se, assim, um terceiro volume.

21.

A SECULARIZAÇÃO (1902-1906)

Agressão estatal e debate inacabado sobre a identidade do religioso apostólico

Waldeck-Rousseau, pela lei de 1º de julho de 1901, impõe a obrigação das congregações não autorizadas, no prazo de três meses, de apresentar um pedido para serem autorizadas por uma lei. Os Irmãos Maristas estão nessa situação porque o Conselho de Estado decidiu que os Irmãos das Escolas Cristãs são a única congregação de Irmãos autorizada⁸⁵⁹. Portanto, o reconhecimento como uma associação de utilidade pública, obtida em 1851, não é mais válido.

Que atitude tomar? É preciso, como os jesuítas, recusar o pedido de autorização e dispersar-se ou se exilar, sem esperar? Pode-se imaginar resistir à lei? A congregação, como muitas outras, vai seguir o conselho da comissão de juristas católicos, presidida pelo senhor de Mackau⁸⁶⁰, que, desde 1880, defende as congregações⁸⁶¹ e acha que elas devem solicitar a autorização.

Esta comissão também toma posição sobre a secularização, em caso de dissolução, que deve ser verdadeira, sem nada preservar do laço congregacional. Como medida de precaução, o ex-religioso solicitará ao Bispo a carta de secularização. A vida comunitária cessará, mas cada um pode “em seu foro íntimo” cumprir as obrigações espirituais para um membro de congregação, porque todo ato isolado foge da censura de reconstituição da congregação. Quanto às escolas congreganistas, se seu pedido de autorização for rejeitado, terá que haver um diretor preparado com antecedência, tendo feito as declarações legais e que irá substituir o anterior.

De sua parte, em 23 de janeiro de 1902, o Conselho de Estado declara que um estabelecimento onde ensinam congreganistas é considerado congreganista “independentemente do proprietário ou o inquilino do edifício e o modo de remune-

⁸⁵⁹ Consultação de 16/01/1901.

⁸⁶⁰ A.F.M., Registro das deliberações (1897-1906).

⁸⁶¹ A.N. 156 API 187 dossiê 2.

ração do pessoal docente”, o que significa que os congreganistas não podem escapar confiando, de forma mais ou menos fictícia, a gestão dos estabelecimentos a outros, senão a eles.

A execução das congregações em diversos atos

Apesar destas graves ameaças, a educação livre continua a existir, a grande maioria das congregações pediu sua autorização com a esperança de ter confirmada sua autorização anterior. Mas, a partir de junho de 1902, Sr. Combes constituiu seu ministério, determinado a acabar com as congregações. A partir de 17 de junho, 15 dias após a formação do gabinete, um decreto ordena o encerramento dos 135 estabelecimentos de congregações abertos depois de 1º de julho de 1901, sem decreto de autorização⁸⁶². Em julho, 2.500 escolas livres, normalmente mantidas por religiosas, abertas antes do ato de 1901 (portanto, não sujeitas à autorização por decreto), são fechadas por simples circular ministerial. É um ato que viola o princípio da não retroatividade das leis⁸⁶³, mas as Irmãs das escolas se deixam intimidar por uma administração muito zelosa na aplicação da circular. Em vez de resistir no local, elas se refugiam em suas casas-mãe, impossibilitando a resistência legal⁸⁶⁴. Temos aqui todos os ingredientes da história da abolição das congregações, feita pelo governo arbitrário, servido por uma administração que pratica a intimidação sistemática face às congregações divididas e mal armadas psicologicamente.

Decepcionados por essa falta de habilidade e combatividade das congregações, os defensores da causa católica, portanto, dão prioridade à defesa da escola católica sem muita preocupação com o destino das congregações⁸⁶⁵. Além disso, a Sociedade Geral de Educação e Ensino, principal organismo de sustentação da escola católica, considera a possibilidade de apelar aos professores leigos apoiados pelas associações que substituiriam os congreganistas para defender e gerenciar as escolas⁸⁶⁶. Também, o ano de 1904 será o momento da criação de uma educação católica livre, a educação congregacionaista, passando entre 1901 e 1906 de 1.257.000 estudantes a 188.000 enquanto as escolas privadas, mais frequentemente mantidas por ex-congreganistas, ganham 695.000 estudantes. Assim, o ensino confessional terá perdido, no total, pouco menos de um terço de sua força de trabalho⁸⁶⁷, e a Sociedade Geral de Educação pode estar bastante satisfeita, exceto que, entretanto, as congregações foram sacrificadas.

⁸⁶² CAPERAN, Louis. *L'invasion laïque*. Paris, 1935, p. 26-27.

⁸⁶³ Antoine Prost, *op. cit.*, p. 207.

⁸⁶⁴ Bulletin de la Société Générale d'Éducation et d'Enseignement (S.G.E.E.) 1902, p. 635.

⁸⁶⁵ *Ibid*, setembro 1902.

⁸⁶⁶ *Ibid*, 1902, p. 98, 290, 555, 894.

⁸⁶⁷ Antoine Prost, *op. cit.*, p. 208.

Esta execução das congregações, dentro de alguns anos não se explica somente pelo desejo aniquilador do Estado republicano: há também uma fraqueza interna das congregações e, em primeiro lugar, a falta de unidade, porque as situações são muito diferentes entre si. Qual fato comum existe entre os jesuítas, o primeiro alvo, os Irmãos das Escolas Cristãs, congregação reconhecida, as congregações de Padres não autorizadas como os Padres Maristas e Irmãos Maristas, reconhecido como uma associação de utilidade pública? Junto às religiosas, a diversidade é ainda maior.

Já em 1895, no caso da lei do Direito de Crescimento⁸⁶⁸, as congregações têm demonstrado a sua incapacidade de manter uma frente comum⁸⁶⁹. Em 1898, o Ir. Teofânio havia assumido a liderança do movimento de organização entre os Irmãos, e duas reuniões intercongreganistas foram realizadas: a primeira em Paris, na rua 48 Pernety, no internato N-D. du Sacré-Cœur, dirigida pelos Irmãos Maristas; a segunda em 1901, em St-Genis-Laval. No entanto, nenhuma ação conjunta foi prevista⁸⁷⁰ e as reuniões foram cessadas.

Desde 1902, as congregações que não solicitaram a autorização se dispersam. A congregação não legalmente definida, a administração, sem justificação jurídica clara, tem uma política: quando há continuação do trabalho e de vida em comum, os antigos congreganistas devem ser processados pelo delito de reconstituição da congregação⁸⁷¹. E as instruções do ministério dos assuntos religiosos advogam a continuidade sistemática da secularização no local⁸⁷². No entanto, as interpretações variam como constata o deputado católico Chesnelong em junho de 1903:

“Há departamentos onde a secularização de todo o pessoal da escola é feita no local; em outros departamentos, a administração usa uma ampla tolerância para com as Irmãs secularizadas, mas com a condição de que as diretoras das escolas troquem de localidade; finalmente este é o lugar onde a caça à religiosa secularizada é verdadeiramente abominável”.

Em junho de 1903, na véspera da sua dispersão, as congregações masculinas podem considerar a secularização como arriscada, uma vez que é susceptível de acusação, mas é legalmente defensável. Além disso, é a única solução, se querem

⁸⁶⁸ A imprensa, enquanto isto, indica que houve aí ensaios de organização. O *Le Figaro*, de 26 de janeiro de 1903, citado no Boletim das congregações n° 368, afirma que “as congregações tomaram uma resolução definitiva”. Em unanimidade, elas teriam decidido de se deixar condenar e expulsar *manu militari*. O *Le Temps*, de 27 de janeiro, também assinala esta decisão de resistir se houvesse rejeição em bloco. Ele precisa também que as congregações de Irmãos não haviam participado desta reunião.

⁸⁶⁹ Em junho de 1894, o cardeal Séraphino Vannutelli, núncio apostólico, havia sugerido que os Irmãos se unissem, mas sem sucesso devido à recusa dos Irmãos das Escolas Cristãs. O cardeal Séraphino tornou-se, nesse interim, prefeito da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, teve mais sucesso, apesar de uma nova recusa dos Lassalistas.

⁸⁷⁰ A.F.M. Dossiê 441/3 n2.

⁸⁷¹ Circular do Ministro da justiça ao procurador-geral sobre a aplicação da lei de 1/07/1901, citada em *Les Études*, revista dos jesuítas, T. 89, p. 117.

⁸⁷² A.N. F17 12 405: Resposta do prefeito à circular de 4 de agosto de 1906; 156 API 192: Carta de 6 de junho ao barão de Mackau.

salvar as obras da França. As congregações masculinas, cada vez mais certas de ser negada a autorização, podem considerar três alternativas: a resistência, que é ignorar a lei, mesmo que isso signifique sofrer as consequências; a secularização, que permite salvar as obras educativas; e finalmente, o exílio que salva os princípios e a existência da congregação ao preço do sacrifício das obras e dos bens. E, na imprensa católica se coloca uma polêmica⁸⁷³, cujos dois termos essenciais são: salvar as obras ou as congregações?

Dentro da congregação dos Irmãos Maristas, as discussões são vivas. Os arquivos fornecem múltiplos ecos, e o Ir. Émile-Gabriel resume muito bem a situação⁸⁷⁴:

“Entre os Irmãos e até mesmo em cada comunidade, os acontecimentos tinham formado dois grupos. Uns não querendo abandonar as obras na França: é o partido da secularização; outros querendo conservar a vida religiosa integral, aos quais era repugnante abandonar seu hábito religioso. De ambos os lados foram trazidas excelentes razões que alimentaram veementes discussões...”

Segundo o Ir. Hermeland, da província de St-Paul, a quase totalidade dos diretores era em 1902⁸⁷⁵ “pela resistência até a morte”. Quanto ao Ir. Stanislas (M. Subrin)⁸⁷⁶, diretor em Thizy (Rhône), ele teria prazer em permanecer “aguardando os acontecimentos, mesmo se significasse a expulsão *manu militari*. Mas ele não foi apoiado pelas autoridades locais nem seguido por todos os seus irmãos, dos quais alguns estavam com mais medo do que ele pelas medidas anunciadas”. Os superiores, eles mesmos estão hesitantes, e os conselhos de Roma são vagos⁸⁷⁷: “Tentem manter suas obras o quanto possível. Espalhem-se nos outros países da Europa, especialmente na América e nas missões”.

Finalmente, os superiores seguem o projeto do Sr. Auguste Prénat, Secretário do Comitê de Defesa de St-Etienne, ligado à Sociedade Geral de Educação e Ensino⁸⁷⁸, e aprovado pela Arquidiocese. A congregação será dividida em quatro categorias: Irmãos completamente secularizados; outros secularizados *pro forma*; os Irmãos idosos em casas de repouso e outros se exilando⁸⁷⁹.

⁸⁷³ *Les Études*, de 1901-03, T. 86 a 97, publicam uma abundante bibliografia “para servir para a defesa das congregações” pelo P. E. Capelle: T. 86, p. 552, 694, 833; T. 87, p. 127, 548, 694. Quanto à tendência da revista, ela aparece claramente nos artigos seguintes: “A lei Waldeck, morte das congregações”, T. 87, p. 721-25, por Hippolyte Prélot, S.J; T. 88, p. 828: “Submissão ou resistência. A palavra do Papa”, por J. Br., S.J.

⁸⁷⁴ A.F.M. biografia manuscrita de 92 p. do caderno (1867-1927).

⁸⁷⁵ A.F.M. dossiê GRO 550-6 n 62.

⁸⁷⁶ *Biographies*, T. 5, p. 310.

⁸⁷⁷ C 10, p. 248.

⁸⁷⁸ A.F.M. dossiê 1903, Procès de l’Alma: extrato das atas da secretaria do tribunal civil de St-Étienne (Loire); julgamento de 15/10/1903.

⁸⁷⁹ O Ir. Adon menciona-o várias vezes no seu diário de 1903 (SIR 550-3 n 4). Ele fez alusão nitidamente às quatro categorias de Irmãos. Ver também SIR 550-3 n 4: lembranças 1904 em 25/07/1903. M. Auguste Prénat redigirá, no final de 1903 ou início de 1904, sobre o pedido dos Irmãos das Escolas Cristãs, um segundo relatório (A.F.M. dossiê secularização 1903) muito semelhante. Nas A.N., F. 17/12 495, uma folha datilografada anota a denúncia de um Irmão, provavelmente das Escolas Cristãs, que declara que os Irmãos foram divididos em quatro categorias.

Quando o Irmão diretor receber a ordem para fechar sua escola, ele suspenderá as aulas e dará 15 dias de férias. Se os donos da escola concordam em mantê-la, deve pedir aos superiores a sua carta de secularização, vestir-se-á com roupas civis. Seus auxiliares farão o mesmo. Ele faz então um novo contrato com os proprietários, reinstala-se no local e previne o prefeito, por carta registrada, da sua mudança de status. Se a administração o ameaçar, ele deve reivindicar seu direito de cidadão para viver como quiser. Se ele for citado na justiça, um comitê de defesa irá apoiá-lo.

Uma solução deste tipo não é sem interesse dos superiores porque não podem mandar ao exílio todos os Irmãos da França, que são 4.240 Irmãos, sem contar os candidatos em formação. Além disso, uma boa parte dos Irmãos não está inclinada a partir, por diversas razões: por exemplo, se eles ainda são menores, sua família pode se opor; quando são idosos, eles acham que não são capazes de começar do zero. E então, muitos diretores, enraizados na comunidade local, não querem ver destruída sua escola.

Os superiores procrastinam ao máximo. Mesmo quando o pedido de autorização da congregação é rejeitado, em 18 de março, e notificado em 3 de abril, espera-se ainda uma ação perante os tribunais. Sua resistência continua até 9 de abril em que um decreto cancela sua autorização como uma associação que remonta a 1851. Enquanto eles hesitam, as comissões que sustentam as escolas fazem acordo com os Irmãos diretores e os superiores encontram-se mais ou menos diante do fato consumado⁸⁸⁰.

Ao contrário do Sr. Prénat, que quer uma ampla secularização, os superiores veem-na bastante restrita em número e puramente formal, os sinais essenciais da vida religiosa (continuação da obra e da vida em comum) continuam como no passado. Eles também estão ligados pelas instruções de Roma desde 9 de dezembro de 1902, pois o Cardeal Ferrata, em nome da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, dá instruções muito restritivas sobre a secularização. Os Irmãos, no processo de secularização, portanto, são advertidos de que eles permanecem religiosos basicamente com as mesmas obrigações de antes, notadamente quanto a seus votos.

Partidas massivas a partir de 1901

Quanto ao exílio, é mais facilmente possível porque cada província francesa tem suas obras estrangeiras. O movimento de partidas cresce mesmo antes que o Instituto seja forçado a isto: enquanto anteriormente foram enviados anualmente uns 40 Irmãos para o exterior, em 1901 as partidas são em torno de 94 e 131 em 1902. No ano de 1903, obviamente vai bater todos os recordes: 573 Irmãos deixam a Europa. Sua distribuição é feita assim em outros continentes⁸⁸¹:

⁸⁸⁰ A.F.M. Cartas da administração, volume 13, Carta n° 14 188.

⁸⁸¹ C 10, p. 134, 276, 404, 616.

PAÍS	NÚMERO DE IRMÃOS QUE PARTIRAM E PROVÍNCIAS DE ORIGEM		FUNDAÇÕES
China	28	St. Genis-Laval	3
México	110	St. Paul-Trois-Châteaux	10
Síria	67	Varenes	5
África Austral	41	Aubenas	
Egito	3	Varenes	
Seicheles	2	St. Paul-Trois-Châteaux?	
Canadá e U.S.A.	107	N.D. de L'Hermitage	2
Brasil	139	Beaucamps, Lacabane, Aubenas	5
Argentina	14	St. Paul-Trois-Châteaux	2
Colômbia	4	St. Paul-Trois-Châteaux	1
Cuba	4		
Austrália	15		
Turquia	39	St. Genis-Laval	
Total	573		31

Em 1904, 124 Irmãos partem ainda para estes países onde 31 instituições são fundadas. Em 1905, 57 Irmãos somente partem para fora da Europa, onde fundam 18 instituições.

Mais ou menos 500 Irmãos se espalharam, somente na Europa: em 1903, 1905, 22 estabelecimentos são fundados na Espanha e 13 na Bélgica. Existem também algumas outras fundações na Inglaterra ou na Suíça, locais de retirada de alguns internatos (Grove-Ferry, na Grã-Bretanha, e St Gingolph, na Suíça, notadamente)⁸⁸². Para as casas de formação e a nova casa-mãe, a Itália é o principal lugar de acolhida, a maioria das aquisições ocorrendo mais tarde, de abril a junho de 1903. Ao longo da fronteira com a França, distribuem-se os noviciados de San Mauro (província de L'Hermitage), San Maurizio (St-Genis-Laval), Bairo (Bourbonnais), Ventimiglia (St. Paul) e a casa-mãe em Grugliasco. Na Bélgica, a Província do Norte tem a casa de Pommeroeul e, na Espanha, a Província de Aubenas estabeleceu seu centro em Pont s. A Província de Lacabane foi para o exílio na Espanha, Oñate, em seguida, Anzuola. Para preencher as casas de formação, o Instituto realizou uma separação sumária: os candidatos julgados os melhores e aqueles que obtiveram permissão dos pais para ir para o estrangeiro são mantidos. Assim, em Varenes⁸⁸³, desde dezembro

⁸⁸² A.F.M. registro das deliberações, a 15/06/1903.

⁸⁸³ A.F.M. dossiê DEY 560-3 nº 4, memórias do Ir. Amphiloque.

de 1902 os Irmãos começam a mudar de casa e mandar de volta os candidatos em formação. Finalmente, no início de abril de 1903 restam apenas 30 jovens que têm permissão para partir. Eles são então enviados de férias para casa. A notificação de encerramento, tendo sido marcado para 9 de abril com um atraso de 20 dias, uma circular convoca para 22 de abril aqueles que ainda querem partir. Vinte e nove respondem ao apelo e embarcam para a Síria. Em Beaucamps, depois de 18 de março, data da recusa de autorização das congregações, são mantidos apenas 45 dos 70 noviços. Quanto aos 80 juvenistas, depois de um tempo de férias, voltam de 15 a 20. Na Província de St-Genis-Laval, todos os juvenistas são mandados embora, com exceção de 5 que podem entrar no noviciado⁸⁸⁴. Em L'Hermitage foi deixado a "liberdade aos jovens de voltar para suas famílias ou de ir para o estrangeiro⁸⁸⁵".

Os 446 Irmãos idosos e doentes são divididos entre as casas provinciais com seus cuidadores, de acordo com a tabela abaixo⁸⁸⁶:

	ST. GENIS	HERMITAGE	ST. PAUL E RUOMS	AUBENAS	VARENNES	BEAUCAMPS	LACABANE CUBLAC
Irmãos anciãos	105	52	85	52	30	57	15
Irmãos em serviço	10	8	8	8	5	7	4
TOTAL	115	60	93	60	35	64	19

Esta medida permite interferir na venda das casas pelos liquidatários da propriedade, nomeados pelo governo, e evita a compra de casas de repouso no exterior. Finalmente, a lei prevê que os anciãos receberão uma pensão, cujo montante será extraído da liquidação dos bens da Congregação⁸⁸⁷. Esta será uma pequena vitória, considerando todo o desastre ocorrido: em 1907 o liquidatário deseja agrupar todos os Irmãos em St-Genis-Laval, mas, após a recusa deles, não insistirá mais⁸⁸⁸.

Balanco do ano de 1903

No final de 1903, sobre os 605 estabelecimentos maristas de todos os tipos restam 414, dirigidos pelos Irmãos secularizados. Sobre uma equipe de 4.548 Irmãos,

⁸⁸⁴ A.F.M. Testemunho do Ir. André Gabriel, dossiê 1903. Secularização.

⁸⁸⁵ A.F.M. dossiê RAM 560-5 n° 2.

⁸⁸⁶ A.F.M. dossiê hospitalização dos Irmãos: tratativas e listas (1903-7).

⁸⁸⁷ A.F.M. dossiê 1903; arquivos de L'Hermitage. Os superiores deslocaram para a casa de L'Hermitage uma quarentena de Irmãos anciãos "a fim de serem numerosos a protestar em caso de haver uma expulsão a *manu militari*".

⁸⁸⁸ Arquivos de Beaucamps, BE 1 Anais de Beaucamps.

contando os noviços, o Superior-geral conta com 957 saídas da congregação, ou uma perda de 20% dos seus membros. Do ponto de vista qualitativo, as perdas são menos graves, porque elas afetam principalmente os noviços e os Irmãos obedientes, os jovens Irmãos na maior parte, cujo grupo foi subitamente cortado pela metade. O corpo propriamente dito da congregação, constituído pelos professores e estáveis resistiu bastante bem: 115 a 120 professores apenas saíram da Congregação, ou aproximadamente 5% do total e um único estável. Simplificando um pouco as estatísticas da época, também bastante aproximadas, parece estarmos próximos da realidade, repartindo assim várias escolhas dos Irmãos em um total de 4.200:

Mais ou menos 1.200 partidas para fora da França, sejam na Europa ou em outros continentes.

Aproximadamente 1.000 saídas.

Aproximadamente 1.500 secularizados.

Aproximadamente 450 Irmãos anciãos e doentes acompanhados pelos seus cuidadores.

O estabelecimento da secularização ocorreu de abril a julho de 1903, relativamente coordenado de acordo com as diretivas do plano Prénat. Mas, muitas vezes a comunidade não se seculariza toda: um diretor perde seus auxiliares, bem como um auxiliar encontra-se só. Ou ainda, o comitê não querendo manter os secularizados, porque teme repressão, solicita aos superiores chamar os Irmãos. Por conseguinte, é uma caça cruzada de pessoal, os superiores tentando, com mais ou menos sucesso, preencher as lacunas.

A secularização como problema durável

Os superiores especificam bem aos Irmãos secularizados que este novo estado só é transitório e *pro forma*⁸⁸⁹. Mas o clero e a Sociedade Geral de Educação e Ensino querem uma secularização real. A lei de 4 de dezembro de 1902 prevê também que abrir ou dirigir um estabelecimento congreganista é um crime, incorrendo em multas de 16 a 5.000 F, bem como a detenção de 6 dias a um ano para o proprietário e os secularizados fictícios. Portanto, é aconselhado aos secularizados não fazer as coisas pela metade, ou seja, mudar completamente o estilo de vida e até mesmo se casar. Assim, a atitude católica diante da secularização pode tomar um caminho anticongregacional declarado. Além disso, o clero não está sempre disposto a assumir o controle de uma obra que, até então, por causa do poder das congregações, lhe tinha escapado. E ele quer constituir um corpo de professores católicos com os restos das congregações⁸⁹⁰.

⁸⁸⁹ A.F.M., dossiê 541-43 n° 16, caderneta de anotações diversas, p. 13.

⁸⁹⁰ Um caso típico desta vontade de manipulação: em 9 de março de 1904, o conselho provincial de L'Hermitage examina a questão da participação dos Irmãos no sindicato patrocinado pelo Comitê de Defesa Religiosa e pela Arquidiocese: o sindicato exigindo que seus membros justifiquem se eles foram congreganistas, o conselho recusa que os Irmãos secularizados façam parte dele. (Arquivos de L'Hermitage, 2° caderno dos anais e documentos pelo Ir. Jean-Alphonse, p. 223-24). Esta recusa leva à constituição, no dia 11 de julho de 1904, da sociedade "A Ajuda Mutua", destinada a permitir aos secularizados de "se acolher e de se encorajar mutuamente" (arquivos de L'Hermitage, 3° caderno de anais e documentos, p. 19).

Um grande número de Irmãos secularizados também está disposto a desfrutar de sua nova liberdade. Então, o Ir. Joseph Eugène, diretor secularizado em Souvigny, pergunta se os novos auxiliares que lhe foram dados não são “dos fugitivos da prisão” e se ele deve reenviá-los antes de encontrar um secularizado capaz e sério. Um Irmão de St-Paul⁸⁹¹ fala de “uma crise de confiança”, que causou a derrocada das obras e a infidelidade de muitos membros.

A crise também vem da instauração dos governos provinciais, depois da aceitação pelo capítulo das constituições romanas⁸⁹². A circular de 21 de junho de 1903, portanto, relaciona os provinciais chamados agora a governar uma província, mas cada assistente ainda é especificamente responsável de uma província. Assim, o velho e o novo poder, muitas vezes, provocam colapso. Um Irmão conta, em algum lugar, ter recebido duas obediências conflitantes: uma do assistente que o enviava à Itália, e outra do provincial que o nomeou para uma escola na França⁸⁹³. Mas o poder dos assistentes sobre os secularizados se desvanecerá, uma vez que eles residem na Itália, enquanto que os provinciais permanecem para conduzir clandestinamente seus Irmãos. No entanto, o superior-geral e seus assistentes, distantes da situação real, mal impressionados com o que viram no início da secularização, tendem a considerá-la sob um ângulo um tanto negativo.

Os secularizados frente às acusações

A situação jurídica dos secularizados se agrava rapidamente sob o plano legal: em 1º de maio de 1903, o Tribunal de cassação estabelece que a persistência da vida comum e a continuação das obras implicam que os acusados (os Salesianos) cometeram o crime de reconstituição de congregação, as cartas de secularização e as dispensas papais, sendo também sem valor jurídico. Tal decisão parece dar razão à administração, mas, felizmente para os congreganistas⁸⁹⁴, coloca um problema jurídico porque o tribunal de cassação parece entender que os acusados, presumidos culpados, devem provar a sua inocência.

⁸⁹¹ A.F.M., gaveta K 14-5 GRO 550-6 n° 62.

⁸⁹² C 10, p. 326-7.

⁸⁹³ Um exemplo interessante - mesmo um pouco mais tarde - do conflito entre dois poderes nos é dado pela correspondência do Ir. Marie-Junien (arquivos de L'Hermitage) com o assistente. Existem denúncias de manobras do Ir. Priscillien, provincial, que, em 1912-13, procura obter reforço para os secularizados enquanto que a administração geral prefere dispor dos Irmãos para a América.

⁸⁹⁴ Segundo Auguste Rivet, *op. cit.*, havia em 1903:

Irmãos de Ploërmel	362 casas	2.151 Irmãos
Irmãos de São Gabriel	161 casas	1.183 Irmãos
Marianistas	95 casas	838 Irmãos
Irmãos do Sacré-Cœur	163 casas	818 Irmãos
Clérigos de Saint-Viateur	112 casas	475 Irmãos
Peq. Irmãos de Maria	605 casas	4.240 Irmãos
Irmãos da Sagrada Família	47 casas	274 Irmãos.

Os Irmãos Maristas serão os heróis involuntários de um evento que reforça a teoria da administração. Em 17 de maio, em Torteron (Cher), a escola recentemente secularizada é investigada. A polícia lá encontrou “Instruções dando aos religiosos as condições da secularização⁸⁹⁵”, inspirando-se num reescrito da Sagrada Congregação, e uma lista de orientações que mostram claramente que a congregação mantém controle da escola. Como não se podem imaginar provas mais claras da continuação ilegal da obra da congregação, esses documentos são abundantemente utilizados em 23 de junho de 1903, quando o tribunal discute o projeto Massé, visando interditar, por três anos, os antigos congreganistas de ensinar no mesmo município ou nos municípios vizinhos. Finalmente, a lei será bloqueada pelo Senado, mas para os Irmãos Maristas, a apreensão destes papéis é causa “do verdadeiro caos em suas fileiras... Os pisos [...] projetaram-se sobre esses papéis como sobre uma arma que deveria matar todas as escolas mantidas pelos antigos Pequenos Irmãos de Maria⁸⁹⁶”.

Os Irmãos Maristas secularizados no local enfrentaram muitas provações. Mas, claro, se recusam a condená-los na ausência de provas da falsa secularização. Além disso, no final de 1903, os tribunais estabelecem uma jurisprudência bastante moderada: a continuação do trabalho e a vida comum são pressupostos de falsa secularização, mas o tribunal aceita provas em contrário. E esta jurisprudência tem lugar definitivamente no início de 1904 com o julgamento de Cointe e Duret, dois Irmãos Maristas, no Tribunal de apelação em Angers. Este acórdão de 7 de janeiro, reconhece ao secularizado o direito de se laicizar onde ele se encontra e declara a continuação da vida em comum e a obra de educação insuficientes para provar o estado congregacional, fora qualquer prova de afiliação. Após este julgamento, as perseguições se acalmam, os tribunais absolvem quase sempre⁸⁹⁷.

Entretanto, os seis meses de intensa perseguição foram catastróficos para os Irmãos Maristas secularizados⁸⁹⁸: muitos abandonam sua posição para encontrar um trabalho menos comprometedor, como agente de seguros, comerciante de aves, de bicicletas, comerciante de vinhos, sacristães, preceptores, etc. Outros mudam de escola, se retiram às suas famílias, partem ao estrangeiro ou saem definitivamente da congregação. Finalmente, a colaboração com o clero e os comitês das escolas nem sempre é fácil. Certos párocos, para evitar problemas, confiam sua escola aos leigos⁸⁹⁹; ou os eclesiásticos procuram se apossar dos pensionatos⁹⁰⁰.

⁸⁹⁵ J.O. Sessão de 23 de junho, p. 2090.

⁸⁹⁶ Boletim da S.G.E.E. 1903, p. 915; outros documentos foram apreendidos. Por exemplo, um Irmão foi denunciar as manobras dos superiores à polícia. O dossiê F 19 6272 maço 2, Secularização dos congreganistas: assuntos gerais, contém cópias de cartas de obediência que precisam que elas sejam destruídas na chegada do Irmão ao seu novo posto. O Irmão que libera os documentos está em conflito com o diretor e o pároco por uma questão de tratamento.

⁸⁹⁷ Boletim da S.G.E.E., 1903, p. 1150; 1904, p. 44-52, 184.

⁸⁹⁸ A.F.M. Complemento aos Anais do Ir. Avit, 212/26, 212/49. No Norte, uma vintena de estabelecimentos teve processos. Todos foram condenados para correção e todos fizeram apelo.

⁸⁹⁹ A.F.M. Anais do Ir. Avit, 212/25.

⁹⁰⁰ Arquivos de Beaucamps, BE 1, Anais de Beaucamps.

Durante algum tempo, pois, de todos os lados que se voltam os secularizados encontram-se em dificuldade. Ameaçados pelo Estado, são os mais penalizados por leigos ou pelo clero. Até mesmo os advogados que os defendem estão insatisfeitos com eles, porque secularizado no foro externo sem o ser no foro interno, eles parecem envergonhados perante os tribunais, especialmente quando alguém lhes mostra documentos encontrados pela polícia. Sr. Jacquier, um dos seus advogados lioneses, queixou-se ao Cardeal de Lyon em 12 de julho de 1904⁹⁰¹, acusando os superiores dos Pequenos Irmãos de Maria de falta de cautela, espalhando notas confidenciais. Essa denúncia certamente não é estranha à carta do Arcebispo de Lyon à Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares em 23 de setembro de 1904, buscando conselhos sobre a conduta a ser tomada,

“porque a ficção do foro íntimo e o foro exterior foram revelados pelos religiosos mesmos; os tribunais a olham como uma astúcia, e os advogados mais católicos se recusam a defender causas perdidas com antecedência”.

Nada mais significativo que esta carta sobre a posição do clero no caso da secularização: o Cardeal pede que a jurisdição dos Irmãos seja tirada dos seus superiores, acusados de incompetência, e dada ao ordinário do lugar. Assim, pode-se organizar uma educação livre diocesana sem que os congreganistas provoquem desordens.

Este caso é também um episódio da briga que, em 1901, colocou em xeque os católicos: devem-se sacrificar as obras ou a vida religiosa? Um grande número de bispos e líderes católicos opta pelas obras, mas o Papa Pio X decide a questão em 1905 em uma carta para o Reverendo Irmão Gabriel Maria, Superior-geral dos Irmãos das Escolas Cristãs, que em 1904, tendo perdido seu privilégio de congregação reconhecida⁹⁰², também estão sujeitos à secularização e se preparam para manter seu capítulo geral:

“... está bem estabelecido que a vida religiosa é muito superior à vida comum dos fiéis e que, se vós sois grandemente necessários para o próximo pelo dever de ensinar, muito mais fortes são os laços que vos ligam a Deus”.

Para os Irmãos Maristas, esta carta chega tarde demais: com os escombros das congregações, a hierarquia constitui um ensino livre diocesano e, bem ou mal, os congreganistas aí estão integrados. A autoridade dos superiores da congregação pesa agora pouco frente à do episcopado. Apesar disso, nem o Estado pode exigir completa secularização. Em 1906 o governo Clemenceau sonha com a possibilidade de relançar a perseguição contra as congregações, mas renuncia a essa ideia em razão da jurisprudência estabelecida pelos tribunais. O aviso do prefeito de Pas-de-Calais resume a situação geral:

“Grande número de instruções judiciais foram emitidas em todos os pontos do departamento. Em alguns casos (muito raros e no início da aplicação da lei), eles resultaram em condenação ilusória (16 F de multa com suspensão)”⁹⁰³.

A secularização dos religiosos vai, portanto, tornar-se um estado permanente.

⁹⁰¹ Arquivos da Arquidiocese de Lyon.

⁹⁰² Pela lei de 7 julho de 1904 o governo interdita na França todo ensino congreganista, o que força os Lassalistas à dissolução.

⁹⁰³ A.N. F 7 12 405 “Respostas dos prefeitos à circular de 4 de agosto de 1906”.

Da secularização do religioso à secularização do Estado e da sociedade

Podemos mesmo dizer que, a partir de 1904, a secularização muda de natureza porque, com baixa resistência de um clero e católicos pouco inclinados a defender as congregações, o Estado laico, apesar das tensões internas e de uma agitação pública às vezes violenta, continua o seu progresso, e a lei de 9 de dezembro de 1905 separa a Igreja e o Estado.

De repente, as ilusões católicas sobre uma França cristã são varridas para sempre: Estado e sociedade têm mostrado que agora eles se fundamentam em uma visão secular do mundo. Mesmo sendo muito difícil para os católicos pensar a França como país de missão⁹⁰⁴, eles devem se render à evidência: o cristianismo, como eles tinham vivido e pensado, já desapareceu.

Este grande evento altera significativamente o olhar desgastado do Instituto sobre a secularização. Em 1903, ele procurou lidar de forma flexível diante uma tempestade que se esperava transitória; já em 1906, tratava-se de outra coisa: a ameaça de diluição dos secularizados em um Estado e uma sociedade descristianizada; mas também aquela dos religiosos numa educação católica sob a tutela dos Bispos⁹⁰⁵. Além disso, a hora da avaliação chegou, e dificilmente encorajadora, como mostram as estatísticas:

PROVÍNCIAS	IRMÃOS SECULARIZADOS	IRMÃOS IDOSOS	OUTROS
St-Paul	116	49	
Hermitage	105	48	22 em situações diversas com autorização. 40 em situações diversas sem autorização
Varennes	115	34	9 irmãos dispersos.
Lacabane	46	15	6 en situaciones diversas.
Beaucamps	116	?	
St-Genis	151	80	20 em situações diversas.
Aubenas	151	53	4 em situações diversas.
TOTAL	840	279	101

⁹⁰⁴ É em 1943 somente que aparecerá o livro dos abades Godin e Daniel: *France pays de mission ?*

⁹⁰⁵ É o grande momento de criação das Direções diocesanas do ensino católico.

Permanecem, portanto, na França, menos de 1000 Irmãos secularizados⁹⁰⁶, dos quais uma centena mais ou menos desligados. Comparável a 1903, o número de escolas caiu umas sessenta e a dos secularizados de 4 a 500, muitos Irmãos tendo passado de uma secularização fictícia a uma secularização total ou partiram finalmente para o estrangeiro. Como são todos professores, foi para a congregação uma perda sem precedentes.

Houve uma queda no sistema escolar em todos os lugares onde os Irmãos não encontram apoio do povo, como em Bouches-du-Rhône, Var, Vaucluse, Isère, Saône-et-Loire. Onde a população era associada à educação congreganista (Ardèche, Loire, Rhône, Norte...) as escolas resistiram muito bem. Assim, em 1908, a maior parte dos dispositivos das 264 escolas que restam se dirige para outras áreas cristãs.

A extinção da secularização

A morte do Ir. Teofânio (1907) impôs a realização de um capítulo geral em um momento bastante infeliz. Os capitulares, quase todos franceses, vivem sob a impressão de uma secularização muito maior do que foi previsto em 1903 e da qual se deplora os resultados desastrosos. A comissão da secularização, então composta de secularizados, tira princípios muito claros: a secularização sendo um estado violento que se deve suportar, mas não incentivar, o secularizado terá o direito de retomar a batina, desde que ele o deseje sem que se possa opor, caso precise fechar um estabelecimento. Essa posição está em conformidade com as diretrizes de Pio X. Mas a última medida formula uma interpretação muito grave, levando a uma extinção gradual da secularização:

“Os Irmãos que estão em comunidades regulares, e em especial aqueles que estão nas missões, não serão autorizados a retornar para a França para viver a vida dos Irmãos chamados ‘secularizados’. Só o Reverendo Irmão e seu Conselho poderão conceder exceções”.

Tal posição rigorosa não se explica só pelas circunstâncias muito próximas e muito violentas, uma vez que este tipo de cordão de isolamento estabelecido em torno da secularização será mantido até 1920. Os capitulares também duvidam que os Irmãos que foram para o estrangeiro sem verdadeiro espírito missionário vão voltar, o que enfraqueceria o novo dispositivo das obras e daria legitimidade a um estado de vida fora das normas. O Instituto, confrontado com dois modelos de vida religiosa apostólica, rejeita, portanto, aquele que quer modificar a tradição e comprometeria a continuação da expansão mundial, muito rapidamente qualificada de missão.

Os capitulares secularizados participaram desta marginalização quando eles não a preconizaram. Mas sua atitude não é desprovida de lógica. Primeiro, eles são leais à congregação. Por outro lado, eles experimentaram que muitos secula-

⁹⁰⁶ Outra estatística de 1906 indica 1.113 secularizados e 362 escolas. Ela parece menos confiável.

rizados não eram capazes de uma vida de resistência, perseguidos como os Irs. Elie Marie (Sr. Rajon) e Joseph Philomène (Sr. Beaupertuis), que esvaziavam completamente sua escola de Péage de Roussillon, levando as portas, as janelas e telhas, serrando as árvores do pátio e carregando móveis escolares para Pélussin para aí continuar a dar aulas⁹⁰⁷, apesar dos processos e das atrapalhadas administrativas. O futuro é muito incerto em 1907 para considerar algo diferente de um tipo de *status quo*. Além disso, o capítulo de 1907 combina princípios tradicionais e conjuntura histórica para determinar o isolamento da França, uma vez que a secularização é “um estado violento” feito para almas fortes. É, por outro lado, uma maneira de reconhecer implicitamente a França como país de missão.

Mas as primeiras décadas do século XX serão a oportunidade de uma evolução considerável do problema. Por um lado, os Irmãos secularizados mostrarão praticamente a possibilidade de uma vida religiosa em ambiente secularizado: não uma diluição ou uma retirada, mas uma convivência limitada, preservando o essencial. Por outro lado, em muitos países (México, Espanha...) e situações (guerras...), os Irmãos serão forçados a viver formas de vida secular. O período de 1903 a 1907 é, pois, a primeira crise colocando em questão a tendência da congregação de se afastar sempre mais da vida laica para se afirmar como ordem religiosa semimonástica.

Mas a interpretação dominante do acontecimento 1903 será que o exílio da França realizou a utopia universalista original. E, privilegiando esta interpretação providencial, o Instituto dispensa uma reflexão aprofundada sobre as causas históricas de tal prova e tira sua própria responsabilidade no fracasso de uma reconquista cristã da França no século XIX. É uma maneira muito brilhante para sair de um impasse histórico, mas que deixa quase intacta a necessidade de negociação com novos esforços das relações entre a tradição cristã e o mundo moderno que colocou, à sua maneira, a secularização.

⁹⁰⁷ *Biographies*, T. 4, p. 283-4.

CONCLUSÃO GERAL

A ESPIRITUALIDADE COMO CHAVE DE LEITURA FUNDAMENTAL

Uma conclusão deve ser, parece-me, a oportunidade de tomar distância em relação ao todo dos fatos relatados, ao mesmo tempo como um lembrete do eixo central da obra. Além disso, o Instituto definindo-se como um corpo de propósito espiritual, sua história, mesmo se registra também a sociologia, a economia, a psicologia, deve ser interpretada prioritariamente em termos espirituais. E por espiritualidade eu entendo a articulação de três realidades fundamentais: mística, utopia e instituição, da qual convém que eu ofereça uma definição relativamente precisa.

Assim, a mística é a experiência da presença de Deus: não necessariamente uma visão nem, no estrito sentido do termo, um êxtase ou fenômeno extraordinário, mas a certeza de uma presença misteriosa, ao mesmo tempo íntima ou outra que seja. O Antigo e o Novo Testamento estão cheios destas histórias de encontros com Deus e a literatura espiritual também.

Esta experiência indescritível abre, sobre um horizonte inesperado e inacessível, uma utopia a que tende aquele que a recebe, correndo o risco de passar por iluminado. Muitas vezes, esta utopia dilui-se pouco a pouco ou chega à exaltação. Mas, outras vezes, o beneficiário desta iluminação conseguiu reunir seguidores. Para que o inspirado se torne verdadeiramente profeta, ele e seus seguidores devem saber evoluir de uma situação fusional e ideal para um desejo de encarnação no mundo aqui em baixo. Eles devem se institucionalizar, ou seja, criar regras de conduta e de ação e codificar a inspiração primitiva a fim de instalá-la por longo prazo. Assim, cada um dos termos da tríade mística-utopia-instituição regula os outros, ao mesmo tempo em que leva proveito. A mística é fonte inabalável; a utopia, uma dinâmica apta a oferecer uma boa notícia salutar; a instituição elimina o que mística e utopia contêm de ilusões e de superficialidade e as encarna no tempo e no espaço.

Este processo não é puramente teórico: as fundações das principais ordens religiosas tiveram lugar de acordo com este esquema. Pense, por exemplo, em Francisco de Assis e na ordem franciscana. Raymond Hostie teorizou sobre isto em *Vida e morte das ordens religiosas*⁹⁰⁸, mais em termos psicossociológicos do que espirituais. Além disso, os três votos religiosos refletem os três aspectos fundamentais dessa abordagem, a castidade é mais de ordem da mística, a pobreza da utopia e a obediência da instituição. Esta tríade pode até funcionar em nível profano porque muitas correntes artísticas, filosóficas ou mesmo políticas foram iniciadas por

⁹⁰⁸ Bibliothèque d'études psychologiques des religions, Desclée de Brouwer, 1972.

verdadeiros inspirados fundadores de religiões seculares. Quanto às fontes de sua inspiração, é outro problema: o Apocalipse de São João, desenvolvendo o tema do Anticristo, recorda a ambiguidade da inspiração.

Um leitor marista terá facilmente compreendido que o processo descrito acima se aplica às nossas origens. Padre Courveille era o inspirador da Sociedade de Maria e capaz de suscitar um grupo de discípulos fortemente místicos e utópicos, aos quais o Formulário e a consagração de julho de 1816 servirão de uma base duradoura, mesmo que a realização acontecerá, com o passar do tempo, ao preço de muitas transformações e, finalmente muito diferente do que tinha sido sonhada.

Além do Padre Courveille, três atores principais vão se comprometer no processo de institucionalização da sociedade. Pe. Champagnat interpreta seus encontros de 1816 como sinais convidando-o a ir em frente; e J.C. Colin, em Cerdon, considerará a regra que ele escreve como recebida do céu. Jeanne-Marie Chavoïn, fundadora das Irmãs Maristas, será também para os irmãos Colin um personagem carismático. Ao longo dos anos 1817-1824, La Valla e Cerdon, portanto, funcionam de uma maneira altamente mística e utópica. Por volta de 1820, Champagnat reconhece o dedo de Deus na fidelidade dos Irmãos quando ele foi duramente atacado e, em 1822, quando ele vê chegando os postulantes do Haute-Loire, acredita firmemente que a obra dos Irmãos é querida por Deus. A construção de L'Hermitage é realizada porque ele quer que aconteça uma Sociedade de Maria (Padres e Irmãos⁹⁰⁹), destinada a lutar contra Satanás⁹¹⁰.

Os anos 1824-1826 são, em L'Hermitage, um duro teste de verdade, quebrando tudo o que o projeto tinha de utopia e insuficiência institucional: Padre Courveille e Terraillon devem se retirar e Champagnat reencontra-se, sem querer, sozinho à frente dos Irmãos que impuseram a sua própria visão da Sociedade. Padre Courveille desmoronou porque foi incapaz de relativizar sua inspiração do Puy e sua utopia quanto à realização da Sociedade. Padre Terraillon parece ter, ao contrário, mostrado falta de capacidade para interpretar misticamente o projeto. Somente Champagnat, pelo *Nisi Dominus*, fará um retorno místico sobre os fatos e terá a coragem de institucionalizar o ramo dos Irmãos (batina, votos...), assumindo o papel de fundador, tal como os Irmãos o reconheceram. Convém acrescentar que alguns dos primeiros Irmãos⁹¹¹ recusaram também uma institucionalização muito distante do funcionamento utópico anterior.

No entanto, quando Pe. Séon e jovens sacerdotes vêm a L'Hermitage para restaurar um ramo dos Padres, desenrola-se um novo debate, sacerdotes jovens trabalhando de modo místico e utópico (a missão) enquanto o Padre Champagnat vê a obra sobre o modo institucional (dirigir os Irmãos). É verdade que em 1834 há inversão de papéis. Champagnat constata que os sacerdotes reunidos em Valbe-noîte estão à deriva institucional⁹¹².

⁹⁰⁹ O ramo feminino era constituído pelas Irmãs de Rive-de-Gier e Saint Clair ligadas a Courveille.

⁹¹⁰ OM1, doc. 173, § 13.

⁹¹¹ Jean-Marie Granjon, Étienne Roumésy.

⁹¹² OM1, doc. 321. Champagnat oferece a propriedade da Grange-Payre para acolher os Padres Maristas.

O ano de 1830 viu o retorno da mística e da utopia marista de várias maneiras. Instituído a *Salve Regina* no início da oração da manhã, o Pe. Champagnat afirma que no momento em que a França muda de dinastia reinante, os Irmãos fazem lealdade a uma única realeza: a de Maria, mais eficaz para protegê-los do que o rei muito cristão, da qual os Maristas querem ser os agentes na consagração de 1816. Em seguida, a mística da unidade se manifesta pela nomeação do Pe. Colin como “centro de unidade”, em outubro de 1830, apesar das reservas das autoridades episcopais de Lyon e Belley.

Os sinais dos tempos e a eleição parecem ter designado J.C. Colin e o modelo de Belley (colégio, missões, ramo feminino) como a Sociedade de Maria, de acordo com a vontade de Deus, manifestada pelos eventos, pela eleição e pelo *laissez-faire* das autoridades episcopais. Mas, L’Hermitage, embora rejeitada à margem do projeto dos Padres, experimenta uma fase de desenvolvimento numérico e de institucionalização mesmo se os tramites para o reconhecimento civil fracassam. Enquanto isso, em Lyon, Padre Pompallier inicia o ramo leigo do projeto que, especialmente entre as mulheres (as Virgens Cristãs), conhece sua fase mística e utópica⁹¹³. Do lado dos Irmãos terciários o projeto parece muito mais político-religioso⁹¹⁴, e isso vai ser uma das causas do fracasso. Também, quando J. C. Colin propõe a Roma, em 1833, uma Sociedade de Maria em quatro ramos, ele simplesmente apresenta o que os Maristas acreditam ser a vontade de Deus: uma sociedade ainda pouco instituída, mas cujas utopias, embora consideravelmente estratificadas pelas realidades terrestres, permanecem vivas e parcialmente contraditórias.

Ao conceder o reconhecimento canônico e o título de Sociedade de Maria só aos Padres Maristas, Roma contraria grandemente a visão místico-utópica de uma sociedade em vários ramos. Para conciliar a realidade canônica e a mística unitária, os Maristas agem em duas etapas: constituição canônica dos Padres em Belley (setembro de 1836), seguida imediatamente do retiro dos Irmãos em L’Hermitage, encerrado com os votos públicos que os tornam ambigualmente membros da Sociedade de Maria. Em suma, a Sociedade de Maria reconhece dois polos sob um mesmo superior. É um compromisso entre a institucionalização e a utopia, a mística dos vários grupos preservando a unidade.

A missão da Oceania, que tinha como função unificar os ramos da sociedade realizando o objetivo da missão universal, é em si cheia de ambiguidades. Monsenhor Pompallier tem sua própria ideia da S.M. e de suas relações com o episcopado, que em seguida vai provocar uma violenta polêmica com Colin e os Padres Maristas da Nova Zelândia. Além disso, o papel dos Irmãos é indefinido: teoricamente catequistas, eles são enviados para a Oceania por causa de suas habilidades técnicas.

O ano de 1836 é um momento muito confuso em que a institucionalização, mística e utopia se entrelaçam e se opõem. A Sociedade de Maria realizada, aparece como uma institucionalização fiel do projeto de 1816, mesmo se “as consti-

⁹¹³ Parece que se subestima significativamente o papel de Pompallier na fundação da terceira ordem feminina.

⁹¹⁴ É preciso substituir os Jesuítas que a revolução de 1830 dispersou.

tuções da ordem” não são totalmente alcançadas. No entanto, se J. C. Colin e os Padres Maristas realizaram o essencial dos seus objetivos, os outros ramos dificilmente encontram sua afirmação: L’Hermitage é anexada à Sociedade de Maria de maneira fluída e graças ao *laissez-faire* da diocese de Lyon; a terceira ordem feminina de Lyon é mais ou menos abandonada a si mesma pela partida de Monsenhor Pompallier; e as Irmãs Maristas estão um pouco à margem. De fato, historicamente, surgiram dois polos bem nítidos; e em Lyon, um terceiro vê a luz do dia sob a liderança do Monsenhor Pompallier, de onde emergirão as Irmãs Missionárias da Sociedade de Maria.

Não nos cabe seguir as peripécias do longo e muito conflituoso trabalho de institucionalização de cada um dos ramos que levará finalmente a um grupo colíniano composto de Padres Maristas, Irmãs Maristas, Irmãs Missionárias; e a entidade específica dos Irmãos Maristas dos quais continuaremos o desenvolvimento em detalhe⁹¹⁵.

Para os Irmãos Maristas, os vinte anos após este passo crucial será o tempo de emancipação desta utopia de uma ordem única, à qual Champagnat deu uma força renovada pelo seu Testamento Espiritual. Mas J. C. Colin, os Padres Maristas, Roma e, finalmente, os Irmãos Maristas aceitarão a ideia de que L’Hermitage é uma Sociedade não integrada no corpo da Sociedade de Maria de Belley. Em meados do século XIX, a utopia de uma ordem com vários ramos, portanto, vai cair para dar lugar a uma lógica congreganista. Mas a mística original, fundada sob o patrocínio de Maria e o desejo de corresponder à vontade de Deus, leva a separações inevitáveis sem rupturas irreparáveis. Cada ramo reconhece, portanto, aos outros o direito de se dizer maristas de acordo com sua própria tradição. Mas os Irmãos Maristas, que são os herdeiros de um primeiro projeto de Sociedade de Maria, com uma forte identidade espiritual, um prestigiado fundador e um crescimento excepcional, constituíram bem cedo uma entidade um pouco à parte. Subestimando a consagração de Fourvière, e considerando J. C. Colin como sucessor de Champagnat e não como fundador, eles são mais que um ramo e menos que uma Sociedade de Maria.

Sua institucionalização é dificultada por causa de seu reconhecimento civil tardio, apenas em 1851. Mas, esta carência é largamente compensada pela permanência de um poderoso espírito místico e utópico trazido por homens-chave como os Irs. Francisco e João Batista e assim como Irmãos menos brilhantes, mas com forte carisma como os Irs. Estanislaou, Luís, Doroteu, Boaventura. É verdade que essa primeira geração de Irmãos, frequentemente mal instruídos, mas austeros, zelosos e às vezes profundamente espirituais (Irs. Luís, Irs. Francisco), é um pouco ocultada por uma segunda geração mais instruída, menos em contato com Champagnat, (Irs. Luís Maria, Irs. Avit...) e as motivações espirituais mais ou menos

⁹¹⁵ A missão da Oceania nos parece o lugar privilegiado de um conflito de interpretação sobre a natureza da Sociedade de Maria, que renova o cenário do conflito Courveille-Colin dos anos de 1822. Parece, com efeito, que Pompallier a concebeu como uma agência missionária destinada a lhe fornecer missionários sobre os quais ele teria toda a autoridade, enquanto que Colin e seus discípulos a viam como uma ordem, tendo suas próprias constituições.

profundamente afirmadas. Eis por que a circular sobre o espírito de fé tentou uma primeira síntese sobre os fundamentos do espírito marista, que será completado pelo capítulo de 1852-54.

As *Regras comuns* (1852), o *Guia das escolas* (1853) e as *Constituições* (1854) são, portanto, o resultado do ensinamento de Champagnat, recolhido pelos Irmãos, e da tradição da qual puderam testemunhar os antigos. Obviamente, a codificação do ensino primitivo em livros, capítulos e artigos fazem a coerência global da doutrina mais difícil de perceber. Além disso, a interpretação da espiritualidade por três superiores gera muitas reservas entre os anciãos e os homens de responsabilidade. O *Manuel de piété* (1855) e a *Vida do Fundador* (1856) oferecerão ainda outras sínteses do espírito do Instituto. A mais brilhante e mais durável é constituída pela segunda parte da *Vida do Fundador*, considerada como um modelo de vida mística, de vida ascética, de autoridade fraterna e de zelo. Não obstante, a piedade tende a substituir a mística, e a utopia é capturada pela instituição.

O risco é que agora os noviços aprendem uma regra definitiva ao invés de um espírito vivo e não formatado em escritos definitivos. Parece, entretanto, que o Ir. João Batista tem mantido, mais do que os outros superiores, a capacidade de guardar vivo o ensinamento primitivo por suas inúmeras conferências em retiros e suas subsequentes obras, mesmo se ele confunde um pouco sua própria interpretação das origens com aquelas do Pe. Champagnat e parece ter perdido o seu prestígio nos seus últimos anos. Por sua vez, pelas suas circulares, o Ir. Luís Maria dará à Congregação um quadro doutrinal sólido e fortemente referido a Champagnat. E muitos dos Irmãos mais velhos, como o Ir. Silvestre, saberão continuar a incutir nos jovens a mesma tradição viva.

Este trabalho de institucionalização foi necessário e dificilmente poderia prosseguir sem discussões e conflitos. Mas, introduzindo o voto de estabilidade e o superior vitalício, a congregação sai de uma estrutura largamente associativa e igualitária das origens. Ela também está envolvida em uma luta político-religiosa que evolui no sentido inverso daquele dos anos 1817-1830, quando Champagnat passa de uma sensibilidade Ultra a uma grande reserva política que a revolução de 1830 terminou de fixar. Pelo contrário, quando o capítulo de 1852-1854 se desenrola, a revolução europeia de 1848 acaba de ter lugar. O Papa Pio IX foi expulso de Roma e se exasperará numa condenação sem nuances do mundo moderno. Na França, é a instalação do Império autoritário que favorece a Igreja como o poder de ordem. Por convicção, por medo da revolução, por uma preocupação de fidelidade a Roma, os superiores reativam, portanto, uma primeira utopia marista de restauração. O resultado é um hiato crescente com uma parte da sociedade e até mesmo do grupo dos Irmãos que aspiram por mais democracia e recusam uma Igreja muito envolvida na política. Além disso, o espírito republicano funciona como uma verdadeira mística concorrente cuja utopia é uma república ideal igualitária, laica e próspera.

Nos anos 1852-1860, a articulação mística-utopia-instituição será, portanto, desequilibrada em favor de uma instituição conservadora. Surgiu daí um grave mal-estar interno e um deslocamento de forças dentro do grupo dos três superiores: depois de 1854, a influência do Ir. Luís Maria torna-se predominante. A tomada de distância do Ir. Francisco em L'Hermitage do "grande relicário do Padre Cham-

pagnat” é o sinal de uma interpretação bastante diferente da tradição marista (que ele havia experimentado desde 1818, junto ao Fundador) e um protesto silencioso contra um desenvolvimento que ele não foi incapaz de impedir⁹¹⁶.

A piedade e a regra, no entanto, não cobriram uma explosão mística fortemente matizada de utopia evidenciada pelos Irs. Silvestre e Avit, que ainda acreditam no papel da S.M. na luta que precede o fim dos tempos. Subsiste também fortemente uma mística do número como sinal de eleição divina. L’Hermitage e La Valla tornam-se lugares de peregrinação, e o decreto de venerável de Champagnat em 1896 fará dele um fundador prestigiado. Finalmente, o universalismo primitivo encontrou sua aplicação em notável expansão mundial dos anos 1885-1900. Uma melhor formação religiosa e intelectual dos Irmãos também ajuda a dar-lhes uma consciência mais profunda da sua vocação. No entanto, a mística conquistadora de 1816-1817 tornou-se espírito de resistência na França e expansão mundial bastante ambígua.

Finalmente, 1903 será a ratificação das opções tomadas em 1852-1854, embora as congregações sejam vítimas de uma mística laica e republicana, que não vai parar frente a medidas autoritárias. A própria Igreja da França, em pleno trabalho de renovação das suas obras pastorais e, encontrando dentro dos leigos novas forças, pouco se interessa pelo destino das congregações e até mesmo tem planos de construir sobre suas ruínas uma educação católica melhor, controlada pelos bispos. Além disso, a separação entre Igreja e Estado (1905) dará à escola um lugar estratégico na pastoral.

Claramente, as congregações que adquiriram fortes posições antes de 1848 são parcialmente isoladas da sociedade. Embora socialmente democráticas e longe de inação prática, elas não foram capazes de se unir ou mesmo tomar uma consciência clara do medo despertado pelo seu conservadorismo,⁹¹⁷ real ou suposto, e sua capacidade de resistência no campo educacional. Os primeiros anos do século XX poderiam lhes permitir prosseguir a sua mutação se a agressão do estado tivesse encontrado na sociedade e na Igreja uma oposição mais forte. O fato de que um número significativo de Irmãos se recusa a escolher entre exílio e completa secularização mostra, por outro lado, uma real capacidade de considerar, em termos renovados, as relações entre indivíduo, grupo religioso e apostolado em favor de uma desinstitucionalização forçada.

No entanto, é importante não pensar que entre os Irmãos existe uma oposição fundamental entre os partidários do exílio e os seguidores da secularização *pro forma*. Em uns como em outros permanece um ideal do cristianismo estabelecido uma vez por todas e pode-se, em 1903, falar, sobretudo de complementaridade. No entanto, sob o peso das circunstâncias históricas, essas duas atitudes, no começo mais práticas que teóricas, vão deslanchar, não só na França, mas em toda

⁹¹⁶ Seu processo de beatificação começado em 1910 indica, todavia, que a tradição que ele representa não foi esquecida.

⁹¹⁷ O tom dos *Annales des maisons* do Ir. Avit nos parece suficientemente sintomático de uma profunda incompreensão da época e de um forte viés político-religioso que parece ter sido dominante entre os superiores.

parte, um debate de fundo sobre a ligação entre regra religiosa-missão para se tornar uma questão mais abrangente: a ligação fé-cultura.

Em 1903-1907, o Instituto foi capaz de economizar tempo e espaço, manifestando uma real adaptabilidade prática, mas, doutrinariamente, ele terá dificuldade para integrar a ideia de que o cristianismo ocidental não é a forma definitiva da Igreja e que a missão está em todos os lugares, inclusive nos países cristãos. É por isso que os anos 1907-1967 aparecem para nós como os de uma dissociação entre um forte dinamismo prático e uma real estagnação doutrinária. Como se uma nova síntese entre instituição, mística e utopia era ao mesmo tempo necessária e impossível dentro de um instituto vivendo, em pequena escala, um impasse eclesiológico nascido com Pio IX, pelo ano de 1848, reativado pela ascensão ao pontificado de um Pio X (1903-1914) em guerra contra o Modernismo, e que terminará com João XXIII, promotor do Concílio Vaticano II.

Os principais fundadores de congregações de Irmãos

FUNDADOR E FUNDAÇÃO	NASCIDO	ORDENADO	RESUMO BIOGRÁFICO
Claude Bochart Irmãos da Cruz de Jesus (1822?) 	1759	1783	Vigário geral de Séez (1786-90). Recusa o juramento. Preso, exilado na Suíça. Vigário geral em Lyon em 1807. Funda os Padres da Cruz de Jesus (1816) depois os Irmãos.
J. Vernet, Irmãos da Instrução Cristã de Viviers(1803)	1760	?	Sulpiciano. Refratário. Refugiado em Lyon em 1793-95. Vigário geral de Viviers em 1795.
G-J. Chaminade, Marianistas (1817) 	1761	1785	1781-91: administrador do colégio de Mussidan. Membro de uma congregação de São Carlos. Padre refratário em Bordeaux (1791-96). Refugiado na Espanha (1797-1800). Inspiração de fundação em Saragoça. Em Bordeaux, restauração e direção de congregações seculares e de AAs. Resistência político-religiosa. Procura a direção de leigos bem como de escola secundária e primária.
Dom Frécharde, Irmãos da Providência (1817). 	1765	1792	Benedictino. Refratário. Exílio na Suíça e Alemanha. Apostolado clandestino em Lorraine (1795...)
Ignace Mertian, Irmãos da Instrução Cristã de Strasbourg (1820?) 	1766		Padre juramentado, que depois se retratou (1792). Exílio nos países germânicos. Retornou depois de 1800.
J-F. Dujarié, Irmãos de São José de Mans (1820) 	1767	1795	Com Ordens menores no princípio da Revolução, ele assessorava os refratários. Foi ordenado clandestinamente.

FUNDADOR E FUNDAÇÃO	NASCIDO	ORDENADO	RESUMO BIOGRÁFICO
G. Deshayes Irmãos da Instrução Cristã da Bretagne (1820) depois de Vendée 	1767	1792	Padre refratário de 1792 a 1801. Pároco de Auray (1805...). Torna-se superior geral dos Monfortianos (1821).
J-M. de Lamennais Irmãos da Instrução Cristã da Bretagne (Ploërmel) 	1780	1804	Relacionado bem cedo aos Padres do Coração de Jesus de Clorivière. Ativo na resistência político-religiosa a Napoleão. Após 1815, muito ativo na realização de missões e contra a escola mútua.
André Coindre, Irmãos do Sagrado Coração (1821) 	1787	1812	Missionário diocesano, reuniu irmãos para cuidar de crianças abandonadas. Estabeleceu seus irmãos na diocese de Puy (1822).
M. Champagnat Pequenos Irmãos de Maria (1817) 	1789	1816	Vigário em La Valla. Membro da Sociedade de Maria de Lyon.
L. Querbes Padres de São Viator (1831) 	1793	1816	Pároco de Vourles.
M. Fièrè Irmãos da Instrução Cristã de Valence (1823) 	1795		Vigário geral de Valence. Confiava sua tarefa a seu primo Mazelier.
G. Taborin O único fundador não sacerdote 	1799		Professor em Belleydoux (Ain, 1817). Fundador dos Irmãos de São José da diocese de St Claude (1824), de Belley (1826), dos Irmãos da Santa Família (1835).

La Valla em 1815





As áreas assinaladas delimitam uma extensão aproximada.

— — — — — Fronteira entre municípios

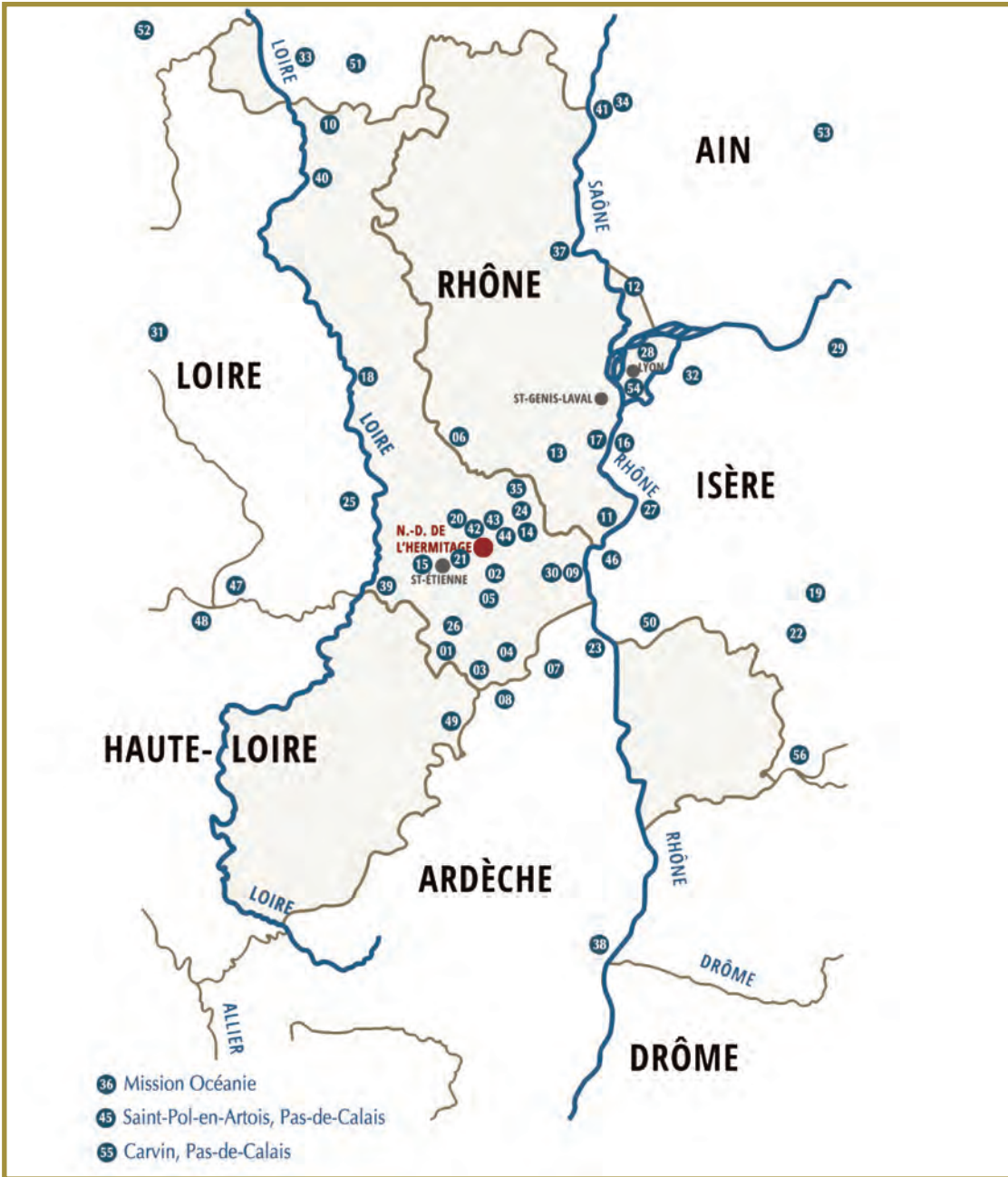
————— Principais estradas

Parte fria de La Valla, pobre, porém dinamizada pela rodovia que une Saint-Etienne com o vale do Ródano.

Parte baixa do município, a mais próspera, orientada para Saint-Chamond.

Vale do alto Gier, frio, de difícil acesso, que vive em grande parte da extração de madeira

Escolas fundadas por Marcelino Champagnat



1819

1. Marlhès, Loire
2. La Valla, Loire

1820

3. Saint-Sauveur-en-Rue, Loire

1822

4. Bourg-Argental, Loire
5. Tarantaïse, Loire

1823

6. Saint-Symphorien-le-Château, RMne
7. Boulièu, Ardèche
8. Vanosc, Ardèche

1824

9. Chavanay, Loire
10. Charlieu, Loire. Construction de N.-D. de l'Hermitage

1825

11. Ampuis, RMne

1826

12. Neuville -l'Archeveque, Rhône.
13. Mornant, Rhône
14. Saint-Paul-en-Jarret, Loire

1827

15. Valbenoite, Loire
16. Saint-Symphorien-d'Ozon, Isère

1829

17. Millery, Rhône
18. Feurs, Loire (fermée en 1831)

1831

19. La-Côte-Saint-André, Isère

1832

20. Sorbier, Loire (fermée de 1837 a 1844)
21. Terrenoire, Loire
22. Viriville, Isère. Réouverture de Marlhès

1833

23. Peaugres, Ardèche

1834

24. Lorette, Loire
25. Sury-le-Comtal, Loire
26. Saint-Genest-Malifaux, Loire
27. Vienne, Isère (fermée en 1840)

1835

28. Lyon Denuzière, Rhône
29. Belley, Ain (fermée en 1840)
30. Pélussin, Loire
31. Saint-Didier-sur-Rochefort, Loire
32. Genas, Isère

1836

33. Semur-en-Brionnais, Saone-et-Loire
34. Saint-Didier-sur-Chalaronne, Ain
35. Saint-Martin-la-Plaine, Loire
36. Mission d'Océanie

1837

37. Anse, Rhône
38. La Voulte, Ardèche
39. Firminy, Loire
40. Perreux, Loire
41. Thoïssèy, Ain
42. La-Grange-Payre, Loire

1838

43. Saint-Chamond, Loire
44. Izieux, Loire
45. Saint-Pol-en-Artois, Pas-de-Calais

1839

46. Roches-de-Condrieux, Isère
47. Usson-en-Forez, Loire
48. Craponne, Haute-Loire
49. Saint-Julien-Molhesabate, Haute-Loire
50. Bougé-Chambalud, Isère
51. Vauban, Saone-et-Loire

1840

52. Digoïn, Saone-et-Loire
53. Nantua, Ain
54. Lyon, Saint-Nizier, Rhône
55. Carvin, Pas-de-Calais
56. St Lattier, Isère

ANEXO 4 **C** CAPÍTULO 12

Quadro dos Principais autores

TRATADO	Ir. FRANÇOIS	LA SALLE	FAILLON	ST JURE	Ir. AGATHON	RODRÍGUEZ	DUPANLOUP	LA LUZERNE
1	■	■				■	■	
2	■	■	■			■	■	
3	■			■		■		
4	■			■		■		■
5	■		■			■		■
6	■	■	■	■	■	■		
7	■		■		■	■		■
8	■		■		■		■	
9	■			■	■			
10	■	■		■				
11	■	■		■		■		■
12	■	■		■		■		
13	■	■		■		■		
14		■	■			■		
15	■	■		■		■		
16	■		■			■		■
2ª parte								
1	■		■				■	■
2	■		■				■	■
3			■				■	■

TRATADO	Ir. FRANÇOIS	LA SALLE	FAILLON	ST JURE	Ir. AGATHON	RODRÍGUEZ	DUPANLOUP	LA LUZERNE
4							■	■
5	■						■	■
6	■						■	
7	■		■				■	
8	■						■	■
9	■		■					■
10	■				■		■	■
11	■						■	
12	■	■			■		■	■
13	■	■			■			■
14								■
15							■	
16					■		■	■
17							■	■
18	■							■
19				■	■	■	■	■
20	■		■		■			■
21			■	■				
22			■					

Nota: Uma coluna foi reservada para o Ir. Francisco a fim de demonstrar a convergência entre este Tratado e suas próprias notas, um sinal de que os dois autores se referem à mesma fonte: Champagnat. O ■ significa a presença de uma ou mais citações do autor no capítulo.

Quadro das fontes doutriniais

DAS INSTRUÇÕES DO PADRE CHAMPAGNAT À

NOTAS
da
Instruções do
IR. FRANCISCO
307-309



INSTRUÇÕES do
padre Champagnat
(1817-1840)

Outras notas
do Ir. Francisco:
301-306 e 310-313
Pensamentos,
comparações...

ELABORAÇÃO DA DOCTRINA ESPIRITUAL DO

1840
Circulares
do
Ir. Francisco

1852
Regras
comuns

1853
Guia
das Escolas

1854
Regras do
Governo

1855
Manual de
Piedade



1860-1879
Ir. Louis-Marie:
Circulares

APROFUNDIMENTO DOCTRINAL

1863
Diretório
da sólida
piedade

1866
Princípios da
perfeição

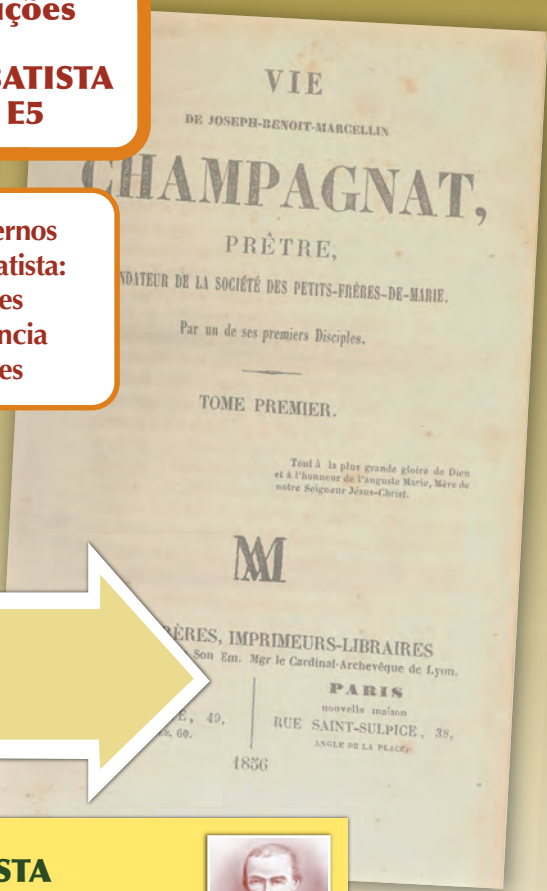
1866
Sentenças

LITERATURA ESPIRITUAL DO INSTITUTO



CADERNOS de instruções do IR. JOÃO BATISTA E3, E4, E5

**Outros cadernos de Ir. João Batista:
E1: Exames de Consciência
E2: Exames**



INSTITUTO

1856
Vida do Padre Champagnat

(1863-1875) IRMÃO JOÃO BATISTA



1868
Biografias de alguns Irmãos

1869
O Superior perfeito

1870
Meditações sobre a Paixão

1875
Meditações sobre a Encarnação

ANEXO 6 C APÍTULO 19

Vocações saídas das nossas escolas (1897-1901)

	PADRES	IRMÃOS MARISTAS	OUTRAS
Rhône	148	165	24
Loire	545	436	96
Saône-et-Loire	64	66	25
Ain	24	36	3
Isère	87	120	43
Drôme	51	68	13
Vaucluse	50	28	13
Bouches du R.	88	18	36
Var	43	8	3
Gard	42	119	27
Ardèche	249	330	29
Nord	218	128	85
Total	1.609	1.522	396

SIGLAS E ABREVIATURAS

AA	Abrégé des Annales. Esta sigla refere-se ao extrato destes Anais publicados em Roma em 1972.
AFM	Archives des Frères Maristes
ALS	Avis, leçons, sentences
AN	Archives Nationales (France)
C	Circulaires de l'édition de 1914-1916. Le numéro joint indique le tome. (As Circulares do período de 1914-1916. O número anexo significa o tomo.)
Lettres	Édition des Lettres du P. Champagnat (Edição das Cartas do Pe. Champagnat. A edição brasileira consta apenas do 1º volume.)
OFM	Origine des Frères Maristes. Renvoie aux trois volumes récemment publiés sur les documents du temps du P. Champagnat. (Origem dos Irmãos Maristas. Refere-se aos três volumes recentemente publicados sobre os documentos do tempo do Pe. Champagnat.)
OM	Origines Maristes. Un chiffre est joint à ce sigle pour indiquer le volume (de 1 à 4) (Origens Maristas. Um número vem anexado a esta sigla para indicar o volume (de 1 a 4))
Vie	Vie du P. Champagnat, édition de 1989. Les chapitres de la 1 ^{ère} partie sont donnés en chiffres arabes et ceux de la seconde en chiffres romains. (Vida do Pe. Champagnat, edição de 1989. Os capítulos da 1ª parte são apresentados em números arábicos e os da segunda em números romanos.)

APANHADO BIBLIOGRÁFICO

Obras gerais e clássicas

R. Chartier, M-M. Compère, Dominique Julia, *L'éducation en France du XVIe au XVIIIe siècle*, Paris, SEDES, 1976

François Furet, Jacques Ozouf, *Lire et écrire. L'alphabétisation des Français de Calvin à Jules Ferry*. Edição Minuit, 2 t., 1977.

Henri Parias (sous la direction de), *Histoire générale de l'enseignement et de l'éducation en France*, 4 t, 1981, Nouvelle librairie de France. Réédité aux éditions Perrin, collection Tempus, 2003.

Guy Avanzini (sous la direction de), *Histoire de la pédagogie du XVIIe siècle à nos jours*, Privat, 1981.

Laurent Cornaz (sous la direction de) *L'Église et l'éducation. Mille ans de tradition éducative*, L'Harmattan, Paris, 1995.

Guy Avanzini (sous la direction de), *Pédagogie chrétienne. Pédagogues chrétiens*. Actes du colloque d'Angers, 28-30/10/1995, Éditions Don Bosco, 1995

Donald N. Baker and Patrick J. Harigan (edited by) *The making of Frenchman. Current directions in the history of Education in France, 1679-1979*. Réflexions historiques, 1980.

Tempos modernos

Marie-Madeleine Compère, *Du collègue au lycée (1500-1850)*, Gallimard-Juliard, coll. Archives.

Jean de Viguerie, *L'institution des enfants. L'éducation en France (16^e-18^e siècles)*, Calmann Lévy, 1978.

Bernard Groperrin, *Les petites écoles de l'Ancien Régime*, Ouest-France-université, 1984.

Antoine Prost, *L'enseignement en France, 1800-1967*, A. Colin, 1970. *Éducation, société et politiques. Une histoire de l'enseignement en France de 1945 à nos jours*, Seuil, 1992.

Mona Ozouf, *L'École, l'Église et la République, (1871-1914)* Ed. Cana-Jean Ofredo, 1982 ; *L'école de la France*, Gallimard, 1984.

Jacques et Mona Ozouf, *La république des instituteurs*, Gallimard-Le Seuil, 1992.

Dominique Julia, *Les trois couleurs du tableau noir*, Belin, 1981.

Maurice Gontard, *L'enseignement primaire en France de la Révolution à la loi Guizot (1789-1833)*, Les Belles Lettres, 1959; *Les écoles primaires de la France bourgeoise (1835-1875)* C.R.D Les Belles Lettres; *L'œuvre scolaire de la IIIe République*, C.R.D.P. Toulouse ; *La question des Écoles Normales primaires de la Révolution de 1789 à 1962*.

Revue d'Histoire de l'Église de France, T. LXXXI, N° 206, janvier-juin 1995, *L'enseignement catholique en France aux XIXe-XXe siècles*. Reeditado por Cerf.

Claude Langlois, *Le catholicisme au féminin. Les congrégations françaises à supérieure générale au XIXe siècle*, Le Cerf, 1984.

Congregações

Elizabeth Rapley, *Les Dévotes. Les femmes et l'Église en France au XVIIe siècle*, Belarmin, 1995.

Philippe Annaert, *Les collèges au féminin. Les Ursulines aux 17^e et 18^e siècles*. Collection Vie consacrée, 1991.

Les religieuses enseignantes, XVIe-XXe siècles. Actes de la 4e rencontre d'histoire religieuse organisée à Fontevraud le 4 octobre 1980.

Martine Sonnet, *L'éducation des filles au temps des Lumières*, Cerf, 1987.

Françoise Mayeur, *L'éducation des filles au XIXe siècle*.

François de Dainville, *L'éducation des Jésuites (XVIe – XVIIIe siècles)*, Éditions de Minuit, 1991.

Yves Poutet, *Le XVIIe siècle et les origines lasalliennes*, Rennes, 1970 ; *Genèse et caractéristiques de la pédagogie lasallienne*, Éditions Don Bosco, 1995.

Pierre Zind, *Les nouvelles congrégations de frères enseignants en France de 1800 à 1830*, 1969. Edité par Frères Maristes, St Genis-Laval.

RC. Rulon et Ph. Friot, *Un siècle de pédagogie dans les écoles primaires 1820-1940*, Vrin, 1962. Sur la pédagogie des Frères de Ploërmel.

Michel Sauvage, *Catéchèse et laïcité*, Liget, 1962. Sur la doctrine spirituelle des F.E.C.

Região lionesa e de Saint Étienne

Abbé J-M. Chausse, *Vie de M. l'abbé Jean-Louis Duplay, prêtre de St Sulpice, ancien supérieur du grand séminaire de Lyon*, T. 1, 2, Delhomme et Briguet Lyon-Paris, F. Forestier, St-Étienne, 1887, 339 p. et 339 p. Ouvrage fondamental sur le clergé et la vie religieuse dans la région lyonnaise. Informatisé par les soins du F. Jean Rousson.

Barou Joseph, "Le petit séminaire de Verrières", Supplément au n° 50 de Village en Forez (avril 1992). Copie informatisée par le F. Jean Rousson.

Beaujard Paul, "Sont réputées écoles". *La politique scolaire dans le département de la Loire de 1800 à 1815*, C.R.D.P. de la Loire, 1993.

Boudon Jacques-Olivier, *Napoléon et les cultes*, Fayard, 2002.

Gadille Jacques, *Histoire des diocèses de France : Lyon*, Beauchesne, Paris, 1983.

Galley Jean-Baptiste, *L'élection de Saint-Étienne à la fin de l'ancien régime*, Saint Étienne, 1905, 604 p. Du même auteur: *Saint-Étienne et son district pendant la Révolution*, Saint Étienne, 1904, 3 volumes.

Laurent Benoît, *Les Béguins. Des Foréziens en quête de Dieu*, Le Hénaff, Saint Étienne, 1980.

Ledré Charles, *Le culte caché sous la Révolution. Les missions de l'abbé Linsolas*, Bonne Presse, Paris, 1949.

Leistenschneider André, *L'Argentière* (le séminaire de), Lyon, Vitte, 1905.

Lestra Antoine, *Histoire secrète de la congrégation de Lyon. De la clandestinité à la fondation de la propagation de la foi*, Nouvelles éditions latines, Paris, 1967.

Linsolas Jacques, *L'Église clandestine de Lyon pendant la Révolution*, 2 tomes, Éditions Lyonnaises d'art et d'histoire, 1985.

Odin A.M. *Les Chartreux de Lyon*, Lyon, Audin, 1937.

Parizot Lucien, *La Révolution à l'œil nu. L'exemple du Lyonnais vécu à Saint-Chamond et en Jarez*, Val Jaris, 1987.

Sans nom d'auteur. *Petit séminaire de Saint-Jodard, Origine & souvenirs. 1795-1891*, Bourg, 1891.

Zins Ronald (sous la direction de), *Lyon sous le Consulat et l'Empire*, Horace Cardon, 2007.

DA ESCOLA CONGREGANISTA À ESCOLA CATÓLICA

André Lanfrey, *Sécularisation, séparation et guerre scolaire. Les catholiques français et l'école (1901-1914)*, Cerf, 2003.

CATECISMO

Jean-Claude Dhotel, *Les origines du catéchisme moderne*, Paris, Aubier, 1967.

Élisabeth Germain, *Langages de la foi à travers l'histoire*. Fayard-Marne, 1972.

Pierre Colin, E. Germain ... *Aux origines du catéchisme en France*, Desclée, 1988.

Ferramentas de trabalho

Guy Avanzini... *Dictionnaire de l'éducation chrétienne d'expression française*, Éditions Don Bosco, 2001. 2^o édition revue et augmentée, 2010.

Ferdinand Buisson, *Dictionnaire de pédagogie et d'instruction primaire* (1882-87).

P. Caspard-Karydis, A. Chambon, G. Fraisse, D. Poindron, *La presse d'éducation et d'enseignement (XVIII^o1940)*, 4 tomes, I.N.R.P. et CNRS, 1981...

Histoire de l'éducation, revue publiée par l'I.N.R.P. Bibliografias, números temáticos.

Marie-Madeleine Compère, *L'Histoire de l'éducation en Europe. Essai comparatif sur la façon dont elle s'écrit*. INRP, 1996.

HISTÓRIA CULTURAL E RELIGIOSA

Norbert Elias, *La civilisation des mœurs*, Presse pocket, 1976.

René Taveneaux, *Le Catholicisme de la France classique (1610-1715)*, SEDES, 1994

Philippe Loupès, *La vie religieuse en France au XVIII^e siècle*, SEDES, 1993.

Louis Châtellier, *L'Europe des dévots*, Flammarion, 1987; *La religion des pauvres. Les sources du christianisme moderne, XV^e-XIX^e*, Aubier, 1993.

Gérard Cholvy, Yves-Marie Hilaire, *Histoire religieuse de la France contemporaine*, Bibliothèque historique Privat, 3 t., 1985-1988.

Jean Baubérot... *Histoire de la laïcité*, CRDP de Besançon, 1994.

Trabalhos universitários

Maryse Bonnevie, *Les écoles congréganistes du département de l'Ain au XIX^e siècle (1801-1904)*, Thèse en sciences de l'éducation, sous la direction de Guy Avanzini, Lyon, II 1996. (non publié).

Sarah Ann Curtis, *Instruire les fidèles: l'enseignement primaire congréganiste et les congrégations enseignantes dans le diocèse de Lyon, 1830-1905*. Presses Universitaires de Lyon, 2003, 281 p.

FONTES FUNDAMENTAIS SOBRE OS IRMÃOS MARISTAS

Esta lista não é exaustiva. Um grande número de fontes foi digitalizado e publicado pela Casa Geral sob forma de cadernos, em formato A4. Outras fontes foram digitalizadas pelos Irmãos Jean Rousson, ex secretário geral, e Louis Richard, que vive em Saint Paul-Trois-Châteaux. Em 2005-2007, foi gravado um CD, pelo Ir. Joseph De Meyer, que reúne um grande número de material de diversas proveniências. Muitas fontes foram traduzidas para o espanhol, inglês e português. É fácil encontrá-las em francês e espanhol no site do CEPAM do Ir. Aureliano Brambila, do México.

Sociedade de Maria

- *Origines Maristes*, P. Coste e Lessard, 4 volumes, Roma, 1960-1967.
- *Origines Maristes* (1786-1836), extratos relacionados aos Irmãos Maristas, Roma, 1985.
- *Origines Maristes*, CD de 4 volumes de 1960-67, gravado pelo Ir. Louis Richard
- « *Colin sup* », Documents pour l'étude du généralat de Jean-Claude Colin (1836-1842), tomes 1, Rome 2007, s.m., T. 2 édité par Gaston Lessard et 4 édité par Bernard Bourtot, s.m. Rome, 2009. T. 3, Rome 2011 édité par Gaston Lessard, s.m.
- *Maristes laïcs*, coleção de fontes históricas, por Charles Girard, s.m., Roma 1992
- *Autour des Origines Maristes*, Volume 1: Acquis de recherche et état des dossiers, 97 p.; Volume 2: Archives des Chartreux, par F. André Lanfrey, edição informatizada e não publicada.
- Bernard Bourtot, s.m., *Frères et pères de la Société de Marie en Europe de 1860 à 1903*, Centre de documentation Mariste, Paris, 250 p.
- Jean Coste, s.m. *Cours d'histoire de la société de Marie (Pères Maristes) 1786-1854*, Roma, 1965, 250 p.

Escritos de Champagnat e para Champagnat

- *Lettres*, 2 volumes. Edition critique et répertoire par Paul Sester et R. Borne, 1985.

- *Cartas recebidas*. Edição crítica em francês-português pelos Irmãos Ivo Strobino e Virgílio Josué Balestro, Brasil, 2002.
- *Nouveaux Principes de lecture*, (1838). Editados nos Cadernos Maristas, nº 22, dezembro de 2003. Introdução pelo Ir. Maurice Bergeret.
- *Origines des Frères Maristes*, Recueil des écrits de St. Marcellin Champagnat, 1789-1840, présentés par le Fr. Paul Sester, f.m.s. 3 volumes, Roma, 2011

Escritos do Irmão Francisco

O Ir. Francisco deixou 22 cadernos de notas muito abundantes e sobre uma variedade de temas. Todos foram informatizados pelo Ir. Louis Richard. Os mais fundamentais são os seguintes:

- *Carnets de retraite*. (A.F.M. 4101. 302-304).
- *Carnets d'instructions*. (A.F.M. 4101. 307-308-309).

Irmão João Batista

Fontes impressas:

- *Vie de Joseph-Benoît-Marcellin Champagnat, prêtre, fondateur de la société des Petits Frères de Marie, par un de ses premiers disciples*, Périsse frères, Lyon, 1856, 2 volumes (414 p. e 328 p.).
- *Vie de Joseph-Benoît-Champagnat, 1789-1840, prêtre, fondateur de la Société des Petits Frères de Marie, par un de ses premiers disciples (Frère Jean-Baptiste)*, reprodução do texto da edição princeps, edição do bicentenário, 1989, Casa geral dos Irmãos Maristas, Roma, 584 p. Notas críticas, índice onomástico e índice temático. Traduções em inglês, espanhol, português...
- Juan Bautista Furet, *Cronicas Maristas, I, El Fundador*, traduction et notes critiques du F. Anibal Canon, Luis Vivès, 1979, 652 p.
- *Chroniques de l'institut des Petits Frères de Marie. Sentences, leçons, avis du Vénéré Père Champagnat expliquées et développées par un de ses premiers disciples*, Lyon, Nicolle, 1868, 536 p.; reedição em 1914.
- *Chroniques de l'institut des Petits Frères de Marie. Avis, leçons, sentences et instructions du Vénérable Père Champagnat expliquées et développées par un de ses premiers disciples*, nouvelle édition, Lyon-Paris, Emmanuel Vitte, 1927, 453 p. + index thématique p. 455-470.
- *Ensenanzas espirituales (sentencias, avisos e instrucciones) del Beato Marcelino Champagnat fundador de los Hermanos Maristas recogidas y expuestas pur uno de sus primeros discipulos*, Luis Vivès, Zaragoza, 1955.

- *Chroniques de l'institut des petits frères de Marie, Biographies de quelques frères qui se sont distingués par leurs vertus et l'amour de leur vocation*, Lyon, Nicolle et Guichard, 1868, 477 p.
- Juan Bautista Furet, *Cronicas Maristas, II, Biografias*, Luis Vives, 1979, 414 p. Traduction et notes critiques du F. Ir. Anibal Canon.
- *Chroniques de l'institut des petits frères de Marie, Biographies de quelques frères qui se sont distingués par leurs vertus et l'amour de leur vocation*, Lyon, Nicolle et Guichard, 1868, 477 pág.
- Jean-Baptiste Furet, *Crónicas Maristas, II, Biografías*, Luis Vives, 1979, 414 pag. Traducción y notas críticas del hermano Aníbal Cañón.

Fontes manuscritas informatizadas:

- *Méditations sur les grandes vérités* (AFM. 5201.21): Edition informatisée, 97 méditations, 207 p.
- *Sujets d'examen* (AFM. 5201.22). Edition informatisée. Présentation par F. Paul Sester le 28/02/1998, 88 examens, 94 p.
- *Carnets d'instructions*: AFM 5201.23 e 5201.24. Edition informatisée.
 - Écrits 3: Présentation par le F. Paul Sester, 152 p.
 - Écrits 4: Présentation par le F. Paul Sester, 185 p.
- *Traité sur l'éducation (Apostolat d'un Frère Mariste)*:
 - Edition informatisée. Présentation par le F. Paul Sester, 268 p. + appendices, sans date.
 - Edition informatisée, Présentation par le F. Henri Vignau, Roma, 2000, 258 p.
 - Edition informatisée, Roma, février de 1998, Introduction critique par le F. André Lanfrey (p. I-XL), 285 p.

Irmão Silvestre

- *F. Sylvestre raconte Marcellin Champagnat*, Edition imprimée, Rome 1992, 320 p. Index des lieux et des personnes.
- *Relatos sobre Marcelino Champagnat*, trad. Ir. Aristides Zanella e Ir. Ivo Antônio Strobino, UMBRASIL, Brasília, 2014, 344 p.

Irmão Avit

- *Abrégé des Annales du Frère Avit* (période 1789-1840), Roma 1972, préface du F. Gabriel Michel, 334 p. + notes critiques p. 335-350 + tables

- F. Avit, Henri Bilon, *Annales de l'institut*, Edition imprimée, présentation par le F. Paul Sester, Roma 1993.
 - Volume 1: *La rude montée*. Biographie do Ir. Avit (p. XIV-XXXVII), 323 p., années 1775-1840
 - Volume 2: *Épanouissement (1840-1860)*, 456 p.
 - Volume 3: *Route entravée (1860-1883)*, 428 p.
- F. Avit, *Annales des maisons* des provinces de L'Hermitage, st Genis-Laval, St Paul-Trois-Châteaux, Aubenas, Varennes, Beaucamps, Lacabane. Existe en version multigraphiée et informatisée.

Legislação do Instituto

- Uma obra de base: Hno. Pedro Herreros, *La regla del fundador: sus fuentes y evolucion. Edicion critica*, Roma, 1984. Obra revista por seu autor e publicada na coleção FMS/Studia, Roma, 2013.
- *Règle des Petits Frères de Marie*, Lyon, Guyot, 1837, 120 p. + Cerimônias de tomada de hábito e dos votos (apêndice p. 1-24). Reprodução impressa do original pela Luis Vivès, Zaragoza, 1989.
- *Règles communes de l'institut des Petits Frères de Marie*, Lyon, Périsset, 1852, 160 p. Reprodução integral pela Luis Vivès em 1989, com a tradução para o espanhol (edição de 1893), VIII + 144 p.
- *Constitutions et règles du gouvernement de l'institut des Petits Frères de Marie*, Lyon, Périsset, 1854. Reedição informatizada, Casa geral, outubro de 2001, 122 p.
- *Guide des écoles à l'usage des Petits Frères de Marie, rédigé d'après les règles et les instructions de M. l'abbé Champagnat*, Périsset-frères, Lyon-Paris, 1853. Reeditada em versão informatizada.

Capítulo geral

- *Deuxième chapitre général des Petits Frères de Marie*: 1ª sessão de 31 de maio a 15 de junho de 1852; 2ª sessão: 16-31 de maio de 1853; 3ª sessão: 1º-20 de maio de 1854, edição informatizada, setembro de 2001, 112 p.
- *As atas dos outros capítulos do século XIX foram informatizadas.*

Circulares (1817-1916)

- Série de treze volumes de circulares e da correspondência do fundador e dos superiores. O volume 13 comporta numerosos registros sobre este primeiro século: listas necrológicas, cronologia, lista das casas, das províncias..., Emmanuel Vitte, 1914-1916.

Obras de formação e de piedade

- *Manuel de piété, 1855*, Catecismo para o uso dos noviços e coleção dos principais exercícios de piedade. Numerosas reedições sob o título: *Les Principes de la perfection chrétienne et religieuse à l'usage des Petits Frères de Marie*.

Biografias e notícias necrológicas

Redigindo em 1868 uma primeira Biografia de alguns Irmãos, o Ir. João Batista inaugura uma tradição. Após ele, a congregação publicou:

- *Biographies de quelques frères qui se sont distingués par leur vertu et l'amour de leur vocation de 1890 à 1900*, Lyon, Emmanuel Vitte, 1900, 671 p. Cuidado para não confundir com o volume publicado pelo Ir. João Batista em 1868.
- *Notices nécrologiques de quelques frères décédés de 1899 à 1903*, Lyon, Emmanuel Vitte, 1930.
- *Notices biographiques de l'Institut des Petits Frères de Marie*, Grugliasco; T. 1, 1931, 527 p.
- *Notices biographiques de l'Institut des Petits Frères de Marie*, Grugliasco, septembre 1937, 524 p.
- *Notices biographiques de l'Institut des Petits Frères de Marie*, Lyon, Emmanuel Vitte, 1949.
- *Notices biographiques de l'Institut des Petits Frères de Marie*, Lyon, Emmanuel Vitte, 1954.
- Circulares e Boletins do Instituto incluem também notícias necrológicas reunidas pelo Ir. Louis Richard sob a forma de documento eletrônico.

Biografias dos superiores

- Louis Ponty, (abbé), *Vie du F. François, 1^{er} supérieur général de l'Institut des Petits Frères de Marie (1808-1881)*, Lyon, Emmanuel Vitte, 1899, 338 p.

- *Vie du F. Louis-Marie, 2^e supérieur général de l'Institut des Petits Frères de Marie (1810-1879)*, par um frère de cet institut, Lyon, Emmanuel Vitte, Lyon-Paris, 1907.
- *Nos supérieurs* (biografias dos Irs. Luís Maria, Nestor, Teofânio, Estratônico, Diógenes e do Ir. João Batista), obra anônima, provavelmente redigida pelo Ir. Jean-Émile, assistente geral, Economato Geral dos Irmãos Maristas, St Genis-Laval, 1953, 408 p.
- F. Amphiloque Deydier, Vida do Ir. João Batista, manuscrito concluído em 1917. Informatizada. Inspira a biografia contida em *Nos supérieurs*.

ALGUNS TÍTULOS DA BIBLIOGRAFIA MARISTA

- Abaigar Víctor Pastor *La devocion mariana del Bto. M. Champagnat en relacion con la escuela francesa del siglo XVII.* Roma 1968 65 páginas.
- Balko Alexandre *Repensons nos origines.* Recueil d'articles. Roma, 249 páginas.
- Balko Alexandre *Le Bienheureux M. Champagnat dans ses instructions et sermons inédits.* Lyon, 1972, 67 páginas.
- Brambila Aureliano *Le P. Champagnat et la formation mariste.* CEPAM, Guadalajara, 1997, 210 páginas.
- Brambila Aureliano *L'éducation de l'enfant dans la pensée du P. M. Champagnat.* CEPAM, Roma 1997, 65 páginas.
- Colin Marcel *L'éducation d'après le Bx. M. Champagnat,* 2 vol. Roma 1968, 216 e 327 páginas.
- Danilo Farneda Calgaro *"Guide des écoles". 1817–1853. Estudio historico–critico.* Roma 1993, 657 páginas.
- Farrell Stephen *Achievement from the depths. A critical survey of the life of M. Champagnat.* Austrália 1984, 360 páginas.
- Herrerros Pedro *La regla del fundador: sus fuentes y evolucion.* Edicion critica. Roma 1984, 461 páginas.
- Lanfrey André *Introduction à la Vie de M.J.B. Champagnat.* Roma 2000, 246 páginas.
- Lanfrey André *Introdução à Vida de M.J.B. Champagnat.* Trad. Ir. Baptista Santos. Brasília 2011, 359 páginas.
- Lanfrey André *Un "chaînon manquant" de la spiritualité mariste. Les manuscrits d'instructions des F. François et Jean-Baptiste.* Roma 2000, 158 páginas.
- Lanfrey André *Élaboration de la pensée éducative mariste : "Apostolat d'un Frère Mariste". Ses sources et son influence, 1824 – 1868.* Roma 2000, 70 páginas.
- Lanfrey André *Essai sur les origines de la spiritualité mariste.* Tradução para o inglês pelo Ir. Jeff Crowe Roma 2001, 188 páginas.
- Lanfrey André *Marcellin Champagnat & les Frères Maristes, instituteurs congréganistes au XIXe siècle.* Ed. Don Bosco. Paris 1999, 324 páginas.
Marcelino Champagnat e os Irmãos Maristas: Professores congreganistas no século XIX. Trad. Irs. Baptista Santos e Ataíde José de Lima. Brasília 2013, 330 páginas.

- Mesonero Sanchez Manuel *Espiritualidad de San M. Champagnat. A partir del estudio de su biografía.* Madri 2003, 248 +104 páginas.
- Michel Gabriel *Pour mieux connaître M. Champagnat.* Curso do patrimônio em 1993 e 8 artigos publicados no Boletim do Instituto entre 1965 e 1969. Tradução para o italiano por Gisella Toselli. Roma 2001, 292 páginas.
- Michel Gabriel *Les années obscures de M. Champagnat ou La Révolution à Marllhes, Loire, 1789 – 1800.* Roma 2000, 182 páginas.
- Michel Gabriel *M. Champagnat et la reconnaissance légale des Frères Maristes.* Roma, 269 páginas.
- Michel Gabriel *F. François et la reconnaissance légale des Frères Maristes (1840 – 1851).* Roma, 112 páginas.
- Michel Gabriel *Champagnat au jour le jour.* Roma 2001, 370 páginas.
- Michel Gabriel *F. François. Gabriel Rivat. 60 ans d'histoire mariste.* St-Chamond 1996, 392 páginas.
- Moral Barrio Juan Jesús *Espiritualidad misionera: sus fuentes y su evolución.* 237 páginas.
- Zind Pierre *Sur les traces de Marcellin Champagnat.* 61 artigos publicados por P. Z. entre 1955 e 1988. 2 vol. Roma 2001, 261 e 232 páginas.
- Zind Pierre *Miscellanées Champagnat.* Coleção de textos do Ir. Louis-Laurent, Zind Pierre. Roma 1996, 278 páginas.
- Zind Pierre *Bx M. Champagnat. Son œuvre scolaire dans son contexte historique.* Roma 1991, 492 páginas.
- Zind Pierre *Les nouvelles congrégations de frères enseignants en France de 1800 à 1830.* + mapas e cronologia. St-Genis Laval 1969, 478 páginas.

FONTES ICONOGRÁFICAS

Legenda das fotos

1. Fonte: Coleção P. Joly. P. Zind. *Les nouvelles congrégations de Frères enseignants en France de 1800 à 1830*, p. 161.
2. Fonte: Foto do Ir. André Lanfrey
3. Fonte: *FMS Cadernos Maristas*, n. 25.
4. Fonte: *Bulletin de l'Institut*, T. 26, p. 474.
5. Fonte: *Bulletin de l'Institut*, T. 13, p. 289.
6. Fonte: *Bulletin de l'Institut*, T. 22, n. 165, p. 385.
7. Fonte: *FMS Cadernos Maristas*, n. 24 e 32.
8. Fonte: Gravado por Thomas-Gauthron. Tomado de P. Zind, *Les nouvelles congrégations de Frères enseignants en France de 1800 à 1830*, p. 244.
9. Fonte: Hippolyte Leconte (1818), litografado por Lasteyrie. *Museu de História da Educação*. P. Zind, *Les nouvelles congrégations de Frères enseignants en France de 1800 à 1830*, p. 160.
10. Fonte: Aquarela. *Aplicação do método de Lancaster*, de Giovanni Migliara Confalonieri e Pellico.
11. Fonte: AFM, Roma.
12. Fonte: AFM, Roma.
13. Fonte: AFM, Roma.
14. Fonte: *Atas dos falecimentos de Tarentaise*.
15. Fonte: Matthieu Pinette. O Museu Beaux-Arts e d'Archéologie de Besançon, Fundação Paribas, 1994, p. 80.
16. Fonte: AFM, Roma.
17. Fonte: Jean-Baptiste Furet, *Vida de São Marcelino José Bento Champagnat*, Roma 1989.
18. Fonte: Revista *Le Petit Juveniste*, 1921.
19. Fonte: Foto do Ir. Michel Morel.
20. Fonte: AFM, Roma.
21. Fonte: Retrato de Dervieux conservado pela associação *Amis du vieux Saint Chamond*.
22. Fonte: Arquivos diocesanos de Chambéry e de Grenoble.
23. Fonte: *Carta de Courveille* escrita em Aiguebelle em 4 de junho de 1826. J. Coste – G. Lessard, *OM 1*, Roma 1960, p. 384. *FMS Cadernos Maristas*, n. 24.
24. Fonte: J. Coste – G. Lessard, *OM 3*, Roma 1960, p. 112.
25. Fonte: <http://mariadeagreda.weebly.com/> Acesso em setembro de 2015.
26. Fonte: AFM, Roma.
27. *La Conduite des Écoles*. Edição príncipe. Foram feitas dezenas de edições.
28. Fonte: AFM Roma.

29. Fonte: AFM, Roma.
30. Fonte: *Bulletin de l'Institut*, T. 26, n. 200, p. 755.
31. Fonte: AFM, Roma.
32. Fonte: AFM, Roma.
33. Fonte: AFM, Roma.
34. Fonte: Historial de Hermitage. Fotografia de AMEstaún.
35. Fonte: Universidade Complutense. Código de barras: 5315634802.
36. Fonte: Retrato de Félix Nadar (1820-1910).
37. Fonte: –
38. Fonte: AFM, Roma
39. Fonte: AFM, Roma.
40. Fonte: *Cartas enviadas a Champagnat*. AFM, Roma. 122.7.
41. Fonte: *Cartas enviadas a Champagnat*. AFM, Roma. 122.8.
42. Fonte: *Histoire de l'Institut des Frères de Marie, 1947*, p.17.
43. Fonte: AFM, Roma.
44. Fonte: AFM, Roma.
45. Fonte: AFM, Roma.
46. Fonte: AFM, Roma.
47. Fonte: AFM, Roma.
48. Fonte: AFM, Roma.
49. Fonte: AFM, Roma.
50. Fonte: AFM, Roma.
51. Fonte: AFM, Roma.
52. Fonte: *Histoire générale des civilisations*, Press Universitair de France, Paris 1961. *Exposition Universelle de 1855*. T. 6, p. 128.
53. Fonte: Lavis anônimo (Cabinet d'Estampes). *História geral das civilizações*, Press Universitair de France, Paris 1961. *França, Paris 1961. O município de 1871 em Saint-Étienne* T. 6, p. 64.
54. Fonte: AFM, Roma.
55. Fonte: https://www.google.com.br/search?q=L%E2%80%99instructio n+civique+Paul+Bert&espv=2&bi w=1009&bih=511&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAYQ_AUo AWoVChMik_TD2tzGxwIVgkOQC h3hAQvc#imgrc=Tw3NZT63YovfV M%3A. Acesso em agosto de 2015.
56. Fonte: Desenho de M. Gerlier. Jean Vial, *L'instituteurs*. Ed. Universitaires, 1980, p. 181.
57. Fonte: *FMS Cadernos Maristas*, n. 31
58. Fonte: AFM, Roma.
59. Fonte: AFM, Roma.
60. Fonte: AFM, Roma.
61. Fonte: AFM, Roma
62. Fonte: AFM, Roma.
63. Fonte: AFM, Roma.
64. Fonte: *FMS Cadernos Maristas*, n. 22.
65. Fonte: AFM, Roma.
66. Fonte: Source gallica.bnf.fr / Biblioteca nacional da França.

Mapas

Mapa 1. Fonte P. Zind, 1969.

Mapa 2. Fonte: *Bulletin de l'Institut* T. 2, p. 703.

Mapa 3. Fonte: Extrato do Mapa IGN – França I: 100.000 n. 51 © IGN 1989 – Autorização n. 50-9020

- Mapa 4.** Fonte: Edelvives.
- Mapa 5.** Fonte: P. Zind, 1969.
- Mapa 6.** Fonte: P. Zind, 1969.
- Mapa 7.** Fonte: P. Zind, 1969.
- Mapa 8.** Fonte: Irmãos André Lanfrey e Gilbert Pronost.
- Mapa 9.** Fonte: Irmãos André Lanfrey e Gilbert Pronost. *Chronologie Mariste 2010*, p. 282.
- Mapa 10.** Fonte: Ir. André Lanfrey
- Mapa 11.** Fonte: Chartier, Julia, & Compère, 1976.
- Mapa 12.** Fonte: Irmãos André Lanfrey e Gilbert Pronost. *Chronologie Mariste 2010*, p. 283.
- Mapa 13.** Fonte: AFM, Roma.
- Mapa 14.** Fonte: Irmão André Lanfrey.

Estatísticas

- Estatística 1.** Fonte: Ir. Avit, *Anais do Instituto*. Gráfico elaborado a partir das listas de vestações de hábito anotadas cada ano pelo autor.
- Estatística 2.** Fonte: Elaboração do Ir. André Lanfrey.
- Estatística 3.** Fonte: Elaboração do Ir. André Lanfrey.
- Estatística 4.** Fonte: Elaboração a partir das estatísticas recopiladas pelo Ir. André Lanfrey.
- Estatística 5.** Fonte: Elaboração a partir das estatísticas recopiladas pelo Ir. André Lanfrey.

Anexos

- Anexo 1** Fonte: P. Zind. *Les nouvelles congrégations de Frères enseignants en France de 1800 à 1830*, p. 13-15.
- Anexo 2** Fonte: Gérard Clerjon, *La Valla-en-Gier, histoire d'un village*, 2012. A definição das áreas é do Ir. André Lanfrey.
- Anexo 3** Fonte: Juan Jesús Moral, *A vitalidade do paradigma educativo marista*, Curitiba 2014.
- Anexo 4** Fonte: Elaboração do Ir. André Lanfrey.
- Anexo 5** Fonte: Elaboração do Ir. André Lanfrey.
- Anexo 6** Fonte: Elaboração do Ir. André Lanfrey.

Impresso em fevereiro de 2016
CSC Grafica – Guidonia – ROMA
www.cscgrafica.it



maristas **2017**
um novo começo

Amis
STUDIA